

A Luz Através da Janela

Conhecer seu passado é a chave
para libertar seu futuro.



Autora best-seller #1 com 1 milhão de cópias vendidas



LUCINDA RILEY





SUMÁRIO

[Capa](#)

[Folha de Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Citação](#)

[A Luz Através da Janela](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Bibliografía](#)

[NOTAS](#)

LUCINDA RILEY

A Luz Através da Janela

Conhecer seu passado é a chave para libertar seu futuro.

Tradução
Ivar Panazzolo Júnior



Copyright © Lucinda Riley, 2012
Copyright © 2012 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão Digital — 2012

Produção Editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Riley, Lucinda

A luz através da janela / Lucinda Riley; tradução Ivar Panazzolo Júnior. -- Ribeirão Preto, SP: Novo Conceito Editora, 2012.

Título original: The light behind the window.

ISBN 978-85-8163-143-1

1. Ficção inglesa I. Título.
12-12086 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha
14095-260 — Ribeirão Preto — SP
www.editoranovoconceito.com.br

Para Olivia.

“O QUE VOCÊ É DEVE-SE A CIRCUNSTÂNCIAS DE
NASCIMENTO;
O QUE EU SOU, SOU POR MEUS PRÓPRIOS MÉRITOS.”

Ludwig van Beethoven

A Luz Através da Janela

Noite sem fim;

A escuridão é o mundo que conheço.

Pesado fardo;

Nenhuma luz surge por trás das janelas.

Dia suave;

A mão que se estende em meio à tristeza.

Toca gentilmente;

Espalha o calor por toda a sala.

Horas do crepúsculo;

As sombras em você vêm e vão.

Uma saudade secreta;

O coração fica mais sensível e volta a bater.

Luz sem fim;

A escuridão era o mundo que eu conhecia.

Queima e ilumina;

Cresce com meu amor por você.

Sophia de la Martinières,

julho de 1943.

CAPÍTULO 1



GASSIN, SUL DA FRANÇA, PRIMAVERA DE 1998

Emilie sentiu a pressão das mãos diminuir e olhou para o rosto de Valérie. Pareceu-lhe que, enquanto a alma deixava o corpo, a dor que contorcia seu rosto também desaparecia. Naquele rosto esquelético, era possível ver a beleza da mãe.

— Ela nos deixou — murmurou Phillipe, o médico; não era necessário.

— É.

Ouviu o médico balbuciar uma prece, mas não quis orar com ele. Ficou olhando fixamente, com uma espécie de prazer mórbido, para o saco de carne que lentamente adquiria uma coloração acinzentada. Era o que restava da presença que dominou sua vida durante trinta anos. Instintivamente, Emilie queria chacoalhar o corpo da mãe para que ela despertasse, pois a transição da vida para a morte, dada a presença de vida que Valérie de la Martinières sempre teve, era forte demais para ela aceitar.

Não sabia o que estava sentindo. Nas últimas semanas, havia ensaiado bastante esse momento. Desviou os olhos do rosto da mãe e olhou através da janela. As nuvens pontilhavam o céu e pairavam no ar como merengues prontos para ir ao forno. De repente, ouviu o canto suave de uma cotovia anunciando a chegada da primavera.

Levantou-se vagarosamente, suas pernas ainda estavam rígidas das longas noites que passara em vigília ao lado do leito, e foi até a janela. A paisagem do início da manhã não tinha qualquer tom do pesar que as próximas horas trariam. A natureza havia pintado um belo retrato, como fazia a cada alvorecer. As cores suaves da paleta de Provença, o ocre, o verde e o azul-escuro, traziam gentilmente um novo dia. O olhar de Emilie atravessou o terraço e os jardins e pousou nos vinhedos ondulantes que cercavam a casa e se espalhavam até onde os olhos conseguiam enxergar. A vista era simplesmente magnífica e o era há vários séculos. O

Château de la Martinières era seu santuário na infância, um lugar de paz e segurança; sua tranquilidade estava estampada de maneira indelével em cada sinapse do seu cérebro.

E agora tudo aquilo lhe pertencia, embora não soubesse se sua mãe havia deixado algum dinheiro para continuar a custear a propriedade, depois de todos os seus excessos financeiros.

— *Mademoiselle* Emilie, vou deixá-la a sós com sua mãe para que possa se despedir — a voz do médico interrompeu seus pensamentos. — Estarei no térreo, vou cuidar da burocracia necessária. Lamento muito — acrescentou, fazendo uma pequena mesura antes de deixar o quarto.

E eu, lamento...?

A pergunta surgiu clara na mente de Emilie. Voltou-se à cadeira e sentou-se, tentando encontrar respostas para as várias perguntas que essa morte lhe trazia, querendo somar e subtrair das colunas emocionais e encontrar uma sensação definitiva. Claro que isso era impossível. A mulher deitada de maneira tão patética, tão inofensiva agora, ainda era uma influência confusa e sempre traria o desconforto da complexidade.

Valérie deu à luz uma filha, alimentou-a, vestiu-a e deu-lhe um lar de qualidade. Nunca chegou a lhe bater ou abusar.

Simplesmente não notava sua existência.

Valérie era uma pessoa, e Emilie esforçou-se para encontrar uma palavra para descrevê-la, *desinteressada*. E isso fez com que ela, no papel de filha, se tornasse invisível.

Emilie estendeu a mão e a pousou sobre a de sua mãe.

— Você não me via, mamãe... Não me enxergava.

Emilie sabia que seu nascimento havia sido uma resposta relutante à necessidade de produzir um herdeiro para a linhagem dos De la Martinières. Uma exigência cumprida pelo senso do dever, não pelo desejo materno de gerar uma criança. Ao perceber que tinha uma “herdeira” nas mãos, o que era o menos desejável, Valérie ficou ainda mais desinteressada pelo papel de mãe. Não tinha idade para conceber novamente (Emilie nasceu do último jorro de fertilidade de sua mãe, então com quarenta e três anos) e continuou a levar a vida de uma das anfitriãs mais charmosas, generosas e belas de Paris. O nascimento e a subsequente

presença de Emilie pareciam ter tanta importância para ela quanto a aquisição de mais um chihuahua que faria companhia aos outros três. Da mesma maneira que os cães, Emilie era trazida dos seus aposentos e acariciada apenas quando isso era do agrado de sua mãe. Pelo menos os cachorros conseguiam encontrar conforto na presença de seus semelhantes, pensava Emilie, que, por sua vez, passou longos períodos da infância sozinha.

O fato de haver herdado as feições dos De la Martinières, em vez dos traços brancos, loiros e delicados dos ancestrais eslavos de sua mãe, também não ajudou Valérie a gostar da menina. Emilie era uma criança atarracada, com a pele morena e grossos cabelos castanhos em tom de mogno, aparados a cada seis semanas num corte estilo Chanel, com a franja formando uma grossa linha acima de suas sobrancelhas escuras, um presente dos genes do seu pai, Édouard.

— Às vezes olho para você, querida, e nem acredito que seja a filha a quem dei à luz — dizia a mãe em uma de suas raras visitas ao quarto de Emilie antes de ir à ópera. — Bom, pelo menos você tem meus olhos.

Em certas ocasiões, Emilie desejava arrancar os olhos de um azul profundo das órbitas e trocá-los pelas belas íris em tom de avelã de seu pai. Não os achava adequados ao seu rosto e, toda vez que se olhava no espelho, enxergava a mãe.

Emilie sempre imaginou que havia nascido sem dons ou talentos que sua mãe pudesse apreciar. Matriculada em uma escola de balé aos três anos de idade, descobriu que seu corpo se recusava a fazer as contorções necessárias. Enquanto as meninhas flutuavam pelo estúdio como pequenas borboletas, ela tinha que lutar muito para agir com graça. Seus pés pequenos e largos gostavam de ficar plantados firmemente no chão, e qualquer tentativa de separá-los resultava num fracasso. Aulas de piano foram o mesmo desastre, assim como as aulas de canto; ela era incapaz de diferenciar as tonalidades na música.

Seu corpo também não se acomodava bem dentro dos vestidos femininos que sua mãe insistia que vestisse quando convidava amigos e *socialites* para uma *soirée* nos jardins refinados e cercados por roseiras no quintal da casa de Paris, ambiente onde aconteciam as famosas “festas de Valérie”. Deixada de lado em uma cadeira no canto do jardim, Emilie admirava a mulher elegante e encantadora que flutuava entre seus convidados com graça e

profissionalismo. Durante os vários eventos sociais na casa de Paris e também no verão, no *château* em Gassin, Emilie sentia que lhe faltavam palavras e sofria com um desconforto constante. Ela não herdara o dom de socialização de sua mãe.

Mesmo com todos esses desajustes, se alguém olhasse de fora, imaginaria que Emilie fosse feliz. Teve uma infância digna de conto de fadas, morava em uma linda casa em Paris, vinha de uma família que descendia de uma longa e secular linhagem de nobres franceses e era possuidora de uma riqueza herdada que estava intacta após os anos de guerra. Esse era um cenário com o qual muitas garotas francesas só podiam sonhar.

Pelo menos ela tinha seu amado pai. Embora não lhe desse muito mais atenção que a mãe, devido à obsessão com sua crescente coleção de livros raros, que mantinha no *château*, quando conseguia atrair sua atenção, ele lhe dava o amor e a afeição que desejava.

Seu pai tinha sessenta anos quando Emilie nasceu e morreu quando ela tinha quatorze. Raramente passavam algum tempo juntos, mas Emilie entendia que muito de sua personalidade vinha de seu pai. Édouard era tranquilo e introvertido, preferia seus livros e a paz do *château* ao constante fluxo de amigos e conhecidos que Valérie trazia para dentro de suas casas. Emilie frequentemente se perguntava como duas pessoas tão diferentes conseguiram se apaixonar. Mesmo com as diferenças, Édouard parecia adorar sua jovem esposa. Não fazia objeções ao seu estilo de vida extravagante, mesmo que levasse uma vida mais frugal que ela, e se orgulhava da beleza e popularidade que a esposa tinha no cenário social de Paris.

Frequentemente, quando o verão terminava e chegava a hora em que Emilie e Valérie deveriam voltar a Paris, Emilie implorava para que seu pai a deixasse ficar.

— Papai, eu adoro ficar aqui no campo com você. Há uma escola na vila e eu poderia estudar lá e cuidar de você. Você deve se sentir muito sozinho aqui no *château*, sem ninguém ao seu lado.

Édouard lhe acariciava as bochechas com carinho, mas balançava a cabeça negativamente.

— Nada disso, pequena. Por mais que eu a ame, você deve voltar a Paris e aprender suas lições. E também precisa saber como se tornar uma dama, como a sua mãe.

— Mas papai, eu não quero voltar a Paris com a mamãe. Quero ficar aqui com você...

E então, quando fez treze anos, Emilie ficou piscando para afastar as lágrimas que surgiram de repente, ainda incapaz de retornar ao momento em que o desinteresse de sua mãe se transformou em negligência. Ela sofreria as consequências disso pelo resto de sua vida.

— Como você se atreveu a não me ver nem se importar com o que acontecia comigo, mãe? Eu era sua filha!

Um rápido movimento num dos olhos de Valérie fez com que Emilie se sobressaltasse, temendo que sua mãe ainda estivesse viva e que houvesse escutado as palavras que ela acabara de pronunciar. Treinada para identificar os sinais, Emilie verificou o braço de Valérie em busca de uma pulsação. Mas não havia qualquer indício de vida, eram os últimos vestígios físicos e seus músculos se relaxavam e deixavam que a morte tomasse conta de seu corpo.

— Mãe, vou tentar perdoá-la. Vou tentar entender tudo o que fez, mas, neste momento, não sei dizer se me sinto feliz ou triste por você estar morta.

Emilie sentia que sua respiração ficava um pouco mais estrangulada, um mecanismo de defesa contra a dor de pronunciar as palavras em voz alta.

— Eu a amei muito, me esforcei para agradá-la, conquistar seu amor e atenção e me sentir... *digna* de ser sua filha. Meu Deus! Eu fiz de tudo! — Emilie apertou as mãos até seus punhos se contraírem. — Você era minha *mãe*!

O som da sua voz ecoando pelo quarto amplo a deixou chocada, e o silêncio voltou a reinar. Ela olhou fixamente o brasão de armas da família dos De la Martinières, pintado há duzentos e cinquenta anos na cabeceira majestosa da cama. Desbotado depois de tanto tempo, o brasão mostrava dois javalis selvagens engalfinhados em combate com a onipresente flor-de-lis e o lema “A Vitória é Tudo” exibido logo abaixo, quase ilegível depois de tanto tempo.

Repentinamente, Emilie estremeceu, embora o quarto estivesse quente. O silêncio no *château* era ensurdecedor. Uma casa que outrora esteve cheia de vida, hoje era apenas uma casca vazia, abrigava o passado. Ela olhou para o anel com o sinete no dedo mínimo da sua mão direita, ostentando o brasão da família em miniatura. Ela era a última sobrevivente da linhagem dos De la Martinières.

Emilie sentiu o peso de séculos de ancestrais sobre seus ombros e a tristeza de uma

esplêndida e nobre linhagem reduzida a uma mulher solteira de trinta anos, sem filhos. A família passara pelas agruras de vários séculos de brutalidade, mas, no intervalo de cinquenta anos, a Primeira e a Segunda Guerra Mundial fizeram com que seu pai fosse o único herdeiro.

Pelo menos não haveria as brigas e disputas habituais pela herança. Devido a uma antiga e obsoleta lei napoleônica, todos os irmãos e irmãs herdavam igualmente as propriedades de seus pais. Muitas famílias foram arruinadas quando um de seus filhos se recusava a concordar com a venda das propriedades. Tristemente, neste caso, a cláusula *les héritiers en ligne directe* (herdeiros em linha direta) se resumia nela.

Emilie suspirou. Talvez tivesse que vender a propriedade, mas era uma preocupação para outro dia. Agora era hora de dizer adeus.

— Descanse em paz, mamãe — disse, deu um leve beijo na testa acinzentada do corpo e fez o sinal da cruz. Levantando-se da cadeira, ainda bastante cansada, Emilie deixou o quarto e fechou a porta com força.

CAPÍTULO 2



DUAS SEMANAS DEPOIS

Emilie levou seu *café au lait* com um *croissant* pela porta da cozinha e foi até a parte de trás da casa, um quintal cheio de alfazemas. O frontão do *château* apontava na direção sul, o que tornava o quintal o melhor lugar da casa para desfrutar do sol da manhã. Fazia um belo e morno dia de primavera, e a temperatura era agradável o bastante para vestir apenas uma camiseta.

Na tarde do funeral de sua mãe em Paris, há quarenta e oito horas, a chuva caía incansavelmente. Na vigília que ocorreu posteriormente, organizada no salão do Ritz, de acordo com o desejo da própria Valérie, Emilie aceitou as condolências de todos os maiores e melhores figurões da sociedade parisiense. As mulheres, a maioria com idade similar à de sua mãe, trajavam preto e faziam Emilie pensar num bando de gralhas envelhecidas. Uma grande variedade de chapéus antigos disfarçava as cabeleiras ralas enquanto as mulheres circulavam pelo salão bebendo champanhe, com seus corpos emagrecidos pela idade e várias camadas de maquiagem grudadas à pele flácida de seus rostos.

Há algumas décadas, elas foram consideradas as mulheres mais ricas e poderosas de Paris. Entretanto, o ciclo da vida avançou e foram substituídas por um novo grupo de mulheres articuladoras e influentes. Emilie pensava que cada uma daquelas mulheres estava simplesmente esperando o dia em que morreria, sentindo a emoção começar a tomar conta de si enquanto saía do Ritz e chamava um táxi que a levaria ao seu apartamento. Sentindo-se miserável, muito mal mesmo, bebeu mais vinho do que costumava e acordou de ressaca na manhã seguinte.

Pelo menos o pior já havia terminado, disse Emilie a si mesma, tentando se reconfortar enquanto tomava café. Nas duas últimas semana, não houve muito tempo para se concentrar em qualquer coisa que não estivesse relacionada ao funeral. Sabia que devia à mãe o tipo de

despedida que a própria Valérie teria organizado perfeitamente. Emilie agonizava ao decidir se seria melhor oferecer *cupcakes* ou *petit-fours* com o café, e se as rosas cor de creme, com pétalas volumosas de que sua mãe tanto gostava, seriam dramáticas o bastante para servir como decoração nas mesas. Esse era o tipo de decisão que Valérie tomava todas as semanas, e Emilie descobriu que nutria um respeito relutante em relação à facilidade que sua mãe tinha para cuidar daquele tipo de detalhe.

E agora, Emilie virou seu rosto em direção ao sol e deixou que o calor aquecesse seu corpo; ela precisava pensar sobre o futuro.

Gerard Flavier, o contador da família que cuidava dos assuntos judiciais e das propriedades, já estava a caminho do *château*, vindo diretamente de Paris para uma reunião. Até que ele revelasse qual era a situação financeira do lugar, não fazia sentido pensar em planos. Emilie conseguiu licença de um mês de seu trabalho para lidar com o que ela sabia que seria um processo complexo e demorado. Ela desejava ter irmãos para dividir aquele fardo, detalhes legais e finanças não eram seu ponto forte. Toda aquela responsabilidade a aterrorizava.

Emilie sentiu a maciez de uma pelagem contra a pele do tornozelo. Olhando para baixo, viu Frou-Frou, a última chihuahua remanescente do canil de sua mãe, que a encarava com um olhar triste. Pegou a velha cadela nos braços e fez com que ela se sentasse sobre sua coxa, acariciando-lhe as orelhas.

— Parece que as únicas que sobraram fomos você e eu, Frou — murmurou. — Vamos ter que cuidar uma da outra, não é?

A expressão de empolgação nos olhos quase cegos de Frou-Frou fizeram Emilie sorrir. Ela não fazia ideia de como cuidaria da cadela. Embora se visse cercada por animais um dia, seu apartamento pequeno em Marais e o horário de trabalho extenuante não eram condizentes com cuidar de um cachorro que passou a vida inteira no colo emocional e físico do luxo.

Mesmo assim, animais e o bem-estar deles faziam parte de seu trabalho. Emilie vivia em função de seus vulneráveis clientes e nenhum deles era capaz de expressar como se sentia ou onde sentia dores.

“É triste ver que minha filha parece preferir a companhia de animais à de seres

humanos...”

As palavras resumiam os sentimentos de Valérie em relação à maneira que Emilie vivia sua vida. Quando ela anunciou que tinha planos de ir à universidade e cursar medicina veterinária, a mãe franziu os lábios, expressando desaprovação.

— Não entendo por que você quer passar o resto da sua vida cortando e abrindo os pobres animaizinhos para olhar o que têm dentro.

— Mãe, esse é o processo, não o motivo. Eu amo os animais e quero ajudá-los — respondeu defensivamente.

— Se você precisa de uma carreira, por que não pensa em algo relacionado à moda? Eu tenho uma amiga na redação da revista *Marie Claire* que pode lhe arranjar um emprego. Claro, quando você se casar, não vai querer continuar trabalhando. Você se tornará uma esposa e essa será sua vida.

Embora Emilie não culpasse Valérie por ter aquela mentalidade retrógrada, não conseguia evitar o desejo de que sua mãe pudesse se orgulhar de suas conquistas. Ela se formou como a melhor aluna da classe na universidade e foi admitida imediatamente como *trainee* em uma das clínicas veterinárias mais renomadas de Paris.

— Talvez a mamãe tivesse razão, Frou — disse com um suspiro. — Talvez eu prefira a companhia de animais à de pessoas.

Emilie ouviu os cascalhos rangendo, deixou Frou-Frou no chão e foi até a frente da casa para receber Gerard.

— Emilie, como você está? — Gerard lhe deu um beijo em cada face.

— Estou bem, obrigada. Como foi sua viagem?

— Peguei um avião até Nice e depois contratei um motorista para me trazer até aqui — disse enquanto passava por ela e entrava no amplo *hall*. As venezianas estavam fechadas, deixando o cômodo imerso em sombras. — Fiquei feliz pela oportunidade de escapar de Paris e vir visitar um dos meus lugares favoritos na França. A primavera no Var é sempre um espetáculo!

— Achei melhor nos reunirmos aqui no *château* — concordou Emilie. — Os documentos dos meus pais estão na escrivaninha da biblioteca e imaginei que você fosse consultá-los.

— Sim — Gerard andava pelo piso de ladrilhos de mármore desgastados pelo tempo, observando uma mancha de umidade no teto. — O *château* está precisando de um pouco de amor e carinho, não é? — perguntou, suspirando. — Ele está envelhecendo, como todos nós.

— Por que não vamos até a cozinha? Fiz um pouco de café.

— É exatamente do que preciso — disse Gerard com um sorriso, enquanto a seguia pelo corredor que levava até a parte de trás da casa.

— Sente-se, por favor — disse ela, indicando uma cadeira ao lado da longa mesa de carvalho e caminhando até o fogão para ferver mais água.

— Não há muito luxo aqui, não é? — disse Gerard, estudando o espaço utilitário e com pouca mobília.

— É verdade — concordou Emilie. — Mas este lugar era usado pelos empregados apenas para preparar a comida para nossa família e nossos convidados. Duvido que minha mãe tenha chegado a pôr as mãos na pia algum dia.

— Quem cuida do *château* e das necessidades domésticas dele agora? — perguntou Gerard.

— Margaux Duvall, a governanta, que está aqui há mais de quinze anos. Ela mora no vilarejo e vem trabalhar todas as tardes. Minha mãe dispensou os outros empregados depois que meu pai morreu e deixou de vir até aqui nos verões. Acho que ela preferia passar os dias de folga no iate que alugava.

— Sua mãe certamente gostava de gastar dinheiro — disse Gerard enquanto Emilie lhe servia uma xícara de café. — Com as coisas que eram importantes para ela — acrescentou o advogado.

— E que não incluíam este *château* — afirmou Emilie, bruscamente.

— Realmente. Pelo que analisei de suas finanças até o momento, ela parecia preferir os prazeres oferecidos pela casa Chanel.

— Minha mãe gostava muito de alta-costura, eu sei — disse Emilie, sentando-se do outro lado da mesa com sua xícara de café. — No ano passado, mesmo estando bastante doente, ela ainda compareceu aos desfiles de moda.

— Valérie realmente era uma figura ímpar. E famosa, também. Seu falecimento rendeu um bom espaço em nossos jornais — disse Gerard. — Embora isso não seja realmente uma surpresa. Os De la Martinières são uma das famílias mais notáveis da França.

— Eu sei — disse Emilie, com uma careta. — Também vi os jornais. Aparentemente, vou herdar uma fortuna.

— É verdade que sua família já foi incrivelmente rica. Infelizmente, Emilie, o tempo passou. O sobrenome nobre de sua família ainda existe, mas a fortuna... não mais.

— Foi o que pensei — disse Emilie, sem qualquer surpresa.

— Você provavelmente já sabe que seu pai não era um empresário — continuou Gerard. — Ele era um intelectual, um acadêmico que tinha pouco interesse pelo dinheiro. Embora eu tenha conversado várias vezes com ele sobre investimentos e tentado convencê-lo a fazer alguns planos para o futuro, ele não se interessou. Há vinte anos, isso não tinha importância, havia bastante dinheiro. Mas entre a falta de atenção do seu pai e o gosto de sua mãe pelas melhores e mais finas coisas da vida, a fortuna diminuiu substancialmente — suspirou Gerard. — Lamento ser o portador de más notícias.

— Eu esperava que a situação fosse essa, e não me importo — confirmou Emilie. — Eu só desejo organizar o que é preciso para voltar ao meu trabalho em Paris.

— Receio, Emilie, que a situação não seja tão simples. Como eu disse no início, ainda não tive tempo de analisar os detalhes, mas o que posso lhe dizer é que a propriedade tem credores, e muitos. E esses credores devem ser pagos assim que for possível — explicou. — Sua mãe conseguiu um empréstimo de quase vinte milhões de francos utilizando a casa de Paris como garantia. Ela tinha muitas outras dívidas também, que precisarão ser pagas.

— Vinte milhões de francos?! — Emilie estava pasmada. — Como isso aconteceu?

— É fácil. Conforme os fundos foram se esgotando, Valérie não ajustou seu estilo de vida de acordo com suas possibilidades. Ela viveu durante muitos anos com dinheiro emprestado.

— Gerard percebeu a expressão no rosto de Emilie. — Por favor, Emilie, não entre em pânico. São dívidas que podem ser pagas facilmente. Não somente com a venda da casa de Paris, o que creio que seja suficiente para angariar setenta milhões de francos, mas também com o seu conteúdo. Por exemplo, a magnífica coleção de joias de sua mãe, que está trancada num dos cofres do banco onde ela era correntista, e as várias pinturas e objetos de arte valiosos que há na casa. Acredite em mim, Emilie, você não é pobre, mas é preciso agir rapidamente para evitar que as coisas piores, e também tomar algumas decisões em relação ao futuro.

— Entendo — respondeu Emilie, suavemente. — Eu puxei pelo meu pai e tenho pouco interesse ou experiência em administrar finanças.

— Entendo completamente. Seus pais lhe deixaram um fardo pesado que está totalmente apoiado em seus ombros agora. Embora seja interessante comentar o número de parentes que você adquiriu recentemente — disse Gerard, levantando as sobrancelhas.

— Como assim?

— Oh, não precisa se preocupar. É de se esperar que os abutres desçam sobre você num momento como este. Já recebi cerca de vinte cartas de pessoas que dizem ter algum tipo de parentesco com os De la Martinières. Até agora, quatro irmãos ou irmãs ilegítimos, aparentemente gerados pelo seu pai fora do casamento, juntamente com dois primos, um tio e uma pessoa que trabalhou para os seus pais na casa de Paris na década de 1960. Ela jura que Valérie lhe prometeu que receberia uma das pinturas de Picasso quando falecesse — disse Gerard, sorrindo. — Era de se esperar, mas, infelizmente, as leis da França exigem que todas essas alegações sejam investigadas.

— Você não acha que elas sejam verdadeiras, não é? — Os olhos de Emilie estavam arregalados.

— Eu duvido de cada uma delas. Se lhe servir de consolo, isso aconteceu com todas as mortes de pessoas influentes e bem relacionadas com as quais já tive que lidar — disse Gerard, dando de ombros. — Deixe isso comigo e não se preocupe. Prefiro que você, Emilie, concentre seus pensamentos no que irá fazer com o *château*. Como eu disse, as dívidas de sua mãe podem ser facilmente quitadas com a venda da casa de Paris e seu conteúdo. Mas isso

ainda lhe deixa com essa propriedade magnífica, que, de acordo com o que percebi, está precisando de reparos urgentes. Seja lá o que você decidir, ainda será uma mulher rica, mas preciso saber uma coisa: você pretende vender este *château* ou não?

Emilie olhou para um ponto distante e suspirou fundo.

— Para ser honesta, Gerard, eu gostaria que nada disso acontecesse. Gostaria que outra pessoa ficasse encarregada dessa decisão. E o que me diz dos vinhedos? A *cave* está tendo algum tipo de lucro?

— Bem, posso investigar para você — disse Gerard. — Se você decidir vender o *château*, a vinícola pode ser incluída na venda e será uma preocupação a menos.

— Vender o *château*... — Emilie repetiu as palavras de Gerard. Ouvi-las sendo pronunciadas em alto e bom som enfatizava a enormidade das responsabilidades que ela precisava enfrentar. — Esta casa pertence à nossa família há duzentos e cinquenta anos. E agora cabe a mim tomar a decisão. A verdade é que não tenho a menor ideia sobre qual é a melhor alternativa.

— Tenho certeza de que você não sabe. Como já disse, é muito difícil ter que tomar todas essas decisões sozinha. — Gerard balançou a cabeça negativamente, demonstrando simpatia. — O que é que posso dizer? Nem sempre podemos escolher a situação em que estamos. Vou tentar ajudá-la o máximo possível, Emilie. Sei que é isso que seu pai desejaria que eu fizesse nessas circunstâncias. Agora, se me permite, preciso descansar um pouco da viagem e, mais tarde, quem sabe possamos dar uma volta pelos vinhedos e conversar com o gerente da vinícola?

— Tudo bem — respondeu Emilie, com a voz tomada pelo cansaço. — Abri as venezianas do quarto à esquerda da escada principal. Ele tem uma das melhores vistas de toda a casa. Quer que o acompanhe até lá?

— Não, obrigado. Já fiquei hospedado aqui várias vezes antes, como você sabe. Já conheço o caminho.

Gerard se levantou, despediu-se de Emilie com um aceno de cabeça e saiu pela porta da cozinha, em direção à escadaria principal que o levaria ao seu quarto. Ele parou no meio do

caminho, observando o rosto desbotado e empoeirado de um dos ancestrais dos De la Martinières. Muitas das famílias nobres francesas e a história que estava ligada a seus nomes estavam desaparecendo, e apenas linhas que mal podiam ser vistas marcavam a passagem delas pelo mundo. Ele se perguntou como o grande Giles de la Martinières, no retrato (um nobre guerreiro e, de acordo com o que alguns diziam, amante de Maria Antonieta), se sentiria se soubesse que o futuro de sua linhagem repousaria nos ombros delicados de uma jovem mulher. E uma mulher que Gerard sempre achou um pouco estranha.

Durante suas várias visitas às propriedades dos De la Martinières no passado, Gerard via uma criança sem atrativos especiais, cuja introversão não permitia que ela respondesse às afeições dele ou de outras pessoas. Uma criança que parecia distante, reservada, quase carrancuda em sua reticência às aproximações amistosas que ele tentou engendrar. No papel de contador da família, ele sentia que seu trabalho não abrangia apenas os processos de trabalhar com planilhas e números, mas também o talento de interpretar as emoções de seus clientes.

Emilie de la Martinières era um enigma.

Ele a observou durante o funeral de sua mãe e seu rosto não revelou emoção alguma. Ela havia se tornado muito mais atraente depois de adulta. Mesmo assim, num momento como este, na mesa da cozinha, forçada a encarar a perda da mãe e a responsabilidade de tomar decisões extremamente difíceis, Gerard não a achou vulnerável. O tipo de vida que ela tinha em Paris não poderia estar mais distante daquela que seus ancestrais tiveram. Ela levava uma vida sem qualquer destaque. E, mesmo assim, toda a história da sua família era realmente notável.

Gerard continuou a subir pelas escadas, irritado com as respostas curtas que ela lhe dera. Faltava alguma coisa, havia algo em Emilie que era impossível de alcançar. E ele não fazia ideia de como descobrir o que era.

Quando Emilie se levantou e levou as xícaras para a pia, a porta da cozinha se abriu e Margaux, a governanta do *château*, entrou pela porta lateral. Seu rosto se iluminou quando viu Emilie.

— *Mademoiselle* Emilie! — Margaux se aproximou para abraçá-la. — Não sabia que

você viria! Devia ter me contado. Eu teria preparado a casa para recebê-la.

— Cheguei de Paris tarde da noite — explicou Emilie. — É muito bom revê-la, Margaux.

Margaux se afastou e estudou Emilie, com simpatia nos olhos.

— Como você está?

— Estou... tentando lidar com a situação — respondeu Emilie, honestamente. Ver Margaux, a mulher que cuidou dela desde que era uma garotinha e passava os verões no *château*, lhe deu um nó na garganta.

— Você está muito magra. Está comendo? — Margaux a examinou.

— É claro que estou comendo, Margaux! Além disso, é improvável que eu emagreça mais do que isso. — Emilie abriu um sorriso lânguido, deslizando as mãos pelo corpo.

— Você tem um belo corpo, mas espere até ficar como eu! — Margaux indicou seu próprio corpo gorducho e riu-se.

Emilie olhou para os olhos azuis desbotados e para o cabelo louro, agora riscado por mechas acinzentadas. Ela se lembrava de que, há quinze anos, Margaux era uma bela mulher, e sentiu-se ainda mais deprimida ao perceber como o tempo destruía tudo em sua marcha sempre faminta.

A porta da cozinha voltou a se abrir. Por ela surgiu um garoto jovem e esguio, com os imensos olhos azuis de sua mãe, que dominavam seu rosto angelical. Ele pareceu surpreso ao ver Emilie, e olhou nervosamente para sua mãe.

— Mamãe? Há algum problema com a minha presença aqui? — perguntou ele à Margaux.

— Você se importa se Anton ficar aqui no *château* comigo enquanto eu estiver trabalhando, *mademoiselle* Emilie? Estamos no feriado da Páscoa e eu não gosto de deixá-lo sozinho em casa. Ele normalmente fica sentado em algum canto, entretido com um livro.

— Claro que não há problema — respondeu Emilie, abrindo um sorriso sincero para o garoto. Margaux perdera o marido há oito anos num acidente de carro. Desde então, vinha lutando para criar o filho sozinha. — Imagino que haja espaço suficiente para todos nós aqui, você não acha?

— Sim, *mademoiselle* Emilie. Obrigado — disse Anton, demonstrando sua gratidão e aproximando-se de sua mãe.

— Gerard Flavier, nosso contador, está num dos quartos de hóspedes. Ele vai passar a noite aqui. Mais tarde iremos até o vinhedo para conversar com Jean e Jacques.

— Vou preparar o quarto dele enquanto vocês estiverem fora. Quer que eu faça algo para o jantar?

— Não, obrigada. Comeremos na vila.

— Há algumas contas da casa que chegaram, *mademoiselle*. Quer vê-las agora? — perguntou Margaux, constrangida.

— Sim, claro — suspirou Emilie. — Não há mais ninguém para pagá-las, não é mesmo?

— É verdade. Lamento muito, *mademoiselle*. É difícil estar sozinha. Sei muito bem como é — simpatizou Margaux.

— Sim, obrigada. Conversarei com você mais tarde, Margaux — Emilie se despediu e foi encontrar Gerard.

Naquela tarde, Emilie foi com Gerard à cave. O vinhedo, na propriedade dos De la Martinières, era uma pequena operação de dez hectares, com uma produção de doze mil garrafas de vinho branco, tinto e do mais pálido *rosé* ao ano, vendidos predominantemente a lojas, restaurantes e hotéis das redondezas.

Do lado de dentro, a cave era fria e escura. O cheiro da fermentação do vinho permeava o ar por entre os imensos barris de carvalho russo encostados às paredes. Jean Benoit, o gerente da cave, saiu de trás de sua escrivaninha quando eles entraram.

— *Mademoiselle* Emilie! É um prazer vê-la — cumprimentou-a Jean, beijando-lhe as duas faces carinhosamente. — Pai, venha ver quem está aqui!

Jacques Benoit, que já tinha seus oitenta e poucos anos e um corpo rígido devido ao reumatismo, mas que ainda se sentava a uma das mesas na cave todos os dias, cuidadosamente embalando cada garrafa de vinho em papel de seda roxo, levantou os olhos e sorriu.

— *Mademoiselle* Emilie, como vai?

— Estou bem, obrigada, Jacques. E você?

— Ah, não consigo mais sair para caçar os javalis selvagens que seu pai e eu costumávamos pegar nas montanhas — disse ele, com uma risada. — Mas ainda acordo respirando todas as manhãs.

Emilie sentiu prazer com o carinho daquelas saudações e de toda a familiaridade que aquelas figuras traziam. Seu pai e Jacques foram grandes amigos, e Emilie frequentemente pedalava sua bicicleta até a praia de Gigaro, nas proximidades, para nadar em companhia de Jean, que, oito anos mais velho, parecia bastante maduro. Às vezes, Emilie o imaginava como seu irmão mais velho. Jean sempre agiu de forma bastante protetora e gentil em relação a ela. Ele perdeu sua mãe, Francesca, quando ainda era jovem, e Jacques fez o melhor que pôde para criá-lo sozinho.

Tanto o pai quanto o filho, assim como seus ancestrais, cresceram na pequena casa ao lado da cave. Jean agora administrava a vinícola, assumindo o lugar de seu pai quando Jacques se deu por satisfeito com as habilidades que seu filho demonstrou no uso de seus métodos especiais de misturar e fermentar as uvas das parreiras que os cercavam. Emilie se deu conta de que Gerard estava atrás deles, com uma aparência de desconforto. Afastando seus devaneios, ela disse:

— Este é Gerard Flavier, o contador de nossa família.

— Acredito que já nos encontramos, *monsieur*, há muitos anos — disse Jacques, estendendo a mão direita, que tremia, para cumprimentá-lo.

— Sim, e eu ainda sinto a sutileza do sabor do vinho que vocês criam aqui quando estou em Paris — comentou Gerard com um sorriso.

— O senhor é muito gentil, *monsieur* Gerard — disse Jacques. — Mas creio que meu filho tem muito mais talento quando precisamos produzir o *rosé* Provençal perfeito.

— Mas presumo, *monsieur* Flavier, que o senhor veio até aqui para verificar as finanças e os arquivos da nossa cave. Não está muito preocupado com a qualidade de nossos produtos, estou certo? — Jean não estava muito à vontade.

— Eu certamente gostaria de ter uma noção da produtividade e do bem-estar financeiro da empresa para fazer minha análise — confirmou Gerard. — Receio que *mademoiselle* Emilie tenha que tomar algumas decisões.

— Bem, creio que não há motivo para que eu esteja presente agora, então vou dar uma volta pelos vinhedos — disse ela, fazendo uma mesura com a cabeça para os três homens, e imediatamente deixou a cave.

Ao sair do recinto, percebeu que seu desconforto parecia ser ainda maior pelo fato de que as decisões que tomaria colocariam o sustento da família Benoit em risco. O estilo de vida deles era o mesmo há centenas de anos. Ela percebia que Jean, em particular, estava muito preocupado, pois sabia das consequências da venda da propriedade. Um novo proprietário poderia contratar seu próprio gerente, e Jean e Jacques seriam forçados a deixar suas casas. Ela não conseguia imaginar uma mudança tão forte, pois os Benoit pareciam ter brotado do solo sobre o qual ela andava agora.

O sol já estava indo em direção ao poente, e Emilie caminhava pelo chão de pedras entre as parreiras delicadas. Nas próximas semanas, elas cresceriam e se espalhariam alucinadamente, produzindo os frutos doces e grandes que seriam colhidos na *vendange* do final do verão.

Ela se virou para olhar o *château* a trezentos metros de distância e suspirou, decepcionada. Suas paredes claras e as janelas pintadas num tom azul tradicional, emoldurado por altos ciprestes dos dois lados, se mesclavam na suavidade do pôr do sol que se aproximava. Projetado de maneira simples, mas elegante, para se adequar àquele cenário rural, a casa refletia perfeitamente a linhagem discreta e nobre de onde ambos se originaram.

“E tudo o que nos resta somos nós mesmos...”

Emilie sentiu um carinho repentino em relação ao imóvel. Ele também estava órfão. Reconhecido, mas ignorado em termos de suas necessidades básicas, e mesmo assim mantendo um ar de dignidade e graça num período de dificuldades. Ela sentia um espírito de camaradagem com o *château*.

— Como poderei dar o que você precisa? — sussurrou ela para o *château*. — O que vou fazer com você? Tenho uma vida inteira em outro lugar, eu... — Emilie suspirou e ouviu seu

nome ser chamado.

Gerard vinha andando em sua direção. Ele chegou até onde ela estava e seguiu a direção do seu olhar, em direção ao *château*.

— É bonito, não é? — ele disse.

— Com certeza, é bonito. Mas não faço a menor ideia do que vou fazer com ele.

— Por que não voltamos até lá? Vou lhe dar algumas sugestões. Talvez você possa fazer uso de algumas delas, talvez não.

— Obrigada.

Vinte minutos depois, quando o sol se despidia definitivamente por trás da colina que acomodava a vila medieval de Gassin, Emilie sentou-se com Gerard e ouviu o que ele tinha a dizer.

— A vinícola está produzindo uma quantidade menor do que poderia, tanto em termos da própria produtividade quanto dos lucros. Houve um aumento internacional nas vendas de vinho *rosé* nos últimos anos. Não é mais considerado o primo pobre de seus irmãos branco e tinto. Jean espera que, se as condições do tempo permanecerem estáveis nas próximas semanas, a colheita de uvas seja superior à média dos anos anteriores. O problema, Emilie, é que a cave sempre foi administrada como um hobby pelos De la Martinières.

— Sim, eu sei — concordou.

— Fiquei muito impressionado com Jean, também. Ele disse que a vinícola não recebeu qualquer investimento desde que seu pai morreu, há quinze anos. Com certeza, o empreendimento foi estabelecido para servir como o produtor de vinho particular do *château*. Nos seus melhores dias, quando seus ancestrais recebiam convidados aqui, em grande estilo, uma grande parte da produção era consumida por eles e por seus convidados. Agora, é claro, tudo está diferente, mas os vinhedos ainda funcionam da mesma maneira que há centenas de anos.

Gerard olhou para Emilie, procurando uma reação, como não recebeu nenhuma,

prosseguiu.

— O que a cave precisa é de uma injeção de capital para maximizar seu potencial. Jean me disse, por exemplo, que há terras em quantidade suficiente para dobrar o tamanho do vinhedo. Também é preciso adquirir alguns equipamentos modernos para atualizar a empresa e, de acordo com o que Jean acredita, produzir um lucro mais substancial — resumiu Gerard. — A pergunta que fica, portanto, é se você deseja levar a vinícola e o *château* em direção ao futuro. Ambos envolvem projetos de reforma que consumirão muito de seu tempo.

Emilie escutava o silêncio. Não se ouvia qualquer ruído do vento. A atmosfera tranquila a envolvia com conforto e tranquilidade. Pela primeira vez desde que sua mãe morreu, Emilie sentia-se em paz. E, dessa forma, sem qualquer vontade de chegar a uma conclusão.

— Obrigada por sua ajuda até aqui, Gerard. Entretanto, não acho que seja possível lhe dar uma resposta agora — explicou ela. — Se você tivesse feito essas perguntas há duas semanas, eu teria lhe dito categoricamente que estava disposta a vender tudo. Mas agora...

— Eu compreendo — disse Gerard, assentindo. — Não posso lhe dar conselhos no campo emocional, Emilie, somente no campo financeiro. Talvez você se sinta melhor ao saber que, quando vender a casa de Paris, seu conteúdo e as joias de sua mãe, a renda não será apenas o bastante para cobrir os custos com a reforma do *château*, mas também lhe dará rendimentos substanciais pelo resto de sua vida. E, é claro, também devemos considerar a biblioteca — acrescentou ele. — Seu pai pode não ter gastado energia no embelezamento de ambas as casas, mas o legado que ele deixou está abrigado aqui. Ele ampliou algo que já era uma bela coleção de livros raros e, pelo que percebi na última vez em que verifiquei os registros, ele havia praticamente duplicado o acervo. Não sou especialista em livros antigos, mas posso imaginar que a coleção seja muito valiosa.

— Eu nunca venderia essa coleção — respondeu Emilie firmemente, surpreendendo a si mesma com aquela repentina reação defensiva. — É o trabalho de toda a vida do meu pai. Passei muitas horas na biblioteca com ele quando era criança.

— É claro. Não há razão para que você queira se desfazer dos livros. Mesmo assim, é preciso lembrar-se de que, se você decidir não manter o *château*, terá que achar um lugar maior que o seu apartamento em Paris para guardar a coleção — disse Gerard, com um

sorriso torto. — Bem, agora eu preciso comer. Você me acompanharia até a vila para jantar? Partirei amanhã cedo e, com sua permissão, preciso investigar o conteúdo da escrivaninha de seu pai e ver se há mais documentos financeiros.

— É claro — concordou Emilie.

— Preciso dar alguns telefonemas antes — ele disse, justificando-se —, mas venho encontrá-la daqui a meia hora.

Emilie observou Gerard quando ele se levantou da mesa e caminhou em direção às outras dependências da casa. Ela não se sentia muito à vontade em sua companhia, embora o contador estivesse presente durante toda a sua vida. Ela o tratava como qualquer criança trataria um adulto distante. Agora, sem que houvesse outros membros de sua família por perto, conversar diretamente com ele era uma experiência nova e desconfortável.

Enquanto andava pelos cômodos da casa, Emilie percebeu que, embora Gerard estivesse simplesmente tentando ajudá-la, ele agia de forma paternalista. Às vezes, ela via nos olhos do homem algo que só conseguia identificar como ressentimento. Talvez ele sentisse, e ninguém poderia culpá-lo por isso, que ela não havia realizado nada em sua vida que a tornasse digna de receber o manto da última sobrevivente da linhagem dos De la Martinières, com todo o seu peso e valor histórico. Emilie sabia, dolorosamente, que não tinha qualquer traço do *glamour* dos seus predecessores. Nascida em uma família extraordinária, tudo que ela queria era parecer uma pessoa normal.

CAPÍTULO 3



Emilie ouviu o carro de Gerard se afastando do *château* na manhã seguinte. Ela estava deitada na cama estreita na qual dormia desde a infância, com as janelas do quarto voltadas para o noroeste, para que o sol da manhã não a incomodasse. Agora, dizia a si mesma, não havia qualquer motivo para não se mudar para qualquer um dos quartos amplos e bonitos na parte da frente da casa, com suas imensas janelas com vista para o jardim e os vinhedos.

Frou-Frou ganiu tanto na noite anterior que Emilie não resistiu e deixou-a dormir com ela na cama. Agora ela latia para a porta, indicando que era hora de suas necessidades matinais.

Já na cozinha, Emilie preparou o café e depois andou pelo corredor que levava à biblioteca. A sala de pé-direito alto, que seu pai sempre manteve protegida da luz para preservar os livros, tinha um cheiro confortavelmente familiar de bolor. Deixando a xícara sobre a escrivaninha desgastada de seu pai, forrada em couro, ela foi até uma das janelas e abriu uma das venezianas. Milhões de partículas de poeira deixaram seus esconderijos com a brisa repentina e inesperada e dançaram alucinadamente em meio aos suaves raios de luz.

Emilie sentou-se na poltrona sob a janela e estudou as estantes, que iam do chão até o teto. Não fazia a menor ideia de quantos livros a biblioteca guardava. Seu pai passara a maior parte de seus últimos anos catalogando e expandindo a coleção. Ela se levantou e caminhou lentamente pelas laterais do cômodo, andando em frente às estantes que se estendiam até quatro vezes sua própria altura. Vigilante e estoica, sentia-se como se eles a observassem, sua nova proprietária, e imaginavam qual destino teriam.

Emilie lembrava-se de sentar-se com seu pai e brincar do jogo do alfabeto, que consistia em escolher duas letras, em qualquer combinação. Escolhidas, seu pai andava pela biblioteca e procurava um autor cujo livro tivesse aquelas iniciais. Era muito raro não conseguir encontrar um exemplar com as duas letras que Emilie lhe dera. Mesmo quando tentava dificultar as coisas, escolhendo letras como X ou Z, seu pai conseguia encontrar uma cópia

desbotada e maltratada de filosofia chinesa, ou uma pequena antologia de um poeta russo há muito tempo esquecido.

Embora houvesse observado Édouard fazer isso por muitos anos, Emilie desejava ter prestado mais atenção aos métodos ecléticos que seu pai usava para catalogar e organizar os livros. Examinando as estantes, ela sabia que não era um método tão simplório quanto a ordem alfabética. Na estante à sua frente, os livros demonstravam uma ampla variedade de autores, de Charles Dickens, passando por Platão e incluindo Guy de Maupassant.

Ela também sabia que a coleção era tão extensa que qualquer catálogo compilado por seu pai nos livros de registro empilhados na escrivaninha não descreveria um terço do acervo. *Ela* sabia onde encontrar um livro quase imediatamente, era um talento e um segredo que Édouard levava consigo para o túmulo.

— Se eu vender essa casa, o que vou fazer com vocês? — sussurrou aos livros.

Eles voltaram a fitá-la em silêncio; milhares de crianças desamparadas que sabiam que seu futuro estava nas mãos dela. Emilie procurou despertar daquelas reminiscências. Não podia deixar que as emoções a afetassem. Se decidisse vender o *château*, os livros deveriam encontrar uma nova casa. Fechando a janela e deixando-os repousando novamente no escuro, ela saiu da biblioteca.

Emilie passou o restante da manhã explorando os incontáveis cantos e nichos do *château*, repentinamente detendo-se para apreciar os frisos de duzentos anos de idade que adornavam o teto na bela sala de desenhos, a mobília francesa elegante, mas que agora estava desgastada, e os vários quadros que decoravam todas as paredes.

Na hora do almoço, foi até a cozinha para se servir de um copo d'água. Sedenta, bebeu o líquido em grandes goles, percebendo que estava sem fôlego e desorientada, como se houvesse acordado após um pesadelo. A beleza que viu tão claramente pela primeira vez na manhã daquele dia esteve ao seu redor durante a vida inteira, e mesmo assim ela nunca a havia apreciado ou absorvido. E agora, em vez de ver a herança e a linhagem familiar como uma corda ao redor do seu pescoço, das quais desejava se libertar, ela sentia os primeiros indícios de empolgação.

Esta casa maravilhosa, com sua infinidade de objetos interessantíssimos, pertencia a *ela*.

Sentindo uma fome repentina, Emilie revistou a geladeira e os armários da cozinha, mas não encontrou nada. Segurando Frou-Frou no colo, levou a cadela até o carro, deixou-a no assento ao seu lado e dirigiu em direção a Gassin. Após estacionar o carro, subiu os degraus antigos e íngremes que atravessavam a vila e levavam até o *boulevard* no topo da colina, onde ficavam os bares e restaurantes. Lá, sentou-se em uma mesa na beira do terraço para admirar a espetacular vista do litoral. Pediu uma pequena ânfora de vinho *rosé* e uma salada e relaxou sob o forte calor do sol do meio-dia, enquanto pensamentos desordenados circulavam em sua cabeça.

— Com licença, *mademoiselle*, mas a senhorita é Emilie de la Martinières?

Protegendo os olhos da forte luz do sol, Emilie olhou para o homem que estava em pé ao lado de sua mesa.

— Sim? — perguntou e o olhou de soslaio.

— Bem, é um prazer conhecê-la — disse o homem, estendendo a mão. — Meu nome é Sebastian Carruthers.

Hesitante, Emilie estendeu sua mão para cumprimentar o homem.

— Eu o conheço?

— Não, ainda não nos conhecemos.

Emilie percebeu que o homem falava um francês excelente, mas com um sotaque britânico.

— Posso perguntar, então, como você me conhece? — ela disse, incomodada com a situação.

— É uma longa história e eu gostaria de compartilhá-la em outro momento. Está esperando por alguém? — ele perguntou, indicando a cadeira vazia do outro lado da mesa.

— Eu... não.

— Posso me sentar e explicar por que sei quem você é, então?

Antes que Emilie tivesse qualquer chance de recusar, Sebastian já havia puxado a cadeira

à sua frente. Sem precisar proteger os olhos da luz do sol, Emilie o estudou e viu que, provavelmente, tinha a mesma idade que ela e vestia roupas casuais de boa qualidade sobre o corpo esguio. Tinha pinceladas de sardas ao redor do nariz, cabelos castanho-avermelhados e olhos castanhos atraentes.

— Lamento pela morte de sua mãe — ele começou.

— Obrigada.

Emilie tomou um gole do vinho e, sentindo que seus bons modos a floravam, disse:

— Aceita uma taça de *rosé*?

— Seria um prazer — disse Sebastian, acenando para o garçom e conseguindo sua atenção. Uma taça foi colocada à sua frente e Emilie serviu-lhe com o vinho que estava na pequena ânfora.

— Como soube da morte de minha mãe? — ela perguntou.

— Foi algo bem divulgado na França — respondeu Sebastian, com os olhos cheios de empatia. — Ela era uma pessoa conhecida. Posso lhe oferecer minhas condolências? Creio que é um momento difícil para você.

— É, sim — ela respondeu, enrijecendo-se. — Você é inglês?

— Você adivinhou! — Sebastian revirou os olhos, fingindo estar surpreso. — E pensar que eu me esforcei tanto para perder o sotaque! Sim, sou inglês, por pior que isso seja. Mas passei um ano em Paris estudando Belas Artes. E admito que sou totalmente francófilo.

— Entendo — murmurou Emilie. — Mas...

— Sim, isso ainda não explica como eu sei que você é Emilie de la Martinières — concordou Sebastian, levantando seus olhos misteriosamente. — Bem, a verdade é que a conexão entre você e eu remonta a um passado profundo e distante.

— Você é meu parente? — Emilie repentinamente se lembrou do aviso de Gerard no dia anterior.

— Não, definitivamente não — ele disse com um sorriso. — Mas minha avó tinha ascendência francesa. Descobri recentemente que ela e Édouard de la Martinières, que

acredito ser seu pai, trabalharam juntos durante a Segunda Guerra Mundial.

— Entendo.

Emilie não sabia quase nada sobre o passado de seu pai, apenas que ele nunca falava a respeito dele. E ela ainda sentia um certo nervosismo em relação ao que aquele inglês queria dela.

— Sei pouca coisa a respeito dessa época da vida do meu pai.

— Eu também não sabia muito, até que minha avó me contou, antes de morrer, que ela estava aqui durante a ocupação¹. Ela também disse que Édouard foi um homem muito corajoso

— Sebastian acrescentou. Essa revelação fez com que Emilie sentisse um nó se formando na garganta.

— Eu não sabia... veja, eu nasci quando meu pai já tinha sessenta anos, mais de vinte anos depois do fim da guerra.

— Certo — disse Sebastian, compreensivo. Emilie tomou um longo gole de vinho.

— Além disso, ele não era o tipo de pessoa que gostava de se vangloriar.

— Bem, minha avó, Constance, tinha muita estima por ele. Ela também me falou sobre o belo *château* em Gassin onde viveu enquanto estava na França. A casa fica perto dessa vila, não é?

— Sim — disse Emilie quando sua salada chegou. — Vai comer alguma coisa? — ela perguntou, para novamente demonstrar seus bons modos.

— Se a minha companhia lhe agradar, sim.

— É claro.

Sebastian fez o pedido e o garçom se afastou.

— E então, o que o traz a Gassin? — perguntou Emilie.

— É uma ótima pergunta. Depois que me formei em Belas Artes em Paris, comecei a desenvolver minha carreira no campo artístico. Exponho trabalhos em uma pequena galeria em Londres, mas passo muito tempo procurando pelos quadros raros que meus clientes ricos

desejam. Vim à França para tentar convencer o proprietário de um Chagall a vendê-lo para mim. O camarada vive em Grasse, que, como você sabe, não fica muito longe daqui. Vi a notícia sobre a morte de sua mãe no jornal e isso reavivou as lembranças da associação de minha avó com a sua família. Assim, imaginei que seria interessante passar por aqui e dar uma olhada no *château* do qual tanto ouvi falar. Essa vila é realmente muito bonita.

— É sim — ela respondeu, perplexa com a estranheza do diálogo.

— Você mora no *château*, Emilie?

— Não — respondeu, sentindo-se incomodada com aquele questionamento direto. — Estou morando em Paris atualmente.

— Onde tenho vários amigos — entusiasmou-se Sebastian. — Algum dia espero poder passar mais tempo na França, mas, por ora, ainda estou construindo minha reputação no Reino Unido. Não conseguir colocar minhas mãos no Chagall para o meu cliente é decepcionante. Seria a minha primeira negociação no escalão principal da arte.

— Lamento — ela disse.

— Obrigado. Vou me recuperar desse baque. Você não teria algumas obras de arte inestimáveis no seu *château* que gostaria de se desfazer, teria? — Os olhos de Sebastian estavam cheios de humor.

— Não sei — ela respondeu, sinceramente. — Avaliar a arte do *château* não está na minha lista de coisas a fazer.

— Tenho certeza de que você vai contratar um dos principais especialistas de Paris para autenticar e avaliar sua coleção. Mas se precisar de um par de olhos que conhecem o assunto e que está disponível para orientá-la nesse meio-tempo, eu ficaria feliz em ajudá-la.

Quando o *croque-monsieur*² de Sebastian chegou, ele tirou sua carteira e entregou um de seus cartões a Emilie.

— Garanto-lhe que não sou um pilantra. Posso lhe dar referências de meus clientes, se for necessário.

— Muito gentil de sua parte, mas o contador de nossa família está cuidando de todos os

assuntos relacionados a nosso patrimônio — Emilie podia ouvir o tom de superioridade que tingia sua voz.

— É claro — ele disse, servindo mais vinho *rosé* para ambos e ocupando-se com seu *croque-monsieur*. — Mas diga-me, o que você faz em Paris?

— Sou veterinária em uma clínica no Marais. O salário não é dos melhores, mas eu adoro o que faço.

— É mesmo? — Sebastian levantou uma sobrancelha. — Estou surpreso. Imaginei que, por sua origem familiar, você estaria envolvida com alguma atividade glamourosa. Especialmente se realmente precisasse trabalhar.

— Sim, todos presumem a mesma coisa... lamento, mas eu realmente preciso ir. — Emilie fez um sinal apressado para o garçom, pedindo a conta.

— Desculpe, Emilie. Meu comentário foi vulgar — disse Sebastian imediatamente. — O que eu quis dizer é... que bom para você! Eu realmente não tive a intenção de insultá-la.

Um desejo de se afastar daquele homem e de suas perguntas insistentes rapidamente tomou conta dela. Emilie pegou sua bolsa, tirou alguns francos da carteira e os depositou sobre a mesa.

— Foi um prazer conhecê-lo — ela disse enquanto pegava Frou-Frou e afastava-se elegantemente da mesa. Desceu os degraus altos de pedra em direção a seu carro o mais rápido que conseguiu, sentindo-se ridiculamente abalada, a ponto de chorar.

— Emilie! Espere, por favor!

Sem dar atenção à voz, ela continuou descendo as escadas até que Sebastian a alcançou.

— Olhe — disse ele, ofegante. — Peço desculpas se a ofendi. Acho que faço isso mais vezes do que deveria... — Sebastian continuou a acompanhá-la enquanto ela andava.

— Se lhe servir de consolo, eu também nasci em uma família com raízes históricas. Incluindo uma mansão caindo aos pedaços em Yorkshire que eu gostaria de reformar, mas não tenho recursos para bancar a obra.

Eles chegaram ao carro, e Emilie não tinha escolha a não ser permanecer imóvel.

— Por que não a vende, então? — ela perguntou.

— Porque faz parte da história de minha família e... — ele deu de ombros. — A questão é complicada. De qualquer modo, não quero lhe contar uma história triste, estou apenas tentando explicar que eu sei como é ser definido pelo seu passado. Acontece comigo também.

Emilie continuou em silêncio, procurando as chaves do carro em sua bolsa.

— Não estou tentando competir com você — prosseguiu Sebastian —, mas sei como se sente.

— Obrigada — ela disse, quando encontrou as chaves. — Preciso ir agora.

— Estou perdoado?

Ela se virou e o encarou, incomodada por sentir-se tão abalada, mas ainda incapaz de controlar seus sentimentos.

— Eu só... — ela olhou em direção à paisagem verdejante à sua frente, tentando encontrar as palavras para explicar. — Só queria ser julgada por quem eu realmente sou.

— Eu entendo, completamente. Olhe, não vou mais incomodá-la. Mas foi um prazer conhecê-la. — Sebastian estendeu a mão. — Boa sorte com tudo.

— Obrigada. Adeus.

Emilie abriu o carro e colocou uma Frou-Frou irritada no assento do passageiro. Ela embarcou, deu a partida no motor e dirigiu lentamente pela estrada que descia a colina, tentando entender por que havia reagido de forma tão violenta. Talvez, acostumada ao protocolo francês formal para um primeiro encontro, deixou que a franqueza de Sebastian a assustasse. Emilie repetia a si mesma que ele simplesmente havia tentado ser amistoso. Era *ela* que tinha problemas. Sebastian tocou no assunto que ela considerava mais sensível e ela reagiu de acordo. Emilie o observou caminhando pela colina alguns metros à sua frente, sentindo-se culpada e constrangida.

Já tinha trinta anos, repreendeu-se Emilie. A propriedade dos De la Martinières era sua e ela podia fazer o que quisesse com aquilo. Talvez fosse hora de começar a se comportar como adulta, não como uma criança temperamental. Enquanto se aproximava com o carro de

Sebastian, respirando fundo, ela abriu o vidro da janela.

— Já que você veio até aqui para ver o *château*, Sebastian, seria uma pena se não conseguisse satisfazer sua curiosidade. Por que não entra no carro e deixa que eu o leve até lá?

— Tem certeza... — a expressão de Sebastian refletia a surpresa em sua voz. — Digo, é claro que eu adoraria ver a propriedade, especialmente com alguém que conhece a casa intimamente.

— Então entre, por favor. — Ela se inclinou e destrancou a porta do passageiro para ele.

— Obrigado — ele disse, fechando-a após entrar, e eles desceram pela colina. — Me sinto horrível por deixá-la irritada. Tem certeza de que estou perdoado?

Ela suspirou.

— Sebastian, o problema não é você, sou eu. Qualquer menção a minha família nesse contexto é o que eu acho que os psicólogos chamariam de “gatilho”. E eu preciso aprender a lidar com isso.

— Bem, temos vários desses gatilhos, especialmente quando tivemos parentes poderosos e bem-sucedidos que se foram antes de nós.

— Minha mãe certamente tinha uma personalidade forte — concordou Emilie. — Há um vazio na vida de muitas pessoas agora que ela se foi. Como você disse, é uma responsabilidade imensa. E eu sempre soube que não poderia agir como ela.

Emilie começou a perceber que as duas taças de vinho do almoço haviam soltado sua língua. De repente, ela não se sentia mais constrangida por compartilhar aquilo tudo com ele. O que contava a emocionava e a enervava ao mesmo tempo.

— Bem, eu dificilmente poderia dizer o mesmo de minha mãe, ou “Victoria”, como ela insistia que a chamássemos — disse Sebastian. — Não consigo nem mesmo me lembrar dela. Ela deu à luz a mim e ao meu irmão em uma comunidade *hippie* nos Estados Unidos. Quando eu tinha três anos e o meu irmão tinha dois, ela nos levou à Inglaterra e nos largou com meus avós em Yorkshire. Algumas semanas depois, partiu novamente, nos deixando para trás. E nunca mais tivemos notícia dela.

— Oh, Sebastian! — respondeu Emilie, chocada. — Você não sabe nem mesmo se sua mãe está viva?

— Não — ele confirmou. — Mas nossa avó fez de tudo para compensar a ausência dela. Como éramos muito jovens quando fomos deixados com ela, Constance *foi* praticamente a nossa mãe. E, honestamente, posso dizer que, se minha mãe estivesse em uma sala lotada, bem na minha frente, eu não seria capaz de identificá-la.

— Foi muita sorte ter a sua avó por perto, mas, mesmo assim, é muito triste — disse Emilie, demonstrando empatia. — E você não sabe nem mesmo quem é seu pai?

— Não. Ou se eu e meu irmão temos o mesmo pai. Nós certamente somos bem diferentes. De qualquer modo... — O olhar de Sebastian se perdeu na distância.

— Você conheceu seu avô? — ela perguntou.

— Ele morreu quando eu tinha cinco anos. Era um bom homem, mas foi destacado para o norte da África durante a guerra e os ferimentos que ele recebeu o deixaram fragilizado. Meus avós eram muito dedicados um ao outro. Assim, minha avó não perdeu somente seu adorado marido, mas sua filha também. Acho que ter a nós, seus netos, por perto, foi o que a ajudou a enfrentar a vida. Ela era uma mulher maravilhosa, capaz de construir um muro de pedras aos setenta e cinco anos, e perfeitamente saudável até umas semanas antes de adoecer. Não sei se existem mais pessoas como ela atualmente — ele filosofou, com um tom de tristeza tingindo sua voz. — Desculpe — disse logo em seguida. — Estou falando demais.

— Não se preocupe. É reconfortante saber que há outras pessoas que cresceram em circunstâncias difíceis — suspirou Emilie. — Às vezes, acho que ter um passado muito denso é pior que não ter nenhum passado.

— Concordo totalmente — Sebastian disse, assentindo antes de abrir um sorriso. — Minha nossa! Se alguém ouvisse nossa conversa, poderia pensar que somos duas crianças ricas e mimadas. Vamos encarar a realidade. Não estamos morando na rua, não é mesmo?

— Não. E com certeza quem ouvisse nossa conversa pensaria isso. Especialmente em relação a mim. E por que não deveriam? Eles não sabem o que existe debaixo da superfície. Veja, o *château* fica logo ali — ela disse, apontando.

Sebastian observou a construção elegante pintada num tom rosa claro, abrigada no vale que ficava abaixo de onde eles estavam, e soltou um assobio espontâneo.

— É lindo! Exatamente como minha avó a descreveu. É bem diferente da casa de nossa família nos charcos escuros de Yorkshire, embora a crueza do lugar faça com que Blackmoor Hall seja espetacular à sua maneira — ele acrescentou.

Emilie entrou no longo caminho que levava até o *château* e estacionou o carro na parte de trás da casa. Os dois desembarcaram em seguida.

— Tem certeza de que tem tempo para me mostrar o lugar? — Sebastian perguntou, olhando para ela. — Posso voltar outro dia.

— Não, está tudo bem — Emilie garantiu enquanto caminhava com Frou-Frou em direção ao *château* e Sebastian a seguia até o saguão e a cozinha.

Ela o levou pelos cômodos, um por um, observando-o enquanto ele fazia frequentes paradas, analisava as pinturas, a mobília e a grande coleção de objetos de arte que compunham o lugar, sem qualquer avaliação, sobre estantes, mesas e balcões. Ela o levou até uma sala de estar construída para receber diretamente o sol da manhã, e, imediatamente, Sebastian se aproximou de um dos quadros para examiná-lo.

— Esse me lembra de *Luxe, Calme et Volupté*, que Matisse pintou em 1904, quando estava em Saint-Tropez. O efeito de pontilhismo é parecido. — Sebastian deslizou os dedos sobre a pintura. — Embora esse quadro mostre apenas uma paisagem de pedras e mar, sem figuras humanas.

— Luxo, Paz e Prazer — Emilie repetiu em inglês. — Eu me lembro de quando meu pai leu o poema de Baudelaire para mim.

— Sim — disse Sebastian, virando-se com um olhar entusiasmado ao perceber que ela conhecia a obra. — Matisse usou “L’Invitation au voyage” como inspiração para a pintura. Agora ela está exposta no Museu Nacional de Arte Moderna, em Paris. — Ele voltou a concentrar a atenção na pintura. — Parece que não está assinada, a menos que o nome do autor esteja escondido sob a moldura. Mas pode ser que esse quadro tenha sido pintado como um ensaio para a pintura mais famosa, especialmente porque Matisse estava em Saint-Tropez na

época em que seu estilo era bem similar a esse. E Saint-Tropez fica bem perto daqui, não é mesmo?

— Meu pai conheceu Matisse em Paris. Aparentemente, ele costumava vir aos saraus que meu pai oferecia para a *intelligentsia* criativa da cidade. Sei que ele gostava muito de Matisse e falava dele com frequência, mas não sei se o pintor chegou a vir até o *château*.

— Bem, assim como vários outros artistas e escritores, Matisse passou os anos da Segunda Guerra Mundial aqui no sul, longe das zonas de perigo. Matisse é a minha paixão — Sebastian disse, quase tremendo de tanto entusiasmo. — Posso tirar o quadro da parede para ver se há alguma dedicatória no verso? Pinturas como essa frequentemente eram dadas de presente pelos artistas a benfeitores generosos. Pessoas como seu pai, talvez.

— Claro que pode!

Emilie ficou ao lado de Sebastian enquanto ele segurava cuidadosamente a moldura, levantando-a lentamente da parede, revelando que o papel de parede atrás do quadro estava mais escuro que a parte exposta. Virou a pintura para examinar o verso da tela com Emilie, mas não havia nada.

— Não se preocupe, não é o fim do mundo — Sebastian disse, em tom tranquilizador. — Se Matisse houvesse assinado a tela, provar que essa obra é dele seria simplesmente um processo menos complexo.

— Você realmente acha que ele a pintou?

— Com os detalhes que você descreveu e o pontilhismo característico com o qual Matisse estava fazendo experimentos no período em que pintou *Luxe, Calme et Volupté*, eu diria que há uma ótima chance de que este quadro seja uma de suas obras. Obviamente, teria que ser enviado a especialistas para passar por uma autenticação.

— E se realmente for um Matisse, quanto valeria?

— Como não há assinatura, não tenho experiência para lhe dizer com certeza. Matisse foi um pintor extremamente prolífico e teve uma vida muito longa. Você gostaria de vender o quadro?

— É mais uma coisa para colocar em minha lista de coisas a fazer — Emilie suspirou.

— Bem, eu tenho alguns contatos que conseguiriam estabelecer a autenticidade do quadro, mas seu contador provavelmente vai querer usar os próprios contatos dele — Sebastian disse, voltando a pendurar cuidadosamente o quadro no seu devido lugar. — Mesmo assim, obrigado por mostrá-lo a mim, assim como o resto deste belo *château*.

— Foi um prazer — Emilie disse, conduzindo-o para fora do cômodo. Ele coçou a cabeça enquanto os dois estavam no hall de entrada.

— Escute, eu me lembro claramente de ouvir minha avó mencionar a incrível coleção de livros raros que ela viu aqui certa vez. Essa coleção ainda existe?

— É claro. — Emilie percebeu que havia deixado passar a biblioteca durante o *tour* pela casa. — Fica deste lado. Vou lhe mostrar.

— Obrigado. Desde que você tenha tempo — ele emendou.

— Tenho, sim.

Sebastian ficou realmente pasmado ao entrar na biblioteca.

— Meu Deus — ele disse enquanto andava lentamente por entre as estantes. — Essa coleção é simplesmente incrível! Sabe-se lá quantos livros há aqui. Você sabe? Quinze mil? Vinte?

— Não faço ideia, de verdade.

— Estão catalogados? Em algum tipo de ordem?

— Estão na ordem que meu pai escolheu colocá-los, a mesma usada pelo pai dele. A coleção começou há mais de duzentos anos. As aquisições mais recentes estão catalogadas. — Emilie indicou os livros de registro sobre a escrivania de seu pai. Sebastian abriu um deles, virou as páginas e viu as centenas de anotações escritas com a caligrafia imaculada de Édouard.

— Sei que isso não é da minha conta, Emilie, mas essa coleção é realmente extraordinária. Estou percebendo, pelos registros, que seu pai comprou vários exemplares raros, especialmente as primeiras edições. Deve ser uma das melhores coleções de livros raros da França. Eles deveriam ser catalogados profissionalmente, num banco de dados.

Emilie sentou-se na poltrona de couro de seu pai, sentindo o peso daquela responsabilidade.

— Meu Deus, parece que surgem cada vez mais coisas a fazer. Estou percebendo que organizar as coisas dos meus pais vai ser um trabalho em tempo integral.

— Mas valerá a pena, tenho certeza — Sebastian disse, tentando estimulá-la.

— Mas eu tenho outra vida, uma vida da qual gosto muito. Uma vida tranquila e... — Emilie queria dizer “segura”, mas sabia que isso soaria estranho. Assim, completou a frase: — ... e organizada.

Sebastian se aproximou dela e se ajoelhou ao seu lado, apoiando o braço sobre a poltrona.

— Eu compreendo, Emilie. E, se quiser retornar a essa vida, tudo que precisa fazer é encontrar pessoas em quem confia para organizar tudo isso para você.

— Mas em quem eu posso confiar? — ela perguntou, falando com o vazio.

— Bem, você mencionou o contador de sua família — Sebastian sugeriu. — Talvez ele possa cuidar de tudo para você.

— Mas... — ela sentiu que as lágrimas começavam a se formar atrás de seus olhos. — Eu realmente tenho obrigações em relação à minha família e sua história, não é? Não posso simplesmente fugir de tudo isso.

— Emilie, tudo aconteceu há muito pouco tempo. É claro que você está se sentindo sobrecarregada. Sua mãe se foi há apenas duas semanas. Você ainda está em choque, ainda está em luto. Por que não dá a si mesma algum tempo para tomar as decisões certas? — ele disse, tocando-lhe as costas da mão antes de se levantar. — Preciso ir embora, mas você tem meu cartão. Não preciso dizer que seria um prazer ajudá-la com o que puder. Esse *château* é como um manjar dos deuses para mim. Especialmente as pinturas, é claro. De qualquer maneira, vou ficar em Gassin por mais algum tempo. Então, se decidir que gostaria que eu cuidasse do processo de autenticação do Matisse, é só ligar para o número do celular que está no cartão.

— Obrigada — disse Emilie, verificando se ainda estava com o cartão dele no bolso da calça.

— Eu também ficaria feliz em descobrir os melhores negociadores de livros raros e antiquários de mobília em Paris — Sebastian acrescentou. — Seja lá o que você decida fazer com o *château*, é bom e prudente saber o valor do que possui. Imagino que seus pais tenham algum tipo de seguro, não é?

— Não faço a menor ideia — ela disse, dando de ombros. Conhecia seu pai e duvidava que ele tivesse feito alguma apólice; guardou aquilo como algo importante para perguntar a Gerard. — Obrigada pelos conselhos — disse com gratidão enquanto se levantava. Deu um pequeno sorriso para Sebastian enquanto o levou pelas dependências da casa até o lugar onde deixou o carro. — Desculpe-me por estar um pouco... emotiva. Não sou assim. Talvez, em algum outro momento, possamos falar sobre o que sua avó lhe contava sobre meu pai durante a guerra.

— Eu gostaria muito. E, por favor, não se desculpe — acrescentou enquanto entravam no carro. — Você não está somente num estado de luto, também recebeu um fardo muito pesado.

— Vou encontrar uma maneira de lidar com isso — Emilie disse, dando a partida no motor e colocando o carro em movimento.

— Tenho certeza de que vai. Como eu disse, se houver algo que eu possa fazer para ajudar, sabe como entrar em contato comigo.

— Obrigada.

— A pousada onde estou hospedado fica logo ali, à esquerda — Sebastian disse, indicando uma curva. — Pode me deixar aqui, vou seguir o resto do caminho a pé. A tarde está muito bonita.

— Tudo bem — ela disse, parando o carro. — Mais uma vez, obrigada.

— Cuide-se, Emilie — ele disse, ao sair do carro. Em seguida, com um aceno, Sebastian seguiu pela estrada.

Emilie deu marcha à ré no carro e voltou ao *château*. Inquieta, andou sem destino por entre os cômodos, sentindo o vazio pungente da falta de presença humana.

Quando a noite caiu e a temperatura diminuiu, Emilie se refugiou na cozinha, comendo o *cassoulet* que Margaux deixara preparado para ela. Seu apetite havia desaparecido e Frou-

Frou se deliciou com as sobras.

Após o jantar, passou o ferrolho na porta dos fundos e girou a chave na fechadura. Subindo pelas escadas, encheu a antiga banheira de mármore com água morna. Entrou na banheira, pensando morbidamente em como seu corpo se encaixava perfeitamente nela, o que a tornava um protótipo perfeito para seu caixão. Terminado o banho, ela se enxugou com a toalha e fez algo que não era habitual: deixou-a cair ao chão em frente ao enorme espelho que havia no banheiro.

Com algum esforço, Emilie forçou-se a examinar seu corpo nu no espelho. Ela sempre o considerou como um equipamento abaixo das expectativas, como se o houvesse recebido aleatoriamente em uma loteria. Atarracada quando criança, chegou a engordar um pouco quando era adolescente. Apesar dos pedidos de sua mãe para que comesse menos e de forma mais saudável, por volta dos dezessete anos Emilie já havia desistido das intermináveis tentativas de seguir dietas baseadas em comer melões e pepinos. Cobriu seu corpo imperfeito com roupas largas e confortáveis, e deixou que a natureza seguisse seu próprio caminho.

Na mesma época, também se recusou a continuar a participar de festas criadas para apresentá-la à nata dos jovens rapazes e moças da sua idade. O evento, conhecido como *Le Rallye*, era organizado por mães para ter certeza de que os frutos de seus ventres encontrariam amigos adequados e possivelmente futuros parceiros da mesma classe social. A competição para fazer parte de um *rallye* da elite, para os adolescentes franceses mais antenados, era intensa. Valérie, com o sobrenome dos De la Martinières, podia atrair qualquer pessoa que quisesse para se tornar membro de seu próprio grupo. Ficou aflita quando Emilie anunciou que não participaria mais dos coquetéis em grandes festas particulares que formavam o coração do evento.

— Como se atreve a dar as costas àquilo que é seu direito de nascença? — Valérie perguntou, ultrajada.

— Eu odeio essas festas, mãe. Sou mais do que apenas um sobrenome e uma conta bancária. Desculpe, mas não quero isso para mim.

Enquanto Emilie se olhava no espelho, observando seus seios grandes, quadris arredondados e pernas torneadas, percebeu que provavelmente perdera peso durante as

últimas semanas. O que viu, mesmo com seu olhar crítico, a surpreendeu. Sua estrutura óssea nunca permitiria que ela tivesse uma silhueta esguia, mas, mesmo assim, ninguém, sob qualquer circunstância, a chamaria de gorda.

Antes que começasse a enxergar os defeitos, como inevitavelmente aconteceria, Emilie se afastou de seu reflexo, vestiu sua camisola e deitou-se na cama. Apagando a luz de cabeceira e deixando que o silêncio à sua volta enchesse seus ouvidos, ela se perguntava o que a havia levado àquela nudez tão pouco habitual.

Fazia seis anos desde que tivera o que poderia, com muito boa vontade, ser chamado de um namorado. Olivier, um atraente veterinário que fora contratado para trabalhar na clínica de Paris e não ficara lá mais do que algumas semanas. Ela não chegou a gostar dele, mas pelo menos tinha um corpo quente a seu lado à noite e alguém com quem conversar durante o jantar. Isso aliviou a solidão de sua existência. Emilie sabia que o desaparecimento de Olivier era resultado de sua falta de empenho na relação. Ela não sabia realmente do que o amor era feito, se era uma mistura de atração física, uma conexão entre mentes... uma *fascinação*, talvez. Mas ela sabia que nunca havia se apaixonado. Além disso, quem iria amá-la?

Naquela noite, Emilie ficou se revirando na cama. Sua mente estava a ponto de explodir com todas as decisões que deveria tomar e as responsabilidades das quais não podia se esquivar. Acima de tudo, seu sono foi perturbado pela imagem de Sebastian. Mesmo tendo ficado com ela por pouco tempo no *château*, sentiu que sua presença lhe trazia segurança. Ele parecia um homem capaz, íntegro e... era muito atraente. Quando Sebastian tocou em sua mão, ela nem se esquivou como normalmente fazia quando alguém invadia seu espaço pessoal.

Emilie repreendeu a si mesma. Devia estar muito triste e solitária para deixar que um homem que conheceu por acaso, e com quem conversou por pouco menos de duas horas, mexesse com ela dessa maneira. Além disso, por que diabos um homem aparentemente tão profissional e encantador, como Sebastian, prestaria atenção nela? Ele vivia num mundo totalmente diferente do seu e ela, provavelmente, nunca mais voltaria a vê-lo. A menos, é claro, que ela ligasse para ele e pedisse sua ajuda para avaliar o suposto Matisse...

Emilie balançou a cabeça negativamente, sabendo que nunca teria coragem de fazer aquilo.

Era uma estrada que não a levaria a lugar algum. Emilie decidira, há anos, que era melhor

viver a vida sozinha. Dessa maneira, ninguém poderia magoá-la ou decepcioná-la novamente.

E, com esse pensamento firmemente entrincheirado em sua mente, conseguiu adormecer.

CAPÍTULO 4



Devido à noite agitada, Emilie acordou tarde na manhã seguinte e, enquanto tomava café, escreveu uma lista interminável de coisas a fazer. Em seguida, pegou outra folha de papel e começou a anotar as perguntas que precisava fazer a si mesma. No início, tudo o que ela queria era vender ambas as casas o mais rápido possível, resolver as complexidades envolvidas com as propriedades e posses de sua família e retornar à vida segura em Paris. Mas agora...

Emilie coçou o nariz com o lápis e olhou ao redor da cozinha, como se precisasse de orientação. A casa de Paris seria vendida, o lugar não lhe trazia boas recordações. Entretanto, os acontecimentos dos últimos dias haviam alterado suas decisões sobre o *château*. A casa não era somente a rocha fundamental de sua família (fora construída pelo conde Louis de la Martinières em 1750), mas também tinha uma atmosfera que ela sempre adorou. O lugar a acalmava e a fazia se lembrar de dias felizes que passara ao lado do pai.

Deveria considerar a possibilidade de manter a casa?

Emilie se levantou e andou pela cozinha, remoendo essa ideia na cabeça. Não seria ridículo, ou até mesmo indecente, que uma mulher solteira mantivesse uma casa desse tamanho?

Obviamente, sua mãe não pensava assim, mas o grupo social no qual Valérie estava inserida era composto por um conjunto raro de pessoas. Emilie se recusara a fazer parte dele há anos e sabia como as pessoas comuns viviam. Mesmo assim, a ideia de poder morar em meio à paz e à tranquilidade a agradava cada vez mais. Depois de uma vida inteira sendo considerada uma estranha para sua própria família, ela sentia que finalmente havia chegado em sua casa, o que era, no mínimo, irônico. A vontade de permanecer no *château* era tão forte que chegava a surpreendê-la.

Emilie voltou a se sentar à mesa da cozinha e continuou a elaborar a lista de perguntas que

faria a Gerard. Se ela pudesse restaurar o *château* à sua antiga glória, não seria apenas em benefício próprio. A mansão também fazia parte do patrimônio histórico da França, não é? Ela estaria prestando um serviço à nação. Com esse pensamento reconfortante, ela pegou o telefone celular e digitou o número de Gerard.

Após uma longa conversa com o contador, Emilie voltou a olhar para as anotações que fizera. Gerard reiterou que haveria dinheiro de sobra para fazer uma reforma no *château*. A única coisa que ele fez questão de esclarecer foi que, embora houvesse dinheiro, não estava imediatamente disponível; qualquer coisa que ela desejasse fazer teria que ser financiada pelo que fosse vendido num futuro próximo.

Ele pareceu ter ficado abalado com aquela mudança tão repentina de planos.

— Emilie, certamente é louvável que você deseje manter o legado de sua família, mas restaurar uma casa desse tamanho envolve um esforço enorme. Eu diria até mesmo que é algo com que você vai se ocupar em tempo integral durante os próximos dois anos. E você terá que cuidar de tudo. Você está sozinha...

Emilie estava esperando o momento em que ele acrescentaria “e você é mulher” aos comentários, mas Gerard não o fez. O contador estava imaginando quanto do trabalho recairia sobre seus próprios ombros, pois, para ele, era óbvio que Emilie não teria condições de lidar com a situação. Irritada com aquela condescendência, mas sabendo que não lhe dera motivos para pensar de outra forma, Emilie tirou seu laptop da capa e o ligou. Em seguida, rindo consigo mesma por esperar encontrar um sinal de internet em uma casa cuja fiação fora instalada na década de 1940, ela pegou Frou-Frou e foi até a vila de Gassin. Subindo a colina íngreme, pediu a Damien, o amigoso proprietário do *Le Pescadou Brasserie*, se poderia usar a internet do estabelecimento.

— *Mademoiselle* De la Martinières, é claro que pode — ele disse, levando-a ao pequeno escritório nos fundos do restaurante. — Aceite minhas desculpas por não estar aqui para recebê-la, mas eu estava em Paris. Todas as pessoas da vila estão tristes pelo falecimento de sua mãe. Assim como sua família, a minha também está aqui há séculos. Pretende vender o *château* agora que ela se foi?

Emilie sabia que essa era a pergunta para a qual Damien queria respostas. Seu bar e

restaurante era o altar supremo das fofocas da vila.

— Ainda não sei. Tenho muitos assuntos para resolver.

— É claro. Espero que você não decida vender, mas, caso deseje, conheço vários investidores que estariam dispostos a pagar uma fortuna para transformar seu belo *château* num hotel. Muitas pessoas vieram me perguntar a respeito disso nos últimos anos.

Pela janela, Damien indicou o *château* ao longe, no fundo do vale, com seu telhado acinzentado de terracota brilhando sob a luz do sol.

— Como eu disse, Damien, ainda preciso decidir o que vou fazer — Emilie repetiu.

— Bem, *mademoiselle*, se precisar de qualquer coisa, é só nos telefonar. Gostávamos muito de seu pai. Ele era um bom homem. Depois da guerra, todos nós aqui na vila ficamos muito pobres e o conde nos ajudou a pressionar o governo para construir estradas até o alto dessa colina, e também a estimular os turistas que vinham até Saint-Tropez a nos visitar. Minha família abriu este restaurante na década de 1950 e a vila começou a prosperar. Seu pai também promoveu o plantio de vinhedos para produzir as uvas que fazem o maravilhoso vinho que produzimos aqui. — Damien gesticulou com os braços para indicar o vale coberto de vinhedos que ficava mais abaixo. — Quando eu era criança, tudo o que existia à nossa volta eram fazendas, campos de milho e vacas pastando. Agora o nosso *rosé* provençal é famoso no mundo inteiro.

— É reconfortante saber que meu pai ajudou a região que amava — respondeu Emilie.

— Os De la Martinières são parte de Gassin, *mademoiselle*. Espero que você decida continuar aqui conosco.

Damien continuou por perto, trazendo-lhe um jarro d'água, pão e um prato com queijos. Quando Emilie conseguiu conectar seu laptop à internet, Damien a deixou a sós. Ela verificou seus e-mails e, em seguida, pegou o cartão de Sebastian e verificou sua galeria na internet.

A “Arté” estava localizada em Fulham Road e negociava predominantemente pinturas modernas. Emilie ficou satisfeita ao perceber que o lugar existia. Decidiu-se e ligou para Sebastian. A ligação caiu na caixa postal e ela deixou seu telefone e uma mensagem curta, pedindo-lhe que entrasse em contato com ela para continuarem a conversa do dia anterior.

Quando terminou, Emilie agradeceu a Damien por deixar que ela usasse a internet e pelo almoço, e voltou ao *château*. Sentia-se energizada, mais motivada do que já estivera em vários anos. Não havia dúvida de que, se ela decidisse reformar a casa, teria que desistir de sua carreira veterinária em Paris e mudar-se para Provença para supervisionar o projeto. Talvez fosse exatamente o que ela precisava e, ironicamente, a última coisa que ela chegaria a cogitar dias atrás. Essa mudança traria um novo propósito para sua vida.

Entretanto, seu entusiasmo deu lugar ao medo conforme ela se aproximou da casa e viu que havia um carro de polícia estacionado em frente. Freando o carro rapidamente, Emilie pegou Frou-Frou, correu até o saguão e encontrou Margaux conversando com o policial.

— *Mademoiselle* Emilie. — Os olhos de Margaux estavam arregalados com o choque. — Acho que alguém entrou aqui. Cheguei ao *château* como de costume, às duas horas, e a porta da frente estava escancarada. Oh, *mademoiselle*, eu lamento tanto!

Com uma sensação de peso no estômago, Emilie percebeu que, entusiasmada com a decisão de reformar o *château*, ela não havia trancado a porta dos fundos antes de ir à vila.

— Margaux, você não tem culpa. Acho que deixei a porta dos fundos aberta. Alguma coisa foi levada? — Emilie pensava no quadro na sala de estar, que poderia ser valioso.

— Olhei cada um dos cômodos e não dei pela falta de nada. Mas talvez seja bom você dar uma olhada também — disse Margaux.

— Esse tipo de crime é cometido frequentemente por pessoas oportunistas — comentou o policial. — Há muitos ciganos que, ao perceberem uma casa que acreditam estar vazia, arrombam portas e entram no lugar, procurando por joias ou dinheiro.

— Bem, eles não encontrariam nada disso aqui — respondeu Emilie, mal-humorada.

— *Mademoiselle* Emilie, você está com a chave da porta da frente? — perguntou Margaux. — Parece haver desaparecido. Eu imaginei que você poderia tê-la guardado em algum lugar mais seguro, em vez de deixá-la enfiada na fechadura como normalmente fica.

— Não, não está comigo.

Emilie observou o buraco grande e vazio da fechadura, que parecia estar desnudo sem sua companheira enferrujada inserida ali. Ela piscou, tentando lembrar-se se a chave estava na

fechadura esta manhã. Mas não era o tipo de detalhe em que ela prestaria atenção antes de tomar café.

— Se a chave não for encontrada, é importante que vocês liguem para um chaveiro que possa substituí-la imediatamente — disse o policial. — Vocês não poderão trancar a porta, e é possível que os ladrões que a levaram estejam se preparando para retornar algum outro dia.

— Sim, é claro — disse Emilie, com a visão de um paraíso seguro evaporando rapidamente enquanto seu coração batia acelerado dentro do peito. Margaux olhou para o relógio.

— Com licença, *mademoiselle*, mas eu preciso voltar para casa. Anton está sozinho. Posso me retirar? — ela perguntou ao policial.

— Sim. Se eu precisar de mais informações, entrarei em contato com a senhora.

— Obrigada. — Margaux se virou para Emilie. — *Mademoiselle*, estou preocupada com você. Vai ficar aqui sozinha? Talvez fosse melhor se hospedar num hotel durante as próximas duas ou três noites. O que acha?

— Não se preocupe, Margaux. Vou ligar para um chaveiro, e posso trancar a porta do meu quarto quando for dormir.

— Bem, ligue para mim se precisar. E lembre-se de trancar a porta dos fundos de agora em diante — disse Margaux, com um aceno apressado, antes de correr para onde havia deixado sua bicicleta.

— Por favor, olhe os cômodos do *château*, caso sua governanta ou eu não tenhamos percebido a ausência de alguma coisa — disse o policial, tirando um bloco de notas do bolso da camisa e rabiscando um número de telefone. — Ligue-me se vir que algo foi roubado e nós levaremos a investigação adiante. Caso contrário — ele suspirou —, não há muito mais que eu possa fazer.

— Obrigada por vir até aqui — disse Emilie, sentindo-se culpada por sua estupidez. — Como eu disse, a culpa é minha.

— Sem problemas, mas sugiro que a senhora melhore a segurança deste lugar assim que puder. Além disso, como o *château* frequentemente fica vazio, invista num sistema de alarme.

O policial a cumprimentou com um aceno de cabeça e voltou ao seu carro pela porta da frente.

Assim que ele saiu, Emilie subiu as escadas para começar a verificar se nada fora levado. Na metade do caminho, ela percebeu um carro serpenteando pela via que dava acesso à casa e viu quando ele deu a volta e desapareceu por trás do quintal. Com o coração acelerado, Emilie correu até a cozinha para trancá-la contra invasores desconhecidos. Mas pelo vidro da janela viu o rosto de Sebastian. Emilie levantou o ferrolho da porta e a abriu.

— Olá — disse Sebastian, hesitante. — Tem certeza de que quer que eu entre?

— Sim. Desculpe, a casa foi invadida e eu não reconheci seu carro.

— Meu Deus, Emilie. Que horror! — ele disse, passando pela soleira da porta. — Levaram alguma coisa?

— Margaux acha que não, mas eu estava indo ao andar de cima para verificar.

— Quer que eu a ajude?

— Eu... — As pernas de Emilie repentinamente fraquejaram, e ela se deixou cair sobre uma das cadeiras da cozinha.

— Emilie, você está muito pálida. Olhe, antes que saia correndo pela casa, por que não deixa que eu lhe prepare a versão inglesa do “cura-tudo”: uma bela xícara de chá? Você teve um choque. Fique sentada aí onde está e acalme-se. Vou colocar uma chaleira no fogo.

— Obrigada — ela disse, sentindo-se trêmula e atordoada enquanto Frou-Frou gania pedindo colo. Ela trouxe a cadela para cima dos joelhos e a acariciou, sentindo que o movimento lhe reconfortava.

— Como conseguiram entrar?

— Imaginamos que entraram pela porta dos fundos, mas saíram pela porta da frente e a chave desapareceu — Emilie explicou. — Preciso encontrar um chaveiro para trocar o segredo da fechadura o mais rápido possível.

— Você tem uma lista telefônica? — Sebastian perguntou, colocando uma caneca sobre a mesa para Emilie. — Enquanto você toma o chá, eu posso telefonar para o chaveiro — ele

disse, tirando o telefone celular do bolso.

— Sim, está naquela gaveta ali. — Emilie indicou uma cômoda grande. — Obrigada, Sebastian, mas esse problema não é seu. Vou cuidar de tudo e... — Mas Sebastian já estava com a gaveta aberta, pegando a lista telefônica.

— Certo — ele disse após pesquisar os números por alguns minutos. — Há três chaveiros em Saint-Tropez e um em La Croix Valmer. Vou telefonar para eles e ver quem está disponível. — Ele pegou o telefone e ligou para o primeiro número. — Alô? Boa tarde. Estou ligando aqui do *Château* de la Martinières e gostaria de saber se...

Emilie não ouviu o restante da conversa. Simplesmente bebeu seu chá e deixou-se embalar pela sensação reconfortante de ter alguém cuidando do problema.

— Certo — Sebastian disse ao finalizar o telefonema. — Infelizmente o chaveiro não poderá vir até amanhã cedo, mas ele me disse que está acostumado a trocar fechaduras antigas aqui na região. — Sebastian olhou para ela. — Parece que você está um pouco mais corada. Antes que a luz do dia desapareça, está disposta a verificar a casa para ver se nada foi levado? É importante fazer isso. Posso acompanhá-la se quiser.

— Sebastian, tem certeza de que não tem outras coisas para fazer? Não quero atrapalhar seus afazeres.

— Não seja boba! Um cavalheiro inglês nunca abandona uma dama em perigo. — Ele ofereceu a mão para ajudá-la a se levantar da cadeira. — Vamos acabar logo com isso.

— Obrigada. Estou preocupada com a possibilidade de que eles ainda estejam aqui dentro, escondidos em algum lugar. — Emilie mordeu o lábio inferior. — Margaux não viu os invasores saírem.

Todos os cômodos estavam como Emilie se lembrava e, embora fosse impossível ter certeza de que absolutamente nada fora levado, devido à falta de familiaridade dela com os detalhes da casa, ela voltou ao saguão com Sebastian sentindo-se mais segura.

— Bem, toda a casa foi verificada — ele confirmou. — Existe algum outro lugar que possa servir como esconderijo?

— A adega no porão, talvez. Mas nunca desci até lá — admitiu Emilie.

— Seria importante verificá-la — ele sugeriu. — Sabe onde fica a entrada?

— Acho que a porta fica no vestíbulo logo ao lado da cozinha.

— Bem, vamos até lá dar uma olhada.

— Você acha mesmo necessário? — Emilie disse, relutante. Lugares escuros e fechados lhe davam muito medo.

— Prefere que eu desça sozinho?

— Não, você tem razão. Eu mesma deveria verificar o porão.

— Não se preocupe, eu a manterei a salvo — disse isso com um sorriso enquanto se dirigiam ao vestíbulo. — É esta porta aqui?

— Sim, acho que sim.

Sebastian abriu os ferrolhos enferrujados e girou a chave com dificuldade.

— Essa porta está fechada há anos. Duvido que haja alguém escondido aqui embaixo.

Arrastando a porta até abri-la, ele procurou por um interruptor e encontrou um cordão tosco e maltratado pendurado acima de sua cabeça. Ao puxá-lo, uma luz vacilante acendeu mais abaixo.

— Certo, vou na frente.

Descendo os degraus cuidadosamente atrás de Sebastian, Emilie o seguiu em direção a um cômodo frio e com o teto baixo. O ar do lugar estava estagnado e cheirava a mofo.

— Uau! — exclamou Sebastian ao perceber as fileiras de estantes de vinho, cheias até o topo com garrafas empoeiradas. Retirando do nicho, ao acaso, uma garrafa, ele tirou o pó do rótulo e leu: — *Château Lafite Rothschild 1949*. Não sou especialista em vinhos, mas este lugar pode ser o paraíso dos apreciadores da bebida. Por outro lado... — ele deu de ombros enquanto recolocava a garrafa em seu devido lugar — ... pode ser que nenhum deles esteja em condições de ser bebido.

Os dois andaram pela adega, pegando garrafas e as inspecionando.

— Não encontrei nenhuma garrafa datada de 1969 ou algum ano posterior. E você? —

perguntou Sebastian. — Parece que ninguém se incomodou em acrescentar vinhos à coleção depois desse ano. Mas... espere um minuto!

Sebastian colocou as duas garrafas que segurava no chão e depois puxou outras quatro, agrupando-as no chão, formando um grupo de seis e depois doze. — Há alguma coisa atrás dessa estante. É uma porta, está vendo?

Emilie espiou por entre os nichos e viu o que ele estava indicando.

— Provavelmente leva a outra adega que ninguém mais usa — ela comentou, na esperança de voltar ao térreo do *château* o quanto antes.

— Sim, esse tipo de casa provavelmente teria vários porões. Arrá! — Sebastian exclamou, removendo a última garrafa e segurando na madeira apodrecida da estante de vinhos, trazendo-a para o centro da adega. — Eu sabia que era uma porta!

Ele afastou as teias de aranha da tranca e experimentou a maçaneta. Conseguiu abrir a porta com certo esforço, pois a madeira não mais se encaixava perfeitamente no batente para o qual fora construída, retorcendo-se e inchando em meio àquela atmosfera úmida.

— Eu... — Emilie ficou nervosa com a possibilidade de avançar. — Esse lugar provavelmente está vazio.

— Bem, vamos dar uma olhada — Sebastian disse, usando toda a sua força para arrastar a porta até que ela se abrisse por completo. Suas mãos tatearam novamente as paredes em busca de um interruptor, mas não conseguiu encontrar nada.

— Espere aqui um momento — ele disse para Emilie enquanto entrava na escuridão. — Parece que há uma luz natural vindo de algum lugar... — Sebastian desapareceu completamente em meio ao breu. — Sim, há uma pequena janela aqui... ai! Desculpe, bati minha canela em alguma coisa — ele disse, voltando a aparecer na entrada. — Você sabe onde poderia haver uma lanterna?

— Posso dar uma olhada na cozinha. — Emilie se virou e foi em direção à escada, grata por encontrar uma desculpa para escapar.

— Se não conseguir encontrar uma lanterna, traga uma vela ou duas — ele disse.

A lanterna que Emilie encontrou estava inconvenientemente sem pilhas. Assim, ela pegou uma velha caixa de velas e alguns fósforos que estavam na despensa, respirou fundo e voltou à adega.

— Aqui estão — ela disse. Sebastian pegou duas velas que estavam na caixa e as segurou enquanto Emilie as acendia. Entregou uma a ela e depois voltou a entrar, enquanto Emilie o seguia, vacilante.

Os dois estavam no centro daquela pequena sala, lançando o brilho bruxuleante das velas à sua volta. Nenhum deles falou nada enquanto observavam a cena à sua frente.

— Corrija-me se eu estiver imaginando coisas, mas tenho a impressão de que aqui era o quarto que alguém ocupou durante algum tempo — Sebastian disse, após uns minutos. — A cama ali, com uma mesa de cabeceira, a cadeira perto da janela, colocada para aproveitar a pouca luz que entrava, a cômoda... — Ele aproximou a vela. — Ainda há um cobertor sobre o colchão.

— Sim — concordou Emilie enquanto seus olhos se ajustavam à pouca luz — e um colchonete no chão. Mas quem morou aqui?

— Um empregado, talvez? — Sebastian sugeriu.

— Nossos empregados tinham quartos no sótão, no andar de cima. Minha família não seria cruel a ponto de colocar seus funcionários num quarto como este.

— Não, é claro que não — Sebastian disse, devidamente repreendido. — Olhe, há outra porta pequena daquele lado. — Ele foi até a porta e a abriu. — Acho que era um lavatório. Há uma torneira na parede e uma grande pia esmaltada no chão, logo abaixo. Este lugar definitivamente foi usado por alguém, mas quem? — Ele se aproximou de Emilie, com os olhos iluminados pelo interesse. — Vamos voltar para a cozinha, nos servir de uma taça de vinho de uma das garrafas que estão na adega e considerar as possibilidades.

CAPÍTULO 5



De volta à cozinha, Emilie repentinamente começou a tremer, sem saber se a causa para os tremores era o frio do porão ou o choque pela invasão da casa.

— Corra para cima e pegue uma blusa. Vou tentar acender o fogo. Fez frio a noite passada — Sebastian comentou. — Está ouvindo o barulho do vento lá fora?

— Sim, é o Mistral — ela reconheceu. — A temperatura sempre cai, mas não acho que temos lenha para acender a lareira.

— O quê? Numa casa cercada por árvores? É claro que temos — ele disse, piscando o olho. — Eu volto logo.

Em seu quarto, Emilie pegou um cardigã, tirou um dos cobertores que estava sobre sua cama e passou em cada um dos cômodos para se certificar de que todas as janelas estavam fechadas e trancadas, pois o vento soprava cada vez mais forte. Vários residentes da área temiam o Mistral, que soprava com uma força inclemente pelo vale do Ródano e surgia sem avisar. Havia lendas populares que falavam todo tipo de coisa sobre seus poderes, desde o anúncio de feitiçaria até a influência sobre o ritmo hormonal feminino e o comportamento dos animais. Mesmo assim, Emilie sempre admirou sua força e majestade, além do frescor que deixava no ar quando terminava de soprar.

Sebastian surgiu dez minutos depois na cozinha empurrando um carrinho de mão cheio de galhos quebrados que juntara no jardim e algumas toras de lenha antigas que encontrou num pequeno depósito de ferramentas.

— Está tudo aqui, podemos começar. Mostre-me qual lareira eu devo acender.

Emilie o levou para a sala de estar e, depois de pouco tempo, a lareira estava iluminada pelas chamas.

— Esta lareira é fantástica — Sebastian disse em tom de aprovação, esfregando as mãos

nas calças. — Eles sabiam como construir uma boa chaminé antigamente.

— Eu não saberia nem começar a acender o fogo — Emilie admitiu. — Eram os empregados que acendiam as lareiras em nossas casas e eu não tenho uma dessas no meu apartamento.

— Bem, minha princesa, lareiras são parte do dia a dia no lugar de onde eu venho — Sebastian disse, sorrindo. — Agora, vou abrir aquela garrafa de vinho que trouxemos da adega e ver se está em condições de ser bebida. Se você não se importar, vou dar uma olhada na cozinha para ver se há alguma coisa para comer. Não comi nada o dia inteiro e tenho certeza de que você também gostaria de colocar alguma coisa em seu estômago.

— Oh, mas... — Emilie fez menção de se levantar, mas Sebastian a empurrou gentilmente de volta para o sofá.

— Não, fique aqui e se aqueça. Eu vou ver o que consigo encontrar.

Emilie se enrolou no cobertor e ficou olhando fixamente para as chamas tremeluzentes, sentindo-se quente e reconfortada. Nem mesmo na infância, quando recebia os cuidados de sua babá favorita, ela se lembrava de ser tão bem tratada. Encostou a cabeça sobre o forro antigo de seda adamascada que cobria o braço do sofá e fechou os olhos.

— Emilie! — Ela sentiu que alguém a chacoalhava gentilmente. — Hora de acordar, querida. — Ela abriu as pálpebras e viu que os olhos castanhos de Sebastian a observavam. — Já são quase nove da noite. Você está dormindo há quase duas horas. O jantar está servido.

Emilie se endireitou no sofá, sonolenta e um pouco constrangida.

— Sebastian, me desculpe.

— Não é preciso se desculpar. Você está exausta. Bem, eu trouxe nosso jantar aqui para cima porque está fazendo muito frio na cozinha. O Mistral estava soprando com força enquanto eu voltava do Spar. Delicie-se — ele disse, indicando o prato fumegante de espaguete à bolonhesa na mesa de centro que estava logo à frente de Emilie. — O cheiro do vinho que trouxemos da adega parece estar bom, vamos ver se é possível bebê-lo. — Sebastian levou a taça até a boca, tomou um pequeno gole e engoliu o líquido. Ele assentiu, com uma expressão de prazer no rosto. — Está espetacular! Espero não ter aberto algumas

centenas de francos em vinho tinto para acompanhar nosso espagete à bolonhesa.

— Há tantas garrafas lá embaixo que eu tenho certeza de que não há problema em beber uma — Emilie disse, estendendo a mão para pegar sua taça. — Sim, está delicioso. — Ela comeu uma porção do espagete e percebeu o quanto estava faminta. — É muito gentil de sua parte. E você cozinha bem!

— Não me gabo de minhas habilidades, mas sei juntar alguns ingredientes básicos. Bem, enquanto você dormia, pensei na melhor maneira de avaliar o possível Matisse. Liguei para um amigo na Sotheby's³ de Londres e ele recomendou um camarada de Paris. Se quiser ligar para ele amanhã, peguei o telefone. Pode ser que as coisas comecem a andar.

— Vou entrar em contato com ele, com certeza. Obrigada, Sebastian.

— Ele é um dos principais leiloeiros de Paris e foi muito bem recomendado pelo meu amigo. Preciso lhe confessar que adoraria estar presente quando ele vier observar o quadro, para saber se estou certo — Sebastian disse, sorrindo.

— É claro que você pode estar aqui. Quando vai voltar para a Inglaterra?

— No final da próxima semana. Assim, estarei disponível até essa data para ajudá-la se você precisar de minha ajuda. Você tem muitas coisas para resolver agora. No momento, sua prioridade é ter certeza de que você e esta casa estão seguras. Se quiser, posso conversar com o homem que virá amanhã para trocar a fechadura da porta da frente e perguntar se ele recomenda algum profissional na região que possa instalar um sistema de alarme aqui.

— Se fizer isso, vou adorar — ela disse, grata. — Eu nem saberia por onde começar.

— Ótimo — Sebastian disse, entre garfadas de espagete. — Agora, vamos falar sobre assuntos mais interessantes? Faz ideia do porquê daquele esconderijo secreto na adega?

— Não — Emilie disse, balançando a cabeça. — Acho que sei muito pouco a respeito da história de minha família.

— Estive pensando que aquele quarto pode ter sido usado como esconderijo durante a guerra. Meu Deus, apenas alguns minutos lá embaixo seriam o suficiente para enlouquecer alguém — Sebastian disse, erguendo as sobrancelhas. — Consegue imaginar como seria viver

ali por dias, semanas, ou até mesmo meses, sem sair?

— É mesmo — concordou Emilie. — Queria que meu pai ainda estivesse vivo para que eu pudesse lhe perguntar a respeito. É vergonhoso saber tão pouco sobre o passado. Talvez eu saiba mais a respeito com o inventário do *château*.

— Tenho certeza de que saberá.

Sebastian se levantou e começou a recolher os pratos vazios.

— Por favor, você já fez muito. Deixe que eu cuide disso — interveio Emilie. — Já está tarde e você precisa voltar para seu hotel.

— O quê? — Sebastian parecia estar horrorizado. — Honestamente, você acha que eu vou deixá-la aqui sozinha esta noite, com uma porta da frente que não pode ser trancada? Eu não conseguiria dormir. Não, Emilie. Permita que eu fique. Posso me acomodar aqui no sofá, em frente à lareira. Não me importo.

— Sebastian, vou ficar bem, pode ter certeza. Um raio raramente cai duas vezes no mesmo lugar, não é? Como eu disse ao policial, posso trancar a porta do meu quarto. E sinto que já lhe incomodei bastante. Por favor, volte para o hotel.

— Bem, se você não se sente confortável com a minha presença aqui, vou embora.

— Não é isso. Eu simplesmente me sinto culpada por tomar seu tempo — Emilie respondeu apressadamente. — Afinal, nós mal nos conhecemos.

— Por favor, não se sinta culpada. A cama na pousada onde estou hospedado é dura como uma tábua.

— Bem, se você não se importa mesmo, então, tudo bem. Obrigada — Emilie disse, rendendo-se. — E é claro que você vai ficar num dos quartos. Não faz sentido obrigá-lo a ficar lá embaixo.

— Certo — Sebastian disse, pegando um atizador afiado que estava ao lado da lareira. — E vou deixar isso ao lado da minha cama, caso algo aconteça.

Depois de lavarem e secarem a louça, Emilie trancou a porta dos fundos e guiou Sebastian pelo corredor que ficava no andar superior, levando-o a um dos quartos.

— Margaux sempre deixa este quarto arrumado para visitantes inesperados. Espero que você fique confortável — ela disse.

— Ah, acho que não terei problemas — comentou Sebastian em tom irônico enquanto observava o quarto espaçoso com sua bela mobília francesa em estilo antigo. — Obrigado, Emilie. Espero que você durma bem.

— Você também. Boa noite.

Sebastian deu um passo na direção dela. Instintivamente, Emilie fechou a porta do quarto antes que ele pudesse alcançá-la e saiu em disparada pelo corredor em direção ao seu quarto, trancando a porta com firmeza. Ela se deitou na cama, sentindo-se estranhamente sem fôlego.

Por que fizera aquilo? Sebastian provavelmente só desejava lhe dar um discreto beijo de boa-noite. Ela socou a cama, frustrada, nunca saberia o que ia acontecer.

Depois de uma noite conturbada, com cada terminação nervosa alerta ao fato de que Sebastian estava dormindo a poucos metros de distância, pois, de algum modo, aquilo lhe trazia uma sensação de intimidade, Emilie desceu para a cozinha na manhã seguinte para fazer café. Presumindo que ele ainda estava dormindo, ficou surpresa ao ouvir um carro se aproximando. Em seguida, ele apareceu na porta dos fundos.

— Bom dia — ele disse. — Fui até a padaria para buscar o café da manhã. Eu não sabia o que você queria, então trouxe baguetes, *croissants* e um pão de chocolate. Ah, e um pote da minha geleia francesa favorita — ele disse, colocando as compras sobre a mesa.

— Obrigada — Emilie disse, sentindo que estava usando aquela palavra repetidamente quando se dirigia a ele. — Preparei um café.

— Buscar pão fresco pela manhã, na verdade, é uma das coisas mais agradáveis de que uma pessoa pode desfrutar quando está na França. É uma tradição que desapareceu da Inglaterra há um bom tempo — ele comentou. — Ah, o chaveiro me telefonou e disse que estará aqui dentro de uma hora.

— Ai, me sinto uma idiota... — ela suspirou. — Tinha de ter trancado a porta dos fundos quando saí de casa ontem!

— Emilie — Sebastian disse gentilmente, pousando a mão sobre seu ombro. — Você está sob uma pressão enorme há duas semanas. O luto e o choque podem afetá-la em vários níveis. — E ele começou a mover mão para massageá-la. — Não seja tão dura com você mesma. Por sorte, não aconteceu nada grave. Veja isso como um aviso em relação ao futuro. Agora... o que vai querer para o café da manhã?

— Baguete, *croissant*... tanto faz.

Ela se afastou de Sebastian para servir o café e depois voltou à mesa, comendo silenciosamente e escutando enquanto Sebastian ligava para as várias empresas de alarmes que o chaveiro havia sugerido.

— Certo — ele disse, desligando o telefone e fazendo algumas anotações numa folha de papel. — Todos estão dizendo que podem instalar um sistema adequado para a casa, mas precisam vir e examinar o imóvel antes de fazer um orçamento. Quer agendar as visitas para amanhã? — ele perguntou.

— Sim, obrigada. — Emilie levantou os olhos repentinamente e perguntou: — Por que está me ajudando?

— Que pergunta estranha — Sebastian disse. — Acho que é porque eu gosto de você e percebo que está passando por um momento difícil. Além disso, tenho certeza de que é o mínimo que minha avó Constance esperaria que eu fizesse pela filha de seu amigo Édouard. Agora, você quer conversar com o leiloeiro de Paris que nos foi recomendado para avaliar o Matisse ou prefere que eu converse com ele?

Emilie estava enjoada, o café da manhã não havia caído bem.

— Talvez seja melhor você conversar com ele, pois falam a mesma língua.

— Tudo bem. Também vou sugerir que ele avalie os outros quadros do *château* enquanto estiver aqui. Não é má ideia ter duas ou três estimativas.

— Sim. E há a arte da casa de Paris, que também preciso mandar avaliar.

— Quando você retornará a Paris? — Sebastian perguntou.

— Em breve — ela suspirou. — Mas você tem razão. Enquanto eu estiver aqui, é melhor

fazer o máximo de coisas que puder. Se decidir manter o *château*, isso será apenas o começo.

— Você acha que vai ficar com a casa?

— Sim. Mas como fui capaz de esquecer a porta dos fundos destrancada, talvez seja uma estupidez considerar um projeto que seria um desafio para qualquer pessoa.

— Bem, saiba que ficarei feliz em ajudá-la no que puder — Sebastian disse.

— É muito gentil de sua parte, e eu lhe agradeço — Emilie disse. Frou-Frou gania na cozinha, implorando para que Emilie a deixasse sair. Ela se levantou e abriu a porta para a cadela. — Tenho certeza de que você está ocupado com outros assuntos, não é?

— Sim — ele concordou. — Mas como belas pinturas são a paixão da minha vida, não tenho exatamente uma vida muito difícil. Bem, o que pretende fazer em relação à biblioteca? Quer que eu procure um bom especialista em livros raros e peça para que ele venha aqui dar uma olhada na coleção?

— Não, obrigada — Emilie disse rapidamente, sentindo sua cabeça girar. — Não há urgência, pois nunca vou vender os livros. Preciso ligar para Gerard, o contador da família. Ele me enviou três mensagens ontem e ainda não as respondi.

— Enquanto você faz isso, vou voltar para a pousada para tomar um banho e trocar de roupa. Vejo você mais tarde. E não esqueça, o chaveiro vai chegar a qualquer instante.

— Obrigada, Sebastian.

Depois de mostrar a porta da frente ao chaveiro e deixá-lo trabalhando, Emilie telefonou para Gerard e lhe disse que tinha os assuntos do *château* sob controle. Marcou uma reunião com ele na semana seguinte na casa de seus pais, verificou o progresso do chaveiro e foi até a biblioteca, precisava encontrar a tranquilidade daquela atmosfera. Andando por entre as prateleiras, Emilie considerava em sua mente que encontrar um lugar para guardar aqueles milhares de livros seria uma tarefa hercúlea, caso ela decidisse vender ou reformar o *château*.

Ela percebeu que dois dos livros estavam com as lombadas desalinhadas em relação aos outros da mesma estante. Ambos falavam sobre o cultivo de árvores. Reinserindo-os

cuidadosamente na prateleira e alinhando-os com os outros, voltou à cozinha e ouviu o carro de Sebastian se aproximar. Ele entrou correndo pela porta dos fundos, com a respiração pesada.

— Emilie! Tentei lhe telefonar! — ele disse, passando a mão pelos cabelos. — Acabei de encontrar sua cadelinha deitada na beira da estrada. Ela está muito machucada e precisamos levá-la a um veterinário imediatamente. Eu a deixei no banco de trás do meu carro. Vamos, venha comigo.

Horrorizada, Emilie correu com Sebastian até o carro, embarcando ao lado de uma Frou-Frou ensanguentada e que respirava com dificuldade. Sebastian dirigiu velozmente até a clínica veterinária que ela indicou em La Croix Valmer, a apenas dez minutos do *château*. Lágrimas corriam pelo rosto de Emilie enquanto ela acariciava Frou-Frou, lívida, sobre seus joelhos.

— Eu a deixei sair hoje de manhã — disse soluçando. — Em seguida, o chaveiro chegou e eu me esqueci de colocá-la para dentro. Ela não costuma ir longe, mas talvez tenha seguido seu carro... e foi parar na estrada... ela não enxerga bem e não conseguiria ver nada ou ninguém se aproximando... Oh, meu Deus! Como eu pude me esquecer dela?

— Emilie, tente se acalmar. O veterinário pode conseguir salvá-la — Sebastian tentou reconfortá-la.

Uma rápida olhada para a expressão grave no rosto do veterinário foi o suficiente para dizer a Emilie aquilo que seu olhar profissional já sabia.

— Lamento muito, *mademoiselle*, mas ela sofreu lesões internas muito graves. Podemos tentar operá-la, mas ela está velha e muito fraca. Talvez seja melhor ajudarmos o animalzinho a falecer confortavelmente. Imagino que você faria esse tipo de sugestão a um cliente que estivesse na mesma situação, não é? — ele sugeriu, gentilmente.

— Sim — Emilie concordou com a cabeça, sentindo-se devastada. — É claro.

Vinte minutos depois, após se despedir de Frou-Frou com um último beijo enquanto o veterinário lhe aplicava uma injeção e seu corpo teve um último espasmo antes de se render, Emilie saiu da clínica trêmula, apoiada em Sebastian, sentindo-se a pior das pessoas.

— Minha mãe a adorava. Prometi que cuidaria dela e...

— Vamos, querida, vamos voltar para sua casa — Sebastian disse enquanto a levava para a saída.

Emilie sentou-se ao lado dele, catatônica, tomada pela emoção e pela culpa. Eles entraram pela porta da cozinha e ela se sentou à mesa, apoiando a cabeça em seus antebraços, aflita.

— Não consigo nem mesmo cuidar de um cachorro pequeno! Sou uma inútil, como minha mãe sempre dizia. Não consigo fazer nada direito, nada! E sou a última pessoa na linhagem de uma família tão nobre! Tantos heróis, incluindo o meu pai e... olhe para mim! Sou uma inútil!

Enquanto extravasava toda a dor da decepção de sua mãe, Emilie soluçava como uma criança, com a cabeça enterrada nas mãos em busca de algum conforto.

Quando conseguiu levantar os olhos, ela viu que Sebastian estava sentado silenciosamente à mesa, observando-a.

— Por favor, me perdoe! — ela exclamou, sentindo-se constrangida após a explosão em lágrimas. — Eu... sou um desastre. Sempre fui assim — disse, com a voz estrangulada.

Sebastian se levantou devagar, andou ao redor da mesa e se agachou, oferecendo um lenço para que ela limpasse o nariz que escorria.

— Emilie, garanto que a imagem que você tem de si mesma, que obviamente foi criada a partir do ponto de vista de sua mãe, não corresponde à realidade — disse sorrindo, enquanto afastava uma mecha dos cabelos de Emilie do rosto e a colocava por trás da orelha. — Pelo que eu vejo, mesmo que ainda não nos conheçamos muito bem, você é uma mulher corajosa, forte e inteligente. E diria até que você é bonita.

— Bonita! — Emilie olhou para ele, com escárnio nos olhos. — Olhe, Sebastian, eu agradeço por tentar fazer com que eu me sinta melhor, mas essas mentiras deslavadas me ofendem. Não sou bonita!

— Imagino que isso seja algo que sua mãe lhe disse, não é?

— Sim, mas é verdade — ela disse, irritada.

— Bem, perdoe-me por expressar minha opinião, mas é isso o que penso desde o dia em

que a vi pela primeira vez. E em relação a ser um fracasso... bem, nunca ouvi uma bobagem tão grande em minha vida. Pelo que vi, até aqui, você cuidou de coisas que deixariam outras pessoas totalmente desesperadas com uma força incrível. E fez tudo isso virtualmente sozinha. Emilie, escute o que eu lhe digo — Sebastian lhe pediu. — Seja lá qual era a opinião que sua mãe tinha a seu respeito, você realmente não deve enxergar a si mesma através dos olhos dela. Ela estava errada, querida. Muito errada. Agora que ela se foi, chegou sua vez de se ver como é. Ela não pode mais magoar você, nunca mais poderá. Venha comigo. — Sebastian se aproximou e a envolveu em seus braços. Abraçou-a com força contra seu corpo e ela continuou a soluçar nos ombros dele. — Garanto que tudo vai ficar bem. E estarei aqui se você precisar de mim.

Ela levantou os olhos.

— Mas você mal me conhece! Como pode dizer uma coisa dessas?

— Bem, acho que os últimos dois dias foram bastante dramáticos — Sebastian disse, rindo. — E tenho certeza de que, se eu a encontrasse em Paris e saíssemos para jantar algumas vezes, não teria condições de dar minha opinião. Mas a adversidade, às vezes, pode trazer recompensas positivas. Barreiras que normalmente levam semanas para ser superadas são quebradas com uma rapidez muito maior. E eu acho que consigo entendê-la. E gostaria de passar mais tempo em sua companhia, se você me permitir. — Ele colocou a mão sob o queixo de Emilie, levantando o rosto dela para que ela o olhasse nos olhos. — Emilie, sei que tudo está acontecendo rápido demais e que você está assustada e insegura. A última coisa que eu desejo fazer é pressioná-la. E não vou fazer isso, prometo. Mas sabe, bem agora, neste exato momento, gostaria de beijá-la.

Emilie o encarou e sorriu.

— Beijar? *Me beijar?*

— Sim. É tão estranho assim? — Sebastian disse, com uma expressão levemente irônica que refletia a que Emilie tinha no rosto. — Mas não se preocupe, não vou agarrar você. Só queria ser sincero.

— Obrigada — Emilie disse, olhando fixamente para ele, até tomar sua própria decisão. Ela inclinou a cabeça para frente e tocou os lábios de Sebastian com os seus, hesitante. —

Obrigada, Sebastian, por tudo. Você foi tão gentil, eu...

Ele tomou o rosto de Emilie nas mãos e retribuiu o beijo, mas, repentinamente, se afastou, observando a si mesmo.

— Por favor, diga-me se está se sentindo à vontade — ele disse, enlaçando os dedos dela por entre os seus. — Não quero que você pense que estou me aproveitando de você. Você está confusa e tenho certeza de que não sabe exatamente o que pode estar sentindo, e...

— Sebastian, está tudo bem. — Emilie sentia que era a sua vez de reconfortá-lo. — Sei exatamente o que estou fazendo. Sou uma garota crescida, como você disse. Por isso, não se preocupe.

— Bem, se você diz, então não vou me preocupar — ele respondeu, feliz.

Quando Sebastian a envolveu novamente nos braços, Emilie sentiu que sua dor estava sendo afastada lentamente pelo carinho dele. E se entregou por completo.

CAPÍTULO 6



PARIS, JANEIRO DE 1999 — NOVE MESES DEPOIS

Emilie estava sentada no fundo da sala de leilões observando o burburinho de mulheres parisienses naturalmente elegantes levantando mãos delicadas e bem cuidadas enquanto davam lances por um belo colar de diamantes canário, junto com os brincos que completavam o conjunto. Ela olhou para o catálogo em cuja margem havia rabiscado valores e percebeu que, de acordo com seus cálculos, a venda já havia angariado quase doze milhões de francos.

No decorrer das semanas seguintes, com exceção de alguns poucos quadros e peças de mobília que havia decidido manter para enviar posteriormente ao *château*, todo o conteúdo da casa de Paris também seria leiloado. A própria casa já fora vendida e seus novos residentes não demorariam a se instalar nela.

Ela sentiu uma leve pressão na mão esquerda e se virou.

— Está tudo bem? — Sebastian sussurrou.

Ela confirmou com um aceno de cabeça, grata por seu apoio enquanto observava a preciosa coleção de joias de sua mãe ser leiloadas. O dinheiro resultante da venda financiaria uma enorme parcela das dívidas que Valérie havia contraído, deixando Emilie com os fundos da venda da casa de Paris para finalmente começar as reformas no *château*. E a autenticidade do Matisse fora confirmada, graças à ajuda de Sebastian. Ele encontrou um colecionador particular para o quadro e entregou orgulhosamente a ela um cheque no valor de cinco milhões de francos.

— É uma pena que Matisse não tenha assinado a tela. O quadro valeria o triplo desse valor — ele suspirou.

Emilie observou Sebastian de soslaio, que acompanhava a sequência febril de lances pelo colar e pelos brincos com um forte interesse. Ela frequentemente se apanhava observando

Sebastian, maravilhada e impressionada por ele haver entrado em sua vida e a transformado de maneira irrevogável.

Ele a salvou. Tudo estava diferente agora, parecia que havia acordado de um sonho longo e doloroso, e saído para caminhar sob o sol. Embora relutasse em acreditar nos sentimentos dele durante as primeiras semanas, temendo que Sebastian desaparecesse a qualquer momento e a abandonasse, o carinho estoico que ele demonstrava acabou por derrubar todas as barreiras. E agora, nove meses depois, ela se deixava cercar pelo amor que sentia por ele, florescendo como uma flor seca que repentinamente recebeu água. Ela não se olhava mais no espelho e via um reflexo cheio de incertezas e decepções, agora via que seus olhos brilhavam e sua pele reluzia com uma nova luminescência. Havia até mesmo alguns dias em que Emilie se achava bonita.

E não era apenas isso. Sebastian havia sido maravilhoso ao ajudá-la na enorme tarefa de organizar o inventário da família De la Martinières. Embora passassem boa parte do tempo longe um do outro, com as viagens que Sebastian tinha que fazer entre a França e sua empresa na Inglaterra, ele vinha visitá-la sempre que podia para ajudá-la no processo de avaliação, posteriormente para esvaziar a casa de Paris, e também ajudou-a a lidar com os engenheiros, arquitetos e construtores que vinham ao *château*, além de ter feito uma lista com os materiais necessários para restaurá-lo.

Emilie sabia que estava confiando cada vez mais em Sebastian, não apenas emocionalmente, mas também em termos do labirinto financeiro com o qual tinha que lidar. Não que ela fosse incapaz de lidar com a interminável papelada enviada por Gerard e com suas sugestões sobre como investir o dinheiro quando ele se materializasse. A questão era que, assim como seu pai, ela simplesmente não estava interessada nesses pormenores. Desde que tivesse o bastante para completar as reformas do *château* e alguma reserva futura com a qual pudesse se sustentar, a maneira e os investimentos nos quais seu dinheiro eram aplicados eram irrelevantes. Emilie estava feliz demais para se importar.

Quando ouviu que os lances passavam de um milhão e duzentos mil francos, que era o que se esperava pelo colar e os brincos, Emilie jurou para si mesma que, quando a casa de Paris estivesse fora de suas mãos, ela se sentaria e analisaria os detalhes financeiros com Sebastian. Sabia que era importante continuar no controle, mas Sebastian tinha uma habilidade muito

maior do que a dela para cuidar desse tipo de coisa. E havia aprendido a confiar nele sem fazer muitas perguntas. Até agora, ele não a havia decepcionado.

O martelo bateu no tampo da mesa do leiloeiro. Sebastian sorriu para ela.

— Uau! Três mil francos a mais do que esperávamos. Parabéns, querida — ele disse, beijando-a carinhosamente no rosto.

— Obrigada.

Em seguida, ela viu o leiloeiro mostrar um cordão simples de pérolas cor de creme, acompanhado por um par de brincos no mesmo estilo que completavam o conjunto, e sentiu um repentino gosto de bile lhe subir à garganta. Ela baixou a cabeça, incapaz de continuar assistindo ao leilão. Sebastian percebeu imediatamente.

— O que foi?

— Minha mãe usou aquelas pérolas quase todos os dias de sua vida. Eu... com licença.

Emilie se levantou e foi para a saída. Em seguida, começou a procurar por um lavabo. Sentando-se sobre a tampa fechada do vaso sanitário, ela apoiou a cabeça sobre as mãos, sentindo-se tonta e enjoada, e surpresa ao perceber que a imagem das pérolas lhe afetara tanto. Até agora, desfazer-se das posses de sua mãe não a havia tocado emocionalmente. Não houve lamentações, no máximo, uma sensação de alívio, agora que finalmente estava livre de seu passado.

Emilie voltou a olhar para a porta de carvalho entalhado do banheiro. Será que havia julgado sua mãe de maneira muito dura? Afinal de contas, Valérie nunca lhe aplicou qualquer castigo físico. O fato de se sentir irrelevante em relação ao mundo de sua mãe, quase um apêndice, na melhor das hipóteses, e nunca uma preocupação central, não significava que Valérie era uma pessoa intrinsecamente ruim. Valérie era o centro do mundo de Valérie, e simplesmente não havia espaço para mais ninguém.

E... Emilie suspirou. Quando estava muito doente e aquela coisa horrível lhe aconteceu, aos treze anos, não foi motivada por crueldade. Tudo ocorreu simplesmente porque sua mãe, mais uma vez, não conseguiu perceber o que estava acontecendo.

Ela se levantou, deixou a cabine e jogou água no rosto.

— Ela fez o melhor que podia. Você tem que perdoá-la — Emilie disse a seu reflexo no espelho. — Você tem que seguir seu próprio caminho e deixar o passado para trás.

Respirando fundo algumas vezes, Emilie deixou o banheiro e encontrou Sebastian esperando por ela do lado de fora, no corredor.

— Você está bem? — ele perguntou, ansiosamente, tomando-a em seus braços.

— Sim. Senti um pouco de tontura, mas estou melhor agora.

— Querida, observar os abutres brigando pelos restos da vida de sua mãe seria o bastante para irritar qualquer pessoa — ele disse, indicando a sala de leilões. — Quer que eu a leve para almoçar? Não precisa ficar aqui e se chatear.

— Sim, boa ideia — Emilie respondeu, grata pela oportunidade de escapar dali.

Um vento forte, típico do mês de janeiro, soprava enquanto Sebastian a levava a um restaurante que dizia conhecer.

— O lugar não é muito refinado, mas o *bouillabaisse*⁴ deles é excelente, especialmente num dia frio como o de hoje.

Os dois se sentaram ao redor de uma mesa rústica. Emilie sentia o frio lhe congelar os ossos, mas aproveitou o calor do fogo que queimava em uma lareira próxima. Sebastian pediu o ensopado de peixe e tomou as mãos de Emilie nas suas, esfregando-as para aquecê-las.

— A boa notícia é que esse processo está quase chegando ao fim e, se tudo der certo, você pode começar a se concentrar no futuro, não mais no passado.

— Não conseguiria fazer tudo isso sem a sua ajuda, Sebastian. Obrigada, muito obrigada por tudo.

Os olhos de Emilie brilhavam com as lágrimas.

— É um prazer para mim — ele disse, firmemente. — E talvez este seja um bom momento para começarmos a falar sobre o *nosso* futuro.

Com aquelas palavras, o coração de Emilie começou a bater mais forte no peito. Estava tão ocupada organizando o passado que ela simplesmente vivia o presente encarando um dia após o outro. Além disso, ela mal havia ousado projetar seu futuro, sem qualquer ideia sobre

como Sebastian via o progresso do relacionamento e sentindo-se insegura demais para perguntar. Em silêncio, ela esperou que ele continuasse.

— Você sabe que a minha empresa fica na Inglaterra, Emilie. E, nos últimos meses, enquanto estava lá, fiz tudo o que foi possível para administrá-la da melhor maneira, mas admito que não tenho dado tanta atenção ao meu negócio quanto deveria.

— Oh, é minha culpa — Emilie interrompeu, sentindo-se responsável. — Você fez tantas coisas por mim e a sua empresa está sofrendo por conta disso.

— Bem, não é tão ruim — ele garantiu. — Mas eu preciso voltar a me concentrar na empresa, em termos de tempo, concentração e proximidade.

— Entendo... — ela disse, com a voz desaparecendo enquanto começava a absorver as entrelinhas do que Sebastian lhe dizia. Ele a ajudara durante um período muito difícil de sua vida. Será que achava que o pior já havia passado e agora ela não precisaria mais dele? O estômago de Emilie se revirou. Seus olhos provavelmente traíram todos os seus pensamentos, pois Sebastian pegou suas mãos e as beijou.

— Garota boba, eu sei o que você está pensando. Sim, eu tenho que voltar para a Inglaterra, especialmente nos próximos dias, mas não estou pensando em abandonar você.

— Então... no que está pensando?

— Na possibilidade de você vir comigo, Emilie.

— À Inglaterra?

— Sim, à Inglaterra. Você domina bem a língua inglesa, por falar nisso? Não faço ideia, sempre conversamos em francês — ele disse, abrindo um sorriso.

— É claro que sim — ela disse, com um movimento afirmativo de cabeça. — Minha mãe insistiu que eu aprendesse e tive alguns clientes ingleses na clínica de Paris.

— Ótimo, isso vai ajudar bastante. Bem, talvez você queira vir comigo, pelo menos por algum tempo. Seu apartamento de Paris pode ser alugado a alguém, e você pode viajar e experimentar as delícias da cerveja e do pudim de Yorkshire comigo.

— Mas o que vou fazer com o *château*? Preciso estar lá para supervisionar o trabalho, não

é?

— Bem, quando as reformas começarem, a casa se transformará num canteiro de obras. Vão trocar toda a fiação e os encanamentos do lugar, e será preciso reformar todo o telhado também. Você não vai poder viver lá enquanto o trabalho estiver sendo executado, especialmente nos meses de inverno. A casa simplesmente não estará habitável. Você pode ficar no seu apartamento de Paris e voar até Gassin, mas também pode pegar um avião que a leve até Nice no mesmo espaço de tempo, saindo de um aeroporto britânico. E isso significa que poderemos ficar juntos — ele disse, olhando-a nos olhos. — Se você quiser.

— Eu...

— Bem, por que não pensa um pouco a respeito? — Sebastian interrompeu. — Obviamente, de acordo com o meu ponto de vista, seria muito mais fácil tê-la na Inglaterra comigo em vez de voar para a França o tempo todo. Mas, realmente, Emilie, essa decisão cabe a você. E entenderei se você decidir continuar aqui na França.

— Mas... — Emilie não sabia exatamente como se expressar. Sebastian queria que ela se mudasse para a Inglaterra permanentemente? Ou somente até que a reforma do *château* terminasse?

— Emilie — Sebastian suspirou, observando-a. — Eu consigo ver o que você está pensando como se estivesse olhando através de um vidro. O que estou sugerindo não é somente focado na praticidade, mas também no aspecto emocional. Eu a amo. Quero ficar com você pelo resto da minha vida. O lugar e a maneira pela qual essa vida vai ocorrer são perguntas que podemos responder juntos no decorrer do tempo. Mas eu gostaria de lhe fazer mais uma pergunta...

Emilie olhava para Sebastian enquanto ele procurava algo dentro do bolso do paletó. Ele tirou uma pequena caixa, a abriu e lhe mostrou um pequeno anel de safira.

— Quero perguntar se você gostaria de se casar comigo.

— O quê?

— Por favor, não me olhe assim, tão horrorizada — Sebastian disse, revirando os olhos. — Este deve ser um momento romântico e você deveria responder de acordo.

— Desculpe. Estou chocada com o pedido, só isso. Não estava esperando — Emilie disse, com os olhos repentinamente se enchendo de lágrimas. — Tem certeza? — ela perguntou, observando-o.

— Sinceramente? — Sebastian suspirou. — É claro que tenho! Pedir a uma mulher que se case comigo e oferecer um anel a ela não é o tipo de coisa que faço todos os dias, sabia?

— Mas nós mal nos conhecemos.

— Emilie, nós vivemos praticamente grudados um no outro nos últimos nove meses. Trabalhamos, dormimos e comemos juntos. Mesmo assim... — os olhos de Sebastian assumiram uma expressão mais obscura — ... se você não tem certeza do que sente em relação a mim, vou entender.

— Não! Não... — Emilie tentava se recompor. — Sebastian, você é maravilhoso e eu... amo você. Se você realmente quer isso, então... sim.

— Tem certeza? — Sebastian ainda segurava o anel.

— Sim — Emilie respondeu.

— Então, eu sou um homem muito feliz — Sebastian disse, colocando o anel no dedo de Emilie.

Emilie examinou o anel.

— É lindo.

— Foi o anel de noivado de minha avó. Também o acho muito bonito, mas, sem dúvida, muito menos extravagante que as joias de que sua mãe gostava. E já que estamos falando nesse assunto, não me sentiria insultado se você quisesse manter o nome de sua família quando nos casarmos — ele acrescentou, tomando um gole de vinho. — Afinal, você é a última da linhagem dos De la Martinières.

Emilie nunca havia pensado naquilo.

— Eu não sei — ela disse, absorvendo a gravidade do que acabara de acontecer e percebendo lentamente que a sensação se transformava em alegria e prazer.

— É claro que não — Sebastian a reconfortou quando o ensopado de peixe chegava à

mesa. — Desculpe por bombardear você. Estou planejando isso há um bom tempo. Bem, tem alguma ideia de onde você gostaria que a cerimônia fosse realizada?

— Ainda não, mas gostaria que acontecesse na França, se não se importa. — E acrescentou rapidamente: — E prefiro que seja num lugar pequeno.

— Sabia que você diria isso. E tem preferência por alguma data?

Emilie deu de ombros.

— Na verdade, não. Você tem?

— Quanto mais cedo, melhor — Sebastian comentou. — Estava pensando que seria maravilhoso voltar à Inglaterra de braços dados com minha nova esposa. E, se você prefere que seja na França, num lugar tranquilo, que tal aqui mesmo em Paris, dentro de duas semanas?

Alguns dias depois, Emilie chegou ao *château* para supervisionar a transferência da mobília para um galpão onde ficaria armazenada. Após o casamento, e a mudança subsequente para Yorkshire, ela retornaria para organizar o envio dos livros da biblioteca para outros galpões de armazenamento antes que as reformas começassem. Sebastian viajara à Inglaterra para pegar sua certidão de nascimento para completar a documentação necessária para o casamento.

Ela conseguiu encontrar um inquilino disposto a alugar seu apartamento por seis meses e depois sentiu seus dentes rangendo ao telefonar para Leon, seu chefe na clínica veterinária, para dizer que não voltaria ao trabalho.

— Sentiremos muito sua falta aqui — Leon disse. — E seus pacientes também vão sentir sua falta. Se algum dia desejar voltar, é só entrar em contato. Boa sorte com o casamento e a nova vida na Inglaterra. Fico feliz por você ter encontrado a felicidade. Você a merece, Emilie.

Emilie sabia que os poucos amigos a quem contara sobre sua decisão de largar tudo e seguir seu coração até a Inglaterra ficaram surpresos.

— Você nunca tomou esse tipo de decisão de maneira tão rápida — comentou Sabrina, sua amiga dos tempos da universidade. — Espero que eu possa ir ao casamento, para que finalmente consiga conhecer o cavaleiro de armadura brilhante que vai levá-la embora.

— Não vamos convidar ninguém em particular. Seremos apenas eu, Sebastian e nossos padrinhos. Preferimos assim.

— Você é engraçada, Emilie — Sabrina suspirou, decepcionada. — Eu estava esperando uma festa enorme. Bem, mantenha contato e boa sorte.

Quando Emilie chegou ao *château*, Margaux estava lá para recebê-la na porta da frente, visivelmente consternada com os homens que levavam armários no estilo de Luís XIV e frágeis espelhos folheados a ouro para fora da casa.

— Pedi que tomassem cuidado, mas já danificaram um dos cantos de uma valiosa arca com gavetas — ela disse enquanto oferecia uma xícara de café a Emilie.

— Bem, alguma coisa vai mesmo quebrar — Emilie disse, dando de ombros. — Margaux, tenho algo a lhe dizer. — Sorrindo, ela estendeu a mão para mostrar o anel de noivado. — Vou me casar.

— Se casar? Com quem? — A surpresa tomou conta do rosto de Margaux.

— Com Sebastian, é claro.

— É claro — Margaux assentiu. — Mas, *mademioselle*, tudo aconteceu rápido demais. Você só o conhece há alguns meses. Tem certeza?

— Sim. Eu o amo, Margaux, e ele tem sido muito bom para mim.

— Tem sim — Margaux disse, aproximando-se de Emilie e beijando-a nas faces. — Estou muito feliz por você. Será muito bom ter alguém que possa cuidar de você.

— Obrigada.

— Agora, com sua licença. Tenho que cuidar de uma explosão de poeira que ocorreu no andar de cima conforme os móveis foram sendo levados para fora. Conversaremos mais tarde, *mademoiselle*.

Depois do almoço, percebendo que havia pouco que ela podia fazer para ajudar com o

processo de mudança e sentindo que preferia não testemunhar a operação, Emilie foi até a vinícola para conversar com Jean e Jacques e contar-lhes sobre seu casamento. Enquanto percorria a curta distância que separava o *château* da vinícola, ela sabia que também deveria garantir-lhes que não perderia o interesse pela cave ou pelo programa de reformas do *château* depois que começasse sua nova vida no outro país.

Jean insistiu em abrir uma garrafa de champanhe que um de seus amigos, um especialista em negociar vinhos, havia lhe dado.

— Eu precisava de uma desculpa para abri-la — ele disse, sorrindo enquanto entravam na sala de estar confortável, vendo que Jacques cochilava na poltrona em frente à lareira. — Pai, Emilie tem boas notícias! Ela vai se casar!

Jacques abriu um olho e olhou para Emilie, sonolento.

— Ouviu o que eu disse, pai? Emilie vai se casar. — Em voz baixa, Jean murmurou para Emilie: — Ele teve outro ataque de bronquite. Sempre tem isso quando o inverno chega.

— Sim — Jacques disse, abrindo o outro olho. — Com quem?

— Com o jovem inglês que conhecemos quando Emilie o trouxe aqui para o vinhedo. Seu nome é Sebastian...? — Jean olhou para ela, esperando que ela revelasse o sobrenome.

— Carruthers — Emilie concluiu. — Ele vem de uma região chamada Yorkshire, na Inglaterra. Vou me mudar pra lá depois que nos casarmos. Apenas por algum tempo, durante as reformas no *château*, mas voltarei com frequência — disse com firmeza.

— Você disse Carruthers? — perguntou Jacques, repentinamente assumindo uma expressão mais alerta. — De Yorkshire?

— Sim, pai — confirmou Jean.

Jacques balançou a cabeça como se quisesse clarear os pensamentos.

— Tenho certeza de que é uma coincidência, mas eu conheci uma pessoa da família Carruthers que veio de Yorkshire há muitos, muitos anos.

— É mesmo, pai? Quem era?

— Constance Carruthers esteve aqui comigo durante a guerra — Jacques disse.

— Sim, esse era o nome dela. E Sebastian me disse que sua avó estava aqui na França naquela época. — Sentindo um lampejo de entusiasmo lhe percorrer a coluna, ela acrescentou: — Estou usando o anel de noivado que pertenceu a ela — Emilie disse, estendendo a mão para Jacques, que estudou a joia com bastante cuidado.

— Sim, este era o anel de Constance — disse Jacques, olhando para Emilie com uma mistura de choque e emoção tingindo-lhe os olhos. — Você vai se casar com o neto de Constance?

— Sim.

— Meu Deus! — Jacques disse, tateando o bolso da calça em busca de um lenço. — Mal posso acreditar. Constance...

— Você a conheceu, pai? — Jean estava tão surpreso quanto Emilie.

— Sim, e muito bem. Ela morou comigo aqui nesta casa por vários meses. Ela era... — Jacques engoliu em seco, com dificuldade — ... uma mulher muito afável e corajosa. Ela ainda está viva? — Os olhos azuis do velho Jacques, úmidos pelas lágrimas, queimavam com um lampejo de esperança.

— Lamento que não. Morreu há cerca de dois anos — Emilie disse. — Jacques, como foi que Constance Carruthers veio morar aqui com você? Pode me dizer?

Durante um longo tempo, Jacques olhou para algum ponto ao longe e, em seguida, fechou os olhos, imergindo-se em lembranças.

— Pai, quer um pouco de champanhe? — Jean lhe ofereceu, passando-lhe uma taça.

Jacques pegou a taça com a mão trêmula, tomou a bebida e organizou seus pensamentos.

— Como você conheceu esse homem, Emilie? O neto de Constance?

— Pouco antes de morrer, Constance contou a Sebastian sobre o tempo que passou aqui na França. Ele localizou o *château* de nossa família e veio tentar descobrir mais a respeito — explicou Emilie. — Mas, assim como eu, ele sabe muito pouco sobre a razão pela qual Constance estava aqui. Nós dois adoraríamos saber o que aconteceu.

Jacques suspirou.

— É uma longa história, que eu nunca imaginei que iria contar.

— Por favor, Jacques — implorou Emilie. — Ficaria muito feliz em ouvi-la. Percebo, a cada dia, que sei muito pouco a respeito da minha família, especialmente sobre meu pai.

— Édouard foi um homem maravilhoso. Ele foi premiado com a *Ordre de La Libération* por sua bravura e serviços prestados à França — Jacques disse, dando de ombros com uma expressão triste. — Mas ele se recusou a aceitar a honraria. Édouard sentia que outras pessoas tinham mais direito ao prêmio.

— Por favor, Jacques, pode começar a história? — Emilie implorou. — Afinal de contas, vou me casar com o neto de Constance e sinto que é importante compreender a conexão que existe entre nós.

— Sim, você tem razão. Você tem o direito de saber. É a história da sua família, afinal. Mas... por onde começar? — Jacques voltou a olhar para longe, tentando encontrar um ponto inicial. — Bem, é melhor começar por Constance. Há pouca coisa sobre ela que eu não sei — ele disse, sorrindo. — Durante as longas noites aqui nesta casa, ela falou várias vezes sobre sua vida na Inglaterra. E sobre como ela veio parar na França...

Eu quero ver

Eu quero ver o vermelho
das rosas desabrochando
Eu quero ver o prateado
Do reflexo do sol na lua.

Eu quero ver o azul
Do oceano, quando estiver agitado
Eu quero ver o marrom
Da águia, quando estiver voando.

Eu quero ver o roxo
Das uvas pendendo das videiras
Eu quero ver o amarelo

Do sol nos dias de verão

Eu quero ver o castanho

Das nozes nas árvores

Eu quero ver os rostos

Daqueles que sorriem para mim

Sophia de la Martinières,

9 anos de idade, 1927

CAPÍTULO 7



LONDRES, MARÇO DE 1943

Constance Carruthers abriu o envelope marrom que encontrou sobre sua escrivaninha quando chegou ao trabalho e leu o conteúdo. A carta dizia que ela deveria comparecer a uma entrevista naquela tarde, na sala 505a do Gabinete de Guerra. Ao tirar seu casaco, ela imaginou se alguém a havia confundido com outra pessoa. Connie estava muito feliz no seu cargo de arquivista, uma “apanhadora”, como os arquivistas eram afetuosamente conhecidos no MI5, e não tinha interesse em trabalhar em outro lugar. Andando por entre a sala movimentada, ela bateu à porta do escritório da sua chefe.

— Entre.

— Lamento incomodá-la, srta. Cavendish, mas recebi uma carta solicitando meu comparecimento a uma entrevista no Gabinete de Guerra hoje. A senhora sabe de algo a respeito?

— Não devemos questionar nossas ordens — esbravejou a srta. Cavendish, levantando os olhos dos papéis e das inúmeras pastas que se empilhavam em suas mesas. — Tenho certeza de que vão lhe explicar tudo na própria entrevista.

— Mas... — Connie mordeu o lábio. — Eu espero que você esteja satisfeita com meu trabalho aqui.

— Sim, sra. Carruthers, estou satisfeita com seu trabalho. Sugiro que deixe suas perguntas para esta tarde.

— Então, devo ir?

— É claro que sim. Isso é tudo?

— Sim, obrigada.

Connie fechou a porta, voltou à sua escrivaninha e sentou-se, percebendo que era voto vencido.

Naquela tarde, enquanto era conduzida por entre o labirinto de passagens subterrâneas que compunham o subsolo do Gabinete de Guerra, o qual abrigava o coração das operações de guerra do governo britânico, Connie já sabia que aquela não seria uma entrevista qualquer. Ela foi levada a uma sala pequena e discreta, mobiliada apenas com uma mesa e duas cadeiras.

— Boa tarde, sra. Carruthers. Sou o sr. Potter — disse um homem corpulento, de meia-idade, levantando-se por detrás da mesa e estendendo sua mão por cima do tampo para cumprimentá-la. Por favor, sente-se.

— Obrigada.

— Fui informado de que a senhora fala francês fluentemente. Isso é verdade?

— Sim, senhor.

— Sendo assim, importa-se se conduzirmos o resto de nossa conversa em francês?

— Eu... *non* — concordou Connie, trocando o idioma.

— Ótimo. Diga-me como aprendeu a falar francês tão bem — indagou sr. Potter.

— Minha mãe é francesa e sua irmã, minha tia, tem uma casa em Saint-Raphaël, onde passei todos os verões da minha vida.

— Tem paixão pela França, então?

— É claro. Sinto que sou tão francesa quanto britânica, mesmo que tenha nascido aqui na Inglaterra — explicou Connie.

Os olhos penetrantes do sr. Potter examinaram seus volumosos cabelos escuros, os olhos castanhos e a forte estrutura óssea de origem gaulesa.

— Sim, você certamente tem o tipo físico das francesas. Na sua ficha também consta que a senhora estudou cultura francesa na universidade de Sorbonne.

— Sim, morei em Paris durante três anos. E amei cada segundo — acrescentou Connie com um sorriso.

— E por que decidiu voltar à Inglaterra depois de completar seus estudos?

— Voltei para me casar com o homem por quem sou apaixonada desde a minha infância.

— Interessante — disse Sr. Potter. — E a senhora reside em Yorkshire atualmente?

— Sim, a propriedade da família do meu marido fica na região norte de Yorkshire, perto dos pântanos. Entretanto, no momento, estou morando em nosso apartamento aqui na cidade enquanto trabalho em Whitehall. Meu marido está no exterior, no norte da África.

— Ele é um capitão da Guarda Escocesa?

— Sim — confirmou Connie. — Mas desapareceu durante sua última missão.

— Foi o que me disseram. Saiba que tem minha simpatia. Não tiveram filhos ainda?

— Não. Tivemos que adiar nossos planos por causa da guerra. Estávamos casados há apenas algumas semanas quando Lawrence foi convocado. Então, em vez de ficar sentada tricotando meias em Yorkshire, pensei que seria melhor vir a Londres e encontrar algo de útil para me ocupar.

— A senhora é uma pessoa patriota, sra. Carruthers?

— Sou, sr. Potter — Connie disse, levantando uma sobrancelha em reação àquela pergunta tão direta.

— Está preparada para dar sua vida pelos países que ama?

— Se for necessário, sim.

— Fui informado também de que a senhora é boa atiradora — prosseguiu sr. Potter.

Connie olhou para ele, surpresa.

— Eu não diria isso, embora tenha praticado tiro na propriedade do meu marido desde juvenzinha.

— Diria que era o tipo de menina que preferia brincar com os garotos?

— Nunca pensei dessa maneira — gaguejou Connie, esforçando-se para dar respostas lúcidas àquelas perguntas tão incomuns. — Mas certamente adoro atividades ao ar livre.

— E tem boa saúde?

— Sim. Tenho sorte.

— Obrigado, sra. Carruthers — disse o sr. Potter, fechando a pasta. Ele se levantou. — Manteremos contato. Tenha um bom dia. — E estendeu a mão à Connie.

— Obrigada. Até breve — ela respondeu, surpresa com o fim abrupto da entrevista e sem ter ideia da impressão que causara naquele homem.

Connie saiu do subsolo abafado e sentiu o ar da primavera soprando naquela rua movimentada de Londres. Enquanto voltava para o escritório onde trabalhava, olhou para cima e avistou os balões militares que flutuavam ameaçadoramente sobre os prédios de Londres, presos em cabos para impedir que os aviões alemães conseguissem se aproximar da cidade com facilidade. Começou a se perguntar por que havia sido chamada para conversar com o homem que se apresentou como sr. Potter.

Três dias depois, Connie foi novamente chamada para se sentar sob as luzes artificiais da sala 505a. Mais uma vez, viu-se sob um interrogatório. Potter queria saber se ela se sentia enjoada quando viajava de carro ou de avião, quais eram seus horários de sono, se ela saberia se orientar no sistema de ferrovias da França, se estava familiarizada com a disposição das ruas de Paris...

Embora nada fosse dito sobre a tarefa que tinham em mente para ela, Connie começou a ter um pressentimento definitivo. Naquela noite, ela voltou ao seu apartamento, nas proximidades de Sloane Square, sabendo que, se fora bem-sucedida na entrevista, sua vida estava prestes a se transformar para sempre.

— Bem, sra. Carruthers, aqui estamos novamente. Por favor, sente-se.

Connie percebeu que o sr. Potter estava visivelmente mais à vontade com sua presença. Afinal, naquele dia ele abriu um sorriso.

— Sra. Carruthers, tenho certeza de que, agora, a senhora já tenha uma certa noção do porquê que está aqui.

— Sim — ela respondeu. — Acredito que vocês estejam pensando que eu possa ser útil em algum tipo de missão na França.

— Correto. A senhora já ouviu algo a respeito da Seção F e da Executiva de Operações Especiais⁵ durante seu trabalho no MI5? — ele perguntou.

— Alguns arquivos passaram pelas minhas mãos, sim — confirmou Connie. — Mas apenas para conhecer as garotas investigadas.

— Assim como investigamos a senhora nos últimos dias, mas nada que nos causasse preocupação emergiu dos arquivos — o sr. Potter disse. — Nós, agora, acreditamos que a senhora tem condições de se tornar membro do nosso grupo de agentes da SOE. Entretanto, sra. Carruthers, até agora tudo o que fizemos ficou baseado na confiança que nós, na Grã-Bretanha e na França, depositamos na senhora. É preciso considerar, também, a possibilidade real de que possa morrer no cumprimento do dever — o sr. Potter disse com uma expressão séria. — Como se sente em relação a isso?

Connie, já ciente do que lhe seria pedido, sofreu uma semana de noites insones, ponderando exatamente sobre aquela pergunta e qual seria a resposta que daria a ela.

— Sr. Potter, acredito totalmente na causa pela qual os Aliados estão lutando. E eu faria o meu melhor para nunca decepcioná-lo. Mesmo assim, também compreendo que, até o momento, em minha vida, nunca fui testada o suficiente para responder à sua pergunta. Tenho vinte e cinco anos e nenhuma experiência em questões como essas. Ainda tenho muito a aprender sobre mim mesma e sobre a vida.

— Aprecio sua autoavaliação cuidadosa, sra. Carruthers, mas gostaria de garantir-lhe que sua inexperiência não é um problema. A maioria das mulheres que empregamos nesta função altamente sigilosa não tem mais experiência do que a senhora. Atualmente, temos uma assistente de vendas, uma atriz, uma esposa e uma recepcionista de hotel. A boa notícia é que faremos o que for possível para ajudá-la com qualquer coisa que precise antes que tenha que partir. A senhora passará por um treinamento intensivo que irá prepará-la para lidar com as muitas situações perigosas que pode ter que enfrentar. E eu posso lhe garantir que, ao final desse processo, tanto a senhora quanto as lideranças da SOE saberão se é capaz de executar as tarefas das quais será incumbida. Portanto, preciso perguntar-lhe outra vez: está preparada para assumir uma função que inclui a possibilidade de que venha a morrer?

Connie olhou diretamente nos olhos do homem.

— Estou, sim.

— Excelente. Então, estamos acertados. Como está empregada no MI5, a senhora já assinou o Termo Oficial de Assuntos Secretos e não preciso continuar a incomodá-la. A senhora receberá notícias diretamente da Seção F nos próximos dias. Meus parabéns, sra. Carruthers — o sr. Potter disse, levantando-se e dando a volta ao redor da mesa para cumprimentá-la. — Tanto a Grã-Bretanha quanto a França são gratas por quaisquer sacrifícios que a senhora venha a fazer.

— Obrigada, sr. Potter. Se importa se eu lhe perguntar...

— Nada de perguntas, sra. Carruthers. O que a senhora precisa saber lhe será revelado em breve. Não preciso dizer que nossas reuniões aqui e seu futuro devem permanecer em completo sigilo.

— Sim.

— Boa sorte, sra. Carruthers — o sr. Potter disse, apertando sua mão mais uma vez e abrindo a porta para ela.

— Obrigada.

Chegando ao escritório na manhã seguinte, Connie percebeu que a srta. Cavendish, sua chefe, já havia sido informada sobre sua partida.

— Recebi notícias de que você vai sair em busca de novos ares — ela disse com os olhos cansados, esforçando-se para formar algo que lembrava um sorriso, quando Connie entrou em seu escritório.

— Aqui está — disse a srta. Cavendish, entregando-lhe um envelope. — Você deve estar nesse endereço amanhã pela manhã, às nove horas. Obrigada pelo trabalho que realizou aqui. É uma pena não tê-la mais conosco.

— É uma pena ter que partir.

— Tenho certeza de que você vai conseguir lidar com qualquer coisa que o futuro lhe traga, sra. Carruthers.

— Farei o meu melhor — Connie respondeu.

— É bom ouvir isso. Não me decepcione — acrescentou a srta. Cavendish enquanto Connie caminhava em direção à porta. — Fui eu mesma quem a recomendei.

Às nove horas da manhã seguinte, Connie se apresentou, como suas ordens a instruíam, à Orchard Court, perto da Baker Street. Ela deu seu nome ao porteiro, que assentiu e abriu as portas folheadas a ouro do elevador. Em seguida, ele a escoltou até o segundo andar, destrancou uma porta no corredor e pediu que entrasse.

— Certo, senhora. Aguarde aqui, por favor.

Em vez de um escritório, Connie viu que estava num banheiro.

— Eles não vão demorar, senhora — disse o porteiro enquanto fechava a porta. Connie se sentou na borda da banheira preta, preferível que se acomodar no bidê cor de ônix. Começou a imaginar que diabos aconteceria a seguir. Após algum tempo, a porta se abriu.

— Me acompanhe, senhora — disse o porteiro, conduzindo-a para fora do banheiro e de volta pelo corredor até uma sala onde um homem alto de cabelos louros estava sentado sobre sua escrivaninha, esperando por ela.

— Sra. Carruthers, sou Maurice Buckmaster, chefe da Seção F. É um prazer conhecê-la. Ouvi muitas coisas positivas a seu respeito.

— O prazer é meu, senhor — disse Connie, retribuindo o aperto de mão firme e tentando esconder seu nervosismo. Aquele era um homem cujo nome ela ouvira muitas vezes no MI5. De acordo com as informações, o próprio Hitler havia comentado a seu respeito recentemente: “Quando eu chegar a Londres, não sei quem vou enforcar primeiro: Churchill ou aquele outro homem, Buckmaster”.

— Prefere conversar em inglês ou francês? — perguntou Buckmaster.

— Qualquer idioma está ótimo — confirmou Connie.

— Ótima resposta — ele disse, com um sorriso. — Bem, falemos em francês então. Agora, tenho certeza de que está ansiosa para descobrir mais a respeito do que fazemos aqui na Seção

F. Assim, vou enviá-la para falar com a srta. Atkins, que cuidará da senhora de agora em diante.

Buckmaster girou as pernas por cima da mesa e andou em direção à porta. Seguindo-o, Connie percebeu sua energia e seu senso de dever enquanto ele caminhava pelo corredor até chegar em outra sala, com o ar carregado pela fumaça de cigarro.

— Bem, Vera, esta é Constance Carruthers — ele disse, sorrindo para uma mulher de meia-idade que estava sentada atrás de uma escrivaninha. — Vou deixá-la sob seus cuidados. Constance, esta é a srta. Atkins, o verdadeiro poder por trás de toda a Seção F. Voltaremos a conversar em breve.

Buckmaster as cumprimentou com um aceno de cabeça e deixou a sala.

— Por favor, querida, sente-se — disse a srta. Atkins, fixando seus penetrantes olhos azuis em Connie. — Estamos felizes por sua decisão de se juntar a nós. Estou à sua disposição para responder a quaisquer perguntas que tenha e para explicar o que vai acontecer em seguida. O que você já disse à sua família?

— Nada, srta. Atkins. Meu marido desapareceu durante sua última missão na África e eu converso com meus pais por telefone uma vez por semana, aos domingos. Ainda é sexta-feira — ela disse, sorrindo.

— Seus pais moram em Yorkshire e você não tem irmãos — a srta. Atkins lia o conteúdo de uma pasta que estava à sua frente. — Isso facilita as coisas. Você dirá aos seus pais, e a qualquer pessoa que lhe perguntar, que está sendo transferida para a FANY, que, como você sabe, Constance, é a Divisão de Enfermagem de Emergência e Cavalaria. Você dirá que foi convocada para prestar serviços de condução de veículos na França. Sob hipótese alguma deve lhes dizer a verdade.

— Sim, srta. Atkins.

— Você partirá para o treinamento em breve, será num lugar fora de Londres. Você ficará lá durante algumas semanas e seu progresso será monitorado por mim diariamente, em todos os aspectos referentes às tarefas que receberá no futuro.

— Em que consiste o programa de treinamento? — Connie perguntou.

— Você aprenderá todas as habilidades de que irá precisar, sra. Carruthers. A senhora fuma? — ela ofereceu um cigarro para Connie.

— Obrigada — ela disse, retirando um cigarro do maço. A srta. Atkins fez o mesmo.

— Mora sozinha em seu apartamento em Londres?

— Sim.

— Então, não haverá necessidade de mudar de endereço. Entretanto, após discutir seu codinome com o sr. Buckmaster, decidimos que você deve usar o sobrenome de solteira de sua mãe, que, se não me engano, é Chapelle. E sua tia por parte de mãe, que mora em Saint-Raphaël, é a baronesa Du Montaine?

— Sim — Connie assentiu.

— Então é assim que se apresentará na França, como sobrinha de sua tia baronesa. cremos que é uma boa ideia acostumar-se com seu novo nome assim que possível — explicou a srta. Atkins. — Gostaria de ser chamada de Constance Chapelle?

— Perfeitamente — concordou Connie. — Quanto tempo até que eu vá para a França?

— Gostamos de treinar nossos agentes por um período de oito semanas, pelo menos. Entretanto, dadas as condições na França e a necessidade de enviar nossas garotas até lá com urgência, pode não demorar tanto — suspirou a srta. Atkins. — Temos uma dívida de gratidão para com a senhora e as outras agentes com quem irá trabalhar, por se prepararem para executar um trabalho tão perigoso. Tem mais alguma pergunta, querida?

— Posso perguntar exatamente quais serão minhas atribuições quando eu chegar à França?

— É uma excelente pergunta — concordou a srta. Atkins. — Muitas das garotas que vêm até aqui acham que agirão como espiãs, mas não é isso que a Seção F faz. Nossos agentes vão a campo para executar tarefas de comunicação e sabotagem. Nosso único objetivo é frustrar e desmembrar o regime nazista na França. A SOE trabalha junto com os Maquis e a Resistência Francesa, apoiando-os da maneira que pudermos.

— Entendo. Mas pensei que havia pessoas com qualificações melhores que as minhas para esse trabalho — Connie disse, franzindo o cenho.

— Duvido que haja, Constance — respondeu a srta. Atkins, em tom reconfortante. — Seu francês impecável e o conhecimento de Paris e do sul do país, combinado com sua aparência gaulesa, a tornam perfeita para a função.

— Mas... certamente essas funções são mais adequadas a homens, não são?

— É interessante perceber que isso não é verdade. Qualquer homem francês pode ser convocado para um interrogatório por sua milícia local ou pela central da Gestapo⁶. Eles também podem ser revistados. Ao mesmo tempo, uma mulher que viaje pela França, num trem, ônibus ou bicicleta, tem uma chance muito menor de atrair atenção. — A srta. Atkins levantou as sobrancelhas e abriu um sorriso sombrio. — Tenho certeza de que, com sua aparência atraente, Constance, você conseguirá encontrar uma saída para qualquer problema que venha a enfrentar — ela disse, olhando para o relógio. — Bem, se não tiver mais perguntas, sugiro que volte ao seu apartamento por enquanto, escreva uma carta a seus pais explicando o que discutimos e aprecie aquele que pode ser o seu último fim de semana na rua Civvy durante um bom tempo — concluiu a srta. Atkins, escrutinando-a com seus olhos azuis. — Acho que você vai fazer um ótimo trabalho, Constance. E você deveria se orgulhar do que conquistou: somente os melhores são selecionados como agentes da Seção F.

CAPÍTULO 8



Na segunda-feira pela manhã, Connie se encontrava nos degraus de Wanborough Manor, uma imensa casa de campo nos arredores de Guildford, em Surrey. Ela foi conduzida ao andar superior da casa, até um quarto que continha quatro camas de solteiro. Parecia que, até o momento, apenas uma estava ocupada. Connie desfez sua pequena mala e pendurou suas roupas no interior do espaçoso armário de mogno, percebendo que, quem quer que fosse a mulher com quem compartilharia o quarto, tinha um estilo muito mais extravagante em relação às roupas que usava. Um vestido justo e dourado para usar de noite estava pendurado ao lado de calças sociais de seda e uma echarpe longa e colorida.

— Você deve ser Constance — disse uma voz arrastada atrás dela. — Estou feliz que esteja aqui. Não queria passar as próximas semanas sendo a única garota neste lugar. Sou Venetia Burroughs ou, melhor dizendo, Claudette Dessally!

Constance se virou para cumprimentá-la e ficou chocada com sua aparência dramática. Ela tinha cabelos negros e brilhantes que lhe cascadeavam quase até a cintura, pele cor de marfim e grandes olhos verdes ressaltados com delineador; para complementar, um par de lábios pintados de vermelho. O contraste entre a aparência sensual da garota e o uniforme regular da FANY não poderia ser mais marcante. Connie ficou surpresa ao perceber que aquela mulher fora selecionada; ela se destacaria naturalmente no meio de uma multidão.

— Constance Carruthers ou, melhor dizendo, Chapelle — disse Connie, sorrindo e cumprimentando Venetia com um aperto de mão. — Sabe se outras mulheres virão?

— Não. Quando perguntei, disseram que seríamos apenas nós duas. Vamos treinar com os rapazes — disse Venetia, se jogando na cama e acendendo um cigarro. — Pelo menos este trabalho tem alguns benefícios — ela disse, levantando as sobrancelhas enquanto inalava a fumaça. — Sabe de uma coisa? Nós duas devemos ser completamente loucas!

— Talvez — concordou Connie, aproximando-se do espelho e verificando que seu cabelo

ainda estava em ordem, preso num coque comportado.

— Então, onde a encontraram? — Venetia perguntou.

— Eu estava trabalhando como arquivista no MI5. Disseram que fui selecionada por causa do meu francês fluente e por conhecer o país.

— O único conhecimento que eu tenho da França se resume a beber coquetéis no terraço de Cap Ferrat — Venetia riu. — Bem, isso e o fato de que minha avó é alemã e sou fluente na língua deles. Dizem que o meu francês também não é tão ruim. Venho de Bletchley Park... tenho certeza de que sabe do que estou falando, se estava trabalhando no MI5, não é?

— É claro — Connie concordou. — Ouvimos todo tipo de coisa a respeito do Código Enigma⁷.

— Sim, aquilo foi um triunfo, de certa forma. — Venetia se aproximou de um vaso de plantas que estava no peitoril da janela e bateu a ponta do cigarro na borda, deixando as cinzas caírem ali. — Parece que eles precisam desesperadamente de pessoas que saibam operar equipamentos sem fio na França. Como tenho habilidades com decodificação, sou a garota de que eles precisam. Sabia que, atualmente, a expectativa de vida de uma operadora de comunicações especializada em aparelhos de rádio é de cerca de seis semanas? — ela perguntou, voltando para cama e deitando-se.

— Não pode ser!

— Bem, não chega a ser surpreendente, não é? Afinal, não é muito fácil esconder um transmissor de rádio debaixo das nossas roupas, não é?

Connie mal podia acreditar na tranquilidade de Venetia ao comentar sobre a possibilidade de vir a morrer.

— Isso não a assusta?

— Não faço ideia — respondeu Venetia. — Só sei que os nazistas precisam ser detidos. Meu pai conseguiu tirar minha avó de Berlim antes do começo da guerra, mas o resto de sua família desapareceu na Alemanha. São judeus, e nossa família suspeita que tenham sido levados para algum daqueles campos da morte de que ouvimos falar. Assim, se houver

qualquer coisa que eu possa fazer para prejudicar os alemães, eu farei — Venetia disse com um suspiro. — Imagino que a vida não valerá a pena, para qualquer um de nós, a menos que Hitler e sua quadrilha feliz sejam enterrados a sete palmos. E quanto mais cedo isso acontecer, melhor será. A única coisa que me incomoda é ter que cortar meu cabelo, de acordo com o que me disseram. Isso, sim, *será* um problema — ela disse, agitando sua cabeleira negra e lustrosa.

— Seu cabelo é bonito — Connie disse, pensando que, se alguém tivesse condições de ludibriar e derrotar os nazistas sozinho, seria essa mulher extraordinária.

— Como a vida muda — Venetia disse, deitada na cama e apoiando a cabeça nas palmas das mãos. — Há apenas quatro anos, eu era uma debutante em Londres. A vida era simplesmente uma enorme festa. E agora — ela olhou para Connie e suspirou de maneira conspiratória —, veja onde estamos.

— Sim — Connie concordou. — Você é casada?

— De jeito nenhum! — Venetia disse, sorrindo. — Decidi, há alguns anos, que queria viver a vida plenamente antes de encontrar alguém e me acomodar. Parece que é exatamente isso que estou fazendo. E você?

— Sou casada. Meu marido, Lawrence, é capitão na Guarda Escocesa. Ele está na África no momento, mas desapareceu durante a última missão.

— Eu lamento — Venetia disse com os olhos cheios de compaixão. — Essa guerra é realmente horrível. Mas tenho certeza de que seu marido vai aparecer, mais cedo ou mais tarde.

— Preciso acreditar que isso vai acontecer — Connie respondeu, demonstrando-se mais firme do que realmente se sentia.

— Sente saudades dele?

— Demais... mas aprendi a viver a minha vida sem ele, como várias outras mulheres cujos maridos estão lutando longe de casa.

— Teve algum caso desde então? — Venetia abriu um sorriso maroto.

— Oh, meu Deus, não! Eu nunca... eu... — Connie sentiu que seu rosto estava ficando vermelho. — Não — respondeu abruptamente.

— É claro que não — Venetia concordou. — Você parece ser o tipo fiel.

Connie não conseguiu saber se aquilo era um insulto ou um elogio.

— De qualquer forma, estou feliz por ser solteira há quatro anos. Já me diverti demais. E, em épocas difíceis como esta, meu lema é aproveitar o dia de hoje, pois você nunca sabe se vai ser o último. Além disso, com o que nos aguarda, talvez o último dia esteja próximo — concluiu, apagando o cigarro no vaso de plantas.

Posteriormente, naquela tarde, as duas mulheres foram chamadas à enorme sala de artes, onde lhes ofereceram chá e bolo, e foram apresentadas aos seus companheiros de treinamento.

— Você sabe o que significa SOE, não é, querida? — Venetia sussurrou. — É a Superintendência de Obras e Expulsões — disse, dissolvendo-se em risadas contidas. — Sabe quem morava aqui antes de a Inglaterra requisitar o uso da casa?

— Esse lugar é muito bonito — Connie disse, admirando o pé-direito alto, a majestosa lareira de mármore e as janelas em estilo georgiano, que conduziam a um terraço elegante.

— Assim como *ele*.

Connie acompanhou o olhar de Venetia, percebendo um jovem apoiado contra a lareira, profundamente envolvido em uma conversa com um dos instrutores.

— Sim, ele realmente é bonito — concordou.

— Por que não vamos até lá e nos apresentamos? Venha comigo.

Connie a seguiu enquanto Venetia andava em direção ao homem, e apresentou a si mesma e a nova amiga.

— É um prazer conhecê-las, garotas. Meu nome é Henry du Barry — respondeu num francês perfeito.

Connie admirava a maneira como Venetia entrava em ação, era o charme e a sexualidade

personificados. Sentindo-se excluída enquanto o diálogo entre Henry e Venetia progredia, ela se afastou.

— Bem, quer dizer que essa é a Mata Hari do grupo — sussurrou uma voz atrás dela, em tom de zombaria. — Eu sou James Frosbisher, também conhecido como Martin Coste. E você é...?

Connie se virou e viu um homem que não era muito mais alto do que ela, com cabelos ralos e óculos com armação de chifre.

— Constance Carruthers... digo, Chapelle. — Ela estendeu a mão e ele a cumprimentou.

— Como é seu francês? — ele perguntou, amistosamente.

— Minha mãe é francesa, então sempre fui fluente.

— É uma pena eu não ter essa vantagem — suspirou. — Estou progredindo com meu curso intensivo, mas nem penso em ser preso pela Gestapo. Estou mais preocupado em conseguir lembrar em quais ocasiões usar *vous* ou *tu*.

— Bem, tenho certeza de que não mandariam você a campo se não confiassem em suas habilidades com o idioma — Connie disse em tom reconfortante.

— Provavelmente não, embora a França esteja num estado tão ruim que estão buscando desesperadamente por agentes. Estão sendo presos a todo instante, pelo que ouvi dizer. — James levantou as sobrancelhas. — Não importa, fomos convocados por termos habilidades distintas e parece que consegui provar a eles que sou bom quando é necessário explodir alguma coisa. E não é preciso conversar muito com um bastão de dinamite — ele disse, sorrindo. — Devo dizer que admiro as mulheres que se alistam voluntariamente na SOE. É um trabalho perigoso.

— Bem, não diria que estou aqui de maneira verdadeiramente voluntária, mas estou feliz por poder contribuir um pouco com meu país — Connie respondeu resoluta.

Durante a refeição daquela noite, na elegante sala de jantar, Connie foi apresentada aos quatro outros agentes que participariam do treinamento. Escolhidos dentre diferentes áreas,

devido à adequação particular ao trabalho em questão, ela conversou com Francis Mont-Clare e Hugo Sorocki. Ambos, como ela, tinham um dos pais nascido na França. Havia James, também, e, é claro, Henry, o piloto de aviões de caça, o bonitão do grupo. Conforme o vinho era servido, Constance teve uma experiência surreal: observando as pessoas reunidas ao redor da mesa, a cena poderia passar por um jantar casual, ocorrendo em várias mesas por toda a Grã-Bretanha naquele momento.

Após a sobremesa, capitão Bevan, o instrutor encarregado, bateu palmas para pedir silêncio.

— Senhoras e senhores, espero que esta noite tenha dado a todos a oportunidade de se conhecerem melhor. Vocês passarão as próximas semanas trabalhando em conjunto. Entretanto, receio que a diversão acabe aqui. O café da manhã será servido às seis horas e, em seguida, cada um de vocês receberá uma avaliação da condição geral de suas saúde e aptidão física. Daqui a dois dias, terão que correr um percurso de oito quilômetros todos os dias antes do café da manhã.

Houve protestos em meio ao grupo.

— Muitas das atividades que farão aqui vão se concentrar no aumento da resistência física de vocês. É de suma importância que todos partam para a França na melhor condição física que puderem alcançar. É o tipo de aptidão que poderá salvar suas vidas.

— Senhor, tenho certeza de que um nazista com uma metralhadora logo atrás de mim vai fazer com que eu corra muito rapidamente, se for preciso — James disse em tom de piada.

Venetia soltou uma risadinha e o capitão sorriu.

— Alguns já passaram por treinamento militar, então estarão acostumados aos rigores do exercício físico. Para outros, especialmente para as damas — disse olhando para Venetia e Connie —, pode ser um pouco mais difícil. As próximas semanas serão as mais difíceis de suas vidas. Entretanto, se realmente dão valor a elas, dedicarão toda a atenção e energia para aprender as habilidades que lhes ensinaremos. Vou colocar a programação do dia no mural ao lado do hall de entrada às seis horas da tarde, todos os dias. Durante as semanas em que estiverem aqui, vocês aprenderão a atirar, detonar dinamite, o básico do código Morse, habilidades de sobrevivência e como saltar de paraquedas. Tenho certeza de que todos sabem

que os agentes da SOE estão, provavelmente, entre aqueles que enfrentam os maiores perigos se compararmos com todos os compatriotas que estão lutando contra os nazistas na França pelo direito comum à liberdade.

A sala ficou repentinamente em silêncio. Todos os olhos estavam focados no capitão.

— Também devo acrescentar que sem homens e mulheres do calibre de vocês, que conhecem e compreendem os perigos, e mesmo assim estão preparados para enfrentar o desafio, essa guerra e nossa vitória nunca poderiam ser conquistadas. Assim, em nome dos governos britânico e francês, agradeço a presença de cada um de vocês. Agora, temos café e conhaque na sala de artes para quem desejar. Para quem não quiser, me despeço aqui.

James e Connie foram os únicos a recusar a oferta do café e viram que estavam sozinhos na entrada do hall enquanto os outros desapareciam pela porta da sala de artes.

— Não vai se juntar aos outros? — James perguntou.

— Não, estou um pouco cansada — Connie queria dizer que se sentia sobrecarregada, mas preferiu não usar aquela expressão.

— Eu também.

Os dois deram alguns passos em direção à escada. James parou no primeiro degrau e olhou para ela.

— Está com medo?

— Não sei dizer, de verdade.

— Eu estou — James admitiu. — Mas creio que cada pessoa deve cumprir seu dever. Boa noite, Constance — ele disse, suspirando enquanto subia as escadas.

— Boa noite.

Connie o observou até que ele desaparecesse de seu campo visual. Sentindo um calafrio repentino, ela cruzou os braços ao redor de si e andou até uma das imensas janelas, olhando para a lua cheia. Estaria com medo? Ela não sabia. Por outro lado, a guerra, que devastava a Europa há quatro anos da sua jovem vida, acabou por embotar suas emoções. Desde que Lawrence partiu para a frente de batalha, poucas semanas após seu casamento, Connie sentia

que sua vida estava numa espécie de sala de espera, num momento em que tudo deveria estar começando. No início, ela sentia tanta saudade que mal podia suportar a ausência do marido. Vivendo naquela casa imensa e fria em Yorkshire, tendo apenas a presença da mãe severa de Lawrence e dos dois velhos labradores pretos como companhia, ela teve muito tempo para pensar. Sua sogra não aprovava sua decisão de ir a Londres para aceitar a oferta de emprego no MI5, obtida através de um dos contatos de seu pai, que percebia que ela estava desperdiçando seus dias na região pantanosa de Yorkshire.

Muitas das garotas que trabalhavam com ela no MI5 desfrutavam da atmosfera estranhamente alegre da Londres dos tempos de guerra. Elas eram constantemente cortejadas e convidadas para jantar ou ir a clubes por oficiais que estavam de licença. E uma boa quantidade daquelas mulheres já era noiva ou, pior ainda, já havia se casado. Assim como elas, seus jovens noivos e maridos estavam lutando em algum lugar no exterior, mas isso não parecia impedi-las.

Para Connie, as coisas eram diferentes. Lawrence era e sempre foi o único homem que ela amou, desde que o conheceu em uma festa no clube de tênis em Yorkshire, quando tinha seis anos. Embora fosse inteligente e esforçada o bastante para se dedicar a uma carreira após concluir seus estudos na Sorbonne, e preferisse a França em vez do ambiente sombrio e tristonho do norte de Yorkshire, ela acabou concordando em assumir uma vida de não ser mais do que a castelã de Blackmoor Hall e esposa de seu amado Lawrence.

Em seguida, após o dia mais feliz de sua vida, quando entrou na pequena capela católica construída na propriedade de Blackmoor para fazer seus votos, o homem que ela amava há quatorze anos lhe fora abruptamente arrancado.

Connie suspirou. Durante quatro anos conviveu diariamente com o medo de receber um telegrama dizendo que seu marido desaparecera no cumprimento da missão. Até que a mensagem chegou. Trabalhando no MI5, ela sabia que as chances de que Lawrence ainda estivesse vivo, após dois meses desaparecido, diminuía a cada dia.

Ela se virou e voltou a andar pelo hall em direção à escadaria. Enfrentara o maior medo de sua vida ao abrir aquele telegrama. E com Lawrence ainda desaparecido, ela não se importava se iria viver ou morrer.

Acomodou-se na cama, deixando a luz do abajur ligada para quando Venetia chegasse. O dia já estava quase raiando quando Connie a ouviu entrar no quarto, com uma risadinha enquanto tropeçava em algo que estava no chão.

— Está acordada, Connie? — ela disse, num sussurro.

— Sim — respondeu quando ouviu a cama de Venetia ranger.

— Minha nossa, esta noite foi divertida! Henry é realmente um sonho, você não acha?

— Ele é muito bonito, sim.

Venetia bocejou e disse:

— Creio que as próximas semanas vão ser muito mais agradáveis do que eu imaginava.

Boa noite, Connie.

Ao contrário das impressões iniciais de Venetia, as semanas seguintes testaram cada um dos agentes até seus limites. Todos os dias foram preenchidos com rigorosos exercícios físicos e mentais: se não estivessem em uma trincheira aprendendo a detonar dinamite, estavam subindo em árvores e se escondendo em meio aos galhos. Castanhas, frutas arbustivas, cogumelos e folhas de plantas comestíveis eram identificados, assim como intermináveis sessões de treino de tiro e a inescapável corrida de oito quilômetros que ocorria todas as manhãs. Venetia, envolvida tanto em seu caso tórrido com Henry quanto com as atividades diárias, frequentemente voltava ao quarto por volta das quatro da manhã e resmungava no final da fila.

Connie ficou surpresa com a capacidade que tinha para suportar os rigores do treinamento. Com sua compleição atlética, fruto das atividades ao ar livre que gostava de praticar nos charcos de Yorkshire, ela sentia que sua força física aumentava a cada dia. Era a melhor atiradora do grupo e adquiriu um bom nível de habilidade para lidar com dinamite. Não se podia dizer o mesmo de Venetia, que quase conseguiu mandar todos pelos ares quando detonou uma granada dentro da trincheira.

— Bem, pelo menos eu provei que consigo explodir alguma coisa — disse enquanto marchavam de volta a Wanborough Manor.

— Você acha mesmo que Venetia tem condições de executar as ações de que o comando vai lhe incumbir? — James perguntou certa noite, enquanto Connie e ele se sentavam para tomar café e conhaque na sala de artes. — Ela não é exatamente uma pessoa discreta, não é mesmo? — ele disse enquanto a observavam no terraço, envolvida num forte abraço com Henry.

— Acho que Venetia vai se sair muito bem — disse Connie em defesa da amiga. — Ela é muito inteligente e, como os nossos superiores vivem nos lembrando, noventa por cento da realidade dependerá disso quando estivermos na França.

— Ela é muito atraente, isso com certeza — disse James. — Sei que conseguirá usar o charme para escapar de qualquer enrascada. Muito melhor do que eu conseguiria — ele acrescentou morosamente. — Esta é a verdadeira calma antes da tempestade, não é, Connie? Francamente, estou morrendo de medo do que virá pela frente. Especialmente do salto de paraquedas. Só de pensar, meus joelhos começam a tremer.

— Não se preocupe — disse Connie, dando palmadinhas amistosas sobre a mão de James. — Talvez você tenha a sorte de ser levado até um campo de pouso ou coisa do tipo.

— Espero que sim. Tentar sair de uma árvore, lugar onde provavelmente vou ficar preso, se conheço bem minha sorte, certamente vai atrair a atenção alheia.

De todos os agentes em treinamento, James era o único a expressar seu estado de nervos em relação às tarefas que teria que enfrentar. Ele e Connie eram os membros menos falastrões e mais cerebrais do grupo e haviam nutrido uma forte amizade.

— Não é estranho o caminho que a vida pode tomar? — James prosseguiu, tomando alguns goles do conhaque. — Se pudesse escolher, acho que optaria por uma vida bem diferente desta.

— Acho que isso é algo que toda a raça humana está sentindo nos dias de hoje — Connie respondeu. — Se não fosse pela guerra, eu estaria sentada em algum lugar dos pântanos de Yorkshire, provavelmente engordando e parindo um bebê a cada ano.

— Tem alguma notícia? — James sabia a respeito de Lawrence.

— Não, nada — ela suspirou.

— Não perca a esperança, Connie — era a vez de James dar palmadinhas encorajadoras no dorso da mão dela. — A situação está muito complicada lá fora. A probabilidade de seu marido estar vivo é a mesma que a de não estar.

— Tento não a perder — Connie disse, mas cada dia que passava lhe dava a sensação de que outra pá de terra era jogada sobre a sepultura de Lawrence. — O que você pretende fazer quando essa maldita guerra acabar? — ela perguntou, procurando um tópico menos sombrio para conversar.

— Meu Deus! — James riu. — Parece uma ideia muito bizarra agora. Minha vida é parecida com a sua. Eu simplesmente vou voltar para casa e cuidar dos assuntos da família. Casar, produzir a próxima geração... — Ele deu de ombros. — Você sabe como é.

— Bem, pelo menos você poderá ensinar um pouco de francês aos seus filhos. — Connie sorriu. — Seu francês melhorou muito nas últimas semanas — ela disse, entusiasmada.

— É muito gentil de sua parte, Connie. Mas preciso dizer que ouvi o capitão conversando a respeito de todos nós com Buckmaster ao telefone, em seu escritório. Sim, eu fui bisbilhotar — ele disse, sorrindo. — Não foi o que nos disseram? Que deveríamos usar nossos ouvidos para conseguir informações? Bem, de qualquer forma, o capitão estava tecendo inúmeros elogios a você, dizendo que você foi a surpresa da equipe. Uma aluna nota 10, aparentemente. A Seção F espera que você consiga conquistar grandes feitos, minha cara — ele concluiu.

— Obrigada. Eu sempre me esforcei muito na escola — Connie disse, com uma risada. — O problema é que nunca tive a oportunidade de testar a mim mesma na vida real.

— Não tenha medo, Connie. Acho que você está prestes a ter essa oportunidade — James respondeu.



Um mês depois, o treinamento preliminar chegava ao fim. Cada agente foi convocado para uma longa e extenuante sessão com o capitão, que, sem qualquer cerimônia, apontou quais eram seus pontos fortes e fracos.

— Você se saiu extremamente bem, Constance. E todos aqui estão satisfeitos com seu

progresso — confirmou o capitão. — A única crítica feita pelos oficiais responsáveis por seu treinamento é que você às vezes demora demais para tomar decisões. No campo de operações, seu destino pode ser decidido por sua reação imediata a uma situação. Entendido?

— Sim, senhor.

— Você provou que tem bons instintos. Confie neles e eu duvido que a deixarão em maus lençóis. Vamos enviá-la para a Escócia com os outros agentes que passaram pelo treinamento básico aqui — concluiu o capitão. — Isso irá completar seu treinamento para as missões que cumprirá no futuro. — Ele se levantou e estendeu a mão para ela. — Boa sorte, *madame* Chappelle — ele disse, sorrindo.

— Obrigada, senhor.

Quando Connie fechou a porta atrás de si, ele acrescentou:

— E que Deus a acompanhe.

Connie, Venetia, James e, para a alegria de Venetia, Henry passaram em todos os testes e foram enviados às terras selvagens da Escócia para começarem o treinamento avançado de guerrilha. Longe de qualquer forma de habitação, os quatro praticaram suas habilidades em explodir pontes e navegar em barcos pequenos sem afundá-los. Também aprenderam a carregar armas alemãs, britânicas e americanas, e a escondê-las em caminhões em meio à completa escuridão. A importância da Linha de Vichy foi explicada em todos os seus pormenores e os agentes em treinamento foram informados sobre como os alemães haviam criado uma fronteira que cortava a França em duas, separando a zona “ocupada” do norte ao sul.

As habilidades básicas de sobrevivência que haviam aprendido em Wanborough Manor se transformaram em realidade quando eram abandonados nos charcos escoceses para aprender a viver com os recursos que conseguiam coletar ou caçar durante vários dias. Um assassino treinado chegou para ensiná-los como matar um agressor de forma rápida e silenciosa.

Depois de duas semanas do início do treinamento na Escócia, Venetia foi removida do grupo.

— Graças a Deus — ela comentou, enquanto fazia as malas apressadamente. —
Aparentemente, serei enviada a Thames Park para aperfeiçoar minhas habilidades em comunicação com rádio. Há algo muito sério acontecendo na região do Canal da Mancha, pois estão precisando urgentemente de uma pessoa especializada nesse tipo de comunicação. Oh, Connie — ela disse, abraçando sua amiga. — Espero que nos encontremos em breve na França. Cuide do meu Henry para mim, por favor.

— Deixe comigo — disse Connie, enquanto observava Venetia fechando sua mala e tirando-a de cima da cama. — Mas eu tenho certeza de que você não vai demorar muito para encontrar um substituto.

— Provavelmente não — Venetia disse, virando-se para encarar Connie —, mas foi divertido.

Alguém veio bater à porta.

— Srta. Burroughs, o carro a está esperando na porta da frente.

— Hora de partir — Venetia disse enquanto pegava sua mala e caminhava em direção à porta. — Foi um prazer conhecê-la.

— Você também. Por favor, continue acreditando — pediu Connie. — Você vai conseguir passar por tudo isso.

— Vou tentar — concordou Venetia, abrindo a porta. — Mas tenho certeza de que vou morrer quando estiver lá, Connie. Eu sei que vou.

Venetia deu de ombros.

— *Adieu!*

CAPÍTULO 9



— Bem, Constance, você concluiu o treinamento e está prestes a ser enviada à França. Como se sente?

Connie estava de volta a Londres, no escritório central da Seção F, sentada em frente à escrivaninha de Vera Atkins.

— Acredito que minha preparação foi a melhor possível — respondeu Connie automaticamente, uma frase que não expressava nem uma ponta de seus pensamentos e sentimentos. Depois do mês que passou na Escócia, foi transferida para Beaulieu, em Hampshire, outra casa apropriada pelo governo da Inglaterra, onde suas habilidades de espionagem foram ainda mais refinadas. Ela aprendeu a distinguir os diferentes uniformes das milícias francesas e alemãs (a extensão policial do detestável governo de Vichy) e aprendeu o que deveria procurar ao recrutar cidadãos franceses para sua rede de contatos. Ela também aprendeu a importância de nunca registrar no papel o que houvesse aprendido.

— Acho que vou me sentir melhor quando estiver em campo — concluiu.

— Ótimo. É isso que gostamos de ouvir — respondeu a srta. Atkins, alegremente. — Sua viagem para a França está programada para a próxima noite de lua cheia. Acho que vai gostar de saber que não terá que entrar no país de paraquedas; em vez disso, será levada num avião Lysander e pousará em segurança no solo francês.

— Obrigada — Connie disse, sentindo-se aliviada com aquele detalhe.

— Portanto, você tem alguns dias para descansar e se recuperar. Eu a registrei como hóspede em uma pensão confortável em Fawley Court, administrada pelo pessoal da FANY, e você ficará lá até a data do voo para a França. Agora é hora de escrever cartas para seus entes queridos e eu poderei enviá-las nas próximas semanas enquanto você estiver no exterior.

— O que devo dizer nas cartas, srta. Atkins?

— Sempre aconselho minhas garotas a serem breves e manterem um tom positivo. Diga que você está bem e que tudo está em ordem. Vou chegar para apanhá-la na tarde de sua partida, mas o horário exato será confirmado apenas no dia da viagem. Quando chegar à base aérea, revelarei seu novo codinome, que será usado por nós aqui na Seção F e pelos outros agentes para reconhecê-la. Você também será informada sobre o grupo ao qual irá se juntar quando chegar à França. Agora, Constance, o sr. Buckmaster gostaria de lhe dar uma palavrinha antes que você parta.

Connie seguiu a srta. Atkins pelo corredor até o escritório de Maurice Buckmaster.

— Constance, minha querida! — Buckmaster se levantou da cadeira com um sobressalto e foi até ela com os braços abertos para abraçá-la. — Está preparada?

— O melhor possível, senhor.

— É assim que se fala. Pelo que ouvi, você foi a estrela de seu grupo de treinamento. Tenho certeza de que será o orgulho da Seção F — ele disse com o entusiasmo de sempre.

— Para ser honesta, senhor, eu simplesmente estou feliz por cumprir com o meu dever.

— Tenho certeza de que sim. Tente não se preocupar demais, minha cara. Ontem à noite eu conversei com uma agente da SOE que acabou de retornar após sua primeira missão no exterior, e ela disse que a coisa mais difícil que enfrentou foram os vários quilômetros que teve que percorrer de bicicleta todos os dias e que isso fez com que suas coxas ficassem do tamanho de um elefante!

Connie e Buckmaster compartilharam uma risada.

— Alguma pergunta, Constance?

— Nenhuma no momento, senhor. Apenas gostaria de saber se há alguma notícia a respeito de Venetia — comentou ansiosa. — Fiquei sabendo que ela voou para o exterior há alguns dias.

— Não, nada até o momento — Buckmaster disse, assumindo uma expressão séria. — Mas eu não me preocuparia. Frequentemente, leva algum tempo até que um operador de rádio envie sua primeira transmissão. E, recentemente, houve alguns problemas na região onde ela está. De qualquer modo... — Ele voltou à escrivaninha, abriu uma gaveta e retirou uma pequena

caixa, que entregou para Connie com uma medida. — Um presente para você, para lhe desejar boa sorte.

— Obrigada, senhor.

— Abra — ele disse. — É o que dou a todas as minhas garotas antes de partirem. Incrivelmente útil e, se estiver em uma situação difícil, você poderá vendê-lo.

Connie abriu a caixa e retirou um pequeno estojo prateado de pó compacto para o rosto.

— Gostou?

— É perfeito — assentiu. — Obrigada, senhor.

— Não gosto de deixar que minhas garotas fiquem impossibilitadas de cuidar da aparência, mesmo quando estão em campo, executando alguma missão. Bem, Constance, só me resta agradecer-lá pelo esforço que fez até agora. Não tenho dúvida de que vou ouvir relatos sobre suas atividades nas próximas semanas. Que Deus a acompanhe e boa sorte.

— Sim, senhor. Adeus.

Connie se virou e deixou a sala.



Na noite de 17 de junho, um carro levou Connie e Vera Atkins até o aeródromo de Tangmere, em Sussex. No hangar, elas se sentaram ao redor de uma pequena mesa perto dos fundos da estrutura e Vera entregou uma folha de papel a Connie.

— Por favor, passe os próximos vinte minutos memorizando tudo que está escrito neste papel. Seu codinome será “Alfazema” e será usado sempre que estiver em contato conosco ou outros agentes no campo de operações, tanto britânicos quanto franceses. Você se juntará à rede denominada “Cientista”, que opera predominantemente em Paris e suas redondezas. Quando pousar na França, em Vieux-Briollay, você será recebida por um comitê de recepção. Eles cuidarão de você e lhes darão o transporte necessário, além dos detalhes de contato do seu organizador, o operador de rádio e outros membros do seu circuito.

— Sim, srta. Atkins.

— Preciso que saiba que tivemos alguns problemas de comunicação com a sua rede recentemente — continuou a srta. Atkins. — Seu comitê de recepção na França provavelmente poderá lhe dar informações mais detalhadas do que as que eu disponho no momento. Entretanto, tenho certeza de que, com sua inteligência e bom senso, você vai se sair bem. — A srta. Atkins colocou uma pequena mala de couro na mesa. — Aqui está tudo de que vai precisar. Documentos de identidade em nome de Constance Chapelle, uma professora primária que vive em Paris. Você tem vários parentes no sul da França e é de lá que você vem. Essa será a sua justificativa, se precisar cruzar a Linha de Vichy para entrar ou sair da zona de ocupação no norte do país.

Connie observou enquanto a srta. Atkins retirava um pequeno tubo de vidro que continha um comprimido.

— Essa é sua pílula C. Você deve guardá-la dentro do salto do seu sapato.

Já sabendo como as coisas funcionavam, Connie retirou do pé o sapato especialmente adaptado e abriu uma tampa que cobria a sola do salto. A srta. Atkins inseriu a pílula na cavidade.

— Espero que nunca precise usá-la.

— Eu também — Constance concordou, sabendo que aquele comprimido de aparência inocente continha uma dose letal de cianureto de potássio, caso ela fosse presa ou torturada.

— Bem, está preparada? — A srta. Atkins disse, em tom mais jovial.

— Sim.

— Então, vamos embarcá-la no avião.

As duas caminharam em direção à pequena aeronave, pintada de preto para evitar que fosse detectada em uma noite enluarada. Ao chegar aos degraus, a srta. Atkins parou.

— Quase me esqueci — ela disse, retirando um envelope do bolso da sua jaqueta. — Isso é para você.

Ela entregou o envelope a Connie, que o abriu e leu as palavras que estavam no papel, sem acreditar.

— Boas notícias, não é? — comentou a srta. Atkins.

Connie levou a mão à boca subitamente e seus olhos se encheram de lágrimas.

— Srta. Atkins, Lawrence está vivo! Ele está vivo!

— Sim, ele está vivo, querida. E o navio que o está trazendo para casa aportou em segurança em Portsmouth, há três dias. Ele tem um ferimento feio no peito e está com uma perna quebrada, mas os médicos dizem que ele está de bom humor e se recuperando no hospital.

— Quer dizer que ele está aqui? Lawrence está na Inglaterra? — Ela repetiu, sem acreditar.

— Sim, querida. Ele está em casa, são e salvo. Não é ótimo?

Connie olhou para a data do telegrama que informava sobre seu marido ter sido encontrado com vida e o fato de que seria enviado de volta à Inglaterra imediatamente. A data era de vinte de maio, há quase um mês.

— Bem, achei que seria uma boa notícia para você e isso certamente lhe servirá como incentivo para retornar em segurança. Hora de embarcar, querida — A srta. Atkins disse bruscamente, enquanto retirava o telegrama da mão de Connie. As hélices dos motores do avião começaram a girar. Vera Atkins estendeu sua mão para cumprimentar Connie. — Adeus, Constance, e boa sorte.

Estupefata, Connie subiu as escadas e entrou na cabine apertada do avião. Enquanto prendia o cinto de segurança em seu assento, tentava processar o que acabara de ouvir. Não somente seu marido estava vivo, mas ele estava em segurança, na Inglaterra. Talvez não estivesse mais do que algumas centenas de quilômetros de onde ela estava agora.

E ninguém lhe dissera nada...

Como foram capazes de manter em segredo a informação de que Lawrence fora encontrado e que estava voltando para casa? Connie mordeu seu lábio com força para reprimir as lágrimas, para não inundar os óculos de aviador que estava usando, atados firmemente ao redor de sua cabeça.

Sentindo o coração pesar no peito, ela entendia a razão pela qual ninguém lhe contara. Eles sabiam que, se revelassem a informação sobre a chegada iminente de Lawrence à Inglaterra, ela rapidamente abandonaria todo o treinamento e daria as costas à tarefa aterrorizante que estava prestes a desempenhar.

Mas agora, enquanto Connie observava duas outras pessoas que vestiam uniformes e óculos de aviação embarcando no avião e travando a porta, não havia como retroceder. A Seção F manipulou suas circunstâncias pessoais para seus próprios fins. E então, quando já estava prestes a partir, ofereceram-lhe o único incentivo de que precisava para fazer tudo o que fosse necessário para permanecer viva e retornar.

— Como vou conseguir suportar isso? — ela murmurou enquanto o avião começava a taxear para fora do hangar sob o luar da noite.

— Connie? É você que está debaixo de todas essas roupas? — gritou uma voz no assento ao lado dela, tentando suplantar o ruído dos motores. Era uma voz que ela reconhecia.

— James! — ela gritou, sentindo-se absurdamente reconfortada pelo fato de que ele estava ali.

Foi impossível continuar a conversar enquanto o avião decolava, invadindo o céu noturno. Em vez disso, ela sentiu que a mão de James envolveu a sua e a apertou com firmeza. Connie não resistiu. Olhou pela janela e observou o negrume que cobria aquela região rural da Inglaterra.

— Adeus, Lawrence, meu querido — sussurrou. — Juro que voltarei aos seus braços assim que puder.

CAPÍTULO 10



O avião tocou o chão suavemente num campo de pouso, guiado por pequenas lanternas guiadas por mãos invisíveis que estavam em terra. O piloto deu meia-volta e fez um sinal, erguendo o polegar.

— Tudo parece estar em ordem. Adeus, senhoras e senhores. E boa sorte — acrescentou enquanto os passageiros desciam as escadas até o gramado.

— Bem-vindos — disse um homem, que passou por eles a passos apressados, indo em direção às escadas do avião com uma bolsa de lona. Ele jogou o pacote para dentro da aeronave e, em seguida, trancou a porta e voltou correndo para avaliar seus novos recrutas.

O avião já estava começando a viagem de volta. Connie olhou para a aeronave com um forte sentimento de inveja, desejando ter coragem de correr em direção a ela, embarcar e seguir seu coração de volta à Inglaterra.

— Sigam-me — disse o homem que colocou a bolsa dentro do avião. — E andem logo. Vi um caminhão alemão passar por aqui há poucos minutos. Eles devem ter ouvido a aterrissagem.

Os três agentes, conduzidos por seu guia, correram pelo campo, com James na retaguarda. Era uma bela noite francesa, de céu limpo e temperatura agradável, e, ao correr para acompanhá-los, Connie teve uma sensação de familiaridade em meio à estranheza. A França tinha o mesmo cheiro de sempre: o ar quente e seco com aroma de pinheiros, tão diferente da umidade do interior da Inglaterra. Ela reconheceria aquele cheiro em qualquer lugar.

Após algum tempo, o guia abriu a porta de uma cabana de madeira abrigada no interior de uma floresta densa. Dentro, o chão estava cheio de colchonetes encimados por cobertores. Havia também um lampião a gás no canto, que o anfitrião rapidamente acendeu com um palito de fósforo.

— Devemos ficar aqui dentro até o dia raiar, quando se encerra o toque de recolher. Em seguida, nós os enviaremos em seus respectivos caminhos a partir da estação em Vieux-Briollay, que fica a cerca de vinte minutos de bicicleta daqui. Por favor, fiquem à vontade. Tirem os trajes de aviação e os pendurem naquele canto. Eles ficarão comigo. — Instruiu o homem. — Vou preparar um pouco de café enquanto isso.

Connie se livrou do traje e observou enquanto os outros passageiros se revelavam. O outro homem, ela ainda não conhecia. Eles se sentaram em seus colchonetes enquanto o guia dava uma caneca esmaltada de café para cada um deles.

— Receio que não temos leite. Sei que vocês, ingleses, gostam.

Connie ficou satisfeita com o líquido pungente e escuro, ela estava acostumada com a potência da bebida.

— Meu nome é Stefan — anunciou o guia. — E sei que você deve ser “Alfazema”, *madame*, pois é a única mulher no grupo.

— Eu sou “Invasor” — James disse.

— “Pragmático” — concluiu o homem desconhecido.

— Em nome da França, eu lhes dou as boas-vindas. Nunca tivemos tanta necessidade de agentes britânicos treinados para nos ajudar como agora. Muitos de seus compatriotas, especialmente na região de Paris, foram presos nos últimos dias. Não temos certeza do que aconteceu com eles, mas acreditamos que deve haver um traidor infiltrado no grupo para permitir que a Gestapo consiga reconhecê-los com tanta facilidade. Só posso lhes dizer que não devem confiar em ninguém — enfatizou. — Agora, é hora de dormir um pouco enquanto ainda podem. Vou montar guarda e alertá-los, se for necessário. Boa noite.

Stefan saiu da cabana, acendendo um cigarro sob o batente da porta antes de fechá-la. Os três agentes se deitaram nos colchonetes.

— Boa noite, camaradas — James disse. — Durmam bem.

— Duvido que eu consiga pregar os olhos — disse Pragmático, mas não demorou muito até que Connie ouvisse o som de um ronco baixo vindo do outro lado da cabana.

— Connie? — James a chamou.

— Sim?

— Tudo começou a acontecer de verdade agora, não é?

— Sim — Connie concordou, com uma sensação ácida no estômago vazio, causada pelo café e pela emoção. — Tudo é de verdade.

Connie adormeceu após algum tempo, pois acordou com James lhe agitando o corpo e viu que a luz entrava através da pequena janela da cabana.

— Hora de acordar. Estão esperando por nós lá fora.

Connie não havia se despido para dormir, de modo que só precisou calçar suas meias e os sapatos para ficar pronta. Do lado de fora estavam Stefan e uma mulher.

— Bom dia, Alfazema — Stefan disse. — Pronta para partir?

— Sim, mas... — Connie olhou para a floresta, ao redor. — Há algum lugar onde eu possa...?

Ela sabia que estava com o rosto vermelho.

— Não temos banheiros aqui. Vai ter que encontrar algum lugar entre as árvores — ele disse, dando de ombros enquanto se virava para conversar com James.

Connie andou rapidamente pela floresta, tentando encontrar um lugar discreto atrás de uma árvore. Ao retornar, James e o outro agente estavam prestes a sair pedalando suas bicicletas em companhia da mulher.

— Boa sorte — sussurrou Connie a James. — Espero que nos encontremos em breve.

— Obrigado — disse James, com o rosto tenso e sério. — Nesse meio-tempo, farei o melhor para explodir os alemães em pedaços e para nos levar de volta para casa.

— É assim que se fala — disse Connie, abrindo um sorriso corajoso enquanto ele pedalava pela floresta em movimentos vacilantes, atrás dos outros.

— Esperaremos até que eles estejam a alguns quilômetros de distância — Stefan disse. —

Se muitos ciclistas saírem juntos da floresta enquanto alguém estiver observando, vão atrair atenção. Quer café?

— Sim, obrigada.

Connie sentou-se na soleira da porta, observando o sol, que agora já estava acima das árvores e iluminava o chão.

— Bem, Alfazema, vou lhe contar o que vai acontecer a seguir — falou Stefan, entregando-lhe uma caneca de café e sentando-se ao lado dela, acendendo outro cigarro. — Bem, creio que você já foi informada de que irá se juntar à rede “Cientista”, nossa maior organização, que opera dentro de Paris e em suas redondezas.

— Sim — Connie confirmou.

— Infelizmente, recebemos notícias de que vários membros da Cientista foram presos pela Gestapo, incluindo Próspero, o líder.

— Fui informada. Me disseram que você teria mais informações para me dar — Connie respondeu, bebendo lentamente seu café.

— Não recebemos nenhuma mensagem do operador de rádio de Próspero, o que pode indicar que ele também foi preso. — Stefan esmagou o cigarro com a sola do sapato. — Recebi uma comunicação há três dias, dizendo que eles estavam à sua espera e a encontrariam na estação de trem de Montparnasse. Entretanto, não sei dizer quem estará lá — acrescentou Stefan, acendendo outro cigarro rapidamente. — É muito perigoso que eu a acompanhe neste momento. Fomos advertidos pelo quartel-general a permanecer escondidos até termos uma noção melhor sobre a situação. Por isso, você terá que fazer a jornada sozinha.

— Entendo — Connie disse, segurando a caneca com força, como se fosse um talismã. Precisava acalmar seus nervos.

— Como seu codinome ainda não está nos arquivos da Gestapo, é pouco provável que você levante suspeita durante a jornada. Mulheres são interpeladas para interrogatório com muito menos frequência do que homens — ele disse, para reconfortá-la. — É algo grande demais para pedir a alguém que acabou de chegar, mas precisamos enviar alguém a Paris que não seja conhecido dos alemães para, então, descobrir o que aconteceu. Está disposta?

— É claro que sim.

— Você encontrará seu contato na plataforma da estação, logo em frente à tabacaria. Terá que comprar um maço de Gauloises e, quando o fizer, deixe que caia no chão, como se fosse um acidente. Pegue os cigarros e acenda um deles com estes fósforos — disse Stefan, tirando uma caixa de fósforos do bolso e entregando a ela. — Neste ponto, um homem se aproximará de você. Ele vai levá-la para um dos nossos esconderijos.

— E se ele não aparecer?

— É um sinal de que há algo errado. Você conhece Paris?

— Sim. Estudei na Sorbonne.

— Então você não terá problema para encontrar este endereço — disse Stefan, entregando-lhe um pedaço de papel.

— Apartamento 17 num prédio na Rue de Rennes — disse Connie, lendo em voz alta o nome familiar. — Conheço bem o lugar.

— Ótimo. Ao se aproximar da casa, você deve passar por ela e ir até o fim da rua, e depois voltar pela calçada oposta. Se vir a Gestapo na rua, ou num caminhão nas proximidades, você saberá que o esconderijo foi descoberto. Entendeu?

— Sim. E se eu não vir a Gestapo do lado de fora?

— Neste caso, suba até o terceiro andar, que é onde fica o apartamento. Bata duas vezes na porta, aguarde alguns segundos e depois bata três vezes. Alguém virá atender. Diga-lhes que seu contato não apareceu na estação e que Stefan a enviou.

— Certo — disse Connie, memorizando o endereço quando o pedaço de papel foi tirado de sua mão e incendiado por Stefan com um palito de fósforo. — E se não houver ninguém lá, para onde eu devo ir?

— Sempre há alguém no apartamento 17, vinte e quatro horas por dia. Se ninguém atender à porta, você saberá que a rede Cientista foi descoberta e todos tiveram que fugir e se esconder. Assim, seria perigoso demais tentar fazer contato com qualquer um de seus membros — disse Stefan, suspirando e dando uma longa tragada em seu cigarro. — Como último

recurso, vou ter que enviá-la a um amigo meu. Ele não é um membro direto do circuito ou da SOE, mas sua lealdade à nossa causa está acima de qualquer suspeita. Eu sei que ele irá ajudá-la. Portanto, você irá a este endereço — disse Stefan, mostrando-lhe outro pedaço de papel que tirou do bolso e entregou a ela. — Chegando lá, pergunte por “Herói”.

Connie leu o novo endereço, com alguma surpresa.

— Fica na Rue de Varenne. Minha família tinha alguns amigos lá.

— Então sua família, provavelmente, estava envolvida com a alta sociedade. É uma das áreas mais prósperas de Paris — disse Stefan, levantando uma sobrancelha.

— E... caso Herói não esteja lá? — ela perguntou. — Devo desistir e pegar o trem de volta para cá?

— *Madame...* — disse Stefan, pisando com força nos restos do cigarro. — Se chegar a esse ponto, você terá que usar a cabeça. Hospede-se em uma pensão e espere até que Herói retorne. Bem, agora é hora de nos despedirmos. E lembre-se: você não deve circular pelas ruas de Paris após o toque de recolher. É o horário mais perigoso de todos.

Ele levou as canecas de café de volta para dentro da cabana e Connie examinou as bicicletas antigas que eles pedalariam até a estação de trem.

— Quem é esse seu amigo Herói? — Connie perguntou ao montar na bicicleta, equilibrando a mala de viagem precariamente entre a cesta e o guidão.

— Pelas nossas regras, ninguém faz perguntas. Mas ele será a pessoa que saberá o que aconteceu e poderá colocá-la em contato com uma ramificação segura da Cientista. Em seguida, você precisará encontrar uma maneira de entrar em contato com Londres e fazer um relatório sobre a situação em Paris. Isso se houver algum operador de rádio que ainda esteja livre na cidade — Stefan acrescentou, em tom sombrio.

O trajeto de bicicleta até a estação correu sem qualquer anormalidade. A cidade não parecia estar diferente da que Connie conhecera antes da guerra. A única diferença era a bandeira com a suástica desfraldada sobre a prefeitura.

Stefan comprou a passagem de Connie e lhe entregou o bilhete. Ela percebeu a maneira que os olhos do francês esquadrihavam repetidamente a plataforma da estação.

— Preciso partir agora. Adeus, *madame* — ele disse, beijando-a carinhosamente nas duas faces, como se ela fosse uma parente querida. — Mantenha contato — acrescentou e, acendendo mais um cigarro, andou casualmente em direção à bicicleta, deixando Connie sozinha na estação.

O trem chegou pontualmente às onze horas. Certa vez, Buckmaster disse, em tom de piada, que a única vantagem trazida pela ocupação alemã foi a que os trens franceses passaram a operar dentro dos horários programados. Connie embarcou, guardando sua mala no compartimento que havia acima dos bancos. Quando o trem deixou a estação, ela olhou ao redor do vagão e viu a amostra habitual da humanidade. O estômago vazio de Connie roncou e ela fechou os olhos, esperando que a familiaridade relaxante do movimento do trem ajudasse a acalmar seus nervos. Mas, a cada estação, seus olhos se abriam para examinar qualquer pessoa que entrava em seu vagão.

Ela tomou outro trem em Le Mans e conseguiu comprar uma empada insípida no quiosque da estação. Sentando-se num banco para esperar por sua conexão, Connie viu um oficial alemão pela primeira vez, em pé, sobre a plataforma, conversando com o chefe da estação.

Finalmente, às cinco horas, seu trem chegou à estação de Montparnasse, em Paris. Connie se juntou aos passageiros no desembarque e andou pela plataforma, preparando-se para passar pelo primeiro posto de guarda da milícia. Viu que pediram para vários dos passageiros colocarem suas malas sobre uma mesa e abri-las para a inspeção. Connie sentiu que seu coração estava prestes a sair pela boca, mas nenhum dos policiais lhe dirigiu um olhar sequer.

Sentindo-se quase exultante ao passar sem ser incomodada, Connie procurou pela tabacaria na plataforma onde deveria encontrar seu contato. A estação estava cheia de trabalhadores que retornavam às suas casas, mas ela finalmente viu o quiosque num canto e foi até lá. Seguindo as instruções que recebera, comprou um maço de Gauloises. Ao pegar o troco, deixou o maço cair no chão.

— Ah, mas que diabo... — murmurou, recolhendo o maço e retirando um cigarro. Ela o acendeu da maneira mais casual que conseguiu, com os fósforos que Stefan lhe dera, ao mesmo tempo que olhava ao redor para perceber se qualquer pessoa se destacava da multidão e vinha em sua direção.

Connie fumou o cigarro até o fim, mas ninguém apareceu. Apagando-o com a ponta do pé, ela olhou para o relógio e suspirou, como se alguém que ela estivesse esperando houvesse se atrasado. Dez minutos depois, retirou outro cigarro do maço, usando a mesma caixa de fósforos. Novamente, fumou até a brasa chegar ao filtro.

Após o terceiro cigarro, Connie já sabia que ninguém viria ao seu encontro.

— Hora do plano B — murmurou consigo mesma e saiu da estação para andar pela primeira vez nas ruas de Paris após a ocupação alemã. A caminhada até a Rue de Rennes não era longa. Com poucos sinais visíveis de que as coisas haviam mudado, e estando em uma cidade que conhecia e amava tanto, o trajeto serviu para acalmá-la. Naquele fim de tarde quente, típico do verão, com as ruas cheias de parisienses cuidando de suas vidas, era quase possível imaginar que nada havia mudado.

A noite estava caindo quando Connie chegou à Rue de Rennes. Localizando o número do prédio que procurava, passou em frente ao imóvel do outro lado da calçada, com os olhos atentos a qualquer perigo. Quando chegou ao fim da rua, atravessou-a e voltou caminhando pela calçada oposta. Carregar a mala fazia com que ela se sentisse terrivelmente suspeita.

Finalmente, chegando à frente da entrada do prédio de apartamentos, ela caminhou de maneira resoluta em direção à imensa porta e girou a maçaneta com confiança. A porta se abriu facilmente, ela atravessou o piso de mármore do hall e subiu as escadas, ouvindo o som de seus passos ecoar. Subiu até o terceiro andar e encontrou o apartamento 17 à sua direita. Respirando fundo, bateu duas vezes, e depois três, conforme as instruções que recebera.

Ninguém veio atender. Sem saber se deveria esperar ou bater novamente, sentindo o coração pulsar em suas orelhas conforme a pressão sanguínea aumentava, Connie decidiu que iria embora. Foi instruída a tentar apenas uma vez, e agora ela deveria sair dali o mais rápido que pudesse. Era óbvio que os temores de Stefan em relação à rede eram reais. Girando sobre os calcanhares, ela estava prestes a descer as escadas quando a porta do apartamento que ficava ao lado do 17 se abriu lentamente.

— *Madame* — sussurrou uma voz. — Todos os seus amigos se foram. A Gestapo veio prendê-los ontem. Eles devem estar vigiando o prédio agora. Não saia pela porta da frente. Há uma porta nos fundos que se abre para um pequeno quintal. No quintal há também um portão,

que leva até um beco usado pelos garis que vêm recolher o lixo, e que vai levá-la a uma rua diferente. Vá agora, *madame*, rápido!

A porta se fechou tão rapidamente quanto se abrira, e Connie, lembrando-se do treinamento, tirou os sapatos para não fazer barulho enquanto descia as escadas velozmente. Encontrando a porta que a mulher descrevera no fundo do hall e rezando para que não fosse uma armadilha, ela a abriu e viu que havia uma passagem para um pequeno quintal. Voltando a calçar os sapatos, ela abriu o portão e seguiu pelo beco estreito, percebendo que estava em outra rua. Virando-se para a direção oposta à Rue de Rennes, Connie se obrigou a andar vagarosa e casualmente para longe de seu primeiro encontro com o verdadeiro perigo.

Após alguns momentos, sentindo-se fraca com a fome e a adrenalina, e a cerca de um quilômetro do apartamento 17, Connie encontrou uma cafeteria com muitos clientes, vários deles sentados às mesas na calçada. Preocupada com a possibilidade de que suas pernas não a levariam a qualquer outro lugar a menos que conseguisse se sentar por alguns momentos, ela foi até uma mesa vazia e enfiou sua mala por baixo. Estudando o cardápio limitado, mas extremamente bem-vindo, Connie pediu um *croque-monsieur*. Enquanto devorava a comida, ela inspirou profundamente para permitir que seu cérebro se oxigenasse.

Nunca se sentira tão sozinha nesta cidade com milhões de pessoas. E, embora houvesse muitas pessoas em Paris que conhecesse da época em que estudou na Sorbonne, além de alguns parentes da família de sua mãe, qualquer contato com eles era estritamente proibido.

O fato de que a familiaridade e a assistência estavam tão próximas, e mesmo assim tão distantes, faziam com que sua situação atual fosse ainda mais complicada. Parecia que Stefan estava certo, e sua rede de agentes havia desaparecido quando a Gestapo começou a efetuar as prisões. Connie engoliu o café, sabendo que tudo que lhe restava era ir até o lugar sugerido como último recurso. Pagou a conta, pegou sua mala e voltou a caminhar pela rua.

Sobressaltando-se cada vez que ouvia o barulho do motor de um veículo nazista se aproximando, Connie seguiu para o norte e finalmente chegou à Rue de Varenne, um *boulevard* amplo e arborizado, ladeado por casas graciosas e elegantes. Muitas delas estavam escuras e silenciosas, mas, ao avistar de longe o endereço informado por Stefan, ela viu que a casa definitivamente estava ocupada. Luzes brilhavam em todas as janelas e ela via até mesmo

silhuetas se movendo pelas janelas de uma das salas.

Respirando fundo, Connie atravessou a rua, subiu os degraus até a porta da frente e tocou a campainha.

Alguns segundos depois, uma arrumadeira idosa abriu a porta. Olhando Connie de cima a baixo, ela lhe dirigiu um arrogante “Sim?”.

— Estou aqui para falar com Herói — Connie sussurrou. — Por favor, diga-lhe que Stefan manda lembranças — acrescentou.

A atitude da arrumadeira se transformou imediatamente. Uma expressão de alerta se formou em seu rosto enrugado.

— Por favor, *madame*, entre discretamente, vou chamá-lo — e abriu a porta para Connie.

Enquanto a arrumadeira desaparecia por entre uma das portas do corredor, Connie admirou a bela mobília em estilo antigo e a elegante escadaria recurva que emoldurava a porção principal do hall. Os ocupantes desta casa vinham de um mundo de riquezas que ela conhecia muito bem e no qual se sentia confortável.

Alguns segundos depois, um homem alto, de cabelos castanhos e que, com sua estrutura óssea esguia típica, não seria identificado com nenhuma outra nacionalidade que não fosse a francesa, surgiu, vindo de uma das salas, vestindo um *smoking* completo.

— Minha querida, boa noite! — ele disse em voz alta, envolvendo Connie em seus braços. — Eu não esperava que você viesse! — Sussurrou em seu ouvido enquanto a abraçava: — Estamos oferecendo um jantar a alguns convidados, e alguns deles podem tê-la visto subindo os degraus. — Em seguida, novamente levantando a voz, ele disse: — Como foi sua viagem?

— Foi demorada — respondeu, assustada.

— Você é francesa? — sussurrou, ainda segurando-a com força em seus braços e falando direto em seu ouvido.

— Sim, minha família é de Saint-Raphaël — sussurrou ela rapidamente.

— Constance Chappelle. Minha tia é a Baronesa du Montaine.

— Conheço a família — disse o homem, com uma expressão de alívio surgindo em seus

olhos. — Isso quer dizer que você é minha prima em segundo grau que veio me visitar. Vá para o andar de cima com Sarah. Conversaremos mais tarde — ele disse, relaxando o abraço. — Vir do sul até Paris é muito cansativo hoje em dia, especialmente com todas as inspeções de segurança. Desça quando estiver mais descansada, minha querida Constance.

A expressão em seus olhos não deixou qualquer alternativa a Connie. Ele voltou à sala de jantar e abriu a porta.

Quando ele entrou na sala, Connie viu que havia vários homens usando uniformes alemães ali dentro.

CAPÍTULO 11



Após ser conduzida por Sarah a um suntuoso quarto no andar superior da casa, e deixada a sós enquanto a governanta preparava seu banho, Connie, chocada, estava sentada em uma poltrona, totalmente sem fôlego, tentando compreender o que acabara de ver no térreo. Imaginou várias possibilidades e chegou até mesmo a ser inserida em algumas delas durante seu treinamento. Mas nunca, em qualquer hipótese, imaginou que passaria sua primeira noite em Paris socializando-se com o inimigo.

Sarah a levou pelo corredor ao quarto de banho e ela se deliciou brevemente ao entrar na água quente da banheira, após dois dias sem poder se lavar. Permitiu-se um sorriso efêmero, saiu relutantemente da banheira e andou rapidamente em direção ao quarto que lhe fora cedido.

Sarah estava sentada na poltrona que havia aos pés da cama. Indicou um assento ao lado do seu.

— Por favor, Constance. Sente-se.

Connie fez o que ela pediu.

— Édouard, que você conheceu no hall de entrada, pediu que conversássemos antes que você desça para jantar com ele. Não temos muito tempo, portanto, concentre-se no que eu vou lhe dizer. Em primeiro lugar, meu nome é Sarah Bonnay e eu trabalho para a família De la Martinières há vários anos. Édouard me disse que seu amigo Stefan a enviou e pediu que eu lhe explicasse o que vai acontecer agora.

— Obrigada — Connie respondeu, nervosa.

— Estou ouvindo o medo que há na sua voz, Constance, e entendo o que você está passando. Mas, por favor, acredite que você teve a sorte de chegar a um lugar em Paris que é seguro, pelo menos neste momento — disse Sarah, reconfortando-a. — Porém, sua chegada

inesperada colocou todos em perigo. Ninguém poderia saber que, nesta noite, estaríamos recebendo, digamos... alguns convidados para jantar. Assim, Édouard disse que precisamos fazer o possível para salvar a situação. Constance, nesta sua primeira noite em Paris, você precisa agir como uma atriz de cinema digna de um festival internacional. Édouard sugeriu que vocês são primos e que você veio do sul para visitá-lo. Ele disse que você tem familiares na região, não é?

— Sim. Minha tia, a baronesa Du Montaine, tem um *château* em Saint-Raphaël.

— Assim como Édouard tem seu próprio *château* em Gassin, nas proximidades — disse Sarah. — Portanto, é perfeitamente plausível que os Montaine e os De la Martinières sejam parentes. A história que você contará durante o jantar é que chegou a Paris para ver seus estimados primos e para trazer a notícia da morte infeliz de Albert, tio de ambos.

— Certo.

— Constance, deixe que Édouard fale a respeito de qualquer coisa — continuou Sarah. — Diga o mínimo possível se for questionada quando estiver na sala de artes. Se agir com naturalidade, não terá dificuldades.

— Farei meu melhor.

Sarah a estudou cuidadosamente.

— Acredito que você tenha o mesmo manequim da finada Emilie de la Martinières, mãe de Édouard. É bom que saiba que ela morreu há quatro anos, logo antes do início da guerra. Talvez tenha sido melhor assim... — ela suspirou. — Bem, vou lhe trazer um dos vestidos que ela usava. Se quiser, posso ajudá-la a arrumar o cabelo. Quanto mais bela, encantadora e ignorante você parecer, menos perigo haverá para todos nós. Está entendendo a situação, Constance?

— Sim, eu compreendo.

— Agora, você precisa se arrumar e, assim que terminar, desça e participe da festa que está acontecendo na sala de artes. Nesse meio-tempo, vou contar a Édouard o que discutimos quando ele vier chamar Sophia, sua irmã mais nova, para conduzi-la à sala de jantar. Por favor, esforce-se para que nada de errado aconteça. É de suma importância que as pessoas que

estão reunidas aqui não suspeitem de nada. Se não for assim — Sarah suspirou novamente enquanto se levantava da poltrona —, tudo estará perdido para os De la Martinières.

— Prometo fazer meu melhor.

— Estaremos rezando para que você o faça.

Vinte minutos depois, Connie estava em frente à porta da sala de artes. Como Sarah sugeriu, ela fez uma oração, abriu a porta e entrou.

— Constance!

Imediatamente, Édouard se afastou do grupo que estava na sala e a beijou carinhosamente nas duas faces.

— Está suficientemente recuperada dos rigores da viagem? Você certamente está ótima — acrescentou Édouard, admirando-a.

— Estou sim — Connie respondeu, sabendo que sua aparência, pelo menos, estava melhor do que jamais estivera. Sarah fizera um excelente trabalho com seu cabelo e, em seguida, aplicou-lhe a maquiagem antes de ajudá-la a vestir o maravilhoso vestido de festas feito, pelo que Connie percebeu, pelo *monsieur* Dior. Os diamantes que Sarah lhe emprestara, adornando-lhe as orelhas e o pescoço, completavam o disfarce.

— Venha, deixe-me apresentá-la a meus amigos — disse Édouard, oferecendo seu braço a Connie. Enquanto caminhava em direção aos homens, ela viu uma vasta gama de uniformes que fora treinada para identificar.

— Hans, permita-me apresentá-lo à minha querida prima Constance Chapelle, que nos honra com sua amável presença durante sua curta estada em Paris. Constance, permita-me apresentar-lhe o *Kommandant* Hans Leidinger.

Constance sentiu os olhos daquele homem enorme, vestido no que ela sabia ser o uniforme de um *Abwehr* do alto escalão, um oficial alemão da divisão de inteligência militar, estudando-a.

— *Fräulein* Chapelle, estou feliz em conhecer outra encantadora mulher da família de

Édouard.

— Coronel Falk von Wehndorf — Édouard foi até o próximo homem, que vestia o uniforme da temida Gestapo.

Von Wehndorf era o perfeito homem louro e ariano. Ele admirou-a de cima a baixo, sem disfarçar seu interesse. Em vez de cumprimentar Connie apertando a mão que ela lhe estendia, von Wehndorf levou-a até a boca e a beijou. Seus olhos, de um azul pálido, se fixaram nos dela por um instante, antes de dizer num francês perfeito: — *Fräulein* Chappelle, onde seu primo Édouard a estava escondendo?

As palavras, ditas de maneira inocente, desencadearam imediatamente uma onda de pânico em Connie.

— Coronel von Wehndorf...

— Por favor, somos todos amigos aqui. Pode me chamar de Falk. Posso chamá-la de Constance? — ele sugeriu.

— É claro — disse Connie, oferecendo aquele que esperava ser seu sorriso mais encantador. — Ele não estava me escondendo. Moro no sul e acho a viagem até Paris bastante árdua.

— Em que lugar do sul sua família vive?

Mas Édouard já a estava apresentando ao homem seguinte, vestido no uniforme da SS, a Polícia do Estado Alemão.

— Com licença — Connie desviou os olhos de Falk e concentrou sua atenção no *Kommandant* Choltitz.

— Até breve, *Fräulein* Constance — ouviu Falk dizer em voz baixa.

Édouard colocou uma taça de champanhe em sua mão enquanto ela conhecia três outros oficiais alemães, que estavam junto a um oficial do alto escalão da milícia francesa. Posteriormente, foi apresentada a dois outros franceses, um advogado e um professor universitário, cuja esposa, Lilian, era a única outra mulher presente. Com os nervos à flor da pele, Connie tomou um gole enorme de champanhe e desejou silenciosamente que Édouard

tivesse a fineza de colocá-la em uma mesa junto à segurança da presença de seus compatriotas.

— Senhoras e senhores, por favor, vamos até a sala de jantar. Vou trazer minha irmã — disse Édouard, conduzindo os presentes até a sala adjacente.

Colocando-se tão discretamente quanto conseguia entre o professor francês e sua esposa, Connie andou até a sala de jantar. Sarah indicou seu lugar à mesa. Ela se sentou, aliviada ao ver que o professor estava a seu lado e que o advogado estava do outro, em pé, atrás da cadeira. Sarah se aproximou rapidamente do advogado assim que ele fez menção de se sentar. Ela murmurou algo em seu ouvido e o francês foi imediatamente até o outro lado da mesa. Repentinamente, Connie percebeu que Falk von Wehndorf estava sentado a seu lado.

— *Fräulein* Constance, espero que não se sinta ofendida por eu haver pedido para sentar a seu lado no jantar desta noite — ele disse com um sorriso. — Não é sempre que tenho a oportunidade de ter uma mulher tão bela como companheira à mesa. Agora, precisamos de mais champanhe.

Falk fez um sinal para Sarah, que se aproximou rapidamente enquanto Édouard entrava na sala de jantar. A seu lado estava uma bela jovem: Sophia, lembrou-se Connie. A irmã de Édouard. Pequena, com uma beleza quase igual à de uma boneca em sua perfeição, Sophia usava um vestido azul noturno que acentuava a brancura de sua pele perfeita e de seus olhos azuis penetrantes. Seus cabelos louros estavam presos na altura da nuca num *chignon*, e um colar de safiras azuis adornava seu pescoço, esguio como o de um cisne.

Enquanto Édouard a conduzia à mesa, Connie percebeu que os braços de Sophia se estenderam para buscar a cadeira, enquanto seus dedos delicados percorriam-lhe o encosto. Sentando-se, ela sorriu ao grupo que estava reunido.

— Boa noite. É um prazer receber novamente a todos vocês aqui em nossa casa.

Ela falava com uma voz baixa e melodiosa, e tinha o francês impecável da aristocracia.

Muitos dos convidados murmuraram um cumprimento afetuoso em resposta.

— E, prima Constance... Édouard me disse que você finalmente chegou até nós em segurança. — Os olhos azuis-turquesa de Sophia não se viraram na direção de Connie

enquanto lhe falava.

— Sim, e estou feliz por vê-la tão bem — Connie respondeu, sem qualquer emoção na voz.

O olhar vazio de Sophia se virou na direção da voz de Connie, e ela abriu um sorriso estonteante.

— Tenho certeza de que teremos muito a conversar.

Connie observou enquanto a pessoa que estava ao lado de Sophia entabulava um diálogo. Ainda assim, seus olhos não estavam focados no rosto de seu interlocutor enquanto conversava com ele.

Com um choque repentino, ela percebeu que Sophia de la Martinières era cega.

Connie viu que Édouard olhou rapidamente em sua direção, percebendo que Falk von Wehndorf estava a seu lado e registrando a alteração na disposição da mesa. O próprio Édouard estava sentado do outro lado da mesa, cercado pelos alemães.

— Primeiramente, um brinde. Este jantar está sendo oferecido em honra ao trigésimo quinto aniversário do nosso convidado e amigo, Falk von Wehndorf.

Todos na mesa ergueram seus copos.

— A você, Falk.

— A Falk! — Veio o coro de vozes.

Falk fez uma mesura exagerada, quase cômica.

— E a nosso anfitrião, o conde Édouard de la Martinières, por oferecer esta festa. E, ao que parece, ele também me deu um presente de aniversário inesperado — ele disse, olhando para Constance com o canto dos olhos. — *A Fräulein* Constance, que veio do sul para se juntar a nós nesta ocasião.

Connie tentou manter seus nervos sob controle enquanto todos os olhos ao redor da mesa se voltaram em sua direção. Nunca poderia imaginar que sua chegada em Paris seria celebrada com um brinde por um grupo de oficiais nazistas. Ela tomou um gole do champanhe, sabendo que deveria manter a cabeça no lugar e não beber mais nada. Sentiu-se aliviada quando Sarah começou a servir a entrada do jantar e a atenção da sala se desviou dela.

No futuro, ao relembrar sua primeira noite em Paris na época da ocupação alemã, Connie ficou convencida de que havia alguém que lhe observava e zelava por ela. O professor à sua esquerda lecionava na Sorbonne e, assim, em face da atenção insistente que recebia de Falk, conseguiu fazer um relato verdadeiro do tempo que passou estudando na instituição. O diálogo respaldou seu disfarce e ela reparou nas expressões discretas de aprovação que Édouard lhe lançava, enquanto navegava por entre as perguntas de Falk e usava seu charme para desviar sua atenção com olhares e sorrisos.

Ao final da noite, quando os oficiais alemães estavam saindo, Falk novamente beijou-lhe a mão.

— *Fräulein*, apreciei muito sua companhia esta noite. Percebi que não é somente bonita, mas também é inteligente — ele disse, com um meneio de cabeça que indicava sua aprovação. — E eu gosto de mulheres inteligentes. Quanto tempo pretende ficar em Paris?

— Não me decidi a respeito — respondeu, honestamente.

— Constance ficará conosco pelo tempo que quiser — disse Édouard, vindo em seu socorro conforme se despedia dos outros homens que estavam à porta.

— Então eu espero ter o prazer de revê-la, e logo. *Heil, Hitler!*

Fitando-a uma última vez com seus olhos azuis-claros, Falk seguiu os outros homens para fora da casa. Édouard fechou e trancou a porta da casa, travando-a também com um ferrolho.

Em pé, no meio do hall, após uma experiência excruciante, Connie sentiu que toda a energia de seu corpo se esvaía. Sentiu suas pernas fraquejarem e cambaleou, mas Édouard estava ali para segurá-la, colocando-lhe um braço reconfortante ao redor dos ombros.

— Venha, Constance — ele disse enquanto a conduzia até a parte de trás da casa. — Você deve estar exausta. Vamos tomar um conhaque antes de nos recolhermos.

Édouard fez um sinal para Sarah, que aguardava no corredor.

— Traga uma bandeja à sala de estar.

Connie ficou feliz ao poder sentar-se no sofá. Estava tão cansada que chegava a se sentir

catatônica. Édouard a observou por alguns momentos enquanto Sarah trazia a bandeja com a garrafa de conhaque e os copos. Quando seu copo estava cheio e Sarah deixou a sala, ele o ergueu em frente a ela.

— Parabéns, Constance. Você foi magnífica esta noite — brindou Édouard. Ela o viu sorrir com sinceridade pela primeira vez e seu belo rosto repentinamente ganhou vida.

— Obrigada — ela disse, sentindo-se fraca, enquanto reunia a energia necessária para levar o copo de conhaque aos lábios.

— Talvez eu só precise dizer seja... bem-vinda à nossa família — Édouard disse, sorrindo outra vez.

Ambos riram com o comentário. E conforme a terrível tensão da noite se desfazia, eles riram tanto do engodo que engendraram que quase chegaram às lágrimas.

— Ah, Constance, você não faz ideia do quanto me chocou quando chegou aqui! Pensei que tudo estava perdido. Uma casa cheia de oficiais de alto escalão da milícia, Gestapo e Abwehr, e uma agente perdida da SOE aparece bem aqui, em frente a todos eles, para conversar comigo!

— Não acreditei quando vi os uniformes deles na sala de artes — Connie disse, balançando a cabeça, horrorizada com a lembrança.

— Conversaremos amanhã sobre como isso tudo aconteceu. Por ora, tudo que posso fazer é agradecê-la do fundo do coração por decidir aceitar o desafio e agir de maneira espetacular. Certamente Deus estava do nosso lado esta noite, em vários aspectos. Seu passado e sua experiência fizeram com que todos acreditassem que você faz parte de nossa família.

Connie soltou uma risadinha.

— Durante o treinamento da SOE, os instrutores me disseram várias vezes que o francês que eu falo tem um sotaque burguês. Não seria adequado ao meu disfarce de professora primária parisiense. Disseram que eu deixava transparecer muitas sutilezas e detalhes da alta sociedade, e fiz tudo o que eu podia para eliminá-los.

— Bem, seu passado veio em nosso socorro esta noite. E parece que você conquistou um admirador — concluiu Édouard, repentinamente assumindo uma expressão séria. — Ele é um

dos poucos nazistas que eu conheço aqui em Paris que vem de uma família aristocrática. Mas não se deixe enganar pela falsa sensação de segurança que ele pode querer demonstrar. Falk von Wehndorf é um dos homens mais cruéis e mortais dentre todos os que estão no comando de Paris atualmente. É implacável quando precisa expor traidores da causa nazista — acrescentou Édouard. — Ele foi o responsável pela prisão de vários membros da rede à qual você veio se juntar.

Connie sentiu um arrepio percorrer sua espinha.

— Entendo — ela disse, resignada. — Ele parece ser bem-educado e culto, e parece amar a França.

— Ele aprecia a história, cultura e elegância de nosso país, mas deseja tomar posse de toda a França, para si mesmo e para sua pátria. Isso o torna ainda mais perigoso. Além disso, como nós dois vimos esta noite, ele também aprecia nossas mulheres — Édouard disse, levantando uma sobrancelha. — E se você estiver entre os desejos dele... bem, conversaremos sobre o futuro amanhã. — Édouard deixou seu copo sobre a mesa, levantou-se e foi até Connie, tocando-lhe o ombro. — Tudo que você precisa saber, por ora, é que está a salvo conosco aqui em Paris e pode dormir sossegada — ele disse e lhe ofereceu o braço. — Vamos nos recolher?

— Sim — Connie disse, reprimindo um bocejo enquanto se levantava. Os dois caminharam lado a lado pelo corredor e subiram as escadas até o pavimento superior.

— Boa noite, prima Constance — sorriu Édouard.

— Boa noite, Édouard.

Após se livrar das joias e roupas que usava, Connie deitou-se na cama ampla e confortável. Uma onda de exaustão se abateu sobre ela, e adormeceu profundamente, sentindo-se grata ao destino.

Connie acordou com um sobressalto na manhã seguinte, desorientada por um instante enquanto observava o quarto em que estava. Lembrando-se dos acontecimentos da noite anterior, voltou a se deitar com um suspiro. Verificando o horário em seu relógio, ela notou

que já passava das dez horas da manhã. Levou a mão à boca, em choque. Nunca em sua vida dormiu até tão tarde. Levantando-se da cama, abriu sua mala e vestiu a blusa e a saia discretas que a Seção F considerava adequadas ao seu disfarce de professora primária. Arrumando rapidamente o cabelo em frente ao espelho, desceu até o térreo para tentar encontrar Édouard ou Sophia.

— O conde está na biblioteca, *mademoiselle* — disse Sarah, ao perceber que Connie estava sozinha no hall de entrada. — Ele pediu que fosse até lá quando se levantasse. Quer que eu lhe traga o desjejum?

— Apenas um pouco de café seria ótimo, obrigada — Connie disse. Seu estômago ainda estava cheio com a comida servida durante o suntuoso jantar da noite anterior. Os cupons de racionamento obviamente não faziam parte da rotina daquela casa. Ela seguiu Sarah até uma porta, bateu e entrou.

Édouard estava sentado em uma confortável poltrona de couro na biblioteca, que estava apinhada de estantes de livros que iam do piso até o teto. Ele levantou os olhos do jornal quando Connie entrou.

— Bom dia, Constance. Por favor, sente-se — disse, indicando uma poltrona do outro lado da lareira.

— Obrigada — ela disse, sentando-se. — Você tem uma coleção maravilhosa de livros aqui — comentou, olhando com admiração para as prateleiras.

— Herdei a coleção de meu pai, mas é a minha paixão também. Pretendo ampliar a coleção, se puder. Os nazistas queimaram milhares e milhares de livros por toda a Europa, o que torna esta coleção mais preciosa do que era há pouco tempo.

Édouard suspirou profundamente e se levantou. Connie percebeu que ele parecia estar cansado e sério naquela manhã, sem qualquer traço do entusiasmo da noite anterior. Estudando-o sob a luz do dia e percebendo as linhas finas que marcavam seu rosto, ela imaginou que ele já devia ter mais de trinta anos, mas ainda não havia chegado perto dos quarenta.

— Bem, Constance. Gostaria que me contasse em detalhes sobre as circunstâncias que a

trouxeram até a minha porta na noite passada.

Connie explicou que o contato que deveria encontrar na estação de Montparnasse não chegou a aparecer e que, posteriormente, se dirigiu ao endereço na Rue de Rennes, dado por Stefan.

— Sabe se alguém a viu quando entrou no prédio? — Édouard perguntou, com os olhos cheios de apreensão.

— Verifiquei cuidadosamente, como Stefan disse que eu deveria fazer, e não vi ninguém que estivesse usando um uniforme nas proximidades. Quando estava prestes a sair, uma mulher do apartamento ao lado me disse que a Gestapo esteve no apartamento 17 e que prendeu seus ocupantes. Ela me disse para sair do prédio pela porta dos fundos.

— Ela viu seu rosto?

— Se viu, foi apenas por alguns segundos.

— Vamos rezar para que ela seja digna de confiança — Édouard disse, voltando a respirar com tranquilidade. — Bem, Constance, você parece contar com a sorte dos abençoados até o momento. O apartamento 17 era um dos principais esconderijos da rede Cientista. Como a vizinha lhe confirmou, o lugar sofreu uma batida da Gestapo na noite anterior à da sua chegada. E eles continuam a procurar pelas ramificações da rede e a efetuar prisões. Tenho quase certeza de que o apartamento ainda estava sob vigilância quando você chegou. Eles iriam até lá na esperança de capturar agentes que ainda não soubessem a respeito da ação dos alemães. Portanto... — ele suspirou. — Tudo que podemos fazer é esperar que você não tenha sido notada, porque é um rosto novo no cenário e não foi vista entrando no apartamento antes. Talvez tenham presumido que você era simplesmente a amiga de um dos outros residentes do mesmo prédio.

— Stefan disse que eu era a única pessoa que ele podia mandar a Paris, pois eu era uma desconhecida e não estaria em nenhuma das listas da Gestapo — Connie explicou.

— Ele tem razão. Pelo menos isso é alguma coisa — Édouard disse, coçando o queixo e imerso em pensamentos enquanto Sarah servia café e biscoitos para ambos. — É bom mencionar que ter Stefan como parte do seu comitê de recepção foi um golpe de sorte. Ele é

um membro altamente treinado dos Maquis, que recebem o apoio dos agentes ingleses em campo. Ele me conhece por meio de outros canais que não se conectam com sua organização. Sabendo que houve dificuldades em Paris, ele entregou meu nome como último recurso. O problema é que...

— Sim? — Connie estava se esforçando para entender onde Édouard se encaixava.

— Devido à minha... posição, por assim dizer — Édouard estava procurando pela palavra correta —, é imprescindível que nenhuma ligação com a SOE ou com o Movimento de Resistência sejam descobertos. É impossível enfatizar o quanto isso é vital. E, é claro, aqui está você, o elo que os alemães precisam: uma agente britânica da SOE sentada ao meu lado e tomando café na biblioteca da minha casa.

— Lamento muito ter lhe causado tantos problemas, Édouard.

— Constance, por favor. Não a culpo. Stefan precisava enviar alguém a Paris para descobrir a verdadeira gravidade da situação e o quanto ela estaria disseminada. E eu posso lhe assegurar de que é muito pior do que ele pensava.

— Stefan disse que eu deveria entrar em contato com Londres para passar meu relatório assim que fosse possível — ela acrescentou.

— Isso não será necessário. Eu não trabalho para o governo britânico, mas conheço algumas pessoas que estão no topo da hierarquia do serviço de inteligência de seu país, e nós trocamos informações. Já entrei em contato com Londres hoje de manhã e os informei sobre os acontecimentos — Édouard explicou. — Stefan receberá instruções em breve. Próspero, o líder da rede Cientista, e seu operador de rádio estão presos. Todos os outros membros da Cientista abandonaram Paris assim que puderam ou estão escondidos em algum lugar até segunda ordem. Constance, minha cara, no momento, simplesmente não existe uma rede em Paris à qual você possa se juntar.

— Imagino que serei transferida para outra rede em Paris, então — Connie comentou.

— Sob circunstâncias normais, aconteceria isso — Édouard concordou. — Entretanto, por uma coincidência incrível, você conheceu alguns dos alemães mais poderosos em Paris na noite passada. — Édouard deixou sua xícara de café sobre uma mesa de centro e se inclinou

na direção dela. — Imagine, Constance: você é transferida para outra rede e começa a executar com sucesso a missão para a qual foi destacada. Em seguida, puff! Você é capturada e trazida para ser interrogada na base central da Gestapo, em Paris. E outra coincidência ocorre: um dos homens que você conheceu na noite passada, como o coronel Falk, por exemplo, entra para interrogá-la. Quem é que ele vê sentada na sala de interrogatório, amarrada a uma cadeira? Ninguém menos do que a prima de seu bom amigo, o conde De la Martinières, Constance, que ele conheceu algumas semanas antes na sua sala de jantar. O que é que ele começa a pensar? Será que seu amigo Édouard não sabe a respeito das atividades de sua prima? Talvez, no mínimo, ele comece a desenvolver um interesse mais forte pelo conde e a vigiar com mais atenção os outros convidados franceses que estavam sentados à mesa. Talvez chegue até mesmo a questionar se eles apoiam verdadeiramente os governos alemão e de Vichy, como alegam fazer.

— Sim, eu entendo — Connie concordou. — Mas qual seria a solução? E com quem você trabalha, Édouard?

— Constance, você não precisa saber disso — ele respondeu, imediatamente. — Na verdade, é *melhor* que não saiba. Mas tudo que eu faço envolve livrar o meu país das garras do regime nazista e do governo fantoche de Vichy, administrado por nossos contrerrôneos fracos que concordam com tudo o que os alemães dizem para salvar suas próprias peles. Passei os últimos quatro anos trabalhando para ganhar a confiança deles. Minha riqueza, combinada com a ganância deles, faz com que tudo pareça uma obsessão doentia, mas possível. Nunca esqueça o quanto me custa fazer tudo isso, Constance. Cada vez que um deles atravessa a minha porta, eu sinto vontade de sacar minha arma e enchê-los de balas.

Connie viu que as feições de Édouard estavam contorcidas. Suas mãos estavam entrelaçadas firmemente uma com a outra, e as articulações dos dedos ficaram brancas com a força que ele fazia.

— Em vez disso, eu os convido para vir à minha casa, sirvo-lhes o melhor vinho de nossas adegas, gasto dinheiro no mercado negro para procurar as melhores carnes e queijos para encher suas bocas e passo um bom tempo conversando amigavelmente com eles. Por que, você pergunta? Como consigo fazer isso?

Connie permaneceu em silêncio. Sabia que ele não precisava que ela lhe respondesse.

— Faço isso porque, ocasionalmente, após várias e várias doses de conhaque, consigo ouvir algum fragmento de informação revelado por alguma boca alemã bêbada. E, às vezes, esse fragmento de informação permite que eu alerte as pessoas que estão em perigo e talvez salve a vida de meus compatriotas. É por esse motivo que eu suporto a presença deles à minha mesa.

Connie continuava sentada, em silêncio, compreendendo tudo.

— Portanto, perceba que nunca deve haver qualquer indício de meu envolvimento com quaisquer das organizações que os nazistas estão desesperados para desbaratar. Não resultaria somente na morte dos vários homens e mulheres corajosos que trabalham comigo, mas também colocaria em risco as informações valiosas que posso repassar àqueles que mais precisam. Não me preocupo tanto com minha própria vida, Constance, mas sim com a de outras pessoas. Como Sophia, por exemplo. Vivendo comigo aqui nesta casa, é impossível para ela não fazer parte do meu engodo. E ela seria considerada cúmplice, caso eu fosse descoberto. — Édouard se levantou e foi até a janela, olhando para o belo jardim que era banhado pela luz do sol. — Portanto, por todas essas razões, receio que seja impossível que você continue com sua carreira de agente britânica.

Ela absorveu lentamente as palavras que Édouard pronunciou. Certamente, Connie pensava que todas as semanas de treinamento, toda a preparação mental e emocional, não poderiam simplesmente ser inutilizadas.

— Compreendo. O que você pretende fazer comigo? — perguntou após algum tempo, sabendo que aquela pergunta soava como uma lamúria.

— Essa é uma ótima pergunta, Constance. Já informei Londres que você está comigo. E que eles devem cancelar imediatamente qualquer registro de sua chegada à França. As poucas pessoas que sabiam sobre sua chegada receberão instruções em breve e você não terá mais contato com eles a partir de agora. Você vai me trazer seus documentos imediatamente e nós os queimaremos, juntos, na lareira. Você também vai me trazer sua mala de viagem e vou me livrar dela para você. Seus novos documentos estão sendo preparados agora mesmo. Deste momento em diante, você é simplesmente Constance Chapelle, residente de Saint-Raphaël e

conhecida por aqueles a quem já se apresentou como minha prima.

— E o que eu vou fazer? Serei mandada de volta à Inglaterra?

— Ainda não. É perigoso demais e não posso arriscar que você seja capturada. Constance, receio que, durante as próximas semanas, você terá que agir de acordo com a história que contou na noite passada — Édouard disse com um sorriso sombrio. — Você permanecerá nesta casa como nossa hóspede. Talvez, no futuro, você possa viajar para o sul, como se fosse retornar a Saint-Raphaël, e podemos tentar enviá-la de lá para a Inglaterra. Mas, por ora, embora não tenha culpa de nada, você está presa aqui conosco.

— E Londres concordou com isso? — Connie perguntou, sem conseguir acreditar.

— Eles não tiveram escolha — Édouard disse, ignorando a pergunta como se ela não fosse relevante. Ele se virou para ela, com um olhar que ficou repentinamente mais brando. — Entendo sua coragem e seu desejo de ajudar seu país, e também entendo sua decepção por não poder executar sua tarefa. Mas acredite em mim: você estará sacrificando sua carreira em prol de uma causa nobre e importante. Além disso, talvez haja outras maneiras de ajudar — ele disse, dando de ombros. — Você é uma bela mulher e causou uma boa impressão num homem poderoso. Falk é um convidado habitual aqui em minha casa. Nunca se sabe o que ele pode lhe revelar.

Por dentro, Connie estremeceu ao pensar naquilo, mas entendeu o que Édouard queria dizer.

— Nesse ínterim, Sophia telefonou para a costureira que faz seus vestidos e ela logo estará aqui. Você precisará de roupas que estejam à altura de uma mulher aristocrata da linhagem dos Montaine e dos De la Martinières. E será agradável para Sophia ter outra mulher na casa. Ela raramente sai da residência devido à sua... condição e sente-se solitária. Ela também sente muito a falta de nossa mãe. Seria possível passar algum tempo com ela, Constance? — Édouard sugeriu.

— O problema que ela tem veio de nascença? — Connie perguntou.

— Sophia tinha um pouco da visão ao nascer, então meus pais não perceberam o problema imediatamente — ele explicou. — Sua visão se deteriorou aos poucos, mas, quando os

médicos conseguiram perceber a extensão do problema, já era tarde demais para tentar remediá-lo. Sophia se ajustou bem à deficiência. Ela sabe escrever, algo que aprendeu antes de perder totalmente a visão, graças a Deus. Os poemas que ela escreve são bonitos. Muito bonitos.

Connie percebeu a emoção nos olhos de Édouard.

— Quantos anos ela tinha quando finalmente perdeu a visão?

— Sophia tinha sete anos quando as luzes se apagaram completamente para ela. Mesmo assim, é espantoso perceber como seus outros sentidos compensaram essa perda. Sua audição é a melhor dentre todas as pessoas que conheço, e normalmente ela sabe quem está entrando na sala apenas pelo ruído de seus movimentos. Ela gosta muito de ler; estou fazendo com que vários livros desta biblioteca e outros que tenho em Gassin sejam transcritos em braille para ela. Ela tem um gosto especial pelos poetas românticos ingleses, como Byron e Keats. E sabe desenhar, também. Ao tocar aquilo que deseja desenhar com as mãos, ela consegue transferir o formato e a cor para o papel — Édouard completou, com um sorriso gentil. — Ela é muito artística e é a pessoa mais querida que tenho por perto.

— É muito bonita, também — Connie acrescentou.

— Sim. Não é triste que Sophia seja incapaz de ver a si mesma no espelho? Ela não faz ideia da beleza que tem — ele disse. — Os homens que a conhecem pela primeira vez e não sabem sobre sua cegueira... bem, eu observo o efeito que ela causa neles. Sophia é gloriosa.

— Ela certamente é.

A expressão no rosto de Édouard se transformou repentinamente.

— Bem, agora você vai buscar a mala e os documentos que estão em seus aposentos. Não vou me sentir confortável enquanto eles ainda estiverem na casa.

Não era um pedido, era uma ordem. Connie cumpriu com as instruções de Édouard e subiu ao quarto para buscar a mala de viagem. Dez minutos depois, observou sua identidade se desfazer em chamas. Édouard transferiu o conteúdo da mala para um saco. Em seguida, apontou para os pés de Connie.

— Seus sapatos também. Nós dois sabemos o que está escondido num dos saltos.

— Mas não tenho outros sapatos — Connie observou.

— Você receberá sapatos novos — ele respondeu.

Connie ficou na biblioteca, vestindo apenas suas meias. Sentia-se horrivelmente vulnerável. Não tinha mais nada no mundo além das roupas do corpo.

Como se houvesse feito a mesma coisa milhares de vezes, Édouard removeu os francos escondidos no forro da maleta. Ele entregou o dinheiro a Connie, percebendo sua expressão tensa.

— Você pode ficar com esse dinheiro, é claro. Uma cortesia dos governos francês e britânico pelas dificuldades que fizeram você passar. Sophia e eu nos certificaremos de que todas as suas necessidades materiais sejam atendidas enquanto você estiver conosco. E, é claro, você terá tudo do melhor. Sophia a está esperando no andar superior para apresentá-la à costureira. — Édouard foi até a porta. — Mais uma coisa. É improvável que alguém tente contatá-la. Poucas pessoas da sua organização sabem que você está aqui. Mas se, por acaso, algum deles souber de sua localização, você não deve, e eu repito, *não deve*, tentar responder às mensagens deles. Entendeu?

— Sim.

— Se não for assim, tudo o que está acontecendo não terá razão de ser e várias vidas estarão em grave perigo — ele disse, fitando Connie com seu olhar penetrante.

— Eu entendo.

— Ótimo. Agora, vá encontrar Sophia no andar de cima.

CAPÍTULO 12



Um mês se passou desde que Constance se tornou parte do lar dos De la Martinières. Recebeu uma elegante coleção de trajes para compor seu guarda-roupa, com sapatos de couro macio, de um tipo que não via desde o início da guerra, e vários pares de meias de seda. Ao organizar as peças na cômoda, Connie suspirou ao perceber a amarga ironia de sua situação. Estava vivendo como uma princesa, em uma casa onde o dinheiro parecia não ter fim e onde era servida e auxiliada a todo o momento pelos empregados e governantas. Mesmo assim, a suntuosidade externa da vida que Connie era forçada a viver não conseguia mitigar a dor do que não podia ser definido por outra palavra além de “cativeiro”. Não somente ela se deitava à noite em sua cama, sentindo saudades de Lawrence até seu coração doer, mas também atormentava a si mesma pensando nos homens e nas mulheres de coragem com quem havia treinado e que agora estavam em campo, constantemente em perigo, sofrendo privações que ela mal conseguia imaginar. A culpa que sentia pela situação lhe devorava a alma. Nessa prisão dourada, privada de qualquer contato com o mundo exterior, Connie achava que iria enlouquecer.

Sua tábua de salvação era Sophia, de quem passou a gostar muito. Com uma percepção aguçada, a despeito de sua cegueira, ela sempre sabia quando Connie estava triste simplesmente pelo tom de sua voz.

Sophia, aos vinte e cinco anos, exatamente a mesma idade de Connie, estava ansiosa por ouvir e aprender sobre a vida de Connie na Inglaterra. Nunca viajara para fora da França devido à deficiência. Connie se sentava a seu lado, sob o calor de uma tarde de julho, descrevendo os charcos tristonhos e impressionantes que havia em Yorkshire, assim como Blackmoor Hall, a casa da família de Lawrence. Isso era algo que a reconfortava e a perturbava ao mesmo tempo. Mas era assim que conseguia manter o marido vivo em sua memória.

Recentemente, enquanto conversavam no terraço durante um pôr do sol morno, Connie falou a Sophia sobre seu marido e a dor que a saudade lhe causava. Sophia foi a ternura em pessoa, fazendo perguntas a respeito de Lawrence e acalmando Connie com palavras de conforto.

Em seguida, Connie entrou em pânico, afinal, ela não tinha provas de que os De la Martinières não a estavam mantendo como um prêmio para ser entregue aos nazistas, quando e se aquilo lhes fosse conveniente. Mas ela *precisava* confiar em alguém.

E há duas noites, o coronel Falk von Wehndorf aparecera de surpresa na porta da frente. Sarah veio procurar por Connie, que estava sentada com Sophia na biblioteca.

— A senhora tem visita, *madame* Constance — Sarah dissera, avisando-a do perigo com os olhos.

Connie assentiu e, sentindo seu coração acelerar, foi até a sala de artes, para onde Falk fora conduzido.

— *Fräulein* Constance! Ora, eu acho que você está ainda mais bela do que quando a vi pela última vez — disse o alemão, vindo em sua direção e beijando-lhe a mão.

— Obrigada, coronel. Eu...

— Por favor, lembre-se de que devemos nos tratar pelo primeiro nome — Falk a interrompeu. — Eu estava passando pelo bairro a caminho do quartel-general e pensei comigo mesmo: “Vou visitar a encantadora prima de Édouard para perguntar como Paris a está tratando”. Aparentemente, a cidade a está tratando muito bem.

— Sim, certamente é uma mudança agradável em relação à vida rural no sul — respondeu Connie, sentindo-se enrijecer.

— Eu estava imaginando se, mais tarde, após terminar uma entrevista, eu poderia vir até aqui e levá-la a algum outro lugar. Gostaria de sair para jantar comigo e, depois, talvez dançar um pouco?

O estômago de Connie se revirava.

— Eu...

Naquele momento, obviamente alertado por Sarah sobre a presença do coronel, Édouard entrou na sala.

— Falk! Que surpresa agradável! — ele disse, cumprimentando-o com um aperto de mão afetuoso.

— Eu estava sugerindo à sua encantadora prima que talvez pudesse desfrutar de sua agradabilíssima companhia esta noite — Falk repetiu.

— Infelizmente, fomos convidados para jantar perto de Versalhes por outro primo — Édouard disse, olhando carinhosamente para Connie. — Querida, você ficou muito tempo longe de Paris. Parece que sua presença está sendo bastante requisitada. Talvez, no futuro, você poderia aceitar o convite de Falk e acompanhá-lo? O que acha?

— Sim. É uma honra receber seu convite, *Herr Falk* — Connie disse, forçando um sorriso.

— *Fräulein*, eu é que me sentirei honrado. Como você disse, Édouard, quem sabe outra vez.

Falk bateu os saltos das botas um contra o outro, parodiando o que Connie só vira em noticiários produzidos pelos irmãos Pathé, que eram exibidos nos cinemas antes do início dos filmes. Falk estendeu o braço para frente e disse:

— *Heil, Hitler!* Preciso ir agora.

— Talvez nos vejamos na ópera, na noite de sábado? — Édouard disse enquanto acompanhava Falk até a porta.

— Vai reservar um camarote? — Os olhos de Falk estavam fixos em Connie.

— Sim. Gostaria de se juntar a nós, *Herr Falk*? — Édouard perguntou.

— Seria extremamente agradável. Até sábado, *fräulein* Constance — ele disse, curvando-se.

Quando o alemão saiu, Connie havia se sentado em uma cadeira. Édouard voltou à sala.

— Lamento, Constance, mas parece que o nosso coronel tem uma queda pela minha bela prima — ele disse, segurando-lhe as mãos. — Sugerir que ele nos acompanhasse à ópera porque, pelo menos ali, nós estaremos por perto para protegê-la.

— Oh, Édouard... — Connie suspirou, desconsolada, balançando a cabeça.

Ele acariciou suas mãos de maneira reconfortante.

— Eu sei, querida. É uma mentira horrível. E talvez seja uma pena não haveremos inventado um noivo para você que ainda mora no sul na noite em que a apresentamos a Falk. Mas agora é tarde demais. E você precisa resistir da melhor maneira que puder.

Ouvia-se o burburinho de uma plateia glamourosa por toda a Place de L'Opéra, que consistia de alemães de alto escalão, oficiais do governo de Vichy e a população burguesa de Paris. A milícia francesa montava guarda na entrada.

O calor estava inclemente naquela noite de julho, e Connie, enfiada no corselete justo de seu vestido de gala em tom verde-esmeralda, sentia-se como um frango recheado, colocado num forno em uma temperatura acima do suportável. Olhou na direção do Hotel Ritz, um local onde se encontrara com sua tia várias vezes para tomar chá quando ela vinha de Saint-Raphaël. Agora, bandeiras nazistas substituíam os pavilhões tricolores da França nos mastros. Connie fechou seus olhos por um segundo, sentindo um nó forte e sufocante na garganta. Embora o cenário desta noite demonstrasse que a vida seguia seu curso normalmente, tudo não passava de uma fraude, de um pastiche sombrio de como as coisas realmente deveriam ser. É claro que não era a mesma coisa... nada mais era o que costumava ser.

Enquanto Édouard parava para cumprimentar amigos no trajeto até o camarote, Connie guiava Sophia pela escadaria grandiosa.

— Estou esperando ansiosamente por esta noite — Sophia disse, com seu belo rosto se abrindo num sorriso quando Connie sentou-se a seu lado em uma confortável cadeira de veludo. — Embora eu desejasse que a ópera desta noite não fosse uma das obras de Wagner — ela disse, franzindo o nariz em desaprovação. — Mas, é claro, é o tipo de música que nossos amigos que comandam o país preferem.

Falk foi o próximo a chegar ao camarote.

— *Fräulein* Constance — ele disse, após beijar sua mão como de costume. Ele a observou cuidadosamente. — Seu vestido é lindíssimo. As damas francesas são verdadeiramente as

mais elegantes do mundo. Talvez, com o tempo, as mulheres alemãs consigam absorver um pouco da elegância francesa.

Falk pegou uma taça de champanhe e, ao fazê-lo, a porta se abriu novamente para revelar Édouard e... Connie observou, confusa, enquanto uma cópia exata de Falk surgia logo atrás dele.

Falk abriu um sorriso torto quando percebeu a surpresa de Connie.

— *Fräulein*, por acaso acha que está vendo as coisas em dobro? Eu lhe asseguro que ainda não bebeu champanhe demais. Permita-me apresentar meu irmão gêmeo, Frederik.

— *Madame*, é uma honra conhecê-la — Frederik disse, avançando para cumprimentar Connie com um aperto de mão cortês.

Enquanto estava ao lado de seu irmão, Connie percebeu que, embora a compleição física e estrutura óssea fossem idênticas, os olhos de Frederik demonstravam afetuosidade quando ele lhe sorria.

— E esta é minha irmã, Sophia — Édouard interrompeu.

Frederik se virou para cumprimentar Sophia. Olhou fixamente para ela e abriu a boca para falar, mas não conseguiu emitir qualquer palavra. Ficou ali, como se estivesse hipnotizado, observando-a, maravilhado.

Em meio à longa pausa, Sophia estendeu-lhe a mão e falou:

— Coronel von Wehndorf, é um prazer conhecê-lo.

Connie observou quando seus dedos se tocaram pela primeira vez. Frederik ainda não havia falado, mas segurou a mão pequena de Sophia na sua durante o que se tornou um intervalo de tempo embaraçosamente longo. Após algum tempo, Frederik conseguiu soltar um “Encantado, *mademoiselle*”. Relutantemente, soltou a mão da francesa e Connie viu Sophia lhe oferecer um sorriso radiante, como se algo maravilhoso tivesse acabado de acontecer. Por sorte, a atenção de Édouard estava concentrada em outros dois convidados que chegavam, e os olhos de Falk estavam focados em Connie.

— E então, qual de vocês dois é o gêmeo mais velho? — ela perguntou, tentando aliviar a

tensão.

— Infelizmente, eu sou o mais jovem. Nasci quase uma hora depois de meu irmão — Falk respondeu. — Quase não consegui vir ao mundo, talvez ele tenha roubado toda a energia da minha mãe para si mesmo! — completou Falk, lançando um olhar para Frederik que causou em Connie a impressão de que os dois irmãos não mantinham um bom relacionamento. — Não concorda, Frederik?

— Desculpe, não ouvi o que você disse, irmão — Frederik conseguiu tirar os olhos de cima de Sophia para olhar para Falk, com uma expressão de curiosidade no rosto.

— Nada de importante. Estava apenas dizendo que você foi o primeiro a chegar ao mundo. Como fez várias vezes — Falk completou, rindo da própria piada insidiosa, mas com um olhar duro.

— E você nunca vai me perdoar por isso, não é? — Frederik sorriu tranquilamente e deu alguns tapinhas amistosos no ombro do irmão.

— Quando chegou a Paris, Frederik? — Sophia perguntou. — É uma surpresa não o haver conhecido antes.

— Meu irmão mais velho estava ocupado com assuntos mais abrangentes que a administração de uma única cidade — interveio Falk. — Ele está trabalhando diretamente para o *Führer*⁸ como parte de sua equipe de conselheiros. Frederik é um intelectual, não um soldado, e está muito acima dos meros mortais da Gestapo como nós.

— Fui enviado como emissário para visitar Paris — respondeu Frederik. — O *Führer* está preocupado com a quantidade de operações de sabotagem bem-sucedidas organizadas pela Resistência Francesa recentemente.

— Em resumo, Frederik está aqui porque acha que nós, da Gestapo, não estamos fazendo nosso trabalho como deveríamos.

— É claro que não, Falk — interrompeu Frederik, constrangido. — Essas pessoas são inteligentes e bem organizadas e estão levando a melhor sobre nós em várias ocasiões.

— Irmão, acabamos de efetuar uma das maiores operações de captura e prisão de

membros da Resistência e agentes da SOE — disse Falk. — A rede Cientista está imersa no caos. Não vai mais nos causar problemas.

— E você merece os parabéns por isso — concordou Frederik. — Estou aqui simplesmente para supervisionar a divisão de inteligência e decidir como poderemos continuar a encurralá-los.

Connie observou a tensão entre os dois irmãos, tentando não se envolver na discussão. Por sorte, as luzes se apagaram lentamente e os convidados do camarote se sentaram. Frederik tomou apressadamente a poltrona ao lado de Sophia. Connie percebeu que estava ensanduichada entre os dois irmãos.

— Gosta de Wagner, *Fräulein* Chapelle? — perguntou Falk enquanto sorvia o champanhe e colocava a taça de volta na bandeja.

— Não é um compositor que eu conheça bem, mas gostaria de me familiarizar melhor com ele — respondeu Connie, diplomaticamente.

— Espero que você, *Fräulein* Sophia e Édouard possam vir jantar conosco após o espetáculo — acrescentou Falk. — Sinto que é meu dever mostrar ao meu irmão o melhor de Paris enquanto ele estiver aqui.

Connie não precisou responder quando as palavras de Falk foram engolidas pelo dramático coro de abertura de *Die Walküre*⁹.

Connie nunca chegou a gostar de Wagner, achando que sua música e suas histórias eram pesadas demais. Assim, passou a maior parte do tempo observando discretamente o auditório e as pessoas que estavam ali. Sentia-se muito desconfortável por ser vista publicamente ao lado do inimigo, mas o que podia fazer? Se, como Édouard lhe dissera, suas ações ocorressem em prol de uma causa maior, deveria se resignar a engolir sua repulsa enquanto Falk deslizava a mão por seu joelho coberto pelo vestido de seda.

Connie moveu os olhos discretamente para a esquerda e percebeu a expressão de êxtase nos olhos de Frederik. Em seguida, viu que seus olhos não estavam focados no palco, mas em Sophia.

Após a quase interminável apresentação, Édouard aceitou o convite de Falk e Frederik para acompanhá-los até um clube para o jantar. Uma limusine negra da Gestapo os aguardava do lado de fora.

Quando Édouard entrou no carro logo depois das moças, sentiu que algo o acertou na nuca.

— *Traître! Traître!* — gritou uma voz no meio da multidão.

O motorista fechou rapidamente as portas enquanto o carro era alvejado com ovos podres. Enquanto se afastavam da calçada, Connie ouviu tiros sendo disparados. Édouard suspirou, retirou o lenço do bolso e fez o melhor que pôde para enxugar os restos do ovo malcheiroso do *smoking*.

Sophia estava agarrada ao outro ombro de Édouard, com o rosto paralisado pelo medo.

— Porcos! — esbravejou Falk, no assento à frente deles. — Podem ficar descansados. Os perpetradores serão encontrados e eu os interrogarei pessoalmente amanhã.

— Bem, Falk, não é realmente um problema — disse Édouard, rapidamente. — Foram apenas alguns ovos, não balas. Apenas um patriota exaltado que ainda não conseguiu enxergar a luz.

— Quanto mais rápido enxergarem, melhor para todos nós — respondeu Falk.

Dentro do restaurante do clube, enquanto Édouard pedia licença para ir ao banheiro lavar o paletó, Frederik conduziu Sophia cuidadosamente pelos degraus da escadaria.

— Sua mão está trêmula — ele disse, gentilmente.

— Não gosto de qualquer tipo de violência — Sophia estremeceu.

— Muitos de nós também não gostam — ele respondeu, apertando-lhe a mão com firmeza e levando-a até a mesa que haviam reservado. Enquanto ele a ajudava a sentar-se, colocou suas mãos nos ombros da francesa e sussurrou em seu ouvido: — Não se preocupe, *mademoiselle* Sophia. Você sempre estará segura comigo.

As mãos de Falk deslizavam pelas costas de Connie enquanto dançavam. Toda vez que os dedos do alemão tocavam a pele desnuda entre seus ombros e o pescoço, Connie sentia um

estremecimento de repúdio e terror. Aqueles dedos, de acordo com o que Édouard lhe dizia, não tinham qualquer reserva à ideia de enroscarem ao redor do metal frio de um gatilho e matar um ser humano à queima-roupa. Ela sentiu o cheiro do hálito rançoso e alcoolizado de Falk em seu rosto enquanto ele tentava aproximar os lábios dos seus.

— Constance, você já deve saber o quanto a desejo. Por favor, diga que eu posso tê-la para mim — gemeu enquanto acariciava-lhe o pescoço com o nariz.

Preenchida pelo nojo, Connie enrijeceu e forçou-se a não seguir seus instintos, que insistiam que ela devia se desvencilhar das garras de Falk. Percebeu que qualquer que fosse a nacionalidade daquele homem, ela se esquivaria de seu toque. Olhou ao redor do salão e viu que outras mulheres francesas dançavam com alemães. Nenhuma se vestia de maneira tão elegante quanto ela. Pela aparência que tinham, algumas eram pouco mais do que prostitutas comuns. Mas o quanto ela seria melhor que aquelas mulheres?

Viu Sophia do outro lado do salão, junto de Frederik. Não estavam dançando, na verdade, mal estavam se movendo. Em vez disso, Frederik segurava suas mãos e falava com ela em voz baixa. Sophia sorriu, assentiu e se aproximou dos braços do homem. Connie percebeu como ele a abraçava com carinho, enquanto Sophia repousava sua cabeça naturalmente contra o peito do alemão. Havia um quê de... Connie procurou pela palavra correta, *intimidade* na linguagem corporal de ambos, uma proximidade que contradizia o fato de que haviam se conhecido há tão pouco tempo.

— Talvez seja possível escapar das garras de seu primo superprotetor na próxima semana — disse Falk a Connie enquanto olhava para Édouard, que observava cada um de seus movimentos da mesa onde estava. — Poderemos ficar a sós.

— Talvez — Connie disse, perguntando a si mesma por quanto tempo seria possível esquivar-se desse homem, tão acostumado a escolher e obter o que queria.

— Com licença, preciso retocar o pó — ela disse quando a banda tocava as últimas notas da canção.

Falk concordou com um breve aceno de cabeça e a seguiu fora da pista de dança.

Quando Connie voltou do lavatório para a mesa, escutou o diálogo entre Falk e Édouard.

— Meu amigo prefere um Renoir, mas, se não for possível, ele também gosta bastante de Monet.

— Como sempre, Falk, verei o que posso fazer. Ah, Constance, você parece estar cansada — simpatizou Édouard quando ela se sentou a seu lado.

— Estou um pouco, sim — ela respondeu, com sinceridade.

— Partiremos assim que conseguirmos tirar Sophia da pista de dança — disse Édouard.

— Exato — disse Falk com um largo sorriso enquanto bebia um gole do conhaque. — Parece que os homens da minha família se sentem atraídos pelas mulheres da sua.

Um carro da Gestapo deixou os três em frente à casa, na Rue de Varenne. Connie permaneceu em silêncio durante o trajeto, assim como Sophia. Édouard tentou estabelecer um diálogo, mas suas tentativas não tiveram qualquer resultado expressivo. Quando Sarah abriu a porta, Connie despediu-se com um “boa noite” abrupto do casal de irmãos e se dirigiu para as escadas.

— Constance — disse Édouard, interrompendo-a quando pisava nos primeiros degraus. — Venha até a biblioteca comigo para um copo de conhaque.

Não era um convite, mas uma ordem. Enquanto Sarah guiava uma Sophia extasiada a seu quarto, Connie se virou e seguiu Édouard até a biblioteca.

— Nada de conhaque para mim — ela disse, enquanto Édouard servia-se de um copo.

— O que houve, minha cara? Está óbvio que algo a incomoda. Foram os ovos podres que jogaram contra nós? Ou as atenções de Falk?

Connie se deixou cair em uma cadeira, levando os dedos até a testa. Lágrimas lhe encheram os olhos, não foi capaz de contê-las.

— Eu somente... — ela balançou a cabeça, desconsolada. — Eu não acho que sou capaz de suportar isso. Estou traindo tudo que me ensinaram e tudo em que acredito. Estou vivendo uma mentira!

— Constance, por favor, tente não se deixar abater. Eu entendo perfeitamente como você

se sente. Muitas pessoas que observassem a situação de fora pensariam que você está lutando numa guerra muito fácil. Mas o que nós três estamos vivendo... Você, por uma simples coincidência, eu, por aquilo que acredito, e Sophia, por associação, é um verdadeiro tormento para a alma — Édouard concordou.

— Perdoe-me, Édouard, mas você, pelo menos, sabe o porquê! — ela disse, chorando. — Eu não tenho qualquer prova de que o que você me diz é verdade! Sou uma agente treinada do governo britânico e vim até aqui para defender dois países muito queridos, não para jantar, dançar e falar sobre amenidades com oficiais alemães! Édouard, eu nunca me senti mais envergonhada do que quando ouvi aquela mulher gritar “Traidor!” esta noite — disse Connie, enxugando com força as lágrimas dos olhos. — Talvez ela morra por nossa causa!

— Sim, talvez isso aconteça — Édouard concordou. — Mas talvez não aconteça. Além disso, devido aos acontecimentos desta noite, talvez eu consiga avisar dez ou doze homens e mulheres que estão se preparando para uma reunião num esconderijo amanhã à noite, não muito longe desta casa, de que os nazistas sabem sobre o lugar. Assim, não apenas poderão salvar a si mesmos, mas também as outras centenas de almas corajosas que trabalham para a rede — ele disse, com seus olhos castanhos fixos nos de Connie.

Connie olhou para ele, surpresa.

— Como assim?

— Os agentes pertencem a outro ramo da rede Cientista e seus nomes foram conseguidos após uma longa sessão de tortura com agentes que foram capturados na última onda de prisões. Enquanto você estava retocando a maquiagem, o próprio Falk me contou. Ele estava muito satisfeito com seu próprio progresso. Eu o conheço bem, sempre fica indiscreto após algumas doses de conhaque. E sua arrogância o trai repetidamente. Faz questão de me informar o quanto é bem-sucedido em seu trabalho. E, infelizmente, ele é bom demais no que faz — Édouard suspirou, desolado.

Connie ficou em silêncio por alguns momentos, olhando fixamente para Édouard, querendo acreditar no que ele dizia.

— Por favor, Édouard. Eu imploro, me diga para quem você trabalha. Pelo menos eu conseguirei dormir à noite sabendo que não estou traindo meu país.

— Não — Édouard respondeu, balançando a cabeça negativamente. — Não posso fazer isso. Você terá que acreditar no que eu digo. E talvez você receba provas de outra fonte, até mais cedo do que imagina. Afinal, não é a última vez que veremos nosso amigo Falk. Se ele estiver se vangloriando de uma nova onda de prisões, eu serei realmente o traidor que você me acusa ser. Mas se, por acaso, o esconderijo estiver vazio quando a Gestapo invadi-lo, talvez eu esteja falando a verdade — Édouard suspirou. — Constance, eu aceito o fato de que a situação seja difícil para você, já que esse não é o caminho que escolheu. Mas posso apenas garantir, como já fiz várias vezes, que nós dois estamos lutando do mesmo lado.

— Se você pudesse apenas me dizer para quem trabalha — ela tentou outra vez.

— E colocar sua vida em risco junto com várias outras? — Édouard balançou a cabeça negativamente. — Não, Constance. Nem mesmo Sophia sabe dos detalhes e é assim que as coisas continuarão a ser. E, agora, parece que o risco aumentou. Eu já conheço Frederik, o irmão de Falk. Ele é membro de um grupo de elite dos oficiais da SS, da divisão conhecida como SD, a divisão de inteligência da Gestapo. Ele responde diretamente ao topo do governo alemão. Se ele também vier a se tornar um visitante habitual desta casa, precisamos ser ainda mais cuidadosos.

— Ele pareceu se encantar muito por Sophia. E o mais preocupante foi ver que ela parecia sentir o mesmo em relação a ele — comentou Connie.

— Como já mencionei, os irmãos vêm de uma família aristocrática de ascendência prussiana. São homens educados e cultos, e, mesmo assim, pelo que vi esta noite, muito diferentes um do outro. Frederik é o intelectual, o pensador — disse Édouard, fazendo uma pausa antes de olhar para Connie. — Eu poderia até mesmo apreciá-lo se ele estivesse lutando do lado certo.

Os dois ficaram sentados em silêncio por alguns momentos, perdidos em seus próprios pensamentos.

— Sophia, ela é muito ingênua — disse Édouard, após algum tempo. — Ela foi protegida do mundo exterior primeiro pelos meus pais e, posteriormente, por mim. Conhece pouco a respeito de homens e do amor. Esperemos que *Herr* Frederik retorne à Alemanha em breve. Eu também vi a química entre eles.

— E o que eu devo fazer em relação a Falk? — Connie perguntou, finalmente. — Édouard, sou uma mulher casada!

Édouard segurava seu copo de conhaque com as duas mãos, olhando firmemente para ela.

— Acabamos de concordar que, às vezes, devemos viver uma vida de mentiras. E, Constance, você deve fazer uma pergunta a si mesma: se eu fosse o líder da rede à qual você foi originalmente enviada e ordenasse que continuasse a estimular o relacionamento com Falk, na esperança de que ele deixe escapar informações que poderiam ajudar seus compatriotas na luta, você se recusaria a me obedecer?

Connie evitou o olhar de Édouard. Ela entendia claramente o que ele dizia.

— Em vista do que discutimos, eu concordaria, é claro — ela respondeu, relutante.

— Então, talvez, em seu relacionamento com Falk, você consiga separar a si mesma de sua alma e lembrar-se, cada vez que sente o desejo de se desvencilhar dos braços dele, de que você está agindo em prol de uma causa muito maior do que sua própria repulsa. É isso que eu preciso fazer, vinte e quatro horas por dia.

— Não se importa que seus compatriotas pensem que você é um traidor?

— É claro que me importo, Constance. Mas isso não vem ao caso, não é? Eu penso mais nos meus concidadãos franceses que estão trancafiados em celas malcheirosas, sendo torturados e sofrendo abusos, ou perdendo suas vidas, do que na minha reputação. E é quando eu acredito que meu martírio é comparativamente menor — concluiu Édouard. — Bem, preciso deixá-la agora. Tenho que trabalhar.

Ele se levantou, deu-lhe um breve sorriso e deixou a biblioteca.

CAPÍTULO 13



Embora Connie não pudesse provar com certeza que fora Édouard o responsável por alertar os possíveis traidores da ameaça de prisão pelos alemães, tanto Falk quanto Frederik não falavam de outra coisa quando vieram para o jantar alguns dias depois. Falk estava furioso, especialmente porque o irmão estava presente para testemunhar seu fracasso. A inimizade que Falk demonstrava em relação a Frederik era palpável, uma rivalidade entre irmãos da maior intensidade. Frederik alcançara sucessos mais significativos e era superior em todos os níveis. Connie se perguntava se a notória agressividade de Falk com quem tinha em suas garras era exacerbada pela frustração de ser relegado ao segundo lugar.

— A Resistência Francesa está causando mais problemas a cada dia — resmungou Falk enquanto tomava sua sopa. — Ontem mesmo um comboio alemão em Le Mans foi atacado. Os oficiais foram mortos e as armas foram roubadas.

— Eles são realmente bem organizados.

— E é óbvio que estão recebendo informações de agentes infiltrados. A Resistência parece saber exatamente onde e quando atacar. Precisamos descobrir o elo fraco nessa corrente, irmão — acrescentou Falk.

— Se alguém é capaz de fazer isso, tenho certeza de que é você — respondeu Frederik.

Falk retirou-se cedo aquela noite, dizendo que tinha assuntos a resolver no quartel-general da Gestapo. O fato de estar preocupado com seu fracasso e haver dado menos atenção a Connie era uma compensação insuficiente pelas duas excruciantes horas que passaram ouvindo-o descrever como conseguiria cumprir com seu dever. Frederik disse que ficaria por mais algum tempo. Enquanto ele acompanhava Édouard e Sophia até a sala de artes, Connie pediu licença e subiu ao quarto. Fechou a porta, sentindo-se mentalmente exausta pelo esforço necessário para manter aquela mentira. Embora estivesse vivendo numa cidade que era o centro das atenções de todo o mundo, nunca se sentiu tão sozinha. Com a proibição do uso de

aparelhos de rádio pelos nazistas, que descobriram há alguns meses que os Aliados os utilizavam para se comunicar com seus agentes, e tendo apenas os jornais tendenciosos de Vichy para ler, Connie sentia-se completamente isolada do restante do planeta. Não tinha qualquer informação sobre o progresso dos Aliados ou se a invasão que fora prometida, e pela qual todos esperavam quando Connie foi enviada à França, ainda viria a acontecer.

Édouard se recusava a conversar sobre esses assuntos. Frequentemente, quando Connie se sentava com Sophia para tomar café da manhã, ele já havia saído de casa. Ela não sabia para onde ele ia ou com quem conversava. Certamente, ela imaginava que, se Édouard informara à Seção F sobre onde estava hospedada, alguém tentaria entrar em contato com ela. Eles não a abandonariam ali, indefesa, vivendo atrás de uma fachada inútil de luxo e *glamour*, quando fora treinada para matar.

— Oh, Lawrence — ela suspirou, desalentada. — Queria tanto que você me dissesse o que devo fazer!

Connie se deitou cheia de pensamentos desalentadores e dúvidas e perguntou a si mesma, pela centésima vez, se voltaria a vê-lo.



Ao menos, Connie sentiu-se reconfortada com a chegada de agosto, que chegou junto com a escalada dos bombardeios dos Aliados. O porão, assim como o restante do luxo ao qual os De la Martinières estavam acostumados, era mobiliado com várias camas confortáveis, um fogareiro a gás para preparar café e todo tipo de jogos de salão para manter seus residentes ocupados. Entretida com a leitura de um livro enquanto a casa tremia acima de si, Connie pensava que os terríveis sons de destruição indicavam que, talvez, a invasão desejada há tanto tempo era iminente. A ansiedade que sentia em relação a isso era esmagadora, de uma maneira ou de outra, isso a libertaria do cenário surreal em que estava vivendo.

Agosto, como sempre ocorre em Paris, é um mês incrivelmente abafado, praticamente sem brisa. Connie passou a se sentar no jardim com Sophia todas as tardes. Como Édouard lhe

dissera, Sophia tinha um talento notável para as artes plásticas. Connie procurava por uma flor ou uma fruta e a entregava a Sophia para que ela a tocasse por um tempo. Suas mãos pequenas exploravam o formato do objeto e ela pedia a Connie para descrevê-lo. Em seguida, pegava seu lápis de carvão e seu bloco de desenhos e, meia hora depois, a forma perfeita de um limão ou de um pêssego estaria retratada no papel.

— Que tal lhe parece? — perguntava Sophia, ansiosa. — Consegui capturar o formato e a textura?

Connie sempre respondia afirmativamente.

— Sim, Sophia. Conseguiu, sim.

Em uma tarde particularmente quente e úmida de agosto, quando Connie achava que iria enlouquecer, a menos que as nuvens escuras e volumosas que cobriam o céu despejassem seu conteúdo refrescante, Sophia ficou um pouco irritada.

— O que foi? — perguntou Connie, abanando-se com um livro.

— Parece que estou desenhando as mesmas frutas há várias semanas. Não consegue pensar em outras? Em nosso *château*, em Gassin, há um pomar cheio de árvores dos mais diferentes tipos, mas não consigo lembrar quais são as frutas que elas dão.

Após pensar em toda a gama de frutas que conhecia, Connie assentiu.

— Farei meu melhor — ela disse, sentindo o alívio tomar conta de si ao sentir o frescor bem-vindo das primeiras gotas de chuva. — Precisamos sair daqui. A tempestade está chegando, graças a Deus.

Conduzindo Sophia para dentro da casa e deixando-a aos cuidados de Sarah, Connie foi até a biblioteca. Ficou ao lado da janela por algum tempo, escutando o estrondo que sacudia os céus. Sentiu-se bem, pois aquele barulho era natural, não era produzido pelos motores de aeronaves que indicavam uma destruição iminente. A tempestade que caía era espetacular. Connie começou a procurar nas prateleiras da biblioteca de Édouard por algo que a inspirasse na busca por outras frutas que Sophia poderia desenhar.

Édouard entrou na biblioteca, com uma aparência estranhamente tensa e preocupada.

— Posso ajudá-la com o que procura, Constance? — ele perguntou, abrindo um sorriso forçado.

— Estou procurando por um livro que descreva frutas. Sua irmã está entediada de tanto desenhar laranjas e limões.

— Acho que sei exatamente o que pode servir — ele disse, estendendo seus dedos longos até uma das prateleiras e puxando um livro fino. — Adquiri este livro há poucas semanas.

— Obrigada — disse Connie quando ele lhe entregou o livro. — *A História das Frutas Francesas, Volume Dois* — leu em voz alta.

— Isso vai lhe dar várias ideias, embora eu duvide que você seja capaz de encontrar as frutas descritas no livro aqui em Paris nesta época de guerra — acrescentou Édouard, morosamente.

Connie folheou as páginas coloridas, que descreviam o assunto detalhadamente em imagens e palavras.

— O material é maravilhoso — ela disse, admirada.

— Sim, e é muito antigo. O livro foi impresso no século 18. Meu pai já havia comprado o primeiro volume para a biblioteca em nosso *château* em Gassin — explicou Édouard. — E, por acaso, um amigo meu que negocia livros usados descobriu o segundo volume aqui em Paris há algumas semanas. Se estiverem juntos, ambos são extremamente valiosos. Não que essa seja a razão pela qual eu coleciono livros, mas acho que eles são objetos de rara beleza.

— Este exemplar é realmente incrível — concordou Connie, deslizando os dedos pelo delicado tecido verde que completava a encadernação do exemplar. — Mais de duzentos anos de idade e praticamente intocado.

— Vou levar esta cópia ao nosso *château* na próxima vez que for até lá — disse Édouard. — Juntos, os dois volumes comporão uma ótima obra de referência, além de termos os exemplares das frutas em nosso pomar. Por favor, fique à vontade para usar o livro. Sei que cuidará bem dele — disse, com um aceno de cabeça. — Com licença, Constance. Preciso cuidar de alguns outros assuntos.

Conforme agosto se transformou em setembro, Connie percebeu que Sophia estava distraída. Geralmente, quando Connie lia para ela, Sophia escutava com atenção, pedindo-lhe que repetisse uma sentença se não conseguisse compreendê-la totalmente. Entretanto, agora parecia que mal a escutava. Demonstrava a mesma falta de concentração com seus desenhos; frequentemente, quando Connie usava todos os poderes de sua imaginação para descrever uma ameixa arroxçada e bulbosa, o lápis de Sophia simplesmente pairava sobre o papel enquanto seus pensamentos andavam por outras paragens.

Havia passado a escrever em uma caderneta com capa de couro. Connie observava, fascinada, enquanto Sophia apontava os olhos para o céu, obviamente em busca de inspiração, e suas mãos mediam o tamanho da página e decidiam sobre o melhor lugar para colocar a caneta. Mas, quando Connie pedia a Sophia para ver o que estava escrevendo, ela se recusava a mostrar o que quer que fosse.

Certa tarde, enquanto estavam sentadas na biblioteca, num dia estranhamente frio de setembro, que convidava à primeira ocasião em que a lareira seria acesa naquela estação, Sophia perguntou repentinamente:

— Constance, você é muito boa para descrever as coisas para mim. Pode me explicar qual a sensação de estar apaixonada?

Surpresa, Connie segurou a xícara de chá entre o pires e sua boca enquanto estudava a expressão sonhadora de Sophia.

— Bem... — começou, tomando um gole da bebida e voltando a pousar a xícara no pires. — É realmente muito difícil descrever. Acho que é uma sensação diferente para cada pessoa.

— Então, diga-me como é a sensação que *você* sente — Sophia insistiu.

— Meu Deus — disse Connie, revirando sua mente em busca das palavras certas. — Bem, para mim e Lawrence era como se o mundo se iluminasse totalmente quando eu estava com ele. Até mesmo os dias mais enfadonhos pareciam ter o brilho do sol, uma caminhada habitual por entre os charcos se transformava num momento mágico, simplesmente porque ele estava ao meu lado. — Enquanto Connie repassava as lembranças dos dias felizes quando Lawrence estava começando a cortejá-la, sentiu um aperto na garganta. — Eu sentia falta do toque de Lawrence e nunca achei que ele representasse qualquer ameaça, pois era estimulante e

afetuoso ao mesmo tempo. Ele fazia com que eu me sentisse... invencível, especial e totalmente segura, como se não houvesse nada a temer se ele estivesse por perto. As horas que passávamos longe um do outro pareciam intermináveis. E, quando estávamos juntos, tinha a impressão de que as horas passavam rápido demais. Ele me fazia viver, Sophia. Eu... ah, perdoe-me. — Connie procurou por um lenço em seu bolso e enxugou as lágrimas.

— Oh, Constance — as mãos de Sophia estavam unidas e seus enormes olhos incapazes de ver estavam úmidos. — Posso lhe contar uma coisa?

— É claro que pode — respondeu Connie, tentando se recompor.

— Você descreve os sentimentos de maneira muito eloquente. E, agora, eu tenho certeza de que sei que isso é amor. Constance, por favor. Preciso contar isso a alguém ou vou enlouquecer! Mas você não pode nem pensar em contar isso ao meu irmão. Jura que não vai contar?

— Se você me pedir que não conte, claro que juro — respondeu Connie. Sentindo um peso no coração, Connie já sabia o que Sophia queria compartilhar.

— Bem... — Sophia respirou fundo. — Já faz algumas semanas que sei que estou apaixonada por Frederik von Wehndorf. E o melhor de tudo é que ele está apaixonado por mim também! Pronto. Consegui dizer, graças a Deus. Consegui — disse Sophia, com uma risada de alívio, a cor voltando a lhe tingir o rosto.

— Oh, Sophia... — desta vez, Connie realmente estava sem palavras.

— Eu sei o que você vai dizer, Constance: que é impossível e que nosso amor nunca vai dar certo. Mas... você consegue entender? Lutei muito para negar esse sentimento, para entender que nunca poderemos ficar juntos, mas meu coração não me dá ouvidos. E o mesmo acontece com Frederik. Não conseguimos nos esquivar do que sentimos. Simplesmente não conseguimos viver sem a presença um do outro.

Connie olhou fixamente para Sophia, horrorizada. Finalmente ela disse:

— Mas você certamente entende que qualquer relacionamento, tanto agora quanto no futuro será impossível, não é? Sophia, Frederik é um oficial nazista de alto escalão. Se a guerra chegar ao fim no ano que vem e os Aliados vencerem, é quase certo que Frederik irá para a

prisão. Isso se não for morto.

— E se os alemães vencerem?

— Eles não vão vencer — Connie sequer conseguia lidar com essa possibilidade. — Qualquer que seja o resultado dessa guerra horrível, duas pessoas em lados opostos nunca conseguirão viver juntas após o fim. Simplesmente é impossível de acontecer.

— Nós entendemos isso, é claro — concordou Sophia. — Mas Frederik já sugeriu meios e maneiras para conseguirmos ficar juntos depois que a guerra acabar.

— Você está considerando seriamente um futuro a dois? — o queixo de Connie estava rígido pela tensão. — Mas... como? Onde?

— Constance, você precisa entender que, mesmo que o líder de um país comande o regime de governo, não significa que aqueles que são forçados a ajudá-lo a criar esse regime também acreditem nele.

Neste ponto, Connie enterrou a cabeça nas mãos e a balançou, desolada.

— Sophia, você está tentando me dizer que Frederik a convenceu de que não acredita verdadeiramente no ideal nazista? Esse homem é parcialmente responsável pelas mortes e pela destruição que estão devastando nossos países. Ouvi seu irmão dizer que Frederik responde diretamente a Himmler¹⁰. Ele...

— Não! — Sophia a interrompeu. — Assim como nós, Constance, Frederik está vivendo uma mentira. Ele é um homem culto e educado e um cristão devoto que não acredita na ética pregada por seu líder. Mas o que ele pode fazer? — perguntou Sophia, com um suspiro. — Se expressasse seus verdadeiros sentimentos, não estaria mais vivo.

Os olhos de Connie refletiam seu desespero enquanto olhava fixamente para a pobre e iludida Sophia. Uma mulher que não era apenas fisicamente cega, mas cujos sentimentos fizeram com que ela acreditasse em tudo que seu amado lhe dissera.

— Sophia, não acredito no que você está me dizendo. Meu Deus! Você também não deveria acreditar em Frederik. Ele a está usando, Sophia. Na pior das hipóteses, ele suspeita de Édouard e acha que pode usá-la para chegar à verdade!

— Você está errada, Constance! — retrucou Sophia, veementemente. — Você não conhece Frederik, não sabe das coisas que falamos quando estamos a sós. Ele é um bom homem e eu confio totalmente nele. E estamos fazendo planos para desaparecer completamente quando a guerra terminar.

— Não, Sophia, por favor. Não haverá lugar para onde correr, nenhum lugar onde Frederik consiga se esconder — Connie queria gritar, inconformada com a ingenuidade de Sophia. — Eles vão caçá-lo e forçá-lo a responder e pagar pelos crimes que cometeu contra a humanidade.

— Nós encontraremos um lugar e ficaremos juntos — rebateu Sophia, com os lábios contraídos. Connie via a imagem de uma menina mimada, uma criança que não conseguiu convencer os pais a comprarem o brinquedo que desejava. O que Sophia estava sugerindo era tão irracional que ela não sabia se deveria rir às gargalhadas ou gritar de raiva. Decidiu tentar outro tipo de aproximação.

— Sophia, entendo que seus sentimentos em relação a Frederik são muito fortes — ela disse, mansamente. — Mas, como você mesma disse, é a primeira vez que está apaixonada. Talvez, dentro de algumas semanas, você conseguirá pensar com mais clareza. Talvez seja apenas uma atração...

— Por favor, não despreze o que eu sinto, Constance. Eu posso ser cega, mas sou uma mulher adulta e sei que o que sinto é real. Frederik logo precisará voltar à Alemanha e ficará lá durante algumas semanas, mas ele voltará para mim. Espere e verá. Por favor, chame Sarah para que ela me leve ao meu quarto — ordenou, imperiosa. — Estou cansada e quero repousar.

Enquanto uma Connie chocada deixava a sala, ela percebeu pela primeira vez que, sob o exterior doce e vulnerável de Sophia, havia uma mulher a quem nunca foi negada qualquer coisa que ela desejou em toda a sua vida.

CAPÍTULO 14



Nos dias seguintes, Connie passou horas debatendo consigo mesma se deveria contar a Édouard a revelação feita por Sophia. Se o fizesse, estaria traindo a única amiga e companheira que tinha atualmente. Por outro lado, se decidisse não fazer nada, não seria colocar Édouard, Sophia e a si mesma em perigo?

Sophia havia se afastado de Connie após sua confissão e, no período da tarde, Connie passou a sair para passear, atravessando a Pont de La Concorde, que levava até o Jardin des Tuileries, apenas para conseguir afastar-se da claustrofobia da casa e de seus residentes complexos. Em uma dessas caminhadas, ela estava voltando para casa quando viu um rosto familiar pedalando sobre a ponte. Ela parou, chocada, enquanto os olhos verdes registravam um instante de reconhecimento, mas a bicicleta continuou seu percurso sem se deter.

Venetia...

Connie se segurou para não dar meia-volta e se certificar de quem vira; caso houvesse olhos inimigos a observando, isso seria um problema, e continuou o percurso de volta à casa dos De la Martinières. Os cabelos longos e negros de Venetia foram cortados num comportamento penteado ao estilo Chanel, e as roupas que usava foram criadas para se mesclarem ao cenário urbano, ao invés de atrair as atenções para si, como a velha Venetia preferia.

No dia seguinte, Connie repetiu a caminhada pela ponte até o jardim num horário similar, sentou-se num banco e apreciou o magnífico tapete vermelho e dourado de folhas secas que o outono trazia. Talvez Venetia vivesse nas proximidades. O coração de Connie ansiava por ver aqueles rostos familiares de perto, abraçar alguém que fosse familiar e que houvesse conhecido em seu passado.

Ela repetiu a caminhada no mesmo horário, todos os dias, durante uma semana, mas não voltou a ver Venetia.

Frederik vinha visitar a casa com muito mais frequência que Falk nesses dias. Chegava sem avisar, embora Sophia nunca parecesse estar surpresa ao vê-lo quando vinha cumprimentá-lo com um prazer indisfarçável na porta da sala de artes. Tudo o que Connie podia fazer era esperar que o próprio Édouard percebesse o que estava acontecendo debaixo de seu nariz, mas ele ficava fora durante várias horas e, quando voltava à casa, parecia estar sempre cansado e distraído. Assim, Connie guardou seus medos para si mesma e tentava ficar junto aos amantes na sala de artes. Quando o fazia, os olhos de Sophia, embora incapazes de ver, demonstravam-lhe claramente que não era bem-vinda ali, e retirava-se após quinze minutos de uma conversa marcada pelo desconforto.

Felizmente, Connie encontrou uma aliada inesperada em Sarah, que cuidava de Sophia desde seu nascimento e era totalmente dedicada a ela. Frequentemente, enquanto Connie ficava do lado de fora da porta da sala de artes, Sarah vinha em sua direção.

— Por favor, *madame*, confie em mim. Farei de tudo para que a *mademoiselle* Sophia esteja livre de qualquer perigo.

Sentindo-se grata por aquelas palavras, Connie se afastava de sua vigília, sabendo que Sophia estaria a salvo. Sarah era a pessoa com a melhor chance de conseguir proteger Sophia, pois era quase sua mãe.

Embora, aparentemente, nada houvesse mudado no ritmo diário da casa, a pulsação subjacente estava mais acelerada. Certa manhã, Connie soube que Édouard passara a noite inteira fora de casa e voltou somente ao amanhecer. Parecia cansado quando se sentou ao seu lado na sala de jantar para tomar o desjejum.

— Preciso viajar para o sul a negócios — anunciou Édouard após a refeição. Ele se levantou e foi até a porta, onde se deteve por alguns segundos. — Se alguém perguntar a meu respeito, diga-lhes que fui visitar nosso *château* em Gassin. Voltarei na quinta-feira. Se houver convidados inesperados, Constance, espero que você proteja minha irmã.

Ao dizer aquilo, atravessou a porta e desapareceu.

Outro dia vazio se apresentava para Connie. Sophia ainda não havia se levantado, então, dirigiu-se até a biblioteca e abriu um livro de Jane Austen. Os livros estavam se tornando sua única válvula de escape e Connie se deixava encantar pelos personagens que povoavam as obras. Saindo da biblioteca para subir as escadas e se lavar antes do almoço, viu uma carta sob o capacho. Abaixando-se, pegou o envelope e, surpresa, viu que estava endereçado a ela. Subiu as escadas correndo, trancou a porta do quarto e rasgou o envelope.

Cara Constance,

Soube que você está residindo em Paris atualmente. Por coincidência, também estou aqui. Como você sabe, sua tia é uma velha amiga da minha família e ela me pediu que verificasse seu bem-estar enquanto eu estiver aqui. Estou hospedada no Ritz, e seria um prazer desfrutar de sua companhia para uma xícara de chá na tarde de hoje, no Salon, às quinze horas. Será maravilhoso poder conversar sobre as noites que passamos juntas na escola, no quarto que compartilhávamos na ala dos alojamentos.

V.

Venetia.

Connie apertou a carta contra o peito, sentindo a agonia que a indecisão lhe causava, o desespero pela possibilidade de estabelecer contato e a culpa pela traição de sua promessa a Édouard lutando dentro de si.

Ela almoçou em meio ao silêncio da casa. Sophia fazia sua refeição no quarto devido a uma aparente dor de cabeça.

Depois, ainda sem se decidir, Connie se vestiu como se fosse passear e desabou na cama. Ficou observando os ponteiros do relógio se moverem até a posição das duas e meia. Decidida, pegou seu chapéu e deixou a casa.

Quinze minutos depois, entrando no Hotel Ritz, Connie lembrou-se do caminho até o Salon d'Été, onde tomou chá diversas vezes antes. O recinto estava repleto de mulheres alegres e elegantes, e, felizmente, não havia nenhum uniforme alemão à vista. Dez minutos se passaram, Connie estudava bem o cardápio e cada segundo demorava mais que o anterior. Talvez fosse uma armadilha. Talvez estivesse sendo observada e devesse sair de lá naquele momento. Talvez a tensão de Édouard fosse um sinal de que algo estava acontecendo, que ele já fora

capturado pelos alemães e que ela seria a próxima...

— Querida! Você está ainda mais linda do que eu me lembrava!

Connie se virou e viu Venetia glamourosa, vestindo um casaco de pele e maquiagem pesada, irreconhecível se comparada à mulher que havia passado por Connie pedalando uma bicicleta na ponte há três semanas.

Venetia se aproximou e abraçou-a, sussurrando em seu ouvido de maneira rápida e clara:

— Chame-me de Isobel, eu moro perto de sua casa em Saint-Raphaël. — Ela se afastou e sentou-se ao lado de Connie. — O que acha do meu cabelo? — perguntou, tocando-o com as pontas dos dedos. — Decidi cortar quase tudo recentemente. Pensei que era hora de crescer!

— Acho que fica muito bem em você, Isobel — respondeu Connie.

— Vamos pedir algo para comer? Fico faminta depois de uma manhã de compras — disse Venetia, com a voz arrastada. — E, talvez, como não nos vemos há um bom tempo, vamos pedir uma taça de champanhe?

— É claro — disse Connie, fazendo sinal para um garçom. Enquanto pedia, percebeu que Venetia mantinha a cabeça baixa, procurando por cigarros em sua bolsa. Ela retirou um maço quando o garçom se afastou.

— Aceita? — perguntou e ofereceu um Gauloises a Connie.

— Obrigada.

— E então, está gostando de Paris? — disse Venetia acendendo o cigarro de Connie e dando uma longa tragada no seu.

— Estou gostando muito, obrigada. E você?

— Certamente é uma bela mudança em relação à calmaria do sul, não é?

Quando o champanhe chegou, Connie observou Venetia engolir instantaneamente metade da taça de uma maneira que não condizia, de forma alguma, com os modos de uma dama. E, enquanto ela tirava o casaco de peles e o chapéu, Connie percebeu que podia ver o contorno dos ossos das escápulas marcando-lhe a blusa, o rosto com sinais de cansaço e as olheiras que nem mesmo a maquiagem fora capaz de esconder. Venetia parecia haver envelhecido dez anos

desde a última vez que a vira.

Durante a meia hora seguinte, as duas entabularam um diálogo absurdo sobre a tia de Connie em Saint-Raphaël e amigas imaginárias do tempo da escola, de quem ambas se “recordavam”. O chá da tarde chegou e Venetia atacou os sanduíches, bolos e doces como se não comesse há várias semanas. Connie recostou-se em sua cadeira, sentindo-se culpada. Observava os olhos de Venetia, que olhavam nervosamente para todos os lados, por baixo de sua franja volumosa.

— Bem, não está delicioso? — comentou Venetia. — Tenho horário marcado com minha estilista na Rue de Cambon. Gostaria de me acompanhar? Podemos continuar a falar sobre o passado.

— É claro — concordou Connie, sabendo que era impossível recusar aquele pedido.

— Vejo você no saguão, então. Preciso retocar a maquiagem enquanto você cuida da conta.

Venetia se afastou e Connie fez um sinal para o garçom. Após usar a maior parte dos francos que recebeu da Seção F para pagar pelo champanhe e pelo bolo, Connie foi até o saguão e esperou por Venetia. Quando ela chegou, enlaçou seu braço no de Connie e as duas saíram do Ritz em direção à Rue de Cambon.

— Graças aos céus por tudo aquilo — Venetia suspirou. — Agora podemos conversar. Não podia arriscar nada naquele lugar. Você nunca sabe quem pode estar olhando e ouvindo. As paredes realmente têm ouvidos nesta cidade. Mas, mesmo assim, gostei daquela gororoba — acrescentou. — A primeira refeição decente que fiz nos últimos dias. E então, Connie? Onde diabos você se meteu? James me disse que vocês vieram à França no mesmo avião e depois você simplesmente desapareceu!

— Você falou com James? — disse Connie, alegrando-se ao ouvir um nome familiar.

— Sim, mas há alguns dias recebi notícias de que o pobre coitado não está mais entre nós. Não durou muito tempo. Que Deus o abençoe. A maioria de nós não dura muito mesmo, não é? — ela disse com uma risada forçada.

— Ele morreu? — sussurrou Connie, horrorizada.

— Sim. De qualquer forma, diga-me. Onde você está se escondendo? E que diabos você

está fazendo naquela casa enorme na Rue de Varenne?

— Venetia, eu... — Connie suspirou, ainda se recuperando do choque após ouvir a notícia sobre a morte de James. — É uma longa história e eu realmente não posso falar a respeito. Em parte, porque eu mesma não entendo direito como aconteceu — acrescentou.

— Não é muito satisfatório, mas creio que terei que aceitar o fato. Você não mudou de lado, mudou? Quando mandei um amigo segui-la após você deixar o Jardin des Tuileries, ele disse que viu um oficial nazista entrando na casa pouco depois de você.

— Venetia, por favor — implorou Connie. — Eu realmente não posso falar nada.

— Mas você ainda é uma de nós ou não? Essa é uma pergunta bastante simples e você pode respondê-la, não é? — Venetia continuou a pressioná-la.

— É claro que sou! Olhe, aconteceram certas coisas na noite em que cheguei a Paris e essas coisas me levaram às... circunstâncias atuais em que me encontro. Você, de todas as pessoas, deve entender que não posso falar mais nada a respeito — Connie enfatizou. — E se a pessoa que me salvou naquela noite souber que eu estou aqui... bem, essa pessoa imaginária que eu traí a confiança que depositou em mim.

— Duvido — murmurou Venetia. — Entrar em contato com uma velha amiga com quem alguém tem relações familiares dificilmente seria considerado traição, eu suponho. — Venetia conduziu-a para o outro lado da rua, aproveitando a oportunidade para olhar para ambos os lados. — Escute, Connie. Estou realmente precisando de sua ajuda. Tenho certeza de que você sabe que a rede Cientista está em pedaços. No momento, sou a única operadora de rádio que ainda resta. E tenho que ir constantemente de um ponto a outro para enviar mensagens a Londres, para que os alemães não consigam rastrear o meu sinal. Há dois ou três dias, eles quase me descobriram. Receberam informações e foram até o apartamento onde eu estava escondida, mas, por sorte, eu havia saído de lá vinte minutos antes que eles chegassem. Meu rádio está guardado em outro esconderijo, mas o lugar não é seguro. Preciso encontrar um lugar para transmitir mensagens urgentes para Londres e também para outros agentes que estão aqui. Há algo absolutamente enorme prestes a ocorrer e os planos indicam que acontecerá amanhã à noite. É imprescindível que eu consiga enviar essas mensagens. Connie, tenho certeza de que você conhece algum lugar onde eu possa fazer isso.

— Venetia, eu lamento, mas realmente não conheço. Não posso explicar para você agora, mas estou presa no lugar onde vivo. Recebi ordens de não falar com ninguém que fosse capaz de rastrear minha associação até a pessoa em questão.

— Meu Deus, Connie! — exclamou Venetia, parando repentinamente na rua. — O que você está dizendo? Você foi mandada para cá como agente do governo britânico! Eu não me importo nem um pouco com a identidade dessa “pessoa” que você está tentando proteger nem em como ela conseguiu confundir sua cabeça. Ainda assim, eu e muitas outras pessoas envolvidas no ataque de amanhã à noite sabemos que, se tivermos sucesso, evitaremos que milhares de franceses sejam capturados e enviados às fábricas alemãs para trabalhar em regime de escravidão. Precisamos da sua ajuda! Eu sei que você conhece algum lugar onde eu possa ir — ela disse, desesperada. — Eu *tenho* que mandar essas mensagens ainda hoje e ponto final.

Venetia, ainda que relutantemente, voltou a enlaçar seu braço ao redor do de Connie e as duas continuaram a caminhar em silêncio.

Connie sentia-se como se estivesse presa na teia de uma aranha, em meio à trama delicada de fios de verdades, mentiras e engodos que levavam a toda parte e, ao mesmo tempo, a lugar nenhum. Estava em uma encruzilhada moral, não sabia mais a quem deveria ser leal ou em quem deveria confiar. Ver Venetia a trazia de volta à realidade da tarefa que fora mandada até a França para concluir. A presença de Venetia, maltratada, com sua fome e desespero, só fazia com que Connie se sentisse ainda mais culpada e confusa.

— Você poderia vir até a casa na Rue de Varenne, mas não é seguro — respondeu Connie. — Como você sabe, os alemães visitam o lugar com frequência.

— Não me importo com isso. Esses porcos nunca enxergam o que está bem debaixo de seus narizes.

— Tem certeza, Venetia? É muito arriscado. E eu não conheço nenhum outro lugar.

Num dos cantos de sua mente, Connie estava considerando silenciosamente o fato de que Édouard estaria ausente naquela noite e que havia uma porta em separado do jardim que levava direto ao porão. Ela usou aquela porta no verão, quando as sirenes de ataque aéreo começaram a soar enquanto estava sentada no quintal. Mas o que aconteceria se houvesse um

ataque aéreo naquela noite? E se Venetia fosse vista entrando ou saindo da casa? E se um dos gêmeos von Wehndorf fizesse uma visita inesperada, bem no momento em que Venetia estivesse fazendo sua transmissão no porão?

— Para ser honesta, Connie, já deixei de me importar — suspirou Venetia. — Quase todos os esconderijos que eram seguros em Paris foram descobertos, embora os agentes estejam estabelecendo alguns novos. Além disso, ninguém esperaria que uma agente britânica executasse suas transmissões bem no porão de uma casa conhecida por entreter o inimigo. — Venetia fixou os olhos em Connie. — Tem certeza de que não mudou de lado? — Em seguida, repentinamente, deu uma gargalhada. — Bem, se mudou, eu já estou morta mesmo. Que importância isso tem?

Venetia estava pedindo a ela que provasse sua lealdade. Connie suspirou enquanto aceitava o inevitável. Precisava demonstrar sua lealdade à sua amiga e ao seu país, quaisquer que fossem as consequências.

— Tudo bem, vou ajudá-la.

Connie voltou para casa e disse a Sarah que deixara um livro no porão da última vez em que houve um ataque aéreo. Destrancou a porta que levava até a escadaria que vinha do jardim e depois voltou à sala de artes para sentar-se com Sophia. Enquanto os dedos delicados de Sophia deslizavam com leveza sobre uma nova versão em Braille dos poemas de Byron e ela abria um sorriso radiante, Connie não conseguia mais disfarçar sua inquietação. Fingiu sentir dor de cabeça por volta das seis e meia e disse que jantaria em seu quarto.

Mais tarde, às oito da noite, ela voltou ao andar de baixo para dizer a Sarah que não haveria outros convidados naquela noite e que Sarah estava livre para se recolher. Sophia já estava em seu quarto. Connie andou de um lado para o outro em seu quarto, com os nervos à flor da pele enquanto os minutos avançavam no relógio da parede. Venetia, certamente, já estava no porão da casa.

Assolada pela culpa ao pensar na inocente Sophia, ignorante de que a mulher a quem sua família dera abrigo e proteção estava traindo sua segurança bem debaixo de seu nariz, Connie observou a hora seguinte passar, sentindo a agonia da tensão que tomava conta de si.

Às dez horas, Connie desceu até o térreo cuidadosamente. Estava nos fundos da casa, a caminho da cozinha para verificar se Venetia já havia ido embora, quando ouviu uma leve batida na porta da frente.

Sentindo o coração quase parar por um momento, Connie abriu a porta da cozinha, que conduzia ao hall de entrada, e viu que a porta da frente já fora aberta por Sophia, que conseguira encontrar sozinha o caminho que levava do seu quarto até a porta da frente. Ali estava Frederik, sob o batente, com os braços ao redor de Sophia. Angustiada, Connie voltou a se misturar com as sombras para decidir o que devia fazer. Provavelmente os dois haviam combinado aquele encontro às escondidas. Dez horas da noite, de acordo com a etiqueta, dificilmente seria um horário apropriado para uma visita, especialmente a de um cavalheiro que viesse ver uma dama desacompanhada. Connie pensou se deveria ficar mais preocupada com a virtude de Sophia ou com a possibilidade de ainda haver uma agente britânica enfiada no porão, com um oficial nazista do alto escalão poucos metros acima de sua cabeça.

Após alguns momentos, Connie decidiu que o mais seguro a fazer seria deixá-los a sós. Pelo menos, enquanto Frederik olhava nos olhos de Sophia, ele não tomaria qualquer outra atitude. Quando viu que os dois entravam na sala de artes, Connie voltou correndo para seu quarto. Sentou-se em uma poltrona sobre a janela, ainda com o corpo rígido, desejando que essa noite terminasse logo e que o dia seguinte amanhecesse.

Em seguida, repreendeu a si mesma. Como podia ser tão egoísta? Venetia e os outros agentes aliados estavam correndo os maiores perigos a cada dia que passava. Uma noite de agonia mental dificilmente seria um tormento digno de nota.

Após algum tempo, Connie ouviu passos no corredor abaixo dela e o ranger das tábuas das escadas. A fechadura de uma das portas do andar superior se fechou com um estalido seco e Connie suspirou aliviada, sabendo que Frederik provavelmente fora embora e que Sophia havia se deitado. Connie ficou surpresa por não ouvir quando ele se retirou, mas talvez o alemão tivesse tomado todos os cuidados para deixar a casa o mais discretamente possível.

Ela bocejou, sentindo repentinamente a tensão se esvaír de seu corpo e ser substituída pela exaustão. Deitando-se na cama, Connie fechou os olhos e caiu num sono profundo, sem sonhos. E não ouviu quando a porta da frente foi fechada discretamente, enquanto a alvorada

começava a raiar sobre Paris.

CAPÍTULO 15



BLACKMOOR HALL, YORKSHIRE, 1999

Uma nevasca inclemente caía sobre a região enquanto Sebastian pagava o motorista do táxi e retirava a bagagem de Emilie do porta-malas. Emilie se virou para observar Blackmoor Hall pela primeira vez e viu uma mansão enorme e sisuda em estilo gótico feita de tijolos vermelhos. Uma gárgula de pedra estava empoleirada ameaçadoramente sobre o arco que encimava a porta da frente, com um sorriso sem dentes, desgastado pelo tempo, e o topo da cabeça coberto por uma camada de neve.

Era impossível fazer qualquer julgamento a respeito do lugar onde a casa fora construída. Naquele momento, a paisagem poderia ser tanto um lugar da Sibéria quanto um vilarejo inglês no meio dos pântanos do norte de Yorkshire. A paisagem estava branca, vazia e desolada até onde os olhos de Emilie podiam enxergar. Involuntariamente ela sentia calafrios, que vinham tanto do aspecto tristonho do lugar quanto do frio.

— Quase não conseguimos chegar! — exclamou Sebastian. — Espero que o taxista consiga voltar para casa em segurança — ele acrescentou, enquanto o táxi lutava para voltar até a estrada principal em meio à neve que se amontoava. — Provavelmente será impossível chegar até aqui amanhã.

— Está dizendo que podemos ficar presos aqui por causa da neve? — Emilie disse enquanto marchavam por entre a neve, que agora já lhe alcançava as canelas, até a porta da frente.

— Sim — ele confirmou. — Isso acontece quase todos os anos por aqui. Por sorte, temos um Land Rover e um vizinho com um trator à nossa disposição.

— Quando neva nos Alpes franceses, eles sempre conseguem manter as estradas desobstruídas — comentou Emilie enquanto Sebastian fechava os dedos ao redor da maçaneta

esmaltada, abrindo a porta.

— Diga olá para a Inglaterra, minha princesa francesa. Um lugar onde qualquer mudança inesperada do clima pode fazer o país inteiro parar — ele disse, sorrindo. — E agora, Emilie, bem-vinda à minha humilde morada.

Sebastian abriu a porta e eles entraram num vestíbulo que contrastava totalmente com a brancura que reinava do lado de fora. O cômodo era coberto de madeira escura: as paredes cobertas com painéis, a escadaria envernizada num tom escuro e pouco elegante, e até mesmo a imensa lareira no centro da sala exibia uma pesada moldura de mogno. Infelizmente, a lareira não estava acesa e Emilie praticamente não sentiu diferença da temperatura que fazia fora da casa.

— Vamos lá — disse Sebastian, deixando a bagagem de Emilie ao pé da escadaria cafona. — Tenho certeza de que a lareira da sala de artes estará acesa. Deixei uma mensagem para a sra. Erskine dizendo que estávamos a caminho.

Ele a levou por um labirinto de corredores com as paredes cobertas em papel de parede verde-escuro, adornado com pinturas a óleo que mostravam cavalos selvagens em caçadas. Abrindo uma das portas, Sebastian entrou num cômodo enorme, com paredes cobertas por um papel de parede vermelho-escuro com motivos ao estilo William Morris e várias outras pinturas penduradas sem qualquer ordem aparente.

— Mas que diabos... — ele praguejou ao perceber que não havia lenha na lareira, apenas cinzas de um fogo que se apagara há tempos. — Não é o estilo dela. Espero que não tenha deixado aquela carta de demissão outra vez — suspirou Sebastian. — Mas não se preocupe, querida. Vou cuidar disso agora mesmo.

Emilie sentou-se, tremendo de frio, enquanto Sebastian rapidamente acendia a lareira. Seus dentes estavam batendo uns contra os outros quando ele finalmente conseguiu transformar as chamas incipientes em um fogo de tamanho considerável, e ela ficou grata por poder aquecer as mãos.

— Sente-se aqui perto e descongele. Enquanto isso, vou fazer um pouco de chá e descobrir que diabos aconteceu durante o tempo em que estive fora.

— Sebastian... — chamou Emilie enquanto ele deixava a sala de artes. Queria saber onde ficava o banheiro mais próximo, mas a pesada porta de carvalho se fechou com um estalido atrás dele. Esperando que não demorasse muito, Emilie permaneceu onde estava e deixou-se aquecer em frente ao fogo, observando, através da janela, os flocos de neve engrossarem e se transformarem em uma forte tempestade, empilhando-se do lado de fora dos vidros e sobre os parapeitos.

Seu conhecimento sobre a Inglaterra era limitado. Viajara para lá com sua mãe em algumas poucas ocasiões e se hospedara na casa de amigos em Londres. Sua visão de casas de campo inglesas aconchegantes, adornadas com grossos telhados de palha em meio a vilarejos, como os que via estampados nas caixas de chocolates finos, era algo muito distante desta casa, um monólito austero e congelante, assim como seus arredores.

Vinte minutos depois, Sebastian ainda não havia retornado e Emilie estava entrando em desespero. Levantou-se e se aventurou pelos corredores, abrindo portas que levavam a salas ainda mais escuras, em busca do banheiro. Finalmente, encontrou o que procurava, e a imensa tampa de madeira do vaso sanitário lhe trouxe à cabeça a imagem de um trono. Ao sair, Emilie ouviu vozes exaltadas vindas se de algum lugar da casa. Não conseguiu identificar uma delas, mas a outra definitivamente pertencia a Sebastian. Não conseguia ouvir claramente o que estavam dizendo, mas era óbvio que ele estava extremamente irritado.

Ela desejava ter perguntado mais detalhes sobre a vida de Sebastian em Yorkshire antes de embarcar num avião com ele para vir à Inglaterra. Mas as duas semanas que se passaram desde que ele pediu sua mão em casamento foram um redemoinho de atividades. Suas conversas ficaram mais focadas no fascinante passado que compartilhavam do que no futuro que compartilhariam.

Emilie disse que Jacques lhe contara a respeito da avó de Sebastian quando esteve no *château*.

— Que história! — suspirou Sebastian. — E parece que é apenas o começo. Quando você acha que Jacques poderá lhe falar mais a respeito?

— Ele prometeu que continuaria a história quando eu voltasse para enviar os livros da biblioteca para um lugar onde pudessem ser guardados durante a reforma — disse Emilie.

— Tenho certeza de que sim — respondeu Sebastian, abraçando-a. — Há uma bela sinergia na maneira como nossas famílias foram reunidas.

Os dedos de Emilie tocaram as pérolas cor de creme que adornavam seu pescoço, as pérolas da sua mãe, lembrando-se de quando Sebastian a presenteou com o colar na manhã de seu casamento.

— Eu as comprei para você no leilão, querida — dissera ele enquanto prendia o colar ao redor de seu pescoço. Em seguida, beijou-a. — Tem certeza de que não se importa que a cerimônia seja tão pequena? Afinal, não é realmente o estilo de casamento adequado à última pessoa da linhagem dos De la Martinières. Tenho certeza de que metade de Paris compareceu ao casamento de seus pais — ele disse, sorrindo.

— Sim, e é exatamente por isso que prefiro me casar numa cerimônia discreta — respondeu Emilie, com sinceridade. Ser o centro das atenções era algo que a aterrorizava. As núpcias discretas foram a escolha perfeita.

Após a cerimônia de casamento, na qual Gerard e um negociador parisiense do mercado de artes, amigo de Sebastian, assinaram os papéis como testemunhas, o contador da família dos De la Martinières insistiu em levar todos ao Ritz para almoçar.

— É o mínimo que seus pais desejariam para você, Emilie — acrescentou. Gerard ofereceu um brinde à saúde dos noivos e perguntou sobre seus planos. Emilie lhe disse que ia viajar com Sebastian à Inglaterra e ficaria por lá durante as reformas do *château*. Gerard se aproximou dela quando estavam deixando o Ritz e insistiu para que mantivesse contato com ele.

— Se houver qualquer coisa que eu possa fazer, Emilie, você sabe que estarei sempre à disposição.

— Obrigada, Gerard. Você sempre foi muito gentil — reconheceu.

— Ah, Emilie... tente se lembrar de que, mesmo sendo casada, você é a verdadeira dona do *château*, assim como da receita da venda da casa de Paris e do nome dos De la Martinières. Gostaria de conversar com você a respeito dos detalhes da propriedade e de suas finanças no futuro, juntamente com seu marido.

— Sebastian me informa a respeito de tudo que eu preciso saber — respondeu-lhe Emilie.
— Ele é maravilhoso, Gerard, e eu não conseguiria passar por tudo isso sem a ajuda dele.
— Eu concordo que ele a ajudou bastante, mas, mesmo assim, é muito bom poder manter sua independência, mesmo depois de casada. Especialmente na área financeira — acrescentou, antes de beijar a mão de Emilie e partir.

Após algum tempo, quando Emilie já lera várias cópias antigas da revista *Horse and Hound*¹¹, Sebastian voltou à sala de artes, com uma aparência que demonstrava, ao mesmo tempo, irritação e arrependimento.

— Desculpe-me, querida. Tive que cuidar de alguns problemas. Gostaria de uma xícara de chá? Eu certamente preciso de uma — ele disse, suspirando e deslizando os dedos pelos cabelos.

— O que houve? — perguntou Emilie, aproximando-se de Sebastian. Ele a enlaçou em seus braços.

— Ah, nada de especial, pelo menos para esta casa — respondeu. — Bem, eu tinha razão. A sra. Erskine entregou sua demissão e foi embora, jurando nunca mais voltar. Mas ela voltará, é claro. Ela sempre volta.

— Por que ela foi embora?

— Emilie, isso é algo que eu prefiro discutir na companhia de algo quente para beber — Sebastian disse.

Depois que ambos tinham canecas de chá quente nas mãos e estavam confortavelmente sentados em dois enormes pufes ao redor da lareira, Sebastian começou a explicar.

— Quero lhe falar a respeito de meu irmão, Alex. E preciso avisá-la de que essa não é uma história que eu gosto de contar. Sinto-me mal por não haver tocado no assunto antes, mas nunca me pareceu relevante. Até hoje, pelo menos.

— Então, conte-me agora — pediu Emilie.

— Certo — disse Sebastian, tomando um gole do chá. — Bem, já lhe disse que nossa mãe nos deixou aqui com nossa avó quando éramos crianças e depois desapareceu pelo mundo. Alex é dezoito meses mais novo do que eu. E temos personalidades completamente opostas, assim como Falk e Frederik, pelo que parece. Como você sabe, sou organizado e disciplinado, enquanto Alex... bem, ele sempre teve um espírito livre, sempre está em busca de algo, nunca está preparado e não consegue viver uma rotina. Bem, nós dois fomos mandados para um colégio interno. Sempre gostei de lá e tive bons resultados, mas o lugar o atormentava — explicou Sebastian. — Ele acabou sendo expulso da escola e comprometeu seu futuro numa universidade quando foi preso por dirigir embriagado. Mais tarde, quando tinha dezoito anos, viajou ao exterior e não ouvimos nada a seu respeito durante alguns anos.

— Para onde ele foi? — perguntou Emilie.

— Não fazíamos a menor ideia até que, certa vez, minha avó recebeu uma ligação de um hospital na França. Aparentemente, Alex teve uma overdose de heroína. Estava à beira da morte quando alguém o encontrou e ele conseguiu se salvar — suspirou Sebastian. — Então, minha avó viajou até a França e o internou numa clínica particular de reabilitação aqui na Inglaterra. Para ser justo, Alex cumpriu com sua palavra, conseguiu se curar após algum tempo e voltou para casa. Depois, ele desapareceu novamente e não voltamos a vê-lo até depois que minha avó morreu. Acho que preciso de uma bebida mais forte. Quer alguma coisa?

— Não, obrigada — respondeu Emilie.

Sebastian deixou a sala e Emilie se levantou para fechar as cortinas. Ao voltar a se sentar no pufe e observar as chamas avermelhadas da lareira, Emilie simpatizou com seu novo marido. Tinha a impressão de que o irmão não era uma boa pessoa.

Sebastian voltou com um copo de gim e tônica e se deitou nos braços de Emilie. Ela lhe acariciou os cabelos.

— E o que aconteceu depois? — perguntou.

— Bem, depois da morte de nossa avó, quando Alex finalmente regressou à Inglaterra e voltou a morar aqui, tivemos uma discussão séria. Ele foi até o carro e eu me ofereci para levá-lo embora, pois sabia que ele estava bêbado. Ingenuamente, entrei no carro com ele e, depois de alguns quilômetros, em uma curva particularmente traiçoeira, ele não conseguiu

controlar o carro e bateu de frente contra outro veículo que vinha no sentido oposto. Meu irmão sofreu ferimentos sérios. Eu tive a sorte de escapar somente com algumas costelas quebradas, um braço quebrado e uma lesão no pescoço.

— Meu Deus! — Emilie respirou fundo. — Coitado de você!

— Como eu disse, foi Alex que levou a pior — enfatizou Sebastian.

— Que triste — disse Emilie, balançando a cabeça. Em seguida, olhou para ele. — Você deveria ter me contado tudo isso antes, Sebastian.

— Sim. E lhe dado a chance de escapar de nosso casamento antes que fosse tarde demais — ele disse, com um sorriso irônico.

— Não! Não foi isso que eu quis dizer — repreendeu-o Emilie. — Mas aprendi com você que compartilhar nossos problemas é algo que sempre pode nos ajudar.

— Sim, tem razão — concordou Sebastian. — Sabe, o pior de tudo é que Alex sempre foi inteligente. Muito mais do que eu. Passava em todas as provas sem estudar enquanto eu precisei me esforçar muito para conseguir tudo que tenho. Alex poderia ser o que quisesse se não fosse tão irresponsável e problemático.

— Acho que pessoas inteligentes demais sofrem tanto quanto aquelas que precisam se esforçar pelo que querem — comentou Emilie. — Meu pai sempre me disse que era melhor ter talentos ou dar presentes em moderação. Qualquer coisa em excesso ou em pouca quantidade traz problemas.

— Parece que você teve um pai muito sábio e eu gostaria muito de tê-lo conhecido. — Sebastian a beijou na ponta do nariz e a olhou nos olhos. — Bem, aqui estamos. A história de meu irmão rebelde. Bem, imagino que você esteja faminta agora. Por que não vem comigo até a cozinha enquanto tiro algo do *freezer* para nós? Pelo menos, é um lugar quente. Depois, podemos ir até o quarto, que deve estar mais frio do que uma geladeira. Tenho certeza de que podemos imaginar ótimas maneiras de nos aquecer — disse Sebastian, ajudando-a a se levantar. — Venha. Vamos comer alguma coisa e depois podemos subir.

Enquanto a conduzia pelos corredores gelados até a cozinha, Emilie sentiu que simplesmente precisava perguntar:

— E onde está Alex agora?

— Eu não lhe disse?

— Não, não disse — respondeu Emilie.

— Ele está aqui, é claro. Alex mora aqui em Blackmoor Hall.

CAPÍTULO 16



Emilie acordou cedo na manhã seguinte, após uma noite agitada por causa do frio inclemente daquele lugar. Sentia como se seus ossos estivessem congelados e pudessem se estilhaçar a qualquer momento. Sebastian se desculpou repetidamente, explicando que a razão pela qual o antigo sistema de aquecimento da casa não estava funcionando se devia ao fato de que alguém esquecera de encher o tanque de óleo, mas que ele cuidaria disso assim que fosse possível.

Emilie levou os dedos gelados de seus pés até a superfície morna da canela de Sebastian. O quarto estava completamente imerso em trevas, sem qualquer feixe de luz passando pelas cortinas adamascadas que começavam a desbotar. Imaginou consigo mesma se Sebastian se importaria de dormir com as cortinas abertas. Ela sempre dormira com as cortinas abertas, apreciando andar pela casa sob a luz de um novo dia.

Emilie voltou a pensar no que Sebastian lhe contou sobre o irmão, Alex, na noite anterior. Depois de detonar a bomba, dizendo que Alex morava em Blackmoor Hall, Sebastian prosseguiu com a história, explicando que Alex fraturou a coluna vertebral no acidente e que agora estava confinado a uma cadeira de rodas. Tinha uma cuidadora vivendo com ele em período integral e morava num dos quartos, convertido num pequeno apartamento na ala leste da mansão, no térreo.

— Claro, ter alguém para cuidar dele custa uma pequena fortuna, sem mencionar a reforma que foi necessária para acomodar uma pessoa deficiente. Mas o que eu podia fazer? De qualquer modo, não se preocupe com Alex. Ele gosta de ficar sozinho e raramente sai de casa.

— Ele conseguiu ficar livre das drogas e do álcool desde o acidente? — perguntou Emilie, cautelosamente.

— De maneira geral, sim. Mas já contratei uma sequência enorme de pessoas para cuidar dele e tive que me livrar de duas delas depois que Alex as coagiu para que lhe trouxessem bebida. Alex sabe ser extremamente encantador e persuasivo quando quer — acrescentou.

Apesar das garantias de seu marido em relação ao isolamento de Alex, Emilie estremeceu ao contemplar a existência de um paraplégico dependente de drogas que vivia, mesmo que num cômodo separado, sob o mesmo teto que ela. Sebastian também mencionara que Alex era um mentiroso patológico.

— Não acredite em nada do que ele lhe disser, Emilie. Meu irmão é capaz de convencer a mente mais inteligente de que o carvão é branco e a neve é preta.

— Querida?

Emilie sentiu sua mão quente serpenteando em suas costas.

— Sim?

— Minha nossa! — exclamou Sebastian, enquanto tateava o ombro de Emilie, que estava envolvida em muitas camadas de roupa. — Parece que você está embrulhada como um pacote do correio — riu. — Venha aqui e me dê um abraço.

Quando Emilie se rendeu ao abraço deliciosamente quente e ele começou a beijá-la naquele início de manhã, quaisquer medos que sentira durante a noite começaram a se desvanecer.

— Duvido que o dia de hoje seja propício a um passeio turístico — comentou Sebastian enquanto eles estavam na cozinha, tomando café e olhando para os montes de neve acumulados do lado de fora das janelas. — Provavelmente temos uns trinta centímetros de neve e o céu está ameaçando despejar mais. Vou ligar para Jake, o vizinho que tem uma fazenda, e ver se ele pode trazer seu trator até aqui para limpar o acesso que vem da estrada até a porta da casa. Estamos ficando sem comida e eu preciso ir até a loja no vilarejo para pegar algumas coisas essenciais. Que tal se eu lhe deixar na sala de artes e acender a lareira? Há uma biblioteca no fim do corredor e tenho certeza de que você encontrará um livro para se entreter.

— Tudo bem — concordou Emilie, sentindo que não tinha muita opção.

— Vou mandar também entregarem óleo para ligarmos o sistema de aquecimento central. É

tão caro comprar isso hoje em dia e a maior parte do calor parece se dissipar por entre as frestas apodrecidas das janelas — disse, suspirando. — Desculpe, querida. Como eu lhe disse, não prestei muita atenção ao meu trabalho e à minha casa nos últimos meses.

— Quer que eu o ajude com alguma coisa? — perguntou.

— Não, mas agradeço a oferta. Também vou fazer uma visita à nossa ex-governanta, a sra. Erskine, e ver se consigo convencê-la a voltar. Prometo que tudo estará de volta à normalidade nos próximos dias — Sebastian disse, enquanto caminhavam lado a lado até a sala de artes. — Você deve estar imaginando para onde diabos eu lhe trouxe — acrescentou enquanto se curvava para abrir a grade da lareira. — As coisas vão melhorar, eu garanto. Este é um lugar muito bonito.

— Deixe que eu cuido disso — disse Emilie, ajoelhando-se ao lado de Sebastian. — Vá e faça o que você precisa fazer.

— Tem certeza? Lamento pela falta de empregados por aqui — ele disse, em tom de brincadeira. — Sei que você não está acostumada com isso.

— Sei que posso aprender a viver assim, Sebastian — ela disse, sentindo o rosto corar.

— É claro que pode. Só estou brincando. Fique à vontade para explorar a casa, mas acho que você provavelmente ficará horrorizada com o que verá. Este lugar faz com que o seu velho *château* pareça bastante moderno! — disse Sebastian com uma careta ao sair da sala.

Vestindo dois grossos macacões de pescaria de Sebastian, Emilie passou uma hora vagando pela casa. Era óbvio que muitos dos quartos do andar superior não eram usados há anos e, diferente das imensas janelas do *château*, construídas para deixar entrar a maior quantidade de luz natural possível, as desta casa eram poucas e pequenas, projetadas para afastar o frio. As cores tristonhas e a mobília pesada faziam com que ela se imaginasse entrando no palco de uma peça da era eduardiana.

Ao voltar para o térreo, Emilie começou a perceber o quanto aquela casa precisava de reparos. Mas como o do *château*, em Gassin, o projeto de reforma seria imenso. Ela também não sabia quanto dinheiro Sebastian tinha para financiá-lo. Entretanto, isso não chegava a ter

importância, Emilie sabia que suas finanças estavam em ótimas condições e que tinham dinheiro o suficiente para viver como quisessem pelo resto de suas vidas.

De volta à sala de artes, Emilie se perguntou por que nunca pensara em perguntar a respeito da verdadeira situação financeira de Sebastian antes de se casar com ele. Não que considerasse isso relevante, entretanto agora ela era sua esposa e era importante saber disso. Talvez conseguisse tocar no assunto mais tarde, pensou, ao ver o trator e o Land Rover de Sebastian galgando o aclive que vinha da estrada principal até a casa.

Por volta da hora do almoço, Emilie já estava acometida pela fome e pelo tédio e decidiu ir até a cozinha procurar algo na geladeira. Depois de fazer um sanduíche com a última fatia de um pão de forma, ela se sentou à mesa para comê-lo. De repente, ouviu uma porta bater com força em algum lugar da casa, e também uma voz exaltada. Desta vez, era a voz de uma mulher. A porta da cozinha se abriu e uma mulher magra, de meia-idade, entrou.

— O sr. Carruthers está na casa? Preciso falar com ele imediatamente — disse.

Emilie percebeu que a mulher estava tremendo de raiva.

— Não, ele saiu. Foi até a vila.

— Quem é você? — perguntou a mulher, com um tom grosseiro.

— Sou Emilie, a esposa de Sebastian.

— É mesmo? Bem, só posso lhe desejar boa sorte. Como você é a esposa dele, pode lhe dizer que estou me demitindo neste momento. Não vou mais me submeter às grosserias do irmão dele. Ou à sua violência! Ele acabou de atirar uma xícara de café quente em mim. Se eu não me esquivasse, poderia ter sofrido queimaduras de terceiro grau nos braços. Liguei para uma amiga que tem um jipe e ela virá me buscar dentro de uma hora. Não vou ficar mais nem um minuto nesta casa maldita com aquele... louco!

— Entendo e lamento muito — disse Emilie, percebendo que a mulher estava arrastando a voz, provavelmente devido à raiva que sentia. — Posso lhe oferecer uma bebida? Talvez possamos falar a respeito de seus problemas antes que você vá embora. Tenho certeza de que Sebastian não vai demorar...

— Não há nada que você possa me dizer que me fará mudar de ideia — disse a mulher,

interrompendo-a. — Ele me convenceu a voltar outras vezes e eu me arrependi por ter aceitado. Espero que, para o seu bem, seu marido não a faça cuidar do irmão dele. E não imagino que você encontrará alguém para assumir o cargo. Você sabe que a sra. Erskine pediu demissão também, não é?

— Sim, mas meu marido disse que ela vai voltar.

— Bem, será uma tolice da parte dela. Ela é uma boa senhora e a única razão pela qual aceita continuar com o martírio é pela lealdade à avó deles. Conheci Constance quando eu era jovem e morava nesta vila. Uma mulher adorável, mas o que esses dois garotos a fizeram passar é impensável. De qualquer forma, não é mais problema meu. Vou fazer as malas e guardar minhas coisas. Ele já almoçou, então provavelmente vai ficar bem até o seu marido voltar. Eu não me aproximaria dele agora se fosse você. Espere até que ele se acalme — acrescentou. — Normalmente, ele consegue se acalmar depois de algum tempo.

— Certo — concluiu Emilie. Não sabia mais o que dizer. A mulher obviamente viu o medo em seus olhos, já que sua expressão repentinamente perdeu a dureza.

— Não se preocupe, querida. Alex é um bom garoto, na verdade. Ele simplesmente fica frustrado, como qualquer um de nós ficaria se estivesse naquela situação. Tem um bom coração e vem passando por momentos difíceis. Mesmo assim, já estou velha demais para lidar com isso. Quero uma pessoa idosa calma e tranquila para cuidar, não um moleque volátil que nunca cresceu.

Emilie só conseguia pensar que essa mulher iria embora antes que Sebastian voltasse. Consequentemente, ela ficaria sozinha numa casa opressora e desconhecida de onde, por causa da neve, não poderia escapar. Ficaria enfurnada com um lunático bêbado e paraplégico, que ainda não conhecia. Atualmente, sua vida parecia saída de um filme de terror e Emilie sentia uma vontade incontável de rir daquela situação ridícula.

— De qualquer forma, parabéns pelo casamento, querida — disse a mulher.

— Obrigada — sorriu Emilie, ironicamente.

A mulher foi em direção à porta da cozinha, deteve-se e virou-se para falar com Emilie.

— Para o seu bem, espero que você saiba no que se meteu. Adeus.

Meia hora depois, de volta à sala de artes, Emilie percebeu que um carro chegava vagorosamente até a porta e viu a mulher com quem conversou na cozinha andar com dificuldade em meio à neve para guardar sua bagagem no porta-malas. Esforçando-se para não deslizar em meio à neve, o carro fez uma curva e afastou-se precariamente pela via que levava até a casa.

Emilie olhava pela janela, observando a neve que voltava a cair e enchia o céu com redemoinhos de flocos grossos que se acumulavam, formando uma muralha ainda mais impenetrável entre ela e o mundo exterior. Seu coração começou a bater com força contra o peito. O irmão louco agora não estava a mais de alguns metros de distância dela, e os dois estavam completamente sozinhos. E se a nevasca ficasse tão forte a ponto de impedir que Sebastian conseguisse retornar? Às três horas, o céu de janeiro já estava escurecendo, uma preparação para o crepúsculo e, posteriormente, para a escuridão. Emilie se levantou, com as batidas apressadas do seu coração anunciando que a ansiedade não tardaria a se transformar em pânico. Sofrera vários ataques de pânico no final da adolescência e, mesmo depois de dominá-los, vivia permanentemente aterrorizada pela possibilidade de que eles poderiam acontecer novamente.

— Mantenha a calma e respire fundo — ela disse a si mesma enquanto sentia as ondas incessantes tomando conta de si. Começou a ofegar, sabendo que já estava fora de controle e que era tarde demais para pensar racionalmente.

Desabando num sofá, Emilie colocou a cabeça entre as pernas. Sua força física a abandonava e, mesmo de olhos fechados, não conseguia evitar ver cores berrantes contra o interior das pálpebras enquanto lutava para recuperar o fôlego.

— Por favor, *mon Dieu, mon Dieu...*

— Posso ajudá-la?

A voz grave de um homem vinha de algum lugar ao longe enquanto sua cabeça girava e suas mãos e pés formigavam intensamente. Não conseguia levantar os olhos. Não conseguia desperdiçar o ar que precisava para respirar.

— Eu perguntei se posso ajudá-la.

A voz estava mais perto agora. Na verdade, quase ao seu lado. Talvez fosse capaz de sentir o hálito quente em seu rosto, a mão que agarrava a sua... não conseguia responder.

— Imagino que você seja a esposa francesa de Sebastian. Entende inglês?

Emilie conseguiu assentir.

— Tudo bem. Vou procurar um saco para ajudá-la a respirar. Continue hiperventilando. Pelo menos isso significa que você ainda está viva.

No estado em que se encontrava, Emilie não fazia ideia de quanto tempo demorou até que um saco de papel pardo foi colocado em sua boca e nariz, e foi instruída pela mesma voz calma a expirar e inspirar lentamente. Não sabia se aquilo fazia parte de algum sonho ou de um pesadelo. Não se importava. A pessoa sabia o que deveria fazer e, como uma criança indefesa, seguiu suas instruções.

— Boa menina, você está indo bem. Continue inspirando e expirando dentro do saco. Pronto, vai ficar mais relaxada ao fazer isso. Logo, logo, tudo vai passar, eu garanto — disse a voz.

Após alguns momentos, as batidas fortes de seu coração voltaram a bater num ritmo mais próximo do normal. Sentiu que recuperava o controle sobre suas mãos e pés, e retirou o saco da frente do rosto. Soltando o corpo por sobre o sofá, com os olhos fechados, sentiu o alívio que indicava que seu corpo estava se acalmando.

Poucos minutos após relaxar com o fato de que havia sobrevivido e que tudo estava acabado, seu cérebro começou a questionar quem poderia ser o cavaleiro de armadura brilhante que a salvara. Forçou um olho cansado e agitado por pequenos espasmos a se abrir e viu um homem que era Sebastian, mas que, na verdade, não era Sebastian. Era um Sebastian em Technicolor, os olhos de um castanho mais caloroso, com centelhas de âmbar espalhadas pelas íris, o cabelo que brilhava com luzes douradas e avermelhadas, um rosto que tinha um nariz perfeito, lábios rosados mais carnudos e maçãs do rosto protuberantes e angulosas por baixo da maciez daquela pele perfeita.

— Eu sou Alex. É um prazer conhecê-la.

Emilie imediatamente fechou o olho que abrira e sentou-se, permanecendo imóvel, ainda

parecendo acreditar que a imagem do irmão louco sentado a poucos centímetros dela não desencadearia outro ataque de pânico. Ele tocou sua mão e disse:

— Entendo que você não queira desperdiçar seu fôlego conversando comigo. Sei o que aconteceu com você há alguns minutos. Tive ataques de pânico inúmeras vezes. O que você precisa agora é de uma bebida forte.

Esse homem, que falava de maneira tão gentil, não combinava com a descrição que Sebastian havia lhe dado. A mão que tocava a sua era reconfortante, não ameaçadora. Ousou abrir seus olhos para estudá-lo adequadamente.

— Olá — os lábios carnudos sorriram e ela viu que os olhos do homem demonstravam interesse em sua condição.

— Olá — conseguiu responder Emilie, com a voz ainda recuperando a força.

— Vamos conversar em inglês ou *preferez-vous français?*

— *Français, merci* — seu cérebro ainda estava confuso demais para conseguir pensar em outro idioma.

— *D'accord.*

Emilie o observou enquanto ele a estudava.

— Você é muito bonita — comentou Alex, em francês. — Meu irmão disse que você era. Muito mais bonita quando esses grandes olhos azuis que você tem estão abertos, devo dizer — continuou, num francês perfeito. — Certo, hora de tomar seu último remédio. — Do outro lado da cadeira de rodas, Alex tirou uma garrafa de uísque. — Aquela bruxa que acabou de ir embora pensava que eu não sabia onde ela escondia seu estoque particular. Mas eu consegui resgatar esta garrafa de sua mala enquanto ela estava na cozinha reclamando sobre o pesadelo que é cuidar de mim. Sebastian não acreditava no que eu dizia, mas ela era uma bêbada inveterada, capaz de engolir uma garrafa inteira disso aqui num único dia — descreveu Alex. Girando sua cadeira de maneira experiente, ele foi até um armário e o abriu, mostrando um conjunto empoeirado de copos e taças em estilo eduardiano. — Bem, por que não tomamos um trago? Beber sozinho nunca é uma boa ideia — ele disse, servindo duas doses generosas de uísque, encaixando-as com destreza entre suas coxas e voltando a aproximar-se dela com a

cadeira de rodas.

— Não acho que isso seja uma boa ideia — disse Emilie quando Alex lhe entregou um dos copos.

— Por que não? É possível dizer, honestamente, que estamos usando isso apenas para fins medicinais. Vamos lá — ele insistiu. — É a minha vez de bancar o enfermeiro e eu garanto que isso vai ajudar.

— Não, obrigada — disse Emilie, balançando a cabeça, não queria encorajá-lo.

— Bem, não vou beber se você não beber — completou Alex, colocando seu copo sobre a mesa. — Este lugar está congelando meus ossos e, se eu não puder aquecê-la com uma dose de uísque, pelo menos posso acender a lareira de novo.

Emilie permaneceu sentada observando Alex reavivar o fogo, absorta demais para ajudá-lo.

— E então, para onde Sebastian foi? — ele perguntou. — Imagino que foi implorar à pobre sra. Erskine que volte para cá pela milésima vez.

— Sim. Disse que iria visitá-la enquanto estivesse na vila para comprar comida — respondeu Emilie.

— Duvido que ele consiga encontrar muita coisa no mercado. Todos os residentes perceberam que a tempestade estava a caminho e já estocaram toda a comida que podiam, limpando as prateleiras. É a época mais lucrativa do ano para o dono do mercado e até mesmo aquelas latas empoeiradas de feijões amanteigados são levadas. Teremos sorte se algumas delas ainda estiverem à venda. Essa nevasca realmente está forte — acrescentou, observando os flocos que caíam. — Mas eu gosto desse tempo. E você?

Quando o peso do olhar penetrante de Alex recaiu sobre Emilie, ela tentou se lembrar do que Sebastian lhe dissera sobre o talento de Alex para convencer e encantar as pessoas.

— Na verdade, não. Não consegui me aquecer desde que cheguei aqui.

— Foi o que imaginei. Os tanques de óleo do sistema de aquecimento estão vazios há algumas semanas. Por sorte, tenho um estoque secreto de aquecedores elétricos que mantêm

meu sangue circulando. Mas, por favor, não conte a Sebastian ou ele vai tirá-los de mim. De qualquer maneira, além de morarmos na versão britânica de um iglu, eu realmente gosto da neve — Alex suspirou. — Na verdade, eu gosto de qualquer coisa que quebre a monotonia entediante da normalidade. E esse tempo chega a ser dramático.

— Sim — concordou Emilie, sentindo-se fraca.

Alex olhou para os dois copos de uísque sobre a mesa.

— Acho que deveríamos aproveitar a oportunidade e beber esse uísque. Seria uma pena jogá-los fora.

— Eu realmente não quero — disse Emilie, balançando a cabeça. Alex levantou as sobrancelhas.

— Oh, suponho que Sebastian falou sobre meu alcoolismo incurável e meus problemas com drogas, não foi?

— Ele mencionou, sim — disse ela, honestamente.

— É verdade que já estive envolvido com drogas, mas faz algum tempo que me livrei disso — concordou Alex, falando com um tom neutro. — Porém, nunca cheguei a ser um alcoólatra, o que não significa que eu não aprecie um drinque de vez em quando. Todos nós gostamos. Afinal, você é francesa. Provavelmente começou a beber vinho enquanto ainda estava no berço, estou certo?

— É claro.

— Imaginei. E o que a levou a se casar com meu irmão?

— Eu... — Emilie sentia-se incomodada com as perguntas que ele lhe fazia, sem qualquer rodeio ou reserva. — Eu me apaixonei por ele. É por essa razão que a maioria das pessoas se casa.

— Uma razão tão boa quanto qualquer outra — Alex assentiu. — Bem, imagino que eu deva lhe dar as boas-vindas à família.

A porta da sala de artes se abriu. Sebastian estava ali, com o cabelo encharcado pela neve. Sentindo-se culpada, Emilie se levantou para recebê-lo.

— Olá. Que bom que voltou em segurança!

— Não ouvimos o barulho do seu carro.

Sebastian estava com uma expressão sisuda, os olhos fixados nos dois copos de uísque sobre a mesa.

— Tive que deixar o carro no portão e abrir caminho por entre a neve com duas sacolas enormes de compras nas mãos. Você estava bebendo? — ele perguntou, acusando Alex.

— Não. Embora eu tenha que admitir que tentei convencer sua nova esposa a tomar um trago, pois ela não estava se sentindo muito bem — respondeu Alex, no mesmo tom.

— Isso é bem típico de você — disse Sebastian, levantando as sobrancelhas. Virou-se para Emilie, com uma expressão irritada em vez de demonstrar simpatia. — Está se sentindo bem?

— Estou bem agora, obrigada — ela respondeu, nervosamente.

— Eu já lhe disse, Alex, que você não deve entrar nesta parte da casa. — Sebastian encarou o irmão.

— Bem, como eu estava explicando para Emilie, minha cuidadora me abandonou. Eu vim aqui para lhe contar a respeito.

— O quê? Pelo amor de Deus, o que foi que você fez? — Sebastian perguntou, exasperado.

— Joguei aquela xícara de café maldita que ela me preparou contra a parede. Ela estava tão bêbada que colocou sal no café em vez de açúcar — Alex explicou. — E pensou que eu queria acertá-la.

— Bem, você realmente passou dos limites desta vez, Alex — esbravejou Sebastian, furioso. — A sra. Erskine se recusou terminantemente a voltar para cá, e eu não a culpo. E em relação àquela pobre mulher que acabou de ir embora, não me surpreende que ela tenha partido. Não sei onde diabos vou encontrar uma substituta imediata para vir até aqui no meio dessa tempestade.

— Ei, Sebastian! Você sabe que eu não sou um completo inválido — retrucou Alex. — Sou

capaz de me alimentar, vestir, lavar e limpar meu próprio traseiro sozinho. Consigo até mesmo sair da cama à noite e voltar a ela se for preciso. Já lhe disse milhares de vezes que não preciso de uma pessoa ao meu lado em tempo integral, apenas de alguém que me ajude com algumas tarefas.

— Você sabe que isso não é verdade — emendou Sebastian, irritado.

— Oh, sim, é a mais pura verdade — disse Alex, levantando as sobrancelhas e olhando para Emilie. — Ele me trata como se eu tivesse dois anos de idade — disse, apontando para a cadeira de rodas. — Bem, não vou criar tantos problemas com esse veículo, não é mesmo?

Para Emilie, aquela discussão parecia uma luta de boxe. Ela permanecia calada, incapaz de acrescentar o que quer que fosse ao diálogo.

— Você cria uma quantidade imensa de problemas, especialmente nas suas condições atuais — Sebastian prosseguiu. — De qualquer modo, teremos que colocar isso à prova, especialmente nos próximos dias, pois não terei a menor condição de encontrar alguém para cuidar de você com esse tempo.

— Eu realmente não acho que isso seja um problema — afirmou Alex, categoricamente. — Já lhe disse que é um desperdício de dinheiro, mas você não me dá ouvidos. Bem, vou deixá-los a sós.

Alex manobrou sua cadeira de rodas em direção à porta e segurou na maçaneta. Parando por um momento, ele se virou para Emilie e sorriu.

— Foi um prazer conhecê-la. Bem-vinda a Blackmoor Hall.

A porta se fechou atrás dele, e o silêncio tomou conta da sala de artes. Sebastian estendeu a mão na direção de um dos copos de uísque, pegando um deles e engolindo a bebida em uma só tragada.

— Eu lamento muito por isso, Emilie. Você deve estar se perguntando para onde diabos eu a trouxe. Ele é um pesadelo e eu estou simplesmente no limite de minha paciência.

— Estou percebendo — ela disse. — Mas não precisa se preocupar comigo. Farei o que puder para ajudar.

— É muito gentil de sua parte, mas, no momento, estou sem ideias. Vai querer seu uísque?
— ele disse, indicando o copo que ainda estava cheio.

— Não, obrigada.

Sebastian pegou o segundo copo e engoliu o conteúdo também.

— Acho que você e eu precisamos ter uma conversa séria, Emilie, pois tenho a sensação de que me casei com você com falsas premissas. Tudo neste lugar está um desastre. E se você decidir que quer voltar atrás, desistir de tudo e voltar para a França, certamente lhe darei razão. — Sebastian se deixou cair no sofá ao lado dela e segurou sua mão. — Eu lamento muito. De verdade.

— Sebastian, estou começando a entender que sua vida não é tão confortável quanto eu pensava, mas eu me casei com você porque o amo. Sou sua esposa agora e vou compartilhar seus problemas, sejam lá quais forem.

— Você não ouviu nem a metade deles — Sebastian resmungou.

— Então me conte.

— Bem, aqui vai — ele suspirou. — Além de todos os problemas com Alex, a verdade pura e simples é que estou falido. Não sobrou muito dinheiro quando minha avó morreu, mas eu esperava que, conforme minha empresa crescesse, eu fosse conseguir pelo menos pagar por algumas reformas na casa. Em seguida, Alex sofreu o acidente e o custo dos cuidados de que ele precisa começou a interferir em meus rendimentos. Tomei um empréstimo no banco e utilizei a casa como garantia do pagamento, mas eu mal consigo pagar as parcelas estipuladas no contrato e o banco certamente não vai me dar mais dinheiro. Minha situação atual significa que o tanque do sistema de aquecimento não foi abastecido neste inverno porque eu simplesmente não tenho dinheiro para pagar pelo óleo. Assim, parece que terei que vender Blackmoor Hall. Isso se Alex concordar. Metade da casa pertence a ele, e ele já disse que não quer sair daqui.

— Sebastian, entendo que vender a casa de sua família deve ser um processo muito doloroso — comentou Emilie, após algum tempo. — Mas, pelo que você está me dizendo, parece que não tem outra escolha. Alex também não.

— Você está certa, é claro. Mesmo assim... bem, a questão é que, pouco antes de nos conhecermos, tomei algumas decisões que trouxeram bons resultados para minha empresa e as coisas estavam caminhando no rumo certo. — Sebastian respirou antes de prosseguir. — De qualquer forma, acho que tudo que mencionei é irrelevante. Estou falando sobre o “Ponto B”, mas, no momento, estou no “Ponto A”. A questão é como ir de um ponto ao outro. E, por mais que eu queira, não acho que posso ficar com esta casa — ele disse, dando de ombros. — O que eu faço com nosso vizinho é outra história. Ele lutará com unhas e dentes para ficar aqui e nós dois somos os donos da casa. Como você pode imaginar, a acomodação alternativa para alguém na situação de Alex é limitada.

— Mas você não pensa em abandoná-lo, não é? — perguntou Emilie.

— É claro que não! — exaltou-se Sebastian, repentinamente. — Que tipo de pessoa você acha que eu sou? Como você já percebeu, eu levo minhas responsabilidades muito a sério.

— Sim — respondeu Emilie, rapidamente. — Não foi isso que eu quis dizer. Eu estava simplesmente imaginando para onde ele iria se você realmente vendesse a casa.

— Bem, eu sei que o dinheiro que ele receberia com a venda da casa pagaria por muitos anos de cuidados de qualidade em uma instituição respeitável. Por mais que negue, Alex precisa de cuidados em tempo integral e...

Emilie o interrompeu.

— Sebastian, durante toda a conversa você falou sobre “eu”. Por favor, não se trata mais de “eu”. Agora tem que pensar em “nós”. Sou sua esposa, somos parceiros, e vamos resolver os problemas juntos, assim como você me ajudou a resolver meus problemas na França.

— Você é um doce, Emilie, mas não acho que, nas circunstâncias atuais, você possa me ajudar.

— Por quê? Em primeiro lugar, você sabe que eu tenho uma boa reserva de dinheiro. E, como sua esposa, tudo que eu tenho também é seu. É claro que eu posso ajudá-lo. Eu *quero* ajudá-lo — ela reiterou. — Especialmente se, como você disse, o dinheiro só será necessário até que sua empresa comece a lhe dar uma renda maior. Se achar mais confortável, experimente me considerar como uma investidora — ela sugeriu.

Sebastian levantou a cabeça e olhou fixamente para ela, admirado.

— Emilie, você está mesmo sugerindo que me ajudaria financeiramente?

— É claro — ela disse, dando de ombros. — Não vejo problema. Você me ajudou com tudo o que precisei nos últimos meses. E agora eu estou aqui e posso ajudá-lo também.

— Emilie, você é um anjo — disse Sebastian, puxando-a para si num abraço. — Eu me sinto muito culpado por não haver lhe contado tudo isso antes de nos casarmos. Para ser honesto, só fiquei sabendo realmente o quanto a situação era desesperadora ontem. E admito que venho escondendo minha cabeça debaixo da terra como um avestruz mais vezes do que o conveniente. Meu Deus, quando abri meu extrato bancário hoje pela manhã, as cifras no papel só me contavam o tamanho do desastre.

— Por favor, não se preocupe mais com o dinheiro. Pelo menos, não por agora — ela disse, reconfortando-o. — Quando você calcular o valor total de que precisa, transferirei o dinheiro para a sua conta aqui na Inglaterra. Pessoalmente, acho que há problemas mais urgentes que o dinheiro para solucionar no momento, como o fato de encher o tanque de óleo do sistema de aquecimento — Emilie disse, levantando uma sobrancelha. — Tenho certeza de que podemos pagar com um cartão de crédito se dermos o número pelo telefone. Pelo menos, ficaremos aquecidos.

— Oh, querida — disse Sebastian, virando-se para ela, com o rosto marcado pela ansiedade. — Você está sendo tão gentil em relação a tudo. Eu realmente lamento muito.

— Ah, não diga isso — protestou Emilie. — Além do óleo que, em si, não é um problema difícil de resolver, nossa próxima incumbência é encontrar alguém para cuidar das necessidades especiais do seu irmão, não é?

— Absolutamente — concordou Sebastian. — Poderíamos encontrar alguém em uma agência de empregos temporários, mas eles cobram os olhos da cara.

— Acabamos de concordar que dinheiro não é problema — Emilie repetiu. — Alex realmente está mentindo quando diz que pode cuidar de si mesmo?

— Preciso admitir que nunca comprovei isso — concedeu Sebastian. — Mas ele é muito desastrado e se envolve em acidentes com frequência. Se eu o conheço bem, vai acabar se

eletrocutando quando colocar uma lata de feijões no micro-ondas, ou vai usar o computador para encomendar quantidades homéricas de bebida alcoólica dos distribuidores das redondezas.

— Quer dizer, então, que ele não precisa de uma enfermeira-padrão em período integral, não é?

— Bem, ele toma alguns medicamentos pela manhã para ajudar a circulação, mas é mais um caso de atender às suas necessidades físicas e práticas.

— Se não conseguirmos encontrar alguém, posso ajudar a cuidar dele. Pelo menos por algum tempo — Emilie sugeriu. — Adquiri um pouco de experiência com a minha mãe, que também ficou numa cadeira de rodas nas últimas semanas de sua vida. Além disso, sou formada em medicina veterinária e conheço o funcionamento do corpo.

— Mas eu poderia ter certeza de que você não se deixará enganar por Alex? — disse Sebastian, olhando para os copos vazios de uísque e lançando-lhe um olhar rápido. — Ou pela sua influência?

— É claro que pode! — Emilie se conteve para não enfatizar que fora o próprio Sebastian que esvaziara os dois copos, não sua esposa ou seu irmão. — A frustração que ele sente não é motivo de surpresa. Ele tem a oportunidade de sair da casa?

— Raramente, mas não consigo imaginar Alex indo ao centro comunitário toda quarta-feira para se reunir com os outros deficientes das redondezas, jogar charadas e tomar alguns copos de suco. Pelo menos, é isso que ele imagina que encontrará lá. Sempre foi um solitário — emendou Sebastian, afrouxando o abraço ao redor de Emilie e deixando-se afundar novamente no sofá. — De qualquer modo, essa é a situação. Essa é a vida do seu marido: complicada e, atualmente, um completo desastre.

— Por favor, não diga isso, Sebastian — insistiu Emilie. — Você não é responsável por várias dessas coisas. Você fez o melhor que pôde para ajudar seu irmão e também para manter sua empresa e esta casa em boas condições. Não pode culpar a si mesmo por isso.

— Obrigado, querida. Eu realmente agradeço seu apoio. Você é maravilhosa. De verdade — disse Sebastian, inclinando-se em direção a ela e beijando-a nos lábios. — Bem, agora

precisamos telefonar para a empresa de óleo antes que eles fechem as portas e nos deixem mais um dia sem aquecimento como se fôssemos um bando de pessoas sem-teto que invadiram a primeira casa que encontraram para fugir da nevasca. Se não se importar que eu use seu cartão de crédito, pode deixá-lo comigo para que eu repasse os números quando telefonar para encomendar o óleo?

— É claro. Está na minha bolsa, no andar de cima. Vou subir para pegá-la.

Emilie deu um beijo na testa de seu marido e deixou a sala. Ao subir as escadas, percebeu que sentia uma leve aura de satisfação. Agora ela poderia ajudá-lo, assim como ele a ajudara durante os últimos meses. Era uma sensação muito agradável.

CAPÍTULO 17



Uma semana mais tarde, as coisas estavam mais tranquilas em Blackmoor Hall. A neve, que caiu sem parar durante três dias e depois congelou em enormes e traiçoeiros blocos de gelo, estava começando a derreter conforme a temperatura subia. A empresa responsável pelo óleo do sistema de aquecimento veio trazer o produto no dia anterior e Emilie acordou sentindo que o frio cortante havia diminuído um pouco.

Sebastian entrou em contato com uma agência de empregos temporários para recrutar uma pessoa que pudesse cuidar de Alex. Emilie não o via desde o dia em que sofrera o ataque de pânico. Na verdade, ela pensou enquanto aquecia a chaleira para preparar uma xícara de café para levar de volta ao quarto, sentia-se muito mais calma agora. Sebastian admitiu que precisava de uma boa quantia de dinheiro para conseguir custear seu sustento nos próximos meses, e ela transferiu o montante imediatamente para a conta bancária do marido. Desde então, ele estava visivelmente mais relaxado.

— Como não podemos sair de casa por causa da neve, acho que devemos tratar este período de reclusão forçada como uma lua de mel improvisada — ele anunciou. — Temos vinho na adega, comida na geladeira, fogo na lareira e um ao outro. Vamos aproveitar a ocasião.

Os dois passaram várias manhãs agradáveis juntos sob os cobertores. Depois, vestiam casacos grossos e botas de borracha para enfrentar uma caminhada curta até a vila e comer alguns pratos típicos da culinária britânica no *pub* local. Na jornada de volta, brincavam de guerrinha de bolas de neve e regressavam à casa felizes após respirar o ar puro e gelado. As noites eram desfrutadas a dois, aconchegando-se em frente à lareira, bebendo o vinho que Sebastian trazia da adega, conversando e fazendo amor.

— Você é muito bonita — dizia Sebastian enquanto beijava-lhe o corpo nu à luz da lareira.
— Fico muito feliz por ter me casado com você.

Na manhã anterior, quando o gelo começou a derreter, Sebastian levou Emilie até a cidade de Moulton, nas proximidades, para fazer um estoque de suprimentos, já que as reservas da mansão estavam terminando. Ele insistiu que ela dirigisse o Land Rover de volta à casa, e a tarefa foi um martírio para alguém que não estava acostumada a dirigir na neve nem tinha o hábito de dirigir do lado esquerdo da estrada.

— É importante que você saiba fazer isso, querida — disse Sebastian no caminho para casa, com Emilie guiando o veículo em passo de tartaruga. — Quando eu estiver em Londres, você tem de saber sair da casa.

Após preparar o café, Emilie observou a cozinha com prazer. O simples ato de lavar as cortinas imundas que estavam penduradas em frente às janelas e colocar um vaso de flores sobre a mesa de madeira de pinho deixou o ambiente mais alegre. Escolheu também um belo conjunto de porcelana azul e branca e dispôs as peças sobre um dos aparadores. Subindo a escada com a caneca de café nas mãos, ela percebeu que o sol estava brilhando e que o gelo acumulado se derretia e pingava dos beirais do teto até o chão. Talvez pudesse até mesmo sugerir para Sebastian que a deixasse decorar a cozinha. Uma pintura em tom de rosa deixaria o lugar muito mais alegre e receptivo.

Voltando a se deitar na cama ao lado dele, Emilie bebeu seu café lentamente.

— Dormiu bem? — perguntou Sebastian, sentando-se para pegar sua caneca.

— Sim. Decidi que realmente gosto desta casa, apesar de tudo — comentou Emilie. — É como se fosse uma tia velha e distante que simplesmente precisa de um pouco de carinho e atenção.

— E também de muito dinheiro — acrescentou Sebastian. — Por falar nisso, agora que a neve derreteu e que você está instalada aqui, receio que eu tenha que passar alguns dias em Londres. Você vai ficar bem sem que eu esteja por perto? Alex parece estar contente com a nova pessoa que contratei para ajudá-lo e tenho certeza de que ele não irá incomodá-la. Você poderia até mesmo vir comigo, mas vou passar o dia inteiro trabalhando e não terei tempo ou condições de lhe dar a atenção que merece. Você ficaria bastante entediada.

— Onde você fica hospedado quando está em Londres? — Emilie perguntou.

— Oh, num quarto de hóspedes no apartamento de um amigo. Não é exatamente o Ritz, mas serve de teto durante os períodos em que fico na cidade — explicou Sebastian.

— Vai ficar fora quantos dias?

— Imagino que, se eu sair amanhã pela manhã, talvez não mais do que três dias. Voltarei na noite de sexta-feira — ele prometeu. — Vou deixar o Land Rover com você, é claro, caso haja outra nevasca. Tenho outro carro velho que posso usar para ir até a estação de trem. E, da próxima vez, talvez você queira vir comigo a Londres.

— Certo — respondeu Emilie, tentando não se preocupar com a ideia de que Sebastian ia deixá-la sozinha na companhia de Alex, seu irmão volátil, e com um carro que sempre a deixava aterrorizada. — Estava pensando em pintar a cozinha. Você se importaria?

— É claro que não. Preciso ir até a vila e passar no banco, de qualquer forma. Podemos escolher as tintas na loja de material de construção no caminho de volta — Sebastian disse, virando-se para olhá-la nos olhos e acariciar seu rosto.

— Você é um milagre, Emilie. Você realmente é.



Sebastian partiu para Londres na manhã seguinte cedo. Cheia de planos para o dia, incluindo começar a pintura da cozinha, Emilie preparou o café, cantarolando para si mesma. Em seguida, colocou mãos à obra.

Por volta da hora do almoço, já concluía a pintura da parede, que incluía a chaminé, e ficou zangada consigo mesma por não pedir a Sebastian que a ajudasse a afastar a enorme cristaleira que cobria toda a extensão de outra parede. Sentando-se para comer o sanduíche que havia preparado, ouviu um carro chegar até a porta da casa e depois se afastar. Presumindo que fosse o carteiro, ignorou o fato. Após o almoço, ela se ocupou com a parede na qual a pia estava instalada.

— Olá, novamente — disse uma voz em francês atrás dela.

Emilie sentiu um peso no coração ao se virar e perceber que Alex a observava, sentado em sua cadeira de rodas no vão da porta da cozinha.

— O que você está fazendo aqui? — ela perguntou, com o nervosismo fazendo com que sua voz soasse mais ríspida do que desejava.

— Bem, esta é a minha casa e eu moro aqui — ele respondeu, afetuosamente. — Achei que deveria informá-la que minha cuidadora mais recente acabou de se demitir.

— Oh, Alex! O que você fez dessa vez? — ralhou Emilie. Ainda empoleirada no alto da escada, começou a descer cuidadosamente.

— Oh, por favor — ele disse, com uma expressão irônica. — Não comece a me tratar como se eu fosse uma criança também.

— Bem, o que você espera que eu faça? Estou aqui há uma semana e já vi duas cuidadoras abandonarem o emprego — ela contra-atacou.

— Meu irmão conseguiu convencê-la do que ele acha que é certo — Alex disse com tristeza.

— Não, de maneira alguma — respondeu Emilie em inglês, para enfatizar o quanto Alex estava errado em seu julgamento.

— Eu adoro o jeito que você diz “de maneira alguma” com o seu belo sotaque francês — ele disse, sorrindo.

— Não mude de assunto — Emilie voltou ao francês.

— Desculpe — Alex disse. — De qualquer maneira, ela se foi. E agora somos os únicos nesta casa.

— Então, preciso ligar para a agência imediatamente e pedir uma substituta — retrucou.

— Espere, Emilie. Eu imploro, não faça isso! Pelo menos, me dê um ou dois dias. Quero provar a você e a Sebastian que eu tenho plenas condições de cuidar de mim mesmo. Se eu prometer solenemente que vou me comportar bem, nada de bebida, nada de drogas, nada de ficar até tarde no *pub*, entre outras coisas... — Alex olhou para ela, desesperado — Você me dá uma chance? Ao primeiro sinal de mau comportamento, pode chamar uma substituta — ele disse, balançando a cabeça. — Você não faz ideia do quanto eu desejo isso.

Emilie hesitou, sentindo o peso do dilema. Por um lado, sabia que devia telefonar para o

marido e discutir a questão com ele. Por outro lado, Emilie sabia que, se o fizesse, ele certamente voltaria correndo para casa. E, com sua empresa precisando de toda a atenção que ele podia lhe dedicar, isso era a última coisa de que ele precisava.

Emilie tomou uma decisão. Era a esposa de Sebastian e, como o marido estava ausente, ia lidar com a situação de Alex.

— Tudo bem — ela concordou. — Você precisa de alguma coisa? — perguntou, voltando a firmar o pé na escada para pintar o canto superior do cômodo.

— No momento não, obrigado.

— Se precisar, é só dizer.

Virando as costas para Alex, Emilie subiu a escada, molhou o pincel na lata de tinta e continuou com seus afazeres.

A cozinha estava em silêncio. Emilie se concentrava nas pinceladas.

— É uma cor bonita. Foi uma boa escolha — Alex comentou, após algum tempo.

— Obrigada. Gostei dela.

— Eu também. E, como metade dessa cozinha é minha, tecnicamente, creio que o fato de concordarmos em relação a isso é bom. Não acha?

— Sim.

Mais um momento de silêncio. Em seguida...

— Posso ajudá-la?

Emilie se conteve para não fazer qualquer comentário irônico.

— Acho que tenho tudo sob controle. Obrigada.

— Na verdade, eu sei manejar um rolo de pintura com uma maestria igual à dos melhores pintores de paredes — Alex confirmou, como se pudesse ler sua mente.

— Certo. Há um rolo ao lado da pia. Despeje um pouco de tinta na bandeja.

Emilie observou Alex discretamente enquanto ele foi em direção à pia, pegou a lata de tinta e a despejou de maneira cuidadosa e eficiente na bandeja.

— Quer que eu comece por aqui? — ele perguntou, indicando um ponto à esquerda da cristaleira.

— Como quiser. É uma pena não conseguir arrastar essa cristaleira.

— Posso ajudá-la com isso, se quiser. A parte de cima do meu corpo é mais forte do que a da maioria dos não paraplégicos. Podemos arrastá-la juntos, sem problemas.

— Tudo bem.

Emilie desceu da escada e começou a esvaziar as prateleiras superiores enquanto Alex se ocupava com o conteúdo das inferiores. Em seguida, juntos, conseguiram afastar a cristaleira da parede.

— Bem, me fale um pouco sobre você — Alex disse amistosamente, ocupando-se com o rolo de pintura enquanto Emilie voltava a subir pela escada.

— O que você quer saber?

— Ah, o básico. Idade, patente e número de série. Esse tipo de coisa — ele disse, sorrindo.

— Bem, tenho trinta anos e nasci em Paris. Meu pai era bem mais velho do que a minha mãe e morreu quando eu era bem jovem — Emilie respondeu. Estava determinada a revelar o mínimo possível sobre si mesma, mas com cuidado para não parecer grosseira. — Eu me formei veterinária, morei num apartamento no Marais e conheci seu irmão logo depois que minha mãe morreu. De certa forma, isso resume minha vida.

— Estou achando que você não sabe o valor que tem — Alex comentou. — Por exemplo, você vem de uma das famílias mais aristocráticas da França. A morte da sua mãe chegou até mesmo a ser mencionada no *The Times*.

— Foi seu irmão que lhe disse isso?

— Não. Fiz minhas próprias pesquisas — Alex admitiu. — Procurei informações a seu respeito na internet.

— Então, se você sabe tudo sobre mim, por que está me fazendo essas perguntas? — ela rebateu.

— Porque estou interessado no que você tem a dizer sobre si mesma. Afinal de contas, agora nós somos parentes. E, para ser franco, você não é o que eu esperava. Devido ao seu histórico, estou surpreso por você não ser a típica princesinha francesa mimada, que abusa da arrogância apenas por causa do peso do sobrenome. A maioria das mulheres da sua classe social não escolheria uma carreira na área de veterinária, não é? Tenho certeza de que prefeririam encontrar um marido rico e passar seus dias entre o Caribe, os Alpes e Saint-Tropez, dependendo da estação.

— Sim, você acabou de descrever a vida da minha mãe, e com todos os detalhes — Emilie disse, permitindo-se um leve sorriso.

— Aí está — Alex disse, fazendo um floreio triunfante com seu rolo de pintura. — Quer dizer, então, que você escolheu uma vida diametralmente oposta à da sua mãe. E a pergunta é a seguinte — ele disse, fazendo uma pose teatral com a mão no queixo, como se estivesse pensando: — Por quê? Talvez, Emilie, sua mãe estivesse tão ocupada com a vida social que não tinha tempo para se dedicar a você. E você achava todo o luxo, *glamour* e excessos da vida dela repugnantes, pois sempre fora relegada a segundo plano. Ela era a típica representante do *chic* francês e talvez você sentisse que não poderia atender às expectativas que ela tinha a seu respeito. Você se sentia ignorada e não recebia afeto dela. E tudo isso significava que você cresceu com muito pouca autoestima. Assim, você rejeitou o legado de sua família, pois sentia que tanto o legado quanto sua mãe a rejeitaram. E tomou a decisão de viver uma vida totalmente diferente.

Emilie teve que agarrar a alça no topo da escada para manter o equilíbrio.

— Claro, quando chegou a hora de escolher uma profissão, você escolheu uma carreira de verdade, algo que sua mãe nunca se dignou a ter, como, por exemplo, medicina veterinária — ele continuou, prosseguindo com sua análise avassaladora. — E, em relação aos homens... duvido que você tenha tido muitos namorados. Então, meu irmão aparece em sua vida, como um cavaleiro em armadura reluzente, e você acaba caindo direitinho na conversa dele...

— Chega! Pare com isso! Como você é capaz de dizer essas coisas sem nem me conhecer? — Emilie estava tremendo involuntariamente, sentindo a escada vibrar abaixo de si. Pensando em sua própria segurança, desceu os degraus e foi na direção de Alex. — Como você se

atreve a falar assim comigo? Você não sabe nada a meu respeito! Nada!

— Ah, parece que agora eu toquei num ponto sensível e fiz aflorar a princesa francesa mimada que existe em algum lugar das profundezas da sua alma, por mais que você se esforce para escondê-la.

— Eu já disse, chega!

Antes que conseguisse se conter, Emilie estendeu a mão instintivamente e deu um forte tapa no rosto de Alex. O som da pancada ecoou pela cozinha, deixando-a pasmada com o que acabara de fazer. Nunca, em sua vida, havia batido em alguém.

— Ai — Alex disse, levando uma mão até o rosto e esfregando-o.

— Desculpe-me. Eu não devia ter feito isso — Emilie disse imediatamente, horrorizada.

— Está tudo bem. Eu mereci — Alex disse, recuando. — Acho que falei demais, como sempre. Por favor, Emilie, me perdoe.

Sem responder, ela deu meia-volta e saiu da cozinha. Quando chegou ao corredor, começou a correr, subindo as escadas dois degraus de cada vez. Ofegante, bateu a porta do quarto atrás de si, trancando-a. E se atirou sobre a cama.

Emilie chorou em fortes soluços contra o colchão. Sentia-se nua, exposta... Como ele podia imaginar que a conhecia daquele jeito? Brincar com ela, como se seus sentimentos mais íntimos fossem simplesmente um brinquedo, algo que poderia ser usado para humilhá-la?

Que tipo de monstro era ele?

Emilie colocou um travesseiro sobre a cabeça, imaginando se deveria ligar para Sebastian e dizer a ele que não tinha condições de ficar em Blackmoor Hall, e que estava a caminho de Londres. Ela entraria no Land Rover, guiaria o carro até a estação, embarcaria num trem e estaria segura nos braços do marido dentro de algumas horas.

“Não, não”, disse a si mesma. Ela fora avisada a respeito de Alex, era um manipulador e ela não deveria deixar que ele a afetasse, nem deveria sair correndo atrás de Sebastian como se fosse uma criança incapaz de lidar com seus problemas. Sebastian já tinha muito com o que se preocupar no momento. Ela tinha que aprender a lidar com aquela situação, de algum

modo... Alex era apenas um garoto entediado que gostava de provocar as pessoas até conseguir uma reação. E, se ele fosse se tornar uma parte permanente do seu futuro ao lado de Sebastian, Emilie deveria recuperar o controle.

Sentindo-se mais calma, mas exausta com a raiva que tomou conta de si, Emilie adormeceu.

Não sem antes pensar que tudo que Alex lhe dissera era verdade.



Já estava escuro quando acordou, sentindo-se desorientada e esgotada. Procurando por seu relógio de pulso, Emilie viu que já passava das dezoito horas. Desceu as escadas sem fazer barulho, acendendo as lâmpadas conforme avançava pela casa, esperando que Alex houvesse se retirado para seu próprio apartamento nas dependências da mansão. Abrindo a porta da cozinha com cuidado, ela percebeu, aliviada, que o lugar estava vazio. Ao colocar a chaleira no fogão, viu que os pincéis haviam sido cuidadosamente lavados e deixados para secar no escorredor. Havia também um bilhete preso à tigela de frutas sobre a mesa da cozinha.

Prezada Emilie, lamento muito por tê-la irritado. Falei demais, como de costume. Importa-se se tentarmos novamente? Para mostrar meu arrependimento, e como um pedido de desculpas, aproveitei para preparar o jantar. Venha até o meu apartamento quando estiver pronta.

Sinceramente,

Alex.

Emilie suspirou e desabou sobre uma das cadeiras, ponderando sobre como deveria reagir. O bilhete era uma tentativa óbvia de estabelecer a paz. Apesar da antipatia que sentia por ele, se fossem viver sob o mesmo teto, seria necessário estabelecer algum tipo de convivência. Além disso, ela pensou, nada do que Alex disse a seu respeito chegava a ser negativo. O que causou todo o desconforto foi simplesmente o fato de que ele presumiu ter uma intimidade que

não existia. Ele mal a conhecia, mas, mesmo assim, parecia conhecê-la muito bem... Foi isso que a desestabilizou completamente.

E, em termos práticos, Emilie percebeu que não fazia a menor ideia se Alex seria fisicamente capaz de cuidar de si mesmo. Enquanto tomava seu chá, pensou que entraria em contato com a agência para encontrar outra profissional para cuidar de Alex temporariamente. Sebastian lhe deixara o telefone da agência, caso algo acontecesse. Por hoje, tudo que tinha que fazer era verificar como Alex estava. Não havia razão para ficar para o jantar que ele aparentemente havia lhe preparado. Provavelmente seria algo como torradas com feijão.

O telefone tocou e Emilie se levantou para atender.

— Olá, querida. Sou eu.

— Olá, “eu”. — Emilie sorriu ao ouvir o som da voz do marido. — Como você está? E como está Londres?

— Bastante ocupado. Ainda estou tentando me livrar de toda a papelada que estava acumulando poeira na minha escrivaninha há meses. Liguei para saber se está tudo bem em casa.

Houve uma pequena pausa na conversa antes que Emilie dissesse cuidadosamente:

— Sim, está tudo bem aqui.

— Alex não está lhe causando problemas?

— Não.

— Não está se sentindo solitária?

— Bem, sinto saudades de você, mas estou bem. Comecei a pintar a cozinha.

— Ótimo. Bem, vou lhe desejar boa noite. Se precisar entrar em contato comigo, estarei com o telefone celular. Ligo amanhã.

— Tudo bem. Não trabalhe demais — ela aconselhou.

— Ah, eu preciso cuidar de muitas coisas por aqui, mas é por uma boa causa. Amo você, querida.

— Eu também amo você.

Emilie colocou o fone de volta no gancho e preparou-se para ir encontrar Alex. Enquanto andava pelo corredor que levava à ala leste, ela perguntava a si mesma o que iria encontrar. A porta que levava ao apartamento de Alex estava aberta. Respirando fundo, ela bateu discretamente.

— Entre! Estou aqui na cozinha.

Emilie abriu a porta e entrou num pequeno vestíbulo. Seguindo o som da voz de Alex, ela virou à direita e entrou numa sala de estar. A bagunça e a desordem que esperava encontrar jamais poderiam descrever o cômodo tranquilo no qual ela entrara. As paredes eram pintadas num tom suave de cinza, e as janelas estavam cobertas por cortinas de linho de cor creme. A lareira estava acesa entre duas estantes que iam do chão até o teto, e os livros que as ocupavam estavam organizados imaculadamente. Um sofá moderno e confortável estava encostado em uma das paredes, sobre o qual foram colocadas uma série de litografias em preto e branco. Duas poltronas elegantes, reformadas em estilo vitoriano, estavam colocadas perto da lareira. Um grande espelho com a moldura folheada a ouro estava pendurado logo acima, e um vaso de flores ficava no meio de uma mesa de centro encerada.

A arrumação, a ordem e a atenção aos detalhes deste lugar eram tão inesperadas, especialmente quando comparadas com o estado miserável e decadente do restante da casa, que ameaçavam fazer com que Emilie perdesse novamente o controle sobre si. O som suave de um concerto de música clássica vinha de alto-falantes escondidos para compor a atmosfera tranquila e relaxante daquele lugar.

— Bem-vinda à minha humilde morada — disse Alex, aparecendo em uma porta do outro lado da sala.

— Este lugar é... lindo — Emilie não conseguiu evitar o comentário. Era exatamente como ela gostaria de decorar uma sala.

— Obrigado. A minha teoria é que, se alguém precisa passar a vida inteira encarcerado, tem de fazer todos os esforços para tornar a cela o mais agradável possível. Não concorda?

Ela só teve tempo para assentir brevemente antes que Alex dissesse:

— Emilie, eu queria me desculpar pelo que aconteceu hoje à tarde. Foi imperdoável. Juro que não voltará a acontecer. Você não merecia isso. Por favor, podemos esquecer o que houve e começar de novo?

— Sim. E eu peço desculpas por ter batido em você.

— Ah, é completamente compreensível. Acho que sou especialista em irritar as pessoas. Admito que, ocasionalmente, faço isso de propósito. Provavelmente isso ocorre por conta do tédio — Alex suspirou.

— Quer dizer que você gosta de testar as pessoas? — retrucou Emilie. — Provocá-las até o limite? Chocá-las, dizendo em alto e bom som as coisas que muitos outros seres humanos não ousariam? Para fragilizá-las, forçá-las a baixar guarda, algo que imediatamente as deixa sob seu controle?

— *Touché, madame.* — Alex a observava com um respeito renovado. — Bem, agora, com essa resposta cortante, além do tapa desta tarde, diria que estamos quites. O que acha? — ele disse, estendendo a mão.

Emilie se aproximou de Alex e apertou-lhe a mão.

— Quites.

— Percebeu? Já consegui trazer seu mau humor à tona. Você encarou meu desafio e não fugiu dele.

— Alex...

— Sim, eu sei — ele concordou, rapidamente. — Chega dessa guerra mental. Bem, agora, tenho uma ótima garrafa de vinho Raspail-Ay que estou guardando para uma ocasião especial. Aceita uma taça?

O sabor e a textura suaves do vinho da região do Ródano, que fora servido na mesa de seus pais em várias ocasiões, eram muito atraentes.

— Aceitarei uma taça pequena.

— Ótimo. E, se isso fizer com que você se sinta melhor, não berei com você. Posso garantir que tenho total controle sobre meu consumo de álcool. A questão, simplesmente, é que

a vida pode ser muito mais divertida quando bebemos em quantidades moderadas. Na verdade, se examinar a história, nossos ancestrais sempre usaram a bebida para facilitar seu trajeto pela vida — Alex disse, virando-se para ir até a cozinha. — Até mesmo Jesus foi aplaudido quando transformou água em vinho. E, dos tempos medievais até a era vitoriana, quase todo mundo tomava alguma bebida alcoólica derivada de cereais ou de uvas depois de acordar. Não podiam beber água, pois morreriam de tifo, ou seriam contaminados pela Peste Negra, ou algum parasita odioso devoraria seus estômagos por dentro se o fizessem. Assim, passavam o dia inteiro bebendo e, quando chegava a hora de ir para a cama, todos estavam completamente bêbados — Alex riu.

— É, acho que você tem razão — disse Emilie, com um sorriso.

— E o que há de errado em suavizar um pouco a dura realidade da vida? Em essência, estar vivo não é muito mais do que trilhar um longo e tortuoso caminho em direção à morte. Por que não podemos fazer com que o trajeto seja mais agradável?

Emilie seguiu Alex até a cozinha, que era pequena, mas totalmente ergonômica e moderna. Armários laminados de fórmica branca, vidro e aço inox brilhavam. Sobre o tampo baixo do balcão central, estava a garrafa de vinho. Aberta, mas com o conteúdo intacto.

— Mas tudo com moderação, não é? — ela sugeriu, observando-o.

— Sim, e foi nesse ponto que eu fracassei algumas vezes — Alex concordou. — Não mais. Como pode ver pela minha casa, tenho um pouco de obsessão por estar no controle das coisas hoje em dia. Gosto que tudo, especialmente eu mesmo, esteja assim.

— E o que quer dizer com “assim”?

— Boa pergunta — Alex disse, servindo o vinho em duas taças. Entregou uma delas para Emilie.

— Assim é como assim se faz. É uma palavra flexível que serve para inúmeras possibilidades. Mas, em relação à maneira como passei a minha juventude, ou melhor, a maneira como deixei minha juventude passar, sem nunca chegar perto de conquistar algo, ou mesmo de fazer algo realmente importante, por várias razões que prefiro discutir em outra ocasião, o “assim” da minha vida se resume em controlar o que eu puder. E uma dessas coisas

é o meu ambiente — ele disse, tomando um gole da sua taça. — Por falar nisso, se eu mostrar qualquer sinal de que estou ficando embriagado, você pode escapar das minhas garras, voar de volta para seu museu eduardiano e esquecer que eu existo. Não precisa ter medo.

— Não tenho medo de você, Alex — disse séria.

— Ótimo — disse Alex, olhando-a com uma expressão de respeito, e levantou seu copo.
— Um brinde ao sucesso de seu casamento.

— Obrigada.

— E por aceitar recomeçar nossa amizade. Bem, sabendo que você é francesa e que preferiria mudar de nacionalidade a se tornar vegetariana, preparei um filé para nós.

— Obrigada — disse Emilie, observando enquanto Alex abria a geladeira e removia dois filés marinados de picanha, colocando-os sobre o balcão. Ele girou sua cadeira de rodas para se postar em frente ao forno, que também era rebaixado, e verificou algo que estava ali dentro.

— Quer que eu ajude com alguma coisa?

— Não, obrigado. Apenas aproveite o vinho. Já preparei a salada. Importa-se se comermos aqui? A sala de jantar é formal demais para duas pessoas.

— Você tem uma sala de jantar?

— É claro que tenho — Alex disse, levantando uma sobrancelha.

— Não, é claro que não me importo. Como você comprou toda essa comida? — ela perguntou.

— Já ouviu falar em entrega em domicílio? — ele respondeu, sorrindo. — Eu ligo para o mercado local, passo a lista das coisas que preciso e eles vêm entregar aqui.

— É bom saber disso — Emilie comentou, ainda mais desconcertada com a eficiência inesperada de Alex. — Então, o que é que você não consegue fazer?

— Em termos práticos, consigo fazer quase tudo e é por essa razão que fico tão frustrado quando sou obrigado a conviver com alguém que está aqui para cuidar de mim. Preciso admitir que, no começo, eu era muito dependente e precisava de cuidados vinte e quatro horas por dia. Entretanto, nos dois últimos anos eu me adaptei e desenvolvi bastante força na parte

superior do corpo. Isso faz com que eu seja capaz de me movimentar, dentro das minhas limitações, e também com que eu consiga subir ou descer da cadeira — ele explicou. — Sim, houve ocasiões em que não considerei as distâncias adequadamente e acabei caindo no chão, mas, felizmente, isso acontece cada vez menos hoje em dia. — Alex preparou a salada e o molho e colocou a vasilha sobre a mesa. — Uma das coisas que mais me irrita é o tempo que demoro para fazer qualquer coisa. Se eu deixar um livro na sala de estar à noite e quiser lê-lo na cama, preciso voltar para a cadeira, vir até a sala, voltar para o quarto e deitar novamente. O mesmo acontece com ações como tomar banho ou me vestir. Todas as funções normais do ser humano têm que ser planejadas como se fossem operações militares. Mesmo assim, como a raça humana é uma espécie bastante adaptável, meu cérebro já se acostumou com as novas exigências do meu corpo e a rotina até que funciona bem.

— Você acha que conseguiria sobreviver sem alguém para cuidar de você?

— Emilie, olhe para mim — Alex disse, abrindo os braços. — Estou sentado em meu apartamento, um lugar limpo e organizado, preparando o jantar para você. *Sozinho*. Já disse isso para Sebastian várias e várias vezes, mas ele não me dá ouvidos.

— Bem, talvez ele se importe com você e não queira que nada de ruim lhe aconteça.

Alex suspirou.

— Acho que deveríamos fazer um pacto que envolve não falar a respeito do meu irmão ou de seus motivos. É melhor para nós dois se esse assunto for deixado de lado.

— Não acho que você possa criticá-lo — disse Emilie. — É óbvio que ele gastou muito dinheiro para garantir o conforto que você tem aqui, enquanto ele mora em uma casa que precisa urgentemente de dinheiro para várias reformas.

Alex deu uma risada sarcástica.

— Sim, bem... como eu disse, é melhor evitarmos falar a respeito do meu irmão. Agora, por que não se senta enquanto eu a sirvo?

Emilie se despediu de Alex às onze e meia da noite, abrindo a porta que a levaria de volta ao lado mais frio e depressivo da casa, uma sensação piorada com a limpeza, iluminação e

modernidade dos aposentos de Alex. Enquanto subia as escadas para voltar ao seu quarto, Emilie tinha a sensação de que havia caído de costas, como na história de *Alice Através do Espelho*.

O aquecimento central da casa havia desligado há várias horas e o quarto estava gelado. Emilie se despiu o mais rápido que conseguiu e enfiou-se debaixo dos cobertores. Não estava com sono, mas, mesmo assim, estava encantada com o funcionamento do que, obviamente, era uma mente brilhante.

Depois que o maravilhoso vinho do Ródano fez com que ela se acalmasse e relaxasse, os dois conversaram sobre Paris, onde Alex viveu durante dois anos, e seus escritores franceses favoritos. Conversaram também sobre música e ciência, e Emilie ouviu, maravilhada, o amplo e labiríntico conhecimento cultural de Alex. Quando expressou sua admiração, Alex não deixou que aquilo lhe subisse à cabeça, preferindo a modéstia.

— Uma das vantagens de estar totalmente sem dinheiro nas maiores cidades dos países que visitei era o fato de que os melhores lugares para alguém se manter aquecido e aproveitar o dia eram os museus, galerias de arte e bibliotecas. Além disso, tenho uma memória fotográfica irritante — ele disse, sorrindo, enquanto ela questionava sua incrível capacidade de se recordar das coisas. — Sou como um elefante e não esqueço nada. E isso é um aviso para você no futuro, Emilie — ele acrescentou.

Ela também se lembrava de sentar-se à mesa da cozinha, de frente para Alex, enquanto jantavam, e, posteriormente, quando ele conseguiu passar da cadeira de rodas para o sofá sem qualquer esforço, parecendo tão normal quanto qualquer outro homem, com exceção do ângulo estranho que suas pernas faziam na altura dos joelhos. Emilie percebeu que ele era um homem alto e comentou a respeito. Alex confirmou que tinha um metro e noventa, e disse também que isso lhe dera algumas vantagens desde que o acidente ocorreu, já que a altura acima da média lhe dava uma capacidade maior de alcançar as coisas.

Emilie achou Alex um homem atraente e, tecnicamente, muito mais charmoso do que seu irmão. Com sua aparência, o carisma inegável e o intelecto, Emilie sentia um certo medo ao pensar em quantos corações femininos ele despedaçou antes do acidente. A masculinidade inata de Alex não fora afetada pelas pernas paralisadas. Ele não era uma vítima e isso estava

bem claro.

Emilie tentou associar a descrição negativa que Sebastian fez do irmão com o homem eloquente e maduro com o qual havia jantado. E, em seguida, pensou na primeira vez em que conversaram, quando ele, de maneira calma e eficiente, ajudou-a a superar seu ataque de pânico.

Então... quem seria o verdadeiro Alex Carruthers?

Sentindo que o sono tomava conta dela, Emilie permitiu-se imaginar como haveria sido a vida de seu marido, tendo que crescer com um irmão mais jovem que, assim como Frederik na história de Jacques, provavelmente o superava em todos os aspectos possíveis.

CAPÍTULO 18



Emilie ficou surpresa ao ver Alex na cozinha quando chegou para preparar o café na manhã seguinte. Ele já havia pintado a metade inferior da parede atrás da cristaleira.

— Bom dia, dorminhoca — ele comentou, alegre.

Emilie sentiu seu rosto corar, desejando não haver descido até a cozinha vestindo apenas a camisola, um dos blusões de pescaria de Sebastian e um par de meias grossas. Mas não estava esperando ter companhia. — Ainda são oito e meia — ela disse, em sua defesa, enquanto colocava a chaleira no fogão.

— Eu sei, só estou brincando. Uma das desvantagens de ter duas pernas imobilizadas é o fato de que elas se agitam ocasionalmente ou têm espasmos durante a noite, o que significa que eu não consigo dormir muito bem. Também comecei a sentir algumas sensações estranhas de formigamento nelas, pode ser que eu esteja recuperando algumas sensações. Os médicos dizem que é um ótimo sinal.

— É uma notícia maravilhosa, não é? — perguntou Emilie, apoiando-se contra a pia e observando-o. — Qual foi o prognóstico original?

— Ah, o de sempre — disse Alex, distraído. — Sofri danos nos nervos da coluna vertebral, não saberiam dizer se eu voltaria a sentir as pernas ou recuperar os movimentos, mas pensavam que, provavelmente, isso não iria acontecer. Blá-blá-blá.

— Quer dizer que havia a possibilidade de você voltar a andar?

— Ah, não, eles não iriam tão longe. Se um médico lhe dá falsas esperanças, ele pode ser processado hoje em dia, minha cara — Alex sorriu. — Mas, em vez de agir da minha maneira truculenta habitual e não dar ouvidos a nenhum profissional da área de saúde, tenho sido um bom garoto. Me esforcei bastante nas sessões de fisioterapia no hospital e continuei a fazer os exercícios aqui em casa.

— Então, há chance de que você consiga se recuperar?

— Duvido que haja, mas, onde há vida, há esperança, como dizem por aí. Bem, como estou aqui trabalhando como um escravo desde que o dia raiou, acho que mereço pelo menos uma xícara de café, não é?

— É claro que merece!

Emilie encheu a cafeteira com água fervente e pegou duas canecas num dos armários.

— Obviamente, deixei a parte de cima da parede para você pintar. Duvido que vá querer me ver tentando subir nessa escada — disse Alex, rindo. — Dormiu bem?

— Sim, obrigada. Ah... Alex? — perguntou lentamente, enquanto esperava que o café terminasse de ser filtrado.

— Sim, Emmy? — ele respondeu. — Posso chamá-la assim? Combina com você. É mais suave.

— Sim, se quiser. Eu estava pensando nas diferenças entre você, ontem à noite, e a descrição que Sebastian fez a seu respeito.

— Eu simplesmente dou ao meu irmão aquilo que ele quer — Alex disse, dando de ombros.

— Como assim? Como é possível que Sebastian “queira” que você se comporte mal? — ela pressionou.

— Você sabe que eu não gosto de falar a respeito do seu marido — disse Alex, agitando um dedo em reprovação. — Especialmente quando estou coberto de tinta cor-de-rosa a essa hora da manhã.

— Mas, por exemplo... Você causa tantos problemas às pessoas que vêm cuidar de você, a ponto de fazer com que elas abandonem o emprego... Por que faz isso? — Emilie insistiu.

— Emmy — Alex suspirou —, nós concordamos que não falaríamos sobre isso. A única coisa que eu vou lhe dizer é que, como não quero ter essas pessoas ao meu lado, nem estar envolvido na seleção desses profissionais, tenho que me livrar deles de alguma forma, não é? Afinal, eu realmente não tenho condições físicas de impedir que Sebastian as traga até a minha

casa. Como mencionei ontem, sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesmo hoje em dia.

— Tem certeza absoluta de que consegue se cuidar sozinho?

— Não comece com isso, por favor — ele disse, levantando as sobrancelhas. — Paternalismo em relação à minha condição de paraplégico não é algo que eu mereça após tudo o que fiz ontem à noite, na sua frente.

— Sim, mas Sebastian me deixou encarregada de você e eu...

— Emmy — Alex a interrompeu. — Ninguém, especialmente você, está *encarregado* de mim. Talvez meu irmão goste de acreditar que precisa tomar conta de mim, mas, como você viu no pouco tempo em que está aqui, eu tenho o hábito terrível de quebrar essa ilusão.

— O que eu estou tentando lhe dizer, Alex, é que, se eu não seguir as instruções do meu marido, e se eu não trazer uma nova pessoa para cuidar de você, e se alguma coisa vier a lhe acontecer por causa disso, ele nunca vai me perdoar — Emilie continuou.

— Eu lhe dou minha palavra, Emmy — Alex disse, em tom sério. — Não vai acontecer nada comigo. Agora, pelo amor de Deus, pare de perder tempo e faça algo de útil, como me servir uma xícara de café.

Uma hora mais tarde, Alex murmurou algo sobre precisar concluir outra tarefa e foi para seu apartamento. Emilie terminou de pintar a parte superior da parede e depois retocou, cuidadosamente, os lugares que ainda precisavam de algumas pinceladas. Postada em frente à pia para lavar a tinta grudada nas mãos, ela olhou pela janela e viu o tom suave da grama que começava a aparecer por baixo do gelo que derretia. Depois de ficar tantos dias encarcerada dentro de casa, pensou que seria uma boa ideia sair para fazer uma caminhada e se familiarizar com a paisagem e o terreno ao redor da propriedade.

O sol estava brilhando quando ela saiu pela porta dos fundos. Caminhou por entre um jardim que, durante o verão, provavelmente era bastante formal, depois atravessou um portão e chegou a um pomar. As árvores antigas estavam completamente despidas, dando a impressão de que estavam mortas, mas os detritos acumulados de folhas secas arrancadas pelo vento revelavam seu estado atual.

Dirigindo-se até os limites de uma quadra de tênis com piso de grama, que não recebia atenção há muitos anos, Emilie percebeu que a casa fora construída em meio a um belo vale, cercado por colinas baixas. Ao longe, ela conseguia identificar, com alguma dificuldade, as formas escuras de picos mais altos e escarpas no horizonte. Continuando com a caminhada, ela viu que a casa também era cercada por pastos e que estes, obviamente, eram habitados por ovelhas, como percebeu pelos restos congelados de dejetos sob seus pés. Ao chegar ao alto de uma colina, Emilie chegou à conclusão de que, felizmente, esta era uma bela parte do mundo, embora estivesse relativamente descuidada.

À tarde ela deu alguns telefonemas para a França e combinou com o arquiteto e o empreiteiro que viajaria até o *château* dali a duas semanas para se reunir com eles. E, mais importante de tudo, para supervisionar a transferência do conteúdo da biblioteca de seu pai para um depósito.

Enquanto bebia uma xícara de chá na cozinha, Emilie debatia consigo mesma se deveria retribuir o favor e convidar Alex para jantar naquela noite. As complicações envolvidas no relacionamento entre ele e seu marido, assim como a animosidade que havia entre os dois, era algo que ela teria que desvendar. E o momento era perfeito para fazer isso, especialmente porque Sebastian estava ausente.

Batendo à porta do apartamento de Alex, ela o encontrou digitando em seu computador, em meio ao seu estúdio imaculado.

— Desculpe-me por incomodar, mas você gostaria de jantar comigo esta noite? E ajudar a empurrar a cristaleira de volta ao seu devido lugar?

— Adoraria — assentiu. — Até mais tarde — acrescentou com um aceno, obviamente entretido com o que estava fazendo.

— Você está bonita — Alex disse, admirando-a ao guiar sua cadeira de rodas para o interior da cozinha, mais tarde. — Esse blusão azul-turquesa combina bem com o tom da sua pele.

— Obrigada — Emilie disse, sem se deixar afetar pelo elogio. — Em primeiro lugar,

podemos empurrar a cristaleira de volta ao seu devido lugar? Para que eu possa arrumar a mesa da cozinha para o jantar.

— Deixe comigo.

Emilie observou enquanto Alex empurrou a cristaleira em direção à parede sem muito esforço. Em seguida, ele guardou as peças de porcelana nas prateleiras da parte inferior enquanto ela guardava o restante do conteúdo nas prateleiras de cima.

— Pronto — Emilie disse, olhando ao redor da cozinha. — Não lhe parece bem melhor?

— Uma maravilha. Quase faz com que eu tenha vontade de voltar a morar aqui. — Alex sorriu. — Você é uma verdadeira dona de casa, não é mesmo, Emmy?

— Eu não suporto lugares sombrios ou descuidados. Gosto de luz e aconchego — ela admitiu.

— Não é de se estranhar, já que você morou no sul da França por tanto tempo. Bem, eu trouxe outra garrafa de um vinho decente, pois sei que a adega desse lugar está em seus últimos estertores, por assim dizer. Oh, e eu também trouxe isso para você dar uma olhada. — Alex retirou um pequeno livro da lateral da sua cadeira de rodas e estendeu o volume para que Emilie o pegasse. — Estou presumindo que foram escritos por alguma de suas parentes e imaginei que você gostaria de lê-los. São muito doces, embora um pouco ingênuos.

Enquanto Alex abria a garrafa de vinho, Emilie estudou a caderneta antiga, com capa de couro. Abrindo o volume na primeira página amarelada, ela olhou para as palavras manuscritas, em francês, tentando decifrá-las.

— São poemas — Alex disse, descrevendo o óbvio. — A caligrafia é horrível, não é? Levei horas para conseguir entender o que eles diziam. Aqui estão as versões que transcrevi — Alex disse, entregando-lhe algumas folhas de papel impresso. — Parece que foram escritos por uma criança de cinco anos e, realmente, alguns deles foram escritos quando a poeta ainda era bastante jovem. Mas a qualidade do conteúdo, conforme ela cresce, mostra que tinha talento. Viu a assinatura ao final de cada poema?

— Sophia de la Martinières! — Leu Emilie, olhando para Alex, confusa. — Onde você encontrou esta caderneta?

— Sebastian tirou um livro da biblioteca há algumas semanas, algo relacionado com frutas francesas, se eu me lembro bem. Disse que encontrou essa caderneta junto com o livro e me entregou para que eu lesse e decifrasse os poemas. Você sabe quem é Sophia de la Martinières?

— Sim. Sophia era minha tia, a irmã de meu pai. Ele não falava sobre ela com frequência, mas comecei a aprender a respeito de Sophia da última vez em que estive na França. Ela era cega.

Alex levantou uma sobrancelha.

— Isso explica a caligrafia horrível.

— Você disse que Sebastian encontrou esse caderno junto com um livro sobre frutas francesas?

— Foi o que ele me disse.

— Jacques, que estava me contando a história que envolvia sua avó e Sophia durante a guerra, disse que Constance usou um livro sobre frutas para descrever as formas e texturas para que Sophia, minha tia, pudesse desenhá-las. Disse também que Sophia escrevia poemas. Talvez Constance tenha trazido ambos os livros quando voltou à Inglaterra depois do fim da guerra.

— Que bela história — Alex comentou.

— Sim. Você sabe onde está esse livro sobre as árvores frutíferas? Eu adoraria vê-lo — Emilie pediu.

— Não vejo o livro desde que Sebastian o tirou da estante da biblioteca — Alex disse, repentinamente assumindo um tom defensivo. — Lembre-se de que não tenho condições de verificar as estantes mais altas, então pode ser que ainda esteja lá.

— Vou procurar por ele e, se não conseguir encontrá-lo, vou perguntar a Sebastian quando ele voltar para casa. — Emilie voltou a concentrar sua atenção nos poemas. — São muito bonitos. Sophia escreveu a idade que tinha ao final deste poema — ela disse, indicando a assinatura. — Tinha apenas nove anos quando escreveu. Fala sobre o que ela gostaria de poder enxergar. Eu... — Emilie balançou a cabeça negativamente, sentindo as lágrimas

encherem seus olhos. — É muito triste.

— Eu gosto muito deste aqui — Alex disse, folheando as páginas do caderno até encontrá-lo. — “A Luz Através da Janela”. Tem toda uma elegância em sua simplicidade, e gosto muito da estrutura das rimas. Emmy, pode me dizer o que você sabe sobre o tempo que minha avó passou na França? Eu adoraria saber mais a respeito.

Enquanto preparava o risoto, Emilie contou a história de Constance, conforme o relato de Jacques. Alex escutava atentamente, fazendo perguntas quando havia algum ponto que fugia à sua compreensão.

— E ele me contou a história até aqui — ela disse, servindo o jantar. — É uma coincidência perceber que, após todos esses anos, sua família e a minha estão ligadas novamente.

— Sim — Alex disse. — Realmente surpreendente.

Emilie o olhou com cuidado, percebendo a pontada de ironia em sua voz.

— O que quer dizer com isso? Se você acha que Sebastian tinha um motivo para querer encontrar minha família, está enganado. Foi pura coincidência o fato de termos nos conhecido em Gassin quando ele estava na região do Var a negócios. Ele me reconheceu por uma foto que foi publicada nos jornais. E falou sobre a ligação entre nossas famílias na primeira vez em que conversamos.

— Ótimo. Então, não há problema, não é mesmo?

— Não. Nenhum problema — Emilie afirmou, com firmeza.

— Certo. Vamos deixar isso para lá, então — Alex sugeriu.

Depois desse episódio, a noite não foi tão relaxante ou proveitosa quanto a anterior. Havia uma tensão que insistia em permanecer no ar. Alex se recolheu logo depois que terminou de comer e Emilie levou uma xícara de chocolate quente para seu quarto no andar superior.

Não havia motivos para duvidar das intenções de seu marido, pensou Emilie enquanto se sentava na cama com as costas apoiadas contra a cabeceira, degustando sua xícara de chocolate. Independentemente de como se conheceram, o fato era que eles se apaixonaram e se

casaram. Era o percurso natural de dois apaixonados.

Estava deitada na cama, lendo os poemas de Sophia, escritos de maneira muito doce e sincera, perguntando a si mesma, mais uma vez, por que seu pai nunca tinha falado sobre sua irmã mais nova. Só descobrira a respeito da existência de Sophia por acaso, quando, ainda em sua infância, viu uma pintura na parede do escritório de seu pai, em Paris. O quadro retratava uma mulher bela e jovem, com cabelos dourados que cascadeavam por sobre os ombros e olhos de um azul-turquesa intenso, sorrindo enquanto acariciava o gato persa que repousava sobre seus joelhos.

— Quem é essa moça, papai? — perguntara.

Houve um longo período de silêncio antes que ele respondesse.

— Essa era minha irmã. Sua tia Sophia, Emilie — Édouard respondeu, finalmente.

— Ela é muito bonita.

— Sim, ela era realmente linda.

— Ela morreu?

— Sim.

— Como ela morreu, papai?

— Eu não gostaria de falar sobre isso, Emilie — disse Édouard, assumindo uma expressão muito séria.

E naquele momento, quando se recordava do que acontecera naqueles anos, viu que havia lágrimas nos olhos de seu pai.

Na manhã seguinte, segurando sua coragem com as duas mãos, Emilie embarcou no Land Rover e foi até Moulton para comprar mantimentos para o fim de semana que se aproximava. Sebastian chegaria em York no trem das vinte e uma horas e disse a ela que estaria em casa cerca de uma hora depois. Emilie se deixou envolver pelos braços do marido quando ele chegou em casa, sentindo-se muito feliz ao vê-lo.

— Como passou esses dias? — ele perguntou.

— Muito bem — respondeu enquanto o trazia pela mão até a cozinha. — Que tal? Gostou? Sebastian admirou a cozinha recém-pintada.

— Sim. Que diferença — ele comentou. — Como conseguiu arrastar essa cristaleira sozinha?

— Alex me ajudou.

— Alex? — O rosto de Sebastian assumiu uma expressão séria. — O que ele estava fazendo nesta parte da casa? Ele não a está incomodando, está?

— Não. Ele se comportou muito bem. Tenho muitas coisas para dizer a você, mas podemos falar sobre elas amanhã. Está com fome? Preparei uma panela de sopa e comprei pão, também.

— Ótimo — disse Sebastian, sentando-se. — E um pouco de vinho, se tivermos.

— Temos sim — Emilie disse, buscando a garrafa que Alex trouxera na noite anterior, com ainda metade de seu conteúdo, e serviu-lhe um copo.

— Esse vinho é muito bom — ele disse, aprovando a escolha. — Você não o comprou no mercado da vila, não é?

— Não. Alex o trouxe. Como estava Londres? — Emilie mudou de assunto rapidamente, determinada a não passar o restante da noite falando a respeito do irmão de Sebastian.

— Bem, como lhe disse ao telefone, as coisas estão bem complicadas, mas estou me recuperando. Passei a maior parte do dia renovando contatos com os clientes do meu banco de dados. Inclusive, parece que eu terei que ir à França na semana que vem. O cliente que me fez ir até lá, quando nos conhecemos, ainda está interessado e outra pessoa quer vender um Picasso num *château* perto de Menton.

— Não é muito longe de Gassin — Emilie disse, ansiosa. — Talvez eu possa viajar com você.

— É uma ótima ideia, mas não vale a pena. Provavelmente será uma visita rápida. Além disso, você não disse que vai viajar à França dentro de uma semana?

— Vou sim — concordou Emilie. — Sinto falta daquele lugar.

— Tenho certeza de que sente — disse Sebastian, buscando-lhe a mão. — O começo da sua vida aqui na Inglaterra dificilmente pode ser chamado de agradável. Eu lhe garanto, querida, que, quando o verão chegar, esse lugar ficará mais alegre. Além disso, é muito agradável saber que você está aqui e que posso voltar para os seus braços. A sopa está deliciosa. Provavelmente não vai chover no fim de semana, então, pensei que seria uma boa ideia sair para um passeio amanhã, para eu lhe mostrar alguns lugares bonitos nas redondezas.

— Eu gostaria muito — Emilie disse, sorrindo. — É estranho ficar aqui sem você.

— Eu sei. Além disso, viver na Inglaterra é uma mudança enorme para você. Mas, como eu disse há alguns dias, será apenas por alguns meses ou, no máximo, um ano. Depois, podemos fazer planos mais sólidos sobre o lugar onde iremos morar. E eu pensei que, depois das últimas semanas, você gostaria de esquecer suas preocupações e cuidar de seu novo marido.

— Se ele estiver por aqui...

— Emilie, eu disse que faria o que pudesse, mas receio que nós dois vamos ter que nos contentar com circunstâncias abaixo do ideal enquanto volto a colocar minha empresa no caminho certo — ele disse com um toque de irritação na voz.

Emilie repreendeu a si mesma por ser tão egoísta.

— É claro. E talvez, depois do meu sucesso aqui na cozinha, eu poderia pensar em pintar alguns dos outros cômodos para alegrá-los. Como o nosso quarto, por exemplo. O que acha?

— Sinta-se livre para fazer o que quiser. Concordarei com o que quer que deixe esta velha casa mais agradável. Mas já a aviso: quando começar, não vai mais conseguir parar. É ótimo que você queira colocar isso em prática! Bem, agora estou exausto. Podemos subir para o quarto?

— Por que você não sobe até o quarto e toma um banho enquanto eu arrumo a cozinha?

— Obrigado — Sebastian disse, levantando-se. — Os últimos dias foram bastante cansativos.

Emilie ouviu Sebastian subindo as escadas e o som dos velhos canos rangendo enquanto ele abria as torneiras. Ela imediatamente saiu da cozinha e andou pelo corredor até o apartamento de Alex, sentindo-se culpada por ainda não haver contado a seu marido que o irmão estava sozinho, sem um profissional para lhe prestar os cuidados necessários. Não se sentia preparada para enfrentar o drama que surgiria quando ele soubesse da verdade. Ela bateu à porta e uma voz respondeu dali de dentro.

— Quem é?

— Emilie. Posso entrar?

— A porta não está trancada.

Alex estava sentado em uma cadeira ao lado da lareira, lendo. Ele sorriu para Emilie quando ela entrou.

— Olá.

— Olá. Vim para ver se você está bem.

— Não. Como pode ver, estou caindo de bêbado e prestes a morrer sufocado pelo meu próprio vômito — ele zombou. — Imagino que você tenha contado a Sebastian que ninguém mais cuida de mim?

— Não, ainda não. Ele está muito cansado e eu não queria sobrecarregá-lo com mais uma preocupação. Amanhã vou sugerir a ele que você não precisa de um profissional para cuidar de você em regime integral. E, se ele ainda insistir que você precisa ter alguém ao seu lado, vou dizer que você é capaz o suficiente, e que uma pessoa que trabalhe meio período para ajudá-lo com as tarefas domésticas já será o bastante. Além do mais, isso fará com que ele economize um bom dinheiro.

— Emmy, eu... — Alex levantou uma sobrancelha após aquele comentário, mas, em seguida, balançou a cabeça. — Ah, esqueça. Obrigado pelo apoio. Vai ser uma bela mudança por aqui.

— Sim, mas você vai ter que provar a Sebastian que não precisa de nada além de ajuda com as tarefas domésticas — ela enfatizou.

— É claro. Admito que não sou muito bom em esfregar o chão ou arrumar a cama. Geralmente sou eu quem fica debaixo do edredom — Alex sorriu. — Mas prometo que vou tentar ser um bom menino. De qualquer forma, agradeço pela ajuda. Boa noite.

— Boa noite.

No dia seguinte, Emilie falou a respeito de Alex enquanto relaxava com Sebastian num *pub* agradável na região dos pântanos. Sebastian ficou enraivecido quando Emilie lhe informou sobre o que acontecera com a última pessoa que trabalhou com Alex e o subsequente abandono do emprego, mas ela acrescentou rapidamente que, em sua opinião, Alex era capaz de fazer muitas coisas por conta própria e que deveriam lhe dar uma chance. Sebastian suspirou.

— Emilie, nós já falamos sobre isso. É muito gentil de sua parte querer ajudar, mas eu não acho que você entende o quanto Alex é imprevisível. O que vai acontecer se ele voltar a beber exageradamente? Ou se sofrer um acidente enquanto tentar sair ou sentar-se em sua cadeira?

— Nós o ameaçaremos com a contratação de outra pessoa para cuidar dele se isso acontecer. Talvez, se tivesse um pouco mais de independência, ele não se sentiria tão frustrado — ela insistiu. — E se instalarmos um botão de emergência, pelo menos saberemos que ele está em segurança.

— Está dizendo, então, que *você* está preparada para assumir a responsabilidade pela segurança e o bem-estar de meu irmão? — Sebastian disse, bebendo a cerveja que havia em seu copo. — Porque eu simplesmente não vou ter tempo para paparicar meu irmão nos próximos meses e atender a cada desejo fútil que ele venha a ter. E, pela minha própria experiência, acredito que haverá vários.

— Alex não me pediu nada de estranho até o momento. Inclusive, ele me ajudou a pintar a cozinha e preparou um jantar.

— É mesmo? Bem, obviamente ele lançou uma forte ofensiva para encantá-la. Lamento, Emilie — Sebastian disse, balançando a cabeça. — Já vi isso acontecer milhares de vezes. Eu a avisei sobre o talento que ele tem para manipular as pessoas. E, ao que parece, ele já

conseguiu conquistá-la completamente. Talvez ele deseje que você cuide dele permanentemente. Ele sempre gostou de roubar qualquer coisa que fosse minha — Sebastian disse, como um menino mimado.

— Não diga isso, Sebastian! — Emilie estava chocada com a reação infantil do marido. — Às vezes, acho que vocês dois são iguais. É claro que não é assim. Sei que não tenho direito de interferir, mas será que poderíamos tentar agir como Alex quer pelo menos durante algum tempo? Ele quer ter mais independência e talvez seja mais fácil lidar com ele se você lhe der o que ele deseja. Não deveríamos ao menos lhe dar uma chance para provar que tem condições de cuidar de si mesmo?

Houve uma longa pausa antes que Sebastian voltasse a falar.

— Tudo bem, tudo bem. Eu me rendo. Se é isso que você quer, eu concordo. Mas... você não percebe, Emilie? Ele já conseguiu convencê-la sobre suas intenções e eu vou parecer um velho rabugento se recusar seu pedido.

— Obrigada — ela disse, pousando a mão delicadamente sobre a de Sebastian para reconfortá-lo. — Eu gostaria que a situação na casa fosse mais tranquila do que quando cheguei. Especialmente por que amo você. Agora, dá tempo de ir até Haworth? Eu adoraria conhecer o presbitério onde as irmãs Brontë viveram.

Naquela noite, enquanto Sebastian estava ocupado em seu escritório, trabalhando em seu computador, Emilie foi até o apartamento de Alex, que estava jantando na cozinha.

— Sebastian concordou com a minha sugestão.

O rosto de Alex demonstrava alívio.

— Então, você conseguiu um milagre. Obrigado, Emmy. Muito obrigado, mesmo.

— Vou tentar encontrar alguém para ajudá-lo com as tarefas domésticas nos próximos dias, mas, se houver algo que você precise que eu faça nesse meio-tempo, basta pedir.

— Por que não se senta e me faz companhia por meia hora, então? — ele sugeriu.

— Não posso. Estou preparando o jantar para Sebastian.

— Oh, é claro. Bem, então tenha uma boa noite — Alex disse, voltando a focar a atenção em seu jantar.

— Obrigada. Para você também.

Sebastian já estava na cozinha quando ela chegou.

— Onde você foi? Eu estava chamando.

— Fui dar uma olhada em Alex, e ele está bem — respondeu Emilie.

— Que bom.

Ele ficou em silêncio durante todo o jantar, algo que era bastante incomum. — Você está bem? — Emilie perguntou, enquanto tirava a mesa. — Você parece... agitado. Há algo errado?

— Não, nada. Bem, para ser honesto, há sim. Venha, sente-se aqui — disse Sebastian, indicando seu colo. Emilie fez o que o marido pediu e lhe deu um beijo no rosto.

— Então, diga.

— Bem, isso vai parecer bastante infantil e egoísta, eu sei. O fato é que eu não quero ter que compartilhar você.

— Por que está dizendo isso?

— Bem, veja o que já aconteceu. Alex conseguiu encantá-la e convencê-la de que não precisa de ninguém que cuide dele. Como está vivendo por conta própria, agora, você sente que tem a obrigação de ver como ele está, ou se ele precisa de alguma coisa, como fez hoje à noite. Ele já está conseguindo atraí-la, conquistando sua atenção, e provavelmente reclamando do quanto seu irmão mais velho é cruel, contando todo tipo de mentiras a meu respeito.

— Sebastian, isso não é verdade. Alex nunca fala sobre você — Emilie disse, com firmeza.

— Bem, não estou me sentindo confortável com essa situação, Emilie. Nem sempre poderei estar aqui e posso imaginar a quantidade imensa de conversas *tête-à-tête* que ele terá com você. Sei que você acha que estou exagerando, mas você não faz a menor ideia de quem ele realmente é. Como eu já lhe disse, ele pode tentar roubá-la de mim.

— Isso nunca vai acontecer — Emilie disse, acariciando os cabelos de Sebastian. — Você é o homem que eu amo. Estou apenas tentando ajudar.

— Eu sei que está, querida — concordou Sebastian. — E também sei que o que eu digo parece ser uma estupidez, mas Alex sabe muito bem como manipular as pessoas. E eu não quero que ele destrua nosso relacionamento.

— Ele não vai conseguir fazer isso, eu prometo — ela insistiu.

— Talvez não tenha sido uma boa ideia trazê-la para cá — Sebastian suspirou. — Mas, dadas as circunstâncias atuais, não há alternativa.

— Você sabe que eu... que *nós* podemos comprar um apartamento em Londres, Sebastian. Poderíamos nos mudar para lá e...

— Emilie, você disse “eu” — Sebastian a interrompeu, o rosto marcado pela tensão. — Tenho plena consciência de que minha esposa rica poderia comprar e vender um pequeno país sem que isso prejudicasse sua fortuna, mas, por favor, querida, não destrua o orgulho de seu marido. Preciso fazer isso por meus próprios meios, por mais que passemos por algumas dificuldades — ele disse, levantando o rosto de Emilie gentilmente. — Entende o que eu quero dizer?

— Sim.

— De qualquer forma, lamento ter que agir dessa maneira. Não quero que ninguém, em hipótese alguma, pense que eu me casei com você por causa do seu dinheiro.

— Eu sei que você não faria isso.

— Ótimo. Vamos para o quarto?

Sebastian viajou para Londres na segunda-feira de manhã e, de lá, partiu para a França. Como a manhã estava ensolarada, Emilie pegou uma bicicleta velha no celeiro e decidiu pedalar até a loja da vila. Encostando a bicicleta contra a parede externa da loja, ela entrou e esperou no final da fila de residentes locais para falar com a mulher atrás do balcão.

— Posso colocar isso no seu quadro de avisos? — Emilie perguntou, entregando-lhe um

cartão-postal com um anúncio oferecendo uma vaga para faxineira.

A mulher pegou o cartão, leu-o e olhou para Emilie com o interesse em seus olhos repentinamente avivados.

— Sim, custa uma libra por semana. Então, você é a nova esposa que o sr. Carruthers trouxe da França?

O sotaque de Yorkshire era forte e Emilie teve que se esforçar para decifrar as palavras da mulher. Era óbvio que as notícias se espalhavam rapidamente por ali e Emilie sabia que tinha um sotaque francês característico.

— Sou sim. Vou pagar por duas semanas — ela disse, buscando pelas moedas em sua bolsa.

— Certo — disse a mulher, pegando o cartão. — Mas duvido que você consiga alguma resposta. No seu lugar, eu tentaria colocar um anúncio no jornal local.

— Farei isso, *merci*. Digo, obrigada.

Emilie saiu da loja e estava subindo na bicicleta quando uma mulher se aproximou dela, apressada.

— Sra. Carruthers?

Ainda não estava acostumada a ser chamada pelo sobrenome de Sebastian e demorou alguns segundos para perceber que a mulher estava tentando chamar sua atenção.

— Sim?

— Meu nome é Norma Erskine. Fui a governanta de Blackmoor Hall durante vários anos. Pedi demissão pouco antes de sua chegada.

— Sim, Sebastian me disse — Emilie comentou.

— Ele veio até minha casa há alguns dias para pedir que eu voltasse, mas eu disse que não iria mais me sujeitar àquilo e que ele não conseguiria me convencer a reconsiderar.

Emilie estudou a mulher: acima do peso, baixa e com um par de olhos afetuosos e alegres.

— Lamento muito por Alex tê-la incomodado.

— Hummmm — balbuciou. — Bem, há muitas coisas que você não sabe sobre o que aconteceu naquela casa e não quero ser a pessoa que vai encher a sua cabeça com histórias — disse Norma. — Só posso lhe dizer que a avó deles estaria se revirando no túmulo. Fiquei o quanto foi possível, mas desisti. De qualquer forma, é um prazer conhecê-la. Espero apenas que você tenha se casado conscientemente com ele. Mas isso não é da minha conta.

— Já percebi que é uma situação difícil — Emilie disse, defendendo-se.

— Posso garantir que você ainda não sabe nem da metade da história — disse Norma, revirando os olhos. — Teve alguma dificuldade para se adaptar?

— Estou me acostumando com a vida por aqui, obrigada — respondeu educadamente.

— Bem, se quiser vir me visitar para tomar uma xícara de café, minha casa é a última à esquerda na rua que leva para fora da vila. Vá me visitar algum dia, querida, para me dizer como está sua vida.

— Obrigada. Você é muito gentil.

— Ótimo. Bem, até lá, então.

— Adeus.

Enquanto subia na bicicleta, Emilie não percebeu o lampejo de simpatia no olhar de Norma Erskine.

Nos dias que se seguiram, Emilie pintou o quarto que ela e Sebastian compartilhavam com um tom claro de cor-de-rosa. Foi até Moulton e comprou lençóis novos e um edredom grosso, pois achava que os cobertores antigos lhe causavam coceira e eram pesados demais para garantir um sono confortável. Retirou também as velhas cortinas adamascadas e comprou alguns metros de *voile* para cobrir as janelas, numa tentativa de maximizar a pouca luz que entrava na casa. Depois, procurou por imagens e quadros menos lúgubres para pendurar na parede.

Foi até o apartamento de Alex naquela noite e entregou-lhe o número de seu telefone celular, dizendo para ele ligar caso precisasse de alguma coisa. A preocupação de Sebastian

no fim de semana deixou-a determinada a ficar o mais distante que pudesse de Alex. Depois de dar os toques finais no quarto, Emilie desceu até a cozinha para comer algo. O telefone fixo que estava instalado na casa tocou e ela atendeu.

— Alô?

— Boa noite. É a sra. Erskine? — perguntou uma voz feminina.

— Não. Ela não trabalha mais aqui.

— Oh, entendo. Posso falar com Sebastian?

— Não, ele está na França.

— É mesmo? Bem, neste caso, vou ligar no celular dele. Obrigada.

O telefone ficou mudo. Emilie deu de ombros e voltou a se ocupar com o jantar.

— Encontrei uma garota ótima para vir limpar seu apartamento — disse Emilie alguns dias depois, enquanto Alex trabalhava em seu computador.

— Fantástico — Alex disse, olhando para ela e abrindo um sorriso. — Quem é ela?

— Ela se chama Jo e mora na vila com sua família. Terminou o Ensino Médio e vai esperar um ano até tentar entrar numa universidade, e quer ganhar um dinheiro extra.

— Bem, pelo menos será uma mudança. Especialmente se ela tiver menos de sessenta anos — Alex comentou.

— Ela virá até aqui para conhecê-lo amanhã à tarde. Por favor, seja gentil com ela — Emilie implorou.

— É claro, Emmy — Alex concordou.

Emilie percebeu que havia janelas diferentes piscando na tela do computador de Alex.

— O que você está fazendo?

— Estou trabalhando. Comprando e vendendo.

— Comprando e vendendo? Na bolsa de valores?

— Sim. Mas não conte ao meu irmão. Ele não concordaria com isso. Provavelmente me acusaria de estar brincando com o dinheiro, apostando minhas reservas. E confiscaria meu computador — Alex disse, espreguiçando-se e entrelaçando as mãos por trás da cabeça. — Aceita uma xícara de chá?

Sentindo-se culpada por não ter vindo conversar com ele nos últimos dias, Emilie aceitou.

— Deixe que eu preparo — ela acrescentou, indo até a cozinha e percebendo, com satisfação, que o lugar estava limpo e organizado. — Quer açúcar?

— Uma colher, por favor.

Enquanto esperava que a água fervesse, Emilie examinou rapidamente a geladeira para ter certeza de que havia comida estocada. E constatou que havia. Até o momento, tudo estava correndo bem... Alex mantivera sua palavra e estava se comportando. Emilie suspirou aliviada e pegou duas canecas, colocando-as em uma bandeja junto com a chaleira, o açucareiro e um pouco de leite.

— Traga para a sala de estar — Alex pediu. — É bom eu me afastar um pouco dessa tela.

Emilie fez o que ele pediu e Alex empurrou a cadeira de rodas até lá.

— Como você aprendeu a lidar com o mercado de ações? — ela perguntou enquanto servia o chá e lhe entregava uma das canecas.

— Tentativa e erro, na verdade. Sou completamente autodidata — Alex explicou. — É a forma perfeita de ganhar a vida quando alguém não sai muito de casa. E, para quem sofre de insônia, sempre há um mercado aberto em alguma parte do mundo.

— E você consegue ter bons resultados?

— Cada vez mais. Estou fazendo isso há quase dezoito meses e já passei da fase que os especialistas chamam de sorte de principiante. Cometi alguns erros no início, mas, depois de todo esse tempo, até que estou me saindo muito bem.

— Não entendo nada a respeito disso — Emilie admitiu.

— Bem, isso mantém meu cérebro ativo e estou começando a ter bons rendimentos. E você, como está?

— Muito bem, obrigada.

— Não está entediada demais no seu mausoléu?

— Estou me entretendo com a pintura da casa.

— Ótimo — assentiu Alex. — Pensei que fosse vê-la de vez em quando.

— Estive ocupada, só isso.

— Bem, que tal ficar para o jantar? O mercado acabou de entregar um *foie gras*¹² fantástico.

— Tenho muitas coisas para fazer...

— Ah, então ele realmente disse que você deveria ficar longe de mim — Alex afirmou.

— Não, não é isso.

— Tudo bem. — Ele suspirou, erguendo as mãos como se estivesse se rendendo.

— Desculpe.

— Emilie, pelo amor de Deus — Alex disse, levantando a voz. — É ridículo estarmos os dois aqui, no meio de lugar nenhum, e jantando em partes separadas da casa.

— Sim, é verdade — ela concordou, após algum tempo.

— Ótimo. Vejo você às sete e meia. E, se não contar a ninguém, eu também prometo não contar — ele acrescentou com uma piscada de olho quando ela se levantou e foi até a porta.

Antes de voltar ao apartamento de Alex naquela noite, Emilie tentou ligar para o celular de Sebastian. A chamada caiu na caixa postal e ela lhe deixou uma mensagem, sentindo-se culpada por não mencionar que iria jantar com seu irmão. Não recebia notícias dele desde que ele saíra de casa na manhã de segunda-feira.

— Entre, entre — Alex disse enquanto atiçava o fogo na lareira da sala de estar. — Acabei de receber ótimas notícias! Uma das empresas de petróleo em que investi dinheiro há alguns anos, quando ainda estavam começando, acabou de achar uma jazida enorme perto de Quebec.

— Fico muito feliz por você — Emilie disse.

— Obrigado! — Alex parecia estar exultante. — Tinto ou branco? — ele perguntou, indicando duas garrafas que estavam sobre a mesa de centro.

— Tinto, por favor — Emilie disse.

— Por falar nisso, onde está Sebastian? — perguntou enquanto lhe entregava uma das taças.

— Na França.

— Não deve ser fácil ficar tanto tempo longe de seu marido. Talvez você deva sugerir a ele a possibilidade de viajarem juntos.

— Já fiz isso — Emilie disse, sentando-se no sofá. — Mas ele disse que estaria ocupado demais e não quero incomodá-lo enquanto ele trabalha. Talvez da próxima vez.

— Se você diz — Alex comentou. — Já pensou no que vai fazer aqui em Yorkshire enquanto estiver esperando que ele volte para casa?

— Não é bem assim. Estou bastante ocupada ultimamente e, além disso, essa situação é temporária.

— Sim, tenho certeza disso — Alex respondeu. — Um brinde — acrescentou, tomando um gole do vinho.

— E o que me diz de você? Pretende ficar por aqui para sempre? — Emilie perguntou.

— Espero que sim. Eu amo esta casa. Sempre amei.

— Então por que você passou tanto tempo longe daqui quando era mais novo?

— Bem, essa é outra história — Alex disse, observando-a. — Uma história que, dadas as circunstâncias, é melhor deixarmos para lá.

— Por favor, pelo menos me diga por que, mesmo com toda essa... animosidade entre você e seu irmão, você ainda está disposto a viver na mesma casa que ele. E se Sebastian não tiver condições de continuar a manter a propriedade? A casa precisa de uma reforma muito ampla...

— Emilie, por favor, não me pressione. Sugiro conversarmos sobre algum assunto neutro a

partir deste momento — Alex aconselhou. — Fizemos um pacto, lembra?

— Você tem razão. Desculpe. É que há muitas coisas que eu não sei, e acho difícil compreender toda a situação.

— Bem, não serei eu quem vai revelar tudo a você — Alex disse com um sorriso maroto.
— Bem, que tal comermos agora?

Após o delicioso *foie gras*, que trouxe a Emilie muitas recordações da França (era um dos pratos favoritos de seu pai), ela passou o café e eles voltaram para o calor da lareira na sala de estar.

— Não se sente sozinho às vezes, Alex?

— Às vezes, mas sempre fui uma pessoa relativamente solitária, então não sinto tanta falta de companhia quanto as outras pessoas. Além disso, como não tolero idiotas à minha volta, não há muitas pessoas que eu gostaria de ter como companhia para um jantar. Com exceção à companhia deste momento, é claro — ele acrescentou. — Mas você não diria que também é um pouco solitária, Emmy?

— Sim — ela reconheceu. — Nunca tive muitos amigos, mas isso aconteceu porque nunca me senti muito confortável em qualquer tipo de círculo social. Sempre achei que as garotas com as quais estudei na escola em Paris eram tolas e mimadas demais. Mas, na universidade, por causa do meu sobrenome, a maioria das pessoas também parecia se sentir desconfortável com a minha presença.

— Não lembro quem foi que disse que, antes de poder amar qualquer pessoa, é preciso amar a si mesmo. Parece que nós dois tivemos que lutar contra esse dilema da vida. Esse, certamente, foi o meu caso — Alex admitiu.

— Bem, como você me mostrou há alguns dias, de maneira tão acertada, eu sentia que era uma decepção para a minha mãe — disse Emilie.

— Eu não tive pais, então não posso usá-los como desculpa — Alex disse, dando de ombros.

— Sim, Sebastian me falou a respeito. Tem certeza de que o fato de não ter pais não o afetou? Nunca teve notícias de sua mãe? — Emilie perguntou.

— Nunca.

— Consegue se lembrar dela?

— Ocasionalmente tenho algum *flashback*, geralmente associado a cheiros. O cheiro de um cigarro de maconha, por exemplo, sempre faz com que eu me lembre dela. Talvez você tenha razão e seja esse o motivo pelo qual entrei de cabeça no mundo das drogas — ele disse, forçando um sorriso. — Estava nos meus genes.

— Não consigo entender por que alguém sentiria vontade de perder o controle sobre si mesmo — Emilie disse, balançando a cabeça com convicção. — Detesto drogas.

— Emilie, tudo que nós, os viciados, fazemos, é tentar fugir de nós mesmos. E da realidade. Qualquer coisa que alivie a dor de estarmos vivos nos ajuda — explicou Alex. — É triste perceber que algumas das pessoas mais interessantes que eu já conheci eram viciadas. Quanto mais inteligente você é mais você pensa; quanto mais você pensa mais você percebe o quanto a vida é fútil; e, cada vez mais, deseja se afastar de toda essa futilidade. A boa notícia é que superei essa fase. Parei de culpar as outras pessoas pelos meus problemas. É uma estrada que não leva a lugar nenhum. Parei de ser uma vítima e comecei a assumir a responsabilidade por mim mesmo. No momento em que comecei a fazer isso, há alguns anos, tudo começou a se encaixar e a funcionar como deveria.

— Bem, é muito triste saber que você e Sebastian cresceram sem a presença de uma mãe ou de um pai. Apesar disso, quando eu era mais nova, costumava fantasiar a possibilidade de que meus pais tinham me adotado — Emilie suspirou. — Assim, podia imaginar que a minha mãe verdadeira me amava ou que, pelo menos, gostava um pouco de mim. Eu me sentia muito solitária, mesmo vivendo em casas bonitas, com todo e qualquer luxo que eu pudesse querer.

— A maioria das pessoas quer aquilo que não pode ter — filosofou Alex. — O dia em que você acorda e percebe que esse desejo é algo totalmente fútil, e observa aquilo que *realmente* tem, é o momento que começa a trilhar o caminho da satisfação relativa. A vida é uma loteria, os dados são lançados e temos que fazer o melhor com o que recebemos.

— Já passou por algum tipo de psicoterapia? — Emilie perguntou.

— É claro — Alex disse, sorrindo. — Quem nunca passou por isso?

— Eu — ela sorriu.

— Que bom para você — Alex comentou. — Bem, quando percebi que estava ficando viciado nisso também, decidi parar. Muito do que se diz não funciona realmente. A terapia serve para lhe dizer por que você tem certos problemas e isso normalmente significa que há outras pessoas que você pode responsabilizar. O que, é claro, lhe dá uma desculpa para se comportar mal sem que isso seja um peso na sua consciência. Um terapeuta chegou a me dizer que eu tinha razão em sentir raiva. Portanto, durante um ano, foi assim que eu agi. Foi ótimo, até perceber que irritei e afastei todas as pessoas com as quais me importava.

— Nunca deixei a raiva tomar conta de mim.

— Você conseguiu se controlar bastante quando me deu aquele tapa no rosto há alguns dias, na cozinha — Alex destacou, com um sorriso irônico. Emilie sentiu seu rosto ficar vermelho.

— Você tem razão.

— Desculpe, isso foi indelicado. Eu estava tentando dizer que, ocasionalmente, uma explosão não faz mal. Mesmo assim, não se pode fazer isso a todo momento, como aconteceu comigo durante algum tempo. Nós, os seres humanos, somos uma lástima, não é, Emmy? — ele disse, balançando a cabeça. — Somos uma população complexa e imprestável.

— Você parece conhecer muito bem a si mesmo — Emilie disse, com admiração genuína.

— Sim, eu me conheço, e também estou ciente de que nunca vou deixar de me surpreender. Eu era um homem furioso e viciado em drogas e me transformei num homem obsessivo por estar no controle da situação, que fica irritado quando a rotina é quebrada. Mesmo assim, talvez essa seja a única maneira de poder enfrentar a minha situação — Alex analisou. — Só posso controlar a mim mesmo. E eu não quero, nunca, me arriscar a voltar a cair nas garras do vício.

— Eu admiro bastante sua autodisciplina — Emilie disse, sinceramente. — Alex, você se importa se eu perguntar se você já teve algum tipo de proximidade com alguém em especial?

— Uma mulher?

— Sim.

— Eu certamente já estive bem próximo, fisicamente, de várias mulheres, mas nenhuma delas durou muito tempo. Para ser honesto, Emmy, não tive condições de manter um relacionamento estável com ninguém no passado.

— Mas e agora, que está estabilizado, você acha que gostaria de ter alguém?

Alex a observou por um momento.

— A pessoa certa, sim. Acho que gostaria muito.

— Bem, talvez você encontre essa pessoa, algum dia.

— Sim, talvez eu venha a conhecer alguém assim — Alex disse, olhando para o seu relógio. — Bem, agora vou precisar ser indelicado e mandá-la de volta ao seu quarto, pois preciso verificar as minhas ações da empresa petrolífera. Já passa da meia-noite e os mercados do Extremo Oriente estão prestes a iniciar suas operações.

— Eu não percebi que já era tão tarde — Emilie disse, levantando-se. — Obrigada pela companhia e pelo *foie gras*.

— Foi um prazer, Emmy.

— Amanhã, quando Jo, a faxineira, chegar, eu a trarei até aqui. — Emilie parou sob o batente da porta. — Sabe, Alex, eu gostaria que Sebastian pudesse vê-lo desta maneira.

— Meu irmão me enxerga da maneira que realmente deseja. E eu reajo de acordo. Boa noite, Emmy.

— Boa noite.

Deitada na cama vinte minutos mais tarde, apreciando a transformação que promovera no quarto, Emilie pensava sobre a noite que passara na companhia de Alex.

Sentiu-se bastante relaxada, talvez por não haver nenhuma das complexidades envolvidas num relacionamento. Ela gostava da pessoa que ele era quando estava a seu lado. Entretanto, o fato de simpatizarem bastante um com o outro seria motivo de chateação para Sebastian, mesmo que não tivesse motivo para isso. Ela deveria ter cuidado.

Emilie suspirou. Se os dois irmãos conseguissem simplesmente perdoar e esquecer o passado, independentemente do que houvesse ocorrido, a vida poderia ser muito mais

tranquila em Blackmoor Hall.

CAPÍTULO 19



Sebastian voltou para casa no fim de semana, exausto. Quando Emilie tentou conversar durante o jantar, ele se manteve distante. Quando se deitaram, mais tarde, ela voltou a perguntar se havia algo errado.

— Desculpe. As coisas estão muito difíceis no momento. Esse é o problema.

— Está falando sobre sua empresa? — Emilie perguntou.

— Sim. Descobri que o maldito banco não estava repassando meus débitos e o cliente que encontrei na França, o do Picasso, acabou por se revelar um trambiqueiro de primeira. Disse que já havia recebido ofertas de mais de sete milhões pelo quadro, e tudo que eu vi, em termos de provas de que ele tinha a obra, foram algumas fotografias borradas. Portanto, como vê, não estou de bom humor — ele resmungou.

— Você sabe que eu posso ajudá-lo financeiramente se você precisar. É só pedir — Emilie disse, massageando seus ombros enquanto ele estava deitado na cama, de bruços.

— Obrigado, Emilie. Mas você sabe como me sinto quando preciso recorrer a você toda vez que tenho um problema.

— Por favor, Sebastian. Você me ajudou muito quando precisei de você. Se você ama alguém, certamente pode contar com essa pessoa quando precisar.

— Talvez seja diferente para as garotas — Sebastian disse, dando de ombros. — De qualquer forma, preciso dormir um pouco.

Sebastian passou o restante do fim de semana trabalhando em seu computador. Durante o jantar, mal conversava com Emilie e não a procurava na cama à noite. Na noite de domingo, ela subiu até o quarto e viu que ele estava preparando sua bagagem.

— Vai viajar?

— Sim. Vou a Londres amanhã.

— Então irei com você.

— Duvido que o pulgueiro onde fico hospedado lhe agradaria. Não faz seu estilo.

— Não me importo — ela declarou, firmemente.

— Bem, talvez eu me importe.

— Eu poderia bancar nossa hospedagem num hotel.

— Pela última vez, não quero mais depender do seu maldito dinheiro!

Chocada, Emilie recuou, sentindo como se houvesse recebido um tapa na cara. Deitou-se na cama ao lado de Sebastian e nem conseguiu dormir, imaginando o que deveria dizer ou fazer e desejando que houvesse alguém com quem pudesse conversar.

Sebastian viajou a Londres na manhã seguinte, beijando-a rapidamente no rosto e dizendo que voltaria na sexta-feira.

O dia foi horrível, úmido e chuvoso, o reflexo perfeito do estado de espírito de Emilie. A casa cheirava a mofo e Emilie agradeceu a Deus por haver agendado sua viagem à França para o meio daquela semana, em busca de ares mais leves.

Entrando na biblioteca e lembrando-se do livro sobre frutas que Alex mencionara, Emilie procurou pelas prateleiras, mas não encontrou nada. Ao encontrar um livro de F. Scott Fitzgerald numa das estantes, o levou para a sala de artes e se aconchegou perto da lareira.

Seu telefone celular tocou e ela viu o número de Alex piscando no visor.

— Alô?

— Alô — ele disse. — Está tudo bem?

— Sim. E com você?

— Estou bem — Alex respondeu. — Jo, a garota que você contratou, é muito atenciosa. Ela não fica bisbilhotando por aqui e faz o trabalho direito. Gosto bastante dela. Estou ligando para agradecê-la.

— Que bom.

Houve uma pausa na conversa.

— Tem certeza de que está tudo bem, Emilie?

— Sim.

— Tudo bem, então. Tenha um bom dia.

— Obrigada.

Emilie pressionou o botão para encerrar a chamada, orgulhosa por não ter deixado transparecer o que sentia. Por mais que desejasse alguma orientação em relação ao comportamento de seu marido, que subitamente se tornara estranho e desagradável, Alex havia deixado claro que ele não estava disposto a falar sobre o irmão.

Vinte minutos depois, entretanto, alguém bateu à porta da sala de artes.

— Oi, Alex — ela suspirou.

— Oi, Emmy. Se eu a estiver perturbando, por favor, me mande embora. Pelo seu tom de voz, deduzi que você não estava bem. Por isso, vim apenas verificar, como um bom vizinho faria, se você realmente está bem.

— Obrigada. Sim, eu realmente estou um pouco chateada — ela admitiu.

— Foi o que pensei. Quer falar a respeito?

— Eu... não sei — respondeu. Sentia as lágrimas começando a arder por trás dos olhos.

— Às vezes é bom conversar e eu ficarei feliz em agir como o seu primeiro terapeuta, se você quiser. E, é claro, mantereí uma postura neutra e sem envolvimento emocional. Será uma boa mudança para mim — ele disse, sorrindo, e Emilie percebeu que Alex estava tentando animá-la. — Estou imaginando que meu irmão a irritou. Digo isso apenas porque ele entrou no meu apartamento outro dia sem bater à porta, algo que realmente me irrita, e me passou um sermão daqueles por ficar incomodando você.

— Oh! Mas eu não disse nada a ele, Alex. Por favor, você tem que acreditar em mim — Emilie insistiu.

— Tenho certeza de que você não disse nada, mas ele só queria um motivo para gritar

comigo.

— Sim. Ele estava muito tenso no fim de semana. Não sei o que há de errado com ele — ela admitiu.

— Bem, Emmy — começou Alex, com um longo suspiro. — Essa é uma situação bastante difícil. Claro, eu poderia lhe dar uma descrição detalhada do perfil psicológico de seu marido e ajudá-la a compreender o homem com quem se casou, mas já concordamos que não seria certo que o fizesse. O que tenho a dizer é que Sebastian sempre foi propenso a mudanças súbitas e inesperadas de humor. E, para o seu bem, espero que essa onda de mau humor passe logo.

— Eu também.

Emilie estava desesperada para fazer muitas perguntas a Alex, mas isso o comprometeria. Além disso, sentiria que agiu de maneira desleal em relação a Sebastian. — O tempo aqui não ajuda a melhorar meu humor. Vou ficar feliz quando puser os pés na França na quarta-feira.

— Que bom para você! Tenho certeza de que isso vai alegrá-la. Talvez você consiga descobrir mais a respeito de Sophia e de seus poemas.

— Pretendo pedir a Jacques que me conte mais alguns trechos da história.

— Adoraria dar uma olhada na biblioteca do seu *château*, depois de tudo que você falou a respeito dela — disse Alex, sorrindo. — Livros são a minha paixão, especialmente os antigos.

— E eu terei que supervisionar o processo de embalagem e transporte deles até um lugar onde possam ficar guardados antes que as reformas comecem. Isso me dá medo — ela admitiu. — Mas é por uma boa causa.

— Tenho certeza de que seu pai ficaria orgulhoso de você, Emmy. É uma pena que o grandioso nome dos De la Martinières irá desaparecer. Na verdade, ele já desapareceu quando você se casou com meu irmão.

— Oh, não. Eu tenho intenção de manter meu sobrenome. Sebastian e eu discutimos a respeito, e ele concordou que eu deveria manter o nome da família.

— Mas, se vocês tiverem um filho, ele será um Carruthers, não é?

— Tenho certeza de que ainda vai demorar um bom tempo até que isso aconteça — Emilie disse abruptamente e logo mudou de assunto. — Enquanto eu estiver fora, você gostaria que Jo ficasse hospedada na casa? Ela disse que não haveria problema se tivesse que fazer isso de vez em quando.

— Não, não é necessário. Ela me deu seu número de telefone para que eu pudesse entrar em contato, caso algum desastre aconteça. Pode confiar em mim, Emmy. Você sabe que pode — Alex insistiu. — Eu realmente já sou autossuficiente.

— É triste não conseguir sair de casa, Alex. Não sente falta?

— Às vezes, o fato de viver enfiado aqui nesta casa me afeta um pouco — ele concordou. — Mas, quando o tempo melhora, eu tenho a possibilidade de dar uma volta no que restou dos nossos belos jardins. E não diga nada a Sebastian, mas estou considerando a possibilidade de comprar um carro adaptado à minha condição.

— É uma ótima ideia — ela disse, com um tom de aprovação na voz. — E, quando eu voltar da França, talvez possamos colocar sua cadeira no porta-malas do Land Rover e dar um passeio. Gostaria de fazer isso?

— Eu adoraria — Alex disse com um enorme sorriso. — Oh, para tomar uma caneca de cerveja no *pub* local!

— Então estamos combinados — disse Emilie, perguntando-se vagamente por que o próprio Sebastian não fizera aquilo até agora. Mas com a tensão que havia entre os dois, a última coisa que ele gostaria de fazer seria dividir uma mesa no *pub* com seu irmão.

— Bem, agora preciso voltar — Alex disse, soltando os freios da sua cadeira de rodas. — Preciso cuidar da minha família cada vez maior de ações de empresas petrolíferas. Divirta-se em seu passeio à França, Emmy. E se descobrir qualquer informação sobre a minha avó, estarei ansioso para ouvir a respeito. *Adieu e bon voyage*.

Com um rápido aceno, Alex deixou a sala.

Emilie telefonou para a empresa local de táxis que Sebastian recomendara e chegou ao aeroporto de Leeds Bradford sentindo uma pontada de alegria. Quando o avião decolou e

voou por cima das áreas cinzentas e industriais do coração do norte da Inglaterra e rumou para o sul, em direção à França, Emilie ficou um pouco apreensiva por não ter conseguido entrar em contato com o marido antes de embarcar. Mas o telefone celular dele estava enviando todas as ligações diretamente para a caixa de mensagens e, até o momento, Sebastian não respondera a nenhuma das mensagens de texto que ela lhe enviara.

A menção de Alex sobre as mudanças de humor do irmão era o que a confortava. Mesmo assim, ela ainda perdia o sono durante a madrugada, sentindo o estômago se revirar com medo de que algo estivesse errado. Aquela mudança abrupta de comportamento, em que um marido atencioso e carinhoso se transformou em alguém distante, que nem mesmo atendia às suas ligações, era muito difícil de assimilar.

O sol fraco de março estava brilhando quando o avião pousou em Nice. Emilie alugou um carro e partiu em direção daquilo que, rapidamente, estava começando a lhe dar a sensação de ser a ideia mais próxima de um lar. O território familiar a acalmava e a reconfortava.

O *château* parecia uma colmeia, com toda a atividade que acontecia ali. Margaux, com o rosto corado, a recebeu com um abraço à porta.

— Madame, estou muito feliz em vê-la.

— Eu também — Emilie disse, retribuindo o abraço.

— Fiz tudo que pude para responder às perguntas, mas não conheço todos os detalhes — Margaux disse, parecendo estar acossada. — Eles já começaram a trabalhar na biblioteca.

— O quê? Eles receberam instruções de não começar enquanto eu não estivesse presente — Emilie exclamou.

— Bem, isso é culpa minha, *madame*. Eles chegaram há três horas e eu não quis que eles ficassem sem algo que os ocupasse.

— Deixe para lá — Emilie disse rapidamente, sufocando sua irritação. — Estou aqui, agora.

— Posso lhe oferecer uma bebida depois dessa longa viagem? — Margaux perguntou.

— Sim. Chá, por favor. Pode levá-lo até a biblioteca? Vou direto para lá.

— É claro, *madame*.

Emilie caminhou pelo corredor e viu que cerca de metade das estantes da biblioteca já tinha sido esvaziada. O ar estava denso com a poeira dos séculos.

— Olá — disse aos quatro ou cinco trabalhadores que estavam ocupados empilhando os livros em caixotes hermeticamente selados. — Sou Emilie de la Martinières.

— É um prazer, *madame* — disse um homem forte, levantando-se e estendendo a mão calejada para cumprimentá-la. — Como pode ver, estamos progredindo bem com os trabalhos. A senhora tem uma bela coleção aqui. Alguns destes livros são bem antigos.

O homem se apresentou como Giles e explicou a ela como sua equipe estava numerando cada um dos recipientes de acordo com a estante de onde os livros foram retirados.

— Assim, conseguiremos devolver os livros ao seu devido lugar — ele concluiu.

— Ótimo — comentou Emilie, sentindo-se reconfortada pelo fato de que eles pareciam ser organizados e cuidadosos, e que estavam manipulando os livros com o devido respeito. Seus olhos se moveram por entre o caos, e ela se surpreendeu com a presença de Anton, o filho de Margaux, sentado no chão, entretido com um livro, apesar de toda a atividade que acontecia à sua volta.

— Olá, Anton — ela disse.

Assustado, o garoto olhou para ela. Seus olhos denunciavam um leve temor.

— *Madame* De la Martinières! Desculpe, minha mãe me mandou vir aqui ajudar os homens, mas eu encontrei este livro e comecei a lê-lo.

Emilie observou a capa do livro. Era uma velha cópia de *Os Miseráveis*, de Victor Hugo, o mesmo exemplar que ela leu quando era mais jovem. Emilie sorriu quando Anton se levantou, fazendo com que ela se recordasse de Gavroche, o jovem garoto da história que morava nos cortiços de Paris.

— Por favor, continue — Emilie disse, colocando a mão em seu ombro e fazendo com que ele voltasse a se sentar. — Você gosta de ler?

— Sim, eu gosto muito. E gosto deste lugar — ele disse, indicando a biblioteca. —

Quando a minha mãe me traz junto com ela, eu venho para olhar os livros. Mas nunca toquei em nenhum deles, *madame*, eu juro!

— Bem, acho que você deveria levar esse livro para a sua casa e terminar de lê-lo — Emilie sugeriu. — Tenho certeza de que vai cuidar bem dele.

— É mesmo, *madame*? — O rosto de Anton se iluminou. — Eu adoraria. Obrigado, *madame*.

— Por favor, me chame de Emilie.

— Anton! Você não está criando confusão, está?

Margaux veio até a biblioteca trazendo o chá de Emilie e seus olhos demonstravam a preocupação que sentia.

— Não, é claro que não — Emilie disse, pegando o chá das mãos de Margaux. — Ele é igual a mim e meu pai: um rato de biblioteca. E, obviamente, um garoto muito inteligente — ela acrescentou, com um sorriso. — Ele escolheu *Os Miseráveis*, uma obra que é desafiadora para qualquer adulto e, especialmente, para uma criança.

— Sim! — Os olhos de Margaux brilhavam com orgulho. — Ele é o melhor aluno da sala e quer estudar literatura numa grande universidade. Quanto tempo pretende ficar, *madame*? Na casa, só há a mobília do quarto onde você geralmente dorme. Jean e Jacques lhe ofereceram um quarto na casa deles, como sabe.

— Sim, mas vou dormir aqui esta noite. A cama e o armário no meu quarto são horríveis e podem ser mandadas para o depósito de lixo depois que eu voltar à Inglaterra. Amanhã, dormirei na casa da vinícola. Margaux, você está trabalhando maravilhosamente, como sempre. Obrigada — Emilie disse, sinceramente, enquanto saíam da biblioteca e entravam na cozinha vazia.

— Deixei alguns pratos, facas e garfos e, é claro, uma chaleira — Margaux explicou. — Eles também não levaram a geladeira. Ela já está bem velha, talvez considere a possibilidade de comprar uma nova.

A enormidade do projeto que Emilie havia iniciado subitamente começou a ficar aparente. Até o momento, encasulada por trás do escudo de segurança e proteção de Sebastian, não

parecia que teria dificuldades para lidar com tudo.

— Tenho certeza de que vamos trocá-la — Emilie concordou. — Vou conversar com o arquiteto amanhã de manhã e também com o empreiteiro que vai supervisionar as obras.

— Quanto tempo os trabalhos vão durar, *madame*?

Emilie percebeu que Margaux parecia estar exausta.

— Não faço a menor ideia. Um ano, talvez? Dezoito meses?

— Entendo. É que... lamento, *madame*, mas terei que procurar por outro emprego, não é? Afinal, não haverá nada que eu possa fazer enquanto a casa estiver em obras.

Emilie percebeu, com uma pontada de culpa, que deveria ter conversado com a governanta antes.

— Margaux, você trabalha para a nossa família há mais de quinze anos. É claro que continuarei pagando seu salário normalmente enquanto o *château* estiver em reforma. Você pode ficar de olho nos pedreiros e na casa para mim enquanto eu estiver na Inglaterra, e me informar caso haja qualquer problema.

— *Madame*, isso é muito gentil da sua parte. É claro que farei qualquer coisa que me pedir — respondeu Margaux, obviamente aliviada. — Se eu pudesse abrir mão do salário, é claro que eu o faria, mas você sabe que não sou rica. Economizo tudo que posso para pagar os estudos de Anton no futuro. — Repentinamente, uma expressão de espanto se formou ao redor dos olhos de Margaux. — Às vezes me preocupo com o que poderia acontecer se eu não estivesse aqui.

— Mas você está aqui, Margaux. — Emilie confortou-a com um sorriso. — Por favor, não se sinta culpada. Tenho certeza de que haverá muita coisa para fazer depois que as reformas estiverem concluídas, e também quando for necessário tirar toda a poeira que sobrar na casa.

— Bem, eu acho que a senhora está fazendo uma coisa muito bonita, e seus pais ficariam orgulhosos — acrescentou Margaux, com lágrimas nos olhos. — A casa ficará segura para a França e para as futuras gerações que você e seu marido produzirão. Bem, deixei o jantar pronto, preciso voltar para casa com Anton para preparar o nosso.

— É claro. Conversaremos novamente antes do meu retorno à Inglaterra, e lhe entregarei seu salário. Novamente, obrigada por tudo.

Margaux saiu da cozinha e Emilie ficou sozinha por algum tempo naquele espaço amplo e vazio. Em seguida, retornou à biblioteca para verificar se precisavam de sua ajuda.

Quando o crepúsculo caiu sobre o *château*, todos os livros já estavam no caminhão, prontos para partir.

— *Madame* De la Martinières, preciso pedir para a senhora assinar esses formulários. Eles declaram que você verificou todo o conteúdo e que sabe que estamos levando 24.307 livros. Seu marido sugeriu fazer um seguro no valor de vinte e um milhões de francos quando conversou comigo na semana passada.

— É mesmo? — Emilie levantou uma sobrancelha. — Não é um valor alto demais?

— Bem, essa é uma coleção impressionante, *madame*. E se eu estivesse no seu lugar, chamaria um especialista em livros raros para avaliá-la adequadamente. Hoje em dia, livros antigos podem valer uma pequena fortuna.

— Sim, é claro — Emilie respondeu. Sebastian aconselhou a mesma coisa, mas ela nunca chegou a avaliar a coleção financeiramente, apenas emocionalmente. — Obrigada por seu trabalho e pelos conselhos.

Emilie observou enquanto o caminhão de transporte desaparecia na noite e depois voltou à cozinha para comer a rabada assada que Margaux deixara no forno. À sua frente, estavam os pertences retirados da escrivaninha do seu pai, que ela havia empilhado rapidamente em dois sacos pretos quando o móvel fora levado para uma unidade de armazenamento há duas semanas. Enquanto comia, Emilie colocou a mão dentro de um dos sacos e retirou um punhado de pertences. Havia muitas cartas, uma mistura de correspondências sociais e empresariais, algumas datadas da década de 1960. Além disso, também havia uma coleção de fotografias de seus pais em Paris e nos jardins do *château*, aproveitando alguns festejos e reuniões sociais.

Havia várias fotos de Emilie, tiradas na época em que ela ainda era um bebê, na sua infância e também quando era uma adolescente desajeitada, com sua franja espessa e o corpo

gorducho que recebia a onda de hormônios juvenis. Perdendo a noção do tempo, ela examinou tudo o que havia ali, sentindo-se reconfortada por aquela seleção muito íntima das reminiscências da vida de seu pai. Aquilo fazia com que se sentisse mais próxima de Édouard e chegou até a chorar quando leu algumas das cartas de amor que sua mãe enviara a ele.

Lendo aquelas cartas, não havia dúvidas de que Valérie amou muito seu marido e, pelo menos por aquilo, Emilie sentia um pouco de gratidão. Enxugou o nariz no dorso da mão, sentindo-se emocionada e, ironicamente, feliz ao perceber que uma parte de sua dor começava a se dissipar, conforme compreendia mais a respeito do passado.

Em retrospecto, ela também percebeu que se afastar de sua família serviu apenas para prejudicar o presente e o futuro de sua vida. Claro, havia coisas que nunca poderiam ser perdoadas... Mas agora, se entendesse pelo menos a razão pela qual tudo aquilo lhe acontecera, ela conseguiria se libertar.

Olhando para o relógio, Emilie viu que já passava da meia-noite. Verificou o correio de voz do celular para ver se Sebastian entrara em contato. Havia enviado uma mensagem mais cedo ao marido para dizer-lhe que já estava na França. Uma voz eletrônica lhe disse que não havia novas mensagens. Emilie suspirou e deixou o calor da cozinha para se recolher ao quarto, feliz por haver se lembrado de trazer sua velha garrafa térmica consigo.

Deitada na cama, sentiu uma onda incomum de adrenalina tomar conta de si ao pensar na frieza de Sebastian no fim de semana e na ausência de comunicação, mas se recusou a perder o sono com aquilo. Se, por algum motivo, Sebastian houvesse deixado de amá-la, ela saberia lidar com aquilo. Afinal de contas, sua infância a ensinou a viver sozinha.

CAPÍTULO 20



A manhã seguinte estava bastante agitada; Emilie recebia o arquiteto e o mestre de obras. Depois de andarem pelo interior da casa discutindo os detalhes da reforma, ela engoliu em seco quando viu a revisão do orçamento, mas o arquiteto garantiu-lhe que o trabalho valeria cada centavo, se comparado com o valor do *château* quando as obras estivessem totalmente concluídas.

— Tenho certeza de que conversaremos muitas outras vezes nos próximos meses — disse Adrien, o encarregado. — É preciso entender que o *château* ficará com uma aparência muito desmazelada da próxima vez que estiver aqui. Vai demorar um bom tempo até que sua bela casa volte a ter toda a beleza original.

Após um bom tempo, quando todos se foram, Emilie fechou a porta da frente e caminhou lentamente pelo interior do *château*. Sentindo-se tola e sentimental, garantiu aos quartos e cômodos que o processo de transformação pelo qual estavam prestes a passar seria para o próprio bem deles.

Emilie telefonara para Jean mais cedo e ele lhe ofereceu um jantar em sua casa e uma cama no quarto de hóspedes. Voltando para a copa, onde deixou sua mala de viagem e os dois sacos pretos com os pertences de seu pai, ela tirou a última pilha de papéis e fotografias que ainda não havia examinado. Pegou um envelope amarelado e o abriu. Dentro, havia a fotografia de um Édouard muito jovem, provavelmente com vinte e poucos anos, em uma praia, com um braço protetor ao redor de uma garota loura e bonita. Emilie reconheceu a garota, o mesmo rosto que estava retratado no quadro do escritório de seu pai em Paris. Era sua irmã, Sophia. Havia também outro pedaço de papel de um envelope, uma folha arrancada de uma caderneta. Emilie abriu a folha e reconheceu a caligrafia familiar, infantil e trêmula.

“*Mon Frère...*”

— Meu irmão — sussurrou Emilie para si mesma, esforçando-se para decifrar aquela

caligrafia quase ilegível. Era uma elegia a Édouard e estava assinado, como os outros poemas que havia lido, Sophia de la Martinières, 14 anos.

Percebendo que seus dedos estavam entorpecidos com o vento frio que corria pela casa vazia, Emilie voltou à cozinha e se sentou. O poema ilustrava, sem qualquer sombra de dúvida, a adoração que a jovem Sophia tinha por seu irmão. Então, por que Édouard nunca falou a respeito dela? O que aconteceu entre eles para resultar em tanta tristeza e silêncio? Com a afeição explícita mostrada na fotografia entre irmão e irmã, Emilie sabia que devia haver alguma razão.

Guardando o poema e a fotografia em sua bolsa, ela pegou os sacos plásticos e sua mala e fechou a porta do *château* pela última vez. Enquanto manobrava pelo caminho de cascalhos que levava até a casa de Jean, ouviu o toque súbito do telefone celular. Percebendo que era Sebastian, pisou nos freios com força e atendeu à ligação.

— Onde você está? Eu estava morrendo de preocupação! — exclamou Emilie, quase gritando ao telefone. Uma mistura de ansiedade e emoção ampliava a raiva que sentia.

— Querida, por favor, me desculpe. Esqueci o carregador do celular em Yorkshire e a bateria se esgotou na terça-feira de manhã.

— Sebastian, isso não justifica! Tenho certeza de que há outros telefones espalhados pelo mundo e você poderia ter usado um deles para falar comigo — Emilie não conseguia se controlar.

— Eu fiz isso! Liguei para Blackmoor Hall na terça-feira à noite, mas ninguém atendeu. E, desde então, você está na França.

— Por que não deixou uma mensagem na caixa de mensagens do meu celular?

— Emilie, por favor, deixe eu explicar. É bem simples, na verdade. O único lugar em que eu tinha o número do seu celular anotado era no meu próprio celular, e a bateria estava descarregada. Mas voltei a Yorkshire esta tarde e recarreguei meu telefone.

— Não podia ao menos ter ligado para Gerard? Ele tem o meu número. — Emilie ainda estava tremendo de raiva.

— O número de Gerard também estava registrado no mesmo celular, com a mesma bateria

descarregada. Por favor, Emilie — Sebastian parecia estar esgotado. — Eu realmente lamento. E, antes que você pergunte, sim, eu tentei encontrar outro carregador em Londres, mas o meu celular é um modelo tão antigo que as lojas nas redondezas do meu escritório em Londres não têm mais o carregador próprio para ele. E eu realmente não tive tempo de procurar em outros lugares. De qualquer maneira, é o que você poderia chamar de uma série infeliz de eventos. E não há mais nada que eu possa dizer, além de que aprendi o real valor de uma agenda de telefones de papel, à moda antiga. Além disso, que outra razão poderia haver para que eu não entrasse em contato? — ele acrescentou.

A sensatez das palavras de Sebastian apaziguou quaisquer outras explosões de receio e frustração que Emilie pudesse vir a ter. Como o próprio Sebastian dizia, que outra razão poderia haver?

— Você não faz ideia do quanto fiquei preocupada. Especialmente porque, durante o fim de semana, você estava tão... estranho. Eu cheguei até mesmo a imaginar que você iria me abandonar — ela disse. Com a fúria amenizada, ela estava perto de cair em lágrimas.

Aquele comentário fez com que Sebastian soltasse uma breve risada.

— Abandoná-la? Emilie, nós nos casamos há poucas semanas. Que tipo de monstro você acha que eu sou? Sim, admito que estava bastante quieto e distante no fim de semana, mas todo mundo tem seus momentos mais reclusos, não é?

— Acho que sim. — Emilie mordeu o lábio inferior, sentindo-se constrangida e culpada por presumir o pior.

— Por acaso meu irmão andou lhe dizendo alguma coisa? Plantando sementes em sua cabeça que começaram a se enraizar? Ah, sim.. — Emilie quase conseguiu ouvi-lo assentindo para si mesmo. — Aposto que foi isso que aconteceu!

— Não, Sebastian. Alex nunca pronuncia qualquer palavra contra você, eu garanto.

— Não minta para mim, Emilie. Sei exatamente o tipo de pessoa que ele é — Sebastian retrucou, com a voz marcada por uma rispidez súbita.

— Ele *nunca* falou nada — Emilie enfatizou, tentando evitar ser arrastada para o meio de uma discussão na primeira conversa que tinha com o marido nos últimos quatro dias. — Você

disse que está em casa, em Yorkshire, agora?

— Sim. Como estão as coisas por aí?

— Os livros saíram do *château* e agora a casa está esperando pela cirurgia plástica.

— Bem, lamento não estar aí para ajudá-la. Estou muito ocupado por aqui.

— Bem, isso é bom, não é? — Emilie perguntou, com a voz baixa.

— Sim. Não tão bom quanto poderia ser, mas... Quando você voltará para casa?

— Amanhã — ela respondeu.

— Então vou preparar um jantar delicioso para lhe dar as boas-vindas e tentar compensar pelos problemas que lhe causei por causa do meu celular. Desculpe, Emilie, mas, realmente, não tive culpa. E eu realmente tentei entrar em contato com você terça-feira à noite. Juro.

— Bem, que tal esquecermos isso?

— Sim, é melhor. E se houver algo que eu possa fazer aqui na Inglaterra para ajudá-la, é só me dizer.

— Obrigada, mas tenho tudo sob controle.

— Tudo bem, querida. Mantenha contato.

— E você, faça o mesmo! — Emilie disse, conseguindo abrir um sorriso frágil. — Nos vemos amanhã.

Emilie ficou sentada no carro, olhando para o nada por algum tempo, perguntando a si mesma se realmente deveria acreditar nele. Seu pai sempre dizia que as razões mais simples estavam por trás das circunstâncias mais dramáticas, e ela esperava poder compartilhar daquela perspectiva. Mas os quatro dias de silêncio serviram para que as sementes da dúvida se enraizassem em sua mente.

Embora Alex não dissesse nada que fosse negativo ou insultante em relação ao irmão, ele sempre evitava tocar no assunto. Em outras palavras, Emilie sentia que havia muitas coisas a respeito de seu marido que Alex não queria lhe contar. Voltando a dar a partida no carro, percorreu os últimos metros até a casa de Jean e o estacionou em frente à casa.

Deixou seus pertences dentro do porta-malas e tentou a porta da cave primeiro, sabendo que Jean trabalhava até tarde. E, como previra, lá estava ele, sentado à mesa e cercado pelos livros de registros. Os olhos castanhos e afáveis de Jean se enrugaram conforme o sorriso se abriu no seu rosto.

— Emilie! Bem-vinda — ele disse, dando a volta ao redor da mesa e beijando-a nas faces. — É um prazer recebê-la aqui. Seu quarto já está pronto e nós lhe preparamos um jantar. Você deve estar exausta.

— É muita gentileza sua, Jean. Onde está Jacques? — Emilie perguntou, olhando para o interior da vinícola, em meio à escuridão, procurando pela enorme bancada onde Jacques geralmente trabalhava embrulhando as garrafas.

— Mandeí meu pai para a casa para ele acender a lareira. Esta noite já está bem fria, especialmente aqui dentro, e não quero que fique resfriado. Como você sabe, a saúde dele não está muito boa neste inverno. Afinal de contas, ele já tem uma idade bem avançada. — Jean suspirou e Emilie percebeu a preocupação nos olhos do rapaz. — E então, está tudo pronto no *château*?

— Sim. Vai ser o início de uma nova era — Emilie disse, confirmando com um aceno de cabeça.

— Bem, não consigo descrever em palavras o quanto eu e meu pai estamos felizes por saber que o *château* continuará a pertencer à família De la Martinières. Você não somente salvou nossa fonte de renda e sustento, mas também a casa que eu e meu pai amamos tanto. Acho que meu pai realmente morreria se tivesse que ir embora — respondeu Jean. — Bem, vamos para dentro da casa agora tomar uma taça de vinho e sentar em frente à lareira. O *rosé* deste ano está particularmente excelente. As condições do tempo da estação passada estavam perfeitas. Na verdade, logo saberei se conquistamos uma das medalhas para o *rosé* no concurso de Vignerons, que acontecerá em alguns dias. É a primeira vez que esse vinhedo tem chances de vencer, e eu tenho muita esperança de que isso aconteça.

Emilie ajudou Jean a apagar as luzes na cave e ambos caminharam até a casa da família. Quando ele abriu a porta da cozinha, um cheiro delicioso de comida caseira permeava o ar.

— Venha até a sala de estar. Tenho certeza de que meu pai já abriu uma garrafa de vinho

para nós.

Outra vez, Jacques estava tirando uma soneca em sua poltrona, perto da lareira. Até mesmo Emilie, que cresceu pensando que o pai de Jean era muito velho, percebeu que estava bem velhinho. Ela olhou para Jean.

— Não é melhor irmos para a cozinha e deixá-lo dormir em paz?

— Não é necessário — ele sorriu. — Ultimamente, ele anda surdo como uma porta. Sente-se, Emilie. — Jean indicou uma poltrona para ela e pegou a garrafa aberta de vinho que estava sobre a mesa. — Experimente um pouco desse aqui.

Emilie pegou a taça que ele lhe entregou, agitou gentilmente o conteúdo rosado e pálido em movimentos circulares e desfrutou do buquê rico e pungente da bebida.

— O cheiro é maravilhoso, Jean.

— Acrescentei uma dose maior de uvas Shiraz e acho que a mistura ficou muito boa.

Emilie tomou um gole e sorriu, satisfeita.

— Está delicioso.

— Claro, há uma competição ferrenha entre as vinícolas da região, com investimentos imensos nas tecnologias mais recentes. Mas eu faço o melhor que posso para acompanhar o progresso — ele disse, dando de ombros. — Bem, agora, chega de falar de negócios. Como estão as coisas na Inglaterra? E a vida de casada?

A atmosfera estranha, tensa e fria de Blackmoor Hall nunca esteve tão distante da familiaridade que havia em sentar-se confortavelmente com Jean no aconchego de sua casa.

— Está tudo bem, embora eu esteja demorando em me acostumar com a Inglaterra. E Sebastian não fica muito tempo em casa devido ao seu trabalho — ela respondeu com sinceridade.

— Eu sei que ele viaja com frequência. Na semana passada, vi um carro que não conhecia ir até o *château* no fim da tarde. Como exerço meu cargo extraoficial de vigia da propriedade depois que Margaux termina seu trabalho, fui até lá para investigar, pois percebi que o veículo não havia retornado — Jean explicou. — Era o seu marido.

— Está falando sério? Sebastian esteve aqui na semana passada? — Emilie se esforçou para disfarçar o choque e não deixar que a surpresa transparecesse em seu rosto.

— Sim. Você não sabia? — Jean perguntou, observando a reação de Emilie por alguns instantes.

— Eu sabia que ele estava na França. Talvez estivesse por perto e, por isso, veio dar uma olhada no *château* — ela emendou, rapidamente.

— Sim, é claro. Acho que eu o assustei quando cheguei na casa. Ele estava na biblioteca, cercado por várias pilhas de livros.

— Oh! Bem, ele obviamente estava tentando me ajudar. Provavelmente estava começando a embalá-los — Emilie disse, sentindo uma onda de alívio tomar conta de si.

— Ele passou dois dias aqui, mas não quis incomodá-lo depois do que aconteceu na primeira ocasião. Afinal de contas, ele é seu marido e tem direito de estar no *château* sempre que quiser.

— Sim — concordou Emilie. Entretanto, intimamente, Emilie perguntava a si mesma por que diabos Sebastian sequer mencionou o fato de que passara dois dias no *château*. Novamente, a ansiedade começou a revirar seu estômago. — Foi muita gentileza ele conseguir encontrar algum tempo para vir ajudar com os preparativos para o desmonte da biblioteca — ela conseguiu dizer, com a voz um pouco embargada.

— Eu sei que ele a ajudou durante um período muito difícil e lhe ofereceu o apoio que precisava.

— Sim, é verdade — Emilie estava desesperada para poder mudar de assunto. — Bem, agora eu quero lhe mostrar algo que encontrei na casa em Yorkshire — ela disse, retirando o envelope com os poemas que Alex lhe entregara. — Foram escritos por minha tia, Sophia de la Martinières. Jacques disse que ela escrevia poemas quando conversamos sobre o passado, na última vez em que estive aqui — ela entregou os papéis a Jean. Ao fazer isso, percebeu que um dos olhos de Jacques se abria.

— São bonitos... — Jean murmurou discretamente enquanto lia os textos. — Pai, gostaria de lê-los?

— Sim.

Os olhos de Jacques estavam abertos e atentos agora, e Emilie começou a imaginar se aquela surdez estava sendo convenientemente exagerada. Jean colocou os poemas nas mãos trêmulas de Jacques. Em silêncio, ele leu cada uma das páginas, sentado em sua poltrona. Quando levantou os olhos, eles estavam cheios de lágrimas.

— Ela era tão linda... o fim foi tão trágico... eu... — Jacques balançou a cabeça, sentindo o peso da emoção.

— Jacques, pode me contar como ela morreu? — Emilie perguntou, gentilmente. — E por que meu pai nunca falava a respeito dela? E por que Constance estava com estes poemas em sua casa, em Yorkshire?

Jean pousou delicadamente a mão sobre seu braço.

— Emilie, vá com calma. Estou vendo que meu pai ficou emocionado com os poemas. Que tal jantarmos primeiro para ele colocar seus pensamentos em ordem?

— É claro — Emilie respondeu, constrangida. — Me desculpe, Jacques. Como perdi minha família, fico feliz em saber que você conhece o passado deles.

— Vamos jantar primeiro — disse Jacques em tom grave, enquanto Jean lhe entregava sua bengala e o ajudava a se levantar.

Jacques falou muito pouco durante o jantar. Jean fez questão de mudar o tópico da conversa para os vinhedos e seus planos para a modernização e expansão do negócio.

— Com o nível correto de investimento, tenho certeza de que, dentro de cinco anos, poderemos gerar bons lucros. Seria ótimo poder dar uma contribuição positiva ao patrimônio da família, ao invés de prejuízos — ele comentou.

Enquanto Emilie ouvia o que Jean tinha a dizer, percebendo sua paixão pelo assunto, notou também que ele era um homem bastante atraente. Sua pele suave ainda estava bronzeada, mesmo depois de um longo inverno, e os cabelos num tom castanho-avermelhado com cachos ondulados lhe emolduravam a face. Ele parecia mais jovem do que os seus trinta e nove anos sugeriam. Quando eram adolescentes, eles passavam um bom tempo juntos e ela chegou até mesmo a desenvolver uma atração juvenil por ele durante um certo período.

Enquanto ajudava Jean a tirar a mesa e lavar os pratos, Jacques bocejou.

— Pai, quer que o coloque na cama?

— Não! — Jacques disse em alto e bom som. — Não quero dormir. É a emoção que está me fazendo bocejar. Jean, procure o Armagnac e eu vou tentar contar mais um pouco da história para Emilie. E, infelizmente, é só o que sei — ele disse, emitindo um som que parecia ou uma risada ou um gemido. — Desde que você foi embora, Emilie, eu venho pensando se deveria levar o resto da história comigo para o túmulo — ele disse, dando de ombros. — Mesmo assim, como é possível encontrar algum sentido no presente se você não conhecer o passado?

— Jacques, essa é uma lição que eu também estou aprendendo — Emilie disse, suavemente. — E se você se lembra de onde parou, você me falou sobre a chegada de Constance a Paris. Ela havia acabado de reencontrar Venetia e concordou em ajudá-la...

Meu irmão

Forte, ao meu lado, com o braço protetor
Ao redor dos meus ombros, me guiando.
Sempre cuidadoso, sempre amoroso,
Consegue me ver? Consegue?

Enigmático, forte e estoico,
Curvado sobre mim.
Livro em uma mão, lendo em silêncio,
Consegue me ver? Consegue?

A luz resplandecente, o brilho que vem de você,
À sua sombra, sempre estarei.
Estou aqui agora, estou crescendo,
Consegue me ver? Consegue?

Algum dia me deixará, algum dia encontrará

Uma vida além do nosso santuário.

Nunca saberá o quanto eu o amei,

Conseguia me ver? Conseguia?

Sophia de la Martinières,

1932, 14 anos.

CAPÍTULO 21



PARIS, 1943

Édouard regressou da viagem que fizera ao sul dois dias depois. Parecia exausto e foi diretamente para o seu quarto; apenas parou nas escadarias para dizer a Connie que receberiam convidados para o jantar naquela noite. Era necessário que estivesse presente na sala de artes às dezoito e trinta.

Connie começou a imaginar quem seriam os convidados daquela noite. Silenciosamente, fez uma prece para que não fossem Falk e Frederik. Estava readquirindo a calma após a agonia de duas noites atrás, quando Venetia estava transmitindo mensagens de dentro da adega e Frederik veio fazer uma visita inesperada.

Quando Sarah saiu para fazer compras na manhã seguinte, Connie correu para o térreo e verificou o porão, com a intenção de voltar a trancá-lo. Mas não havia nenhuma chave com a qual pudesse fazê-lo. Procurou por ela dentro e fora do porão, e não encontrou qualquer vestígio. Ficou reconfortada por não haver qualquer indício da presença de Venetia, nem mesmo um aroma fraco de Gauloises no ar, e nada fora tocado ou removido, até onde pôde perceber. E, até agora, nenhuma retaliação, que, por experiência própria, sabia que não demoraria a ocorrer. Se os alemães conseguissem identificar um sinal de rádio partindo daquele local, eles revistariam cada casa da rua imediatamente, sabendo que o operador de rádio geralmente guardaria suas coisas e abandonaria o local dentro de poucas horas.

Às dezoito e trinta naquela noite, conforme suas instruções, Connie estava desfilando pela sala de artes. Uma Sophia com ar sonhador, com uma aparência majestosa em seu novo vestido de festa, foi conduzida até o recinto por Sarah.

Quando Sophia se sentou em sua poltrona, Connie a estudou e percebeu que havia adquirido uma aura, que demonstrava um misto de conhecimento e desejo. Estava

simplesmente radiante: uma mulher jovem desfrutando do ponto máximo de seus poderes físicos.

Édouard chegou à sala de artes parecendo mais descansado e relaxado, aparentemente de volta à tranquilidade habitual. Beijou a irmã, comentando sobre a beleza que ela apresentava naquela noite, e repassou a lista de convidados. Era a mistura costumeira de membros da burguesia francesa, autoridades do governo de Vichy e alemães.

Às dezenove e trinta, todos os convidados já haviam chegado, com exceção de Falk. Frederik apresentou o pedido de desculpas de seu irmão pelo atraso, mas disse que ele chegaria mais tarde.

— Houve um arrombamento seguido por invasão na noite passada no escritório da STO na Rue des Francs-Bourgeois — Frederik explicou. A Resistência roubou sessenta e cinco mil pastas e conseguiu escapar. Acho que vocês entendem que meu irmão não ficou muito feliz com isso.

Connie foi informada a respeito do programa STO durante seu treinamento como agente da SOE. Era um sistema pelo qual o registro de jovens franceses, num total de quase 150 mil nomes, era mantido em arquivo. Vários desses jovens eram continuamente capturados e enviados para a Alemanha para trabalhar em fábricas de munição e linhas de produção. A deportação daqueles milhares de jovens causava um enorme mal-estar entre a população francesa, e fez com que o governo de Vichy se tornasse extremamente impopular. O programa STO fez com que muitos cidadãos franceses, que outrora cumpriam as leis do país, passassem a apoiar e estimular as ações da Resistência. O rosto preocupado de Connie enquanto ouvia o relato de Frederik não deixou transparecer qualquer indício de satisfação que sentiu com as notícias sobre o sucesso da missão da Resistência. E do sucesso de Venetia ao participar daquela ação.

— É claro que haverá represálias — acrescentou um oficial do alto escalão do governo de Vichy. — Vamos ampliar ainda mais a vigilância para esmagar esses rebeldes que estão destroçando nosso país.

Enquanto o café e o conhaque eram servidos na sala de artes, a campainha da porta

principal tocou. Alguns segundos depois, Falk entrou na sala.

— Minhas desculpas, Édouard. Fui impedido de compartilhar da sua mesa por causa dos militantes deste país que continuam a atacar nosso regime.

Enquanto Édouard lhe servia um conhaque, Connie percebeu que o rosto de Falk tinha uma expressão severa e que ele também tinha um brilho atroz nos olhos. Connie apertou os dentes quando o alemão se aproximou.

— *Fräulein* Constance, como tem passado?

— Estou bem, obrigada, Falk. E você?

— Como já sabe, a Resistência causou alguns problemas. Mesmo assim, pode ficar descansada. Estamos cuidando do assunto e eles não escaparão impunes. De qualquer forma, chega de falar de trabalho. Preciso de um pouco de diversão — ele disse e estendeu os dedos para acariciar o rosto de Connie. O toque de Falk dava a Connie a sensação de que água gelada escorria por seu rosto.

— *Fräulein*, talvez você possa...

— Quer dizer, então, que você teve que lidar com um problema enorme — Édouard disse, aparecendo ao seu lado para apaziguar a situação.

— Sim, mas os perpetradores serão capturados e punidos. Já recebemos relatórios do nosso departamento de inteligência, colhidos junto a franceses que não apoiam as ações da Resistência e desejam nos alertar sobre os traidores. Acreditamos que eles estão operando em algum lugar muito próximo daqui. Um de nossos agentes captou um sinal forte há duas noites, que estava sendo transmitido de uma das casas desta rua. Uma operação completa de busca e apreensão foi executada na casa dos seus vizinhos, mas não encontramos nada. Claro, eu disse aos meus oficiais para não incomodarem sua família com esse tipo de intrusão — Falk disse.

Connie sentiu o sangue congelar em suas veias quando Édouard demonstrou genuinamente estar surpreso.

— De onde poderia ter vindo esse sinal? Tenho certeza de que todos os meus vizinhos são pessoas leais e cumpridoras da lei.

— Irmão — Frederik interveio, interrompendo a conversa repentinamente. — Se está falando dos eventos que ocorreram há duas noites, vim aqui visitar *mademoiselle* Sophia e ela disse que queria muito ouvir música. O gramofone não estava funcionando, então ela mencionou que havia um rádio na casa. É claro que ela não usa o aparelho, pois sabe que é ilegal — acrescentou Frederik, rapidamente. — Mas, para agradá-la, eu liguei o rádio e o sintonizei, em busca de um pouco de música clássica para que Sophia pudesse se distrair. Portanto, Falk — suspirou Frederik, com um ar arrependido —, creio que, talvez, o que aconteceu foi culpa minha. Peço desculpas por lhe dar ainda mais trabalho. Mas posso garantir que todo o poder da SS estava presente nesta casa naquela noite, e tudo o que vi entrar ou sair daqui foi o gato da família.

Até mesmo o comportamento tranquilo de Édouard pareceu se agitar com a estranha confissão de Frederik. Falk também parecia estar desconfiado.

— Bem, duvido que eu possa prender meu próprio superior por executar uma operação ilegal em sua missão para agradar uma dama — ele respondeu, com a voz marcada pela irritação. — Vamos esquecer o que ocorreu, mas, Édouard, sugiro que você entregue seu rádio imediatamente para que não haja qualquer problema.

— É claro, Falk — disse Édouard. — Eu não estava aqui na noite em questão. Sophia, você não deveria ter encorajado tal comportamento.

— Mas a música que ouvimos era tão linda — Sophia sorriu, sentada na cadeira atrás deles. — Tenho certeza de que o “Réquiem” de Mozart deve valer todo esse esforço, não é? — ela disse e seu encanto inocente quebrou a tensão que havia no ar.

Connie percebeu que o olhar de Frederik estava fixo em Sophia, e era nítido o carinho que sentia por ela. A justaposição de um par de olhos idênticos do outro lado, duros como o aço e frios como o gelo, era evidente. Se os olhos realmente fossem as janelas da alma, ela sabia que Frederik e Falk, por mais que a aparência exterior deles fosse idêntica, não compartilhavam da mesma essência.

Na manhã seguinte, Édouard interpelou Connie na biblioteca.

— Frederik realmente veio até aqui enquanto eu estava viajando? — ele perguntou.

— Sim. Mas eu não o convidei, sua irmã o fez. E eu não sabia nada sobre o encontro.

— Compreendo — Édouard disse, cruzando os braços e suspirando. — Ontem à noite eu percebi que o relacionamento deles está mais fortalecido. Estão profundamente apaixonados. Sophia chegou a comentar algo a respeito?

— Sim — Connie respondeu, sinceramente. — E eu tentei avisá-la de que é melhor não ter esperanças sobre seu relacionamento com Frederik. Mas ela se recusa a discutir o assunto.

— Só nos resta esperar que Frederik retorne logo à Alemanha, para o bem de Sophia — Édouard disse. — Você estava com eles na noite em que ele esteve aqui?

— Não. Frederik chegou depois que eu já havia me recolhido. Eu já estava na cama.

— Santo Deus! — Édouard exclamou, levando a mão à testa, horrorizado. — Sophia realmente enlouqueceu! Não é adequado que uma jovem solteira receba um homem a sós, mas fazê-lo em segredo, na calada da noite, é simplesmente inadmissível!

— Édouard, por favor, me perdoe. Eu realmente não sabia o que fazer — Connie explicou. — Mesmo se eu dissesse para Sophia que não é apropriado receber Frederik aqui, àquela hora da noite, sou apenas uma hóspede em sua casa. Não tenho o direito de dizer a ela o que pode e o que não pode fazer. Especialmente se ela estiver com um oficial do governo alemão, com um posto tão elevado na hierarquia — ela acrescentou. — Eu lamento muito.

Édouard desabou numa poltrona, deixando o desespero tomar conta de si.

— Não basta violentarem e destruírem nosso belo país ou roubar nossos tesouros? Eles têm que roubar a minha irmã, também? Às vezes, eu...

— Édouard, o que foi?

Ele olhou para o vazio por algum tempo, antes de responder.

— Me perdoe, Constance. Estou cansado e também chocado com o comportamento da minha irmã. Sinto que estou lutando nesta guerra há muito tempo. Veremos se Frederik partirá para a Alemanha em breve. Caso contrário, será necessário tomar uma atitude mais drástica.

— Pelo menos recebemos boas notícias sobre os arquivos do programa STO removidos

com sucesso pela Resistência, não é?

— Sim — ele disse, virando-se para Connie com uma expressão estranha no rosto. — E haverá mais. Tenha certeza de que haverá mais.

Ele saiu da biblioteca e Connie se sentou com seu livro sobre o colo, com a certeza de que Édouard de la Martinières participara do assalto às dependências do programa STO na noite anterior. E aquele pensamento a reconfortava, mas não mudava o fato de que ela estava presa numa teia tecida por outras pessoas, passiva, quando fora treinada para ser ativa, lentamente enlouquecendo.

E por que Frederik decidiu acobertar a casa da família quando mencionou o rádio? Será que Sophia estava falando a verdade quando disse que Frederik não acreditava na causa nazista? Ou já sabia que um sinal estava sendo transmitido a partir da casa e veio investigar por conta própria?

Connie enterrou a cabeça nas mãos e chorou. A causa pela qual havia se alistado para lutar se perdeu em meio a toda aquela confusão. Todos conheciam muito bem o jogo que estavam jogando, e qual função desempenhavam. Mas ela não se sentia melhor do que um destroço inútil, empurrado de um lado para o outro, ao bel-prazer dos outros jogadores e seus objetivos secretos.

— Lawrence, me ajude — ela sussurrou.

Connie olhou ao redor da biblioteca e os livros a encararam: duros, frios e inanimados. Por fora, muito similares, revelando pouco de seu conteúdo. Uma metáfora perfeita para a vida que estava sendo forçada a viver atualmente.

Na hora do almoço, Sophia, que Connie vira muito pouco nos últimos dias, parecia estar cansada e pálida. Connie a observou e viu que ela comia pouco, forçando-se a engolir alguns pedaços do que tinha no prato. Em seguida, Sophia se levantou, pediu licença aos presentes e se retirou.

Duas horas depois, percebendo que Sophia não saía de seu quarto, Connie bateu à porta. Ela estava deitada em sua cama, com o rosto lívido e um lenço de flanela umedecido sobre a

testa.

— Querida, o que houve? Não está se sentindo bem? — Connie perguntou, sentando-se na cama e segurando a mão de Sophia.

— Não, não estou doente. Fisicamente, pelo menos... — Sophia suspirou e abriu um sorriso fraco. — Obrigada por vir até aqui, Constance. Parece que não passamos muito tempo juntas nos últimos dias. Senti sua falta.

— Bem, estou aqui agora.

— Oh, Constance! — Sophia exclamou, mordendo o lábio inferior. — Frederik me disse que precisará voltar à Alemanha nas próximas semanas. Como suportarei isso? — disse com os olhos cegos e cheios de lágrimas.

— Simplesmente, suportará. Assim como eu suporto ficar longe de Lawrence — Connie disse, apertando-lhe a mão carinhosamente.

— Sim. Sei que você acha que eu sou ingênua e que não entendo o significado do amor. Que vou conseguir esquecer Frederik, pois é impossível termos um futuro juntos. Mas eu sou uma mulher adulta e conheço o coração que tenho.

— Só estou tentando protegê-la, Sophia. Entendo o quanto deve ser difícil para você.

— Constance, eu sei que Frederik e eu vamos ficar juntos. Sei disso, bem aqui — Sophia disse isso levando a mão ao coração. — Aqui dentro. Frederik diz que vai encontrar uma maneira e eu acredito nele.

Connie suspirou. Comparado às dificuldades e provações dos últimos quatro anos, quando milhões de pessoas perderam a vida ou seus entes queridos para a guerra, o romance de Sophia poderia ser visto como algo trivial. Mas para Sophia, ele lhe consumia por inteiro, pois lhe pertencia.

— Bem, se Frederik disse que irá encontrar uma saída, ele irá — Connie a consolou, percebendo que não poderia dizer muito mais a respeito. Se Frederik fosse partir nos próximos dias, tudo o que podia fazer era orar para que a situação se resolvesse naturalmente.

As semanas seguintes foram repletas de noites de sono interrompidas, quando as sirenes de ataque aéreo cortavam o ar estagnado de Paris, forçando seus residentes a se refugiarem nos porões em busca de segurança. Connie soube que os ataques da RAF atingiram as fábricas da Peugeot e da Michelin, que ficavam nas regiões industriais ao redor de Paris. Se estivesse em sua casa, na Inglaterra, ela receberia essas notícias com alegria enquanto lia a edição diária do *The Times*, mas, ali, os jornais estavam repletos com o número de civis franceses inocentes que foram mortos nos bombardeios.

Saindo para dar seu passeio matinal até o Jardin des Tuileries, Connie quase conseguiu sentir a pulsação de uma cidade e das pessoas que lentamente perdiam a esperança de que a guerra acabaria algum dia. A invasão dos Aliados ainda não havia se materializado, e Connie estava começando a se perguntar se, algum dia, viria realmente a acontecer.

Sentada no mesmo banco de sempre, percebendo que o ar já se enchia com a névoa, como se também quisesse se livrar logo deste dia miserável, Connie viu que Venetia vinha em sua direção.

As duas passaram pelos cumprimentos tradicionais e esperados, e Venetia sentou-se ao seu lado. Embora estivesse em seu uniforme de “mulher rica”, hoje ela não chegou a aplicar a maquiagem para mascarar o rosto. Sua pele estava quase transparente e seu rosto estava desesperadamente esquelético.

— Obrigada pela ajuda naquela noite em que fiquei no porão. Foi muito importante — ela disse, puxando um maço de Gauloises. — Cigarro?

— Não, obrigada.

— Estou usando essas coisas malditas para sobreviver. Ajudam a diminuir a fome — Venetia acrescentou, acendendo um.

— Precisa de dinheiro para comprar comida? — Connie perguntou, sentindo que isso, pelo menos, era algo que ela poderia oferecer.

— Não, obrigada. O problema é que sempre estou correndo de um lado para o outro e não consigo ficar no mesmo lugar duas vezes caso os alemães rastreiem meu sinal. Estou sempre em trânsito com a minha bicicleta, de um lado a outro. É difícil encontrar tempo para sentar e

comer algo.

— Como estão as coisas? — Connie perguntou.

— Oh, você sabe, Connie — disse Venetia, com uma forte tragada em seu cigarro. — Avançamos um passo e retrocedemos dois. Pelo menos nossa equipe está um pouco mais organizada do que quando cheguei aqui, no verão. Mas sempre podemos contar com mais alguém. E eu estava pensando que, talvez, não importa o fato de que você, oficialmente, não seja mais uma agente. Não há motivo pelo qual você não possa nos ajudar como uma cidadã francesa comum. Em seguida, talvez, se você conhecesse as pessoas com quem eu trabalho, eles poderiam ajudá-la a deixar a França.

— Está falando sério? — Connie perguntou, sentindo seu entusiasmo crescer imediatamente. — Oh, Venetia, sei que minha vida é um piquenique se comparada à sua, mas eu faria qualquer coisa, *qualquer coisa*, para tentar voltar para a Inglaterra e sair da casa onde estou.

— Bem, já falei para a minha rede que você me ajudou e tenho certeza de que eles conseguirão ajudá-la a sair da França. Sugiro que venha se encontrar conosco na nossa próxima reunião. Não posso lhe prometer nada, e você precisa se lembrar de que sempre há o risco de que haja algum traidor disposto a informar aos alemães sobre o nosso paradeiro, mas um favor merece ser retribuído com outro favor. Além disso, você é minha amiga. E eu me sinto mal por sua situação, enfiada naquela casa para receber e divertir aqueles porcos.

Venetia sorriu carinhosamente para Connie e ela viu um lampejo repentino da beleza da sua amiga transparecer por entre o véu da exaustão.

— Por falar nisso, acho que o dono da casa onde você mora faz parte do alto escalão da Resistência. Ouvi dizer que há um homem muito rico em Paris que é a segunda pessoa mais respeitada pelos agentes, perdendo apenas para Moulin, nosso falecido e reverenciado chefe da Resistência. Se esses dois forem a mesma pessoa, querida, é fácil compreender por que Londres precisou sacrificar sua carreira como agente quando você surgiu na porta daquela casa, bem à vista da Gestapo. De qualquer forma, preciso correr — ela disse, levantando-se. — Vou lhe dar os detalhes exatos sobre onde e quando a reunião acontecerá na quinta-feira. Portanto, até lá, e boa sorte.

CAPÍTULO 22



Conforme o combinado, Connie voltou ao Jardin des Tuileries na quinta-feira, mas Venetia não apareceu. Nos quatro dias seguintes, sentou-se no banco no horário combinado e, no quarto dia, Venetia chegou, empurrando sua bicicleta. Passou por Connie como se não a reconhecesse. Depois voltou, parou em frente ao banco, olhando diretamente para frente, e comentou em voz baixa:

— Café de la Paix, nono distrito, às vinte e uma horas.

Então ela seguiu seu caminho.

Connie passou as horas seguintes imaginando como deixaria a casa sem que sua ausência fosse notada. Édouard não permitiria que ela saísse à noite desacompanhada. Decidiu que o melhor a fazer seria dizer que estava com uma dor de cabeça horrível e se recolher aos aposentos após o jantar. Era quando Édouard geralmente se fechava em seu escritório. E, quando ele já estivesse ocupado com seus afazeres, iria até a cozinha e sairia da casa pelo porão, que ainda continuava destrancado devido ao desaparecimento da chave.

Naquela noite, após o jantar, assim que Édouard deixou a mesa e ela estava se preparando para fazer o mesmo, a campainha tocou e Sarah foi atender. Em seguida, a governanta voltou para a sala de estar.

— O coronel Falk von Wehndorf veio vê-la, *madame* Constance. Ele a aguarda na sala de artes.

Quase a ponto de chorar com o horário infeliz que o alemão escolheu para visitá-la, Connie caminhou pelo corredor e forçou-se a abrir um belo sorriso quando entrou na sala de artes.

— Olá, *Herr* Falk. Como está?

— Estou bem, mas não a vi nos últimos dias, *Fräulein*, e senti saudades da sua beleza.

Vim perguntar-lhe se não gostaria de me dar o prazer da sua companhia para dançar esta noite.

Connie começou a balbuciar uma desculpa, mas Falk balançou a cabeça e calou-a, pousando-lhe um dedo sobre os lábios.

— Não, *Fräulein*. Você já me rejeitou várias vezes. Esta noite, não me darei por vencido. Virei buscá-la às vinte e duas horas. — Falk foi andando em direção à porta e, em seguida, parou, como se houvesse se esquecido de mencionar alguma coisa. — Espero estar com um excelente humor. Meus oficiais têm um compromisso importante no Café de la Paix esta noite — ele disse, com um sorriso. — Até mais tarde, *Fräulein*.

Horrorizada, Connie acompanhou o alemão com os olhos até que ele saísse da casa, com o coração batendo com força contra o peito. Era a mesma cafeteria para onde ela deveria ir. Tinha que avisar Venetia de que a Gestapo já sabia sobre a reunião. Voltou correndo para o quarto, vestiu seu chapéu e voltou em disparada para a porta. Ao abri-la, estava com um pé na soleira da porta, quando uma mão agarrou seu braço.

— Constance, onde você está indo a esta hora e com tanta pressa? — Ela se virou para Édouard, sabendo que seu rosto traía o pânico que estava sentindo. — Preciso sair agora! É uma questão de vida ou morte! Por favor, você não está entendendo!

— Venha, vamos conversar na biblioteca. Venha e me diga o que a deixou tão aflita.

Puxando-a firmemente de volta para o corredor, de modo que não deixasse qualquer margem para recusa, Édouard fechou a porta do escritório.

— Por favor — Connie implorou. — Não sou sua prisioneira! Você não pode me manter aqui contra a minha vontade. Tenho que sair agora ou pode ser tarde demais!

— Constance, você não é minha prisioneira, mas eu também não posso correr o risco de deixar que saia daqui sem me dizer para onde está indo. Se não me contar, serei forçado a trancá-la em seu quarto. Não pense que suas atividades, como seu encontro com uma “amiga” no Ritz, passaram despercebidos — Édouard disse, com a voz amarga. — Já lhe falei várias vezes que não podemos correr o risco de que qualquer conexão entre esta casa e a Resistência seja estabelecida.

— Sim — Connie confessou, horrorizada ao ver que Édouard sabia do encontro. — A

mulher que encontrei no Ritz treinou comigo na Inglaterra. Ela pediu a minha ajuda. É uma amiga e eu não podia negar.

— Bem, então me diga. Aonde você precisa ir agora à noite? — Édouard repetiu a pergunta.

— Minha amiga me disse, hoje à tarde, que sua rede vai se reunir às vinte e uma horas no Café de la Paix. Falk acabou de me dizer que também sabe a respeito dessa reunião. A Gestapo estará esperando por eles. Eu preciso avisá-los, Édouard. Por favor — Connie implorou. — Deixe-me ir!

— Não, Constance! Você sabe que não posso deixá-la fazer isso. Se você fosse capturada e presa... nós sabemos quais seriam as consequências para as pessoas que vivem nesta casa.

— Mas eu não posso simplesmente ficar aqui enquanto ela está indo para uma armadilha! Lamento, Édouard, mas, seja lá o que você tenha a dizer, eu vou até a cafeteria — Connie exclamou, andando com determinação em direção à porta.

— NÃO!

Édouard a agarrou pelos ombros enquanto ela tentava se desvencilhar, explodindo em lágrimas de frustração quando percebeu que não teria condições de vencer aquela luta física.

— Constance! Acalme-se, por favor, ou serei forçado a lhe dar um tapa no rosto. Você não vai sair hoje para avisá-los — Édouard disse, olhando para ela e suspirando profundamente. — Eu irei.

— Você?

— Sim. Tenho muito mais experiência nesse tipo de situação do que você jamais terá — ele disse, verificando o relógio. — A que horas sua amiga disse que a reunião vai acontecer?

— Às vinte e uma horas. Daqui a uma hora.

— Então, talvez haja tempo de entrar em contato com alguém que possa levar uma mensagem antes que a reunião aconteça — Édouard disse, forçando-se a abrir um sorriso. — Se não conseguir, eu mesmo irei até lá. Você precisa confiar em mim. Prometo que vou fazer tudo o que puder.

— Oh, meu Deus, Édouard! — Os últimos resquícios da força de Connie sumiram, e ela levou a cabeça às mãos. — Perdoe-me por trair sua confiança.

— Conversaremos mais tarde. Preciso sair agora para conseguir chegar lá a tempo. Se qualquer pessoa vier me procurar ou telefonar, diga que estou na cama com uma crise de enxaqueca.

Connie subitamente se lembrou de algo importante.

— Édouard! Falk vai voltar aqui para me levar para dançar às vinte e duas horas!

— Então, é melhor que eu esteja de volta antes disso.

Quando Édouard saiu da biblioteca, Connie deixou-se desabar sobre uma das poltronas e, alguns minutos depois, ouviu o som da porta da frente se fechando.

— Por favor — ela pediu, entrelaçando os dedos enquanto fazia uma prece. — Permita que Édouard chegue a tempo.

Connie sentou-se na biblioteca, montando guarda ao lado da janela para que pudesse ver quando Édouard estivesse se aproximando. A noite não estava fria, mas o medo lhe dava calafrios. O relógio sobre a lareira registrava lentamente o passar de cada segundo e, quando a campainha da porta tocou, Connie se levantou sobressaltada, repentinamente se lembrando de seu compromisso com Falk. Mas não passava das vinte e uma horas. Indo até o saguão, Connie observou Sarah abrir a porta e viu Falk a distância.

— Chegou cedo, *Herr* Falk. Ainda não estou pronta — ela disse.

— Está enganada, *Fräulein* Constance — disse o homem, com um sorriso estranhamente afetuoso. — Eu sou Frederik. Gostaria de saber se a *mademoiselle* Sophia está em casa. Talvez ela tenha lhe dito que partirei amanhã e eu gostaria de me despedir dela.

— Sim, é claro — Connie respondeu, indicando-lhe uma porta. — Ela está na biblioteca. Desculpe-me por pensar que você era Falk. Seu irmão virá aqui mais tarde.

— Por favor, não se desculpe — Frederik disse, confortando-a. — Já aconteceu muitas vezes antes e tenho certeza de que acontecerá novamente — ele disse, cumprimentando-a com

um aceno de cabeça enquanto passava por ela e entrava na biblioteca, fechando a porta.

Ao subir as escadas para se preparar para o martírio que teria que enfrentar mais tarde, Connie perguntou a si mesma se as coisas poderiam ficar piores. Quando terminou de se preparar, voltou a descer as escadas e continuou com sua vigília na sala de artes para que pudesse alertar Édouard sobre a presença de Frederik na casa.

Os ponteiros do relógio marcavam vinte e uma e quarenta e cinco quando Connie ouviu passos nos degraus que levavam à porta da casa. Correndo imediatamente até lá, ela a abriu e Édouard caiu em seus braços. Ofegante, ele conseguiu se pôr em pé com algum esforço e Connie sufocou um grito horrorizado ao perceber o sangue que escorria pelo casaco que ele usava, na altura do ombro.

— Santo Deus, Édouard, você está ferido! O que aconteceu? — ela sussurrou.

— Não consegui chegar a tempo. Quando estava entrando na cafeteria, o lugar já estava cercado pela Gestapo. O caos estava por toda parte, os dois lados abrindo fogo... não sei quem me acertou. Não se preocupe, Constance. O ferimento não é profundo e eu vou ficar bem. Infelizmente, não posso dizer o mesmo de sua amiga.

— Édouard — Connie disse, aflita. — Temos um convidado e você não pode ser visto...

Era tarde demais. Os olhos de Édouard não estavam mais fixos em Connie, e sim em Frederik e Sophia, do outro lado do corredor. Frederik olhava para Édouard com uma expressão de surpresa.

— O que aconteceu, Frederik? — Sophia perguntou, incapaz de ver o ferimento de Édouard. — Está muito ferido, irmão? Não seria melhor levá-lo ao hospital? — ela perguntou, com o pânico transparecendo em sua voz.

— Não, não é nada grave — Édouard conseguiu dizer, com a voz embargada pela dor. — Vou subir para o meu quarto e me lavar.

— Deixe-me ajudá-lo — Connie ofereceu.

— Não. Peça a Sarah que prepare meu banho — Édouard disse, com uma careta enquanto subia as escadas. — Tenho certeza de que estarei bem pela manhã. Boa noite.

Os três observaram Édouard subir as escadas lentamente. Quando ele desapareceu no corredor, a campainha tocou.

— Deve ser o seu irmão — Connie disse, rapidamente pegando o casaco que estava pendurado num gancho perto da porta. — Por favor, não se incomode, *Herr* Frederik. Sophia, nós conversaremos mais tarde. — Connie abriu a porta para que Falk entrasse. Com um belo sorriso no rosto, ela disse: — Estou pronta! Vamos?

Surpreso e satisfeito com aquele entusiasmo, Falk concordou, deu o braço a Connie e os dois desceram até o carro que os aguardava. O motorista abriu a porta para Connie, e Falk entrou no banco traseiro ao seu lado. Ela podia sentir o cheiro pútrido do hálito do alemão, marcado pelo consumo de álcool, como de costume. A braçadeira com a suástica que ele trazia presa ao seu paletó roçou contra a pele exposta de Connie e ela sentiu que Falk plantara a mão firmemente sobre sua coxa.

— Ah, é ótimo poder escapar um pouco do trabalho. Tive um dia cheio — Falk comentou.

— Mas teve bons resultados? — Connie perguntou, esforçando-se para parecer tranquila.

— Indiscutivelmente. Capturamos vinte rebeldes, mas, infelizmente, eles sacaram suas armas e causaram a perda de um bom oficial, que era também um bom amigo. Alguns deles conseguiram fugir, é claro... mas é interessante como eles cospem os nomes de seus comparsas quando os pressionamos da maneira certa. Fique tranquila, pois encontraremos os que escaparam. Mas, agora... — ele disse, dando palmadinhas na coxa de Connie. — Bem, isso é um assunto para amanhã. Esta noite, vários deles estão atrás das grades e eu pretendo relaxar.

Falk estava exultante com seu triunfo. Quando entraram no clube, Connie pediu licença ao alemão, foi até o lavatório e trancou-se dentro de uma das cabines. Sentou-se sobre a tampa do vaso sanitário e colocou a cabeça entre as pernas. Sentia-se incrivelmente fraca e sua respiração estava entrecortada. Connie arfava, esforçando-se para inspirar o ar em golfadas curtas e intensas. Será que tudo estava acabado? Quando Frederik contasse ao seu irmão sobre Édouard, que voltou para casa com um óbvio ferimento de bala, Falk começaria a desconfiar. Frederik já poderia até mesmo ter saído da casa e alertado a Gestapo.

E era sua culpa. Traíra a confiança de Édouard e, ao tentar alertar Venetia, colocou em risco seu disfarce criado com muito esforço, colocando-o irrevogavelmente em perigo.

— Oh, meu Deus, meu Deus! O que foi que eu fiz? — Connie lamentou. E Venetia? Poderia estar entre os poucos afortunados que conseguiram escapar? Ou estava trancafiada numa cela no quartel-general da Gestapo, esperando pelas terríveis sessões de tortura às quais os agentes da SOE e da Resistência eram submetidos? Tudo isso antes de serem enviados aos campos de morte ou, se tivessem sorte, mortos ali mesmo.

Connie saiu da cabine, foi até a pia e jogou água no rosto. Reaplicou seu batom e deu uma bela bronca em si mesma em frente ao espelho. Esta noite, ela sabia que tinha que dar a Édouard, se ainda não houvesse sido preso, todo o tempo que precisasse para se recuperar.

Independentemente do que fosse necessário...

Édouard estava deitado em sua cama, rangendo os dentes com a dor que sentia no ombro. Depois do banho, Sarah limpou o ferimento, aplicou um antisséptico e fez um curativo.

— *Monsieur* Édouard — Sarah disse, desesperada. — Você sabe que o melhor a fazer é ir ao hospital para que esse ferimento possa ser tratado. Não atingiu nenhum órgão, mas a bala penetrou profundamente e talvez haja estilhaços dentro da carne.

— Sarah, você sabe que não posso fazer isso — ele disse, com o rosto contorcido por uma careta, sentindo o antisséptico arder como ferroadas de mil abelhas. — Precisamos fazer o melhor que pudermos aqui. Frederik já saiu da casa?

— Não, ele ainda está na biblioteca com *mademoiselle* Sophia.

Édouard buscou a mão de Sarah.

— Você sabe que tudo está praticamente acabado para mim, não é? Fui visto por pelo menos dois oficiais da Gestapo na cafeteria. E o restante das pessoas desta casa também estará sob suspeita. Eu... — Édouard tentou se sentar, mas voltou a cair sobre os travesseiros, acometido pela dor. — Sarah, como sempre planejamos fazer se estas circunstâncias se tornassem realidade, você deve partir assim que for possível e levar *mademoiselle* Sophia e Constance para o *château*, no sul. A Gestapo pode chegar aqui a qualquer momento.

— *Monsieur*, você sabe que eu não farei isso — ela disse, balançando a cabeça. — Trabalho para esta família há trinta e cinco anos e conheço sua coragem e bravura. Meu

marido foi morto há dois anos por aqueles porcos malditos. Não vou abandoná-lo agora.

— Você deve fazer o que estou lhe pedindo, Sarah, pelo bem de Sophia — Édouard insistiu. — Por favor, se organize para partir assim que puder. Há dinheiro no escritório e documentos de identidade que preparei para todas vocês. Com sorte, vocês conseguirão sair de Paris, mas precisarão conseguir novos documentos antes de cruzarem a linha de Vichy. Entrarei em contato com as pessoas que conheço para dizer que vocês estão a caminho. Eles irão ajudá-la. Eu...

Alguém bateu à porta do quarto.

— Abra. E faça o que eu lhe disse.

Sarah foi até a porta e a abriu. Frederik estava sob a soleira de braços dados com Sophia.

— Sua irmã queria vê-lo, Édouard — Frederik explicou. — Está preocupada com sua saúde, assim como eu. Podemos entrar?

— É claro.

Édouard observou enquanto Frederik, com o mesmo carinho de um pai atencioso, guiou Sophia até a cama e fez com que ela se sentasse.

— Oh, meu irmão, o que aconteceu? — Sophia perguntou, tateando em busca de sua mão, com o medo estampado em seu rosto. — Está muito machucado?

— Não, minha querida. Como eu disse, não é nada grave. Houve uma confusão na rua e eu estava bem no meio.

Édouard sabia que cada palavra que ele dizia poderia ser sua sentença de morte, assim como a de sua irmã. Porém, os olhos de Frederik não estavam focados nele e nem nos pequenos estilhaços de metal que Sarah retirou cuidadosamente do ferimento, e que foram depositados num pires no criado-mudo. Ele olhava para Sophia, cheio de preocupação.

— Sim, ouvi dizer que houve vários conflitos na cidade hoje à noite — Frederik comentou. Naquele momento, o alemão olhou para Édouard e os dois homens se encararam. — Bem, preciso sair agora. Por favor, Édouard, se precisar de qualquer coisa, pode telefonar para a linha direta do meu escritório no quartel-general da Gestapo. Vou deixar o número com

você. — Frederik retirou um bloco de notas e um lápis de dentro do seu casaco e escreveu o número. — Boa noite, Sophia — ele disse. — Cuide bem do seu irmão — ele acrescentou, beijando-lhe a mão carinhosamente antes de cumprimentar Édouard com um aceno de cabeça e deixar o quarto.

Connie conseguiu voltar para junto de Falk, exibindo um sorriso tão falso nos lábios quanto o batom vermelho que os adornava. Falk comia vorazmente, ela mal tocou em sua comida. O alemão perguntou outros detalhes sobre a vida de Connie antes da guerra, sobre sua casa em Saint-Raphaël e seus planos para o futuro.

— Creio que é difícil para qualquer um de nós fazer planos para o futuro até que essa guerra chegue ao fim — ela disse enquanto Falk voltava a servir-lhe vinho.

— Mas o fim é inevitável, não é? — Falk perguntou, com um olhar penetrante que parecia querer invadir Connie.

— É claro — ela respondeu, rapidamente. — Mas até que o povo da França compreenda o que é melhor para ele, há muito perigo no ar.

— Sim, é verdade — Falk concluiu, satisfeito. — E o que me diz sobre seu primo Édouard? É um homem interessante, não acha?

— Ele realmente é interessante — Connie respondeu, em tom neutro.

— Um membro da burguesia francesa, com um histórico familiar que se estende por vários séculos. Uma árvore genealógica repleta de homens de valor, que arriscaram suas vidas para defender o país que amavam.

— A família de Édouard teve muitos homens corajosos — ela concordou.

— E, mesmo assim, Édouard conseguiu jurar lealdade à Alemanha e a seu império crescente. Sempre me perguntei como, e por qual motivo, um homem faria isso — Falk filosofou, com os olhos ainda fixos no rosto de Connie.

— Talvez porque ele veja o futuro da mesma maneira que você — ela disse. — Ele sabe que a velha França não pode sobreviver da maneira antiga e reconhece a superioridade do

regime do *Führer*.

— Preciso admitir que nossos sentimentos direitistas beneficiam homens ricos como ele. Mesmo assim, houve ocasiões em que outros duvidaram que o apoio que ele demonstra à nossa causa seja sincero — Falk suspirou. — Seu nome foi ligado a uma certa organização do submundo e à Resistência Francesa. Claro, ignorei todos esses comentários. Não passam de fofocas.

— Tem razão, Falk. Parece que ninguém em Paris consegue ficar livre de suspeitas. Talvez nem mesmo eu! — Connie disse, com uma leve risada.

— Não, *Fräulein*, eu garanto que seus registros não têm qualquer marca que levante suspeitas. Édouard está em casa esta noite? — Falk perguntou. — Talvez, ao final do nosso encontro, eu possa falar com ele e avisá-lo de que seu nome foi mencionado a mim, ligado a uma atividade recente da Resistência. Afinal, é o mínimo que um amigo deve fazer por outro. Édouard sempre foi um anfitrião incrível para mim e meu irmão.

— É claro que ele estará lá, mas será muito tarde. Tenho certeza de que já estará dormindo — Connie disse, segura de si. — E imaginei que a noite de hoje fosse mais apropriada para relaxar. Não foi isso que você disse? — ela perguntou, inclinando a cabeça de maneira sedutora e abrindo um sorriso.

Os olhos de Falk se arregalaram e ele bateu na mesa.

— Sim! Tem razão. Esta noite está reservada ao prazer. Vamos dançar.

Connie pressionou seu corpo intensamente contra o do alemão enquanto dançavam. Aceitou as carícias que ele fazia, como se realmente as desejasse. Podia sentir a excitação de Falk contra sua coxa quando ele beijou seus lábios com força, sentindo sua língua de lagarto explorando-lhe a boca.

— Vamos a algum lugar onde possamos ficar a sós — Connie sussurrou no ouvido de Falk, desejando afastar a ideia de visitar Édouard.

— Agora mesmo.

Falk chamou seu carro e entrou com Connie no veículo. Depois de bradar seu endereço ao motorista, não perdeu tempo e começou a explorar as partes do corpo de Connie que estavam

ao seu alcance. Parando em frente a um prédio indistinto de apartamentos, a poucos minutos do quartel-general da Gestapo na Avenue Foch, Falk dispensou o motorista, puxou Connie para dentro do prédio e tomaram o elevador até o segundo andar. Ao entrarem no apartamento, Connie foi rapidamente conduzida a um quarto escuro.

— *Mein Gott!* Estou esperando por isso desde a primeira vez que a vi.

Rasgando as roupas que cobriam o corpo de Connie e parando apenas para tirar seu casaco, ele a jogou na cama e abriu o zíper de suas calças. Connie fechou seus olhos com força para conter as lágrimas quando Falk forçou-se para dentro dela, apertando-lhe os seios com força enquanto o fazia. Ela movia seus quadris para cima, em direção a ele para indicar que aquilo lhe dava prazer, esperando que isso fizesse o martírio terminar mais rápido.

Connie o ouvia murmurar impropérios em alemão e sentia o hálito nauseabundo em seu rosto. Suas entranhas secas ardiam com a dor enquanto o alemão continuava a estocar a carne de suas partes íntimas. Quando estava começando a achar que iria desmaiar, Falk soltou um urro e deixou-se cair por cima dela.

Conforme a respiração dele se normalizou, ele se apoiou sobre um dos cotovelos e voltou a olhá-la.

— Para uma aristocrata francesa, você faz sexo como se fosse uma prostituta — ele disse, rolando para o lado e fechando os olhos.

Connie, sentindo uma falsa sensação de segurança, agradeceu a Deus por tudo haver acabado relativamente rápido.

Mas, dez minutos depois, Falk estava acordado. Olhou para ela e começou a se acariciar. Agarrando-a pelos ombros, ele a arrastou por sobre a cama, trazendo-a com rudeza para o chão. Movendo as pernas rapidamente, ele a posicionou entre elas.

— *Herr* Falk! Por favor, eu... — ela não conseguiu falar mais nada enquanto ele a forçava a abocanhá-lo.

— Sua burguesa francesa, acha que é superior a nós — vociferou Falk, segurando a cabeça de Connie com força. — Mas, não. Vocês, mulheres, são todas iguais: vadias e prostitutas!

Conforme a noite se arrastou até se transformar em uma alvorada tímida, Connie foi

submetida a uma série de atos sexuais degradantes e perversos. Durante toda a noite, os insultos de Falk contra as mulheres pareciam não ter fim. Ela chorou, implorou, mas suas palavras não tinham qualquer efeito enquanto ele continuava com os abusos. Num dado momento, quando ele a virou de bruços e invadiu cavidades virginais que não foram criadas para aquele propósito, a agonia foi tão grande que Connie perdeu a consciência.

Ela acordou com uma luz esmaecida que brilhava pela janela e viu que Falk não estava mais no quarto. Com lágrimas escorrendo pelo rosto, ela recolheu suas roupas, cambaleando e sentindo-se desorientada enquanto o fazia, e vestiu seu corpo machucado e ensanguentado. Verificou seu relógio e viu que já passava das seis horas da manhã. Esforçando-se para permanecer em pé, sentindo que seus músculos violados gritavam indignados a cada passo, Connie abriu a porta do quarto. Procurando desesperadamente por uma saída, ela percebeu que estava na sala de estar.

Viu uma fotografia, um dos únicos adornos que havia naquele espaço utilitário. A imagem mostrava uma mulher graciosa, rechonchuda e de aspecto maternal com duas crianças jovens e angelicais, cópias em miniatura de Falk.

Connie cambaleou de volta ao banheiro para vomitar, enxugou o rosto e engoliu um pouco de água da torneira. Em seguida, saiu do apartamento.

CAPÍTULO 23



Quando Connie entrou pela porta da frente da casa dos De la Martinières, Sarah veio recebê-la.

— Ficamos esperando por você. Onde esteve? O que aconteceu? — Sarah perguntou, horrorizada, vendo o estado lastimável em que Connie se encontrava.

Connie não respondeu. Passou pela governanta e subiu as escadas correndo. No banheiro, abriu as torneiras e entrou na banheira, esfregando cada parte de seu corpo até que ficasse quase em carne viva.

No térreo, a campainha tocou novamente. Desta vez era Frederik.

— Preciso conversar com o conde, *madame* — ele disse a Sarah.

— Mas ele ainda está dormindo.

Novamente, Sarah foi ignorada. Frederik subiu pela escadaria, galgando dois degraus de cada vez, e entrou no quarto de Édouard.

Édouard, com os olhos brilhando com a febre de um ferimento que estava infeccionando, olhou fixamente para o alemão quando ele entrou. O medo estava claro em seus olhos. Não conseguiu identificar imediatamente qual dos dois gêmeos estava à porta de seu quarto.

— *Monsieur le comte*, Édouard, peço desculpas por entrar em seus aposentos dessa maneira — Frederik disse, apressado. — Mas vim para avisá-lo de que você e sua família correm grave perigo. Meu irmão suspeita há tempos de que você seja um membro da Resistência. Ele veio ao meu escritório esta manhã e disse que um de seus oficiais o reconheceu quando os membros da rede Psicologia foram presos no Café de la Paix, na noite passada. Ele estará aqui a qualquer momento para prendê-lo, juntamente com sua prima e Sophia. Por favor, *monsieur*, você deve sair desta casa agora — Frederik implorou. — Não há tempo a perder.

Édouard olhava para Frederik, com um misto de surpresa e fascinação.

— Mas... por que está me contando tudo isso? Como posso confiar em você?

— Porque você não tem escolha e porque eu amo sua irmã. — Frederik se aproximou da cama, observando a reação de Édouard. — Veja, o ódio que você sente pela minha raça é justificável, mas há muitos de nós que não tiveram escolha, a não ser tomar parte numa causa na qual não mais acreditamos. E há muitos outros que estão se juntando a nós. Édouard, assim como você, eu usei meu cargo de todas as formas possíveis para minimizar a quantidade de mortes. Também tenho contatos com alguns de seus conhecidos, que lutam para impedir que nossos belos países se transformem num monte de destroços e que suas histórias sejam esmagadas sob o peso das botas do nazismo. Mas este não é o momento para falar sobre isso. Você precisa se levantar e deixar esta casa imediatamente.

Édouard balançou a cabeça negativamente.

— Não posso fazer isso, Frederik. Olhe para mim. Estou doente. As damas precisam partir. Eu seria percebido facilmente e atrapalharia a fuga delas.

— Frederik! — Sophia estava na porta, tentando se aproximar do seu amado. — O que aconteceu?

Ele andou até onde ela estava e a abraçou firmemente.

— Não se preocupe, minha Sophia. Vou me certificar de que você esteja a salvo. Estou dizendo ao seu irmão que esta casa está sob suspeita e que a Gestapo estará aqui a qualquer momento. Vocês devem partir imediatamente, minha querida.

— Sarah já preparou minhas malas. Meu irmão disse-lhe para fazer isso ontem à noite. Estamos prontas, Édouard, você precisa se levantar e se vestir — Sophia o pressionou.

— Meu carro está em frente à casa. Posso levá-los a qualquer lugar que desejem em Paris. Mas nós precisamos partir agora.

— Frederik, tenho certeza de que está se colocando num enorme risco ao fazer isso — Édouard disse, enquanto tentava se sentar. Sem conseguir, voltou a desabar sobre os travesseiros.

— Precisamos fazer o que for possível por aqueles a quem amamos — Frederik disse, ainda abraçando Sophia firmemente.

Sophia se desvencilhou de Frederik e foi até a cama, tateando em busca da mão de Édouard e, em seguida, de sua testa.

— Você está com febre, mas precisa se levantar! Santo Deus, Frederik disse que eles estarão aqui a qualquer momento!

— Sophia, você sabe muito bem que é impossível eu viajar — declarou Édouard, com uma voz calma. — Mas, por favor, acredite, eu vou descobrir uma maneira de alcançá-la. Você terá Sarah e Constance ao seu lado, e eu estarei com vocês assim que puder. Agora, vá!

— Mas não posso abandoná-lo aqui!

— Desta vez, você fará o que eu lhe digo, Sophia! Que Deus a abençoe, minha querida irmã, e eu espero que nos encontremos logo.

Édouard estendeu o braço e beijou-a nas faces, antes de fazer um sinal para Frederik para que tirasse Sophia do quarto. A porta se fechou e Édouard tentou pensar em algum plano com sua mente febril.

De volta ao saguão, Sarah e Connie estavam esperando por eles. Frederik os levou até o carro.

Édouard, esforçando-se para permanecer em pé, os observou pela janela enquanto o carro de Frederik se afastava.

— Para onde devo levá-las? — Frederik perguntou, usando o quepe do seu motorista como disfarce, o que o deixou com uma aparência estranha.

— Estação de Montparnasse. Precisamos ir primeiro à casa da minha irmã para pegar nossos documentos — Sarah disse, a única dentre as três mulheres que estava em condições de responder.

— E depois, para onde irão?

Connie lançou um olhar tão duro para Sarah que ela não se manifestou. Sophia, incapaz de

ver a expressão, disse:

— Viajaremos para o *château* de nossa família em Gassin.

Frederik percebeu o olhar horrorizado de Connie pelo retrovisor.

— Constance, eu sei que é impossível, para você, confiar num alemão. Mas, por favor, acredite que, ao fazer o que estou fazendo, também estou me arriscando, e muito. Seria muito fácil prender vocês três e levá-las direto para o quartel-general da Gestapo. Posso garantir que minhas ações desta manhã não passarão despercebidas. Esta pode muito bem ser a minha sentença de morte.

— Sim — concordou Connie, com os nervos ainda em frangalhos pelo que passara nas últimas horas. — Me perdoe, Frederik. Agradeço por nos ajudar.

— Embora tenhamos o mesmo sangue, sou muito diferente de meu irmão — Frederik continuou. — Tenho certeza de que ele suspeitará que estou ajudando vocês e fará tudo que estiver a seu alcance para convencer outras pessoas sobre as minhas ações traidoras.

Na estação de Montparnasse, as três mulheres desembarcaram do carro. Frederik lhes entregou as bagagens.

— Boa sorte a todas vocês — murmurou, em voz baixa.

Sophia fez menção de tocá-lo, mas ele a impediu.

— Não. Sou apenas o motorista, lembra-se? Mas eu juro, minha querida, que logo irei encontrá-la. Agora, saiam de Paris o quanto antes.

— Eu amo você, Frederik — Sophia disse, apressada, antes de se misturarem à multidão na estação.

— Amo você também, minha Sophia. Com todo o meu coração — Frederik murmurou ao voltar para dentro do carro.



Falk chegou à casa da família De la Martinières, na Rue de Varenne, uma hora depois que as mulheres partiram. Ninguém veio atender à porta após todas as suas pancadas e ele ordenou

que seus soldados a derrubassem. Revistando-a de cima a baixo, ele e seus homens viram que o lugar estava deserto.

Após resmungar alguns palavrões, Falk deixou a casa e retornou ao quartel-general.

Quando entrou no escritório de Frederik, viu que o irmão estava guardando seus documentos numa maleta, preparando-se para viajar.

— Fui até a casa dos De la Martinières para prendê-los. Parece que desapareceram. Como se alguém os houvesse avisado de que os visitaríamos. Como isso aconteceu? — Falk perguntou, com o rosto contorcido pela fúria. — A única pessoa a quem falei sobre minha suspeita foi a você, irmão.

Frederik travou a maleta com um clique.

— É mesmo? Isso é preocupante. Mas, como você sempre diz, aqui em Paris as paredes têm ouvidos.

Falk se aproximou.

— Eu sei que foi você. Por acaso acha que sou idiota? Você faz com que eu pareça um tolo, quando *você* é o traidor da nossa causa! E eu sei que essa não é a primeira vez. É melhor tomar cuidado, irmão — ele disse, por entre os dentes. — Mesmo com todas as ideias e palavras inteligentes que você usa para confundir os outros e fazer com que acreditem em sua lealdade, eu sei quem você realmente é.

Do outro lado da mesa, Frederik encarou o irmão, com olhos tranquilos.

— Então, irmão, é melhor falar o que sabe. Vou me despedir agora. Tenho certeza de que nos encontraremos em breve.

— Diabos! — Falk exclamou. Como sempre, a superioridade tranquila de Frederik irritou o outro irmão até fazê-lo perder a calma. — Você acha que está muito acima de mim, com todos os seus diplomas e doutorados, e os planos que traçou para impressionar o *Führer*. Mas sou eu quem trabalha dia e noite, incansavelmente, pela causa.

Frederik pegou a maleta que estava sobre a mesa e dirigiu-se até a porta. Ele parou e virou-se para o irmão, como se houvesse esquecido de mencionar alguma coisa.

— Não sou eu quem penso estar acima de você, irmão. É você que acredita que está abaixo de mim.

— Eu vou encontrá-los! — Falk gritou, no corredor, depois que Frederik deixou a sala. — E aquela prostituta pela qual você se encantou tanto!

— Adeus, Falk — Frederik suspirou quando o elevador o tirou da linha de visão do irmão.

Falk socou a porta do escritório com toda a sua força.

Édouard acordou de um sono febril. O lugar estava imerso na mais completa escuridão e ele buscou pelos fósforos que trouxera consigo. Acendeu um para olhar o relógio e viu que já passava das três horas, cinco horas depois que ouvira os soldados da Gestapo entrarem na casa, acima do lugar onde ele se encontrava agora. Movimentou seus braços e pernas enrijecidos para alongá-los e seus pés tocaram a parede do outro lado daquele espaço confinado.

O pequeno buraco revestido por tijolos, oculto profundamente no solo, acessado por um alçapão invisível no porão, fora cavado originalmente para proteger seus ancestrais durante a Revolução. Havia espaço apenas para uma ou duas pessoas. Apesar disso, uma lenda dizia que, certa noite, enquanto Paris ardia em chamas acima deles e os aristocratas eram capturados às dúzias e empilhados em carroças para encarar a guilhotina, Arnaud de la Martinières, sua esposa e seus dois filhos se abrigaram ali.

Édouard conseguiu ajoelhar e acendeu outro fósforo para localizar a beirada do alçapão acima de si. Após encontrá-la, usou a pouca força que lhe restava para levantar a prancha de madeira.

Arrastando-se para fora do buraco, deitou-se no chão de pedra úmido do porão, ofegando em agonia. Foi até o armário onde jarros de água estavam guardados para as noites em que as sirenes de ataque aéreo forçavam os membros da família a buscar abrigo ali e bebeu a água em largos goles. Tremendo de frio e suando, ele olhou para o ombro e viu que havia um fluido escorrendo do ferimento que estava manchando a camisa e tingindo o tecido de amarelo. Precisaria de cuidados médicos urgentemente ou a infecção começaria a contaminar seu

sangue. Mas ele sabia que seria impossível. Sabia que a casa estaria sob vigilância, para o caso de alguém retornar. Ele estava preso.

Édouard pensou em sua irmã e fez uma prece para que ela, Sarah e Connie estivessem a caminho de um lugar seguro.

Ele olhou para cima, para o teto escuro do porão, cheio de rachaduras, mas não conseguiu fixar os olhos num ponto específico. Assim, fechou-os outra vez e encontrou conforto no sono que tomou conta de si.

Connie ficou feliz ao perceber que Sarah havia assumido a liderança. Sentadas no vagão da primeira classe, ela fechou os olhos para não ver os rostos dos dois oficiais alemães que estavam sentados à sua frente. Sarah conversava educadamente com eles e Connie estava grata com a presença reconfortante da mulher. Sophia estava em silêncio, com o rosto voltado para a janela enquanto o trem passava pelas regiões industrializadas ao redor de Paris, em direção ao sul. Connie pensou que não importaria se vivesse ou morresse. Na noite anterior, sua própria alma fora violada; fora tratada como um animal, um saco inútil de carne e ossos, degradada além de qualquer noção de humanidade.

Como poderia voltar a olhar Lawrence nos olhos? E para que se submetera a tudo aquilo? Lutou para proteger Édouard, para lhe dar uma noite para fazer os planos de fuga. Mas Édouard ainda estava em Paris, sozinho e ferido. Talvez, neste momento, já estivesse nas garras de Falk, no quartel-general da Gestapo.

— Eu tentei, Édouard — ela chorava, em silêncio.

Exausta, Connie adormeceu enquanto o trem entrava nas planícies do interior da França. Em cada estação, sentia que Sarah ficava tensa a seu lado, com os olhos em alerta em busca de agentes da Gestapo que poderiam ter sido avisados da fuga para o sul. Os oficiais que estavam à sua frente desembarcaram em Le Mans e, embora não houvesse outros passageiros no compartimento, Sarah falava aos sussurros com as duas mulheres sob sua responsabilidade.

— Vamos sair do trem em Amiens e ficar com a minha irmã que mora nas proximidades, onde poderemos comprar novos documentos de identidade. Édouard fez alguns preparativos

ontem à noite e um de seus amigos irá nos encontrar e nos levar para além da linha de Vichy. Seria muito arriscado atravessarmos num dos postos oficiais dos alemães. Com certeza, o coronel Falk já alertou as autoridades sobre nosso sumiço.

Sophia virou o rosto na direção de Sarah, com uma expressão de medo.

— Pensei que estávamos indo para o *château*.

— Iremos para lá, sim — Sarah disse, segurando a mão de Sophia carinhosamente. — Não se preocupe, querida. Tudo está bem.

Horas depois, quando a noite caía, as três mulheres deixaram o trem. Sarah andou confiantemente pelas ruas estreitas da cidade até chegar à porta de uma casa.

— Florence — ela disse, batendo à porta. — Oh, graças a Deus, você está em casa!

— O que está fazendo aqui? Rápido, entre — ela disse, olhando rapidamente para as duas mulheres que acompanhavam a irmã. — E vocês também.

Quando fechou a porta, Florence as levou até uma mesa na pequena cozinha da casa e pediu para se sentarem. Desapareceu por uma porta e voltou em seguida, trazendo uma jarra de vinho, pão e queijo.

— Quem é Florence? — Sophia perguntou, autoritariamente.

— Ela é minha irmã, Sophia — Sarah disse, com felicidade nos olhos. — E esta é a cidade onde eu cresci.

Connie estava sentada à mesa, tomando seu vinho em silêncio e ouvindo a conversa entre as duas irmãs. Seu corpo ainda protestava contra a brutalidade da noite anterior. Forçou-se a engolir o pão e o queijo, e fez o melhor que podia para afastar as imagens horríveis que teimavam em surgir em sua mente.

Florence falava sobre como a Gestapo prendera recentemente um grupo de jovens que viviam na vila e os enviou para fábricas de trabalhos forçados na Alemanha, em retaliação a uma ação da Resistência que explodiu uma ponte ferroviária nas proximidades. Em seguida, Sarah falou sobre Paris e seu patrão, Édouard, cujo destino ainda era desconhecido.

— Pelo menos esta noite vocês estarão seguras aqui comigo — Florence disse, segurando

a mão da irmã. — Mas vamos hospedar suas duas amigas no sótão, apenas para garantir.

Ela olhou para Sophia, que estava sentada à mesa, mas não havia tocado nem no pão nem no queijo que fora servido.

— Perdoe-me, *mademoiselle* De la Martinières, se a acomodação não é como a que está acostumada.

— *Madame*, sou muito grata por você nos dar um teto sob o qual possamos passar a noite, arriscando sua própria segurança. Tenho certeza de que meu irmão irá recompensá-la — Sophia disse, com os olhos cheios de lágrimas, enquanto Sarah a abraçava.

— Sophia, querida, conheço Édouard desde que estava no ventre de sua mãe. Ele conseguirá escapar, tenho certeza. Meu coração sabe disso — ela disse, apontando para o peito.

Mais tarde, Sophia e Connie foram levadas para o sótão. Sarah ajudou Sophia a subir a escadaria íngreme e depois a despiu e a colocou na cama como se ainda fosse uma criança pequena.

— Durma bem, minha querida — Sarah disse, beijando Sophia. — Boa noite, *madame* Constance.

Quando Sarah se retirou, Connie se despiu e não se atreveu a olhar para o próprio corpo. Sabia que havia uma massa de hematomas feios e enegrecidos, e vestiu sua camisola por cima da cabeça. Deitou-se na cama estreita, satisfeita por finalmente poder repousar o corpo dolorido, e cobriu-se com a colcha de retalhos, sentindo a amargura daquela noite de dezembro.

— Durma bem, Sophia.

— Vou tentar. Mas estou com muito frio e não consigo parar de pensar no meu irmão. Oh, Constance, como posso aguentar? Perdi Édouard e Frederik no mesmo dia!

O som das lágrimas tristes estimulou Connie a sair da cama e ir até a de Sophia.

— Abra um pouco de espaço. Vou me deitar com você para aquecê-la. — Sophia fez o que Connie lhe pediu, aconchegando-se nos braços dela. — Nós duas precisamos acreditar que

Édouard está em segurança e que encontrará uma maneira de vir até nós — Connie disse, com uma convicção que não sentia realmente. Após algum tempo, as duas mulheres se deixaram envolver num sono agitado, com os corpos juntos para conseguirem o calor e o conforto necessários.

Édouard viu sua mãe na sua frente. Ele tinha sete anos e ela lhe pedia que bebesse água, pois estava com febre.

— Mamãe, você está aqui — ele murmurou, sorrindo com aquela presença maravilhosa e reconfortante. Em seguida, seu rosto se transformou no rosto de Falk, que vestia um uniforme nazista e apontava uma arma para o centro de seu peito...

Édouard acordou com um sobressalto, resmungando ao perceber o teto logo acima de seu corpo. Precisava desesperadamente de água. A sede que sentia era insuportável. Mas, quando comandou seu corpo para se mover em direção ao armário que guardava os jarros com água, não obteve reação.

Enquanto alternava entre a consciência e a inconsciência, aceitou que a morte não tardaria a chegar. E ficaria feliz com aquilo. Antes de morrer, desejava apenas saber se sua irmã estava em segurança.

— Meu Deus — ele disse, com a voz arrastada. — Leve a mim, mas deixe que ela viva... deixe que ela viva.

E agora, novamente, ele sabia que estava sofrendo de alucinações enquanto sua alma se preparava para deixar o corpo. Um anjo de cabelos negros pairava acima dele, colocando um pedaço de pano deliciosamente frio sobre sua testa e derramando água por entre seus lábios ressecados. Alguma coisa numa colher, com um gosto desagradável, estava sendo forçado para dentro de sua garganta. Engasgou, mas engoliu e voltou a adormecer. O mesmo sonho persistiu interminavelmente enquanto o anjo lhe fazia companhia. Em algum momento, sentiu que o anjo o levantou e levou-o até uma cama, e começou a sentir-se mais calmo, menos febril e mais confortável.

E, outra vez, despertou, vendo que o teto do porão ainda estava sobre sua cabeça, mas não

girava mais ou parecia uma imagem borrada. Pela primeira vez, parecia algo sólido. Édouard pensou que ainda não estava morto, mas estava miseravelmente preso no desespero da vida.

— Não me diga que você está acordado! — disse uma voz de mulher ao seu lado.

Ele virou a cabeça e viu um belo par de olhos verdes. O rosto pálido que os cercava estava emoldurado por cabelos negros. Esse era o anjo com quem ele sonhara. Na verdade, era uma mulher viva e humana, que, de algum modo, conseguira entrar no porão de sua casa.

— Quem... — Édouard pigarreou, tentando encontrar a voz que estava distante. — Quem é você?

— Que nome você prefere? — a mulher respondeu, com os olhos brilhando, como se estivesse se divertindo. — Tenho um número de identificação que posso lhe dar. Meu nome oficial aqui é Claudette Dessally, mas você pode me chamar de Venetia.

— Venetia... — o nome agitava alguma memória distante na mente exausta de Édouard.

— E você, senhor, presumo que seja Édouard, o conde De la Martinières? Proprietário e, atualmente, o único a residir nesta casa?

— Sim, mas como conseguiu chegar até aqui? Eu...

— É uma longa história — Venetia disse, ignorando a pergunta com um volteio da mão. — Podemos falar a respeito quando você estiver mais forte. Por ora, só precisa saber que, quando eu o encontrei, você estava à beira da morte. De algum modo, e sem que as minhas habilidades como enfermeira sejam dignas de nota, consegui salvar sua vida. Acho que é algo de que posso me orgulhar — ela disse, levantando-se para trazer outro jarro de água. — Beba o máximo que puder. Vou tentar esquentar um pouco de sopa nesse fogareiro. Mesmo assim, preciso lhe dizer que as minhas habilidades na cozinha são piores que minhas noções sobre enfermagem!

Édouard tentou se concentrar no corpo esguio da jovem mulher que estava ajoelhada sobre o bico do fogareiro, mas seus olhos se fecharam outra vez.

Mais tarde, quando ele despertou novamente, a mulher ainda estava lá, sentada a seu lado numa cadeira, lendo um livro.

— Olá. — Ela sorriu. — Espero que não se importe, mas subi as escadas e encontrei a biblioteca. As coisas estão bastante tediosas aqui embaixo nos últimos dias.

Édouard postou-se imediatamente em estado de alerta. Tentou se sentar, mas ela o impediu, balançando a cabeça.

— Por favor, relaxe. Garanto que ninguém me viu, embora ainda estejam vigiando a casa. Você tem sorte por eu ser especialmente treinada para esse tipo de ação. Sou uma das melhores — ela anunciou, orgulhosamente.

— Por favor, diga-me quem é você. E como me encontrou aqui — implorou.

— Já lhe disse que meu nome é Venetia e vou explicar tudo se você prometer tomar toda a sopa que eu preparei. Parece que sua infecção desapareceu, mas você ainda está muito fraco e precisa recuperar a força — ela disse, levantando-se para buscar a panela e voltando para a cama. Sentando-se, ela se ocupou levando colheradas de sopa à boca de Édouard. — Sei que ela já esfriou um pouco — comentou, ao perceber que a face de Édouard se contorcia em desgosto. — Eu a aqueci mais cedo, mas você adormeceu antes de tomá-la.

Édouard só conseguiu comer algumas poucas colheradas. Seu estômago reclamava e ameaçava protestar.

— Tudo bem — Venetia disse, deixando a panela sobre o piso de pedra. — Não me dou muito bem com vômito, então vamos deixar a sopa para mais tarde.

— Bem, vai me contar agora como me encontrou? — Édouard implorou, desesperado para saber como aquela mulher salvara sua vida.

— Tenho certeza de que vou aborrecê-lo com os detalhes, mas, por outro lado, se eu não houvesse chegado até aqui, você não estaria conversando comigo agora. Ou com qualquer outra pessoa, por assim dizer — ela acrescentou. — Sou uma operadora de rádio da SOE. Quando a maioria das pessoas da minha rede foi presa, localizei Connie. Nós treinamos juntas em Blighty. Implorei a ela que me deixasse usar este porão para transmitir mensagens urgentes para Londres. E você deveria me agradecer por fazer isso, Édouard. Aconteceu na noite que antecedeu o ataque ao escritório do programa STO, uma ação em cuja organização você estava envolvido, pelo que eu sei — disse, levantando uma sobrancelha. — Enquanto eu

estava aqui, escondi a chave da porta do porão, caso precisasse encontrar um santuário novamente. E, depois da noite no Café de la Paix, quando vários agentes foram capturados, como você já sabe, corri para me esconder aqui. Claro que, ao chegar, percebi que a casa já havia sido revistada. Por isso, decidi ganhar tempo e, quando vi que a patrulha fora da casa havia saído para jantar, pulei a cerca do jardim, abri a porta do porão e encontrei você no chão, meio morto.

Édouard escutava, sem demonstrar surpresa.

— Entendo.

— Não fique bravo com Connie, por favor — Venetia acrescentou. — Ela só estava tentando fazer o trabalho para o qual foi enviada. E, considerando tudo o que aconteceu, e o fato de que nós dois estamos vivos, aqui e agora, ela ter me ajudado acabou sendo algo muito importante.

Édouard estava exausto demais para lhe perguntar outros detalhes. Seu ombro estava dolorido e ele moveu o corpo para tentar encontrar uma posição mais confortável.

— Obrigado por salvar a minha vida — ele disse.

— Deus abençoe o iodo e o fato de que a casa acima de nós está bem abastecida com tudo o que é necessário. Seu ferimento parece estar cicatrizando bem, você deve ter uma constituição física muito robusta. Talvez seja toda aquela comida maravilhosa que você e seus amigos alemães comem. Espero que não se importe, mas assaltei sua geladeira ontem à noite e me refestelei com um maravilhoso *foie gras sarnie*.

— Venetia, tenho certeza de que você entende que os inimigos que recebi para jantar em minha casa nunca foram meus amigos — Édouard disse, enfático.

— É claro que sei. Estou só provocando — ela disse, com um sorriso.

— Sabe, a razão pela qual eu fui até a cafeteria naquela noite foi porque sua amiga, Constance, foi informada por um oficial da Gestapo que os alemães iriam até o lugar. Ela estava insistindo em ir até lá para avisá-la, mas fui eu quem fez isso. Pelo visto, cheguei tarde demais. E fui baleado quando tentava cumprir a missão.

— Bem, essa é nossa situação. Você tentou salvar a minha vida e eu salvei a sua. Estamos

quites — Venetia disse, com um meneio afirmativo de cabeça. — Importa-se se eu fumar?

— Não. — Édouard balançou a cabeça e Venetia acendeu um Gauloises. — Eles ainda estão vigiando a casa?

— Não. Saíram há cerca de duas horas e não voltaram. Os alemães já têm problemas suficientes em suas mãos e não podem perder tempo vigiando pássaros que já fugiram do ninho. Por falar nisso, onde está Constance? — Venetia perguntou.

— Ela partiu com a minha irmã e a governanta na manhã após a batida no Café de la Paix — Édouard explicou. — Eu as mandei para o sul, mas, é claro, não faço a menor ideia de onde estão no momento.

— Qual era o destino delas?

Édouard a encarou.

— Prefiro não dizer nada.

— Oh, faça-me o favor — Venetia disse, sentindo-se insultada com aquelas palavras. — Acho que já ficou claro que estamos do mesmo lado. E, agora, sei exatamente quem você é. A Resistência menciona seu nome com respeito e honrarias. O fato de seu disfarce haver sido descoberto é uma perda muito dura para a causa. E eu peço desculpas por tomar parte nisso. Mas é um tributo à capacidade de mantê-lo por tanto tempo. Por isso, Herói — Venetia enfatizou o codinome de Édouard —, acho que você terá que deixar o país assim que for possível. Tenho certeza de que está no topo da lista das pessoas mais procuradas pela Gestapo neste momento.

— Não posso fazer isso. Minha irmã é cega e isso a deixa extremamente vulnerável. Se a Gestapo conseguir capturá-la e descobrir onde estou... — Édouard sentiu um calafrio percorrer-lhe o corpo. — Não consigo nem pensar no que poderia acontecer.

— Imagino que você as mandou para algum esconderijo, não é?

— Não tivemos muito tempo para discutir os detalhes, mas elas sabem para onde estão indo — suspirou Édouard.

— Bem, sua irmã está em mãos bastante capazes. Constance foi a melhor recruta no

treinamento da SOE — Venetia disse, reconfortando-o.

— Sim. Constance é uma mulher excepcional — Édouard concordou. — E o que você fará, Venetia? Para onde irá quando sair daqui?

— Bem, infelizmente, quando escapei do esconderijo, tive que deixar meu equipamento de rádio para trás. Londres já sabe disso e vão me enviar outro. Recebi instruções de permanecer escondida por algum tempo. Por isso, estou aqui, fazendo algo útil e bancando a enfermeira — ela disse, com um sorriso.

Édouard olhou para Venetia com admiração. Seu espírito de luta continuava inabalável, apesar do perigo que enfrentava.

— Você é uma jovem muito corajosa, e temos sorte por tê-la ao nosso lado — ele disse, com a voz fraca.

— Bem, obrigada, gentil senhor — Venetia disse, piscando os cílios para ele. — Estou somente fazendo meu trabalho. E o que você pode fazer além de rir? O mundo está num estado muito tumultuado. Por isso, tento viver cada dia como se fosse o último da minha vida. Porque é isso que pode acontecer — ela acrescentou. — Tento ver tudo como se fosse uma enorme aventura. — Ela abriu um grande sorriso, mas Édouard conseguia ver o sofrimento em seus olhos. — Bem, sei que dentro de alguns dias você estará forte o bastante para pensar num plano de fuga. Se aceitar, posso tentar envolver meus camaradas numa operação para removê-lo da França. Mas, no momento, como estamos presos aqui, vou dar um pulo no andar superior, pegar outro livro e usar o banheiro. E você precisa de um bom banho, também — ela disse, torcendo o nariz. — Não achei apropriado lhe dar um banho no leito. Quer alguma coisa da casa, Édouard?

— Não, obrigado, Venetia. Tome cuidado lá em cima — ele disse, enquanto ela subia as escadas que levavam até a casa.

— Não se preocupe, tomarei sim — ela respondeu, distraída.

Édouard se recostou na cama, exausto, e agradeceu a Deus pelo fato de, por uma série de coincidências fortuitas, essa mulher extraordinária haver entrado em sua vida e o salvado da morte.

CAPÍTULO 24



Na manhã seguinte, Sarah aconselhou as três mulheres a permanecerem por mais algum tempo na casa da irmã.

— Precisamos esperar pela próxima embarcação que vai cruzar o rio — ela explicou para Connie durante o café da manhã, no dia seguinte. — Agora, *madame* Constance, sugiro que seus novos documentos digam que você é uma governanta da região de Provença. Há algum nome que gostaria de usar?

— Que tal Hélène Latour? — Connie sugeriu, pensando na filha da vizinha de sua tia, com quem brincava na praia quando era criança, em Saint-Raphaël.

— Então Sophia pode ser sua irmã Claudine. Claro, quando chegarmos ao nosso destino, Sophia precisará se esconder. Há muitas pessoas nos arredores do *château* da família que a reconheceriam.

— Os alemães certamente nos encontrariam lá, não é? — Connie perguntou. — Falk sabia de tudo a respeito do *château*.

— Édouard me disse que há um lugar onde podemos esconder Sophia e mantê-la a salvo. Claro, seria melhor se pudéssemos deixar o país imediatamente, porém, com a deficiência de Sophia, a rota de fuga seria árdua demais para ela. Pelo menos no *château* não precisaremos depender de mais ninguém. Casas que eram seguras não o são mais. A Gestapo paga uma boa quantia em dinheiro por informações a respeito de quaisquer vizinhos suspeitos de abrigar pessoas como nós. Então, caso eles venham nos visitar, você e eu mudaremos a aparência nas novas fotografias de nossos documentos — Sarah disse, colocando um frasco de água oxigenada na frente de Connie.

— Você acha que isso é um problema? — Soltou uma leve risada por causa da expressão que Connie tinha no rosto. — Meu cabelo precisa ficar ruivo! E precisamos fazer algo a

respeito das roupas de *mademoiselle* Sophia. São elegantes demais e certamente atrairão a atenção.

Connie a observava, intrigada.

— Sarah, você é realmente uma profissional. Como sabe exatamente o que fazer?

— Meu marido trabalhou com os Maquis por dois anos até que foi capturado e morto pela Gestapo. E eu, é claro, prestei auxílio ao conde em várias missões perigosas. É uma questão de sobrevivência. Quando encontra a necessidade, você aprende rápido o que deve fazer. Agora, molhe seus cabelos antes de aplicar a água oxigenada — ela disse, indicando a latrina nos fundos da casa.

Ao sair da casa com o frasco nas mãos para utilizar a latrina, Connie sentiu-se diminuída. Mesmo com todo o treinamento que recebera da SOE, Sarah, uma simples empregada doméstica, estava muito mais preparada para lidar com a situação do que ela.

Dois dias depois, quando Connie percebeu o terceiro carro de patrulha alemão cruzar a rua estreita nas últimas horas, Sarah veio até ela e disse que iriam partir naquela noite.

— Não posso mais arriscar a segurança de minha irmã — ela acrescentou. — Bem, temos os novos documentos e vamos seguir com a viagem. Já está tudo preparado para esta noite.

— Certo — Connie assentiu, olhando rapidamente para Sophia, apática, sentada à mesa da cozinha. Parecia estar perdida em seu próprio mundo, não contava com qualquer base emocional ou física para lidar com o que estava acontecendo com ela. Connie se aproximou dela e tocou sua mão carinhosamente.

— Vamos partir esta noite, querida, e você logo estará na casa de que tanto falou.

Sophia respondeu com um breve meneio afirmativo de cabeça, emanando uma aura miserável. Estava vestida com trajes de camponesa e um cardigã de lã grossa bege, que acentuava sua palidez. Connie mal a vira comer desde que chegaram e, em mais de uma ocasião, acompanhou-a até a latrina atrás da casa, ficando por perto enquanto a francesa vomitava. Mesmo depois de cruzarem a linha de Vichy, Connie sabia que elas ainda teriam que percorrer centenas de quilômetros até alcançarem o santuário. Connie rezava para que

Sophia conseguisse sobreviver. Era óbvio que ela estava extremamente abalada.

Às dez horas da noite, Connie, Sarah e Sophia se juntaram a seis outras pessoas na margem do Rio Saône. Amontoaram-se numa barca: Connie entrou primeiro e Sarah lhe entregou Sophia cuidadosamente. Quando a barca partiu para completar o curto percurso em direção à outra margem do rio, sob a mais completa escuridão, nenhuma palavra foi dita. Quando chegaram à margem oposta, os passageiros desembarcaram em silêncio e se espalharam imediatamente pelo campo coberto pela geada, desaparecendo na noite.

— Pegue uma das mãos de Sophia e eu pegarei a outra — Sarah instruiu Connie. Sophia, você tem que correr agora. Não podemos ser vistas aqui.

— Mas... para onde estamos indo? — Sophia sussurrou enquanto as duas mulheres a guiavam pelo campo aberto o mais rápido que podiam. — Está tão frio que mal sinto meus pés.

Sarah arfava, seu corpo rechonchudo não estava acostumado a se exercitar, e não desperdiçou o fôlego lhe respondendo.

Finalmente, Connie viu uma luz brilhando ao longe.

Sarah diminuiu o passo conforme o contorno de uma estrutura surgiu à sua frente. A luz que Connie vira vinha de um lampião a óleo pendurado num prego, na parede externa de um celeiro.

— Devemos nos abrigar aqui até que o dia amanheça — Sarah disse, abrindo a porta do celeiro e retirando o lampião do prego que o sustentava para levá-lo para dentro. Em meio à luz fraca, Connie viu os fardos de feno empilhados à sua volta.

— Pronto, chegamos — Sarah disse, conduzindo Sophia até um fardo que estava nos fundos do celeiro e fazendo com que ela se sentasse, ainda ofegante após a corrida. — Pelo menos este lugar é seco e seguro.

— Vamos ter que dormir num celeiro? — Sophia perguntou, horrorizada. — A noite toda?

Connie quase soltou uma gargalhada ao perceber que Sophia estava escandalizada com a

ideia. Sophia era uma mulher que havia se deitado nos melhores colchões, forrados com crina de cavalo, e em travesseiros de pena de ganso praticamente todas as noites de sua vida.

— Sim, e precisamos nos acomodar — Sarah disse. — Agora, deite-se. Vou lhe preparar uma cama quente sobre o feno.

Quando Sophia estava finalmente acomodada sobre o fardo de feno, Sarah se deitou a seu lado.

— Você também precisa dormir, *madame* Constance — ela instruiu. — Temos uma jornada longa e difícil à nossa frente. Mas, antes que eu me esqueça, caso alguma coisa aconteça comigo, fique com isso.

Sarah entregou um pedaço de papel para Connie.

— É o endereço do *château* da família De la Martinières. Quando chegar, vá diretamente à cave que fica dentro dos limites da propriedade. Édouard disse que Jacques Benoit estará à sua espera. Boa noite.

Connie leu o endereço, memorizou-o e, em seguida, acendeu um fósforo e deixou o papel queimar, grata pelo calor efêmero da chama nas pontas de seus dedos. Deixando-se cair sobre o feno e cobrindo-se com ele, Connie cerrou as mãos ao redor dos ombros e orou, pedindo que o dia não demorasse a chegar.



Quando Connie acordou, percebeu que a cama de feno onde Sarah dormira já estava vazia. Sophia ainda dormia profundamente. Ela saiu do celeiro e foi se aliviar. Em seguida, viu que Sarah estava voltando, seguida por um cavalo e uma carroça.

— Este é Pierre, o fazendeiro que vive na propriedade vizinha. Eu o convenci a nos levar até Limoges. É muito perigoso embarcar no trem em qualquer lugar perto daqui — Sarah disse.

Acordaram Sophia e, posteriormente, a colocaram sobre um dos fardos de feno na parte de trás da carroça. O condutor, um francês calado e com o rosto marcado pelo tempo, colocou o cavalo em movimento.

— Conforme a guerra avança, essas pessoas ficam cada vez mais gananciosas — Sarah resmungou. — Mesmo depois de explicar que a jovem sob meus cuidados é cega, ele ainda me cobrou uma fortuna para nos levar a Limoges. Bom, pelo menos tenho certeza de que posso confiar nele.

Connie imaginou que aquela seria uma viagem agradável para fazer no verão, conforme o cavalo puxava a carroça pelos campos da região da Borgonha. Dentro de alguns meses, o solo, que agora se encontrava congelado, estaria cheio de videiras verdejantes. As mulheres viajaram durante quatro horas frias e desconfortáveis até que o fazendeiro parou nos limites da cidade de Limoges e virou-se para elas.

— Vou deixá-las aqui. Não me atrevo a prosseguir além deste ponto.

— Obrigada, *monsieur* — Sarah respondeu, com a voz cansada. As três desceram da carroça e começaram a caminhar em direção ao centro da cidade.

— Estou tão cansada... e fraca — Sophia gemeu enquanto as duas outras, que a ladeavam, suportavam a maior parte de seu peso.

— Não vai demorar muito, querida. Logo estaremos no trem que nos levará a Marselha — Sarah a consolou.

Na estação, Sarah comprou os bilhetes do trem e elas foram até uma cafeteria que ficava logo na entrada. Connie estava feliz por tomar um café quente e mastigar uma baguete, mesmo que amanhecida. Sophia tentou beber o café, mas engasgou e afastou a xícara. Na plataforma, após conduzir Sophia a um banco e fazer com que se sentasse, Sarah se afastou um pouco para conversar com Connie.

— Ela não está muito bem, não é, Sarah? — Connie perguntou, ansiosa. — Faz algumas semanas que ela está assim. Não podem ser simplesmente o choque e as dificuldades que tivemos na viagem.

— Você tem razão. Esses não são os verdadeiros problemas — Sarah respondeu, séria. — Infelizmente, é muito mais grave. Olhe para ela: está tão pálida, frequentemente enjoada... não percebeu quando ela afastou seu café agora há pouco, simplesmente porque não conseguia suportar o cheiro? *Madame*, o que esses sintomas indicam?

Levou algum tempo até que Connie registrasse o que Sarah estava insinuando. Cobriu a boca com a mão.

— Está sugerindo que ela... ?

— Não estou sugerindo — Sarah disse. — Eu *sei*. Lembre-se, eu preciso ajudar a *mademoiselle* Sophia com muitas coisas. E ela não sangra há várias semanas.

— Ela está grávida? — Connie sussurrou, horrorizada.

— Sim, mas não faço ideia de quando isso aconteceu — Sarah suspirou. — Não consigo me lembrar de uma ocasião na qual os dois ficaram a sós por tempo suficiente para... — Sarah deixou a frase no ar, desgostosa. — Mas não duvido que tenha acontecido. Ela apresenta todos os sinais de uma gravidez.

Com peso no coração, Connie sabia *exatamente* quando a oportunidade surgira e foi durante o seu turno de guarda. Mesmo assim, não poderia nem sonhar, mesmo que por um único momento, que Sophia, com seu histórico familiar, poderia ter feito tal coisa. Era tão inocente... Praticamente uma criança...

“Não”, corrigiu-se Connie. Sophia era uma mulher, que tinha os mesmos sonhos e desejos físicos que qualquer outra, e tinha a mesma idade que Connie. Foram as pessoas que moravam no lar dos De la Martinières, incluindo ela mesma, que sempre trataram Sophia como se ela fosse uma criança. Além disso, e o estômago de Connie se revirou ao pensar nas ramificações da notícia que Sarah acabara de revelar, ela sabia que o pai do bebê era um oficial alemão do alto escalão da SS.

— Sarah, imagino que as circunstâncias não poderiam piorar muito.

— De maneira alguma — Sarah concordou. — É ruim o bastante que ela esteja grávida e sem um marido, mas, se qualquer pessoa vier a descobrir a identidade do pai... — Novamente, Sarah deixou a frase no ar, incomodada demais para prosseguir.

— Pelo menos ninguém mais sabe a respeito — Connie a consolou enquanto o trem chegava à estação e elas voltavam para o lugar onde deixaram Sophia.

— *Madame*, você verá que sempre existe alguém que sabe — Sarah suspirou. — E eles dirão o que sabem. Precisamos simplesmente nos concentrar em levar Sophia a um local

seguro para decidirmos o que deve ser feito.

Ao invés do luxo da primeira classe, as três mulheres embarcaram num vagão de terceira classe, apropriado ao *status* inferior. O vagão, com pessoas apinhadas, estava sujo e cheirava a suor. Após alguns minutos, o trem partiu e Connie suspirou aliviada. Cada passo que davam as aproximava do novo santuário.

A cada estação, Connie sentia seu corpo ficar tenso. Havia imensos contingentes de alemães por toda a extensão do percurso até Marselha e as plataformas estavam repletas de soldados nazistas. O vagão não era aquecido e não tinha qualquer conforto, mas Connie percebeu que tanto Sarah quanto Sophia haviam conseguido dormir. Além do medo de ser capturada, toda vez que Connie fechava os olhos, o horror de três noites atrás continuava a lhe assaltar os sentidos.

Na estação que havia antes de Marselha, o coletor de bilhetes passou por entre os passageiros, avisando que os alemães estavam a bordo, verificando os documentos dos passageiros no trem. O coração de Connie batia com força em seu peito enquanto ela acordava as outras para alertá-las. Todos no vagão estavam se preparando para o perigo. O cheiro do medo era palpável. Connie se perguntou, enquanto olhava para aquele grupo diverso de seres humanos, quantos outros passageiros estariam viajando ilegalmente.

Um oficial alemão entrou no vagão e ordenou que todos mostrassem seus documentos. Todos os olhos estavam pousados nele enquanto cada fileira de passageiros era verificada. Sarah, Sophia e Connie estavam na última fileira, e a agonia de esperar até que ele chegasse onde elas estavam parecia não ter fim.

— *Fräulein*, documentos! — Vociferou o alemão para Sarah, que estava sentada no final da fileira.

— É claro, *monsieur* — Sarah respondeu, entregando-lhe os papéis com um sorriso amistososo. Ele examinou os papéis e depois voltou a encará-la.

— Onde estes documentos foram emitidos, *Fräulein*?

— Na prefeitura da minha cidade natal, Chalon.

Ele voltou a examinar os papéis e balançou a cabeça negativamente.

— Estes documentos são falsos, *Fräulein*. Não têm o carimbo correto. Levante-se!

Sarah se pôs em pé, tremendo de medo, e o alemão tirou sua arma do coldre, pressionando-a contra a barriga da mulher.

— *Monsieur*, sou uma cidadã inocente, não pretendo fazer mal a ninguém. Por favor... eu...

— *Aus!* Silêncio! Saia do trem agora!

Enquanto Sarah era escoltada para fora do vagão sob a mira do revólver, ela não se virou na direção de Sophia e Connie. Se deixasse escapar qualquer sinal de que estavam viajando juntas, elas também poderiam ser presas. Alguns segundos depois, o apito do trem soou e a composição voltou a se mover.

Todas as pessoas no vagão estavam olhando para o lugar onde Sarah estivera sentada. Connie segurou a mão de Sophia e apertou-a com força, para avisá-la de que não deveria dizer nada, e deu de ombros, com um olhar desinteressado. A mulher era simplesmente outra passageira que viajava ao seu lado.

Em Marselha, as duas desceram do trem para esperar a conexão que as levaria a Toulon. Connie levou Sophia até um dos bancos da plataforma.

— Meu Deus, Constance! — Sophia exclamou, desesperada. — Para onde levaram Sarah? O que acontecerá com ela?

— Não sei, Sophia — Connie respondeu, tentando manter a calma. — Mas não havia nada que pudéssemos fazer. Pelo menos, eu confio que Sarah não dirá nada a nosso respeito, nem dirá para quem ela trabalha em Paris. Ela ama você e sua família.

— Oh, Constance, ela esteve comigo desde que eu nasci! — Sophia choramingou. — Como vou conseguir viver sem ela?

— Você tem a mim — Connie disse, tocando em sua mão carinhosamente. — Vou cuidar de você. Prometo.

Quando o trem para Toulon chegou, Connie embarcou, apreensiva. Se os documentos de Sarah foram facilmente identificados como falsificações, os que ela e Sophia levavam também seriam. E foi somente por acaso que os documentos de Sarah foram verificados antes e os dela

e de Sophia foram ignorados. Conforme o trem cruzava os campos da Provença em direção à Côte d’Azur, Connie teve que encarar o fato de que o braço protetor de Sarah não estava mais ao seu redor. A segurança de Sophia, assim como sua própria, dependia inteiramente dela.

— Como estamos hoje? — Venetia perguntou, enquanto trazia o café de Édouard e o colocava ao lado da cama. — O leite acabou. E receio que já abri todas as latas de comida que encontrei no armário da cozinha.

— Estou melhor, obrigado, Venetia — Édouard disse, confirmando com um meneio de cabeça.

Nos últimos dias, Édouard não fez muito além de dormir e comer o que Venetia lhe oferecesse para recuperar sua energia. Hoje, entretanto, seu cérebro estava alerta e ele definitivamente sentia que estava pronto para voltar à ação.

— Ótimo — Venetia disse. — Acho que é hora de um banho, então. Um bom banho sempre faz com que nos sintamos mais humanos e faz bem àqueles que têm que dividir o quarto com você — ela disse, torcendo o nariz para enfatizar sua opinião.

— Você acha que é seguro subir ao térreo? — Édouard perguntou.

— Sim, perfeitamente. Além disso, o banheiro fica na parte de trás da casa e as janelas têm persianas. Todas as noites eu me delicieei com um banho à luz de velas. É o paraíso — Venetia disse, espreguiçando-se e sorrindo. — Agora, tome o café enquanto eu preparo a banheira para você.

Uma hora mais tarde, depois de um longo banho, Édouard se sentia realmente renovado. Venetia buscou algumas roupas em seu quarto e fez um novo curativo sobre o ferimento dele.

— Céus, Édouard! — Venetia comentou quando ele descia as escadas de volta ao porão. — Você é muito alto quando está em pé. Agora, acho que terei que sair para a rua, pois a única coisa que sobrou na cozinha foi a comida dos gatos. E, acredite, até mesmo eu tenho alguns limites — ela disse, sorrindo.

— Não. Deixe que eu vá.

— Não seja idiota, Édouard! Sou treinada para me misturar e desaparecer em meio à multidão, enquanto você, *monsieur le comte*, vai chamar a atenção como se fosse um farol no meio de uma noite escura. Deixe comigo. Não vou demorar.

Antes que Édouard pudesse impedi-la, Venetia saiu pela porta do porão. Voltou depois de vinte minutos com duas baguetes frescas. Pela primeira vez, há um bom tempo, ele comeu vorazmente e achou a volta do apetite um bom sinal.

— Fiz contato com a minha rede e eles estão desenvolvendo um plano para tirar você da França assim que for possível — Venetia explicou. — O que acha de uma temporada em Londres? Meus amigos estão em contato com o quartel-general da França Livre¹³, do general De Gaulle. Todos eles gostariam muito de desfrutar de sua companhia e de receber algumas informações. Se conseguirmos levá-lo até lá inteiro, é claro. É uma pena que você seja tão alto... — Venetia acrescentou. — Será muito difícil escondê-lo.

— Mas... e minha irmã, Sophia? E sua amiga, Constance? — Édouard balançou a cabeça negativamente. — Não, não posso simplesmente abandoná-las e escapar sozinho.

— Para ser honesta, Édouard, pelo bem da sua irmã, provavelmente é a melhor coisa que você possa fazer — Venetia afirmou. — Como já lhe contei, você está no topo da lista das pessoas mais procuradas pelos alemães no momento. E todos nós esperamos que sua viagem não demore muito. Os planos para uma invasão dos Aliados estão progredindo bem.

— Gostaria muito que Sophia pudesse ficar aqui em Paris comigo — Édouard suspirou.

— Bem, não há como voltar atrás agora. Consegui enviar uma mensagem para o sul sobre a chegada iminente de sua irmã. Eles vão ficar em alerta e farão de tudo para ajudá-la.

— Obrigado, Venetia — Édouard disse, com uma gratidão sincera. — Eu as enviei para lá, confiante de que poderia alcançá-las em seguida.

— Bem, isso é impossível, não há como negar os fatos. Vi seu rosto em alguns cartazes colados pela cidade quando saí. Você é famoso em Paris, Édouard. É por isso que deve sair da França o quanto antes.

— Isso significa que você assumirá um risco para me ajudar.

— Nada além do que já estou acostumada — Venetia disse, levantando as sobrancelhas e abrindo um sorriso. — Mas é hora de fazer os preparativos para ir embora, antes que nossa sorte acabe. Vamos partir amanhã.

Édouard assentiu, relutante.

— Não preciso dizer que lhe agradeço por tudo o que fez e está fazendo por mim.

— Bem, Herói — Venetia respondeu bruscamente, para esconder sua emoção. — Pelo que me contaram, com todas as vidas que você salvou nos últimos quatro anos, eu diria que é uma honra poder ajudá-lo.

Connie e Sophia desceram muito cansadas do trem na estação de Toulon. Uma chuva inclemente castigava o lugar e o céu estava enegrecido quando saíram da plataforma de embarque. Connie foi até a bilheteria e falou através da grade com o vendedor.

— Com licença, *monsieur*. Quando o próximo trem partirá para Gassin pela via litorânea?

— Amanhã de manhã, às dez horas — o vendedor disse, sem qualquer intenção de demonstrar cortesia.

— Entendo. Sabe se há algum hotel onde poderíamos passar a noite?

— Vire à esquerda. Vai encontrar um lugar na esquina dessa rua — o vendedor disse, olhando para a aparência maltratada de Connie e baixando uma cobertura por trás da grade.

Connie pegou Sophia pelo braço e elas marcharam pela rua até chegarem ao hotel que o balconista havia sugerido, ambas agora encharcadas pela chuva torrencial.

Embora fosse desmazelado, pelo menos o hotel era aquecido. O recepcionista ofereceu um quarto a Connie por um valor que normalmente poderia pagar por acomodações no Ritz, e ela ajudou Sophia, exausta e ensopada, a ir até o andar superior. Uma hora mais tarde, depois que as duas mulheres haviam se lavado e se secado, Connie levou Sophia até o restaurante e fez com que ela se sentasse.

— Estamos quase em casa — Connie disse, tentando reconfortá-la. — Por favor, Sophia, tente comer alguma coisa.

Nenhuma das duas conseguiu comer muito. Connie pensava em Sarah, Édouard e Venetia. Disse a si mesma que deveria ficar feliz por ela e Sophia estarem livres e alojadas num quarto quente e seco. Além disso, ela fora treinada para esse tipo de operação e, finalmente, chegou a hora de provar seu valor. Uma voz interrompeu seus pensamentos.

— Está viajando para longe, *madame*?

Ela se virou e viu um rapaz sentado à mesa ao seu lado, observando ambas com interesse.

— Estamos voltando para casa — Connie respondeu, cautelosamente. — Moramos mais adiante, no litoral.

— Ah, a região da Côte d’Azur! Acho que não há lugar mais belo do que esse na Terra — ele comentou.

— Tem razão, *monsieur*.

— Esteve visitando parentes? — O homem perguntou.

— Sim — Connie disse, tentando conter um bocejo. — E a viagem de volta é longa.

— Qualquer viagem feita nos dias de hoje traz muitas dificuldades. Eu sou engenheiro agrônomo, então viajo por toda parte e vejo muitas coisas... — O homem disse, levantando as sobrancelhas. — Estão viajando desacompanhadas?

— Sim, mas não estamos longe de casa — Connie respondeu, ficando nervosa com tantas perguntas.

— É muito corajoso de sua parte, fazer isso numa época difícil como esta. Especialmente porque percebo que sua companheira... — O homem gesticulou, tapando os olhos com as mãos.

Connie entrou em pânico. O que estava fazendo ali, exposta, sentada num restaurante com a irmã visivelmente cega de um homem procurado pela Gestapo?

— Não, minha irmã não é cega. Ela está simplesmente cansada. Venha, Claudine. Já passou da hora de nos recolhermos — ela disse, permitindo que Sophia se levantasse da mesa sozinha, segurando em seu cotovelo apenas no último momento, antes de deixarem o salão.

— Quem era aquele homem? — Sophia sussurrou, amedrontada.

— Não sei, mas acho que não devemos ficar aqui. Eu...

Quando seu pé tocou o primeiro degrau da escada que a levaria ao andar superior, alguém agarrou seu ombro e Connie quase pulou de susto. Era o homem que havia lhe falado no restaurante.

— *Madame*, eu sei quem vocês são — ele disse, falando em voz baixa. — Não tenha medo, seu segredo está seguro comigo. Um amigo me alertou para o fato de que uma jovem com essas características — ele disse, apontando para Sophia — passaria por aqui e pediu que a ajudasse, junto com as pessoas que a estivessem acompanhando. Vi vocês na estação de Marselha e teria me apresentado antes, mas percebi o que aconteceu com sua amiga no trem. Vim para ajudá-la a chegar em segurança ao seu destino. Conheço muito bem o irmão de *mademoiselle* Sophia.

Connie permaneceu em silêncio, em meio à agonia da indecisão.

— Ele é um herói, *madame* — prosseguiu, com um olhar intenso.

Quando ele usou o codinome de Édouard, Connie assentiu.

— Obrigada, *monsieur*. Somos muito gratas por sua ajuda.

— Amanhã, vou escoltá-las até a casa da *mademoiselle* no litoral. Meu nome é Armand e estou às suas ordens. Boa noite.

— Podemos confiar nele? — Sophia perguntou, deitando-se na cama alguns segundos depois.

Se a Gestapo não chegasse até a manhã seguinte, então Connie sabia que poderiam confiar no homem. Mas não disse isso a Sophia.

— Sim, acho que podemos. Seu irmão, com todos os contatos que tem na Resistência, deve ter enviado algumas mensagens aos seus aliados.

— Gostaria de saber quando Édouard vai conseguir se juntar a nós — Sophia suspirou. — Oh, Constance... não consigo parar de pensar no que aconteceu com a pobre Sarah. O que podemos fazer?

— Temos que ter esperança de que ela será interrogada, depois liberada e que voltará a

nos encontrar. Durma agora, Sophia, e saiba que, amanhã, estaremos num lugar seguro.

Na manhã seguinte, após um café da manhã com pão fresco e até mesmo um *croissant* recém-saído do forno, Connie sentiu-se relativamente renovada. Armand lhe fez um sinal do outro lado do restaurante enquanto tomava seu café, depois se levantou e olhou para o relógio.

— Foi um prazer conhecê-la, *madame*. Vou partir agora e irei até a estação para pegar o trem que segue pela via do litoral — ele disse, com um sorriso, antes de deixar o restaurante.

Alguns minutos após a saída de Armand, Connie guiou Sophia pela rua em direção à estação e Armand a cumprimentou com um toque em seu chapéu quando as viu chegar. Depois de comprar dois bilhetes e de levar Sophia até um banco na plataforma, Connie viu que Armand estava lendo um jornal tranquilamente. A pequena composição se aproximou e todos os passageiros se amontoaram ao redor das portas do vagão, numa atitude muito diferente da que o povo britânico teria. Conduzindo Sophia até o trem, Connie fez com que ela se sentasse na janela. Procurou por Armand, mas o francês obviamente desaparecera no segundo vagão.

A jornada até Gassin levou pouco mais de duas horas. Connie olhava para as várias vilas litorâneas que, durante o verão, ficavam ao redor do mar azul-escuro. Agora, no início de dezembro, as ondas que quebravam na costa eram de um tom de cinza tristonho. Connie estava tremendo de frio e esperava encontrar calor quando chegassem ao *château*.

Felizmente, a viagem de trem não teve qualquer complicação e elas desembarcaram na estação de Gassin em meio a uma forte chuva. Quando o trem voltou a seguir seu caminho e o pequeno número de passageiros se dispersou, apenas elas e uma carroça puxada por uma mula aguardavam pacientemente por mais instruções. Alguns minutos depois, Armand surgiu na estação, empurrando duas bicicletas. Connie olhou para ele, horrorizada.

— *Monsieur*, creio que entende que Sophia não tem condições de pedalar uma bicicleta. Que tal usarmos a carroça? — Ela sugeriu.

— Charlotte, a mula, leva as cartas até a vila de Gassin, no alto do morro — Armand disse, olhando para o animal com carinho. — Mas seu desaparecimento poderia alertar os aldeões sobre a presença de Sophia.

— Tenho certeza de que ela não diria nada.

— Charlotte certamente é digna de confiança — ele disse, com o início de um sorriso aparecendo em seu rosto enquanto ele e Connie se divertiam com o absurdo daquela ideia. — Mas não posso dizer o mesmo sobre o dono dela, o carteiro. O *château* fica a cinco minutos daqui se usarmos as bicicletas. Basta que Sophia segure firme em mim.

— Não! — Sophia estava escandalizada. — Não posso fazer isso.

— *Mademoiselle*, é o que você tem que fazer — ele disse, olhando para Connie. — Bem, pegue isso — Armand disse, entregando-lhe a pequena mala de Sophia, e ela a colocou na cesta da bicicleta. — E ajude-me a fazer com que a *mademoiselle* suba na bicicleta.

— Por favor, não me obrigue a fazer isso! — Sophia implorou, chorosa.

Encharcada com a chuva, Connie perdeu a paciência.

— Sophia, pelo amor de Deus! Suba logo ou vamos todos morrer de pneumonia.

A rispidez na voz de Connie silenciou os protestos de Sophia, e os dois a ajudaram a montar na traseira da bicicleta.

— Coloque os braços ao redor da minha cintura e segure firme — Armand a instruiu. — Isso. Vamos lá!

Armand pedalava pela estrada esburacada com Sophia agarrada a ele com todas as suas forças. Connie o seguiu e, vários minutos depois, enquanto os pingos da chuva escorriam pelos cabelos tingidos de louro, Armand saiu da estrada principal. Alguns metros após entrarem na via secundária, ele parou para deixar que Connie o alcançasse.

— Pronto, *mademoiselle*. Seu primeiro passeio de bicicleta! — disse, ajudando Sophia, trêmula, a descer do veículo, indicando a Connie que fizesse o mesmo. — Precisamos caminhar a partir desse ponto, pois a trilha é difícil demais para as bicicletas. Estamos entrando pelos fundos do *château*, por uma rota que vai nos levar aos vinhedos e diretamente à cave. A boa notícia é que não cruzamos com ninguém desde que deixamos a estação — ele disse enquanto conduzia Sophia na trilha esburacada e lamacenta. — A chuva estava do nosso lado.

— Já chegamos? — Sophia perguntou.

— Quase. Chegaremos na cave em alguns minutos — ele disse para reconfortá-la.

— Graças a Deus! — Sophia exclamou, ofegando com o medo e a exaustão.

— Jacques está esperando por vocês — Armand disse.

O som daquele nome pareceu acelerar os passos de Sophia. Uma estrutura grande e bem cuidada apareceu em seu campo de visão, e Armand abriu as enormes portas de madeira do lugar. Connie tinha vontade de chorar de alegria quando conseguiram sair da chuva.

O interior da estrutura era um espaço vasto e escuro, preenchido pelo cheiro da fermentação das uvas. Imensos tonéis de carvalho estavam colocados contra as paredes e uma figura apareceu numa das portas que ficava entre dois daqueles artefatos.

— Sophia? É você? — sussurrou uma voz por entre as sombras.

— Jacques! — Sophia estendeu seus braços finos e infantis, e um homem alto e corpulento, com cerca de quarenta anos, com o rosto marcado por rugas e bronzeado pelo trabalho sob o sol, aproximou-se dela.

— Minha Sophia! Graças a Deus, você está bem! — O homem a abraçou com força contra o peito forte e Sophia chorou em seu ombro. Ele acariciou seus cabelos encharcados e sussurrou carinhosamente em seu ouvido.

— Não se preocupe, Jacques está aqui com você, agora. Vou cuidar de você.

Connie e Armand observaram a demonstração de afeto em silêncio. Em seguida, Jacques olhou para eles.

— Obrigado por trazerem essa menina para casa — ele disse a ambos, com a voz embargada pela emoção. — Achava que ela não conseguiria chegar até aqui. Alguém os viu chegar?

— Jacques, não conseguíamos enxergar dois centímetros à nossa frente debaixo de toda essa chuva — Armand riu. — Não poderia haver uma ocasião melhor.

— Ótimo. Bem, senhoras, a lareira da minha casa está acesa e vocês duas precisam trocar essas roupas molhadas — Jacques disse, removendo seus braços do corpo de Sophia e aproximando-se de Armand. — Obrigado, meu amigo. Tenho certeza de que o conde nunca se

esquecerá do que fez por ele.

— Não fiz quase nada. É a essa dama que você deveria agradecer — Armand indicou Connie.

— Onde está Sarah, a governanta de Sophia? — Jacques perguntou a Connie.

— *Monsieur*, eu...

— Sarah foi presa pouco antes de chegar a Marselha — Armand interrompeu.

— Quem é esta, então? — Jacques perguntou, encarando Connie com desconfiança.

— Uma amiga de confiança do conde, e é uma de nós. Não tenho dúvida de que a própria Constance vai explicar tudo em seu devido tempo — Armand lhe explicou.

— Certo — Jacques aceitou a ideia, mais calmo. — Venha, Sophia, você precisa se aquecer. Sei que receberemos mais notícias suas em breve — ele disse, indicando Armand com um meneio de cabeça.

— É claro. Adeus, *madame* Constance. Tenho certeza de que não será a última vez — Armand disse com um sorriso amistoso.

— Muito obrigada por sua ajuda — Connie disse, sinceramente. — Ainda viajará por muito tempo?

— Esse não é o tipo de pergunta que se deve fazer em tempos como estes. Tenho muitos lares — ele disse, piscando o olho. Em seguida, levantando a gola da jaqueta encharcada para cobrir suas orelhas, Armand deixou a vinícola.

— Siga-me — Jacques disse para Connie enquanto conduzia Sophia por entre os imensos tonéis até outra porta. Ao abri-la, levou-as a uma cozinha bem arrumada, e um calor abençoado tomou conta de Connie ao entrar numa pequena sala de estar com algumas toras de lenha queimando na lareira.

— Vou subir e buscar roupas secas para vocês. As que trouxeram na bagagem estarão tão encharcadas quanto as que estão usando agora — Jacques disse, indicando a mala de couro, que havia deixado uma poça no piso de pedra.

— Oh, Constance! — Sophia exclamou enquanto tirava seu casaco e o entregava a ela. —

Nunca me senti tão bem só por ter chegado ao destino de uma viagem!

— Sim, a viagem foi terrível. Mas estamos em segurança agora, Sophia, e você pode descansar.

Jacques desceu as escadas com duas camisas grossas de lã de carneiro e dois blusões de lã.

— Estas terão que servir por ora — ele disse, resmungando, enquanto entregava um pedaço de pano para que elas pudessem secar os cabelos ensopados. — Vou fazer café e preparar um pouco de comida enquanto vocês se trocam — ele disse ao deixar a sala, fechando a porta.

— Fico me perguntando por que Jacques não nos leva até o *château* — Sophia disse enquanto Connie a ajudava a despir o restante das roupas molhadas. — Tenho um armário cheio de roupas limpas lá.

Connie, sem saber onde o *château* ficava ou quais eram os planos traçados para elas, deu de ombros.

— Tenho certeza de que ele achava que o mais importante era ter certeza de que você está bem, seca e aquecida.

— Sim, e estou muito feliz por estar aqui. O *château* é meu lugar favorito em todo o mundo — Sophia disse enquanto seus dedos tateavam pelos botões da camisa de Jacques, que lhe caía pelo corpo até os joelhos.

— Agora, sente-se aqui ao lado da lareira e seque seus cabelos — Connie disse enquanto se despia e organizava a pilha de roupas molhadas, que precisariam ser torcidas numa pia antes de serem colocadas em frente ao fogo para secar. Jacques ressurgiu da cozinha, trazendo uma bandeja com café e colocou-a sobre a mesa de centro.

Connie tomou o café em silêncio, escutando Sophia conversar com Jacques. Ela perguntava a ele sobre os trabalhadores da vinícola.

— Infelizmente, Sophia, sou o único que resta. Todos os outros homens partiram para lutar na guerra ou foram mandados à Alemanha para trabalhar nas fábricas de armamentos. Eles me deixaram aqui na cave porque o álcool que eu produzo serve como combustível para seus

torpedos. Há uma fábrica que faz centenas deles a poucos quilômetros daqui. Da última vez que vieram me visitar, eu disse que não podia lhes dar o que precisavam. Disse que eles mesmos bebiam demais e que meu estoque havia terminado — Jacques disse, com um brilho nos olhos. — É claro que eu estava mentindo.

— Mas eu achei que houvesse poucos alemães aqui — Sophia disse. — Achei que este lugar fosse seguro.

— Infelizmente, muita coisa mudou desde a última vez em que você esteve aqui — Jacques suspirou. — Todos vivem com medo, como em Paris. Houve uma execução pública na pista de corridas de La Foux, perto de Saint-Tropez, há poucas semanas. Os alemães fuzilaram quatro membros dos Maquis, dos quais nosso bravo amigo Armand é membro. São tempos difíceis e todos nós precisamos ter muito cuidado.

— Mas e o *château*? A governanta? As arrumadeiras?

— Todas se foram. O *château* está fechado há dois anos.

— Mas quem irá cuidar de nós enquanto estivermos vivendo lá?

Jacques segurou a mão de Sophia.

— *Mademoiselle*, vocês não irão morar no *château*. É perigoso demais. Se Édouard conseguiu escapar, será o primeiro lugar em que virão procurá-lo. E, se eles a encontrarem lá, certamente irão prendê-la e levá-la para ser interrogada. Afinal, vocês estavam vivendo sob o mesmo teto quando seu irmão levava sua corajosa vida dupla.

— Mas eu não sei de nada — Sophia disse, entrelaçando os dedos, em desespero. — O que eles podem querer comigo? Além disso, eu nem sei se o meu pobre irmão está vivo ou morto!

Connie percebeu o quanto Sophia fora protegida por Édouard. Em termos de privação física, nada havia mudado para Sophia nos últimos quatro anos. Ainda vivia a mesma vida confortável que tinha antes do início da guerra. Os tecidos finos, com os quais a indulgência do seu irmão e a riqueza da família sempre a envolveram, acabaram por blindá-la de qualquer perigo que pudesse haver enfrentado.

— Sophia, minha querida, você precisa entender que não pode ser vista aqui. Seu irmão

não lhe explicou? Ele não a enviou para o *château* para morar nele abertamente. Você seria capturada pelos alemães assim que eles tomassem conhecimento de sua presença — Jacques explicou, novamente. — Não, ele a enviou até aqui porque sabe, assim como eu, que há um esconderijo seguro que você pode usar até que a guerra termine. E não terá que ficar lá por muito tempo, garanto para você.

— Onde fica esse esconderijo? — Sophia perguntou, com medo.

— Vou lhe mostrar mais tarde, depois que comermos. Em relação à *madame* Constance, ela passará a morar nesta casa, comigo. Diremos que ela é minha sobrinha, caso alguém pergunte.

— Tem certeza de que não é melhor eu seguir meu próprio caminho? — Connie sugeriu. — Talvez Armand possa me ajudar a entrar em contato com uma rede local e eu posso voltar à Inglaterra. Eu...

— Mas quem cuidaria das necessidades da *mademoiselle* Sophia? — Jacques perguntou, horrorizado com a sugestão de Connie. — Como homem, há algumas coisas que eu não tenho condições de fazer — disse constrangido. — A presença dela aqui nunca poderá ser descoberta. Não posso simplesmente ir até a vila para contratar alguém. Não confio em ninguém.

— Constance, não me abandone aqui! — Sophia exclamou. — Não vou conseguir sobreviver sozinha. Você sabe disso. Por favor, você precisa ficar comigo — suplicou, procurando pela mão de Connie.

E, mais uma vez, qualquer ideia que tinha de se afastar da família De la Martinières desapareceu no ar. Connie pegou a mão de Sophia e, resignando-se, assentiu.

— É claro que não vou abandoná-la, Sophia.

— Obrigada — Sophia disse, sentindo-se aliviada, e Connie percebeu que a francesa instintivamente pousou uma mão protetora sobre o ventre ao dizer aquilo. Sophia voltou a encarar Jacques. — O esconderijo fica aqui? Nesta casa?

— Não, isso seria impossível. Os alemães vêm aqui com frequência, sempre que têm vontade de encher suas barrigas com o vinho e seus torpedos com o álcool que a vinícola

produz — Jacques disse, com um longo suspiro. — Como disse, vou levá-la até lá depois que comermos.

Connie ficou satisfeita ao perceber que Sophia comeu todo o cozido de feijões e legumes que Jacques preparou.

— De repente, fiquei com tanta fome — Sophia disse, sorrindo. — Deve ser o ar da Provença.

Connie levou Sophia de volta à cadeira em frente à lareira e fez com que se sentasse. Ela bocejou.

— Estou com tanto sono, Constance... Quase não consigo manter os olhos abertos.

— Então, feche-os — Connie sugeriu.

Quando teve certeza de que Sophia adormecera, Connie foi até a cozinha da casa e ajudou Jacques a lavar as panelas e os pratos. O rosto de Jacques tinha uma expressão grave enquanto ele guardava os pratos no armário.

— O lugar onde Sophia terá que se esconder não será de seu agrado, embora eu tenha tentado deixá-lo o mais confortável possível. Talvez a única vantagem seja o fato de que Sophia não consegue ver luzes em sua vida — Jacques suspirou. — Para qualquer humano que consiga enxergar, eu acho que realmente seria um destino pior do que a morte. Vamos esperar que não demore muito até que a guerra termine e que Sophia possa estar livre.

— Que todos nós possamos estar livres — Connie murmurou consigo mesma, em inglês.

— Ela deve ser levada para lá assim que for possível. Não mencionei isso na frente dela, mas a Gestapo esteve aqui ontem, fazendo uma busca em toda a cave e no *château*.

Provavelmente receberam notícias sobre o desaparecimento de Édouard. Mesmo assim, eles nunca encontrarão o lugar onde ela ficará escondida — ele disse, reconfortando-a. — E você, *madame*? Como acabou se tornando a governanta de Sophia?

— Bem, eu...

Jacques percebeu a incerteza nos olhos dela.

— *Madame*, minha família administra a vinícola da família De la Martinières há duzentos anos. Édouard e eu crescemos juntos, desde pequenos. Ele era o irmão que eu sempre desejei ter. Nós dois compartilhamos os mesmos sonhos para nosso país. Como você viverá sob o meu teto durante algum tempo, acho que pode confiar em mim.

— Sim — Connie disse, respirando fundo e relatando sua história. Jacques escutou calmamente, sem desviar os olhos do rosto da inglesa.

— Portanto, você é uma agente de elite, cujos talentos, até agora, estavam sendo desperdiçados — ele concluiu. — É uma pena. Mas, pelo menos, se a Gestapo voltar aqui e encontrá-la comigo, não estarei lidando com uma amadora. Provavelmente eles têm uma fotografia sua em seus arquivos, não é?

— Provavelmente não. Além disso, minha aparência está bem diferente agora. Descolori os cabelos.

— Ótimo. Amanhã vou pedir novos documentos para você, dizendo que você é minha sobrinha e que veio de Grimaud para me ajudar a engarrafar o vinho e a cuidar da casa. O que acha? — Jacques perguntou.

Connie imaginou quantos nomes falsos ainda teria que utilizar antes de deixar a França.

— É claro, Jacques. Se você acredita que isso será o melhor a fazer, eu concordo.

— Felizmente, no seu caso, você poderá ficar com o quarto ao lado do meu, no andar de cima — Jacques prosseguiu. — É horrível que Sophia não possa desfrutar das mesmas acomodações, mas você precisa entender, *madame* Constance, que se a Gestapo decidisse chegar aqui no meio da noite, sua cegueira nos impediria de escondê-la. E eu jurei ao irmão dela que a manteria a salvo. Ela, e nós, devemos fazer o que for necessário.

— É claro. Além disso, receio que há algo que você deva saber — Connie comentou. Ela decidiu contar a ele toda a verdade sobre Sophia. — Ela está grávida.

O rosto de Jacques demonstrou todo tipo de emoção ao ouvir aquele comentário, e o último foi uma expressão de horror.

— Como? Quem fez isso? Édouard já sabe?

— Não. Na verdade, Sophia ainda não me contou. Foi Sarah, a governanta, quem confirmou. Ela a conhece intimamente. E isso, *monsieur*, não é o pior — Connie disse, respirando fundo. — O pai é um oficial alemão do alto escalão da SS.

Aquela última informação fez com que Jacques caísse num silêncio profundo.

— Lamento ter que lhe dizer isso — Connie disse, percebendo o choque do francês.

— Minha pequena Sophia... Eu simplesmente não consigo acreditar — Jacques disse, balançando a cabeça negativamente. — E eu pensava que o único perigo eram os alemães. Mas, se alguém souber que o pai do filho de Sophia é um oficial da SS, ela sofreria a ira de toda a França. Há algumas semanas, uma mulher que as pessoas sabiam estar dormindo com o inimigo desapareceu durante a noite da casa onde morava, na vila que fica aqui perto. Seu corpo foi encontrado numa praia mais adiante, no litoral. Ela foi espancada até a morte e seu corpo foi jogado no mar — Jacques disse, desconsolado. — *Madame*, a situação não poderia ser pior.

— Eu sei — Connie respondeu, preocupada. — Mas o que podemos fazer?

— Tem certeza de que ninguém mais sabe a respeito do caso que ela tinha com esse oficial? Ou das consequências desse relacionamento?

— Sim, tenho certeza.

— Graças a Deus — Jacques suspirou. — É assim que as coisas devem permanecer, então.

— Talvez tudo que eu possa dizer é que Édouard me disse, certa vez, que gostava do homem em questão. Que, se a vida fosse diferente, eles poderiam até ser amigos. Frederik nos ajudou a escapar de Paris — Connie acrescentou. — Acredito que ele seja um bom homem.

— Não! — Jacques negou com a cabeça, veementemente. — Ele é um alemão e violentou nossa terra e nossas mulheres.

— Eu concordo, mas, às vezes, o distintivo que você é obrigado a usar não indica, necessariamente, o tipo de pessoa que você é. Ou a quem você realmente é leal — ela suspirou. — Portanto, é essa a situação.

— Então é ainda mais importante que Sophia continue escondida. E, mesmo assim, não sei dizer quais serão as consequências para ela quando esta guerra finalmente chegar ao fim — Jacques declarou, com a voz grave. Balançou a cabeça negativamente mais uma vez e levou a mão à testa. — Você precisa entender que eu a amo como se fosse a minha própria irmã. Não suporto pensar que... — Ele estremeceu e balançou a cabeça. — A guerra nos transforma em tolos, de várias maneiras. E agora, arruinou a vida de uma bela jovem. Não cabe a mim tomar a decisão sobre o futuro dela, mas, mesmo que seja mãe solteira, ela terá dificuldades. Vamos esperar que Édouard sobreviva à caçada que os alemães estão empreendendo contra ele e que, mais uma vez, seja capaz de assumir as rédeas da vida de Sophia. Por enquanto, você e eu teremos que fazer o que pudermos para protegê-la.

Mais tarde, naquela mesma noite, Jacques levou Sophia de volta à ave onde os imensos tonéis de vinho, construídos com madeira de carvalhos russos, descansavam, com seus seis metros de altura, para proteger e estimular a fermentação do líquido em seu interior.

Jacques parou em frente a um tonel perto dos fundos da cave. Em seguida, postou-se sobre uma pequena escada em frente à imensa torneira, removeu-a e entrou no tonel. Enquanto Sophia e Connie esperavam, ouviram o som de tábuas se movendo dentro da estrutura. Finalmente, a cabeça de Jacques apareceu pelo buraco.

— Você terá dificuldades para entrar aqui, *mademoiselle* Sophia, mas não se preocupe. Estarei aqui para ajudá-la. *Madame* Constance, pode ajudá-la a entrar aqui e depois juntar-se a nós?

— Nós vamos entrar no tonel de vinho? — Sophia disse, confusa. — Não vou ter que me esconder aí nas próximas semanas, não é?

— Pegue a mão de Jacques e ele a ajudará a passar pela entrada — Connie insistiu enquanto ajudava Sophia a subir a escada e entrar no barril, como Jacques fizera. Sophia desapareceu no interior enegrecido do barril e Connie conseguiu ouvir Jacques falando gentilmente com ela.

— Agora é sua vez, *madame* Constance — sua voz ecoou pelo interior da estrutura. Connie subiu a escada e repetiu o mesmo processo. Quando olhou para dentro do barril, viu que três das tábuas em sua base foram removidas. Sophia e Jacques, que segurava um lampião,

estavam no meio da escuridão sob o barril. Ela se enfiou pelo buraco e logo estava ao lado deles.

— Sigam-me — Jacques disse, agarrando Sophia com uma mão e segurando o lampião com a outra.

Connie se agachou enquanto tentava se esgueirar pela passagem estreita, agradecendo a Deus pelo fato de que Sophia era cega e estava acostumada com a escuridão intensa. O túnel, não era muito mais do que isso, parecia se estender indefinidamente. Apesar de não ser claustrofóbica, até mesmo Connie ficou abalada quando Jacques alcançou uma porta baixa e a destrancou. Os dois entraram num quarto pequeno, o qual, como Connie percebeu, tinha uma janela pequena e era cercada por grades instaladas na parede de tijolos. Quando os olhos de Connie se ajustaram à escuridão, ela viu que havia uma cama, uma poltrona e uma cômoda. Havia até mesmo um colchão colocado sobre o chão de pedras ásperas.

— Onde estamos, Jacques? — Sophia perguntou, segurando no braço do homem com força enquanto ele a fazia se sentar na poltrona. — Está muito frio aqui e sinto um cheiro horrível de umidade.

— Estamos no porão do *château* — Jacques disse. — A porta ao lado leva até a adega. Você estará segura aqui, Sophia.

— Quer dizer que terei que ficar aqui embaixo? Neste lugar frio e úmido? E passar por aquele túnel imenso sempre que quiser sair do meu quarto? — O pânico começava a dominar o rosto de Sophia. — Você não pode me deixar aqui embaixo, Jacques, por favor!

— *Mademoiselle* Sophia, desde que ninguém a veja entrando no *château* pelas portas da casa, é claro que você pode subir as escadas, já que todas as janelas e as venezianas estão fechadas. E, talvez, dar um passeio no jardim murado, onde ninguém poderá vê-la. Mas, para sua própria segurança, e, certamente, durante os próximos dias, é aqui que você tem que ficar.

— Mas e quando eu precisar me lavar? — A voz de Sophia estava próxima da histeria. — E todas as outras coisas que uma dama precisa fazer?

Jacques abriu uma porta e iluminou o interior com o lampião.

— Há instalações adequadas aqui.

Connie olhou para dentro do pequeno cômodo e viu um pequeno lavatório junto a uma torneira. O lampião que Jacques trazia subitamente se apagou, e os três ficaram imersos na escuridão total.

“Este é o mundo de Sophia”, Connie pensou enquanto Jacques se esforçava para reacender o lampião. E, por ora, olhando ao redor da sala que formaria sua prisão, sentiu-se grata por Sophia não conseguir ver nada.

— Não posso ficar aqui sozinha! — Sophia protestou, entrelaçando os dedos. — Não posso!

— Você não tem escolha — Jacques disse com rispidez. — Durante o dia, como eu disse, você poderá sair, mas, durante a noite, não poderemos nos arriscar.

— Connie! — Sophia disse, estendendo a mão para tentar encontrá-la. — Por favor, não me deixe aqui. Eu lhe imploro! — ela gritava, em desespero.

Jacques ignorou os apelos de Sophia e continuou.

— Também mostrarei a você, *madame* Constance, como chegar até o *château* a partir deste quarto. A pessoa que projetou este cômodo era inteligente. Há duas saídas. — Ele foi até a parede do outro lado do quarto e girou uma chave na fechadura de uma porta pequena. Ao abri-la, Connie viu que havia uma imensa adega. Jacques a levou até o final do cômodo e indicou uma escada. — Estas vão levá-la diretamente até os fundos do *château*. Desde que nunca abra as janelas da casa, será possível usar a cozinha para pegar água e preparar comida para Sophia. Nunca, sob hipótese alguma, acenda o fogo ou a lareira. Estamos num vale e quem estiver na vila verá a fumaça.

— É claro — Connie concordou, sentindo-se reconfortada por haver outra maneira, mais palatável, de deixar a cela subterrânea.

— Vou deixá-la aqui com a *mademoiselle* Sophia para que possa acomodá-la. Amanhã, você poderá levá-la para dentro do *château*, onde ela pode tomar um banho e pegar algumas roupas. Volto a enfatizar que nunca deve acender a luz no *château* à noite. Seria possível vê-la a milhas de distância e isso alertaria as pessoas sobre a presença de Sophia — ele reiterou.

— Entendi.

— Tem certeza de que consegue encontrar o caminho de volta? Vou deixar um lampião com você — Jacques disse, enquanto voltavam à cela onde Sophia chorava em silêncio, com as mãos no rosto.

— Sim.

Quando Jacques as deixou, Connie sentou-se na cama ao lado de Sophia e segurou a mão dela.

— Sophia, minha querida, tenha coragem. Você só precisará ficar aqui durante a noite. Acho que é um preço pequeno a pagar por sua segurança.

— Mas este lugar é tão tenebroso... esse cheiro... — Sophia suspirou, apoiando a cabeça nos ombros de Connie. — Constance, você pode ficar comigo até que eu adormeça?

— Sim, é claro que ficarei.

Enquanto Connie embalava Sophia em seus braços como se fosse um bebê, começou a imaginar o que havia acontecido em sua vida para que fosse mandada até a França como uma agente da SOE e, agora, tinha que agir como protetora e governanta de uma criança mimada e aristocrática.

Édouard estava sentado com Venetia num bosque espesso que os levava até um campo amplo e plano. Estavam em algum lugar perto da extremidade oeste de Tours, mas não sabia ao certo, pois os vários, e extremamente desconfortáveis, meios de transporte que teve que utilizar para chegar até lá fizeram seu senso de direção ficar confuso. Entretanto, conseguira chegar até ali e, agora, o homem que se agachou ao lado de Venetia estava correndo pelo campo com sua tocha, enquanto ouviam o zumbido baixo do motor de um avião que se aproximava. O homem sinalizou três vezes com a tocha para informar ao piloto que tudo estava bem, e o avião começou a descer em direção a eles.

— Bem, Édouard, parece que você vai conseguir sair daqui. Envie lembranças minhas à Blighty, por favor — Venetia disse alegremente.

— É claro. Gostaria de vir comigo? — Édouard perguntou, virando-se na direção dela. E, por um momento, viu a ternura por baixo da fachada valente em seus belos olhos verdes.

— Se estivéssemos num mundo perfeito, é claro que gostaria. Não vejo meus pais há mais de um ano. Mas este não é um mundo perfeito, não é mesmo? E eu ainda tenho bastante trabalho a fazer por aqui.

— Como posso agradecê-la pelo que fez por mim? — Édouard perguntou com lágrimas súbitas embaçando sua visão ao pensar que deixaria Venetia para trás, em meio a muitos outros perigos. Apesar de sua doença, do encarceramento no porão e da jornada perigosa, o humor, a coragem e, acima de tudo, o espírito guerreiro de Venetia o encantavam e lhe deram esperança. — Sentirei saudades.

— E eu também sentirei saudades suas — ela disse, repentinamente sorrindo.

— Se, por acaso, conseguirmos sobreviver a esta guerra, eu gostaria muito de vê-la novamente, Venetia.

— Eu também gostaria — ela disse, baixando os olhos, um pouco envergonhada.

— Venetia, eu... — instintivamente, Édouard a tomou nos braços e a beijou apaixonadamente nos lábios.

Quando o avião pousou, ela se desvencilhou do abraço dele. E Édouard viu que ela também tinha lágrimas nos olhos. Ele levantou o queixo de Venetia com um dedo.

— Tenha coragem, meu anjo. Fique em segurança. Por mim.

— Depois desse beijo, eu certamente vou me esforçar — ela disse. — Vamos, é hora de ir.

Os dois correram pelo campo até o avião que levaria Édouard em segurança para longe da sua pátria e em direção à dela. Quando Édouard estava prestes a embarcar, ele entregou um embrulho a Venetia.

— Por favor, se você ou outro membro da sua organização encontrarem alguma maneira de entrar em contato com a minha irmã no *château*, isso vai provar a ela que estou em segurança.

— Vou fazer com que isso chegue às mãos dela, de uma maneira ou de outra — Venetia prometeu, guardando o embrulho em sua bolsa.

Édouard subiu os degraus da aeronave e virou-se outra vez.

— Boa sorte, meu anjo. Rezo para que nos vejamos em breve.

Em seguida, entrou e fechou a porta por trás de si. Venetia observou o avião taxiar pela pista antes de ganhar velocidade para cruzar o Canal da Mancha a caminho de casa.

— Vamos, Claudette, precisamos partir — Tony disse, agarrando-lhe o braço e arrastando-a pelo campo.

Venetia olhou desejosa para o céu noturno. A lua cheia transformava a geada sobre o campo num terreno mágico, com uma brancura resplandecente. E decidiu que Édouard de la Martinières era um homem que ela poderia amar.

Um dia mais tarde, depois de confiar o embrulho de Édouard a um mensageiro que estava viajando para o sul, Venetia embarcou no trem para voltar a Paris. Chegando ao novo esconderijo, largou sua bolsa de viagem com um suspiro de alívio e foi até a cozinha para ferver água e preparar uma bebida quente.

— Boa noite, *Fräulein*. Estou muito feliz por finalmente poder conhecê-la.

Venetia se virou e ficou paralisada quando reconheceu os olhos cinzentos e gelados do coronel Falk von Wehndorf.



Uma semana mais tarde, depois de ser mantida presa no quartel-general da Gestapo, interrogada e brutalmente torturada por se recusar a revelar as informações que eles queriam, Venetia foi conduzida ao pátio.

O oficial que a amarrou ao poste olhou para ela com uma expressão de nojo.

— Dê um último cigarro para uma garota — ela pediu, cambaleando um pouco e forçando-se a abrir um sorriso.

Ele acendeu um cigarro e colocou-o nos lábios de Venetia. Ela deu duas tragadas e fez uma prece silenciosa, enviando seu amor à sua família do outro lado do Canal da Mancha.

Quando o oficial foi até sua posição e apontou a arma para seu coração, o último pensamento que cruzou a mente de Venetia, enquanto fechava os olhos, foi a lembrança do

beijo de Édouard de la Martinières.

CAPÍTULO 25



GASSIN, SUL DA FRANÇA, 1999

Jacques estava pálido de tanta exaustão.

— Já chega, pai! Você precisa descansar! — Jean ordenou, percebendo o estado em que o homem se encontrava. — Vou ajudá-lo a subir até seu quarto.

— Mas eu preciso chegar ao final da história... ainda não terminei.

— É o suficiente por hoje, pai — Jean disse ao ajudar Jacques a se levantar da cadeira, conduzindo-o até a porta. — Temos muito tempo. Talvez você possa continuar amanhã.

Quando deixaram a sala, Emilie sentou-se e ficou observando o fogo da lareira. Sua mente estava tomada por pensamentos focados em Venetia, que, talvez, encontrara o amor em seu pai alguns dias antes de morrer. Emilie sentia-se impressionada com a força e a coragem daquela mulher. Jean voltou para o térreo e encostou-se do outro lado da lareira.

— É uma história fascinante, não é? — ele murmurou.

— Sim. Acho que a morte prematura de minha tia está ligada ao caso amoroso que tinha com Frederik — Emilie suspirou.

— Bem, nós dois sabemos o que aconteceu com as mulheres francesas que se envolveram com o inimigo, especialmente após a guerra. Foram cobertas com piche e penas ou mortas a tiros por seus vizinhos furiosos — Jean contatou.

Emilie estremeceu.

— Entre todos os homens que Sophia poderia ter escolhido...

— Ninguém é capaz de escolher quem irá amar, não é mesmo, Emilie? — Jean comentou em voz baixa.

— E o bebê de Sophia? Também morreu?

— Quem sabe? Só podemos esperar meu pai nos contar o resto da história — Jean comentou. — Mas, para mim, já está óbvio que Frederik era um bom homem. E a história do meu pai serve apenas para enfatizar que o local e a hora de nascimento de uma pessoa são puramente obras do acaso. Algum ser humano realmente decide se vai lutar ou matar? Naquele tempo, pelo menos, eles não tinham escolha, independente de em qual lado estivessem lutando.

— Todo o sofrimento e as privações pelos quais nossos familiares passaram.. — Emilie balançou a cabeça. — Tudo isso serve para colocar nossa própria existência em perspectiva.

— É isso mesmo. Graças a Deus, após as duas guerras mundiais, o Ocidente aprendeu a lição. Por algum tempo, pelo menos — Jean filosofou, em tom sombrio. — Mas a guerra sempre volta a acontecer. Faz parte da condição humana desejar mudanças e ser incapaz de sustentar a paz. É triste, mas é a realidade. Se olharmos pelo lado positivo, as circunstâncias extremas que a guerra cria podem fazer aflorar o que há de melhor em nós. É quase certo que seu pai salvou a vida de Constance ao ir até a cafeteria para avisar Venetia. E, em troca, para proteger Édouard, Constance submeteu-se ao destino mais terrível que uma mulher pode sofrer — ele disse, respirando fundo. — Por outro lado, é claro, a guerra pode fazer aflorar o que há de pior numa pessoa, como ocorreu com Falk. Muito poder concentrado nas mãos de uma só pessoa frequentemente a corrompe.

— Estou feliz por não ter poder nenhum — Emilie sorriu.

— É claro que tem, Emilie — Jean respondeu, levantando uma sobrancelha. — Pare de se subestimar. Você é uma mulher inteligente e bonita. Apenas isso frequentemente é o bastante, mas você também teve sorte de nascer numa família respeitada e poderosa. Olhando por este lado, você recebeu várias dádivas. Bem, está tarde, e eu preciso ir deitar.

— Sim, é claro. E você tem razão, Jean. Recebi várias dádivas. Talvez esteja começando a apreciá-las só agora — Emilie disse, mansamente.

— Ótimo — ele disse, levantando-se. — Vejo você amanhã cedo.

— Durma bem, Jean.

Vinte minutos depois, ela estava deitada na velha cama que ficava no quarto que Constance

provavelmente usara durante o tempo que passou na casa de Jacques. Ouviu quando Jean usou o banheiro do corredor e o barulho da porta de seu quarto se fechando.

Emilie percebeu que Jean e seu pai eram o que de mais parecido tinha de uma família. Reconfortada por aquele pensamento, ela adormeceu.

Na manhã seguinte, ela foi até a cozinha e encontrou Jean preocupado.

— A respiração do meu pai está terrível. O médico está a caminho. Quer café?

— Sim, obrigada. Há alguma coisa que eu possa fazer?

Vendo a decepção no rosto de Emilie, Jean a abraçou.

— Não. Ele simplesmente está muito velho e fraco. Lamento, Emilie, mas meu pai não vai mais conseguir falar sobre o passado hoje.

— É claro. Estou sendo egoísta, me desculpe. A saúde do seu pai é mais importante.

— Bem, isso significa que você precisa voltar logo para cá se quiser ouvir mais a respeito — Jean disse e sorriu. — Você sabe que sempre haverá uma cama para você aqui enquanto as reformas do *château* estiverem ocorrendo.

— Talvez eu possa trazer meu marido comigo da próxima vez — Emilie sugeriu. — Afinal, é a história da avó dele, também.

— Sim. Posso deixá-la cuidando do seu próprio café? Tenho que terminar um pouco do trabalho antes que o médico chegue. Só espero que meu pai não tenha que voltar ao hospital. Ele detestou aquele lugar da última vez em que estive lá. De qualquer maneira, conversaremos antes de você partir, não é? — Jean disse com um aceno de cabeça, antes de sair da cozinha.

Depois do café da manhã, Emilie subiu até o quarto de hóspedes para guardar seus poucos pertences. Podia ouvir Jacques tossindo no quarto ao lado. Ela bateu discretamente à porta e, em seguida, abriu-a e espiou para dentro do cômodo.

— Posso entrar?

Jacques levantou uma das mãos, fazendo um sinal positivo.

Emilie viu que os olhos de Jacques estavam abertos e, ao caminhar em direção a ele, a visão do seu corpo pálido e franzino sobre a cama fez com que ela se lembrasse de sua mãe, pouco antes de morrer. Sentou-se num dos cantos da cama e sorriu para ele.

— Eu gostaria apenas de agradecê-lo por compartilhar a história da minha família. Espero que, quando estiver melhor, você possa me contar o resto.

Jacques abriu a boca, mas conseguiu apenas emitir um resmungo estrangulado.

— Por favor, não tente falar agora — Emilie disse, reconfortando-o.

Jacques levantou a mão velha e enrugada e agarrou a mão de Emilie, mostrando ainda haver força naquele corpo tão fragilizado. Ele abriu uma paródia cadavérica de um sorriso e a cumprimentou com um meneio de cabeça.

— Adeus e, por favor, melhore.

Emilie se inclinou em direção à pele fina de Jacques e beijou-lhe a testa.

Jean estava no andar superior da casa, junto com seu pai e o médico, quando chegou a hora de Emilie ir ao aeroporto. Para não incomodá-los, ela deixou um bilhete agradecendo a ambos, entrou no carro e partiu para Nice. Sentia-se um pouco culpada ao pensar que o estado atual de Jacques poderia ter sido causado pelo esforço de contar sua história. A energia e a emoção que precisou reunir para relatar os fatos obviamente tiveram um impacto sobre ele.

Quando o avião decolou do aeródromo de Nice, Emilie fez uma prece pedindo que Jacques se recuperasse, mas resignou-se à possibilidade de nunca vir a conhecer o restante da história. E, em algum lugar, sobre o norte da França, ela focou seus pensamentos no seu lar, ou no lugar que era seu lar agora.

A ideia de retornar a Blackmoor Hall, depois de passar dois dias no lugar que lhe dava uma sensação tão agradável de familiaridade, não era muito atraente. Os céus frios e cinzentos da Inglaterra e a atmosfera tensa e deprimente da casa eram algo que ela precisava transformar

em sua mente para poder encarar. Também precisava perguntar ao marido por que ele passara dois dias no *château* sem lhe falar nada a respeito.

Quando o avião pousou, descendo por entre grossas nuvens de chuva, em meio à atmosfera tristonha do dia, Emilie reuniu suas forças. Aquele era o homem e a vida que ela mesma escolhera, por mais que a situação atual lhe parecesse difícil. Ao sair do aeroporto e embarcar no Land Rover, analisou sua situação: uma casa fria e miserável, e dois irmãos em guerra não eram nada de especial, se comparados aos terríveis sofrimentos relatados por Jacques na noite anterior.

Ao chegar a Blackmoor Hall, não havia sinal do carro que Sebastian usava para ir até a estação e Emilie entrou numa casa imersa no silêncio. Fazia muito frio. Deixou sua mala no chão e foi até o cômodo onde ficavam os controles do sistema de aquecimento central da casa. O frio que fazia era uma indicação de que Sebastian não estava na casa há alguns dias. E isso era estranho, pois conversara com ele na noite anterior, quando disse que estava ligando da própria casa...

Talvez, Emilie pensou, dando de ombros e pronta para perdoá-lo, ele estivesse acostumado a viver com o aquecimento central desligado e não se lembrou de ligar o interruptor geral. Subiu as escadas até o quarto e encontrou o cômodo da mesma maneira que havia deixado há dois dias. De volta à cozinha para preparar uma xícara de chá, Emilie percebeu que a garrafa de leite que havia deixado na geladeira ainda estava pela metade. Não havia sido tocada.

— Pare com isso! — Emilie disse, repreendendo a si mesma. Provavelmente Sebastian retornou à casa naquela noite, dormiu e voltou a Londres. Fosse lá o que tivesse acontecido, ela precisava sair e comprar alguns mantimentos urgentemente para poder se alimentar naquela noite.

Quando estava prestes a abrir a porta da frente para voltar ao Land Rover, o velho carro de Sebastian estacionou em frente à casa. Emilie hesitou em frente à porta ao vê-lo desembarcar.

— Querida! — Sebastian disse, abrindo os braços enquanto vinha em sua direção. — É muito bom tê-la aqui. Senti sua falta — ele disse, curvando-se para beijá-la.

— Também estava com saudades, Sebastian. Fiquei tão preocupada que...

— Deixe isso para lá, querida — ele disse, colocando um dedo sobre os lábios de Emilie.
— Estamos juntos agora.

Felizmente Sebastian havia voltado a ser a pessoa que era antigamente e os dois passaram um fim de semana muito agradável juntos. Fizeram amor, acordaram tarde, cozinham apenas quando sentiram fome e, na tarde de domingo, andaram pelas terras da família Carruthers, no entorno da casa. Embora os jardins não recebessem os devidos cuidados, estavam começando a mostrar os primeiros sinais da primavera.

— Há tanta coisa aqui que precisa receber atenção que nem sei por onde começar — Sebastian suspirou enquanto atravessava o gramado principal com Emilie até a porta da casa.

— Gosto de jardinagem — Emilie disse. — Talvez eu possa tentar fazer alguma coisa. Seria algo com o que me ocupar enquanto você está fora.

— Sim, é verdade — Sebastian concordou enquanto entravam na cozinha. — Chá?

— Sim, por favor.

— Não é a melhor das situações, não é mesmo? Além disso, receio que terei que me ausentar em várias ocasiões durante os próximos meses.

— Talvez, então, eu precise pensar seriamente a respeito de me mudar com você para Londres — Emilie disse com firmeza enquanto ele lhe entregava uma xícara de chá. — Não é bom ficarmos tanto tempo longe um do outro, especialmente nessa época, logo depois do nosso casamento. E é ridículo não permitir que sua esposa use o dinheiro que tem para ajudar nosso negócio — Emilie disse, maravilhada com a própria coragem.

— Sim, você tem razão. Por que não pensamos nisso com calma durante as próximas semanas? — Sebastian disse, beijando-lhe na ponta do nariz. — Podemos procurar um apartamento pequeno. Eu não quero mesmo que você chegue perto do lugar horrível onde fico hospedado. Você é uma garota digna de um hotel cinco estrelas — ele disse sorrindo.

Emilie queria dizer que, na realidade, não se importava com o lugar onde viveriam, mas,

como ele finalmente começou a concordar com a ideia de que ela poderia se mudar para Londres para ficarem juntos, decidiu terminar a conversa por ali mesmo.

Naquela noite, entretanto, ela mencionou a visita que ele fizera ao *château* quando esteve na França. Os dois estavam deitados na cama e Sebastian a olhou com uma expressão estranha no rosto.

— Você não se lembra de eu haver mencionado que iria até lá? — disse com uma leve risada depois. — Você não está com sinais precoces de demência, não é? Por que motivo eu lhe esconderia isso?

— Sebastian, tenho certeza de que você não me falou nada a respeito — Emilie respondeu, impassível.

— Bem, de qualquer forma, haveria algum problema? Afinal, eu não espero que você peça minha permissão para vir até aqui, Emilie. Minha visita ao *château* não foi planejada. Eu tinha algum tempo livre e pensei que poderia ir até lá para ajudar com os preparativos para a retirada dos livros da biblioteca. Creio que isso não seja um problema para você, não é?

— Claro que não.

— Ótimo. Boa noite, querida. Preciso me levantar para pegar o primeiro trem amanhã cedo. Vou dormir um pouco.

Quando Sebastian apagou a luz, Emilie ficou deitada pensando na capacidade que seu marido tinha de fazer com que cada uma de suas ações fosse completamente plausível, o que sempre a deixava com uma sensação de que estava reclamando de coisas triviais e que estava errada ao fazê-lo.

Ou, talvez, ela estivesse *realmente* errada.

Ela suspirou e fechou os olhos, lembrando-se de que todos têm que se esforçar para fazer um casamento dar certo e estar prontos para dar e receber.

Sebastian partiu para Londres às seis horas da manhã do dia seguinte e Emilie tentou voltar a dormir. Após algum tempo, deu-se por vencida, levantou-se e foi até a cozinha fazer

café. Ligou o telefone celular pela primeira vez desde que voltara a Yorkshire e ouviu as mensagens na caixa de mensagens. Uma delas era de Jean, dizendo que seu pai fora internado no hospital em Nice, mas que estava reagindo bem aos antibióticos e melhorando. Ele a informaria assim que a saúde de Jacques melhorasse para que ele pudesse continuar a contar sua história.

O dia estava claro e Emilie decidiu dar outro passeio pelo jardim para tentar encontrar um ponto de partida para o trabalho que faria ali. Era importante manter-se ocupada e fazer com que o tempo que passava ali fosse proveitoso. Andando até o jardim, percebeu que a maior parte do trabalho necessário estava além de sua capacidade física. Os canteiros de flores precisavam receber fertilizantes e as ervas daninhas teriam que ser arrancadas. Emilie pensou que a primavera chegaria antes que ela soubesse o que poderia salvar aquele jardim após tantos anos de abandono. Em seguida, foi até o pomar e olhou para o caos que dominava o lugar.

Sentindo-se desanimada pela enormidade do trabalho que teria pela frente, Emilie voltou para dentro da casa para preparar mais café. Então, decidiu que o máximo que poderia fazer seria embelezar o belo terraço que estava do lado de fora da cozinha e que recebia a luz do sol da manhã. Havia grama e musgo nascendo por entre todas as rachaduras das pedras que calçavam o lugar. Ela preparou uma lista de coisas que precisaria comprar na loja de produtos para jardinagem da vila, que ficava a alguns quilômetros de distância pela estrada. Tinha certeza de que, com um pouco de esforço e algumas novas plantas, poderia transformar aquele pequeno espaço ao ar livre num local muito agradável.

De volta da loja de jardinagem e do supermercado, Emilie sabia que precisava ver como Alex estava. Os sentimentos que tinha em relação a ele eram bastante confusos. Gostava muito dele, mas, sempre que o via, embora não dissesse nada negativo a respeito de Sebastian, a mágoa implícita que sentia a deixava apreensiva. Após conseguir fazer com que seu relacionamento voltasse aos trilhos, Emilie não queria arriscar desestabilizá-lo.

Às sete horas daquela noite, ela bateu à porta de Alex.

— Entre.

Alex estava na cozinha, jantando. Ele olhou para ela e sorriu.

— Olá, sumida!

— Olá — Emilie disse, sentindo-se constrangida e desconfortável. — Vim ver se está tudo bem com você.

— Estou muito bem, obrigado. E você?

— Também estou.

— Ótimo. Gostaria de jantar comigo? — Alex disse, indicando a torta salgada sobre a mesa. — Eu sempre preparo comida demais.

— Não, obrigada. Já preparei meu próprio jantar. Você precisa de alguma coisa?

— Não, obrigado.

— Certo. Vou deixar você jantar em paz, então. Se tiver qualquer problema, basta ligar no meu celular.

— De acordo.

— Boa noite, Alex — ela disse, forçando-se a sorrir antes de sair.

— Boa noite, Emilie — Alex respondeu, entristecido.

Durante os dias que se seguiram, Emilie manteve-se ocupada com a limpeza do pequeno terraço e esvaziando os vasos cobertos de musgos que ainda continham os restos de flores mortas há tempos. Por ora, encheu-os com amores-perfeitos, mas, dentro de algumas semanas, poderia acrescentar petúnias e violetas, e também plantar alfazemas perfumadas nos canteiros.

Jean telefonou para dizer que Jacques voltara para casa e estava ansioso para continuar a contar a história. Emilie comprou uma passagem para a França e embarcaria na semana seguinte. Também procurou por Jo, a jovem garota que contratara para cuidar da limpeza do apartamento de Alex, e perguntou-lhe como estava se adaptando ao trabalho.

— Oh, eu adoro o que faço, sra. Carruthers — disse enquanto caminhavam juntas até o lugar onde Jo deixara sua bicicleta. — Alex é um homem muito bom. E muito inteligente,

também. Vou estudar russo na universidade e ele está me ajudando.

— Ele fala russo? — Emilie retrucou, surpresa.

— Sim, e também japonês e um pouco de chinês e espanhol. E francês, é claro — disse, com um suspiro. — É uma pena que ele esteja confinado àquela cadeira e não possa sair de casa com frequência. Mesmo assim, ele nunca reclama, sra. Carruthers. Se estivesse no lugar dele, certamente reclamaria.

— É verdade — Emilie concordou. Acenando para Jo enquanto ela pedalava em direção à estrada, sentia-se ainda mais constrangida por evitar o cunhado.

Emilie ficou feliz quando a sexta-feira chegou. Sebastian lhe telefonou uma vez, mas ela estava começando a aceitar o fato de que, quando viajava, ele ficava muito envolvido com o trabalho para se lembrar de lhe telefonar. Sebastian voltou animado para casa, dizendo que havia conseguido vender uma pintura feita por um de seus jovens artistas e recebeu uma boa comissão. Emilie sugeriu que ele a acompanhasse até a França na semana seguinte, para ouvir o restante da história de Jacques, mas ele disse que estaria ocupado. Em relação a Alex, Emilie garantiu a Sebastian que ele estava bem e que ela praticamente não o havia visto desde que retornara da viagem anterior.

— Ele realmente é autossuficiente, Sebastian.

— Bem, parece que você estava certa e eu, errado — comentou bruscamente.

— Não foi isso que eu quis dizer...

Os dois estavam sentados no terraço que ela renovara, nos fundos da casa. Emilie estremeceu quando o sol de Yorkshire desapareceu por trás de uma nuvem e, em seguida, levantou-se.

— Por falar nisso, talvez eu tenha que ir a Genebra, na Suíça, e ficar alguns dias lá. Talvez não esteja em casa no próximo fim de semana — Sebastian disse.

Emilie assentiu, pensativa.

— Talvez eu possa partir da França e encontrá-lo. Poderia viajar até Genebra de carro.

Não é uma viagem longa.

— Eu adoraria tê-la a meu lado, mas essa viagem realmente será focada em negócios. Estarei em reuniões o tempo inteiro.

— Tudo bem — suspirou, sem vontade de discutir, e entrou na casa para preparar o jantar.

Sebastian viajou novamente na segunda-feira de manhã e Emilie ficou deitada na cama, sentindo-se totalmente exasperada. Embora estivesse se esforçando ao máximo para não reclamar das viagens do marido, para apoiar a dedicação dele aos negócios e não monopolizar seu tempo, a verdade era que ela o via com uma frequência cada vez menor. O que deveria fazer com sua vida em Yorkshire, sozinha? Passar os dias cobrindo as rachaduras e pintando as paredes de uma casa que talvez viesse a ser vendida e que, de qualquer forma, não era sua, repentinamente parecia não ter sentido.

A decisão de evitar Alex significava que Emilie passava a maior parte do tempo sozinha. Emilie suspirou quando se levantou e começou a se vestir. Poderia passar o dia inteiro apenas com a camisola se quisesse, pois ninguém viria vê-la. Pensar naquilo era deprimente.

Assim, subindo na bicicleta para ir até a vila comprar leite e pão, ou aquilo que os ingleses insistiam em chamar de pão, Emilie passou em frente à loja até que alcançou a última casa do lado esquerdo da rua. Encostando a bicicleta contra o revestimento rústico de pedras típico da região de Yorkshire, ela foi até a porta da frente e bateu. Se a sra. Erskine não estivesse ali, Emilie simplesmente iria embora. Mas a mulher a convidou para uma visita e já era hora de conseguir mais informações sobre os irmãos e sobre seu marido.

A porta se abriu depois que ela bateu pela segunda vez, e o sorriso carinhoso de Norma Erskine fez com que Emilie se sentisse confortável. Não estava interrompendo os afazeres daquela senhora.

— Olá, querida. Estava imaginando quando você viria até aqui para conversarmos. Entre — ela disse enquanto conduzia Emilie pelo corredor estreito. — Eu estava colocando a água para ferver. Sente-se.

— Obrigada — Emilie disse, sentando-se à mesa e percebendo que estava numa cozinha

decorada à moda antiga, mas extremamente limpa e organizada. Os armários de fórmica amarela, o fogão esmaltado e a geladeira com cantos arredondados eram resquícios da década de 1960.

— E então, querida? Como aqueles dois gêmeos terríveis a estão tratando? — ela disse, sorrindo.

— Bem, obrigada.

— É bom ouvir isso. Nada de brigas como costumava haver, não é? Talvez você esteja exercendo uma boa influência sobre eles. — Norma serviu uma xícara de café para Emilie e sentou-se do outro lado da mesa. — Realmente estou surpresa de alguém ser capaz de endireitar aqueles dois.

— Acho que não estou entendendo o que a senhora está dizendo — Emilie disse, tentando soar neutra.

— Bem, você deve ter percebido a tensão que existe entre eles. Qualquer pessoa pensaria que, depois de adultos, deixariam aquela rivalidade para trás. Mas eu duvido que seja possível fazer com que eles mudem.

— Concordo com o fato de que eles não são afetuosos um com o outro.

— Você está sendo gentil, querida — Norma suspirou, estendendo a mão para acariciar o braço de Emilie. — E eu compreendo. Você é casada com um deles e não gostaria que sua lealdade fosse questionada.

— Não mesmo — Emilie concordou. — Mas você está certa. A atmosfera naquela casa é complicada. Como eu não conheço a história por trás dos fatos, é difícil compreender o que se passa. Por isso, vim até aqui para pedir que a senhora me conte algo. Se eu souber o que causa o problema que existe entre eles, poderei lidar com isso mais facilmente.

Norma a observou por alguns minutos.

— Querida, para fazer isso, eu teria que dizer algumas coisas desagradáveis sobre o homem com quem você acabou de se casar. E não tenho certeza de que você queira ouvi-las. Se eu começar, terei que contar a verdade como ela é. Eu não seria capaz de mentir para você, sra. Carruthers. Tem certeza de que é isso que quer?

— Não, não vou achar bom ouvir essa verdade — Emilie respondeu, honestamente. — Mas é melhor do que ficar na incerteza.

— Imagino que o sr. Alex não tenha falado nada a respeito.

— Nada. Ele se recusa a falar sobre o irmão ou sobre o passado.

— Tenho que admitir que ele é um homem leal. Bem, vamos começar, então — ela disse, plantando as mãos firmemente sobre os joelhos. — Espero apenas estar fazendo o que é certo. Mas, mesmo assim, lembre-se de que foi você quem me perguntou.

— De acordo — Emilie prometeu.

— Bem, imagino que você saiba que a mãe trouxe os dois garotos da comunidade *hippie* onde viviam, nos Estados Unidos, para cá.

— Sim — Emilie disse, concentrando-se para decifrar o forte sotaque de Yorkshire.

— Os dois eram muito parecidos, com apenas dezoito meses de diferença um do outro, e eram os bebês mais lindos que alguém já viu. Claro, embora Sebastian fosse o irmão mais velho, desde o começo ficou óbvio que o mais talentoso dentre eles era o mais jovem. Alex já sabia ler e escrever antes de completar seu quarto aniversário. Quando criança, ele era encantador e sempre conseguia ganhar uma fatia de bolo quando eu estava na cozinha, mesmo antes do jantar! — Norma riu. — Aquele garoto parecia um anjo, com seus grandes olhos castanhos. Não me entenda mal, sra. Carruthers. Seu marido também era um bom garoto, mas, sem querer parecer desrespeitosa ou rude, não tinha os talentos que o irmão tinha em excesso. Era bastante inteligente e tinha seus encantos, mas era óbvio que nunca conseguiria superar Alex. Claro, Sebastian competia constantemente para ser o melhor, mas Alex o venciam sem que precisasse se esforçar — ela disse com um suspiro, antes de balançar a cabeça negativamente. — Além disso, o fato de que Alex era a menina dos olhos de sua avó também não ajudava.

— Imagino. Deve ter sido difícil para Sebastian.

— Foi sim, querida. Conforme cresceram, a situação não melhorou. Na verdade, ficou muito pior. Sempre que Sebastian tinha a oportunidade de deixar Alex em maus lençóis, ele o fazia. Ele precisava “vencer” às vezes, não é? Claro, Sebastian sempre dizia que tinha sido Alex quem começara a causar os problemas, as brigas, mas nunca havia qualquer marca ou

hematoma nele.

— Imagino — Emilie disse novamente. Estava chocada, mas compreendia a situação. — Alex revidava?

— Não — Norma disse, fazendo uma careta. — Nunca fez nada disso. Ele idolatrava o irmão mais velho, queria apenas agradá-lo. E, se Sebastian dissesse que toda a culpa era de Alex, ele aceitava o fato sem reclamar. Seu marido sempre teve talento para convencer as outras pessoas de que a neve é preta e o carvão é branco — ela disse, balançando a cabeça. — As coisas se acalmaram um pouco quando Sebastian saiu de casa para estudar num colégio interno e, quando voltava para casa, conseguia se gabar do seu sucesso. Mas Alex conquistou uma bolsa de estudos por seus próprios méritos e foi estudar no mesmo colégio. Ele partiu em meio a enormes expectativas e todos nós esperávamos que ele tivesse um futuro brilhante. Foi então que Constance — na época, ela era a sra. Carruthers — começou a receber cartas da escola dizendo que Alex estava constantemente metido em algum tipo de confusão. Nenhum de nós conseguiu entender, pois o garoto era uma das pessoas mais gentis que já conheci, muito mais interessado num bom livro do que numa briga. De qualquer modo, um ano depois ele foi expulso e mandado diretamente para casa, em meio a uma vergonha enorme. Aparentemente, ele incendiou o ginásio que havia acabado de ser construído.

— Ele fez mesmo isso?

— A escola disse que sim e Alex nunca disse nada a respeito, mesmo que eu e sua avó tentássemos fazer com que ele falasse sobre o ocorrido. Tenho minhas suspeitas sobre a veracidade dessa história — a sra. Erskine disse, levantando as sobrancelhas, e Emilie sabia o que ela estava insinuando.

— Como consequência da expulsão, Alex foi mandado para a escola aqui da vila, um lugar onde, eu admito, não gostaria que meus filhos estudassem. É um lugar duro como botas novas e Alex se destacou demais dos outros. Ele odiava a escola, mas suas notas eram sempre excepcionais, mesmo com a pouca competência dos professores. A Universidade de Cambridge lhe ofereceu uma bolsa de estudos. A avó ficou extremamente emocionada quando seu garoto de ouro conseguiu o direito de estudar numa instituição tão renomada. Sebastian, que teve a melhor educação que o dinheiro podia comprar, mas que era preguiçoso com seus

estudos, teve sorte de ser aceito no curso de história da arte em Sheffield.

Norma interrompeu a história para tomar o café. Emilie continuava sentada, em silêncio, esperando que ela prosseguisse. Em seguida, a sra. Erskine continuou com o relato.

— Bem, aquele verão, antes que Alex finalmente partisse para Cambridge, começou muito bem e os dois garotos começaram a sentir o gosto da vida adulta. Alex conseguiu economizar dinheiro para comprar um carro e eles o usavam para ir até o *pub*. Alex se orgulhava muito daquele velho Mini — ela disse, sorrindo. — Certa noite, não foi Alex que veio até a casa, e sim a polícia. Ele havia se envolvido num acidente. Aparentemente, estava completamente embriagado e a polícia o jogou numa cela até que a bebedeira passasse. Graças a Deus, ninguém ficou seriamente ferido, mas tanto o carro dele quanto o veículo com o qual colidiu viraram sucata. Alex foi indiciado por direção perigosa e Cambridge se recusou a aceitá-lo, pois, agora, ele tinha uma ficha criminal.

— Que coisa horrível! — Emilie exclamou. — Mas Sebastian mencionou que Alex tinha problemas com a bebida. Talvez tenha sido o início de tudo.

— Bem, querida — Norma disse, balançando a cabeça. — Antes disso, se fosse dirigir, Alex nunca tocava numa gota de álcool sequer. Gostava tanto de seu carro que nunca faria nada que pudesse colocá-lo em risco. Até hoje, ele jura que bebeu apenas suco de laranja naquela noite, mas, de qualquer forma, todo aquele álcool acabou entrando em seu organismo, não foi? Mesmo assim, como sua carreira universitária estava acabada, ele usou todo o dinheiro que havia economizado com seu trabalho numa loja da vila para viajar para o exterior. E foi a última vez que o vimos em cinco anos.

— Sim, Sebastian me disse que ele havia desaparecido.

— Não fazíamos ideia de onde ele estava. A avó morria de preocupação ao pensar no paradeiro dele, imaginando até mesmo se estava vivo, já que nunca entrava em contato com ela. Até que um dia, recebemos a ligação de um hospital na França, avisando que ele estava lá, numa situação tão grave que corria risco de morrer. Não entendo muito sobre drogas, mas, aparentemente, Alex havia experimentado quase todas as que existem. Constance embarcou num avião imediatamente e foi até lá para tentar resolver a situação.

— Constance o internou num centro de reabilitação particular, não foi? — Emilie

perguntou.

— Sim, e ele voltou para casa limpo, como dizem os especialistas. Mesmo assim, não demorou muito até ele desaparecer outra vez e só voltei a vê-lo depois de mais quatro anos. Não compareceu ao enterro da avó. — Os olhos de Norma se encheram de lágrimas. Ela pegou um lenço e assoou o nariz. — Me desculpe, querida. Mas Constance sempre perguntava, antes de falecer, se o neto iria voltar. Nós não sabíamos onde ele estava. Assim, ela nunca conseguiu se despedir de seu garoto. E eu acho que Alex nunca se perdoou por não estar lá, também. Seja lá o que fez ou onde se meteu durante suas viagens, ele realmente adorava a avó.

— Tenho certeza de que sim.

— Ele sempre disse que escrevia cartas para casa com um endereço para onde ela poderia responder, mas nós nunca as recebemos, querida. Nunca — ela suspirou. — De qualquer maneira, talvez o choque da perda de Constance tenha sido muito forte. Depois disso, Alex voltou a residir aqui e começou a se endireitar. Falava sobre estudar para se tornar professor, talvez. Sua alma se transformou. Ou, melhor dizendo, voltou a ter a alma da época em que era criança. — Norma sorriu, por entre as lágrimas. — Sebastian estava morando em Londres e eu fiquei feliz por Alex haver retornado para cuidar das coisas. Entretanto, num fim de semana, não muito tempo depois da morte de Constance, seu marido retornou de Londres. Tiveram uma discussão muito acalorada sobre alguma coisa e eu vi Alex entrar em seu carro e dar a partida. Antes que pudesse ir embora, Sebastian embarcou no banco do passageiro, ao lado dele. O carro saiu em disparada e, depois de pouco tempo, veio outro telefonema de um hospital, dizendo que ambos os garotos estavam internados. Imagino que você já saiba que seu marido escapou com alguns ferimentos enquanto Alex acabou levando a pior.

— Alex estava bêbado de novo, não é?

— Não, querida — Norma disse, negando enfaticamente com a cabeça. — Você está fazendo confusão. Isso aconteceu na *primeira* vez em que ele se acidentou. Desta vez, quem estava bêbado era o outro motorista. Quando foram ao tribunal, os registros do hospital mostravam que não havia álcool no sangue de Alex. Mesmo assim, ele ficou paralisado para o resto da sua vida — ela explicou. — Às vezes eu me pergunto se as tragédias perseguem aquele rapaz. De qualquer maneira, quando Alex finalmente voltou do hospital, seu marido me

disse, com toda a clareza, que se responsabilizaria completamente pelos cuidados com o irmão. Eu disse a ele várias vezes que ficaria feliz em poder cuidar de Alex, mas ele insistia que eu já tinha trabalho demais.

— Por que você decidiu sair da casa, então? — Emilie perguntou.

— Se você quer a verdade, sei que seu marido tentou fazer o melhor que podia pelo irmão, mas ele contratava pessoas totalmente desqualificadas para cuidar dele — Norma disse, torcendo o nariz. — E, certamente, Alex também não gostava dessas cuidadoras. Era quase como se Sebastian escolhesse as piores pessoas que conseguia encontrar. E, se Alex gostasse de alguma delas, Sebastian encontraria algum problema e a demitiria. Eu entendo que, no começo, Alex precisava de cuidados vinte e quatro horas por dia, mas sei que agora ele está muito mais forte e mais capaz. Também sei que seu marido recebe uma pensão do governo para custear os cuidados com Alex. Talvez ele achasse que tinha que usar esse dinheiro, de uma forma ou de outra — ela disse, dando de ombros.

Emilie estava sentada em silêncio, digerindo os fatos. Sebastian estava recebendo dinheiro para custear os cuidados com Alex.

— Como eu disse, preciso acreditar que seu marido sempre pensou no bem de Alex — Norma disse, olhando para Emilie com uma expressão de culpa no rosto. — Eu *preciso* acreditar. Afinal de contas, ele sempre estava longe de casa, trabalhando em Londres. Mas, além do fato de que eu sempre estava lá, todas as trocas de cuidadoras não fizeram bem a ninguém, especialmente a mim. E a última delas... — ela revirou os olhos. — Bem, se o pobre Alex não houvesse atirado a xícara de café contra ela, provavelmente eu mesma o faria. Em várias ocasiões ela estava completamente bêbada. Tentei avisar seu marido, mas ele não me deu ouvidos. E foi aí que eu finalmente decidi que era o bastante.

— Entendo.

— E agora, é você quem tem que suportar tudo isso — Norma suspirou. — Espero que consiga, querida. É sinceramente meu desejo.

Emilie não sabia o que responder.

— Obrigada por me contar. Agradeço por sua honestidade.

— Bem, espero não ter dito nada de ruim sobre seu marido. Apenas lhe contei como as coisas são. No fundo, tanto Alex quanto Sebastian são boas pessoas — acrescentou, com a voz trêmula.

As duas mulheres ficaram sentadas em silêncio. Emilie percebeu que Norma usou de bastante diplomacia e sutileza para contar sua história.

Como se pudesse ler sua mente, Norma comentou:

— Eu vi os dois crescerem. Amo aqueles dois rapazes, independente do que fizeram ou de como se comportaram.

— Entendo. Bem, obrigada pelo café — Emilie disse, levantando-se da mesa, subitamente sentindo-se exausta. — Preciso voltar para casa agora.

— É claro — Norma disse, acompanhando-a até a porta e colocando sua mão grande e calejada sobre o ombro de Emilie. — Espero que não tenha soltado o gato entre os pombos — ela disse. Quando Emilie a observou, confusa, ela explicou: — Quis dizer... espero não haver contado coisas que seria melhor você não saber.

As duas sabiam o que ela queria dizer.

— Eu agradeço pelo que me contou. Precisava entender a situação, e agora entendo.

— Ótimo. E lembre-se, querida. Sempre haverá café para você quando quiser aparecer.

— Eu virei — Emilie disse, saindo pela porta e indo em direção à bicicleta.

— Cuide bem de Alex, por favor. Ele é muito vulnerável.

A expressão nos olhos de Norma foi o suficiente para que Emilie percebesse o que ela queria dizer. Emilie assentiu, montou em sua bicicleta e pedalou de volta para casa.

CAPÍTULO 26



Emilie não visitou Alex naquela noite. Em vez disso, sentou-se em frente à lareira na sala de artes e anotou tudo o que a sra. Erskine havia lhe dito, para que não se esquecesse.

Era difícil duvidar da percepção que a governanta tinha em relação aos irmãos, pois era como os via, também. O talento de Sebastian para convencer as pessoas de que a “neve era preta e o carvão era branco” foi algo que ela já havia percebido e usado a mesma expressão para descrever. Por experiência própria, ela sabia que Sebastian era um mestre na arte de distorcer os fatos para dar uma perspectiva diferente em relação a algum assunto.

Será que, como a sra. Erskine insinuara, seu marido seria um mentiroso, um trapaceiro, um sádico que faria de tudo para destruir seu próprio irmão? E se isso realmente fosse verdade, se Sebastian realmente detestasse Alex, isso indicaria que ele era uma má pessoa?

Emilie pensou no episódio envolvendo o telefone celular, quando Sebastian conseguiu convencê-la de que ela estava agindo de maneira ridícula ao se irritar com o fato de que ele não havia entrado em contato com ela. E, embora garantisse que havia mencionado que iria ao *château* para dar início à organização dos livros da biblioteca, ela sabia que, na verdade, ele não dissera nada.

E por que ele não queria que ela o acompanhasse a Londres, ou em outras de suas viagens, e a deixava, sua nova esposa, com a qual se casara há menos de um mês, sozinha em Yorkshire?

Não! Ela tinha que parar com isso. Sua imaginação estava fora de controle. Era o que o seu pai chamava de “imaginite”, o momento em que o corpo humano estava mais exausto e a mente perdia toda a noção de lógica, deixando-se dominar por devaneios.

No andar superior, Emilie procurou em sua bolsa os comprimidos para dormir que seu médico lhe receitou após a morte de sua mãe e engoliu um deles. Mais do que qualquer coisa,

precisava dormir. E, no dia seguinte, ela continuaria a procurar pela verdade.

Emilie bateu na porta de Alex às seis horas da tarde do dia seguinte. Passou o dia todo tentando organizar os fatos em algum tipo de ordem lógica. Armada com uma garrafa de vinho tinto, ela ouviu a voz do cunhado pedindo-lhe que entrasse no apartamento.

— Estou no computador — ele disse. — Alguns dos meus filhos sofreram perdas consideráveis hoje devido aos problemas com as plantações de cana-de-açúcar nas Ilhas Fiji. Entre.

— Olá, Alex — Emilie disse, em pé sob o batente da porta do escritório, fascinada pelas telas que piscavam com indicadores verdes e vermelhos, e se moviam constantemente à sua frente.

— Olá — ele respondeu, com a atenção ainda concentrada no monitor. — Faz tempo que não nos vemos.

— Trouxe isso aqui — Emilie disse, indicando a garrafa. Alex virou a cabeça para observá-la, viu a garrafa e pareceu estar genuinamente surpreso.

— Tem certeza?

— É claro que tenho.

— Bem, é uma surpresa agradável — ele disse, empurrando a cadeira de rodas na direção dela. — Refiro-me a você, não ao vinho — completou com um sorriso.

— Lamento por não vir vê-lo antes.

— Está tudo bem, estou acostumado a ser tratado como um pária. Mesmo assim, estou muito feliz em vê-la, Emmy. Quer que eu pegue as taças?

— Deixe que eu as pego.

— Obrigado.

Encontrando um saca-rolha e duas taças num dos armários da cozinha, Emilie seguiu Alex até a sala de estar e observou-o enquanto ele se inclinava para frente para avivar as chamas da

lareira. Ela desenvolveu a garrafa, serviu o vinho e lhe entregou uma das taças. Observou, também, seus olhos inteligentes a avaliarem com interesse.

— Saúde — Emilie disse, tomando um gole.

— Bem, diga o que a trouxe até aqui — ele disse, ainda olhando para ela. — Você tem algo a me dizer ou, possivelmente, veio perguntar alguma coisa. Sou todo ouvidos.

— Sim — Emilie disse, pousando a taça sobre a mesa, e sentou-se ao lado dele, numa das poltronas que estavam em frente à lareira. — Alex, você é um mentiroso?

— O quê? — ele disse, rindo. — É claro que vou dizer que não. Para ser honesto, provavelmente tenha sido um mentiroso quando brinquei com aquelas substâncias perigosas durante os anos em que fui viciado, mas acho que é normal.

— Desculpe-me, mas parecia a coisa certa a perguntar, já que preciso pedir, ou melhor, implorar a você que me conte a verdade.

— Sim, excelência. Somente a verdade e nada mais do que a verdade. Emmy, o que está acontecendo?

— Fui visitar Norma Erskine ontem.

— Oh, entendo — Alex disse com um suspiro, antes de tomar um gole do vinho. — E o que ela disse?

— Ela me falou sobre sua infância aqui. Apenas porque eu fui até lá para perguntar.

— Certo. E daí? — Alex disse, defensivo.

— Ela foi bastante diplomática, mas havia algumas perguntas que eu queria fazer a você devido à conversa que tive com ela, para entender melhor a confusão em que sinto que estou metida.

— Sim... Bem, acho que sei aonde você quer chegar. É um assunto que eu insisto em não falar a respeito — Alex disse, em tom grave. — Tem certeza de que quer continuar com isso? Só poderei lhe dizer a verdade. Mas, como aconteceria com qualquer pessoa, será uma verdade de acordo com a minha perspectiva. E pode ser uma verdade tendenciosa, também.

— Então, creio que seria melhor se lhe fizer perguntas simples no começo. Acho que elas

podem ser respondidas com “sim” ou “não”.

— Emilie, já pensou em fazer carreira como advogada? Acho que você teria um sucesso impressionante — ele disse, sorrindo e tentando quebrar a tensão.

— Alex, isso é sério.

— Bem, excelência, nada na vida é tão sério, desde que você esteja viva e consciente.

— *Por favor*, Alex.

— Desculpe. Vou responder “sim” ou “não” e não vou me estender, a menos que você peça. Pode começar.

Emilie olhou para a sua lista.

— Primeira pergunta: quando era criança, seu irmão o provocava ou o pressionava de alguma maneira? E ele constantemente mentia sobre quem causou uma discussão ou uma briga para deixá-lo em maus lençóis aos olhos de sua avó?

— Sim.

— Quando você ganhou a bolsa de estudos e foi para a mesma escola onde seu irmão estudava, ele tentou novamente fazer com que você fosse considerado culpado pelas coisas ruins que aconteceram por lá? Por exemplo, foi ele quem começou o incêndio que resultou na sua expulsão do colégio?

Alex hesitou por um momento. Após algum tempo, ele respondeu:

— Eu acredito que sim. Certamente não fui eu, embora quatro garotos e um professor jurem que viram alguém, que disseram ser eu, sair correndo do ginásio depois que o incêndio começou. E, a distância, é possível que alguém tenha dificuldades para discernir entre mim e Sebastian.

— Por que você não se defendeu?

— Pensei que você quisesse apenas respostas do tipo “sim” ou “não” — Alex disse, erguendo uma sobrancelha. — Bem, eu não podia simplesmente apontar o dedo para o meu irmão, não é? Além disso, ninguém acreditaria em mim. De alguma forma, Sebastian conseguiu conquistar uma reputação sacrossanta naquela instituição. Ele sempre foi como Macavity, dos

poemas de T. S. Eliot. Quando havia algum problema, ele simplesmente não estava por perto. Mas não há provas de que ele foi o culpado. Portanto, o júri não pode considerar esta resposta como definitiva.

— Entendo. Bem, próxima pergunta: você bebeu álcool na noite em que vocês dois saíram juntos em seu carro quando você tinha dezoito anos e fora acusado e indiciado por direção perigosa?

— Não. Que eu saiba, não. Pedi suco de laranja no *pub*, como sempre fazia — Alex declarou.

— Você acredita que seu irmão tenha misturado alguma bebida alcoólica no seu suco?

— Sim — não houve qualquer hesitação nessa resposta.

— Chegou a confrontá-lo com essa acusação?

— Não. Como poderia provar?

— Você acha que ele fez isso para impedir que você fosse aceito em Cambridge?

— Sim.

— Você deixou Yorkshire e foi ao exterior para escapar de um irmão que, de acordo com sua percepção, estava tão consumido pela inveja que seria capaz de tudo para sabotar qualquer uma de suas conquistas?

— Sim.

— Quando saiu de casa na noite do acidente, você e Sebastian tiveram uma discussão grave. O motivo da discussão era o fato de que Sebastian queria vender Blackmoor Hall e você se opunha à ideia?

— Sim.

— Você culpa Sebastian pelo acidente?

— Não — Alex disse, enfático. — O acidente foi uma fatalidade e não teve nada a ver com ele.

— Tem certeza?

Alex hesitou outra vez e respirou fundo.

— Bem. Eu estava furioso com ele, e nós continuamos a discutir porque ele se recusava a sair do meu carro. Estacionei num gramado que ficava à beira da estrada e estava prestes a dar meia-volta quando um maluco fez a curva e nos acertou em cheio. Portanto, você pode tentar ver as coisas dessa maneira: normalmente eu não pararia o carro num gramado se não estivesse no meio de uma discussão furiosa com o meu irmão. Mas isso é algo que qualquer pessoa pode dizer. Creio que foi simplesmente um momento de azar e não posso afirmar que tenha sido culpa do seu marido. Por favor, continue — Alex prosseguiu.

— Na sua opinião, desde o acidente seu irmão vem se esforçando para tornar a vida cada vez mais difícil para você? Por exemplo, contratando cuidadoras incompetentes, ou que sabe que você não vai gostar, e demitindo aquelas de quem você gosta?

— Sim.

— Em sua opinião, ele faz isso simplesmente porque quer transformar sua vida aqui num inferno para que você concorde em vender a casa ou por algum outro motivo?

Outra pausa. Alex tomou um gole do vinho e a olhou, imerso em pensamentos.

— Provavelmente. A escritura da casa menciona que nós dois somos seus proprietários e ele precisa do meu consentimento para vender. Por várias razões, não tenho a intenção de fazê-lo. Isso é tudo?

Emilie olhou para a lista que tinha à sua frente. Havia mais uma lista brutal que tocava em seu relacionamento com Sebastian. Mas estava perturbada demais pelo que ouviu para se atrever a pensar nas respostas para aquelas perguntas. Finalmente, ela concordou com um meneio de cabeça.

— Sim, é tudo.

— Acho que você sabe que, se fizer as mesmas perguntas ao meu irmão, você teria respostas completamente opostas, não é?

— Sim. Mas lembre-se, Alex. Eu tenho olhos, ouvidos e um cérebro também.

— Pobre Emmy, arrastada para dentro de um jogo de gato e rato, sem saber em quem ou no

que acreditar.

— Por favor, não me trate com esse menosprezo, Alex — Emilie disse, irritada. — Quero apenas entender os fatos. Já sei que nenhum de vocês é o que parece ser.

— Isso, certamente, é verdade — ele concordou. — Lamento se meu comentário lhe deu a impressão de que a menosprezo. Realmente sinto pena de sua situação. Quer mais vinho?

Emilie deixou que ele enchesse sua taça e permaneceu sentada, observando-o em silêncio. Após algum tempo, ela disse:

— Por que insiste em ficar aqui? Você me disse que tem dinheiro. Tenho certeza de que seria melhor e mais seguro se vocês dois concordassem em vender a casa e seguissem com suas vidas, longe um do outro.

— Sim, essa é a resposta mais sensata. Mesmo assim, as emoções acabam ficando de lado. O maior desejo de minha avó era que seus netos conseguissem se reconciliar e deixassem o passado para trás. Ela pensou, erroneamente, que deixar Blackmoor Hall como herança para nós dois seria o bastante. Eu tentei, de verdade, mas é impossível. E, para ser honesto, estou lentamente perdendo essa briga. Sebastian vai conseguir vencer. E eu aceito isso.

— Por que meu marido quer tanto vender esta casa? — Emilie perguntou. — Ele me diz que adora este lugar e quer ganhar dinheiro o bastante para reformá-lo.

— Emilie, creio que há certas coisas que você devia perguntar diretamente a ele. Mas, sim, eu queria tentar uma reconciliação, pois era isso que a minha avó queria. Eu a decepcionei muito durante minha vida — suspirou. — Eu a adorava, e lhe causei muitos problemas e preocupações quando fugi daqui e entrei na rota da autodestruição.

— Acha que ela sabia sobre as razões pelas quais você partiu?

— Possivelmente. Mas, para ser honesto, Emilie, apesar de ter um irmão que conseguiu me sabotar constantemente durante meus anos de formação, não posso culpá-lo pelo meu vício em drogas. Tudo que fiz aconteceu em decorrência de minhas próprias escolhas. Eu queria abrandar a dor de haver perdido algo que nunca mais poderia se concretizar. Cheguei a um ponto em que sentia que nada na minha vida poderia dar certo. Não importava o que eu conseguisse conquistar, por mais que me esforçasse. De alguma forma, nada poderia dar certo.

Entende o que eu digo?

— Sim, entendo.

— Mas, durante todo esse processo, magoei minha amada avó e nunca vou conseguir me perdoar por isso. Ficar aqui e me reconciliar com Sebastian, pelo menos faria com que eu sentisse que estava fazendo algo para reparar meus fracassos.

— Eu compreendo.

— Emmy, eu estou preocupado com você, agora — Alex disse, após uma pausa. — Você tem que se lembrar de que, embora meu irmão tenha seus problemas em relação a mim, isso não significa que ele não possa estabelecer bons relacionamentos com outras pessoas. Eu detestaria pensar que o que aconteceu entre nós, no passado, virá a contaminar a imagem que você tem dele. Gosto de pensar que você e Sebastian são felizes juntos.

— Mas como você ainda consegue se importar com ele depois de tudo que ele lhe fez?

— Aprendi que crescer no segundo lugar, seja isso real ou fruto da imaginação, é algo muito difícil. Hoje eu entendo como Sebastian se sentia. E, talvez, ele ainda se sinta assim. Você, dentre todas as pessoas, deveria entender essa emoção — Alex disse, olhando fixamente para ela. Emilie sentiu seu rosto corar.

— Sim, é verdade. Todos nós temos nossos próprios segredos e problemas.

— E temos nossas próprias *forças* também. Sebastian pode não ter uma mente acadêmica como a minha, mas ele é incrivelmente inteligente em termos práticos. Dependeu da própria esperteza a vida inteira. Por favor, dê uma chance a ele, Emmy. Não desista ainda — Alex pediu.

— Não desistirei — ela prometeu.

— Bem, que tal jantarmos agora? — Alex sugeriu. — Recebi uma entrega do mercado hoje mesmo. E, talvez, você também possa me contar o que soube sobre o passado de minha avó enquanto esteve na França.

Durante o jantar, Emilie repetiu a história que Jacques lhe contara, tentando manter-se o mais fiel possível.

— Nada disso chega a me surpreender — Alex disse, quando ela concluiu o relato. — Constance era uma mulher maravilhosa, Emmy. Gostaria que você tivesse tido a oportunidade de conhecê-la.

Emilie viu o amor que Alex sentia pela avó em seus olhos.

— Há pouco que eu possa dizer, além do fato de que lamento.

— Obrigado, Emmy — Alex disse, com um sorriso fraco. — Essa dor nunca vai desaparecer, mas talvez essa seja a maneira que as coisas devam ser. O choque de perdê-la certamente fez com que eu repensasse várias coisas em minha vida. Fez com que eu me tornasse uma pessoa melhor.

Emilie percebeu que já passava da meia-noite.

— Preciso ir agora, Alex. Vou viajar para a França amanhã para ouvir o restante da história, mas virei visitá-lo assim que voltar. E obrigada por ser tão honesto e *justo* em relação ao Sebastian. Boa noite.

Curvando-se levemente, ela beijou o rosto de Alex.

— Boa noite, Emmy.

Alex a observou sair do apartamento com um suspiro. Havia muitas outras coisas que ele deveria ter contado, mas entendia que suas mãos estavam amarradas. Ela teria que descobrir por seus próprios meios a verdade sobre o homem com quem se casara. Ele não poderia fazer mais nada.

De volta à outra parte de Blackmoor Hall, Emilie deitou-se na cama, sentindo-se incomodada, mas também aliviada por saber a verdade sobre a relação entre os irmãos. Armada com os fatos, ela se sentia mais capaz de lidar com a situação. Seu marido não era um louco, apenas um garotinho inseguro que sempre viveu com uma profunda inveja do irmão mais novo, que o superava em tudo.

Isso fazia dele uma má pessoa?

Não, *não*...

Agora ela compreendia Sebastian. Seria possível ajudá-lo a superar seus problemas? Ele precisava sentir-se amado, valorizado e seguro.

Diferente de Frederik e Falk, um dos irmãos não poderia ser totalmente maligno enquanto o outro era bom. Nem a vida nem as pessoas poderiam estar em opostos tão extremos.

Emilie suspirou enquanto apagava a luz para dormir. Estaria criando justificativas para o comportamento de seu marido simplesmente porque não era capaz de aguentar a verdade?

Será que havia cometido um engano terrível?

Quando Emilie chegou ao *château* na tarde seguinte, a visão das janelas e portas cobertas por tapumes e andaimes lhe causou uma dor quase insuportável. Passou duas horas com o arquiteto, examinando todos os detalhes que haviam sido concluídos nas obras. Em seguida, foi até a vinícola, onde, como de hábito, Jean estava sentado em sua mesa, trabalhando com a documentação e a papelada da empresa.

— Emilie, é ótimo revê-la — ele disse, sorrindo, enquanto se levantava, e beijou-a nas faces.

— Como está seu pai?

— Ele está se recuperando, conforme a primavera começa a chegar. Está descansando no momento e estará pronto para continuar com a história hoje à noite. Disse que quer que você saiba que a história não tem um final feliz.

Depois daquela última semana de confusão mental e emocional, contrastada com a alegria de poder estar de volta à luz e ao ar morno da primavera provençal, Emilie sentia-se pronta para lidar com isso.

— Jean, estamos falando do meu passado, não do presente ou do futuro. Garanto-lhe que sou capaz de lidar com isso.

Ele a observou com atenção antes de fazer um comentário.

— Emilie, de algum modo, você está bem diferente. Tenho a sensação de que você cresceu. Perdoe-me pelo comentário.

— Imagina, Jean. Eu acho que você está certo.

— As pessoas dizem que a morte de uma geração anterior significa que você realmente virou uma pessoa adulta. Talvez seja o prêmio pela tristeza de perdê-los.

— Talvez.

— E agora, enquanto meu pai descansa, podemos falar sobre a vinícola? Quero explicar meus planos para a expansão.

Emilie tentou se concentrar nos fatos e números que Jean lhe apresentou, mas não se sentia qualificada para opinar a respeito. Não conhecia nada sobre o mercado ou a indústria de vinhos, e sua falta de habilidade fazia com que se sentisse constrangida ao constatar que Jean tinha que pedir sua permissão para expandir os negócios da vinícola.

— Confio em você, Jean. Sei que fará o que for possível para tornar a cave mais lucrativa — ela disse, enquanto ele guardava seus papéis.

— Obrigado, Emilie. Mesmo assim, preciso comunicar minhas ideias e discuti-las com você. Você é a dona da empresa e das terras.

— Talvez essa não seja a melhor opção — ela disse, sentindo que uma ideia surgia em sua mente naquele momento. — Talvez você devesse ser o dono da vinícola. — Jean a olhou, surpreso. — Bem, que tal tomarmos uma taça de *rosé* e conversarmos mais a respeito?

Os dois se sentaram no terraço atrás da casa de Jean e discutiram como poderiam transformar a ideia de Emilie em realidade.

— Acho que eu poderia comprar a empresa, mas continuaria a alugar as terras ou a arrendá-las. Isso significaria que a pessoa que me suceder na cave não poderia separá-la do *château* — Jean sugeriu. — Não posso oferecer muito, pois terei que tomar um empréstimo no banco e levará algum tempo até que eu possa pagar os juros. Mas, em troca, posso lhe oferecer uma porcentagem de qualquer lucro que eu tenha.

— Acho que, em princípio, parece bastante sensato — Emilie concordou. — Eu teria que perguntar a Gerard o que ele acha da ideia, e talvez verificar se existe alguma declaração ou documento elaborado por algum de meus antepassados que proíba esse tipo de negociação. Mesmo assim, tenho certeza de que eu poderia removê-los. Afinal, da noite para o dia, eu me

tornei todo-poderosa — ela disse, com um sorriso.

— Combina bem com você — Jean disse, rindo.

— Talvez combine — Emilie disse, bebendo o vinho enquanto se deixava levar por seus pensamentos. — Sabe, logo depois que minha mãe morreu, a ideia de administrar os bens e o patrimônio da família me aterrorizava, com toda a complexidade envolvida. Meu primeiro instinto foi vender tudo. Mas aprendi muitas coisas nesse último ano. Talvez eu seja mais capaz do que acreditava. Ah, me desculpe. Não quis parecer arrogante.

— Emilie, uma parte do seu problema sempre foi não acreditar em sua própria capacidade — Jean emendou. — De qualquer forma, se você realmente quiser pensar mais a respeito, eu gostaria muito de chegar a um acordo. Bem, imagino que você esteja com fome. Vamos entrar e comer algo. Em seguida, será a hora de meu pai lhe contar mais uma parte da história.

Quando avistou Jacques, Emilie teve a impressão de que ele parecia bem melhor do que na última vez em que o vira.

— É o ar da primavera que está aquecendo meus ossos — ele disse entre risos, deliciando-se com o jantar, um peixe assado comprado no mercado de Gassin. — Bem, está pronta, Emilie? — ele perguntou, enquanto se sentavam na sala de estar. — Preciso avisá-la de que a história é... complexa, por assim dizer.

— Estou pronta.

— Se eu me lembro bem, Constance e Sophia haviam chegado ao *château* e Édouard conseguira fugir para a Inglaterra...

Paraíso

Uma manhã dourada, um pêssego doce e maduro,

Um mar azul beijando a praia.

Um cheiro de primavera, uma rosa orvalhada

Da qual o perfume enche um nariz ansioso.

Há beleza em toda parte,

Um banquete para os sentidos se refestelarem.

*Uma cela escura, o medo da noite,
O vento mistral sopra com toda a força.
O frio do inverno em uma terra infértil,
O frio mordaz na mão gelada.
A beleza, agora, fechou suas portas
E foi-se embora para um porto distante.*

*Um toque no rosto, um beijo demorado,
Uma lembrança tão suave, que logo desaparecerá.
Um braço carinhoso ao meu redor,
A beleza do verdadeiro lar de um coração.
Em meio ao desespero negro, uma estrela cadente,
Pois o paraíso é onde você está.*

Sophia de la Martinières,
abril de 1944.

CAPÍTULO 27



GASSIN, SUL DA FRANÇA, 1944

— Alguém está chegando! — Jacques gritou. — Onde está Sophia?

— No porão, dormindo — Connie respondeu, imediatamente colocando-se em estado de alerta.

— Vá até lá e avise-a de que não deve gritar.

Imóvel, Jacques espiava pelo olho mágico da porta da cave.

— Espere... é Armand! — ele comentou, virando-se para Connie com um suspiro de alívio, e abriu a porta para recebê-lo. Connie observou Armand enquanto ele encostava sua bicicleta contra a parede externa e entrava no lugar. Depois de um mês sem ver ninguém além de Jacques e Sophia, Connie estava extraordinariamente feliz ao se deparar com seu rosto sorridente.

Os dois homens se abraçaram da maneira íntima que era peculiar aos franceses, e Jacques conduziu Armand pela passagem até sua casa.

— Sente-se, meu amigo, e compartilhe as notícias. Faz tempo que não recebemos nenhuma. Constance, pode preparar um pouco de café?

Connie assentiu, relutante, querendo ouvir cada fragmento de informação que Armand tinha a oferecer. Sua função atual, de servir como governanta e consoladora para Sophia, uma Sophia que, durante o último mês, se recusava a sair da cama no porão para respirar ar puro no jardim murado do *château*, não comia direito e não reagia aos pedidos de Connie para que não entregasse os pontos, estava ficando cada vez mais difícil.

Colocando três xícaras apressadamente numa bandeja e despejando o café nelas, Connie as levou para a sala de estar.

— Obrigado, Constance. E feliz Ano-Novo para você! — Armand disse, enquanto retirava uma das xícaras da bandeja e bebia o conteúdo com gosto.

— Rezemos para que 1944 seja o ano da libertação de nosso país — Jacques acrescentou, convicto.

— Sim — disse Armand, assentindo enquanto retirava um embrulho da bolsa. — Isso é para a *mademoiselle* Sophia, mas tenho certeza de que ela não se importará se você abri-lo, *madame*. Há boas notícias aqui.

Connie pegou o embrulho e o abriu. Olhou para o tecido verde-claro que forrava a capa do livro, e depois para o título do livro, e sorriu.

— É o volume dois da *História das Frutas Francesas* — comentou, olhando para Jacques com os olhos brilhantes. — Um livro que eu adorava e que estava na biblioteca de Édouard em sua casa de Paris. Isso significa que ele está a salvo?

— Sim, *madame*, Édouard está em segurança — Armand confirmou. — E, mesmo em seu esconderijo, está ajudando nossa luta. Tenho certeza de que *mademoiselle* Sophia vai ficar mais animada ao saber que seu irmão está vivo e bem. E, quem sabe, ele poderá retornar antes do que pensamos? Mas ele está afastado daqui justamente para proteger a irmã.

— Você sabe como ele conseguiu escapar? Édouard estava muito doente quando partimos — disse Connie, apertando o livro contra si como se fosse um talismã.

— Não conheço os detalhes, *madame*. Mas, infelizmente, ouvi relatos de que a agente britânica que salvou sua vida foi morta recentemente pela Gestapo. Os tempos atuais são perigosos, *madame*, mas, pelo menos “Herói” está a salvo.

— Sabe alguma coisa sobre Sarah?

— Não há qualquer notícia sobre ela, eu lamento — Armand disse, balançando a cabeça com tristeza. — Como várias outras pessoas, ela simplesmente desapareceu. E como está Sophia?

Jacques e Connie se entreolharam.

— Ela não está mal — Jacques disse, enfadado. — Está triste por causa de seu irmão e

sente falta da liberdade. Mas o que podemos fazer até que a guerra termine?

— Diga-lhe que não deve perder a esperança. Tudo vai acabar rapidamente e todos nós sairemos dessa escuridão. A data da invasão dos Aliados está chegando e nós estamos fazendo o que podemos para ajudá-los — Armand disse, sorrindo para Connie. A fé e a esperança nos olhos do homem a ajudavam a restabelecer suas próprias forças. — Bem, preciso ir agora.

Jacques e Connie o observaram enquanto pedalava sua bicicleta para longe, sentindo-se gratos pela mudança na vida solitária que vinham tendo. Sophia podia se sentir uma prisioneira no porão do *château*, mas, na superfície, seus carcereiros se sentiam igualmente pressionados pela responsabilidade de protegê-la.

— Como ela está hoje? — Jacques perguntou enquanto Connie levava as xícaras de café para a cozinha.

— Como sempre. É como se houvesse desistido de viver.

— Talvez as notícias de que seu irmão esteja a salvo e com saúde ajudarão a animá-la — Jacques disse, dando de ombros.

— Vou descer e contar a ela — Connie disse.

Jacques assentiu em silêncio quando Connie voltou à cozinha. Ela pegou uma jarra lacrada com leite na despensa, colocou-a na bolsa de lona que usava para levar suprimentos até o porão e colocou-a sobre os ombros.

— Tente estimulá-la a sair um pouco do porão para tomar ar fresco — Jacques acrescentou.

— Vou tentar.

Connie se enfiou no enorme barril de carvalho, removeu o fundo falso, acendeu o lampião a óleo e iniciou a jornada pelo túnel. A jornada que a apavorou na primeira vez agora era parte de sua rotina diária. Quando alcançou a porta, ela a abriu e percebeu, pela luz fraca e cinzenta da pequena janela, que Sophia ainda estava dormindo. Já era quase hora do almoço.

— Sophia, acorde — Connie disse, agitando-a suavemente. — Tenho boas notícias.

Sophia rolou sobre a cama e se espreguiçou. Sob a camisola branca, já era possível

perceber que sua barriga estava maior.

— O que houve?

— Um mensageiro acabou de trazer ótimas notícias. Seu irmão está a salvo!

Ouvindo aquilo, Sophia se sentou sobre o colchão.

— Ele está vindo até aqui? Ele virá para me tirar deste lugar?

— Talvez ele não demore — Connie mentiu. — Mas não é ótimo saber que ele está bem? Ele nos mandou o livro sobre as árvores frutíferas. Lembra? Você desenhava as frutas descritas aqui quando estava em Paris.

— Sim! — Sophia disse, erguendo os joelhos até a altura do peito e colocando os braços ao redor deles. — Eram dias maravilhosos.

— E eles voltarão, Sophia. Eu prometo.

— E logo ele virá até aqui para me tirar deste inferno — ela disse, com o rosto virado para um ponto em meio à escuridão. — Ou talvez Frederik... — Sophia disse subitamente, agarrando a mão de Connie com força. — Você não imagina a saudade que eu sinto dele.

— Imagino sim. Existe uma pessoa de quem sinto tanta saudade quanto você sente de Frederik.

— Sim, do seu marido. — Repentinamente, toda a energia de Sophia a abandonou e ela voltou a se deitar na cama. — Mas eu não consigo acreditar que esta guerra acabe algum dia. E acho que vou morrer aqui neste lugar miserável.

Essas eram as palavras que Connie ouvia, dia após dia, nas últimas semanas. Por sua própria experiência, sabia que não havia muito o que dizer ou fazer para tirar Sophia daquele torpor.

— A primavera está chegando, Sophia, é a chegada de uma nova era. Você precisa acreditar nisso.

— Eu quero acreditar. Eu realmente quero, mas sozinha aqui embaixo, à noite, acho muito difícil conseguir acreditar em algo bom.

— Eu entendo que deve ser muito difícil para você, mas não pode perder a esperança.

As duas mulheres ficaram sentadas em silêncio na penumbra. Connie ponderava por que Sophia ainda não havia mencionado o fato de que estava grávida. Com certeza já deveria saber, com as mudanças pelas quais seu corpo passava. Várias vezes, sentira vontade de conversar com ela a respeito. Como sempre esteve tão protegida por Édouard e Sarah, talvez isso significasse que ela não sabia o que estava lhe acontecendo. Pelas suas contas, aquela mulher daria à luz um bebê em menos de seis meses. E, naquele momento, Connie tinha certeza de que aquilo era a única coisa que poderia tirar Sophia do desalento em que se encontrava. Teria que tocar no assunto.

— Sophia, você sabe que, dentro de pouco tempo, dará à luz um bebê?

As palavras ecoaram pelo ar úmido e fétido por tanto tempo que Connie imaginou se Sophia havia voltado a dormir.

Finalmente, Sophia falou:

— Sim.

— E é o bebê de Frederik?

— É claro que é! — Sophia estava indignada com a pergunta.

— E você sabe que mulheres grávidas precisam fazer de tudo para que seus filhos estejam bem nutridos? Não apenas com comida, mas com ar fresco e boa disposição?

O silêncio continuou por mais algum tempo.

— Há quanto tempo você sabe?

— Sarah soube imediatamente. E ela me contou — Connie respondeu.

— Sim, ela saberia — Sophia disse, suspirando e movendo-se para encontrar uma posição mais confortável na cama. — Sinto muita saudade dela.

— Eu sei que sente. Tento fazer o melhor que posso, mas entendo que não sou Sarah — Constance disse, ouvindo o toque de frustração em sua própria voz.

— Me perdoe, Constance — Sophia disse. Provavelmente sentira a queda súbita na

temperatura ambiente. — Eu sei o quanto você se importa comigo e o esforço que faz para cuidar de mim, e sou muito grata por isso. Em relação ao bebê, eu estava envergonhada demais para lhe contar. Entendo o que isso significa, entendo o que eu fiz — Sophia disse, juntando as mãos, em desespero. — Talvez seja melhor que eu morra. O que meu irmão vai dizer quando souber? Meu Deus, o que ele vai dizer?

— Ele vai entender que você é humana e que fez o que fez por amor — Connie mentiu. — E agora, o fruto desse amor é uma nova vida que chegará ao mundo. Sophia, você não pode desistir de tudo. Você deve lutar, como nunca lutou antes, pelo bem dessa criança.

— Mas Édouard nunca vai me perdoar, nunca. E você, Constance, como eu poderia lhe dizer que, na noite em que meu irmão estava fora de Paris, eu a enganei e levei Frederik até o meu quarto e me deitei com ele, por minha livre e espontânea vontade? Você deve me odiar! — Sophia disse, balançando a cabeça, desesperada. — E aqui está você, cuidando de mim, simplesmente porque é uma mulher gentil e não tem outra alternativa. Mas Constance, você não entende o que é ser um fardo para todos à sua volta. Desde a infância, eu nunca pude ser deixada sozinha, pois podia cair no chão e me machucar. Todos os dias da minha vida, eu não posso fazer as coisas simples que outras pessoas podem. Preciso depender de outros para subir as escadas ou usar o banheiro, ou simplesmente me vestir com uma nova roupa com a qual não estou familiarizada. Nunca vou conseguir, como você consegue, sair pela porta da frente e caminhar pela rua — Sophia choramingou, passando os dedos pelos cabelos. — Me perdoe pelo meu comodismo.

— Entendo — Connie disse, pousando a mão sobre o ombro de Sophia. — Deve ser realmente horrível para você.

— Minha vida sempre foi assim, até que conheci um homem que não me enxerga como uma deficiente, que não me trata como a minha família o faz, como se fosse uma criança incapaz. Não, Frederik me trata como uma mulher. Ele ignora minha deficiência, escuta o que eu tenho a dizer sem paternalismo, ama quem eu sou por dentro. Mas, por azar, ele está do lado errado, está com os inimigos. E, por causa disso, eu não posso, não devo amá-lo, pois estarei traindo a minha família, o meu país e causando-lhes outros problemas. Agora ele desapareceu e eu trago seu filho dentro de mim. É mais um fardo sobre os ombros das pessoas que estão à minha volta. Constance, você ainda se pergunta por que eu fico aqui deitada, esperando e

desejando morrer? Eu sei o quanto a vida de todos seria mais fácil sem mim!

Connie ficou chocada com a força da explosão de Sophia. Aquelas palavras fizeram com que ela percebesse, pela primeira vez, que Sophia realmente compreendia o mundo em que vivia e tinha um profundo sentimento de culpa por depender de outras pessoas.

— Se não fosse por minha causa, Sarah não seria presa por estar naquele trem — Sophia continuou. — Provavelmente, ela está morta agora, ou foi enviada para um daqueles campos horríveis, onde acabará morrendo dentro em breve.

Connie procurava pelas palavras certas.

— Sophia, sua presença na vida da sua família é tão valiosa que ninguém pensa nos cuidados que lhe prestam. São pessoas que amam você.

— E como eu retribuo esse amor? Trazendo a desgraça à minha família. — Sophia balançava a cabeça, lágrimas corriam pelo seu rosto. — Não importa o que você diga, Édouard nunca me perdoará por isso. Como eu poderei contar a ele?

— Vamos pensar nisso mais tarde, Sophia — Connie concluiu. — Por ora, o mais importante é cuidar da sua saúde e da saúde da criança também. Você deve fazer o que puder para ajudar seu bebê a vir ao mundo. Sophia, você quer essa criança?

Houve um longo silêncio antes que Sophia lhe respondesse.

— Às vezes acho que seria melhor se nós dois simplesmente nos deitássemos aqui embaixo e morrêssemos. Mas, em seguida, penso que todas as pessoas que amei se foram e que a vida dentro de mim é tudo o que tenho. E é uma parte dele, uma parte de Frederik... Oh, Constance, estou tão confusa! Não me odeia pelo que fiz?

— Não, Sophia — Connie suspirou. — Eu não a odeio, de maneira alguma. Você precisa perceber que não é a única mulher que se encontrou nesta situação, e não será a última. Concorro que as circunstâncias são muito complicadas, mas lembre-se de que essa vida pequena e inocente, que cresce dentro de você, não tem qualquer noção sobre o que aconteceu. E, qualquer que seja o legado que essa criança receba, ou qualquer que seja seu futuro, você precisa dar a seu filho uma chance de viver, não é? Já houve muitas mortes, muita destruição. Uma nova vida é uma nova esperança, sejam quais forem as circunstâncias da concepção. Um

bebê é um presente de Deus, Sophia. — Quando terminou, Connie imaginou se sua criação católica latente fora responsável por trazer aquelas palavras emocionadas à sua boca. Percebeu que acreditava em cada uma delas. — Acho que, por enquanto, tudo o que pode fazer é valorizar aquilo que está crescendo dentro de você — acrescentou, em voz baixa.

— Sim, tem razão — Sophia disse. — Você é muito inteligente e gentil, Constance, e não há palavras para agradecê-la pelo que está fazendo por mim. Algum dia, espero poder encontrar uma maneira de retribuir.

— Bem, talvez você possa fazer isso se não ficar enfiada neste lugar, desejando apenas morrer — Connie sugeriu. — Por favor, Sophia. Deixe eu ajudar você e seu bebê também.

Sophia suspirou.

— Sim, é verdade. Estou sendo egoísta em relação a mim mesma, quando tantas outras pessoas estão sofrendo muito mais. Vou tentar ter esperança de agora em diante. E, talvez, quando Frederik chegar, poderemos traçar algum plano.

Connie olhou fixamente para Sophia, sem acreditar que ela ainda pensava que isso seria possível.

— Você realmente acredita que ele virá?

— Eu sei que ele virá — Sophia respondeu, com toda a certeza que o amor lhe dava. — Ele disse que viria me encontrar e o meu coração sabe que ele não vai me decepcionar.

— Então, Sophia, você também não deve decepcioná-lo.

Nos dias seguintes, Sophia reagiu. Começou a se alimentar adequadamente e subia as escadas para ir até o *château* ou para respirar ar fresco no jardim murado, onde caminhava com Constance para se exercitar. Certa manhã, ela inspirou o ar.

— A primavera está chegando. Posso sentir seu cheiro. A vida vai ficar bem mais agradável.

Março chegou e, com ele, as flores e folhagens voltaram a cobrir o jardim murado. O *château* não recebeu nenhuma visita e Jacques se recusava a deixar que Connie fosse até a

vila em sua bicicleta para comprar mantimentos, insistia em cuidar de todas as compras. Viviam num alerta constante em relação à possibilidade de uma visita dos soldados da Gestapo que agiam nas proximidades, mas toda a atenção que receberam nas últimas semanas foi de um recruta alemão que chegou para exigir cem garrafas de vinho e dois barris de álcool para a fábrica de torpedos.

— Nossa vida solitária é uma vida segura — Jacques disse certa noite. — Não se pode confiar em ninguém e, enquanto Sophia estiver sob minha proteção, não podemos ficar complacentes. Assim, devemos suportar a solidão e a monotonia, e aproveitar a companhia um do outro até que tudo esteja terminado — Jacques disse, levantando uma sobrancelha e sorrindo para ela.

Connie não tinha muita escolha além de concordar. Mesmo assim, forçada a viver com aquele estranho, havia passado a gostar bastante dele. A pele morena e os maneirismos de um camponês escondiam uma mente ágil e analítica. Quando Sophia já estava dormindo, no porão, eles passavam as noites entretidos com um tabuleiro de xadrez. Connie também aprendeu muito com Jacques sobre o processo complexo da fabricação de vinho e nunca deixou de se emocionar com a devoção total ao seu amigo e patrão, Édouard. Por sua vez, ela lhe falava sobre a vida na Inglaterra e seu querido Lawrence, que não fazia ideia de onde ela estava.

Connie sentia que existia uma escuridão perpétua tanto nos aposentos subterrâneos de Sophia quanto nos quartos do *château*, com suas janelas permanentemente fechadas. Ocasionalmente, ela conduzia Sophia pela escada que levava ao térreo da casa e sentava-se com ela na magnífica biblioteca que Édouard e seu pai haviam criado. Pegava um livro da estante e o lia para Sophia sob a luz do lampião. Numa das estantes, Connie encontrou o primeiro volume da *História das Frutas Francesas* e o levou de volta à casa onde estava hospedada para mostrá-lo a Jacques.

— São belos livros — ele reconheceu enquanto folheava o volume cuidadosamente, admirando as páginas coloridas. — Édouard me mostrou este primeiro volume, que seu pai havia comprado há alguns anos. Pelo menos estes dois foram reunidos depois de centenas de anos.

Quando a primavera chegou, o corpo de Sophia cresceu. Com a gravidez avançando, seu

rosto estava rosado após passar todas as tardes sentada sob os ramos protetores da noqueira, que ficava dentro do jardim murado. Sempre que Sophia estava ali para respirar ar puro, Jacques vigiava a área ao redor para o caso de haver visitantes indesejados. Era tão protetor com Sophia quanto qualquer pai.

Certa noite, quando Connie foi colocar Sophia para dormir no porão, Jacques pegou uma ânfora de vinho e serviu uma taça para si mesmo e outra para Connie.

— Sabe quando o bebê vai nascer? — ele perguntou.

— Pelos meus cálculos, em junho.

— E o que vamos fazer quando isso acontecer? Será que um bebê pode passar as primeiras semanas de sua vida num porão frio e escuro? Além disso, o que faremos se o bebê chorar e alguém escutar? E como Sophia poderá cuidar do bebê, se não enxerga?

— Em circunstâncias normais, ela teria uma babá para ajudá-la. Mas as circunstâncias em que nos encontramos não são normais — Connie disse.

— Realmente não são.

— Bem, parece que eu serei a babá. Embora não tenha a menor ideia sobre como cuidar de um bebê.

— Eu estava imaginando, Constance, se o melhor a fazer não seria levar a criança diretamente a um orfanato. Assim, ninguém, exceto você, eu e a *mademoiselle* Sophia saberíamos de sua existência. Qual futuro esse bebê poderia ter? — Jacques disse, balançando a cabeça, desconsolado. — Quando Édouard descobrir a verdade, eu nem me atrevo a pensar no que ele fará.

— Certamente, essa é uma ideia a considerar — Connie concordou, embora hesitasse. — Mas não é algo que devemos propor a Sophia neste momento. Ela está passando bem.

— Com certeza — Jacques assentiu. — Mesmo assim, eu conheço um orfanato administrado por um convento em Draguignan, que cuida de casos como esse.

— Talvez.

Connie não achava que seria apropriado mencionar a ligação que Sophia estabelecera

recentemente com a criança que trazia dentro de si ou a maneira que a via como uma parte de Frederik e um símbolo do amor deles. Era uma atitude que a própria Connie havia estimulado para tentar tirar Sophia do torpor. Jacques era um homem. Ele não conseguiria entender.

— Veremos. — Foi tudo o que ela conseguiu dizer.

No início de maio, Armand chegou à vinícola pedalando sua bicicleta. Sentou-se com Jacques e Connie no pequeno jardim e bebeu a nova safra de *rosé* direto do tonel. Exausto e mais magro do que antes, ele lhes informou como os Maquis, aquartelados nas encostas cobertas de florestas de La Garde-Freinet, estavam se preparando para a invasão da região sul.

— Os alemães estão sendo enganados. Achem que a invasão vai começar nos portos de Marselha e Toulon, mas os aliados estão planejando pousar aqui, nas praias, perto de Cavalaire e Ramatuelle. E nós, a Resistência, estamos fazendo o que podemos para confundirlos e dificultar suas vidas — ele disse, sorrindo. — Estamos cortando cabos telefônicos, explodindo pontes ferroviárias e capturando seus comboios com armamentos. Há milhares de nós agora, todos lutando pela mesma causa. Os britânicos estão trazendo, secretamente, uma quantidade enorme de armas para nós e estamos bem organizados. Ouvi dizer que os americanos vão liderar o ataque na costa sul pelo mar. Constance, eu sei que você é treinada para fazer este tipo de ação. Pode nos ajudar? Precisamos de uma mensageira para...

— Não, Armand. Até o momento ela não foi vista fora desta casa — Jacques respondeu, com firmeza. — E, por causa disso, fomos deixados em paz. Se Constance fosse avistada andando de bicicleta pela região, as coisas ficariam muito perigosas para a *mademoiselle* Sophia.

Constance estava desanimada.

— Não posso usar a passagem dos fundos, Jacques? Eu quero ajudar.

— Eu sei, Constance. Talvez seja possível fazer isso no futuro. Mas, por ora, é importante que você esteja perto da *mademoiselle* Sophia — Jacques disse, advertindo-a com o olhar.

— Talvez haja outras maneiras de nos ajudar, Jacques — Armand prosseguiu. — É comum

termos aviadores britânicos que precisamos mandar para fora da França através da Córsega, e, ocasionalmente, precisamos de um esconderijo onde eles possam ficar até que o barco venha buscá-los. Você estaria preparado para recebê-los?

Jacques suspirou, incerto do que responder.

— Não quero atrair atenção para este lugar.

— Jacques, tenho certeza de que existe uma maneira de fazer isso com segurança — Connie insistiu. — Sophia está escondida no porão, longe da cave, e nós devemos fazer o que estiver a nosso alcance para ajudar a causa maior. É nisso que Édouard acreditava, mesmo que significasse que teria que colocar sua família em perigo — Connie enfatizou, determinada a fazer algo de útil.

— Sim, Constance, você tem razão — Jacques respondeu após pensar por algum tempo. — Como eu posso recusar? Podemos esconder os aviadores no sótão.

— Obrigado — Armand disse, assentindo em aprovação.

— Tenho certeza de que você cuidará bem deles, Constance — Jacques disse, levantando-se.

— É claro que sim — Connie respondeu, pensando de forma egoísta no quanto gostaria de se juntar aos aviadores no barco que os levaria à Córsega.

— Eu, ou algum de meus homens, entraremos em contato quando a necessidade surgir — Armand disse. — Agora, preciso ir.

Os primeiros dois aviadores britânicos chegaram às três horas da manhã, uma semana depois. O som do sotaque britânico trouxe lágrimas aos olhos de Connie enquanto ela os recebia, trazendo-lhes comida e vinho. Deveriam ficar ali por vinte e quatro horas antes de partirem para a Córsega num barco. Ambos os homens, embora estivessem fracos e exaustos após passarem as últimas semanas fugindo dos alemães, estavam animados com a possibilidade de retornarem para casa.

— Não se preocupe, garota — um deles disse enquanto ela os levava até o sótão. — O

domínio dos nazistas sobre a França está ficando cada vez mais fraco. Hitler está perdendo o controle. Seus próprios homens chegaram até mesmo a engendrar uma tentativa frustrada de matá-lo recentemente. De uma forma ou de outra, levará algumas semanas, em vez de meses, para que tudo esteja terminado.

Quando partiram, na madrugada seguinte, Connie entregou um envelope a um dos pilotos ingleses.

— Por favor, quando voltar para a Inglaterra, pode colocar isso no correio para mim?

— É claro que posso. É um pequeno preço a pagar pelo primeiro almoço decente que tive nas últimas semanas — ele disse com um sorriso.

Connie se retirou para seu quarto, com uma sensação renovada de esperança no coração. Se o avião conseguisse regressar, Lawrence poderia finalmente receber notícias de que ela estava viva e em segurança.

Conforme o parto de Sophia se aproximava, ela lutava para subir as escadas do porão, devido à barriga enorme. Mesmo assim, tinha um ar tranquilo e gozava de ótima saúde.

Connie conseguiu encontrar alguns novelos de lã e um par de agulhas de tricô no quarto da velha governanta do *château*, e sentava-se com Sophia no jardim murado durante as tardes para fazer casaquinhos, chapéus e sapatinhos para o bebê. Às vezes, olhava para Sophia com um pouco de inveja, afinal, ela tinha o sonho de formar uma família com Lawrence. Agora, estava vendo seu desejo de ser mãe realizado por outra mulher.

Nas noites quentes, ela e Jacques frequentemente se sentavam à mesa no jardim da casa, cercados pelas videiras jovens que protegiam os brotos verdes e pequenos que não tardariam em se transformar em uvas gordas, suculentas e bulbosas.

— Não vai demorar muito até chegar a época da colheita. Mas não sei se vou conseguir contratar pessoas para me ajudar com essa tarefa — Jacques suspirou. — Todos estão pensando em coisas mais importantes do que fazer vinho.

— Vou ajudá-lo — Connie ofereceu, sabendo que era um gesto inútil. Jacques normalmente teria uma dúzia de homens e mulheres colhendo os cachos de uva, desde o

amanhecer até o fim da tarde.

— É uma oferta muito gentil, Constance, mas creio que talvez precisem de sua ajuda em outro lugar. Você sabe alguma coisa sobre ajudar bebês a nascerem? — Jacques perguntou.

— Não. Surpreendentemente, isso não fazia parte do meu curso antes de chegar até aqui — ela respondeu, com ironia na voz. — Nos livros que eu li, todos se ocupam com toalhas e água quente. Bem, não sei exatamente como, mas acho que vou conseguir lidar com isso quando a hora chegar.

— Receio que algo possa dar errado e que Sophia possa precisar de ajuda médica. O que faríamos neste caso? Não podemos nos arriscar a levá-la ao hospital — Jacques comentou, preocupado.

— Como eu disse, farei o meu melhor.

— E isso, querida Constance, é só o que podemos fazer — Jacques suspirou.

Os aviadores ingleses chegavam e partiam com frequência pela porta da casa de Jacques, usando o sótão para esperar pelo barco que os levaria à Córsega. Conversando com eles, Connie percebeu que o plano dos Aliados para a invasão da Normandia estava próximo de ser executado. A invasão do sul aconteceria algumas semanas depois. Toda vez que os aviadores partiam, ela lhes entregava um envelope e pedia que o enviassem a Lawrence.

As cartas sempre diziam a mesma coisa:

Meu querido, não se preocupe comigo. Estou bem e em segurança, e espero voltar para casa em breve.

Enquanto escrevia a quinta carta numa noite de junho, pronta para entregá-la a um aviador quando ele partisse naquela madrugada, ela esperava que algum daqueles envelopes pudesse chegar às mãos de Lawrence.

Repentinamente, Jacques entrou na sala de estar com o rosto consternado. — Constance, há alguém xeretando do lado de fora. Suba e diga aos aviadores para ficarem em silêncio. Vou

ver quem está lá.

Jacques pegou a carabina que usava para caçar, que sempre deixava atrás da porta da casa, e saiu.

Depois de avisar os aviadores, Connie voltou ao andar inferior e encontrou Jacques em pé na sala de estar, com a arma apontada para um homem alto e louro, com as feições marcadas pela dor. Ele estava com os braços erguidos, em sinal de rendição.

— Fique longe! Ele é alemão!

Jacques o cutucou no peito com o cano da arma.

— Sente-se ali — ele disse, indicando a poltrona perto da lareira, onde o homem ficaria encurralado.

Quando o homem se sentou, Connie o olhou nos olhos imensos em seu rosto emagrecido, com seus cabelos louros enlameados e o que sobrava da sua camisa e calças envolvendo o corpo esquelético. Ela o olhava fixamente e seu coração começou a bater. Pensou que iria desmaiar com o choque.

— Constance, sou eu, Frederik — o homem disse, falando com a voz rouca. — Talvez você não esteja me reconhecendo sem o uniforme.

Connie forçou-se a voltar a olhá-lo no rosto. A expressão que ele tinha nos olhos era a única pista sobre qual dos gêmeos ele era. Ela percebeu a gentileza e o medo em seu olhar e, com um suspiro de alívio, viu que ele estava dizendo a verdade.

— Você conhece este homem? — Jacques perguntou, com o rosto transfigurado pela descrença.

— Sim — ela assentiu. — Este é Frederik von Wehndorf e ele é um coronel da SS. Sophia também o conhece — Connie respondeu, olhando nos olhos de Jacques, esperando que ele entendesse sem que ela tivesse que lhe explicar.

— Entendo — Jacques disse, com um aceno afirmativo de cabeça, mas não baixou a arma. Virou-se para Frederik. — E o que você está fazendo aqui?

— Vim ver Sophia, como prometi que faria. Ela está aqui?

Connie e Jacques permaneceram em silêncio.

— Como podem ver — Frederik disse, indicando suas roupas —, não sou mais um oficial do exército alemão. Na verdade, sou um homem procurado. Se me encontrarem, vão me levar de volta à Alemanha e serei fuzilado imediatamente como um traidor.

Jacques soltou uma risada cruel.

— Você realmente espera que acreditemos nessa história? Como podemos saber que isso não é um truque? Vocês, alemães, mentiriam sem qualquer pudor para salvar suas próprias vidas.

— Tem razão, senhor — concordou Frederik, calmamente. — Não posso provar o que estou dizendo. Tudo o que posso fazer é lhe dizer a *minha* verdade — ele disse e virou-se para Connie. — Depois que eu a levei, junto com Sophia e sua governanta à estação de Montparnasse, não voltei à Alemanha. Sabia que meu irmão, Falk, não descansaria até que eu fosse levado à justiça por ajudá-las a escapar. Não é a primeira vez que ele duvidou da minha lealdade à causa. Parece que eu tenho muitos inimigos e nenhum amigo.

A dor e a exaustão nos olhos de Frederik eram palpáveis. Sem seu uniforme, ele parecia muito mais vulnerável.

— Para onde você estava viajando, Frederik? — Constance interveio.

— Constance, meu único pensamento era conseguir chegar até aqui para ver Sophia, como prometi. Quando saí de Paris, comecei a me esconder. Viajei até os Pireneus e usei desde subornos até a gentileza de estranhos para permanecer vivo. Não me expus, chegando até mesmo a ordenhar cabras e alimentar galinhas, e esperei até que fosse seguro viajar pela França para encontrar Sophia. Parti há muitas semanas para chegar até aqui.

— Você conseguiu viajar uma distância muito longa sem que fosse capturado por algum dos dois exércitos.

— Foi a ideia de rever Sophia que me deu ânimo para continuar. Mas tenho certeza de que minha sorte não vai durar muito tempo. Existe uma pessoa que sabe para onde eu viria e que se importa o bastante para querer me caçar — Frederik suspirou, balançando a cabeça. — Não importa. Sei que a minha morte é inevitável, seja pelas mãos dos alemães seja pelas dos

franceses. Eu só queria ver Sophia uma última vez. Por favor, Constance. Pelo menos me diga se ela está bem e em segurança. Ela ainda está viva?

Connie percebeu que os olhos de Frederik estavam cheios de lágrimas. Sentado sob a mira da arma de Jacques, quase irreconhecível, ela sentiu que seu coração se deixava convencer pelas palavras do alemão. Ele escolheu arriscar a vida para ver a mulher que amava, em vez de escapar e salvar sua própria pele. Qualquer que fosse sua nacionalidade, perspectiva política, ou mesmo o que tivesse feito nos últimos anos, ali estava um ser humano que merecia alguma simpatia.

— Sim, ela está segura e está bem — Connie afirmou. — Jacques lhe lançou um olhar de advertência, mas Connie o ignorou. — Está com fome? Duvido que tenha comido nas últimas semanas.

— Constance, qualquer coisa que você tenha sobrando será bem-vinda, mas, por favor, me diga. Sophia está aqui? Posso vê-la? — Frederik implorou.

— Vou lhe trazer comida e então conversaremos. Jacques, pode baixar a arma. Frederik não vai nos fazer mal. Você tem a minha palavra. Por que não sobe até o sótão e diz aos nossos amigos que não há razão para pânico? É apenas um parente que veio fazer uma visita, mas, mesmo assim, eles devem continuar escondidos.

— Se você acha que podemos confiar nele — Jacques disse, lentamente baixando a arma com relutância —, confiarei.

— Sei que podemos — Connie assentiu, deliciando-se com a sensação de tomar o controle da situação. — Bem, Frederik, venha até a cozinha e conversaremos enquanto lhe preparo algo para comer.

Com algum esforço, Frederik se levantou e Connie percebeu que cada passo que ele dava exigia esforço. Havia alcançado o fim da jornada e a exaustão, a fome e o desespero estavam tomando o lugar da adrenalina. Connie fechou a porta da cozinha firmemente e indicou que Frederik deveria se sentar numa cadeira de madeira em frente à mesa.

— Constance, por favor — ele implorou novamente. — Ela está aqui?

— Sim, Frederik, Sophia está aqui.

— Oh, meu Deus, meu Deus — Frederik disse, enfiando a cabeça nas mãos e começando a chorar. — Às vezes, enquanto estava vindo para cá, dormindo em valas e procurando restos de comida no meio do lixo, eu pensava comigo mesmo que ela poderia estar morta. Imaginei isso tantas vezes, eu... — Frederik enxugou o nariz na manga da camisa e balançou a cabeça. — Me desculpe, Constance. Entendo que não sinta simpatia por mim, mas você não faz ideia do inferno pelo qual passei para conseguir encontrá-la.

— Beba isso aqui — ela disse, colocando um copo de vinho na frente do alemão e tocando-o gentilmente no ombro. — Estou pasmada por você conseguir chegar até aqui vivo.

— O que me ajudou foi o fato de que tanto os franceses quanto meu próprio povo sabem que alguma coisa está prestes a acontecer. A França está tomada pelo caos e a Resistência ganhou força. Nós... *Eles* — Frederik se corrigiu imediatamente — estão tendo dificuldades para impedir suas ações. E o último lugar em que qualquer pessoa esperaria me encontrar seria na França. Qualquer pessoa, exceto uma.

— Aí está. Coma — Connie disse, oferecendo-lhe um pedaço de pão e fatias de queijo.

— Eles já vieram até aqui para revistar o *château*? — Frederik perguntou enquanto enfiava o pão e o queijo na boca, sem se preocupar em mastigar.

— Sim, já revistaram o lugar e não encontraram nada. Jacques e eu estamos fazendo de tudo para que o *château* permaneça fechado e Sophia continue escondida. No momento, ninguém suspeita de que ela está aqui.

— E Édouard? Ele está aqui também?

— Não. Ele sabia que sua presença aqui colocaria a irmã em perigo.

— Bem, não posso ficar por muito tempo. Sei que cada segundo que passo neste lugar coloco suas vidas em risco — Frederik disse, engolindo os últimos pedaços de pão e queijo com um largo gole de vinho. — Portanto, verei Sophia e depois partirei. Pode me levar até onde ela está? Eu lhe suplico, Constance. Por favor!

— Sim. Venha comigo.

Connie levou Frederik até a vinícola, fez com que ele entrasse no tonel de carvalho e o conduziu pelo túnel.

— Oh, minha pobre, pobre Sophia — ele resmungava, com dificuldade para avançar no percurso devido à sua altura. — Como ela suporta isso? Ela chega a sentir o calor do sol tocando seu rosto?

— Ela não tem escolha. Sua segurança depende de que ela consiga passar por todo este sofrimento — Connie disse ao chegar até a porta. — Ela está aqui e pode estar dormindo. E, Frederik... — ela disse, virando-se para encará-lo. — Acho que você vai ter uma grande surpresa, se prepare.

Connie bateu na porta três vezes e a abriu lentamente. Sophia estava sentada na poltrona ao lado da janela, com um livro em Braille sobre a barriga.

— Constance? — ela disse, levantando o rosto.

— Sim, sou eu — respondeu, andando até onde Sophia estava sentada e pousando a mão sobre seu ombro. — Não tenha medo, você tem uma visita. Acho que você ficará feliz quando souber quem veio vê-la.

— Sophia... Sophia, meu amor, sou eu, Frederik — sussurrou uma voz por trás de Connie. — Estou aqui, minha querida.

Por um momento, Sophia não conseguiu falar. — Estou sonhando? Frederik? — ela sussurrou. — É você mesmo?

— Oh, sim, Sophia, sou eu!

Sophia estendeu os braços para recebê-lo e o livro caiu no chão.

Connie se afastou, observando sob o batente da porta enquanto Frederik foi até Sophia e a tomou nos braços. Lágrimas encheram seus olhos enquanto ela saía silenciosamente do quarto, fechando a porta.

CAPÍTULO 28



Connie permaneceu na sala de estar de Jacques durante a noite toda, em vigília. Quando os aviadores partiram, às duas da madrugada, Jacques veio se juntar a ela, bocejando.

— Pelo menos uma parte dos nossos problemas está fora da casa. O que aconteceu com a outra? — Indicou o espaço que havia sob as tábuas do piso. — Eles ainda estão juntos?

— Sim.

— Você foi até lá para verificar?

— Uma vez. Eu os ouvi conversando.

— Me desculpe, Constance, mas você realmente acha que podemos confiar nele? Pode ser uma artimanha para nos enganar. Ele pode simplesmente estar usando uma jovem apaixonada.

— Posso garantir que ele não faria isso. Basta olhar para Frederik para perceber que ele está dizendo a verdade. É óbvio que ele está fugindo e se escondendo há várias semanas. Nós não estaríamos aqui se ele não houvesse nos ajudado a escapar de Paris. E ele ama Sophia com cada músculo do seu corpo.

— E se ele estiver sendo seguido?

— Sim, é uma forte possibilidade...

— Constance! Pelo que você me falou sobre o irmão dele, é uma certeza — Jacques interrompeu.

— Mas enquanto os dois estiverem escondidos no porão, eles estarão a salvo, não é? E Frederik sabe que tem que partir assim que possível. Mesmo assim, negar-lhes aquelas que podem ser suas últimas horas juntos seria terrivelmente cruel. Por favor, Jacques. Dê-lhes esse tempo — Connie lhe pediu. — Acho que eles têm muito a conversar, devido às circunstâncias.

— Ele precisa partir rapidamente — Jacques disse, estremecendo. — Se alguém suspeitar que demos abrigo a um nazista, será o meu fim.

— Por favor, Jacques. Ele partirá amanhã — Connie respondeu, resoluta.

Sophia estava deitada na cama estreita em que mal cabia e que, agora, estava ainda menor com a companhia do homem que a segurava nos braços. Ela lhe acariciava o rosto constantemente, para se convencer de que Frederik realmente estava ali. Ele estava tão exausto que, esporadicamente, acabava adormecendo, para, em seguida, acordar com um sobressalto e voltar a abraçá-la com força.

— Me diga, meu amor, o que podemos fazer? — ela perguntou. — Deve haver algum lugar no mundo para onde possamos fugir.

Frederik acariciou gentilmente o contorno do seu filho sob a pele fina e branca do ventre de Sophia.

— Você deve ficar aqui até nosso filho nascer. Não há outra escolha. Vou partir amanhã e, se Deus quiser, encontrarei um lugar seguro para ficar até o fim da guerra. Eu prometo que isso não vai demorar.

— Faz anos que ouço isso e a guerra parece que nunca vai chegar ao fim — Sophia suspirou.

— Ela vai terminar, Sophia, e você tem que acreditar nisso. E então, quando tudo estiver terminado e eu encontrar um lugar onde possamos ficar juntos, virei buscar você e nosso filho.

— Por favor, não me deixe! Não vou conseguir suportar a vida sem você. Por favor... — aquelas palavras, que ela sabia serem inúteis, ficaram abafadas contra o calor do peito de Frederik.

— Será apenas por mais alguns meses e você terá que aguentar firme. Seja forte, pelo bem do bebê. E, algum dia, vou me sentar com ele em meu colo e falar da coragem que sua mãe demonstrou para trazê-lo ao mundo. Sophia, eu disse que viria encontrá-la e cumpri minha promessa — ele disse, beijando-lhe a testa, o nariz e os lábios carinhosamente. — Não vou desapontá-la no futuro. Acredite em mim.

— Eu acredito em você. Vamos falar sobre assuntos mais felizes. Me fale sobre sua infância — Sophia sugeriu, subitamente ansiosa para conseguir toda informação que pudesse sobre o homem que amava, o pai do seu filho.

— Eu cresci na Prússia oriental, num pequeno vilarejo chamado Charlottenruhe — Frederik disse, fechando os olhos e abrindo um sorriso enquanto visualizava o lugar. — Tivemos sorte. Nossa família vivia num belo palacete em estilo *Schloss*, cercado por vários hectares de terra fértil, que possuíamos e cultivávamos. A Prússia oriental era conhecida como a terra do milho, com centenas de quilômetros quadrados de terra cultivada. Assim, as famílias que viviam naquele lugar se tornaram prósperas. Tive uma bela infância, não me faltou nada. Fui amado por meus pais e tive uma excelente educação. Talvez meu único problema fosse o meu irmão, que, desde o início, nutria ressentimentos por mim.

— Dois irmãos, nascidos com uma hora de diferença, criados pela mesma família e, mesmo assim, vocês são tão diferentes — Sophia filosofou e acariciou sua barriga. — Só espero que este pequeno puxe pelo pai, não pelo tio. Para onde vocês foram após o término dos anos escolares?

— Falk foi direto para o exército e eu fui para a universidade em Dresden, para estudar política e filosofia. Foi uma época interessante. O *Führer* havia acabado de chegar ao poder — Frederik explicou. — Depois de vários anos de pobreza para tantos alemães após o fim da Primeira Guerra Mundial, Hitler começou a fazer reformas para gerar riqueza e dar um padrão de vida melhor aos cidadãos. Como o resto dos jovens pensadores radicais e com um interesse particular em política devido ao meu diploma, eu me deixei levar pelo entusiasmo — Frederik suspirou. — Você não vai gostar de saber disso, Sophia, mas, nos primeiros anos após Hitler se tornar o chanceler, ele fez várias mudanças para melhorar o país e suas ideias de transformar nossa nação numa potência industrial e econômica eram muito atraentes. Eu fui a um dos comícios em Nuremberg e a atmosfera era inacreditável. O *Führer* tinha uma presença muito forte, um carisma que o tornava irresistível a uma nação maltratada. E, quando ele falava, nós acreditávamos em cada palavra que ele dizia. Eu e todos os meus amigos nos inscrevemos rapidamente no partido dele.

— Entendo — disse Sophia, estremecendo. — E como as coisas mudaram?

Frederik procurou pelas palavras em sua mente exausta para tentar explicar.

— Bem, é difícil para você, e também para mim, visualizar milhões de pessoas acreditando em cada palavra que dizemos, ser o centro de uma adoração tão intensa, praticamente sem encontrar uma voz contrária em meio à multidão. Tenho certeza de que isso faria alguém se sentir onipotente. Um deus, talvez.

— Compreendo — Sophia murmurou.

— Mesmo antes de a guerra começar, eu me sentia horrorizado pelo que ele fazia com os judeus na Alemanha e sua política de criminalização das religiões. Eu sou cristão, como você sabe, um fato que tive que manter em segredo para a minha própria segurança. Mas, nessa época, eu já fora escolhido para fazer parte do Serviço de Inteligência. Não tive escolha, Sophia. Eu seria fuzilado se recusasse.

— Ah, meu Frederik, você deve ter sofrido tanto — Sophia o consolou, com lágrimas nos olhos.

— Meu sofrimento não é nada quando comparado a garotos de treze anos que receberam armas e ordens para matar em nome de uma causa que nem mesmo compreendem! — Frederik disse, começando a chorar também. — E eu, também, pelas minhas próprias ações, sei que enviei pessoas para a morte. Você não tem ideia das coisas terríveis que eu fiz... Que Deus me perdoe por elas! E você, Sophia? — Frederik a olhou com agonia nos olhos. — Como *você* é capaz de me perdoar? Como poderei perdoar a mim mesmo?

— Frederik, por favor...

— Sim, você tem razão. Chega de falar disso agora — disse, deslizando carinhosamente os lábios pelos cabelos de Sophia. — Aqui embaixo, ao seu lado, eu finalmente me sinto seguro e em paz. E, se eu morresse agora, morreria feliz. — Frederik se aconchegou ao lado de Sophia e olhou para o reflexo do lampião a óleo no teto escuro. — Acho que vou me lembrar dessa noite para todo o sempre. Entendo que o paraíso não é um lugar como o Jardim do Éden que a *Bíblia* sugere, ou reunir uma grande fortuna para ter poder e *status*. Essas são coisas cuja beleza está apenas no exterior e não significam nada. Afinal, eu estou aqui num porão escuro e úmido, e já condenado à morte. Mesmo assim, com você em meus braços, eu estou em paz — Frederik disse, soluçando com a emoção. — Minha alma está no paraíso

porque estou aqui com você.

— Frederik, por favor — Sophia pediu. — Abrace-me como se você nunca mais fosse me soltar.

Os residentes do *château* De la Martinières despertaram com a alvorada da região de Provença. Aqueles que estavam acima do nível do solo andavam de um lado para outro nervosamente; os que estavam abaixo também sentiam medo, temendo o sol que subia no céu.

Em Londres, assim que o dia raiou, Édouard de la Martinières sentiu-se incomodado com um zumbido baixo e insistente, que se transformou num estrondo contínuo e ensurdecidor conforme passava por cima de si. Foi até a janela e viu os aviões levantando voo em inúmeros esquadrões, passando pela capital numa sequência infindável. Era o dia 6 de junho de 1944. O Dia D estava começando.

Às sete horas da manhã, Connie ouviu uma batida hesitante na porta da cozinha. Ela a abriu e viu que Frederik estava lá, com os olhos ainda iluminados pelo fogo da paixão.

— Preciso partir logo, Constance. Posso incomodá-la pedindo um pouco de café e, talvez, um pedaço de pão para o desjejum? Pode ser a última coisa que eu consiga comer durante um bom tempo.

— É claro. Tenho certeza de que podemos lhe dar algumas roupas limpas para vestir. Você tem quase a mesma altura de Jacques. — Mesmo a distância, ela podia sentir o mau cheiro que o corpo de Frederik exalava.

— É muito gentil de sua parte, Constance. Sophia pediu que você vá vê-la. Ela disse que há um jardim no qual ela pode ficar ao ar livre e em segurança. Ela disse que prefere se despedir de mim nesse lugar.

— É claro — Connie disse, indicando uma chaleira que estava quase fervendo no topo do fogão e o pão que havia sobrado da noite anterior. — Você pode se lavar ali, ao lado da porta

da cozinha. Eu lhe trarei algumas roupas.

Jacques fora até a vila em sua bicicleta para comprar pão fresco, então Connie foi até o seu guarda-roupa, trouxe uma pilha de roupas que achou que serviriam em Frederik e as ofereceu a ele. — Pegue o que lhe servir. Vou ajudar Sophia a chegar ao jardim e voltarei em seguida. Verei também se posso lhe dar alguns francos para a sua viagem.

— Constance, você é um anjo de misericórdia. Nunca vou esquecer o que fez por Sophia e por mim. Obrigado.

Connie bateu à porta do quarto de Sophia no porão, quinze minutos depois. Ela estava sentada em sua cama, com o rosto sereno e bonito.

— Frederik disse que você gostaria de se despedir dele no jardim.

— Sim. Pode ser que leve um bom tempo até que estejamos juntos novamente. E eu gostaria de me lembrar de nossos últimos momentos juntos como se tivéssemos a liberdade de ir a qualquer lugar que quiséssemos.

— Eu entendo, mas você deve estar pronta para andar rapidamente se alguém chegar.

— É claro. Constance, pode me dizer se tenho algum borrão no rosto e se meu cabelo está arrumado?

Quando Connie fez o melhor que podia em meio à pouca luz que entrava pela janela minúscula, pensando que, com o amor iluminando sua face, Sophia iria parecer bela mesmo sem qualquer cuidado cosmético, ela a conduziu até o jardim murado do *château*, fazendo com que se sentasse à mesa sob a nogueira.

— Vou trazer Frederik até aqui.

— Obrigada. A manhã de hoje está bonita — Sophia disse.

— Sim, está mesmo.

Connie deixou o jardim e Sophia sentou-se sozinha, desfrutando do calor do sol em seu rosto. Ela inspirou o ar perfumado, reconhecendo o cheiro forte das alfazemas plantadas ao redor do jardim.

— Sophia.

— Você voltou tão rápido — ela sorriu, abrindo os braços para recebê-lo. — Constance nos deixou a sós?

Houve uma breve pausa antes que ele respondesse.

— Sim.

— Venha e me dê um abraço, Frederik. Nosso tempo está se esgotando.

Ele o fez, e Sophia inspirou seu cheiro. Ela percorreu o contorno familiar do seu rosto e a textura áspera de um casaco estranho.

— Acho que você se lavou e Constance lhe deu novas roupas.

— Sim, ela é muito gentil.

— Você realmente tem que ir embora agora? Talvez possamos ficar aqui por mais algum tempo — ela disse, tocando na cadeira a seu lado e buscando pelas mãos do alemão enquanto ele se sentava. Aquelas mãos pareciam estar mais fortes do que de costume, menos maltratadas. Provavelmente por causa do sabão.

— Como vou saber onde posso encontrá-lo quando você partir?

— Eu entrarei em contato. Talvez, se você me disser onde seu irmão está escondido, eu possa mandar uma mensagem a ele também.

— Frederik, eu já lhe disse ontem à noite que não sei onde ele está. Ele está escondido para me proteger.

— Você realmente não faz ideia de onde ele possa estar?

— Não! — Ela balançou a cabeça negativamente, frustrada. — Por que estamos falando sobre isso se você vai partir a qualquer minuto? Frederik, por favor, nós temos muito pouco tempo. Vamos falar sobre nossos planos para o futuro. Talvez devêssemos escolher um nome para o nosso filho, uma opção para o caso de ser um menino e outra, se for uma menina.

— Que tal Falk, em homenagem ao tio? — Era a mesma voz, mas vinha de um ponto a distância. Sophia não entendia. Seus braços se agitavam enquanto procurava por ele.

— Onde está você? Frederik? O que está acontecendo?

Frederik observava seu irmão, que havia se levantado da cadeira ao lado de Sophia e agora lhe apontava uma pistola.

— Ah, então você veio, Falk — Frederik afirmou.

— É claro que sim.

— E trouxe também o poderio dos seus amigos da Gestapo com você? Por acaso eles estão esperando na entrada do *château* para me levar de volta à Alemanha? — Frederik perguntou, com a voz exausta.

— Não — Falk disse, balançando a cabeça. — Eu quis desfrutar deste prazer sozinho e dar-lhe uma última chance de se explicar. Afinal, você é meu irmão. Achei que era o mínimo que podia fazer por você.

— É muito gentil da sua parte — Frederik concordou. — Como conseguiu me encontrar?

— Qualquer imbecil descobriria o lugar para onde você viria. Você foi seguido durante as últimas semanas — Falk informou. — Eu sabia que você acabaria por me trazer até as outras pessoas que tenho interesse em interrogar. Por exemplo, a jovem dama que está sentada à nossa frente. Infelizmente, ela se recusa a revelar o esconderijo de seu irmão, embora, obviamente, saiba onde ele está.

— *Monsieur*, eu não sei! Ele não nos disse, para a nossa própria proteção! — Sophia gritou.

— Deixe disso, *Fräulein*. Nem mesmo uma prostituta idiota como você — Falk apontou para o seu ventre — espera que eu acredite nisso. — Falk voltou a encarar Frederik. — Você sabe que tenho uma ordem para prendê-lo no bolso do meu casaco. Seria uma pena ter que matá-lo agora para forçar a sua amante a falar o que sabe.

— Talvez você venha esperando por este momento desde que éramos crianças, irmão — Frederik disse, olhando para seu gêmeo com lágrimas nos olhos. — E eu morreria feliz em suas mãos se não fosse pela mulher que eu amo. Se eu me render pacificamente e acompanhá-lo de volta à Alemanha, onde você pode ser reverenciado por sua astúcia ao me capturar, você a pouparia? Posso jurar pela vida de nossa mãe que Sophia não sabe nada sobre o paradeiro

de Édouard de la Martinières. E então? Temos um acordo? — Frederik implorou. — Irei com você por minha livre e espontânea vontade e lhe darei a glória que você sempre buscou, se você poupar tanto a mulher que amo quanto o filho que ela espera.

Falk olhou para o irmão e soltou uma risada cruel. Riu com tanta força que a arma em sua mão vacilou e ele teve que se esforçar para voltar a ficar firme.

— Ah, meu irmão, você é tão idealista! Aqueles poemas que você costumava ler quando criança... Puro lixo! Sua crença em Deus, o intelecto do qual você se gaba tanto e toda a sua habilidade em filosofia, para quê? Você não consegue enxergar o que realmente importa na vida. A vida é fria, dura e cruel. Não temos essa alma da qual você sempre fala a respeito. Não somos nada além de formigas que rastejam cegamente pelo planeta. Você nunca entendeu a realidade. É um mundo onde um cão devora outro, irmão. Você acha que a vida tem importância? Ou a vida dela? Você realmente acredita que o *amor* — Falk praticamente cuspiu a palavra — pode conquistar tudo? Você é um louco, Frederik. Como sempre foi. E agora é hora de ensiná-lo o que é a realidade.

Falk moveu a arma que apontava para Frederik na direção de Sophia.

— *Isto* é a realidade!

Frederik mergulhou à frente de Sophia quando um tiro ecoou naquela manhã tranquila.

Em seguida, outro.

Frederik se virou, sem ferimentos, para ver se Sophia fora alvejada. Mas foi Falk que caiu ao chão. Ele estremeceu, mortalmente ferido, quando a arma caiu dos seus dedos. Frederik foi até ele e se ajoelhou ao seu lado, olhou nos olhos do irmão, que estavam se revirando nas órbitas.

Falk abriu a boca e conseguiu firmar os olhos em seu irmão. Com dificuldade, formou algumas palavras.

— Você venceu.

E, com um pequeno sorriso de rendição, a vida o deixou.

O silêncio tomou conta do jardim, com exceção dos pássaros que estavam no telhado da

casa, que ainda saudavam o novo dia. Após alguns momentos, depois de fechar os olhos do irmão e beijá-lo na testa, Frederik levantou os olhos.

Connie estava em pé atrás de Falk, com a carabina de caça de Jacques ainda apontada para o lugar onde ele estava.

— Obrigado — Frederik sussurrou, com lágrimas nos olhos.

— Ele mereceu — Connie disse. — Além disso, pensei que era hora de colocar um pouco do meu treinamento em uso — ela acrescentou, com um leve sorriso que teimava em se abrir em seu rosto. — Fiz a coisa certa? — ela perguntou, com os olhos implorando que Frederik lhe respondesse afirmativamente.

— Sim. Fez, sim. Obrigado.

Jacques apareceu ao seu lado.

— Me dê a arma, Constance — ele disse, tirando-a gentilmente de suas mãos. Em seguida, Connie começou a tremer violentamente. Jacques a abraçou e a levou até a cadeira ao lado de Sophia.

— Ele está morto? — Jacques perguntou a Frederik, olhando para o corpo deitado sobre a grama.

— Sim.

— Eu não sabia que você atirava tão bem, Constance — Jacques disse ao se curvar sobre Falk e ver que o sangue do alemão manchava seu uniforme.

— Fui treinada para matar — Connie respondeu.

— Ele era seu irmão? — perguntou a Frederik.

— Sim. Éramos gêmeos.

— Imagino que outras pessoas saibam que ele está aqui.

— Duvido. Ele queria toda a glória da minha captura para si.

— Bem, não podemos nos arriscar. Vou presumir que ele informou a alguém para onde estava indo — Jacques disse. — Frederik, você precisa partir imediatamente. Na pior das

hipóteses, alguém que estivesse passando por perto do *château* pode ter ouvido os disparos. *Mademoiselle* Sophia, você precisa descer imediatamente e ficar escondida por ora, enquanto decidimos o que vamos fazer. Constance a levará a seu quarto — ele acrescentou.

— Obrigada — Sophia disse enquanto Connie a ajudava a se levantar, e ambas deram apoio uma à outra.

Frederik se afastou do corpo do irmão e andou lentamente na direção de Connie.

— Não vou deixar que você assuma a culpa por isso. Falk veio até aqui por minha causa e eu devo ser o responsável por dar um fim nele. Quando a morte dele for descoberta, quero que você diga que fui eu quem o matei.

— Não, Frederik. Eu não o matei apenas para salvar Sophia e você — Connie disse, deixando seu olhar se perder na distância. — Eu tinha minhas próprias razões. Pelo menos, agora, eu sei que nenhuma outra mulher será submetida ao que ele fez comigo — ela disse, erguendo os olhos para encarar Frederik. — Faz meses que eu desejo a morte dele.

— Precisamos esconder o corpo dele imediatamente, Frederik — Jacques disse. — Precisarei da sua ajuda para cavar uma cova.

— É claro — Frederik concordou.

— O lugar mais seguro é aqui mesmo, dentro do jardim. Assim, não precisamos nos arriscar a levá-lo para fora e sermos vistos. Vou buscar as pás. Você pode começar tirando as roupas do seu irmão e eu vou queimá-las numa fogueira — Jacques sugeriu. — Constance, quando você levar Sophia até o porão, vá até a cozinha e tome um copo de conhaque. Vai ajudá-la a se acalmar. Não precisaremos de você aqui.

Depois de levar Sophia, abalada, até o porão e garantindo-lhe que Frederik viria vê-la para se despedir, Connie fez o que Jacques lhe disse. O conhaque a ajudou, mas, mesmo no calor que fazia naquele dia de junho, ela continuava a tremer.

Meia hora depois, Jacques voltou à casa.

— Falk foi enterrado e seu uniforme queimado. Frederik está no porão dizendo adeus a Sophia. Em seguida, ele partirá.

— Obrigada, Jacques.

— Não, Constance, somos nós que devemos agradecê-la — Jacques disse, olhando-a com um respeito renovado. — Agora, vou pegar alguns mantimentos para ajudar Frederik em sua jornada e, quando ele partir, nós conversaremos.

— Adeus, meu amor — disse Frederik, abraçando Sophia. — Juro que entrarei em contato assim que puder, mas, por ora, você deve se concentrar em sua própria segurança e também na do nosso filho. Ouça os conselhos de Jacques e Constance. São pessoas boas e eu sei que eles irão protegê-la.

— Sim.

As lágrimas rolavam pelos olhos cegos de Sophia e umedeciam-lhe as faces. Ela buscou o anel com o brasão da família que usava no dedo mínimo da mão direita e o retirou.

— Fique com este anel. Tem a insígnia da família De la Martinières gravado nele. Quero que você o guarde.

— Então, eu devo lhe dar o meu também. Tem o brasão da minha família. Aqui está.

Sophia estendeu a mão e Frederik colocou o anel em seu dedo anular. Ele sorriu.

— Estamos trocando anéis, aqui embaixo, neste lugar horrível, neste dia horrível. Não é o lugar que eu escolheria, mas é melhor do que nada. Use esse anel, Sophia, e nunca esqueça o quanto eu a amo. Você sempre estará no meu coração, sempre.

— E você estará no meu.

— Bem, preciso ir.

— Sim, é hora.

Relutantemente, Frederik afrouxou o abraço, beijou-lhe os lábios pela última vez e foi em direção à porta.

— Seja lá o que acontecer, por favor, diga a nosso filho que seu pai amou muito a mãe dele. Adeus, Sophia.

— Adeus. E que Deus o acompanhe.

Mais tarde, Connie desceu até o porão para consolar Sophia. Já sabia que provavelmente a encontraria num estado lastimável. Mas, em vez disso, encontrou-a agachada sobre a cama, ofegante.

— Meu Deus — exclamou Sophia. — Eu pensei que você nunca mais voltaria. O bebê... — Sophia gritou quando uma contração trouxe uma onda de dor ao seu corpo. — Me ajude, Constance! Me ajude!

Enquanto a libertação da França começava e os soldados aliados tomavam as praias da Normandia de assalto, o choro de um bebê recém-nascido ecoava pelo porão escuro.

CAPÍTULO 29



TRÊS MESES DEPOIS...

Numa tarde tranquila no fim de setembro, Édouard de la Martinières entrou no jardim murado do *château* no momento em que o sol estava se pondo. Viu uma mulher sentada sob a noqueira, com um bebê nos braços. Os olhos dela estavam focados na criança e toda a sua atenção estava concentrada em acalmá-la.

Édouard foi até a mulher, momentaneamente confuso.

— Olá — ele disse, com uma pergunta em sua voz, que foi respondida assim que os olhos castanhos da mulher se levantaram, surpresos com aquela intrusão inesperada.

— Édouard!

Ele se aproximou e ela se levantou da cadeira onde estava, com o bebê nos braços.

— Perdoe-me, Constance. A cor do seu cabelo... Você está muito diferente. Por um momento, pensei que fosse Sophia.

— Não... — Uma nuvem escura cobriu os olhos de Constance. Em seguida, ela disse: — Não acredito que você esteja aqui! Você deveria ter nos avisado, Édouard!

— Não quis me arriscar anunciando a minha presença — ele explicou. — Mesmo com a libertação de Paris e com De Gaulle no comando, ainda haverá perigo enquanto a França não estiver completamente livre.

— Depois da invasão dos Aliados nas praias perto daqui, os alemães fugiram como se fossem um bando de gafanhotos e a Resistência não os deixou em paz — Connie disse. — Jacques sabe que você está aqui?

— Não. Ele não estava na cave ou em sua cabana, mas eu vi que as janelas do *château* estavam abertas. Vim aqui para ver Sophia e Sarah.

— É maravilhoso poder finalmente viver em liberdade aqui — Connie reconheceu.

— Sophia está na casa? — Édouard perguntou.

— Não, Édouard, ela não está — Connie disse, com um suspiro. — Por favor, sente-se. Tenho muita coisa para contar.

— Assim parece — Édouard disse, indicando o bebê.

Sem poder se preparar para aquela visita, Connie não sabia nem por onde começar.

— Édouard, não é o que você está pensando.

— Neste caso, é melhor eu pegar uma ânfora de vinho na cave. Não demoro.

Connie observou enquanto Édouard desaparecia pela porta do jardim murado. Ao mesmo tempo em que desejava muito este momento nas últimas semanas, ela também o temia. Agora, ela imaginava como poderia encontrar as palavras para lhe dizer o que precisava. Mesmo sabendo que a chegada de Édouard finalmente iria libertá-la, Connie observou-o voltar com a ânfora de vinho e duas taças.

— Em primeiro lugar, antes de conversarmos, quero propor um brinde ao fim do inferno. A França está quase livre novamente e não tardará até que o resto do mundo também esteja — Édouard disse, tocando com a borda da taça na taça de Connie.

— Aos novos começos — Connie murmurou. — Mal posso acreditar que esteja quase acabando.

— Sim, um brinde aos novos começos — Édouard disse, tomando um gole do *rosé*. — E então, onde está Sarah?

Connie explicou como a governanta fora presa na jornada para o sul da França.

— Fizemos investigações durante as últimas semanas e acreditamos que ela fora enviada a um campo de trabalhos forçados dos alemães. Tudo o que temos a fazer é esperar por mais notícias — Connie suspirou.

— É preciso ter fé — Édouard disse, sinceramente. — Desde as invasões no norte e no sul do país, o novo espírito das pessoas aqui na França é palpável. É preciso ter esperança de que os alemães se renderão oficialmente e em breve. Mas levará anos até nos recuperarmos da

devastação do país e dos lamentos pelas centenas de milhares de pessoas perdidas nesta guerra. Bem, Constance, agora, me fale sobre... *isso* — ele pediu, indicando o bebê. — Não posso fingir que não estou chocado. Como... *Quem?*

Connie respirou fundo.

— Essa criança não é minha. Estou apenas cuidando dela.

— Então, de quem é a criança?

— Édouard, essa menina é sua sobrinha. É a filha de Sophia.

Ele olhou para Connie fixamente, como se ela houvesse enlouquecido.

— Não, não! Não pode ser! Sophia nunca poderia... — Édouard balançou a cabeça negativamente. — Não — repetiu. — É impensável!

— Entendo que você ache difícil de acreditar, assim como eu mesma achava quando Sarah me contou. Mas, Édouard, eu ajudei a trazer este bebê ao mundo. Sophia entrou em trabalho de parto no Dia D, então pensamos que seria adequado chamar sua filha de Victoria.

Édouard ainda estava com as mãos na cabeça, tentando absorver o que Connie lhe dizia.

— Eu entendo seu espanto, Édouard. E lamento ser a pessoa a lhe contar tudo o que aconteceu. Você provavelmente se lembra que todos nós sempre tratamos Sophia como se ela fosse uma criança. Mas, na verdade, ela tinha a mesma idade que eu e era uma mulher. Uma mulher que se apaixonou.

Édouard levantou os olhos para encarar Connie, subitamente.

— Por que você insiste em falar sobre Sophia no passado, como se ela não estivesse mais aqui? Onde ela está? Constance, onde ela está?

— Sophia está morta, Édouard — Connie disse, lentamente. — Ela morreu alguns dias depois que Victoria nasceu. O parto foi longo e difícil, e não conseguimos estancar o sangramento. Era impossível levá-la a um hospital. Jacques chamou um médico que a ajudou, mas, mesmo assim, não conseguiu salvá-la — Connie explicou, com a voz embargada pela emoção. — Oh, Édouard, me perdoe. Venho temendo essa nossa conversa desde que tudo aconteceu.

Édouard estava em silêncio. Até que soltou um urro gutural, que cortou o ar tranquilo da noite.

— Não! Não! Não pode ser! — ele disse, aproximando-se de Constance, agarrando-a pelos ombros e agitando-a com força. — Me diga que você está mentindo, que isso é um sonho ruim, que minha querida irmã não está morta enquanto eu continuo vivo. Não pode ser, não pode ser!

— Lamento muito. Mas é a verdade, é a verdade!

Connie estava aterrorizada pela expressão nos olhos de Édouard. Enquanto ele a chacoalhava violentamente, ela segurou o bebê com mais força nos braços.

— Édouard! Pare com isso, agora! Você não tem qualquer motivo para repreender Constance. Na verdade, deveria até mesmo agradecê-la por tudo que ela fez. — Jacques avançou pelo jardim e puxou Édouard para longe de Constance, que continuava assustada. — Édouard, me escute. A mulher que você está atacando foi quem salvou sua irmã. Ela a protegeu, inclusive arriscando a própria vida para fazê-lo. Até matou uma pessoa para salvar Sophia! Não admito que você a trate desse jeito, por mais que a dor e a agonia da perda estejam lhe corroendo.

— Jacques... — Édouard cambaleou para trás, virou-se e olhou para o velho amigo como se quase não o reconhecesse. — Por favor, me diga que isso não é verdade — ele implorou, desesperadamente.

— É tudo verdade, Édouard. Sophia morreu há três meses — Jacques confirmou. — Tentamos lhe enviar uma mensagem, mas tudo está em meio ao caos desde a invasão dos Aliados. Não me surpreende o fato de você não haver recebido notícias nossas.

— Oh, meu Deus, meu Deus! Sophia, minha Sophia!

Édouard começou a soluçar. Jacques colocou um braço ao redor dos ombros do amigo e amparou-o enquanto chorava.

— Não consigo suportar isso, não consigo! E pensar que *eu* fui o responsável! Se eu não houvesse tentado salvar a França antes de me importar com ela, não há dúvida de que Sophia ainda estaria viva. Não era a vida dela que devia ter sido sacrificada, e sim a minha! A minha!

— Sim, ela não ter sobrevivido é realmente horrível — Jacques concordou, em voz baixa.
— Mas você não deve se culpar por isso. Sophia o idolatrava, Édouard, e tinha muito orgulho de tudo o que você fez para ajudar a França a reconquistar sua liberdade.

— Mas, Jacques, eu passei meses em meio à segurança e ao conforto em Londres, enquanto ela sofria sozinha aqui. Eu acreditava que deveria ficar longe dela, que minha presença serviria apenas para colocar sua vida em risco. E agora ela está morta!

— Por favor, meu amigo — Jacques disse, gentilmente. — Lembre-se de que Sophia não morreu nas mãos da Gestapo, e sim por complicações do parto. Mesmo que você estivesse presente, duvido que conseguisse salvá-la.

Os soluços de Édouard cessaram abruptamente e ele encarou Jacques.

— Quem é o pai?

Jacques olhou para Connie, pedindo ajuda. Ela se levantou e veio cautelosamente até onde Édouard estava.

— É Frederik von Wehndorf. Eu lamento, Édouard.

O silêncio tomou conta do jardim enquanto Édouard absorvia aquela revelação. Desta vez ele suspirou, cambaleou em direção à cadeira e desabou sobre ela, como se suas pernas não suportassem mais o peso do seu corpo.

No meio daquele silêncio mortal, Connie falou num tom suave:

— Até você dizia que Frederik era um bom homem, Édouard. Ele nos ajudou a fugir de Paris e ajudou outros, arriscando-se várias vezes. E, qualquer que fosse o uniforme que ele estivesse vestindo, Frederik amava muito sua irmã.

— Eu também vi o amor entre eles — Jacques acrescentou.

— Você o conheceu? — Os olhos de Édouard estavam desfocados pelo choque.

— Sim. Ele veio até aqui para encontrar Sophia — Jacques explicou. — Pelo menos ela teve algumas horas de alegria e conforto antes de morrer. Mas aconteceram outras coisas, também. Falk...

— Chega! — Édouard abriu a boca para continuar a falar, mas depois se calou, como se

nenhuma palavra que dissesse fosse capaz de expressar sua dor. — Me desculpem — ele disse, levantando-se e indo até a porta do jardim murado. — Preciso ficar sozinho.

Naquela noite, Connie deu a mamadeira a Victoria e estava preparando-a para dormir no quarto espaçoso que arrumara num dos quartos do *château* quando ouviu passos subindo a escada. Édouard estava na porta, com uma aparência entristecida e desgastada, e com os olhos vermelhos de tanto chorar.

— Constance, vim oferecer meus sinceros pedidos de desculpas pela maneira como a tratei hoje. Foi imperdoável.

— Eu entendo — Connie disse, sentindo-se melhor pelo fato de que Édouard parecia estar mais calmo. — Quer ver sua sobrinha? É uma linda garotinha, muito parecida com Sophia.

— Não, não! Não posso...

Com aquelas palavras, Édouard se virou e foi embora.



Nos dias seguintes, Connie quase não viu Édouard. Ele se instalou no quarto principal do *château*, mais adiante no corredor. Ela o ouvia andando de um lado para o outro à noite, mas, quando ela acordava na manhã seguinte, Édouard não estava mais na casa. Ela o via pelas janelas do *château* enquanto dava de mamar para Victoria pelas manhãs, uma figura distante embrenhada por entre as videiras, e a sua linguagem corporal refletia a tristeza que sentia. Frequentemente, Édouard passava o dia inteiro fora da casa, retornando apenas depois que escurecia e indo diretamente para o seu quarto.

— Ele está sofrendo com o luto, Constance. É melhor deixá-lo sozinho. Ele só precisa de tempo — Jacques a aconselhou.

Connie entendia, mas, conforme os dias passavam e Édouard não dava qualquer sinal de que estava se recuperando do baque, sua paciência começava a se esgotar. Estava desesperada para voltar para casa. Já era seguro viajar, agora que a cidade de Paris estava livre, e Connie queria ver seu marido. Além disso, pela primeira vez em quatro anos, queria tomar as rédeas

de sua própria vida, de uma vez por todas.

Entretanto, até que Édouard conseguisse superar a tristeza do luto e assumir a responsabilidade por sua sobrinha, Connie não podia simplesmente abandonar Victoria. Seus braços foram os primeiros a segurá-la, e, como Sophia estava fragilizada demais para dar atenção à própria filha e morreu alguns dias depois, Connie passou a cuidar de cada uma das necessidades de Victoria desde então.

Connie olhava para o rosto angelical de Victoria, uma cópia em miniatura de sua mãe. Ficou apreensiva com a possibilidade de que a cegueira de Sophia pudesse ser hereditária, mas viu que os belos olhos azuis da criança seguiam quaisquer cores vivas que Connie lhe mostrasse com grande interesse. Recentemente, Victoria havia aprendido a sorrir, e uma expressão enorme de felicidade surgia em seu rosto sempre que Connie vinha pegá-la em seu leito. A dificuldade que Connie teria para se despedir de Victoria era algo que não conseguia sequer conceber no momento. Havia se tornado a mãe daquela criança, e a sensação esmagadora de amor que sentia por Victoria a assustava.

Connie rezava para que, algum dia, em breve, pudesse ter seus próprios filhos com Lawrence.

Após uma semana das lamentações de Édouard, ela decidiu que teria que enfrentar o problema. Acordou cedo numa determinada manhã e ouviu os passos de Édouard pelo corredor. Connie o interpelou enquanto ele descia as escadas.

— Édouard, precisamos conversar.

Ele se virou lentamente e a olhou.

— Sobre o quê?

— A guerra já está praticamente terminada. Tenho um marido e uma vida, e preciso voltar para minha casa na Inglaterra.

— Então vá — ele disse, dando de ombros e virando-se para continuar a descer as escadas.

— Édouard, espere! O que vai fazer com Victoria? Você precisará tomar providências para que ela receba cuidados quando eu for embora. Talvez queira contratar uma babá. Eu posso ajudá-lo a encontrar a pessoa adequada.

Ouvindo aquilo, Édouard voltou a se virar.

— Constance, gostaria de deixar claro que não tenho qualquer interesse nessa criança — ele disse, praticamente cuspiendo as palavras. — Ela é a razão, além do alemão maldito que é o seu pai, pela qual Sophia não está mais aqui.

Connie ficou horrorizada com aquela frieza.

— Édouard, não pode achar que o que aconteceu é culpa dessa criança! Ela é um bebê inocente, não pediu para nascer. Eu... Como tio, é seu dever assumir a responsabilidade pelos cuidados dela!

— Não. Eu disse não! Por que você mesma não cuida disso, Constance? Talvez haja algum orfanato na região que a aceite — ele suspirou. — Pelo que você está dizendo, eu imagino que queira que isso aconteça o mais breve possível. Quanto mais cedo essa criança estiver fora desta casa, melhor. Por favor, faça o que quiser. Reembolsarei quaisquer despesas que tenha.

Édouard lhe deu as costas e continuou descendo as escadas, deixando Connie em choque com a fúria que sentia.

— Como ele foi capaz de dizer coisas tão horríveis? — Connie perguntava, contorcendo as mãos em desespero, enquanto Jacques a ouvia uma hora depois, com um ar sombrio.

— Ele está sofrendo pelo luto, como eu disse. Não somente por Sophia, mas por tudo o que ele perdeu durante a guerra. Édouard se recusa a aceitar o bebê porque ele é alguém que ele pode responsabilizar. É claro que ele sabe que a criança não tem culpa. Ele é um homem íntegro, que nunca se esquivou de seu dever durante a vida inteira — Jacques enfatizou. — Ele vai mudar de ideia, Constance. Eu sei que vai.

— Mas, Jacques, eu não tenho mais tempo! — Connie disse, desalentada. — Me desculpe, mas você precisa entender que eu também tenho entes queridos que quero muito rever. E se não fosse por Victoria, eu poderia voltar para a minha casa na Inglaterra neste exato minuto,

mas é quase impossível fazer isso. Eu a amo e não posso abandoná-la. Como Édouard é capaz de mencionar um orfanato? Como?

As lágrimas rolavam sem parar pelo rosto de Connie enquanto ela olhava para Victoria, que balbuciava alguns sons alegremente, deitada sobre um cobertor no gramado.

— Talvez o problema seja o fato de que o bebê se pareça muito com a mãe — Jacques suspirou. — Constance, eu juro que Édouard vai descobrir que esta criança pode ser exatamente o que ele precisa em sua vida para voltar a ter esperança e alegria no futuro. Mas ele está perdido em sua própria dor e não consegue ver mais nada.

— O que eu devo fazer então, Jacques? Por favor, me diga — ela implorou. — Tenho que voltar para a minha casa! E não posso esperar por tanto tempo!

— Deixe-me tentar falar com Édouard. Vou ver se consigo enfiar um pouco de bom senso em sua cabeça e arrancá-lo daquela autopiedade — Jacques sugeriu.

— Estou feliz por você usar essas palavras — Connie suspirou. — Receio que é assim que estou começando a pensar nele também. Já houve sofrimento demais. Para todos nós — ela acrescentou.

— Como eu disse, Édouard normalmente não é um homem egoísta — Jacques assentiu. — Vou conversar com ele.

Naquela noite, enquanto esperava na casa, Connie observou Jacques marchar pelo vinhedo quando viu Édouard voltando para a casa e fez uma oração. Se Édouard estivesse disposto a escutar alguém, seria Jacques. Ele era sua única esperança.

Preparando Victoria para dormir no cesto que deixara na casa para as ocasiões em que visitava Jacques, Connie esperou ansiosa que ele retornasse. Quando ele apareceu na porta, Connie percebeu, por sua expressão, que ele não trazia boas notícias.

— Não, Constance. Ele não vai dar o braço a torcer — Jacques suspirou. — Está tão cheio de ódio e amargura... É um homem mudado. Não sei o que posso sugerir. Como eu já disse, ainda acredito que, com o tempo, ele poderá mudar de ideia. Mas você não tem esse tempo e eu entendo isso. E você, entre todas as pessoas, que deu tanto de si para esta família,

não deveria se sentir culpada pelo desejo de voltar para junto daqueles que ama. Assim, talvez o orfanato que eu mencionei...

— Não! — Connie disse, balançando a cabeça enfaticamente. — Eu nunca abandonaria Victoria! Não suportaria viver comigo mesma se o fizesse.

— Constance, não sei o que você está imaginando, mas o orfanato do convento que eu lhe falei é limpo e as freiras são gentis. É possível até mesmo que um bebê tão bonito como Victoria consiga uma família imediatamente — Jacques disse, com muito mais convicção do que realmente sentia. — E, por favor, tente se lembrar de que Victoria não é sua responsabilidade e que você precisa pensar em si mesma agora.

Connie olhou para Victoria em silêncio.

— Então, de quem será a responsabilidade sobre ela?

— Escute — Jacques disse, pousando, gentilmente, a mão sobre a dela. — A guerra é um tempo de crueldade em que há várias vítimas. Não somente os corajosos soldados que lutaram por seus países, mas Sophia e sua filha também. E também Édouard. Talvez ele nunca volte a ser a mesma pessoa, pois, embora chegue a vociferar de maneira tão agressiva, na verdade culpa a si mesmo. Você fez o bastante, minha querida, e não há mais nada que possa fazer. Como alguém que passou a admirá-la e respeitá-la, eu acho que chegou a hora de você partir.

— E o pai de Victoria? — Connie perguntou. — Tenho certeza de que, se Frederik soubesse que Sophia está morta e que Édouard se nega a reconhecer a criança, ele a receberia.

— Tenho certeza disso, mas como você pretende tentar encontrá-lo? Ele pode estar em qualquer lugar, ou pode até mesmo estar morto, como Sophia — Jacques disse, balançando a cabeça negativamente. — Constance, o mundo inteiro está imerso no caos e há pessoas desterradas por toda parte. Seria uma busca infrutífera e nem vale a pena pensar muito a respeito.

— Não, você tem razão. Não há muita... esperança — Connie disse, entristecida. — Não há solução.

— Amanhã eu irei até o convento em Draguignan e conversarei com as freiras para ver se elas podem receber Victoria — Jacques disse, gentilmente. — Você tem que acreditar que eu

também me importo com ela. E eu não sugeriria que ela fosse deixada num lugar que não cuidasse de suas necessidades. Mas chegou a hora de alguém tirar o fardo de cima de seus ombros, Constance. E, como Édouard parece não ser capaz disso no momento, eu terei que fazê-lo.

Connie passou a noite em claro, rolando na cama, sem saber mais o que era certo ou errado. A guerra parecia ter destruído qualquer noção de moralidade e ela lutava para manter a sua.

Até que finalmente sentou-se na cama, com uma ideia na cabeça. E se levasse Victoria com ela para a Inglaterra?

Saltando da cama, andou de um lado para o outro, pensando incansavelmente naquela possibilidade.

Não, a ideia era ridícula. Além de tudo, se voltasse para casa com um bebê, depois de vários anos sem vê-lo, Lawrence poderia acreditar naquela história? Ou ele presumiria, assim como qualquer outra pessoa o faria, que Connie estava mentindo e que o bebê realmente era seu?

Independente do que Lawrence pensasse, apresentar-lhe uma criança depois de quatro anos de separação dificilmente faria bem a seu relacionamento. Simplesmente não seria justo com ele.

Sentindo-se miserável, Connie voltou a se deitar. Ouviu as palavras de Jacques em sua cabeça outra vez e sabia que não apenas por seu próprio bem, mas pelo bem de Lawrence, ela não tinha escolha além de aceitar o inevitável. Jacques tinha razão. Sempre havia sacrifícios em tempos de guerra. E Connie e seu marido já haviam feito sacrifícios demais.

Jacques retornou na noite seguinte de sua viagem até o orfanato.

— Elas vão receber a criança, Constance — ele disse quando a encontrou no jardim murado. — Estão funcionando com a capacidade máxima, mas eu lhes ofereci uma doação considerável e elas aceitaram. Édouard pagará por tudo, é claro.

Engolindo as lágrimas, Connie assentiu.

— Quando você vai levá-la?

— Acho que é melhor para todos se Victoria partir assim que possível. Pedirei o dinheiro a Édouard esta noite e lhe darei uma última oportunidade de mudar de ideia — Jacques disse, com uma careta. — E, se ele continuar inflexível, levarei Victoria até lá pela manhã.

— Então eu vou acompanhá-lo — Connie insistiu.

— Tem certeza de que é uma boa ideia? — Jacques perguntou, franzindo o cenho.

— Nada do que está acontecendo é uma boa ideia, mas, pelo menos, se eu vir o lugar que receberá Victoria, talvez me sinta melhor — ela suspirou, sentindo-se desamparada.

— Como quiser — Jacques concordou. — Se Édouard não mudar de ideia, sairemos depois do café da manhã.

Naquela noite, Connie colocou Victoria em seu berço e sentou-se a seu lado para observar seus movimentos pela última vez, enquanto a menina adormecia.

— Ah, minha preciosa criança. Eu lamento tanto...

— Édouard não vai mudar de ideia — Jacques disse, balançando a cabeça tristemente na manhã seguinte. — Pedi o dinheiro e ele me entregou sem qualquer hesitação. Por favor, prepare-se, e também a menina, para sairmos assim que for possível.

Connie já havia preparado as coisas de Victoria, fez de tudo para ajudar as horas insones a passarem até a chegada da manhã, e foi até o quarto para buscá-la. Enquanto descia as escadas, rezava silenciosamente para que Édouard se arrependesse naqueles últimos minutos, surgindo de algum lugar na casa ou no jardim quando os visse levando Victoria para longe do *château*. Mas ele não estava lá.

Havia um velho Citroën estacionado em frente à casa de Jacques.

— Eu guardei a gasolina para uma ocasião em que fosse realmente necessária — Jacques disse. — Temos o bastante para ir até lá e voltar.

Enquanto o motor do pequeno carro começava a funcionar, Connie sentou-se ao lado de Jacques com Victoria em seus braços. Embora geralmente fosse um bebê tranquilo, Victoria

berrou incansavelmente durante todo o percurso até Draguignan.

Ao chegarem no convento, Jacques pegou a pequena mala que Connie preparara para Victoria e as conduziu até a entrada. Uma freira os trouxe para dentro e os levou até uma sala de espera tranquila, mas o bebê continuou a chorar nos braços de Connie.

— Fique quietinha, Victoria — Connie disse, olhando para Jacques com os olhos aflitos.
— Você acha que ela sabe?

— Não, Constance. Acho que ela não gosta de carros — Jacques disse, tentando abrir um sorriso para aliviar a tensão. Após algum tempo, uma freira que vestia um uniforme branco e engomado entrou na sala.

— Bem-vindo, *monsieur* — ela disse, cumprimentando Jacques com um aceno de cabeça ao reconhecê-lo, e depois observou Connie e Victoria. — Estes são o bebê e a mãe?

— Não — Connie respondeu, balançando a cabeça. — Não sou a mãe de Victoria.

A freira assentiu, sem acreditar, e abriu seus braços.

— Venha, me entregue a criança.

Respirando fundo, Connie colocou Victoria nos braços da freira. O bebê chorou com mais força.

— Ela sempre chora assim? — a freira perguntou, com uma expressão séria.

— Geralmente, ela nunca chora — Connie lhe garantiu.

— Bem, nós cuidaremos de Victoria a partir de agora. *Monsieur*? — A freira olhou para Jacques com um olhar questionador e ele rapidamente lhe entregou um envelope.

— Obrigada — ela disse, reconhecendo o donativo que fora prometido e guardando-o dentro de um bolso imenso. — Esperamos poder encontrar uma família adequada para você em breve. Será difícil, com todo o tumulto que vem ocorrendo e sem ninguém disposto a abrir o bolso para alimentar outra boca. Mas Victoria é uma menina bonita, mesmo que grite tanto. Com licença, estamos muito ocupadas e eu preciso voltar ao berçário. Por favor, podem ir até a porta.

A freira se virou e saiu pela porta com Victoria nos braços. Connie fez menção de se

levantar e segui-la, mas Jacques a conteve. Com um braço ao redor dos seus ombros, e com lágrimas rolando pelo rosto de Connie, ele a levou para fora do convento e a colocou carinhosamente no banco da frente de seu carro.

Assim como Victoria, Connie chorou durante todo o percurso de volta para casa.

Quando Jacques parou o carro em frente à porta da cave, ele pousou a mão sobre o joelho de Connie e deu palmadinhas amistosas.

— Eu também a amava, Constance. Mas é melhor que ela esteja longe daqui. Se servir de consolo, bebês não se lembram da pessoa que cuidou deles em seus primeiros meses de vida. Por favor, não se repreenda tanto. Victoria se foi e você está livre para voltar à sua casa. Você deve pensar no seu futuro e no seu regresso ao país e ao homem que você ama.

Dois dias depois, após guardar seus poucos pertences na mala de viagem e com Jacques a postos para usar o resto de sua gasolina para levá-la pelo curto percurso até a estação de Gassin, Connie desceu pelas escadas do *château*. Ela abriu a porta da biblioteca para guardar o segundo volume da *História das Frutas Francesas* numa prateleira. Tinha também o caderno de poemas de Sophia e havia decidido deixá-lo sobre a escrivaninha de Édouard, esperando que ele pudesse lê-los e compreender o quanto o amor de sua irmã por Frederik era profundo. E que suas palavras afetuosas pudessem lhe trazer conforto e alento.

O cômodo estava imerso na escuridão e as janelas estavam fechadas. Connie foi até uma das janelas para abrir as venezianas, de modo que pudesse enxergar onde recolocaria o livro.

— Olá, Constance.

O susto foi tão grande que quase fez com que ela caísse no chão. Ao se virar, viu que Édouard estava sentado numa poltrona de couro.

— Me desculpe se eu a assustei.

— E eu peço perdão por incomodá-lo. Queria devolver este livro antes de ir embora. E também o livro de poemas de Sophia. Imaginei que você quisesse lê-lo. São bonitos, Édouard — Connie disse, estendendo-lhe o caderno com um ressentimento tão forte que desejava apenas se afastar dele o mais rápido possível.

— Não. Leve-os com você para a Inglaterra como um lembrete do que lhe aconteceu na França.

Connie não conseguiu encontrar forças para discutir com ele.

— Estou indo embora, Édouard. Obrigada por me ajudar quando eu cheguei à França — ela conseguiu dizer e virou-se para ir até a porta.

— Constance?

Ela parou e voltou a olhar na direção de Édouard.

— Sim?

— Jacques me contou sobre como você salvou a vida de Sophia quando Falk von Wehndorf veio até aqui para encontrar seu irmão. Eu lhe agradeço.

— Eu fiz o que devia fazer, Édouard — ela disse, seca.

— E sua corajosa amiga Venetia salvou minha vida. E, com toda aquela bravura, acabou perdendo a própria vida — ele acrescentou, entristecido. — Soube que ela fora fuzilada pela Gestapo enquanto eu estava em Londres.

— Venetia está morta? Oh, meu Deus, não! — Com lágrimas enchendo seus olhos, Connie perguntava a si mesma quando as dores causadas pela guerra deixariam de fustigá-la.

— Ela era uma mulher maravilhosa — Édouard disse, com a voz mais suave. — Eu nunca a esquecerei. Sabe, recentemente pensei que a melhor opção seria morrer junto com aqueles que eu amei e perdi.

— Não era o seu destino, Édouard, nem o meu — Connie disse, firmemente. — E todos nós que ficamos para trás devemos reconstruir o futuro e honrar a memória deles.

— Sim, mas há certas coisas... — Édouard balançou a cabeça. — Coisas que não sou capaz de perdoar ou esquecer. Eu lamento, Constance. Por tudo.

Ela parou por um momento, tentando imaginar o que devia responder. Mas não havia palavras. Então, ela abriu a porta, passou por ela e fechou-a firmemente, deixando Édouard de la Martinières trancado no passado enquanto dava seus primeiros passos em direção ao futuro.

Três dias depois, o trem lotado com soldados chegava lentamente à estação de York. Connie enviou um telegrama a Blackmoor Hall, avisando-os de sua chegada iminente, mas não fazia ideia se a mensagem fora recebida ou se Lawrence estava realmente de volta à casa. Desembarcando do trem e sentindo um calafrio de felicidade em meio ao ar do outono inglês, Constance caminhou pela plataforma com bastante apreensão.

Ele estaria aqui para recebê-la?

Ela procurou ansiosamente em meio às pessoas que esperavam para cumprimentar seus entes queridos. Parando, procurou o rosto de Lawrence pela estação. Depois de procurar por quinze minutos, sem sucesso, ela estava prestes a deixar a estação e entrar na fila para o ônibus que a levaria em direção a Yorkshire e seus pântanos. Então, de repente, viu uma figura solitária que ainda esperava no final da plataforma, que agora estava vazia. Seus cabelos haviam ficado prematuramente grisalhos e ele trazia uma bengala numa das mãos.

— Lawrence!

Ele se virou ao ouvir o som familiar de sua voz e depois a observou, espantado, lentamente reconhecendo a esposa. Ela correu em sua direção e o envolveu num forte abraço. O cheiro de Lawrence, que conjurava tudo que era seguro, maravilhoso e bom em sua vida, lhe trouxe lágrimas aos olhos.

— Minha querida! Lamento muito, não a reconheci! O seu cabelo... — Lawrence murmurou, observando-a, maravilhado.

— É claro — Connie compreendia. Os dois haviam mudado. — Estou com essa cor há tanto tempo que já me acostumei com ela.

— Bem, na minha opinião, acho que ela lhe cai bem — ele disse, estudando-a com um sorriso no rosto. — Você está parecendo uma estrela de cinema.

— Duvido muito — Connie suspirou, olhando para as roupas amarrotadas que vestia desde que deixou o sul da França.

— Como você está? — os dois disseram ao mesmo tempo e depois caíram na risada.

— Muito cansada — Connie respondeu. — Mas muito feliz por finalmente estar em casa. Tenho tantas coisas a lhe dizer, mas nem sei por onde começar.

— Tenho certeza que tem — Lawrence comentou. — Que tal contar alguma coisa enquanto estivermos no carro? Usei todos os meus cupons de racionamento para comprar gasolina e levá-la de volta para casa.

— Casa... — Connie sussurrou. Uma palavra simples que resumia tudo o que mais desejou naqueles últimos dezoito meses.

Lawrence lhe deu outro abraço forte ao perceber a emoção que ela sentia. Em seguida, pegou a mala que ela trazia e enlaçou seu braço ao redor do dela.

— Sim, minha querida — ele disse, abraçando-a. — Vou levá-la para casa.

Três meses depois, Connie recebeu uma carta da Seção F, pedindo-lhe que viajasse a Londres para uma reunião com Maurice Buckmaster.

Ele cumprimentou Connie alegremente, quando ela foi trazida até seu escritório na Baker Street, e apertou-lhe a mão com firmeza.

— Constance Chapelle, a agente que nunca agiu. Sente-se, querida, sente-se.

Connie sentou-se na cadeira enquanto Buckmaster se apoiou, como de costume, em sua escrivaninha.

— E então, Constance? É bom estar de volta à Grã-Bretanha?

— Sim, senhor, é maravilhoso — ela respondeu, com convicção.

— Bem, agora que está aqui, posso lhe comunicar oficialmente que você está dispensada de suas funções.

— Sim, senhor.

— Peço desculpas por não havermos lhe dado suporte quando chegou à França. Infelizmente, você bateu à porta de um dos membros mais poderosos e influentes do movimento da França Livre, de De Gaulle. Recebemos ordens de cima, eu lamento. Eles não

poderiam arriscar que a fachada de “Herói” fosse desmascarada. Não havia nada a fazer naquelas circunstâncias. Mesmo assim, fico feliz por você haver retornado para casa em segurança.

— Obrigada, senhor.

— Das quarenta moças que enviamos, quatorze não retornaram, infelizmente. Sua amiga Venetia estava entre elas — Buckmaster suspirou.

— Eu sei — Connie respondeu, em tom sombrio.

— De qualquer forma, é preciso reconhecer o valor de todas vocês, já que o número de sobreviventes foi tão alto. Eu estava esperando menos. É uma pena o que aconteceu a Venetia. Quando ela partiu para a França, todos nós estávamos preocupados com sua atitude descuidada. Mas ela provou ser uma das nossas melhores e mais corajosas agentes. Estamos avaliando os resultados que ela conquistou em suas missões para uma premiação póstuma por bravura.

— É bom saber disso, senhor. Ela merece mais do que ninguém.

— Bem, a boa notícia é que a França finalmente está livre. E a SOE teve um papel fundamental nessa vitória. Uma pena que você não teve a possibilidade de se envolver mais, Connie. Sob a proteção dos De la Martinières, você provavelmente comeu melhor do que eu nos últimos meses — ele disse, sorrindo. — Ouvi dizer que você chegou a morar por um tempo no fabuloso *château* que eles têm no sul da França, não foi?

— Sim, senhor, mas...

Connie se conteve. Enquanto estava no trem que a trazia de York para Londres, ela ponderou se deveria contar a verdadeira história de sua vida na França. E o que havia sacrificado. Mas Venetia, Sophia e muitos outros estavam mortos, enquanto ela ainda estava viva, quaisquer que fossem as cicatrizes que ainda carregasse.

— O que foi, Constance?

— Nada, senhor.

— Bem, então, o que me resta a fazer é parabenizá-la por voltar para casa em segurança.

E, em nome do governo britânico, agradecê-la por sua disposição em arriscar a vida pelo bem do seu país — Buckmaster disse, levantando-se de cima da escrivaninha e apertando sua mão. — Parece que a sorte lhe sorriu e a guerra foi tranquila.

— Sim, senhor — Connie respondeu enquanto se levantava e caminhou até a porta. — A guerra foi tranquila para mim.

CAPÍTULO 30



GASSIN, SUL DA FRANÇA, 1999

Jean se levantou e foi até a cozinha para pegar a garrafa de Armagnac e três copos. Emilie observou Jacques enquanto ele assoava o nariz e enxugava as lágrimas. Emocionara-se várias vezes durante o relato. Ela tentava organizar os pensamentos, havia muitas perguntas a fazer. Mas havia apenas uma para a qual ela desejava ter uma resposta imediata.

— Está tudo bem com você, Emilie? — Jean perguntou ao retornar, entregando-lhe o Armagnac e tocando-lhe o ombro gentilmente.

— Sim, estou bem.

— Pai? Quer um pouco de Armagnac?

Jacques fez que sim com a cabeça.

Emilie tomou um gole para reunir a coragem de fazer a pergunta que ainda queimava em sua língua.

— E então, Jacques? O que aconteceu com a filha de Sophia e Frederik?

Jacques continuou em silêncio, olhando para um ponto além de Emilie, ao longe.

— Você compreende que, se eu a encontrasse, não seria mais a última descendente dos De la Martinières, não é?

Ainda assim, Jacques não disse nada, e, após algum tempo, Jean interveio. — Emilie, é improvável que alguém saiba quem adotou o bebê. Havia muitos órfãos depois da guerra. O mundo estava imerso no caos. De qualquer forma, Victoria não tinha uma certidão de nascimento para provar quem era quando foi ao orfanato. Não é mesmo, pai?

— Sim.

— Assim, mesmo que a mãe do bebê fosse uma De la Martinières, Victoria era uma filha ilegítima e, portanto, não teria qualquer direito aos bens da família — Jean comentou, pensando em voz alta.

— Isso não tem importância para mim — Emilie disse. — Tudo que me importa é saber que pode haver outro ser humano no mundo que faça parte da minha família, alguém que tenha o sangue dos De la Martinières em suas veias. E há a possibilidade de ela ter tido filhos também... São tantas perguntas sem resposta — Emilie suspirou. — Jacques, por favor, me responda uma coisa. Frederik cumpriu a promessa de voltar para ver Sophia?

— Sim — Jacques disse, finalmente encontrando sua voz. — Um ano depois que a guerra terminou, ele apareceu por aqui. Fui eu quem teve que lhe dizer que Sophia havia morrido.

— Você disse a Frederik que ele tinha uma filha? — Emilie perguntou.

Jacques balançou a cabeça e levou uma mão trêmula até a testa.

— Eu não sabia o que devia dizer a ele. Então, eu menti e disse... — a voz de Jacques foi ficando cada vez mais estrangulada. — Eu disse que a criança também havia morrido. Achei que seria o melhor para todos — ele disse, com o peito arfando pela emoção.

— Pai, tenho certeza de que você fez a coisa certa — Jean o consolou. — Se Frederik amava Sophia como você diz, nada o impediria de tentar buscar sua filha. E se o bebê já estivesse sob a guarda de uma nova família que não soubesse que seu pai era um nazista, tanto melhor.

— Eu tinha que proteger a criança, entende? — Jacques disse, fazendo o sinal da cruz. — Que Deus me perdoe pela mentira horrível que eu contei a ele. Frederik ficou completamente arrasado. Incapaz de qualquer pensamento racional.

— Posso imaginar — Jean estremeceu.

— Jacques, onde você enterrou Sophia? — Emilie perguntou.

— No cemitério de Gassin. Ela não teve uma lápide até que a guerra terminou. Não podíamos levantar suspeitas. Mesmo depois de morta, Sophia teve que permanecer escondida.

— E você sabe onde Frederik está, pai? Talvez já esteja morto... Imagino que teria uns

oitenta anos, hoje em dia.

— Ele está vivendo na Suíça, sob uma identidade falsa. Quando finalmente voltou para sua casa, as terras de sua família haviam sido tomadas pelos poloneses quando as fronteiras mudaram e a Prússia oriental foi devolvida à Polônia. Seus pais foram mortos a tiros pelos russos. Como muitas pessoas depois da guerra, ele teve que recomeçar sua vida. Mas eu soube, algum tempo depois, que Frederik havia ajudado as pessoas que podia a atravessar a fronteira para fugir dos campos de concentração antes que a guerra começasse, e havia muitos deles interessados em retribuir aquela bondade. Eles o ajudaram a começar uma nova vida — Jacques disse, rindo. — Você acreditaria que ele se tornou um relojoeiro em Basel? E também um pastor religioso nas horas vagas. Ele me ensinou muito sobre o perdão nas correspondências que trocamos e eu tenho orgulho de poder dizer que o considero um amigo. Disse várias vezes a Édouard que ele deveria entrar em contato com Frederik. Eles não eram diferentes, ambos fizeram o que podiam fazer durante uma época de destruição impensada. Eu pensei que, talvez, eles pudessem consolar um ao outro pela perda da mulher que amavam. Mesmo assim... — ele disse, com um suspiro. — Mesmo assim, isso não aconteceu.

— Você ainda tem notícias de Frederik? — Jean perguntou.

— Ele ainda me escreve às vezes, mas faz um ano que não recebo notícias dele. Talvez esteja doente. Como eu — Jacques disse, dando de ombros. — Ele nunca se casou. O amor de sua vida era Sophia. Não havia lugar para mais ninguém em seu coração.

— E para o meu pai... — para Emilie, essa fora a parte mais dolorosa da história. — É difícil acreditar que ele pôde abandonar a filha da sua própria irmã. Ele era um homem tão gentil e carinhoso... Como foi capaz de simplesmente lavar as mãos?

— Emilie, tudo que você falou sobre seu pai é verdadeiro — Jacques disse, lentamente. — Mesmo assim, ele idolatrou e protegeu a irmã durante a vida inteira. A ideia de que sua pureza e inocência lhe foram tiradas por qualquer homem, especialmente por um oficial do exército alemão, foi demais para ele. Como ele poderia olhar para o fruto do romance da irmã, ter que olhar todos os dias para uma prova viva do que ela havia feito e sentir que havia fracassado no dever de protegê-la? Você não deve culpá-lo, Emilie. Você não compreenderia a maneira como as coisas aconteceram.

— Pai, acho que já é o bastante por hoje — Jean disse, vendo a expressão exausta do velho Jacques. — Emilie pode lhe fazer mais perguntas amanhã de manhã. Venha — disse e ofereceu um braço para ajudar o pai a se levantar.

Jacques se levantou e olhou para Emilie antes de se retirar.

— Édouard sacrificou tudo por seu país. Ele era um verdadeiro francês e você tem todos os motivos para sentir orgulho dele. Mas a guerra mudou a todos nós, Emilie. Todos nós.

Emilie sentou-se, olhando para o fogo e pensando em tudo aquilo enquanto Jean levava o pai para o quarto no andar superior.

— Como se sente? — Jean perguntou quando voltou à sala.

— Estou chocada com o horror dessa história. É muito para a minha cabeça.

— Sim. E tudo isso aconteceu há apenas cinquenta e cinco anos — ele suspirou. — É difícil de acreditar.

— Seu pai sabe onde a filha de Frederik e Sophia está, Jean. Tenho certeza disso.

— Talvez — Jean concordou. — Mas, se ele realmente souber, creio que tem suas próprias razões para não lhe dizer. E, se ele quiser continuar a manter seu paradeiro em segredo, você terá que respeitar isso.

— Eu sei. Mas o passado é o passado. Espero que tenhamos aprendido as lições do tempo. O mundo mudou e progrediu.

— Concordo. Mas, para o meu pai e muitos outros da sua idade que viveram durante aquela época horrível, não é tão fácil. Nós somos a geração mais jovem e podemos analisar aquela época logicamente, pois faz parte da história. Mesmo assim, aqueles que sofreram por causa da guerra não conseguem se distanciar ou controlar suas emoções. Bem, agora, acho que é hora de seguirmos o exemplo do meu pai e irmos dormir — ele disse e deu palmadinhas amistosas no dorso da mão de Emilie.

Surpreendentemente, Emilie adormeceu assim que sua cabeça encostou no travesseiro. Acordou cedo na manhã seguinte e, depois de se vestir, percorreu o caminho até o *château*

para ter um pouco de tranquilidade antes que as reformas começassem naquele dia. Ao abrir a porta que levava ao jardim murado, Emilie andou pelo gramado até ficar em pé em frente a uma pequena cruz de madeira, que, de acordo com o relato de Jacques, Frederik colocara para Falk ao retornar depois do fim da guerra. Emilie sempre imaginou que aquela cruz marcava a sepultura de algum animal de estimação da família. Pensar que os restos mortais de Falk estavam enterrados bem à sua frente lhe deu um calafrio. Era difícil imaginar que tanto ódio e tanta violência houvessem ocorrido naquele lugar.

Emilie desejou que Sebastian e Alex estivessem ali para ouvir a história sobre a coragem da avó deles, que não recebeu qualquer reconhecimento por suas ações, além de escolher não compartilhá-las com sua própria família. Ela foi uma mulher notável e, como muitas outras daquela época, não recebeu qualquer honraria ou agradecimento pelo que fez. E seus dois netos... Um deles se consumia de inveja do outro. Emilie não conseguia ignorar a ironia do passado recém-descoberto de sua família. Provavelmente, Constance também não conseguiu.

Como era filha única, Emilie nunca chegou a passar pela experiência da rivalidade entre irmãos. Mas, ao ouvir a história na noite anterior, ela compreendeu a força daquele sentimento.

Balançando a cabeça para poder pensar melhor e analisar os cenários, Emilie voltou a percorrer o gramado. Pensou no pavoroso porão que ela e Sebastian descobriram naquela primeira tarde, onde Sophia viveu virtualmente como uma prisioneira antes de dar à luz e morrer. As dores físicas e emocionais pelas quais sua tia passou lhe trouxeram lágrimas aos olhos, mas, novamente, reforçaram a ideia de que ela tivera muita sorte. Ao deixar o *château* e voltar a percorrer o caminho que a levaria à cave, Anton, filho de Margaux, se aproximou dela em sua bicicleta. Ele parou à sua frente e abriu um sorriso tímido.

— Como você está, Anton?

— Estou bem, obrigado, *madame*. Minha mãe disse que eu precisava lhe devolver este livro — disse o garoto, colocando a mão na cesta da bicicleta e entregando o volume que Emilie havia lhe emprestado. — Obrigado por deixar que eu o levasse para casa. Eu gostei muito da história.

— Estou impressionada. Você conseguiu terminar a leitura em muito pouco tempo. Eu levei

meses para ler tudo.

— Eu leio muito rápido e, às vezes, passo a noite inteira lendo. Adoro livros. Mas, agora, já li quase tudo que havia para a minha idade na biblioteca da vila.

— Então, quando os livros do *château* estiverem de volta ao seu devido lugar, você terá que vir aqui e escolher mais alguns. Duvido que você consiga esgotar todo o acervo — ela disse com um sorriso.

— Obrigado, *madame* — ele respondeu com gratidão.

— Como está sua mãe?

— Ela manda lembranças. Se precisar de alguma coisa, ela disse que pode lhe telefonar. Acho que ela ficará mais feliz quando tudo estiver de volta ao normal.

— Sim, todos ficaremos mais felizes. Adeus, Anton.

— Adeus, *madame* Emilie.

Emilie voltou à casa de Jean e preparou um pouco de café. Andando até a cave, ela viu que Jacques estava de volta à sua posição habitual em sua mesa, embalando as garrafas, enquanto Jean trabalhava em sua escrivaninha. Assim, para não perturbá-los, ela levou o café até o jardim. Não queria pressionar Jacques a dizer se sabia para onde a criança adotada fora, mas estava desesperada para saber. E Frederik, o pai do bebê, fonte de inspiração para os belos poemas de amor de Sophia... Jacques disse que achava que o alemão ainda estava vivo.

Um plano se formou em sua mente e ela o explicou a Jean e Jacques durante o almoço.

— Por que não? — Jean concordou. — Pai, o que acha de Emilie viajar à Suíça para conversar com Frederik?

— Não sei se é uma boa ideia — Jacques disse, parecendo pouco à vontade.

— Não pode haver mal nenhum nisso, pai. Se Emilie der os poemas a Frederik, pelo menos ele terá um registro físico do amor que Sophia sentia por ele, não é? Talvez isso possa confortá-lo.

— Você me daria o endereço, Jacques?

— Vou ver se consigo encontrá-lo, Emilie — Jacques disse, ainda reticente. — Talvez ele não esteja mais vivo.

— Eu sei, mas pelo menos eu poderia escrever a ele e descobrir isso.

— Você vai dizer a ele que eu menti a respeito da morte da sua filha logo depois do fim da guerra? — Jacques perguntou, ansioso.

Emilie olhou para Jean, esperando que ele a aconselhasse.

— Pai, se Frederik é o homem bom que você diz que é, ele compreenderá os motivos pelos quais você manteve o nascimento de sua filha em segredo. Você estava protegendo a criança.

— E aceitará que eu lhe neguei o direito de conhecer sua filha durante a vida inteira?

— Sim — Jean disse. — Se for necessário. Pai, se você sabe onde ela está e quem é, acho que chegou a hora de dizer. Emilie tem o direito de saber. É a família dela.

— Não! — Jacques disse, balançando a cabeça. — Jean, você não entende. Você não entende! Eu...

— Jacques, por favor, não se exalte — Emilie disse, tocando-lhe o braço. — Se realmente acha que não deve dizer, tenho certeza de que você tem suas próprias razões para isso. Responda a apenas uma pergunta: quero saber se você sabe onde ela está ou não.

Jacques hesitou, com a agonia da indecisão clara em seu rosto.

— Sim, eu sei — admitiu, finalmente. — Pronto, aí está. Eu lhe disse. E quebrei a promessa que fiz a mim mesmo há tanto tempo — balançou a cabeça, desesperado.

— Pai, isso aconteceu há muito tempo. Ninguém irá julgar a filha de Sophia agora. Você não vai colocá-la em perigo.

— Parem! Chega! — Jacques disse, batendo no tampo da mesa com o punho. Em seguida, levantou-se e pegou sua bengala. — Vocês não entendem. Eu preciso pensar. Preciso pensar.

Jean e Emilie o observaram enquanto cambaleava para fora da casa.

— Não deveríamos tê-lo pressionado, Jean — Emilie disse, sentindo-se culpada. — Ele

está muito abalado.

— Bem, talvez seja melhor que ele se livre desse segredo. Meu pai carregou esse fardo sozinho durante muito tempo — Jean concluiu. — Bem, preciso voltar ao trabalho. Consegue encontrar algo com que se ocupar durante a tarde?

— É claro. Volte para a vinícola e eu cuido das coisas aqui dentro.

Quando Jean saiu, Emilie tirou a mesa e lavou a louça. Em seguida, pegou seu telefone celular. Viu que Sebastian lhe telefonara várias vezes, mas, agora, era sua vez de não sentir vontade de atendê-lo. A história da noite anterior a afetou de várias maneiras e a antipatia que sentia pelos abusos aos quais Sebastian submetia o irmão estava crescendo em vez de diminuir.

Precisava de ar fresco e foi caminhar por entre as parreiras com a cabeça imersa na confusão. Em seguida, um pensamento surgiu em sua mente e ela parou abruptamente, tentando processar a informação.

Jacques dissera o quanto Constance ficou devastada em ter que entregar o bebê que havia cuidado e protegido desde o nascimento. Emilie entendia as razões que a impediriam de levar Victoria consigo à Inglaterra. Antes que testes de DNA estivessem disponíveis ao público, sempre restaria alguma dúvida na mente de seu marido, independente de quantas vezes Constance lhe dissesse que Victoria não era sua filha.

Victoria...

Repentinamente, Emilie sentou-se no meio das parreiras. E se Constance *houvesse* falado ao seu marido sobre o bebê no orfanato quando voltou a Yorkshire? E se Lawrence, ao perceber a aflição de sua esposa, concordara que eles deveriam voltar à França e adotar a menina?

Ela tinha certeza de ouvir Sebastian mencionar o nome de sua mãe certa vez... Tentou vasculhar sua mente, mas, como não conseguia se lembrar, pegou o celular que estava no bolso do seu *jeans* e hesitou, tentando decidir para qual dos irmãos ela deveria ligar para confirmar suas suspeitas.

Tentou o telefone do marido antes, mas a ligação caiu na caixa de mensagens. Assim, ela

tentou o número do celular de Alex. Ele atendeu imediatamente.

— Alex? É Emilie.

— Emilie! Que bom receber sua ligação. Como está?

— Estou bem, obrigada — disse e decidiu ir direto ao ponto. — Alex, qual era o nome de batismo da sua mãe?

— Victoria. Por quê?

Chocada, Emilie cobriu a boca com a mão.

— Eu... é uma longa história, Alex. Prometo que explicarei tudo quando voltar a vê-lo. Obrigada. Adeus.

Emilie apertou o botão para encerrar a chamada e sentou-se sob os vinhedos, tentando absorver a nova informação.

Victoria era a mãe de Sebastian e Alex.

O que significava que — Emilie tentou calcular o mais rápido que podia — ela estava casada com o filho de sua prima.

— Nãããoooo!!! — ela gritou, em meio ao ar tranquilo. Deitou-se de costas no chão, apoiando a cabeça contra as pedras que cobriam o solo, e tentou pensar racionalmente.

E se Constance, em seu leito de morte, contara a Sebastian que sua mãe, Victoria, havia sido adotada? E que, na verdade, fazia parte da linhagem dos De la Martinières? Constance também mencionou a Sebastian o livro de frutas francesas e os poemas escritos por Sophia, que provavelmente era a avó de seu marido. Será que Constance fez isso para produzir as provas de que os dois irmãos precisavam para poderem reclamar sua parte da herança?

Sebastian poderia ter investigado a situação e descoberto quem eram os De la Martinières. E, quando leu a respeito da morte da mãe de Emilie, imaginou que poderia ter algum direito à herança.

Porém, como Jacques mencionou, estabelecer seus direitos como herdeiro ilegítimo resultaria numa longa e custosa batalha judicial. Seria muito mais fácil e conveniente se casar com a verdadeira herdeira e, em algum momento, convencê-la a transferir tanto o *château*

quanto sua conta bancária para o nome de ambos.

Emilie estremeceu ao pensar no pragmatismo frio e analítico de Sebastian e em sua possível duplicidade. Tudo se encaixava muito bem, mas não havia prova de que ela estivesse certa. Além disso, seria possível que Sebastian soubesse que estava se casando com sua própria prima?

Emilie permaneceu deitada, estupefata com sua própria ingenuidade. Mesmo se houvesse outra explicação e ela estivesse conjurando algum tipo de cenário maquiavélico no qual Sebastian fosse perfeitamente inocente, que diabos ela tinha na cabeça quando decidiu se casar com ele, conhecendo-o tão pouco?

Ela suspirou. Talvez fosse o simples fato de que ele lhe oferecera apoio e carinho quando ela estava num momento muito vulnerável. E o Sebastian que ela conheceu na França sempre agiu da forma mais amável, carinhosa e apoiadora. Teria sido apenas uma encenação para seduzi-la? Emilie se sentou.

— Oh, meu Deus, meu Deus... — Ela balançou a cabeça, desesperada. Mesmo que estivesse errada em relação aos motivos de Sebastian, Emilie estava muito infeliz. E não confiava mais em seu marido.

Sentindo-se esgotada e abalada, Emilie se levantou e começou a fazer o percurso de volta até a casa de Jean. Havia apenas uma maneira de descobrir. Precisava implorar a Jacques que confirmasse suas suspeitas.

— Onde você estava, Emilie? Já está quase anoitecendo — Jean disse, com um tom de preocupação, enquanto preparava o jantar na cozinha.

— Precisei sair para andar e pensar um pouco.

— Você está muito pálida, Emilie — Jean disse, preocupado.

— Tenho que falar com seu pai assim que for possível.

— Beba um pouco disso — Jean disse, passando-lhe um copo de vinho. — Meu pai já se recolheu ao seu quarto e pediu que não fosse incomodado. Ele não quer conversar com você hoje, Emilie. Por favor, você precisa entender o quanto isso é difícil para ele. Você está pedindo que ele revele um segredo guardado há mais de cinquenta anos. Ele precisa de tempo

para pensar. Você precisará ter paciência.

— Mas... Você não entende, eu tenho que saber disso antes de voltar para casa. Eu preciso!

Jean era capaz de sentir a tensão e a apreensão que Emilie sentia.

— Por quê? Como as coisas que meu pai dirá podem ter qualquer relevância na sua vida atual?

— Porque... porque pode ser relevante... Oh, Jean! Por favor, pode pedir a ele para conversarmos?

— Emilie, tente se acalmar. Você e eu nos conhecemos há vários anos. Talvez você possa confiar em mim o bastante para dizer o que a está aborrecendo tanto. Venha, vamos nos sentar.

Jean a levou até a sala de estar e fez com que ela se sentasse numa cadeira.

— Oh, Jean — Emilie disse, enfiando a cabeça nas mãos. — Acho que estou enlouquecendo, de verdade.

— Duvido — ele disse, sorrindo. — Você sempre foi a mulher mais equilibrada que eu já conheci. Bem, estou ouvindo.

Emilie respirou fundo e começou seu relato, desde o momento em que Sebastian se apresentou a ela em Gassin. Ela contou toda a história do seu relacionamento e do comportamento estranho que seu marido apresentava recentemente. Em seguida, falou do relacionamento com o irmão e a atmosfera estranha na casa de Yorkshire. Finalmente, quando um prato com um excelente cozido de coelho foi colocado à sua frente e ela o engoliu enquanto ainda conversava, falou a Jean sobre suas suspeitas sobre Victoria ser a mãe de Alex e Sebastian.

— E se Sebastian se casou comigo porque pensava que seria uma maneira fácil de conseguir o que ele acredita que é seu por direito? — Emilie perguntou.

— Acalme-se, Emilie. Não temos fatos concretos além de um nome de batismo para pensar que isso possa ser verdade.

— Quer dizer que estou louca por pensar que meu marido seria capaz disso? — Emilie perguntou, triste.

— Bem, acho que nós sabemos que Sebastian não chegou aqui por coincidência, apesar de lhe dizer que estava na região para cuidar de negócios — Jean concordou. — Você disse que ele mencionou imediatamente a conexão que a avó tinha com sua família. Além disso, concordo que o fato de que sua mãe se chamava Victoria faz com que sua história seja plausível. Mesmo assim, se houver um laço de sangue ou não... Bem, você se importa se eu for sincero a respeito?

— É claro que não. Eu gostaria que você dissesse o que pensa — Emilie disse, sentindo-se grata.

— Bem, de maneira simples, acho que você não está focada na verdadeira questão. Mesmo que Sebastian tivesse segundas intenções quando a pediu em casamento, o problema principal é que você está extremamente infeliz. E o caráter do seu marido não parece ser muito... — Jean deu de ombros — ... sólido.

— Mas, como Alex disse, pode ser que o mau comportamento do meu marido esteja restrito apenas ao trato com o irmão — Emilie respondeu.

— Eu diria que Alex está sendo gentil demais ao falar isso. Ele não deseja colocar seu relacionamento com Sebastian em risco. Alex parece ser um homem muito sensato. Talvez você tenha se casado com o irmão errado — Jean disse, com um brilho provocador nos olhos.

— Alex é extremamente inteligente, eu preciso admitir — ela concordou, sentindo um certo desconforto.

— Eu entendo, Emilie — Jean disse, em tom sério. — Você se casou com esse homem, fez sua escolha e quer que tudo dê certo. É claro, o melhor a fazer agora é confrontá-lo com todos os seus temores quando você voltar para casa.

— Mas ele mentirá, eu tenho certeza! Ele vai tentar se proteger!

— Bem, neste caso, você acabou de responder à sua própria pergunta — Jean disse, entristecido. — Emilie, se você acha que nunca conseguirá obter a verdade de seu marido, o que espera desse relacionamento?

Emilie ficou sentada em silêncio, sabendo que Jean tinha razão.

— Estamos casados há muito pouco tempo, Jean. Acho que preciso nos dar uma chance.

Não posso simplesmente desistir de tudo!

— Bem, eu concordo. Normalmente o coração não governa a cabeça, Emilie. Pela primeira vez em sua vida você foi impulsiva, mas não deve se castigar por causa disso. E as coisas ainda podem dar certo. Isso se você conseguir fazer com que ele lhe diga a verdade.

— Vou me sentir melhor depois que conversar com seu pai — suspirou. — O fato de que ele está tão relutante em nos contar deve significar que a revelação vai causar um forte impacto em alguém.

— Prometo conversar com ele e pedir que ele fale com você amanhã. Se você prometer se acalmar.

— Você tem uma relação muito próxima com seu pai — suspirou. — É incomum ver isso, e é muito bonito também.

— O que há de incomum em cuidar e querer bem a pessoa que me criou e cuidou de mim desde o começo, especialmente quando ela mais precisa? Assim como você, Emilie, eu nasci quando meu pai já era mais velho e a minha mãe faleceu quando eu era jovem — Jean explicou. — Talvez o fato de ser criado por pais mais velhos fez com que eu aprendesse os valores morais das gerações anteriores, em vez dos valores da nossa geração, que, pelo que vejo, perdeu o rumo.

— É estranho que nossos dois pais tenham decidido se casar tão tarde — Emilie filosofou. — Talvez tenha a ver com as experiências que tiveram durante a guerra?

— É possível — Jean concordou. — Os dois testemunharam o lado mais sombrio da natureza humana. Tenho certeza de que levou muitos anos para que recuperassem a fé e confiassem no amor novamente. Bem, agora — ele disse, bocejando — já está tarde. Hora de ir para a cama.

— Sim.

Eles se levantaram e trocaram um beijo de boa-noite.

— Obrigada, Jean. É impossível dizer o quanto lhe agradeço pelos conselhos. E desculpe-me por incomodá-lo com os meus problemas.

— Emilie, você não me incomoda. Somos praticamente da mesma família — Jean disse, gentilmente.

— Sim, Jean, é verdade.



Na manhã seguinte, Emilie levantou cedo outra vez, sabendo que tinha apenas algumas horas antes de partir para Yorkshire.

Finalmente, Jacques chegou até a cozinha para tomar o café da manhã. Ele cumprimentou Emilie com um aceno de cabeça quando ela lhe passou o bule de café.

— Dormiu bem? — ela perguntou.

— Não dormi — ele disse enquanto trazia a xícara aos lábios.

— Falou com Jean agora de manhã?

— Sim. Ele veio falar comigo mais cedo e disse que você conseguiu descobrir o motivo pelo qual eu reluto em lhe dizer quem é sua prima.

— Jacques, por favor, eu imploro. Preciso saber se estou certa. Você entende o motivo, não é?

— Sim — ele disse, olhando para ela, e repentinamente soltou uma risada. — Você é uma garota esperta, Emilie. É uma boa história. E, realmente, Constance batizou uma de suas filhas com o nome da criança que entregou ao orfanato.

— Quer dizer que... — Emilie olhava fixamente para Jacques para que ele confirmasse o que havia dito. — A filha de Constance não era o bebê de Sophia?

— Não, Emilie. Não foi Constance que adotou Victoria — Jacques disse. — E mesmo sem ver o homem com quem você se casou mais do que uma ou duas vezes, e garantindo-lhe que eu não confiaria nele, tenho certeza de que ele não se casou com você porque acreditava que poderia ser um herdeiro ilegítimo da fortuna dos De la Martinières.

— Oh, graças a Deus — Sophia disse, quase a ponto de chorar. — Obrigada, Jacques.

— Fico feliz por poder acalmar sua mente, pelo menos em relação a esse assunto.

Emilie sentiu-se imediatamente dividida entre o alívio que sentia pela história que havia imaginado não ser verdade e a culpa por haver pensado que Sebastian seria capaz de fazer algo assim.

— Então, Jacques, pode me contar quem é Victoria?

Jacques hesitou por um momento, tomou outro gole de seu café e olhou para ela.

— Eu compreendo sua vontade de saber tudo. Mas, Emilie, não foi sua vida que virou de cabeça para baixo. Foi a dela e a da sua família. Se eu decidir falar a respeito, ela será a primeira pessoa com quem vou conversar, e não você. Você me entende?

Ela entendia. Jacques lhe dizia que ela estava sendo egoísta. Acuada, ela baixou a cabeça e assentiu.

— Entendo, me desculpe.

— Não precisa se desculpar, Emilie. Entendo sua vontade de saber o que aconteceu.

Jean entrou na cozinha e sentiu a tensão.

— Meu pai já lhe disse que sua história não corresponde à realidade?

— Sim.

— Imagino que você deva estar aliviada, Emilie.

— Estou sim, é claro — ela disse, sentindo-se constrangida e desconfortável pelo fato de que esses dois homens sabiam que ela havia tirado conclusões muito precipitadas e desonrosas sobre seu marido. — Preciso ir embora — ela disse, repentinamente. Precisava passar um tempo a sós. Poderia chegar mais cedo ao aeroporto de Nice e perder-se em seus pensamentos por algumas horas. — Com licença.

Os dois homens olharam para ela com simpatia enquanto Emilie deixava a cozinha para buscar a bolsa de viagem que estava no quarto.

— Ela cometeu um erro quando se casou com aquele homem e sabe disso — Jacques sussurrou. — Talvez ele não tenha o sangue dos De la Martinières, mas ele quer alguma coisa.

— Eu concordo. Mas, na época, ela havia acabado de perder a mãe, a última pessoa que restava em sua família. Não foi surpresa vê-la cair no primeiro par de braços que apareceu — Jean disse. — Estava muito vulnerável.

— O lado positivo é que ela teve que crescer rapidamente neste último ano, e agora está mais forte. Foi posta à prova.

— Sim — Jean concordou. — E ela é ainda mais especial agora.

Jacques percebeu a dor nos olhos de seu filho.

— Eu sei o que você sente em relação a ela. Mas ela é uma garota inteligente, assim como seu pai, e tem bons instintos. Tomará a decisão certa e voltará para sua casa, que é o seu devido lugar.

— Eu gostaria de ter toda essa certeza, pai.

— Eu tenho — Jacques emendou.

Emilie apareceu na cozinha com sua mala de viagem e o rosto marcado pela tensão e a palidez.

— Obrigada mais uma vez pela hospitalidade. Tenho certeza de que voltarei a vê-los em breve.

— Como você sabe, sempre haverá um quarto e uma cama para você aqui — Jean disse, sentindo a angústia de Emilie e tentando reconfortá-la.

— Obrigada — Emilie disse, deixando a bolsa de viagem no chão. — Jacques, me desculpe por tê-lo pressionado a contar a identidade do bebê de Sophia e Frederik. É claro que a decisão pertence a você. Prometo que nunca voltarei a perguntar — ela disse, curvando-se para beijá-lo nas faces. Jacques agarrou um de seus pulsos antes que ela pudesse se afastar.

— Seu pai ficaria orgulhoso de você. Confie em si mesma, Emilie. E que Deus a abençoe, até voltarmos a nos ver.

— Voltarei em breve para acompanhar o progresso das reformas do *château*. Adeus, Jacques.

Ela saiu da cozinha com Jean, enquanto ele levava sua mala até o carro.

— Mantenha contato, Emilie — ele disse, batendo a tampa do porta-malas. — Você sabe que sempre estaremos aqui.

— Eu sei — ela disse, assentindo. — Obrigada por tudo.

CAPÍTULO 31



No percurso até o aeroporto de Nice, Emilie tomou uma decisão. Não conseguia pensar em voltar a Yorkshire e esperar lá sozinha até que Sebastian voltasse para casa. Em vez disso, voaria diretamente para Londres e iria até a galeria para visitá-lo. E pediria a ele que lhe dissesse a verdade.

Enquanto estava no balcão da empresa aérea para comprar a passagem que a levaria até o aeroporto de Heathrow, Emilie ponderou se deveria informar Sebastian de que estava chegando. Achou que seria melhor fazer uma surpresa. O avião pousaria em Londres às quatorze e trinta, com tempo de sobra para chegar até a galeria antes que fechasse suas portas. Diria a ele que estava com saudades e queria vê-lo imediatamente.

Quando embarcou no avião, embora ainda estivesse confusa em relação ao comportamento de seu marido, ela já se sentia melhor. Pelo menos estava sendo proativa, *fazendo* alguma coisa para tentar estreitar o abismo que se abrira entre eles. Precisava confrontá-lo a respeito de sua relação com Alex e descobrir a verdadeira razão pela qual não queria que sua esposa estivesse ao seu lado em Londres.

Após pousar em Heathrow, Emilie tomou um táxi e entregou o endereço da galeria de Sebastian em Fulham Road ao motorista. Sentindo um ataque súbito de ansiedade por chegar sem avisar, Emilie pegou seu celular e ligou para Sebastian. Uma voz mecânica lhe disse que o telefone do marido estava fora da área de cobertura ou desligado.

Vinte minutos depois, ela estava em frente ao prédio da Arté. Após pagar o motorista, Emilie tirou sua mala do táxi e observou as janelas. A arte exposta era moderna, como Sebastian descrevera, e a galeria era extremamente elegante. Quando abriu a porta, uma campainha tocou e uma garota loura, esbelta e atraente veio recebê-la.

— Olá, senhora. Veio para apreciar as obras?

— O proprietário está? — Emilie perguntou.

— Sim, está em seu escritório, nos fundos. Posso ajudá-la com alguma coisa?

— Não, obrigada. Poderia dizer a ele que Emilie de la Martinières está aqui para vê-lo?

— É claro, senhora.

A garota passou por uma porta no fundo da loja enquanto Emilie analisava as telas que estavam expostas. Alguns segundos depois, um homem elegante de meia-idade apareceu na porta ao fundo da galeria.

— Senhora De la Martinières, é um prazer conhecê-la. Soube da venda do seu Matisse no ano passado. Em que posso ajudá-la?

— Eu... — Emilie estava confusa. — Você é o proprietário?

— Sim, sou Jonathan Maxwell — ele disse, estendendo a mão, e ela o cumprimentou sem muita firmeza. Ele a observava com interesse. — Você parece estar surpresa. Há algum problema?

— Acho que estou no endereço errado — ela gaguejou. — Pensei que Sebastian Carruthers fosse o dono desta galeria.

— Sebastian? Não, nada disso — Jonathan disse, rindo. — Que histórias ele andou lhe contando? Sebastian é um agente, com um ou dois artistas cujos trabalhos eu exponho nesta galeria ocasionalmente. Faz algum tempo que não o vejo, entretanto. Acho que ele está se concentrando mais na busca de artistas franceses para seus clientes. Não foi ele que descobriu seu Matisse sem assinatura?

— Sim, foi ele — Emilie respondeu, sentindo-se reconfortada ao saber que, pelo menos, uma das histórias que Sebastian lhe contara era verdadeira.

— Foi um ótimo trabalho — Jonathan comentou. — Presumo que queira falar com Sebastian, então?

— Sim.

— Vou buscar o número do telefone dele para você — Jonathan ofereceu. — Tenho os dados dele em meu arquivo.

— Obrigada. Por acaso você sabe qual é o endereço do escritório dele?

— Eu diria que “escritório” é uma palavra um pouco exagerada. Ele trabalha no apartamento que divide com sua namorada, Bella. Ela é uma das artistas que ele agencia — Jonathan disse, apontando para uma tela grande e pintada em cores vivas, cheia de crisântemos vermelhos e extravagantes. — Tenho o endereço do lugar, sim. É para lá que eu envio os cheques quando vendo algum dos quadros de Bella. Provavelmente é melhor telefonar antes para marcar um horário.

Emilie sentia que ia se estatelar no chão, mas ela não podia fraquejar agora.

— Se puder me dar o endereço, por favor. Eu gosto muito dos trabalhos de Bella. Talvez ela tenha outros quadros que eu possa ver.

— Ela tem um estúdio em seu próprio apartamento. Mora num daqueles novos condomínios perto do ancoradouro de Tower Bridge. Muito melhor do que qualquer apartamento em Paris... É uma garota de sorte — Jonathan disse trocando um olhar com Emilie. — Deixe-me buscar o endereço.

Sabendo que estava a poucos segundos de um ataque de pânico, Emilie se esforçou para inspirar e expirar lentamente, várias vezes, enquanto esperava que Jonathan retornasse.

— Aí está — Jonathan disse, entregando-lhe o endereço e o número de telefone que havia anotado num envelope. — Como eu disse, é melhor telefonar primeiro para ter certeza de que eles estão em casa.

— É claro. Obrigada pela ajuda.

— Sem problemas. Aqui está meu cartão — Jonathan disse, retirando um cartão do bolso da camisa. — Se houver qualquer coisa com a qual eu possa ajudá-la no futuro, basta entrar em contato. Adeus, sra. De la Martinières.

— Adeus — Emilie disse, virando-se para sair da galeria.

— Oh, caso encontre Sebastian, diga-lhe que eu quero conversar pessoalmente com ele. É

surpreendente saber que ele lhe disse que era o proprietário desta galeria — Jonathan disse, levantando as sobrancelhas e sorrindo. — Ele é um bom rapaz, mas, às vezes, tem uma noção estranha sobre o que é a verdade.

— Sim, obrigada.

Emilie saiu da galeria e olhou para o endereço que Jonathan lhe dera; suas mãos tremiam. Antes que pudesse racionalizar o que estava fazendo, ela chamou um táxi que estava passando, deu o endereço ao motorista e embarcou. Quando o táxi entrou na faixa de tráfego, ela começou a ofegar enquanto pensava no lugar para onde estava indo. Tirou um saco de papel da parte da frente da sua bolsa, que tinha a metade de um *croissant* comprado no aeroporto de Nice, e começou a inspirar e expirar dentro dele discretamente.

— Está tudo bem, moça?

— *Oui...* Digo, sim, obrigada.

— Meu filho costumava ter ataques de pânico — ele disse, observando-a pelo espelho. — Basta respirar fundo e você vai ficar bem.

— Obrigada. — A gentileza daquele estranho lhe trouxe lágrimas aos olhos.

— Imagino que algo a tenha incomodado muito.

— Sim — Emilie disse, sentindo que as lágrimas do choque e da tristeza lhe queimavam o rosto.

— Calma, tudo vai ficar bem — o motorista disse, entregando-lhe uma caixa de lenços de papel. — Não se preocupe, tudo vai passar, seja lá o que for. Ainda mais para uma garota bonita como você... A vida não pode ser tão difícil assim, não é mesmo?



Quarenta agonizantes minutos depois, o motorista estacionou numa viela estreita, pavimentada com pedras, que ficava entre dois prédios altos.

— Era nesse lugar que as empresas armazenavam o chá quando ele chegava da Índia. Nunca pensei que se transformariam em prédios tão elegantes. Custam vários milhões hoje em

dia — o motorista disse. — São trinta e seis libras, moça.

Emilie o pagou e cambaleou para fora do veículo com sua bagagem e o coração ainda batendo forte dentro do peito. Foi até a entrada e viu que havia um interfone para cada um dos apartamentos. Após verificar novamente o papel que Jonathan lhe dera e reunir cada fragmento de força que ainda lhe restava, ela apertou o botão do apartamento nove.

— Alô?

— Olá, você é Bella Roseman-Boyd?

— Sim.

— Recebi referências suas na galeria Arté, em Fulham. Jonathan disse que eu deveria vir até aqui, pois estava interessada em ver mais algumas amostras do seu trabalho.

— É mesmo? Estranho ele não haver me telefonado antes. Eu não estava esperando ninguém.

— Não, eu disse que viria imediatamente. Viajo de volta para a França amanhã e gostaria de ver seu trabalho antes de partir. Pode telefonar para ele e confirmar, se desejar. Ele lhe dirá que estive lá há menos de uma hora.

No silêncio que seguiu àquela frase, Emilie tinha esperança de que suas palavras seriam o suficiente para que a mulher aceitasse recebê-la.

— Bem, é melhor você entrar, então.

O portão eletrônico emitiu aquele som característico e a porta se abriu. Emilie entrou no grande elevador que a levou até o terceiro andar, caminhou por um corredor e viu que a porta para o apartamento nove já estava aberta. Reunindo toda a sua coragem, bateu à porta.

— Entre. Estou tentando limpar a tinta que grudou em mim.

Emilie entrou no amplo espaço, com pé-direito bastante alto e janelas imensas que davam uma visão privilegiada para o Rio Tâmisa. Um dos lados da sala era obviamente o lugar onde Bella pintava, e o resto estava dividido numa área com sofás e uma cozinha.

— Olá — disse uma garota incrivelmente atraente, com cabelos negros, que surgiu por outra porta. Os respingos de tinta em seu *jeans* justo e desbotado não desmereciam nem um

pouco sua bela figura. — Perdão, qual é seu nome?

— Meu nome é Emilie. Você está sozinha ou estou interrompendo alguma coisa? — ela perguntou, querendo saber imediatamente se Sebastian estava lá.

— Não, estou sozinha — confirmou Bella. — Bem, Emilie, é muita gentileza sua vir até aqui para ver meus trabalhos. Eu lhe ofereceria um pouco de chá, mas o leite que eu tinha acabou. Estou recebendo várias encomendas particulares nos últimos tempos — ela disse, sorrindo, mostrando seus dentes brancos e perfeitos.

— E quem é seu agente? — Emilie perguntou educadamente.

— Sebastian Carruthers, mas eu duvido que você já tenha ouvido falar dele. De qualquer forma, venha dar uma olhada no que tenho aqui.

— Antes, posso usar seu banheiro?

— Claro. É a última porta do corredor, à direita — Bella indicou.

— Obrigada.

Emilie andou pelo corredor, conforme as instruções de Bella. Havia três portas e todas estavam abertas. A primeira tinha uma cama de casal grande e desarrumada. Emilie arfou, horrorizada, ao ver a mala de Sebastian sobre uma cadeira e a camisa rosa favorita do marido jogada no chão, amontoada com uma peça de roupa íntima feminina.

Prosseguindo pelo corredor, ela viu que o próximo quarto era usado para guardar coisas, como livros, pinturas, um aspirador de pó e um cabideiro de roupas que ocupava aquele “quarto de despejo”. Certamente não haveria espaço para uma cama neste lugar, pensou Emilie, inquieta. Obstinadamente, ela entrou no banheiro, fechou a porta e trancou-a. Na estante sobre a pia estava a frasqueira de Sebastian, com sua lâmina e os produtos que ele usava para fazer a barba. Sua escova de dentes azul estava largada sobre a pia.

Emilie se sentou sobre a tampa do vaso sanitário, tentando brutalmente afastar as emoções e pensar racionalmente no que faria a partir daquele ponto. Embora seu instinto lhe dissesse que deveria sair do apartamento o mais rápido possível e correr, ela sabia que deveria usar este momento para conseguir toda informação possível, diretamente da boca de Bella. Confrontar Sebastian, posteriormente, resultaria apenas nas mentiras e justificativas habituais.

Levantando-se e pressionando o botão da descarga, ela se virou e saiu do banheiro, voltando à sala de estar.

— Bem, o sol não demora a se pôr, não tenho leite para acompanhar o chá e estou louca por um copo de vinho. Gostaria de me acompanhar?

— Sim, obrigada — Emilie concordou.

— Fique à vontade para andar pelo estúdio e olhar as pinturas — Bella disse, enquanto voltava para a cozinha.

Emilie fez o que ela dissera e, apesar de não querer admitir, viu que Bella era uma artista bastante competente. Suas pinturas tinham uma vivacidade e uma vibração impressionantes, algo que não podia ser ensinado numa escola de artes. Era obviamente uma mulher talentosa.

— Venha e sente-se um pouco — Bella disse, indicando o sofá de couro. — Passei o dia inteiro pintando e é bom poder descansar os pés um pouco. O que você acha? — Indicou a pintura que ocupava seu cavalete, uma profusão vívida de imensos olhos com as íris em tons de roxo. — Obviamente, como artista, sou muito crítica em relação ao meu trabalho e tenho dúvidas sobre as coisas que faço, mas acho que está indo muito bem.

— Gostei muito do estilo — Emilie disse com sinceridade, sentando-se.

— Infelizmente não posso vender esse quadro, pois foi uma encomenda de um figurão da bolsa de valores que Sebastian conheceu. Mas eu certamente poderia pintar um similar, se você quiser. Não nos próximos três meses, entretanto. Estou com várias encomendas agendadas.

— Eu definitivamente estou interessada — Emilie concordou. — Quanto você cobra?

— Oh, quem cuida dos valores é Sebastian. Você teria que conversar com ele — Bella disse, evitando responder diretamente. — Eu acho que geralmente fica entre cinco e vinte mil libras, dependendo do tamanho do trabalho.

— É uma pena ter que pagar a alguém para fazer isso por você, mesmo que eu esteja sentada aqui na sua frente e disposta a discutir um preço.

— Eu sei — Bella assentiu. — Esses agentes são uns abutres, ganhando dinheiro com o

talento dos artistas. Mas, no meu caso, pelo menos, eu diria que tudo fica em família. Isso ajuda um pouco.

— Ah, perdoe o meu inglês ruim — Emilie disse, forçando um sorriso. — Sebastian é seu parente?

— Não é um parente, exatamente. Como você diria em francês, ele é *mon amour*.

— Ah, sim — Emilie disse, fingindo se lembrar. — O *monsieur* Jonathan me disse que ele era seu namorado.

— Bem, eu não iria tão longe — Bella riu. — Sebastian e eu temos um pequeno romance há vários anos. Nós nos conhecemos quando ele veio à minha última exposição em Saint Martins. Ele fica hospedado aqui em casa quando está na cidade. Não é um relacionamento tão sério, por assim dizer. Quer mais vinho?

— Por que não? — Emilie a observou. Bella lhe serviu um pouco mais de vinho e voltou a encher a taça que tinha nas mãos.

— Que fique apenas entre você e eu — Bella disse, baixando a voz. — Ele se casou recentemente, e eu imaginei que nosso *affair* fosse terminar. Mas, pelo jeito, não foi o que aconteceu. De qualquer forma, isso não vem ao caso — ela disse, tomando outro gole do seu vinho.

— Você não se importa com o fato de ele ser casado? — Emilie perguntou, fingindo interesse.

— Para ser honesta, meu lema é o seguinte: a vida é curta demais para acorrentar uma pessoa a outra. Sebastian e eu temos um relacionamento que funciona muito bem. É bastante adequado para nós dois. Ele sabe que eu também saio com outras pessoas — ela disse, dando de ombros. — E não sou uma mulher ciumenta. Na verdade, fiquei surpresa quando ele me disse que iria se casar. Não perguntei os detalhes. Nem sei qual é o nome da esposa dele, porque isso não é da minha conta, mas, pelo que percebi, ela é muito rica. Ele apareceu aqui algumas semanas depois de se casar e me deu um belo colar com um diamante Cartier.

Bella levou instintivamente a mão até a joia que enfeitava seu pescoço de cisne.

— Ele também encontrou um Matisse na casa dela e ganhou uma bela comissão quando

conseguiu vender a obra. Comprou um novo Porsche com o dinheiro que recebeu e adora passear pelas ruas de Londres com ele. Graças a Deus! — Bella suspirou. — Ele sempre esteve endividado desde que o conheci. É totalmente irresponsável com o próprio dinheiro, gasta tudo o que ganha. Mas, de alguma forma, ele sempre conseguiu dar um jeito em suas contas.

— Quer dizer, então, que ele não a sustenta?

— Oh, meu Deus, claro que não! — Bella disse, revirando os olhos. — Isso sim seria um desastre! Posso dizer que o que acontece é o inverso. Tive a felicidade de poder contar com pais que são ricos o bastante para me ajudar com dinheiro e que apoiaram minha decisão de me tornar uma artista de sucesso. Como você bem sabe, é algo muito difícil de conseguir. Mesmo assim, nos últimos meses eu consegui dizer a eles que estava ganhando dinheiro suficiente com as minhas pinturas e não precisava mais do cheque que eles me enviavam todo mês. Foi um verdadeiro momento de triunfo, como você deve imaginar — Bella sorriu.

— Compreendo — Emilie completou. Sabia que já havia chegado ao seu limite e não conseguia mais aguentar. Precisava dar um fim àquele diálogo. — Bem, talvez eu possa ajudá-la em sua jornada rumo à independência. Gostaria muito de encomendar um trabalho, Bella. Assim, você precisa me colocar em contato com Sebastian e nós poderemos discutir o preço. Você vai vê-lo em breve?

— Ele saiu para uma reunião com um possível cliente, mas estará em casa mais tarde. Se me der seu telefone, pedirei a ele que entre em contato. Sei que ele vai partir amanhã para voltar àquela mansão caindo aos pedaços que herdou em Yorkshire. E para a esposa — Bella disse, revirando os olhos de maneira conspiratória. — De qualquer forma, não tenho problemas com isso. Tenho os fins de semana somente para mim. Vou buscar um pedaço de papel para que você anote seu telefone.

— Tudo bem.

— Importa-se se não mencionarmos Jonathan Maxwell e sua galeria? Tecnicamente, como foi ele que nos apresentou, talvez esteja esperando algum tipo de comissão — Bella explicou. — Não vou dizer a ele que você veio até aqui se você também não disser, e isso significa que poderemos lhe oferecer um preço melhor.

— É claro — Emilie assentiu enquanto Bella foi até a cozinha para buscar um pedaço de papel para rascunho numa das gavetas.

— Aqui está — ela disse.

Emilie hesitou por um momento e depois escreveu cuidadosamente seu nome completo, telefone e endereço na França, e deixou o papel sobre a mesa. Em seguida, levantou-se. — Foi... interessante conhecê-la, Bella. Desejo-lhe boa sorte no futuro. Tenho certeza de que você terá muito sucesso. Você é muito talentosa.

— Obrigada — Bella disse, acompanhando Emilie até a porta. — Foi um prazer conhecê-la. Espero que nos encontremos novamente em breve.

Num impulso, Emilie pousou a mão no antebraço de Bella.

— Você é uma boa pessoa, Bella. Adeus.

Em seguida, Emilie lhe deu as costas e saiu do apartamento.

CAPÍTULO 32



Já era quase meia-noite quando Emilie voltou a Blackmoor Hall. Tomou um táxi para casa na estação de York. O Land Rover ainda estava no aeroporto e Sebastian poderia ir e buscá-lo, se quisesse. Para Emilie, não fazia diferença. Não era mais problema seu.

Ficou feliz ao ver que a luz do apartamento de Alex ainda estava acesa. Emilie partiria na manhã seguinte e queria se despedir dele.

Andando pela casa, ela foi até a porta de Alex e bateu.

— Entre, Emmy. Você chegou tarde em casa. Perdeu seu voo?

Alex estava sentado no sofá, lendo um livro.

— Não. Fui a Londres.

Alex percebeu os olhos arregalados de Emilie e a tensão que marcava suas feições.

— O que aconteceu?

— Vim lhe dizer que vou embora para a França amanhã. Vou me divorciar de Sebastian assim que puder.

— Certo — ele disse, com um suspiro. — Algum motivo em particular?

— Visitei a amante de longa data que ele tem em Londres hoje. E vi com meus próprios olhos o quarto onde meu marido fica hospedado quando está lá.

— Entendo. Quer que eu pegue o conhaque? — Alex perguntou.

— Não, deixe que eu pego.

Emilie foi até a cozinha e voltou com uma garrafa e dois copos.

— Você sabia a respeito dela? — Emilie perguntou enquanto servia o conhaque e entregava um dos copos a Alex.

— Sim.

— E sabia que Sebastian ainda mantinha esse caso, mesmo depois de se casar comigo?

— Eu suspeitei, quando ele começou a viajar para Londres com tanta frequência e insistia em não levá-la junto. Mas não tinha certeza.

— E você não pensou em me contar, Alex? Achei que fôssemos amigos!

— Emilie, por favor, isso é injusto! — ele disse, abalado com aquela veemência. — Sebastian lhe dizia coisas horríveis sobre mim, que eu mentia e usava os outros, e que faria qualquer coisa para prejudicá-lo. Você realmente acha que acreditaria em mim se eu lhe contasse?

— Não — Emilie disse, tomando um longo gole do conhaque. — Você tem razão. Eu não acreditaria. Desculpe — ela disse, levando os dedos à testa. — O dia foi muito estressante.

— Você é a rainha dos eufemismos — Alex disse, com um sorriso torto. — Sebastian sabe que você foi até a casa da namorada dele?

— Meu celular está desligado desde que saí de Londres. Não sei.

— Você revelou sua identidade à Bella?

Emilie olhou para Alex. O fato de saber o nome de Bella e que ela obviamente tinha tanta importância na vida de Sebastian ameaçavam destruir a calma que Emilie se esforçou tanto para alcançar.

— Não. Eu disse que queria encomendar um trabalho e ela me pediu que anotasse meu nome completo, endereço e número de telefone. Foi o que fiz. Ela prometeu entregar o papel a Sebastian quando ele chegasse... em casa.

Qualquer que fosse a reação que esperasse de Alex, Emilie nunca imaginou que ele fosse gargalhar com tanta força que sua cabeça se inclinaria para trás.

— Oh! Brilhante, Emmy! Simplesmente brilhante! Ah, me desculpe — ele disse, enxugando as lágrimas que lhe vieram aos olhos. — Uma reação totalmente inapropriada. Meu Deus, foi um golpe de mestre. E totalmente ao seu estilo: discreta, sutil, elegante... linda. Simplesmente linda — ele acrescentou, com admiração. — Consegue imaginar o rosto de

Sebastian quando Bella lhe entregar o papel com seu nome e número anotados?

— Alex, eu não me importo com o que ele vai pensar. Eu só quero sair deste lugar o quanto antes e voltar para a minha casa.

A expressão no rosto de Alex mudou.

— Sim, é claro — ele disse, contendo-se. — Bem, você entende que eu estava entre a cruz e a espada desde que você chegou? Eu realmente esperava que Sebastian houvesse encontrado alguém que realmente amava.

— Bem, se ele é capaz de amar alguém além de si mesmo, esse alguém é Bella. Ela é bonita e muito talentosa. Se não fosse pelo fato de que é a amante do meu marido, eu pensaria seriamente em encomendar alguns trabalhos dela — Emilie disse, conseguindo abrir seu primeiro sorriso no dia, embora ainda tivesse um quê de ressentimento. — Chegou a conhecê-la?

— Sim. Antes que você se casasse com ele, ela veio até aqui algumas vezes — Alex disse, observando-a. — Meu Deus, Emmy, você é impressionante. Como conseguiu lidar com tudo isso?

— É muito simples — ela respondeu, dando de ombros. — Sebastian não é mais a pessoa por quem eu me apaixonei. Os sentimentos que eu tinha por ele na França morreram.

— Então, receba meus cumprimentos, embora eu não acredite totalmente no que você está dizendo. Você é... incrível, sabia? E eu não teria qualquer problema em estrangular Sebastian por abrir mão de você.

— Obrigada — Emilie disse, sem olhar para ele. — Tenho só uma pergunta a fazer antes de partir.

— E qual seria?

— Por que seu irmão quis se casar comigo? O que é que eu tenho que ele não poderia conseguir com Bella, que me disse que também vem de uma família rica? — Emilie perguntou, balançando a cabeça. — Eu não consigo entender.

— Bem, Emmy — Alex disse, suspirando. — A resposta, como sempre acontece em

dilemas como esse, está bem debaixo do seu nariz. E você já sabe qual é.

— Eu sei?

— Sim, mas tenho quase certeza de que você não percebeu.

— Bem, neste momento, eu consigo enxergar meu próprio nariz, mas não há nada debaixo dele além dos meus joelhos.

— Realmente — Alex concordou. — A pergunta é a seguinte: você realmente quer que eu lhe conte?

— É claro que sim! Amanhã vou embora para a França. Meu casamento... acabou.

— Tudo bem — Alex disse, concordando lentamente com a cabeça. — Mas, a partir de agora, vou dizer tudo, sem qualquer reserva.

— Por mim, tudo bem — Emilie assentiu.

— Certo. Venha comigo e eu lhe mostrarei.

Alex acendeu a luz do pequeno escritório onde Sebastian trabalhava enquanto estava em casa. Foi até uma das estantes, tateou sob um dos livros e tirou uma chave. Em seguida, fez sua cadeira de rodas girar e abriu a fechadura de uma das gavetas onde o computador de Sebastian ficava. Ele retirou uma pasta e a entregou a Emilie.

— Essa é a prova número 1. Não abra ainda. Espere até eu pegar todas as evidências — Alex disse, indo até a traseira do computador de Sebastian para ligá-lo. Em seguida, digitou uma senha e o computador lhe deu acesso.

— Como você sabe a senha dele? — Emilie perguntou.

— Se você convive com o fato de que alguém tem a intenção de fazer com que sua vida seja o mais difícil possível, é necessário aprender certas coisas. Especialmente se você tiver tão pouca coisa com que se ocupar, como é o meu caso — ele acrescentou, enquanto continuava a digitar. — Além disso, meu irmão não é tão complexo assim. Não é preciso ser um gênio para adivinhar.

— Por acaso a senha seria “Matisse”? — Emilie tentou.

— Sherlock Holmes ficaria orgulhoso de você, garota — ele disse, sorrindo. — De qualquer forma, Sebastian não se esforça muito para esconder seus rastros. Ele acredita ferozmente em sua habilidade de mentir, caso tenha que se explicar. Bem, agora... — Alex retirou algumas páginas que acabara de imprimir e entregou-as a Emilie. — Essa é a prova número 2. Falta só mais uma — ele disse, apontando para uma pintura a óleo que retratava sua avó, pendurada na parede. — Pode retirar aquele quadro para mim?

Emilie fez o que Alex lhe pediu e encontrou um pequeno cofre instalado na parede.

— Bem, a menos que ele tenha mudado a combinação, o que eu duvido, os números são a data de nascimento da minha avó — Alex disse, estendendo a mão para girar cuidadosamente o disco com as combinações numéricas. — Espero que Sebastian não tenha removido o que eu quero lhe mostrar. — Alex examinou o interior do cofre por alguns minutos e, com um suspiro de alívio, retirou um envelope acolchoado e outro menor e branco.

— Provas número 3 e 4 — ele afirmou, enquanto fechava o cofre e fazia um sinal para que Emilie voltasse a colocar o quadro no lugar onde estava. — Sugiro que voltemos ao meu apartamento, caso meu irmão esteja correndo feito um louco pela estrada para tentar salvar seu casamento. Ou melhor, para tentar salvar a si mesmo.

Alex desligou o computador e a impressora e voltou para seu apartamento com Emilie. Lá, pediu a ela que alinhasse as quatro provas que havia lhe dado sobre a mesa de centro.

— Bem, Emmy — ele disse, olhando para ela com compaixão, estudando-lhe o rosto. — Receio que, provavelmente, isso não será muito agradável.

— Alex, eu não espero que mais nada seja “agradável”. Quero apenas saber as razões por trás de tudo.

— Certo. Bem, dê uma olhada na primeira pasta.

Emilie abriu a pasta e viu seu próprio rosto e o rosto de sua mãe retratados nas páginas. Eram fotocópias de todos os artigos em vários jornais franceses que detalhavam a morte de sua mãe. E que anunciavam que Emilie era a única herdeira.

— A seguir, abra o envelope que retiramos do cofre e pegue o que estiver dentro. Mas

tenha cuidado, pois os papéis são muito antigos.

Emilie enfiou a mão no envelope e removeu um livro. Olhou para o título estupefata.

— É a *História das Frutas Francesas*. Jacques me contou ontem que meu pai deu o livro a Constance quando ela partiu do *château* e voltou à Inglaterra. É o livro que você disse que não conseguia encontrar na biblioteca desta casa.

— Isso mesmo — Alex disse. — Agora, com bastante cuidado, abra a capa e leia o que está na primeira página.

— Édouard de la Martinières, 1943 — ela disse. — E daí?

— Espere um momento — Alex emendou. — Preciso pegar outra coisa para lhe mostrar. — Alex empurrou sua cadeira para fora da sala de estar e voltou depois de alguns instantes, entregando-lhe um envelope. — Dentro desse envelope, há uma carta que minha avó me escreveu. Ela a deixou com seu advogado pouco antes de morrer. Duvido que acreditasse que Sebastian a entregaria para mim. Provavelmente, ela já sabia que isso podia acontecer — ele suspirou.

Emilie começou a ler.

Querido Alex,

Estou lhe escrevendo esta carta na esperança de que você retorne a Blackmoor Hall algum dia, embora eu aceite que isso talvez não aconteça enquanto eu ainda estiver viva. Meu querido neto, eu quero que você saiba que, agora, eu entendo o motivo que o levou a ir embora, e, em primeiro lugar, quero lhe pedir desculpas, do fundo do meu coração, por não enxergar ou não reagir de forma mais firme ao que estava lhe acontecendo. Receio tê-lo decepcionado e creio que não o protegi quando você precisou de mim. Mas era difícil acreditar que o seu irmão, a quem eu também amo muito, poderia ser tão metódico em sua ânsia de destruí-lo.

Eu realmente espero, meu querido, que você possa me perdoar por haver duvidado de você. Por várias vezes eu fui enganada pelo seu irmão, cuja inteligência não está no mesmo nível que a sua, mas cuja esperteza e a capacidade de mentir e enganar são igualmente enormes. E, talvez, como sua avó, e tendo que desempenhar também as funções de mãe para ambos, eu me senti culpada por amá-lo mais do que ao seu irmão desde o primeiro momento em que o vi. Amei você, tão adorável, angelical e carinhoso mais do que o seu pobre irmão, com muito menos encantos.

Há um poema que eu li certa vez, de autoria de Larkin, no qual ele diz que deseja que seu afilhado recém-nascido seja “comum”, abençoado com uma porção suficiente de cada dom, mas nunca mais ou menos do que

isso. Hoje, eu entendo exatamente o que ele quis dizer. Foram todos os seus talentos, Alex, que lhe causaram tanta dor. Mas estou devaneando. Perdoe-me.

Alex, rezo para que você retorne antes que eu morra, pois preciso decidir o que fazer com a minha amada Blackmoor Hall. Como você sabe, a casa pertence à família de seu avô há mais de 150 anos. Como não conheço seu paradeiro, ou quanto dinheiro será necessário para reformar a casa, não sei exatamente o que devo fazer. Assim, meu querido neto, decidi que devo deixá-la para você e para o seu irmão conjuntamente, na esperança de que isso sirva para voltar a uni-los. Sei que esse é apenas o desejo que uma mulher velha e otimista tem antes de morrer e que, talvez, acabe tendo o efeito inverso. Tudo o que posso fazer é orar para que a casa não se torne um fardo para nenhum de vocês. Se isso acontecer, por favor, vocês podem vendê-la, eu não teria qualquer ressentimento.

Também estou lhe deixando um livro, pois sei o quanto você valoriza edições antigas. O exemplar tem um valor mais sentimental do que financeiro para mim. Eu o recebi de um amigo há muito tempo, durante a guerra, quando estive na França. No mesmo envelope há um livro de poemas escritos por Sophia, a irmã do amigo que mencionei e uma mulher de quem eu gostava muito. Se assim desejar, o nome do dono do livro, anotado na primeira página, será o suficiente para ajudá-lo a descobrir mais sobre o que aconteceu com sua avó enquanto ela esteve na França durante a guerra. Eu decidi manter esse segredo durante a minha vida, mas é uma história interessante e talvez faça com que você pense a respeito da mulher que fez tudo que podia para cuidar de você, mas que, ainda assim, cometeu alguns erros fatais. O livro e os poemas estão onde sempre estiveram, na terceira prateleira à esquerda, na biblioteca. Você pode ir até lá pegá-los, se quiser.

Além disso, eu também lhe deixarei metade do dinheiro que ainda tenho, a quantia de 50 mil libras. Espero que, algum dia, querido Alex, você retorne para casa e possa me perdoar. Por mais que Sebastian tivesse seus defeitos, eu tinha que amá-lo também. Você consegue enxergar isso?

Da sua avó que o ama,

Constance

Emilie enxugou os olhos, sentindo que o estresse de um dia longo e traumático finalmente conseguira suplantar suas defesas.

— É uma bela carta.

— É sim — Alex confirmou. — Sabe, Emmy, eu escrevi pelo menos três ou quatro cartas para ela quando estava no exterior, informando o meu endereço na Itália. A única possibilidade de as cartas não terem chegado às mãos dela é Sebastian tê-las interceptado com o carteiro. Ele reconheceu minha caligrafia e as escondeu, o que fez com que minha avó pensasse que eu não queria lhe informar meu paradeiro. Em outras palavras... — Alex suspirou — ... talvez pensasse que eu não me importava com ela.

— Isso não me surpreenderia, especialmente agora. Ele é um grande manipulador — Emilie concordou. — Obrigada por deixar que eu lesse a carta. Mas qual é a relevância disso

em relação às outras coisas que você me mostrou?

— Dê uma olhada na última pasta, por favor.

Emilie o fez e seus olhos se arregalaram enquanto lia o conteúdo. Ela olhou para Alex, buscando uma confirmação.

— Pelo que você está vendo, minha avó estava errada em pelo menos uma de suas suposições. O livro que ela me deixou não tinha apenas “valor sentimental” — ele comentou, enquanto Emilie continuava a ler o documento. — Quando eu finalmente recebi aquela carta e fui procurar o livro na biblioteca, depois do meu acidente, cometi o erro fatal de contar a Sebastian sobre o que estava procurando e onde iria encontrar. Eu não consegui alcançá-lo, como você pode perceber. Estava na terceira estante, no alto — Alex disse, dando de ombros. — Quando Sebastian pegou o livro para mim, eu mostrei a obra a ele. Na época, estava ansioso para melhorar a minha relação com ele. Assim, quando Sebastian pediu que eu lhe emprestasse o livro por alguns dias para que pudesse lê-lo, eu concordei. Depois daquilo, sempre que eu pedia o livro, ele dizia que iria devolvê-lo, mas nunca o fez. E, conhecendo Sebastian como eu conheço, suspeitei que houvesse alguma coisa por trás disso. Pesquisei a respeito do livro na internet, como ele obviamente havia feito. E percebi que, se ele já não o tivesse vendido, o livro estaria trancado no cofre. E lá estava ele — Alex disse, balançando a cabeça com tristeza.

— Mas por que ele não vendeu o livro? — Emilie perguntou. — E, se você sabia que era tão valioso, por que não o pegou de volta?

— Emmy, talvez você não tenha olhado com cuidado os detalhes na página que imprimi. Eu tinha certeza de que Sebastian não o venderia — explicou Alex. — Se há uma coisa que eu conheço a respeito do meu irmão, é sua ganância. Ele não aceitaria simplesmente o que já havia conquistado quando sabia que poderia ganhar um prêmio ainda maior. Leia essa página em voz alta para mim, por favor. Desde o começo.

Emilie estava exausta, mas fez um esforço para conseguir se concentrar nas palavras.

A História das Frutas Francesas

Por Christophe Pierre Beaumont, 1756. 2 volumes. Provavelmente o melhor e mais raro livro sobre frutas. Com ilustrações de quinze espécies diferentes de árvores frutíferas. A obra foi inspirada por uma publicação anterior de Duchamel, chamada Anatomie de la Poire, publicada na década de 1730. Ilustrações de Guillaume Jean Gardinier e François Joseph Fortier. A intenção de Beaumont era promover as virtudes e o valor nutricional de árvores frutíferas. Quinze diferentes gêneros de frutas e vários exemplos de suas diferentes espécies estão descritas na obra: amêndoas, damascos, groselhas, cerejas, marmelos, figos, morangos, mirtilos, maçãs, amoras, peras, pêssegos, ameixas, uvas e framboesas. Cada página, colorida, ilustra as sementes, as folhas, as flores, os frutos e, às vezes, cortes transversais da espécie.

Localização: acredita-se que ambos os volumes pertençam a uma coleção particular em Gassin, França.

Valor: Aproximadamente 5 milhões de libras.

Emilie terminou de ler e olhou para Alex.

— Ainda não consigo entender.

— Bem, então vou lhe dizer com todas as letras — Alex prosseguiu. — Entrei em contato com um amigo, que compra e vende livros raros em Londres, como eu imagino que Sebastian já tenha feito. Ele me disse que, separadamente, cada um dos volumes vale cerca de um milhão de libras. Mas, juntos, valem cinco vezes mais. Entende agora?

Finalmente, ela percebeu.

— Sebastian estava procurando pelo primeiro volume na biblioteca do meu pai — ela disse, sem deixar que a emoção lhe tingisse a voz.

— Sim.

Emilie permaneceu em silêncio por um momento, processando a informação.

— Agora, finalmente, tudo faz sentido. Foi por essa razão que Sebastian esteve na França há algumas semanas. Meu amigo Jean, que cuida da vinícola que existe na propriedade da família, o encontrou na biblioteca, procurando por alguma coisa nas prateleiras. Não é de se estranhar o fato de que ele voltou a Yorkshire com um humor tão ruim naquele fim de semana.

Obviamente, ele não encontrou o primeiro volume.

— Bem, pelo menos isso já é alguma coisa — Alex disse.

— Agora eu entendi tudo — Emilie disse. — Exceto a razão pela qual ele me pediu em casamento.

— Bem, talvez, como Sebastian não conseguiu encontrar o primeiro volume até o momento em que as reformas no *château* tiveram início e os livros da biblioteca foram levados para outro lugar, ele precisava de algo que lhe permitisse ter acesso a todas as áreas — Alex concluiu. Como ele é seu marido, ninguém poderia proibi-lo de entrar na casa e ele poderia continuar com sua investigação. O casamento deu a ele a autonomia que precisava para continuar procurando.

— Sim, você tem razão. E eu confiei cegamente nele.

— Emmy, você vai abrir o último envelope? — Alex perguntou, indicando o documento que restava sobre a mesa. — Tenho a impressão de que ele pode ser muito doloroso para você.

— Sim, é o que quero fazer — ela disse estoicamente, pegando o envelope e rasgando-o. Dentro dele estava a nova chave da porta da frente do *château*. Sebastian pediu que ela lhe desse uma cópia e, sem sequer pensar a respeito, ela concordou. Mas o mesmo envelope continha a chave enferrujada que desaparecera.

— Oh, meu Deus! — ela murmurou, e lágrimas involuntárias lhe escorreram dos olhos. — Foi ele que arrombou a porta do *château* naquele dia! E ainda teve a audácia de voltar logo depois e me consolar! Como ele pôde fazer isso, Alex? Como?

— Como eu disse, ele precisava ter acesso a todas as áreas. Meu Deus, Emmy, eu lamento muito. Para ser completamente honesto, eu sei que ele estava muito encantado por você no começo — Alex emendou, percebendo a dor que Emilie sentia e querendo desesperadamente fazer com que ela se sentisse melhor. — Ele falava coisas maravilhosas sobre você quando retornou da França, após conhecê-la. Talvez suas intenções não fossem tão ruins. Talvez ele achasse que poderia fazer o casamento funcionar. Mesmo assim, seu relacionamento com Bella provavelmente o influenciou e ele não foi capaz de resistir. Sebastian nunca conseguiu

se afastar completamente dela durante os últimos dez anos.

— Não o defenda, Alex, por favor — Emilie vociferou. — Ele não merece qualquer demonstração de afeto ou simpatia. Mesmo com tudo que ele fez por mim, eu tenho certeza de que, se você ama alguém, não pode amar mais ninguém — ela disse enfaticamente, enxugando as lágrimas dos olhos com as costas da mão, recusando-se a derramar mais uma única lágrima por Sebastian.

— Posso lhe garantir que também penso assim — Alex concordou. — Bem, é isso o que eu tinha a lhe dizer. Por Deus, Emilie, eu odeio ser a pessoa que teve que lhe contar tudo isso. É um tormento vê-la tão triste. Por favor, não me odeie também. Eu detesto meu irmão pelo que ele fez a você. De verdade.

— É claro que não vou odiar você. Pedi a você que me contasse.

— Bem, espero que realmente não me odeie. Bem, de qualquer maneira, acho que você deve ficar com o livro — ele ofereceu, indicando o volume que estava pousado inocentemente sobre a mesa. — Leve-o com você para o *château* e coloque-o de volta em seu devido lugar.

— Mas o meu pai deu o livro à sua avó e, antes de morrer, ela deu o livro a você. O livro é seu.

— Você teria razão em circunstâncias normais — Alex concordou. — Mas talvez seja melhor que o livro volte para a França, para que não corra perigo — ele sugeriu. — Apenas por curiosidade, você sabe onde está o outro volume? Obviamente, imagino que não esteja na biblioteca do seu pai.

— Você não viu a biblioteca — disse Emilie. — Ela é imensa, com mais de vinte mil livros. Acho que Sebastian levaria mais do que dois dias para se certificar de que o livro não estava lá.

— Lamento, Emilie, mas ele teve muito mais do que dois dias, não é? A última viagem que ele fez à França foi simplesmente uma tentativa de ter certeza de que o livro não estaria lá antes que o acervo fosse removido. Sebastian passou muito tempo no *château* com você.

— Sim — Emilie concordou. Seus pensamentos voltaram a se concentrar na primeira vez em que conversou com Sebastian. E os vários livros sobre árvores frutíferas que percebeu que

foram remexidos na biblioteca após a suspeita de invasão. Ele estava procurando pelo livro desde o início.

Emilie balançou a cabeça negativamente, chocada com a duplicidade de Sebastian e com sua própria ingenuidade.

— De qualquer forma, a boa notícia é que, até onde sabemos, ele não conseguiu encontrá-lo. Vou procurar pelo livro quando o acervo voltar ao *château* após as reformas. Agora, pelo menos, eu finalmente conheço a verdade. É hora de prosseguir.

— Emilie, você realmente é uma mulher maravilhosa — Alex disse, com genuína admiração.

— Não — Emilie disse, com um suspiro que se transformou num bocejo. — Não sou nada disso. Apenas uma pessoa muito pragmática que se deixou enganar por um falso amor. Decidi confiar em alguém pela primeira vez na minha vida e as coisas deram errado. Além disso, há coisas a meu respeito que Sebastian não sabe.

Alex a observou em silêncio, enquanto Emilie decidia se deveria continuar a falar.

— Por exemplo, antes de nos casarmos, eu não disse a ele que não poderíamos ter filhos. Ou, pelo menos, que eu não poderia.

— Certo — Alex perguntou calmamente. — Sebastian chegou a perguntar se você poderia?

— Não. Mas isso não significa que eu não deveria ter contado a ele, pelo menos moralmente. Sabia que devia contar, mas, quando me lembro da ocasião em que isso aconteceu... — Emilie se esforçou para explicar. — Não consegui.

— Entendo. Bem, importa-se se eu perguntar como você soube disso? A menos que seja algo muito íntimo ou doloroso. Nesse caso, não se incomode.

Emilie serviu-se de outra dose de conhaque para criar coragem, sabendo que precisava tirar aquele peso dos seus ombros a todo custo.

— Quando eu tinha treze anos, fiquei muito doente — ela começou, sentindo que seu coração se acelerava ao falar do passado. — Meu pai estava no *château* e eu, em casa com a

minha mãe, em Paris. Ela estava muito ocupada com os outros membros da alta sociedade em Paris e uma das nossas arrumadeiras foi lhe dizer que eu parecia estar muito mal e que ela deveria chamar o médico. Ela deu uma rápida olhada em mim, que estava deitada na cama, tocou minha testa com a mão e disse que tinha certeza de que eu me sentiria melhor na manhã seguinte. Logo depois, saiu para jantar. — Emilie tomou mais um gole do conhaque e continuou o relato. — Bem, eu piorei dia após dia. Finalmente, minha mãe chamou um médico, um de seus velhos amigos, e ele disse que eu estava com intoxicação alimentar. Deu alguns comprimidos para que eu tomasse e foi embora. No dia seguinte, eu estava inconsciente. Minha mãe não estava em casa, então a arrumadeira teve que chamar uma ambulância para me levar ao hospital. Fui diagnosticada com uma inflamação pélvica. Para ser honesta, é muito raro que isso aconteça com alguém tão jovem, o que explica por que o médico não identificou esse problema logo no início. Infelizmente, é fácil curar essa doença quando ela está no estágio inicial, mas causa danos permanentes à região após certo tempo. Subsequentemente, fui informada de que nunca mais poderia ter filhos — Emilie suspirou.

— Oh, Emmy, deve ter sido horrível para você — Alex disse, olhando-a com simpatia nos olhos.

Ela o encarou fixamente, chocada com sua própria sinceridade repentina. — Alex, você é a primeira pessoa a quem contei isso. Nunca falei sobre isso. Eu...

Os ombros de Emilie começaram a tremer. Ela levou as mãos à cabeça e começou a chorar.

— Emmy, Emilie... Oh, querida! Eu lamento muito.

Ela sentiu um braço envolvê-la em torno do sofá, e aconchegou-se no calor do peito de Alex, continuando a chorar. Ele não disse nada, apenas acariciou-lhe os cabelos gentilmente enquanto os soluços perdiam a força e seu nariz escorria.

— Havia algo de errado comigo. Como minha mãe foi capaz de ignorar isso? O que aconteceu para que ela não percebesse?

— Emy, não sei. Realmente não faço ideia. Lamento.

Ela sentiu que um lenço foi colocado em suas mãos.

— Desculpe — ela disse, enxugando as lágrimas. — Eu não sou assim.

— É claro que você é assim — ele disse, suavemente. — A dor faz parte da sua vida e não há problema em falar sobre isso. Colocar essa dor para fora ajuda a fazer com que ela diminua.

— Quando eu era mais nova e me disseram que eu não poderia ter filhos, tentei pensar que aquilo não tinha importância. Mas isso tem importância sim, Alex! A cada ano que passa isso tem mais importância, e eu percebo que não posso cumprir com a única obrigação que acredito ser a razão para estarmos neste mundo!

— Tem certeza absoluta disso?

— Se você está perguntando se os milagres que ocorrem com as mulheres inférteis hoje em dia são possíveis para mim, a resposta é não — ela disse, firmemente. — Não posso produzir óvulos e também não tenho um útero que seja saudável para abrigar o óvulo de outra mulher.

— Você poderia adotar uma criança — Alex sugeriu.

— Sim, eu poderia — Emilie disse, assoando o nariz. — Você tem razão.

— Falei isso apenas porque é algo que me passou pela cabeça. Eu também sou estéril. Não pretendo entrar em detalhes — Alex acrescentou, com um sorriso torto. — Mesmo assim, embora o equipamento funcione como deveria, uma das consequências do acidente foi a incapacidade de ter filhos. Eu adoraria ter alguns, também — ele disse, com uma risada irônica. — Acho que formamos uma bela dupla, não é?

— Sim — Emilie respondeu, descansando em silêncio nos braços de Alex, sentindo-se tão confortável que não queria se mover. Mesmo assim, ela voltou a se sentar e olhou para ele. — Antes que eu vá embora, o que não vai demorar, eu quero me desculpar por ter duvidado da sua palavra. Você é a melhor pessoa que eu já conheci e a mais corajosa também.

— Por favor, Emmy, minha querida, eu acho que quem está falando agora é o conhaque — Alex respondeu. — Não sou nada disso.

— Você é, sim — ela disse, olhando nos olhos dele. — A única coisa que vai me causar algum arrependimento aqui na Inglaterra é ter que deixar você para trás.

— Ah, pare com isso! Você vai me deixar vermelho — Alex disse, sorrindo para ela e acariciando-lhe o rosto. — Bem, já que estamos trocando tantos elogios, e como provavelmente não voltaremos a nos ver, eu queria lhe dizer que, se a vida tivesse sido diferente... bem... — Alex deu um longo suspiro. — Vou sentir saudades, Emmy. Realmente sentirei. Agora, é melhor você ir. Já são quase três horas da manhã. Não se esqueça do livro e, se encontrar o primeiro volume, por favor, me avise. Vou deixar meu endereço de e-mail com você. Gostaria de manter contato.

— O que você vai dizer a Sebastian? — Emilie perguntou, preocupada com o bem-estar de Alex.

— Se ele mencionar que o livro, o *meu* livro, desapareceu, será a mesma história que ele me contou durante os últimos dois anos — Alex disse, dando de ombros e abrindo um sorriso. — O que ele poderia dizer? Sua própria mentira se transformou em verdade. O livro *realmente* desapareceu.

— E se ele pensar que foi você que o pegou? E decidir dificultar ainda mais a vida para você?

— Oh, Emmy, por favor, não se preocupe comigo! Você já tem muitas coisas com que se preocupar no momento. Eu lhe garanto que posso cuidar de mim mesmo — Alex disse com um sorriso. — Agora é hora de você ir embora.

Ela se levantou e pegou o livro, a pasta e as páginas impressas que estavam sobre a mesa.

— Nunca vou conseguir agradecê-lo por tudo isso, Alex. Por favor, cuide-se — ela recomendou, curvando-se para beijá-lo nas faces. Num impulso, ela o abraçou com força. — *Bonsoir, mon ami.*

— *Adieu, mon amour* — Alex sussurrou enquanto a observava ir embora.

CAPÍTULO 33



Quando entrou em seu quarto, Emilie nem tentou dormir. Sabia que ficaria rolando na cama, esperando que Sebastian chegasse a qualquer minuto. Chamou um táxi quando o dia raiou, selecionou as coisas que caberiam em sua mala e sentou-se na beirada da cama, debatendo consigo mesma se deveria deixar um bilhete ao marido. Em vez disso, decidiu escrever um bilhete para Alex. Incluiu na nota seu endereço de e-mail e o colocou debaixo da porta.

Enquanto o táxi levava Emilie para longe daquela casa pela última vez, seu único arrependimento e preocupação estavam focados em Alex. Provavelmente, Sebastian descontaria toda a raiva e frustração em seu irmão outra vez. Mas o que ela poderia fazer?

Posteriormente, naquela mesma manhã, conforme o avião decolava suavemente e a levava para longe do terrível erro que havia cometido, Emilie fechou os olhos e afastou qualquer pensamento ruim de sua mente. Quando chegou a Nice, foi até um hotel perto do aeroporto, desabou na cama e dormiu.

Acordou mais tarde, quando a noite já estava se aproximando, sentindo-se horrível: fraca, trêmula e com uma dor de cabeça latejante, resultado do excesso de conhaque da noite anterior. Pediu um hambúrguer pelo serviço de quarto, dando-se conta de que não comera nada desde o *croissant* na manhã de ontem. Forçando-se a engolir a comida, Emilie voltou a se deitar na cama, ponderando o fato de que, atualmente, não tinha uma casa para onde voltar. Seu apartamento em Paris estava alugado a um inquilino e só seria desocupado no final de junho. O *château*, em reforma, estava inabitável.

Emilie decidiu que ficaria onde estava aquela noite e iria a Gassin na manhã seguinte. Tinha certeza de que Jean não se incomodaria em recebê-la em sua casa por mais alguns dias até que ela decidisse para onde iria. Talvez pudesse alugar uma casa de campo nas proximidades. Assim, pelo menos, estaria por perto para acompanhar as reformas.

Ao pensar naquilo, parou e se conteve. Ainda era cedo demais para pensar em fazer planos

para o futuro.

Imaginou consigo mesma se Sebastian já teria voltado a Yorkshire. Sabia que deveria se resignar e entrar em contato com Gerard assim que fosse possível e pedir a ele que indicasse um bom advogado especializado em divórcios. Pelo menos não estava casada há tempo suficiente para haver alterado qualquer documentação e não tinham nenhum bem ou patrimônio que estivesse em nome de ambos. Emilie pensou no cheque no valor de 20 mil libras que entregou a Sebastian e no belo diamante que ele comprou para Bella logo depois. E também no Porsche que ela nunca chegou a ver. Sentiu vontade de vomitar.

Desejou poder ter a mesma atitude tranquila e tolerante que Alex tinha em relação ao seu irmão, mas, como ele mesmo lhe disse, é bom extravasar a raiva. Ajuda a curar as feridas. E enquanto sentia raiva, a dor não existia, embora soubesse que ela poderia voltar mais tarde. Ficou surpresa ao perceber que não o amava mais, no momento, já que a paixão que nutriu por Sebastian no início do relacionamento foi esmagadora. Entretanto, talvez o que ela houvesse sentido por ele não fora “amor”, não da maneira que Constance descrevera para Sophia em Paris. Não do tipo de amor que resiste ao tempo: um sentimento mais tranquilo, embora duradouro, e que ajuda o casal a superar as dificuldades da vida juntos.

Sebastian chegou em sua vida junto com o mistral e a arrebatou. Mas será que chegou a ser quem realmente era quando estava ao lado dele? Ela percebeu que, no último ano, passou a maior parte do tempo como se estivesse pisando em ovos, tentando fazer tudo o que podia para agradá-lo e deixando que a gratidão que sentia pela presença de Sebastian em sua vida superasse toda a noção sobre o que é certo ou errado. Houve muitos momentos em que deveria ter confrontado o marido ou ter sido mais forte, mas Sebastian sempre teve todas as cartas na mão, desde o início. Sempre fizeram tudo que *ele* queria, e Emilie sempre concordou com tudo. Sempre esteve disposta a baixar a cabeça, racionalizar e aceitar o que ele lhe dizia.

“Não”, pensou Emilie. Isso não era amor.

Ligando a televisão para afastar o silêncio que tomava conta do quarto, Emilie perguntou a si mesma se fora o conhaque que a havia feito contar a Alex sobre seu problema.

Toda a situação de abandono e desinteresse de sua mãe, tudo aquilo parecia bastante surreal agora. Todos aqueles anos guardando aquela mágoa dentro de si. Havia permitido que

aquela amargura crescesse em seu interior e, como uma planta trepadeira, estrangulasse o que tinha de bom dentro de si, de seu coração, e perdesse a capacidade de confiar nas pessoas. Ainda assim, durante as últimas semanas, Alex lhe mostrou que não havia sentido em odiar ou pensar somente no passado. A única pessoa que realmente sofreria com isso era ela mesma.

Querido Alex, tão gentil e inteligente... Emilie se lembrou da sensação de estar em seus braços enquanto chorava. Sentia-se bem-vinda e confortável naquele abraço. E por que ela conseguiu dizer a ele coisas que nunca disse ao próprio marido?

Mesmo assim, Emilie repreendeu a si mesma antes de ousar prosseguir com aqueles pensamentos. O episódio na Inglaterra estava encerrado. Ela deveria tentar perdoar, esquecer e continuar vivendo sua vida.



— Emilie! Há quanto tempo não a vejo! — Jean brincou, sorrindo com uma expressão de simpatia quando ela entrou na cave.

— Não consigo ficar longe daqui — ela respondeu com ironia, antes de perceber que outro par de olhos brilhantes estava olhando para ela, atrás da bancada onde Jacques costumava se sentar. — Olá, Anton — ela disse, sorrindo para o garoto. — Veio ajudar um pouco aqui? Ganhar alguns trocados para comprar mais livros?

— Anton vai ficar conosco por alguns dias enquanto sua mãe está no hospital — Jean respondeu.

— Margaux? Eu não sabia que ela estava doente. O que houve? — Emilie perguntou, franzindo o cenho.

— Sim, mas temos certeza de que ela ficará bem — Jean disse, com uma expressão em seu rosto que recomendava cautela ao falar sobre o assunto. — Mesmo assim, estou ensinando tudo o que sei sobre vinho a Anton. Meu pai está sentado no jardim. Por que não vai até lá para falar com ele? Irei vê-los logo, logo.

Jacques parecia bem mais saudável e relaxado do que há dois dias. Ele sorriu e estendeu sua mão enrugada para cumprimentá-la.

— Eu sabia que você não demoraria a voltar. Não vou perguntar o motivo, Emilie, mas estou sempre disposto a ouvir.

— Obrigada, Jacques — ela disse, sentando-se numa cadeira ao lado dele. — Jacques, o que aconteceu com Margaux?

Jacques demonstrou um certo nervosismo.

— O garoto ainda está na cave com Jean?

— Sim.

— Bem, Emilie, a verdade é que Margaux está muito doente. Na semana passada ela reclamou de dores no abdômen e nas costas, embora eu tenha certeza de que ela estava mal há muito mais tempo. Ela foi ao médico no dia em que você partiu, e o médico a mandou direto para o hospital. O garoto não sabe ainda, mas os médicos descobriram que ela tem um câncer no ovário, em estágio bastante avançado. Eles vão operá-la hoje, mas... — Jacques suspirou. — O prognóstico não é muito bom.

— Não, Jacques! — Emilie gritou, em desespero. — Isso não pode estar acontecendo com Margaux! Ela foi uma mãe para mim quando eu vim até aqui depois que meu pai morreu!

— Sim, ela é uma mulher muito boa e não devemos perder a esperança ainda.

— Vou visitá-la no hospital dentro de alguns dias — Emilie prometeu.

— Tenho certeza de que Margaux gostaria muito de vê-la. Bem, e o que me diz sobre você, Emilie? — Jacques perguntou, encarando-a. — Quais são seus planos?

— Neste exato momento, não faço a menor ideia — Emilie disse, balançando a cabeça com tristeza.

Nos dias que se seguiram, Emilie dormiu, comeu, foi até o *château* para ver como as obras estavam progredindo e levou Anton até Nice para visitar sua mãe. A operação não foi bem-sucedida e Margaux continuava muito doente. Quando Emilie deixou Anton ao lado da cama da mãe, no hospital, deixou também seu coração com eles, ambos tentando suportar a dor com todas as forças que tinham.

Depois que Anton foi dormir — ele estava dormindo temporariamente num colchão no pequeno escritório que havia no piso térreo da casa de Jean —, os três conversaram sobre o que aconteceria com Anton se sua mãe não se recuperasse.

— O pai de Anton faleceu. Existe algum outro parente? — Jean perguntou.

— Acho que ela tem uma tia em Grasse — Jacques disse. — Talvez fosse melhor entrar em contato com ela.

— Sim — disse Jean, com a voz grave. — Mas eu sou o padrinho do garoto. Talvez possamos pensar em lhe oferecer um quarto aqui em casa?

— Poderíamos fazer isso, por algum tempo, mas o garoto precisa de uma mulher — Jacques disse. — Esta casa está cheia de homens.

— Bem, Anton já tem quase treze anos e eu tenho certeza de que ele já pode pensar por si mesmo — Jean respondeu.

— Por falar em residências, fiquei sabendo que há uma casa de campo nas redondezas que está disponível — Emilie disse. — Fica no vinhedo da família Bournasse. Vou visitar a casa amanhã. Pelo que a sra. Bournasse me falou ao telefone, parece ser um lugar perfeito.

— Você sabe que não há pressa para sair daqui — Jean enfatizou.

— Sim, você é muito gentil. Mas preciso começar a tocar minha vida, não é mesmo?

Depois que Jacques se recolheu ao seu quarto, Jean e Emilie tiraram a mesa e foram lavar a louça.

— Seu pai chegou a mencionar se está preparado para revelar a identidade do bebê de Sophia?

— Não, e eu não o pressionei — Jean respondeu, com firmeza. — Ele está muito bem no momento, não quero incomodá-lo.

— Ele está ótimo — Emilie concordou. — É irônico, sabia? Houve um momento em que achei que iríamos ter que dizer adeus ao seu pai, mas, agora, parece que será de Margaux que vamos nos despedir. Ela estava muito mal quando fui visitá-la no hospital, Jean. E Anton tem muita coragem.

— Ele é um garoto muito especial — Jean concordou. — Infelizmente, como perdeu o pai quando ainda era muito novo, ele se apegou demais à mãe. Amanhã à tarde, meu pai pediu que eu o levasse a Nice para conversar a sós com Margaux. Então, se for conveniente, Anton poderia ficar com você?

— É claro. Ele pode vir comigo para ver a casa de campo. Não achei que seria Jacques a pessoa que visitaria uma paciente às portas da morte no hospital de Nice.

— Meu pai é forte como um touro, Emilie — Jean comentou. — Ele provavelmente vai enterrar todos nós.



Emilie e Anton levaram poucos segundos para decidir que a casa de campo seria o lugar perfeito para que ela residisse temporariamente até que o *château* estivesse pronto para ser ocupado. Ficava a cerca de dez minutos a pé e estava localizado em meio a belíssimas videiras. Era decorado no estilo provençal, com um aquecedor à lenha que afastaria o frio do inverno, que chegaria dentro de alguns meses.

— Tem dois quartos extras também! — Anton exclamou quando saiu de um deles. — Talvez, Emilie, eu possa vir e ficar com você às vezes se a minha mãe... tiver que ficar hospitalizada por muito tempo.

— É claro que pode — ela sorriu. — Sempre que quiser. E então, concordamos nesse ponto? Você acha que eu devo alugar a casa?

— Sim! Tem até conexão com a internet — ele respondeu, ansiosamente.

Depois de combinar o preço do aluguel com *madame* Bournasse, Emilie levou Anton para um almoço comemorativo no Le Pescadou, em Gassin. Anton sentou-se com a cabeça apoiada nas mãos, admirando a paisagem magnífica que via do alto daquela colina.

— Espero que eu não tenha que sair desta vila — ele disse, entristecido. — Vivi aqui minha vida inteira.

— E por que você acha que vai ter que partir? — Emilie perguntou enquanto o garçom chegava com pizzas recém-assadas para ambos.

Anton a encarou com seus enormes olhos azuis.

— Porque minha mãe está morrendo. E, quando ela morrer, eu provavelmente terei que ir morar com a minha tia em Grasse.

— Oh, Anton — Emilie disse, estendendo a mão para apertar carinhosamente o braço do garoto. — Não perca a esperança. Ela ainda pode melhorar.

— Não, isso não vai acontecer. Não sou bobo, Emilie. É muito gentil que todos vocês estejam fingindo, mas eu já sei a verdade, aqui dentro — Anton disse, batendo no peito sobre o próprio coração. — Eu não gosto muito da minha tia nem dos meus primos. Eles só se interessam por futebol e zombam de mim porque eu gosto de ler e de estudar.

— Por favor, tente não pensar nessas coisas ainda. E, se o pior vier a acontecer... — Emilie admitiu aquela possibilidade na frente de Anton pela primeira vez — ... bem, eu tenho certeza de que haverá outras soluções.

— É o que eu espero — ele respondeu em voz baixa.

Alguns dias depois, Emilie deixou a casa de Jean e Jacques, e mudou-se para seu novo lar. Anton a ajudou com a mudança. O garoto havia se tornado a sombra de Emilie, especialmente depois que Margaux, visivelmente deteriorada e querendo poupar seu filho de vê-la tão doente, disse que ele não precisaria ir visitá-la no hospital todos os dias. Recebera tanta morfina para aliviar a dor que mal conseguia manter a consciência. Todos sabiam que era apenas uma questão de tempo.

— Importa-se se eu vier até aqui às vezes para ver como você está? — ele perguntou enquanto Emilie ligava seu laptop para verificar se a conexão com a internet estava funcionando.

— É claro que não, Anton. Você pode vir me visitar sempre que quiser — ela disse, sorrindo. — Bem, que tal prepararmos um pouco de chá?

Naquela noite, quando Anton voltou à casa de Jean, Emilie se sentou em frente ao

computador para ler seus e-mails. Receava que Sebastian tentasse entrar em contato, mas não havia nada. Em vez disso, viu que o nome de Alex estava piscando à sua frente.

Para: edlmartinieres@orange.fr

De: aecarruthers@blackhall.co.uk

Querida Emmy,

Espero que esta mensagem a encontre bem. E que a França esteja sendo um bálsamo para sua pobre e maltratada alma. Espero que não se importe por eu lhe escrever, mas achei que poderia lhe contar sobre o que aconteceu por aqui depois que você partiu.

Sebastian chegou à casa algumas horas depois que você foi embora, exausto e arfando, reclamando que algum engano horrível havia acontecido. Fiquei tentado a mencionar não somente a confissão verbal da amante dele, e que ver as roupas dele jogadas no chão do quarto onde ele dormia com Bella talvez pudesse ter levantado suspeitas, mas acho que você ficará feliz em saber que eu consegui me conter. Foi por pouco.

Ele me perguntou onde você estava e, é claro, eu fingi não saber, mas disse que imaginava que você tivesse saído bem cedo pela manhã. Ele resmungou algo sobre ter certeza de que você voltaria assim que se acalmasse, e depois saiu para ir até a outra parte da casa. Durante algumas horas, tudo ficou em silêncio, até que, de repente, eu ouvi um grito e o som de pés marchando pelo corredor, vindo na direção do meu apartamento.

Vestindo mentalmente meu colete à prova de balas, imaginei o que estava prestes a acontecer. Meu irmão entrou de supetão na minha sala e exigiu saber quem havia mexido em seu cofre e roubado seu livro.

— De qual livro você está falando, caro irmão? — perguntei.

— Aquele que eu pedi emprestado a você há alguns anos — ele respondeu.

— Oh, está falando do *meu* livro? Eu pensei que você houvesse dito que ele havia se perdido. Para ser honesto, Sebastian, já havia me esquecido dele — eu disse e o encarei com seriedade. — Quer dizer que você sabia onde o livro estava durante todo esse tempo?

Oh, Emílie, a expressão no rosto dele foi inacreditável! Pego numa de suas próprias mentiras!

Em seguida, ele começou a revirar e revistar o meu apartamento (literalmente), me acusando de roubar o livro. E, considerando que o livro sempre fora meu, isso me pareceu um atrevimento descarado. Assim, depois de procurar em cada canto e brecha (a pobre Jo teve que organizar toda aquela bagunça depois e ficou bastante irritada), ele tentou outra tática.

— Escute, Alex — ele disse daquela maneira irritante como ele age quando está tramando alguma coisa. — Eu ia lhe contar assim que tivesse certeza absoluta, mas descobri recentemente que seu livro é extremamente valioso.

— É mesmo? — respondi. — Meu Deus, que ótima surpresa!

— Sim. Na verdade, é muito valioso mesmo.

— Bem, veja que sorte eu tenho! Quanto vale o livro?

— Cerca de meio milhão de libras — disse ele (Há!). Então, se o livro estivesse comigo, eu deveria mantê-lo a salvo, pois (e nesse ponto ele se aproximou de mim como se quisesse me contar um segredo) descobriu uma maneira de transformar aquele meio milhão num milhão!

— Meu Deus! — disse novamente. — Como isso é possível?

Ele começou a explicar que há outro volume do livro e que ele está tentando descobrir sua localização. Está muito próximo de conseguir encontrá-lo e, se conseguir, os dois volumes juntos valerão muito dinheiro. Assim, se ele conseguir encontrar o outro volume, talvez seja possível que nós dois, como irmãos honestos, leais, carinhosos e que compartilham tudo em suas vidas, juntemos os dois volumes juntos para dividir os lucros, não é?

Eu me esforcei para assentir com seriedade, várias vezes, e escutá-lo atentamente. Até que eu disse:

— Tudo isso parece ser maravilhoso, Sebastian. Há apenas um pequeno problema: o livro não está comigo. Não roubei o que já era meu por direito e não faço a menor ideia de onde esteja. Assim, eu pergunto (coagindo-o um pouco), *quem* poderia ter levado o livro?

Nós dois nos sentamos e pensamos profundamente durante alguns minutos. Eu o observei e, quando ele finalmente juntou as peças, olhei em seus olhos como se houvesse chegado à mesma conclusão infeliz.

— Emilie.

— Deve ter sido ela — concordei.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro na sala, perguntando-se como diabos você tinha descoberto. E que, na verdade, se você realmente “roubara” nosso livro, então ele (nesse ponto, Sebastian se corrigiu imediatamente), ou melhor, *eu* devia ligar para a polícia.

Neste momento, eu disse a ele que seria muito difícil provar aquela teoria, se realmente fosse *você* que houvesse levado o livro. Afinal, o livro tinha a assinatura do seu pai na contracapa.

Isso o deixou muito irritado e, repentinamente, vi uma expressão de alívio se formando em seu rosto.

— Mas é claro que podemos provar, Alex. Você recebeu uma carta da nossa avó dizendo que ela deixaria o livro para você como parte da sua herança.

O mais interessante dessa situação, querida Emmy, é que, até onde me lembro, nunca mostrei ao meu irmão a carta que o advogado da minha avó me entregou depois que voltei a morar nesta casa.

— Que carta? Não me lembro de receber carta nenhuma.

— Você me falou certa vez de uma carta, na qual nossa avó dizia que deixou o livro para você.

— Ah, sim — disse, coçando a cabeça, lembrando-me vagamente de algo do tipo. — Acho que me lembro de ter queimado aquela carta.

Nesse momento, a angústia no rosto do meu irmão quase chegou ao ponto de ser cômica. Ele me olhou de maneira muito dura (na verdade, quase como se quisesse me matar) e saiu do meu apartamento batendo a porta.

Foi aí que eu percebi que um Sebastian irritado é um Sebastian perigoso. Ou mais perigoso do que costuma ser. Tomei algumas atitudes, minha querida Emmy, que podem parecer um pouco exageradas, considerando que este e-mail fala sobre um livro perdido, e liguei para um chaveiro. Naquela tarde, o homem veio até aqui e reforçou as minhas portas e janelas. Agora estou encarcerado e cercado por um aparato de segurança similar a algo que só seria encontrado ao redor da *Mona Lisa*, talvez. Tenho um interfone tanto na porta externa quanto na interna, além de uma boa variedade de trancas e cadeados nas portas. Sei que isso pode parecer dramático, mas, pelo menos, quero poder dormir em paz à noite.

Foi interessante perceber que Sebastian saiu de casa naquela tarde. Por um lado, isso foi bom, porque permitiu que a instalação dos meus sistemas de segurança progredisse sem qualquer interrupção. Entretanto, a má notícia é que (a) eles não foram testados ainda e (b) estou preocupado com a possibilidade de que ele cruze o Canal da Mancha para ir encontrá-la na França.

Caríssima Emmy, não faço ideia quais são suas circunstâncias nem onde está morando, e provavelmente estou

exagerando nas minhas conjecturas devido à minha preocupação com sua segurança, mas preciso perguntar: ele sabe onde o acervo da sua biblioteca está armazenado? Eu realmente creio que ele possa tentar revistar a coleção mais uma vez. E, como acredito que ele cuidou dos detalhes da transferência e é seu marido, ele teria acesso total ao lugar onde os livros estão armazenados se assim desejasse. Além disso, se ele aparecer na França para visitá-la, por favor, não o receba se estiver sozinha.

Talvez esteja sendo alarmista. Nós dois sabemos que Sebastian não é uma pessoa violenta, exceto nos dias em que ele agiu assim comigo, mas eu queria pedir-lhe que ficasse em alerta. Estamos falando de uma quantidade enorme de dinheiro, afinal de contas.

E agora, todos esses aborrecimentos que meu irmão me causou, e especialmente pelo fato de estar aprisionado em minha própria casa no momento, me fizeram pensar na melhor maneira de prosseguir com minha vida. Talvez isso tenha acontecido quando eu a ouvi reler a carta da minha avó em voz alta, mas cheguei a algumas conclusões importantes. Em breve, ficarei muito feliz em compartilhá-las com você, mas não agora. Você já tem muitas preocupações por ora. Por falar nisso, eu gostaria de declarar oficialmente, e por escrito, que estou devolvendo o livro a você definitivamente. Por favor, se conseguir encontrar o primeiro volume, faça o que desejar com ambos os livros. Posso garantir que não preciso do dinheiro. Por sorte, os novos “filhos” que adotei estão se comportando excepcionalmente bem no momento.

Espero que você responda a este e-mail. Primeiramente porque eu quero saber se o recebeu e se está de sobreaviso em relação ao Sebastian, mas, especialmente, porque adoraria ouvir notícias suas.

A casa está muito silenciosa sem você.

Com minhas sinceras lembranças e amor,

Alex.

Horrorizada após ler o e-mail, Emilie pegou seu telefone celular e imediatamente fez duas ligações. A primeira foi para a empresa responsável pelo conteúdo do *château*, avisando-os de que estava se divorciando e que, sob nenhuma circunstância, Sebastian deveria ter acesso a qualquer objeto da casa, especialmente ao acervo da biblioteca. E, em seguida, ligou para Jean, pedindo a ele que, se Sebastian aparecesse, deveria dizer-lhe que não a via há algum tempo.

— Eu acho que não seria necessário me ligar para pedir isso, Emilie — Jean disse, sabiamente.

Em seguida, Emilie começou a escrever um e-mail para Alex. Ela lhe agradeceu imensamente pelo aviso, desculpou-se por demorar a responder e disse que, até o momento, não havia qualquer sinal de Sebastian. Disse também que esperava ouvir tudo sobre seus planos para o futuro e terminou o e-mail com um beijo.

Já estava escuro. Emilie serviu-se de um copo de vinho e começou a andar pela casa de campo, inquieta. Alex deveria estar preocupado com ela e, por sua vez, Emilie também se

preocupava com ele.

Talvez estivesse mais do que preocupada...

Emilie se recolheu logo depois do jantar. O novo colchão, muito mais macio que os velhos colchões de crina de cavalo onde costumava dormir, não a ajudaram a relaxar.

E se Sebastian houvesse retornado a Blackmoor Hall e conseguido entrar à força no apartamento de Alex?

Não. Ela se forçou a não pensar naquilo. Alex era apenas o irmão de seu ex-marido, e ela não era responsável por ele.

Mesmo assim... Emilie se levantou e começou a andar de um lado para outro em seu quarto. Sentia saudades de Alex. E estava tão preocupada com ele quanto ele parecia estar preocupado com ela.

Emilie parou de andar de repente, lembrando-se das palavras de Jean: “Talvez você tenha se casado com o irmão errado...”.

Estava cansada e percebeu que estava deixando que suas emoções a dominassem, imaginando sentimentos que não existiam.

Emilie se deitou na cama e forçou-se a fechar os olhos.

CAPÍTULO 34



Jean telefonou dois dias depois.

— Tenho más notícias. Margaux faleceu no início da manhã. Não sei o que dizer a Anton. Ele tem sido muito corajoso nos últimos dias, mas...

— Vou para aí imediatamente.

— Anton saiu para caminhar por entre as parreiras — Jean disse, quando Emilie chegou.

— Você já contou a ele?

— Sim, e ele recebeu a notícia com tranquilidade. Liguei para a tia em Grasse, que disse que irá recebê-lo, mas Anton parece não estar muito animado com a ideia.

— Eu imagino o motivo. Precisamos fazer tudo que pudermos para ajudá-lo.

— Ele é muito apegado a você, Emilie — Jean disse, com a voz baixa.

— Também sou apegada a ele. Ele poderia ficar comigo por algum tempo, mas...

— Eu entendo — Jean assentiu.

Sentindo-se desconfortável, Emilie se levantou.

— Vou procurá-lo.

Ao sair da casa e ir em direção aos vinhedos, Emilie perguntou a si mesma o que quis dizer com o “mas” enquanto falava com Jean há poucos minutos. Era uma mulher rica e solteira, com uma casa enorme e, atualmente, com tempo suficiente para dedicar a um garoto órfão. Era um garoto ao qual havia se apegado bastante durante as últimas semanas. Não era provável que voltasse a se casar e, certamente, nunca poderia ter filhos.

Emilie se deu conta do significado daquele “mas”: estava apavorada com a

responsabilidade de ter um dependente, alguém que precisasse dela, alguém que ela tivesse que colocar sempre em primeiro lugar. Algo diametralmente oposto à maneira que sua mãe agira com ela.

Ela seria o mesmo tipo de mãe que sua mãe?

Estava aterrorizada com essa possibilidade.

“Aquele garoto precisa de mim, ele precisa de *mim...*”

Teria condições de fazer isso?

É claro que sim, disse a si mesma, consolando-se. Ela era muito parecida com seu pai, todos diziam isso. E Édouard sempre lhe falou que a alegria de perceber que os outros precisam de você é muito maior do que precisar dos outros.

Repentinamente, Emilie se deu conta de que, se Anton quisesse ficar com ela, *ela* se sentiria honrada com isso, e não ele.

Caminhou por entre as parreiras, procurando pelo garoto. Encontrou-o após alguns minutos e o pegou olhando desconsoladamente para o *château*, ao longe, com o corpo franzino marcado pela tristeza. Sentindo uma onda de amor materno tomar conta de si, Emilie tomou sua decisão. Ela foi na direção de Anton, com os braços abertos.

Ele ouviu os passos de Emilie e se virou, tentando enxugar as lágrimas.

— Anton, eu lamento tanto, tanto... — disse, envolvendo-o num abraço e, após alguns instantes, ele tomou coragem e abraçou Emilie. Os dois ficaram juntos, envolvidos naquele abraço enquanto lágrimas escorriam pelo rosto de ambos.

Quando os soluços de Anton perderam a força, ela enxugou o rosto dele com a manga do seu blusão.

— Não tenho muita coisa a lhe dizer, Anton. Eu sei o quanto você a amava.

— Jacques me disse hoje de manhã que a morte faz parte da vida. E eu sei que preciso encontrar um jeito de tentar aceitar isso, mas não sei se vou conseguir.

— Jacques é muito sábio — Emilie concordou. — Anton, talvez não seja a melhor hora para falar sobre isso, mas, se quiser, pelo menos durante algum tempo, você pode vir morar

comigo na minha casa de campo e me fazer companhia. Aquele lugar é muito solitário. Seria bom ter um homem por perto.

Ele arregalou os olhos e a encarou com uma expressão de espanto.

— Tem certeza?

— Absoluta. Vai pensar no caso?

— Emilie, não preciso pensar! Prometo que não vou atrapalhar sua vida e posso ajudá-la também... a fazer coisas — Anton ofereceu, pateticamente.

— É claro que pode. Nós dois somos órfãos, não é?

— Sim, mas... pode ser que eu acabe gostando demais e que nunca queira ir embora.

— Bem, pense pelo lado positivo — Emilie disse, com um sorriso, e voltou a abraçá-lo enquanto acariciava seu cabelo. — Talvez você não precise ir embora.

Para: edlmartinieres@orange.fr

De: aecarruthers@blackhall.co.uk

Querida Emmy,

Foi um alívio receber notícias suas. Não que eu pensasse que Você-Sabe-Quem viajaria imediatamente para a França empunhando um revólver e exigindo que você devolvesse o *meu* precioso livro. A psique de Sebastian tem um quê de covardia. E talvez você queira saber que ele ainda não voltou para cá. Assim, estou vivendo num condomínio de segurança máxima, talvez a Torre da Mona Lisa, esperando que o velho carro do meu irmão chegue até a porta. Aposto que ele preferiu diminuir suas perdas e declarou seu amor eterno a Bella (desculpe-me).

De qualquer forma, como você provavelmente deve imaginar, tudo está solitário demais por aqui, a ponto de eu admitir que sinto falta dos arroubos ocasionais, dos abusos e dos insultos do meu irmão. E, por falar nisso, a tensão de esperar que ele volte até aqui confirmou na minha mente o plano do qual falei no meu último e-mail. Mencionei que “meus filhos” estão indo muito bem, na verdade, tão bem que eu os vendi pela melhor oferta em troca de uma soma considerável (MAS NÃO CONTE ISSO AO SEU QUASE-EX-MARIDO, OBVIAMENTE!) e suficiente para que eu passe o resto da vida comendo *foie gras*, se assim desejar. E, também, quero comprar um lugar para morar que seja um pouco menos isolado e permita que eu converse ocasionalmente com outros seres humanos. Nos últimos dias, estou pesquisando os detalhes de alguns apartamentos no andar térreo no centro de York, que é uma bela cidade e tem uma catedral maravilhosa.

Talvez você fique surpresa com essa mudança de atitude, pois eu lhe disse certa vez que estava determinado a permanecer aqui. Infelizmente, ser o dono de metade desta casa não me trouxe nada além de dor. E, embora a

reconciliação entre Sebastian e eu fosse o último desejo de minha avó, ela não aconteceu. E sei que nunca acontecerá. Assim, para o nosso bem, eu finalmente decidi concordar com a exigência de Sebastian para que vendêssemos Blackmoor Hall. Uma coisa que eu talvez não tenha mencionado é o fato de que Sebastian incorreu numa enorme dívida no banco e que havia empenhado sua parte da casa como garantia do pagamento. Imagino que o banco o esteja pressionando para pagar o que deve, e é por essa razão que ele precisa tanto vender a propriedade. Claro, ele ficará muito feliz quando eu lhe der essa notícia e, de qualquer forma, creio que chegou a hora de rompermos os laços e seguirmos com nossas vidas.

Emmy, acho que eu deveria dizer, neste momento (e sei que isso pode irritá-la, e essa é a razão pela qual eu não disse nada até agora), que cada centavo das reformas da ala da casa onde meu apartamento está instalado foi custeado por mim, assim como os custos de todas as minhas necessidades domésticas em geral. Após o término dos trâmites legais, eu recebi uma enorme indenização da companhia de seguros do motorista que me deixou nesta situação. Estou dizendo isso porque acho importante que você saiba que eu não estou vivendo às custas do meu irmão. Queria também que você soubesse que, no início, ofereci a ele toda a minha indenização para que pudéssemos reformar Blackmoor Hall. Só recuei na oferta quando descobri que Sebastian estava atolado até o pescoço em dívidas. É engraçado perceber que, desde então, ele não age mais como se fôssemos amigos.

De qualquer forma, o que acha do meu plano para o futuro? Tenho cerca de 80% de certeza, mas acho que é a coisa certa a fazer.

Para ser honesto, Emmy, desde que você foi embora, me sinto terrivelmente solitário. E, agora que vendi minhas crianças, também não sei o que fazer. Claro, pode ser que eu considere a ideia de adotar outras.

Se tiver tempo, responda com suas opiniões a respeito. Fiquei muito feliz quando recebi seu e-mail anterior.

Estou com saudades.

Alex.

Emilie não teve tempo de responder, pois tanto ela como Anton estavam se preparando para ir ao funeral de Margaux. Mas enquanto estava sentada na bela igreja medieval de Saint Laurent, em Gassin, segurando a mão de Anton firmemente, ela pensava no e-mail de Alex.

Estou com saudades.

Depois da cerimônia fúnebre, muitos dos residentes da área foram até a casa de Jean. A safra mais recente do vinho da cave foi testada e aprovada pelos presentes.

Quando o último convidado se foi, ela percebeu Anton em pé num canto, sozinho, exausto.

— Por que não vai até seu quarto para fazer as malas? Iremos para casa logo — Emilie disse, gentilmente.

O rosto de Anton se iluminou.

— Tudo bem. Vou fazer isso.

Enquanto o observava subir as escadas, desconsolado, Emilie sentiu-se reconfortada pelo fato de que a decisão de trazê-lo para morar em sua casa, após o funeral, fora acertada. Pelo menos ele poderia desfrutar de um novo começo, após o final terrível que ocorreu naquele dia. Jean apareceu na porta da cozinha.

— Emilie, meu pai quer saber se você poderia vir conversar conosco no jardim enquanto Anton está em seu quarto.

— É claro. — Ela seguiu Jean até a mesa do lado de fora da casa.

Jacques estava na cadeira em que estivera sentado a tarde toda. Fora o anfitrião da recepção e Emilie percebeu o quanto ele amava a comunidade local.

— Sente-se, Emilie. Quero conversar com você — ele disse, em tom grave. — Jean, fique conosco também.

Havia algo na voz de Jacques indicando que ele tinha algo muito sério a discutir com ela.

Jean serviu uma taça de vinho para eles e sentou-se ao lado de Emilie.

— Decidi que chegou o momento de lhe dizer quem é a filha de Sophia. E, quando eu disser, espero que você entenda por que esperei até agora para revelar a identidade dessa pessoa — Jacques disse, limpando a garganta, que estava cansada e rouca após ter conversado com tanta gente no decorrer do dia.

— Depois que eu e Constance levamos Victoria ao orfanato do convento, e após Constance haver partido para a Inglaterra, implorei a Édouard, mais uma vez, que reconsiderasse a questão — Jacques começou. — Mesmo assim, ele se recusava a tocar no assunto e, depois de alguns dias, deixou o *château* e voltou a Paris. Entretanto, eu me sentia devastado pela culpa, sabendo que a filha de Sophia de la Martinières estava perdida, sem amor ou pessoas que a quisessem, a poucos quilômetros daqui. Por mais que eu tentasse racionalizar o fato de que a guerra deixava tantos detritos humanos indesejados para trás e que eu não era responsável por Victoria, não conseguia esquecê-la. Depois de duas semanas lutando comigo mesmo, decidi voltar ao orfanato para ver se Victoria já havia sido adotada. Se esse fosse o caso, então essa seria a vontade de Deus e eu não voltaria a procurar por ela. Mas, é claro, ninguém a havia adotado — Jacques disse, balançando a cabeça negativamente. — Naquela época, Victoria já

tinha quatro meses. No momento em que eu entrei no berçário, os olhos dela se iluminaram e ela me reconheceu. Ela sorriu... Emilie, ela sorriu para mim! — disse levando as mãos à cabeça. — Quando ela fez isso, eu sabia que seria impossível abandoná-la.

Incapaz de continuar o relato, Jacques ficou em silêncio por alguns momentos e Jean colocou um braço ao redor dos ombros do seu pai, tentando reconfortá-lo. Repentinamente, Jacques levantou os olhos.

— Então, eu voltei para casa e tentei pensar no que iria fazer. Eu poderia adotá-la, mas não achei que seria a melhor opção. Naquela época, os homens não tinham noção sobre como cuidar de uma criança e Victoria precisava do carinho e amor de uma mãe. Pensei com todas as forças em quem poderia adotá-la nas redondezas, de modo que, se eu não pudesse cuidar dela, poderia zelar por aquela criança conforme ela crescesse. Após algum tempo, encontrei uma mulher. Ela já tinha um filho e eu a conhecia porque, antes da guerra, seu marido trabalhara para mim no vinhedo na época da colheita. Fui visitá-la e descobri que seu marido ainda não havia voltado para casa, e ela não tinha notícia sobre o paradeiro dele. Ela e a criança estavam ficando desesperadas... Estavam passando fome, como muitas outras pessoas depois da guerra — Jacques explicou. — Mas ela era uma boa mulher e, ao observar o filho dela, percebi que era uma boa mãe. Perguntei se ela se sentiria preparada para adotar uma criança. No início, é claro, ela se recusou, dizendo que mal podia alimentar seu próprio filho, como eu já imaginava que faria. Então, eu lhe ofereci uma quantia em dinheiro. Uma quantia bastante significativa — Jacques disse, assentindo. — E ela aceitou.

— Pai, como você conseguiu oferecer tanto dinheiro a ela? — Jean perguntou. — Eu sei das dificuldades financeiras que você teve depois da guerra.

— Sim, foi difícil. Mas... — Jacques fez uma pausa e olhou subitamente para Emilie. — Seu pai, Emilie, havia me dado algo antes de partir para Paris, depois que Constance retornou à Inglaterra. Ele o colocou em minhas mãos, em vez de usar palavras. Acho que foi a maneira que ele encontrou de pedir o meu perdão por se recusar a aceitar a filha de Sophia, uma tentativa de remediar a situação. Então, entrei em contato com uma pessoa que negociava no mercado negro, uma atividade que era bastante lucrativa no período do pós-guerra. Pedi que ele avaliasse aquilo que seu pai havia me dado para juntar o dinheiro necessário para dar à mulher gentil que eu conhecia, de modo que ela pudesse adotar Victoria.

— O que foi que meu pai lhe deu, Jacques? — Emilie perguntou.

— Um livro. Um livro que ele sabia que eu adoraria. Era muito antigo e as ilustrações eram muito bonitas. Eu sabia que ele havia conseguido encontrar o segundo volume para completar o conjunto. Creio que você se lembra quando eu disse que ele o enviou de Paris por meio de Armand, o mensageiro, para nos informar que havia escapado em segurança, não é? E que Édouard deu o livro a Constance para que o levasse consigo para a Inglaterra?

— Sim — Emilie respondeu, com o início de um sorriso se formando em sua boca. — Eu conheço o livro. É *A História das Frutas Francesas*.

— Você está certa — disse Jacques. — E eu descobri que o meu exemplar era muito raro e muito antigo. Consegui vendê-lo em troca de uma quantia considerável para pagar à mulher que receberia a filha de Sophia em sua casa. Perdoe-me pelo que fiz, Emilie. Eu não devia ter vendido o presente que seu pai me deu. Mas o dinheiro da venda comprou a segurança e um bom futuro para a sobrinha dele.

Os olhos de Emilie estavam marejados pelas lágrimas e sua voz estava estrangulada, a ponto de quase não conseguir falar.

— Acho que o que você fez com o livro foi perfeito.

— Quanto conseguiu com a venda dele? — Jean perguntou.

— Dez mil francos — disse Jacques. — E, naquela época, quando tantas pessoas estavam passando fome, era uma fortuna. Dei mil francos à mulher imediatamente, e disse-lhe que ela receberia mais quinhentos a cada ano, até que a criança fizesse dezesseis anos. Não podia me arriscar a entregar toda a quantia de uma vez, queria ter certeza de que ela faria por merecer o dinheiro, cuidando do bebê. A mulher não sabia nada a respeito do passado da criança. Procurei me certificar disso. Ela também me pediu se poderia trocar o nome de Victoria. Queria batizá-la com o nome de sua mãe.

— E você concordou, não é? — Jean perguntou.

— Sim. E, graças a Deus, minha escolha foi um sucesso — Jacques disse, respirando fundo. — Na verdade, quando a garota fez cinco anos, a mulher parou de aceitar o dinheiro que serviria para sustentar a menina. Seu marido havia retornado e suas condições financeiras

estavam melhores. Ela disse que amava a criança como se fosse sua própria filha e não se sentia confortável com a ideia de receber uma recompensa por ela. Escolher a mulher certa me deixou muito feliz. Emilie, a filha de sua tia não poderia ter encontrado um lar mais amoroso ou feliz.

— Obrigada por tudo que fez, Jacques, do fundo do meu coração. Digo isso em nome da minha tia e do meu pai também — Emilie disse, mas ainda havia uma questão que estava queimando sua língua. — Jacques, quem é essa criança? Qual é o nome dela?

— O nome dela é...

Jacques engoliu em seco e tentou novamente.

— O nome dela era Margaux.

CAPÍTULO 35



Os três estavam sentados em silêncio, pensando nas ramificações do que Jacques havia acabado de revelar.

— Você entende, Emilie, por que eu estava tão preocupado em revelar a identidade do bebê? — Jacques perguntou, após algum tempo. — Se eu o fizesse, isso tumultuaria completamente a vida de Margaux. Ela trabalhou como governanta no *château* por mais de quinze anos. Depois que seu pai morreu, a velha governanta do *château*, como você deve se lembrar, se aposentou. A mãe de Margaux já havia se tornado minha amiga e eu recomendei a filha dela para Valérie, sua mãe.

— Agora eu entendo a razão pela qual você achava melhor não dizer nada, pai — Jean disse, em voz baixa. — Como Margaux reagiria se soubesse que passou todo esse tempo trabalhando para a família De la Martinières, quando, na verdade, fazia parte da linhagem?

— Exato — Jacques concordou. — Mas, é claro, agora Margaux nos deixou e Anton, como um pombo-correio que volta para casa, chegou à nossa porta, e eu vejo que uma relação já se desenvolveu entre vocês dois — Jacques disse, indicando Emilie. — Assim, eu precisava lhe contar. O garoto que está arrumando seus pertences para ir morar com você, na verdade, é um primo em segundo grau.

Emilie escutou enquanto Jean, analítico como sempre, sondava seu pai em busca de mais detalhes. Ela entendia agora, entendia por que tudo que havia em relação a Anton lhe parecia familiar. Eles compartilhavam o sangue dos De la Martinières. Quando viu Anton sentado no chão naquele dia, lendo na biblioteca, com suas feições refinadas e cabelos escuros... Ironicamente, ele não se parecia com sua avó, mas com seu tio-avô, Édouard.

— Emilie, eu decidi que devo passar a decisão a você — Jacques continuou. — Você é quem deve decidir se vai contar a Anton sobre sua ancestralidade. Muitos diriam que, agora, isso é irrelevante, e talvez fosse um fardo para o garoto. Mas Anton Duvall é o único outro

membro vivo na linhagem dos De la Martinières.

No silêncio que se seguiu, Emilie escutava os pássaros, que se preparavam para o pôr do sol.

— Independente de Anton ser o filho da governanta ou um parente que compartilha o meu próprio sangue, a decisão de lhe oferecer uma casa continuaria sendo a mesma — ela disse, após algum tempo, inclinando-se para frente e dando tapinhas amistosos no joelho do velho amigo. — Jacques, quero lhe dizer duas coisas. A primeira é que não imagino que houvesse maneira melhor de usar o presente que meu pai lhe deu do que comprar a segurança de sua sobrinha. E a segunda coisa é que estou muito feliz por você confiar em mim a ponto de poder me dizer a verdade. Mas você também precisa saber que, para mim, o fato de Anton ser verdadeiramente meu parente é apenas mais uma qualidade. O que senti por ele foi natural, desde a primeira vez que o vi — ela disse, sorrindo. — Realmente, Jacques, você me deixou muito feliz. Espero que eu possa retribuir o que fez por mim algum dia.

— Emilie, Emilie... — Jacques disse, estendendo a mão em direção a ela, e Emilie a envolveu com sua própria mão. — Talvez seja o destino, mas é indiscutível que a morte de Margaux trouxe um fim triste para o meu dilema. Anton tem uma casa e você será uma boa mãe para ele. Édouard perdeu sua compaixão por algum tempo depois da guerra, assim como muitos dos meus compatriotas. Não perca a sua, está bem?

— Juro que não perderei — Emilie disse, firmemente.

— Quando partiremos?

Os três se viraram para ver Anton, que havia chegado ao lado da mesa com uma pequena mala em sua mão. Pareceu ficar espantado quando percebeu a emoção óbvia que estava suspensa no ar.

— Seria melhor se chegássemos em casa antes de escurecer, Emilie — ele disse, com a voz baixa.

— Sim, é verdade — Emilie disse, levantando-se e oferecendo a mão a Anton. — Vamos partir antes que o sol se ponha.

Quando Anton já estava acomodado na sua cama nova, em seu quarto novo, Emilie, em vez de se sentir exausta, estava exultante. Decidiria quando e se contaria a Anton sobre seu passado. A coisa mais importante agora era o fato de que ele se sentia amado e acolhido. Como ele era muito inteligente, havia uma possibilidade de que, se ela lhe contasse imediatamente que eram parentes, Anton imaginasse que essa era a única razão pela qual ela se dispusera a acolhê-lo. Emilie queria deixar que a confiança e a ligação entre os dois crescesse e se fortalecesse antes de lhe dizer qualquer coisa.

Após ligar seu computador, ela releu o e-mail que recebera de Alex. Em seguida, levantou-se, tomada pela energia causada pela ansiedade.

— Também estou com saudades — ela disse ao computador enquanto andava de um lado para outro na sala de estar. — Muita — acrescentou em seguida, para deixar claro. — Na verdade, bem mais do que muita.

Ela parou bruscamente de andar. Estaria sendo ridícula?

Talvez. Qualquer tipo de relacionamento que houvesse forjado com Alex ocorreu sob circunstâncias difíceis, para dizer o mínimo. Mas a sensação estranha que lhe atacava o estômago quando pensava nele, aquela que estava ali há tanto tempo, não dava sinais de que iria desaparecer.

Andou mais um pouco. Para lá e para cá. Claro, um relacionamento com Alex poderia resultar num completo desastre, mas, por que não? Nada durava para sempre e ela percebeu isso dolorosamente nos últimos meses. A vida poderia se transformar completamente quando uma moeda era arremessada ao ar. Assim, que mal poderia haver? Uma coisa que aprendeu com seu passado e com seu presente era que a vida não dá segundas chances. Ela pede, e às vezes *implora*, que você agarre o que ela lhe oferece, que reconheça o que é bom e descarte o que é ruim. Assim como Jacques lhe pediu para fazer mais cedo.

De repente, Emilie bocejou e se deixou cair no sofá, como se fosse uma boneca de pano. Pensaria no assunto no dia seguinte e, sob a calma da manhã, se ainda sentisse o mesmo, responderia ao e-mail. Levantou-se do sofá e foi para a cama.

De: edlmartinieres@orange.fr

Querido Alex,

Obrigada por seu e-mail. Achei que devia escrever, primeiramente, para lhe dizer que sei o que aconteceu com o volume 1 do livro. Basta dizer que não está mais em poder dos De la Martinières, mas isso é uma longa história e eu precisaria contá-la pessoalmente. Só posso dizer que o livro fora usado para comprar a segurança de um membro da minha família, e não posso pensar num uso mais adequado para a obra e para o valor que ela tinha. Além disso, também fico feliz ao perceber que a busca de Sebastian foi inútil desde o princípio, e que o dinheiro da venda do livro fora usado para uma causa muito mais nobre do que para saciar sua ganância.

Em segundo lugar, acho que adotei uma criança. É um garoto de treze anos, chamado Anton, e isso também é uma história longa e complicada. Além disso, como você falou que está indeciso em relação ao seu próprio futuro, imaginei se acharia útil ter um pouco de espaço e tempo para pensar no que vai fazer. A casa de campo onde estou morando é pequena, mas é toda construída num único pavimento e há um quarto sobrando. E, embora não haja muitos seres humanos ao nosso redor (apenas uvas), espero que Anton e eu possamos lhe fazer companhia.

Se puder vir para cá, é só dizer. Seremos três órfãos morando juntos!

Sinto sua falta também.

Emilie

Para: edlmartinieres@orange.fr

De: aecarruthers@blackhall.co.uk

Querida Emmy,

Obrigado pelo convite. Chegarei ao aeroporto de Nice na próxima segunda, às 13h40. Se você não puder vir me buscar (juntamente com a minha cadeira de rodas), por favor, me diga. Caso contrário, estou imensamente ansioso pela chance de reencontrá-la e, é claro, quero muito conhecer Anton.

Alex.

P.S.: Graças a Deus, não preciso mais sentir saudades de você. Estou ansioso por revê-la.

A vida dentro de mim

Lutando às cegas para protegê-la,
Sabendo que você vive dentro de mim.
Forjada pelo amor, uma alma tão perfeita,
Você será tudo o que puder ser.

Devo lhe entregar meu corpo,
Uma nova vida cresce e floresce por dentro.

Um dia viveremos livres,
E nunca mais seremos forçadas a nos esconder.

Você deve saber que o amor que a fez
Brilha como o sol mais luminoso.
Vou lhe falar sobre seu pai,
Não tenha medo, pequenina.

Não consigo ver a força que a criou
Ou os corações que batem juntos.
Mesmo assim, eu a sinto, e, assim, a vejo
Dentro de mim, oh, filha minha.

Sophia de la Martinières,
maio de 1944.

EPÍLOGO



UM ANO DEPOIS

Emilie girou a chave da porta da frente do *château* e a abriu. Anton ajudou a empurrar a cadeira de rodas de Alex para dentro de um saguão que fazia todos os sons ecoarem em suas paredes, e que estava vazio, exceto por uma escada que um dos decoradores deixou encostada na parede para aplicar a última camada de tinta.

— Uau! — Anton disse, olhando para o teto. — Parece que este lugar ficou maior do que já era.

— É o efeito da tinta branca, depois de tantas semanas vendo somente o reboco da parede — Emilie explicou. Ela olhou para o piso de mármore, aprovando o que via. — Fizeram um trabalho muito bom na restauração do piso de mármore. Eu detestaria perder isso.

— Sim — Alex disse, olhando para o mesmo lugar que ela. Em seguida, olhou para as escadarias. — Fico preocupado com a possibilidade de que aqueles sistemas para elevação de cadeiras de rodas não combine com toda essa elegância.

— É por isso que você está aqui — Emilie disse, piscando para Anton. — Vamos mostrar a ele?

— Vamos! — Os olhos de Anton dançavam com o entusiasmo. — Sigam-me.

Conduzindo Alex pelos corredores vazios que faziam seus passos ecoarem, com os quartos ainda desorganizados — levaria mais alguns meses até que o trabalho no interior da casa estivesse terminado —, Anton os levou até os fundos da casa, a um vestíbulo ao lado da cozinha. Alinhando a cadeira de Alex em frente a uma porta, ele apertou um botão na parede e a porta se abriu suavemente.

— É um elevador! — Alex disse, olhando para a estrutura.

— Correto, *monsieur* detetive — Anton sorriu. — É o meu novo brinquedo e também o meu favorito. Vamos dar um passeio?

Quando os três estavam dentro do elevador e Anton apertou o botão para fechar as portas, o olhar de Alex, úmido pelas lágrimas, cruzou com o de Emilie, e ele sussurrou:

— Obrigado.

— Não me agradeça. Este elevador foi instalado para quando *eu* for velha demais para conseguir subir as escadas — ela disse, sorrindo. — E, é claro, caso você queira passar algum tempo por aqui.

Aquela frase havia se tornado uma piada interna entre os dois. Alex chegara há um ano e, embora não houvessem feito qualquer plano de permanecerem juntos no futuro, também não tinham qualquer intenção de ficar longe um do outro. Continuaram a levar a vida, um dia após o outro, sem que nenhum deles sentisse que deveriam formalizar a união. Ao mesmo tempo, percebiam que a ligação que sentiam ficava cada vez mais forte, conforme os meses se passavam.

A admiração mútua entre Alex e Anton ficou evidente desde o princípio. A mente brilhante e curiosa de Anton absorvia todo o intelecto de Alex, e Emilie sabia que aquele relacionamento era benéfico para ambos. Aquela pequena família poderia causar estranhamento aos olhos dos outros, mas os três haviam encontrado felicidade, contentamento e paz juntos.

Anton ainda não sabia nada sobre sua ancestralidade, mas, em breve, a relação com a família De la Martinières seria formalizada. Anton seria adotado para que pudesse usar o sobrenome que era seu por direito e, algum dia, herdaria o *château*. Da mesma forma, quando isso acontecesse, talvez, ela e Alex legalizariam seu próprio relacionamento, mas Emilie não tinha pressa. A vida estava perfeita daquele jeito.

Ela observou o rosto entusiasmado de Anton quando as portas se abriram e os três saíram na plataforma ampla do andar superior.

— Santo Deus! — Alex comentou. — Você poderia colocar uma marquise e construir um estacionamento para duzentos carros nesse lugar — brincou quando Emilie indicou que Anton

deveria virar à esquerda.

— Achei que poderíamos ficar com este quarto — Emilie disse enquanto Anton guiava a cadeira de rodas de Alex para dentro do belo quarto que tinha sido de seus pais, e depois a uma antessala. Antigamente, aquele cômodo era o quarto de vestir de Valérie, mas agora fora adaptado para se transformar num banheiro para deficientes físicos, com tudo o que Alex precisaria para ter a independência que sempre desejou.

— Os pedreiros ainda não colocaram os azulejos. Achei que você gostaria de escolher a cor e o estilo do acabamento — Emilie comentou.

— É maravilhoso, minha querida. Obrigado — Alex disse, emocionado e quase sem palavras para agradecer o cuidado que Emilie tinha com ele.

— Ah, e não precisamos compartilhar este espaço — ela disse com um sorriso. — Meu quarto de vestir e o banheiro ficam do outro lado. Gosta da vista?

— É simplesmente maravilhosa — Alex disse, admirando a paisagem dos jardins e dos imensos vinhedos por entre as enormes janelas até a colina de Gassin. — Faz muito tempo que não consigo olhar algo de cima — disse com a voz embargada pela emoção.

— Alex, venha ver meu quarto — Anton os interrompeu. — Emilie disse que eu posso escolher as cores quando ele estiver pronto para ser pintado, desde que não seja preto.

Emilie sorriu e os observou enquanto deixavam o quarto. Decidiu ficar para trás, ainda olhando pelas janelas e observando a luz que entrava por ali. Há dois anos, sua mãe havia morrido naquele local e, enquanto apreciava a vista, sentiu uma mistura de emoções conflitantes. Pensou em seu pai, cuja perda daqueles que amava fizera com que ele se tornasse bastante introspectivo. Ele se escondeu do mundo exterior na biblioteca desta casa durante quase toda a infância de Emilie.

Ela também começou a sentir certa empatia por sua mãe. Ao ler as cartas de amor que escrevera ao marido, Emilie percebeu o quanto Valérie o adorava. Provavelmente, ela também teve que lutar muito para conseguir o amor e a atenção de um homem que estava muito machucado para dá-los livremente. E, fazendo uma retrospectiva, Emilie percebeu que Valérie passou muito do seu tempo de casada em Paris, sozinha.

O fato de que o neto de Sophia seria trazido de volta à família e que ela havia decidido cuidar de Anton por pura compaixão servia para compensar alguns erros do passado. O círculo fora completado e, agora, a família De la Martinières chegava à alvorada de uma nova era.

Emilie se virou e caminhou lentamente pela porta para encontrar Alex e Anton. Ao deixar a sala, percebeu que a garotinha perdida e furiosa, que chorou e gritou sobre o corpo inerte de sua mãe há dois anos, havia finalmente crescido.

— Preciso admitir que estou ansioso para me mudar para lá, especialmente agora que vi meu novo banheiro — Alex disse, enquanto soltava os braços da cadeira de rodas e girava o tronco, e depois as pernas, para se deitar na cama ao lado de Emilie.

— O mestre de obras me disse que não deve demorar mais do que três meses. Provavelmente estaremos morando no *château* até o outono, e passaremos nosso primeiro Natal juntos.

— Por falar nisso, recebi um e-mail de meus advogados hoje pela manhã — Alex disse. — Sebastian encontrou um comprador para Blackmoor Hall. Tenho certeza de que ele deve estar dando pulos de alegria. E também tenho certeza de que vai tentar arrancar um pedaço da minha parcela sobre a venda — Alex disse, levantando as sobrancelhas. — Meu advogado disse que a escritura da casa está hipotecada em 350 mil libras, o valor exato da dívida atual de Sebastian. Garanto que qualquer quantia acima disso que ele conseguir com a venda desaparecerá dentro de um ano. Pelo menos, acho que Bella já o conhece bem. Ela deve realmente amá-lo para tolerar as coisas que ele apronta. Por falar nisso, o advogado responsável por seu divórcio entrou em contato?

— Não. Apenas disse, da última vez, que Sebastian voltou fazendo exigências ainda mais absurdas. É claro que ele não vai conseguir o que quer, mas eu quase sinto vontade de pagar o que ele está pedindo apenas para me livrar dele. Os honorários dos advogados vão custar mais caro do que a indenização.

— Tenho certeza de que a minha presença ao seu lado não ajudou muito. Isso significa que Sebastian conseguiu evitar qualquer culpa que tivesse, acusando-a de ser promíscua e, a mim,

de ser um irmão traidor, roubando-lhe a esposa bem debaixo do seu nariz.

— Com certeza! Alex, há algo que eu não lhe contei. Convidei uma pessoa para vir nos visitar. E ele chegará amanhã. Eu tinha certeza de que seria uma boa ideia na época, mas agora... bem, agora eu estou nervosa — ela admitiu.

— Bem, é melhor você me contar, então.

Jacques estava tirando uma soneca em frente à lareira quando ouviu um carro estacionar em frente à sua casa. O inverno era longo e frio, e, mais uma vez, ele havia sucumbido à bronquite. Perguntou a si mesmo, como fazia todos os anos, se conseguiria sobreviver para ver o verão seguinte.

Ouviu a porta da cozinha se abrindo e lembrou-se de que Emilie havia lhe telefonado dizendo que levaria um amigo para almoçar. Jean foi chamá-lo.

— Pai, está acordado?

— Sim — Jacques disse, abrindo os olhos enquanto seu filho vinha em sua direção.

— Pai, Emilie trouxe uma pessoa para conversar com você.

— Olá, Jacques — Emilie disse, enquanto trazia seu convidado para dentro da sala.

Jacques olhou para o convidado. Também era um homem velho, alto, elegante, com a postura ereta.

— Lembra-se de mim, Jacques? — o homem perguntou.

Seu francês tinha um forte sotaque. A voz era definitivamente familiar, mas Jacques teve que se esforçar para reconhecer-lhe o rosto.

— Já faz cinquenta anos desde que conversamos nesta sala pela última vez — o homem comentou.

Jacques olhou para os olhos azuis desbotados, mas que ainda eram penetrantes. E finalmente reconheceu aquele homem.

— Frederik?

— Sim, Jacques! Sou eu!

— Meu Deus! Não acredito!

Jacques soltou-se do braço do filho e recusou a ajuda para se levantar, pondo-se em pé em seguida. Os dois homens olharam um para o outro durante alguns segundos, e uma infinidade de memórias passou por entre eles. Em seguida, Jacques estendeu os braços para o alemão e os dois se abraçaram.

Alex chegou com Anton na casa de Jacques após o almoço, como Emilie pedira. Havia comprado recentemente um carro adaptado que podia controlar com os braços. O veículo havia revolucionado sua vida e lhe deu mais autonomia, embora fosse reservado para percursos curtos, e estava sempre acompanhado por Emilie ou Anton. Anton tirou a cadeira de rodas da traseira do carro e a trouxe até a porta para Alex.

— Quem é essa pessoa que Emilie quer que eu conheça? — Anton perguntou enquanto ajudava Alex a sair do carro.

— Acho que é melhor que ela lhe diga — Alex respondeu.

Quando os dois entraram na cozinha, Anton viu Emilie, Jean e Jacques junto com outro senhor tomando café na mesa da cozinha.

— Olá — Anton disse, envergonhado.

Imediatamente, Emilie se levantou, foi até onde ele estava e colocou um braço ao redor dos ombros de Anton.

— Anton — ela disse, enquanto via os olhos de Frederik se encherem de lágrimas. — Este é seu avô, Frederik. E, quando você estiver pronto, ele tem uma história para lhe contar sobre sua família.

AGRADECIMENTOS



Agradeço imensamente a Jeremy Trevathan, Catherine Richards e à equipe da Pan Macmillan. Jonathan Lloyd, Lucia Rae e Melissa Pimentel da Curtis Brown. Minha assistente, Olivia Riley, Jacquelyn Heslop, Susan Grix e Richard Jemmett. Susan Boyd, Sam Gurney, Helene Ruhn, Rita Kalagate, Almuth Andreae, Johanna Castillo e Judith Curr, amigos e fontes de conselhos valiosos, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional.

Damien e Anne Rey-Brot e seus amigos e familiares, no Le Pescadou, em Gassin, e o *monsieur* Chapelle de Du Bourriane, cujo sobrenome, *château* e cave foram emprestados por Constance e por outros personagens do livro antes que eu soubesse que essa família e essa bela casa realmente existiam. Entrei no ambiente da minha própria história fictícia em agosto passado e foi uma experiência reveladora e mágica. Obrigado por todos os detalhes que me forneceram. Quaisquer erros são certamente meus, não deles. Agradeço também a Jan Goessing, que me contou uma história vívida da Alemanha no período anterior à guerra, e a Marcus Tyers, Naomi Ritchie e Emily Jenkins, da livraria St. Mary's, em Stamford, que gentilmente procuraram dois livros franceses muito antigos e valiosos nos quais eu pudesse basear os livros raros que usei nesta obra.

A todas as editoras estrangeiras que publicam meus livros, que me convidaram para visitar seus países e me receberam de braços abertos. A viagem e a cultura alimentam a imaginação e se transformam num terreno fértil para ambientações futuras.

E, é claro, à Família, cujo apoio e estímulo, durante o último ano de trabalho frenético, foi imprescindível. Meus filhos: Harry, pelos comentários inspirados na fase de edição e revisão do texto e na criação dos diálogos; Bella, pelas discussões iniciais sobre as tramas e por escolher os nomes de dois dos personagens principais; Leonora, pelo belo poema que escreveu para mim como “Sophia”, quando tinha a mesma idade. E Kit, por ser o principal cliente da Amazon.com em nossa casa... mas da seção de esportes! À minha mãe, Janet, ao

“vovô Johnson”, à minha irmã, Georgia, e ao meu marido, Stephen, que é simplesmente maravilhoso.

E, finalmente, a cada um de meus leitores espalhados pelo mundo, que gastaram seu dinheiro conquistado a duras penas para comprar um dos meus livros. Sem cada um de vocês, eu seria uma escritora muito triste, sem um público cativo. Sinto-me honrada por vocês decidirem ler as minhas histórias. Obrigada.

Lucinda Riley, maio de 2012.

BIBLIOGRAFIA



A Luz através da Janela é uma obra de ficção que se desenrola num ambiente histórico. As fontes utilizadas para pesquisar a época na qual a história se passa e os detalhes da vida de meus personagens foram as seguintes:

Lucie Aubrac, *Diário da Resistência*. Record, 1997.

Matthew Cobb, *The Resistance: The French Fight Against the Nazis* [A Resistência: A Luta dos Franceses contra os Nazistas], Pocket Books, 2009.

Beryl E. Escott, *The Heroines of SOE: F Section: Britain's Secret Women in France* [As Heroínas da SOE: Seção F: As Mulheres Secretas da Inglaterra na França], The History Press, 2010.

Hans Fallada, *Alone in Berlin* [Sozinho em Berlim], Penguin, 1994.

Anna Funder, *All That I Am* [O que eu sou], Viking, 2011.

Sarah Helm, *A Life in Secrets: The Story of Vera Atkins and the Lost Agents of SOE* [Uma Vida em Segredo: A História de Vera Atkins e as Agentes Perdidas da SOE], Abacus, 2006.

John Van Wyck Gould, *The Last Dog in France* [O Último Cão na França], Author-House, 2006.

NOTAS

- [1] Período entre 1940 e 1944, quando a França foi ocupada pela Alemanha e teve seu governo subordinado às ordens dos militares nazistas. (N. T.)
- [2] Sanduíche quente feito com pão, presunto e queijo, tostado em uma frigideira ou chapa. (N. T.)
- [3] Uma das casas de leilões de objetos de arte mais tradicionais do mundo, sediada em Londres e fundada em 1744. (N. T.)
- [4] Ensopado de peixe, frutos do mar e legumes típico da região de Provença. (N. T.)
- [5] *Special Operations Executive* (Executiva de Operações Especiais — SOE): organização britânica formada em 1940 para conduzir ações de espionagem, sabotagem e reconhecimento nas áreas da Europa que estavam ocupadas pelas forças do Eixo e auxiliar movimentos locais de resistência. (N. T.)
- [6] *Geheime Staatspolizei* (Gestapo): a cruel polícia secreta da Alemanha nazista que agia nos países ocupados durante a Segunda Guerra Mundial. (N. T.)
- [7] Aparelho mecânico utilizado pelo exército alemão para codificar mensagens antes e durante a Segunda Guerra Mundial. (N. T.)
- [8] Era o título usado pelos alemães para se referirem a Adolf Hitler. (N. T.)
- [9] Segunda das quatro óperas que formam o ciclo *O Anel dos Nibelungos*, composta em 1870. (N. T.)
- [10] Heinrich Himmler, comandante militar alemão, líder da SS e da Gestapo. Considerado o segundo homem mais influente do regime nazista após Adolf Hitler. (N. T.)
- [11] A mais antiga revista sobre assuntos equestres do Reino Unido. (N. T.)
- [12] Fígado de ganso ou de pato, uma iguaria da culinária francesa. (N. T.)
- [13] O Governo da França Livre foi um governo no exílio, estabelecido na cidade de Londres pelo general Charles de Gaulle em 1940, para fazer frente à ocupação nazista e ao governo de Vichy. (N. T.)